

MARÍA EDITH GUERRERO OBANDO BEVILAQUA

ESTRANGEIROS: PEREGRINOS DA AMÉRICA. Os latino-americanos do  
Cone Sul (Argentinos, Chilenos e Uruguaios) no Brasil de São Paulo  
(São Paulo e Campinas): 1970-1990.

Dissertação de Mestrado em Antropologia  
Social apresentada ao Departamento de  
Ciências Sociais do Instituto de Filosofia  
e Ciências Humanas da Universidade  
Estadual de Campinas.

Este exemplar corresponde  
à redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em

08/07/1992.

*Ana P. Niemeyer*

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> ANA MARIA DE NIEMEYER \*

MAIO / 1992

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

VOLUME I

A tese é para o querido Agenor,  
mas também para nossos pais,  
incansáveis batalhadores:  
Juan e Amelia, Edna e Edward.

ÍNDICE

p.-

AGRADECIMENTOS..... 6

RESUMO..... 9

INTRODUÇÃO..... 10

1. O cenário histórico, a pesquisa e seus objetivos.... 11

2. Por onde caminhamos: Questões metodológicas..... 20

2.1. Construindo os dados: as várias fontes empregadas na pesquisa..... 26

2.2. Os dados e sua análise..... 28

3. Sumário dos capítulos..... 31

4. Notas da Introdução..... 33

CAPÍTULO I: ESTRANGEIROS: PEREGRINOS DA AMÉRICA.

Os latino-americanos do Cone Sul (Argentinos, Chilenos e Uruguaios) no Brasil de São Paulo (São Paulo e Campinas)

1. Rituais de apresentação: O Trabalho de Campo e o Universo Pesquisado. Breve perfil destes estrangeiros latino-americanos..... 36

1.1. O Trabalho de Campo..... 36

1.2. Apêndices

1.2.1. O Roteiro Temático..... 54

1.2.2. A Ficha Individual..... 61

1.3. O Universo Pesquisado. Breve perfil destes estrangeiros latino-americanos do Cone Sul... 64

1.4. Apêndices

1.4.1. Tabelas complementares elaboradas a partir de alguns critérios: nacionalidade, idade, estado civil, nacionalidade do cônjuge, nacionalidade dos filhos, nível educacional, profissão, religião..... 66

1.4.2. Breve perfil biográfico destes Estrangeiros latino-americanos do Cone Sul:..... 73

2. O Cenário: Brasil e as cidades de São Paulo e de Campinas..... 84
3. Notas do Capítulo I..... 96

CAPÍTULO II: O TEMA: Imigrantes, exilados ou estrangeiros?

1. Considerações históricas preliminares..... 105
2. A Emigração e a Imigração..... 110
3. O Exílio..... 118
4. Algumas comparações entre imigração e exílio..... 142
5. O que seria ser estrangeiro?..... 144
6. Notas do Capítulo II..... 159

CAPÍTULO III: O CENÁRIO: Os anos 70 no Cone Sul. Breve contextualização político-histórico-econômica e sócio-cultural.

1. O Cone Sul e as ditaduras militares..... 170
2. "Também as lembranças envelhecem" (BRECHT).  
Esses anos nas lembranças dos estrangeiros peregrinos da América..... 199
3. Notas do Capítulo III..... 215

CAPÍTULO IV: Uma etnografia das vivências e trajetórias existenciais. O significado de ser estrangeiro latino-americano do Cone Sul no Brasil de São Paulo (São Paulo e Campinas): 1970-1990

1. Viver em "terra alheia", seu peregrinar..... 224
2. A vida cotidiana ..... 250
  - 2.1. Suas condições de vida..... 269
  - 2.2. As relações de sociabilidade..... 273
3. Notas do Capítulo IV..... 333

CONCLUSÃO: Problematizando a questão da Identidade: Afirmação ou Rejeição? ..... 336

1. Notas da Conclusão..... 362

ABREVIATURAS.....	364
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	365
CADERNO DE ANEXOS.	
1. A pesquisa e sua história.....	389
2. Do Capítulo III	
2.1. Alguns dados estatísticos do fluxo emigratório de Argentina, Chile e Uruguai nas décadas de 70 e 80.....	396
2.2. Alguns dados gerais referentes a: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai.....	414
3. Do Capítulo IV	
3.1. Os Estrangeiros no Brasil.....	420
3.1.1. O contexto histórico da imigração ao Brasil.....	420
3.1.2. A legislação imigratória. Uma cronologia da situação jurídica do estrangeiro no Brasil.....	447
3.1.3. Alguns dados estatísticos do fluxo imigratório de latino-americanos para o Brasil: 1960-1985.....	454
3.1.4. Alguns dados estatísticos do fluxo imigratório de estrangeiros para São Paulo: 1970-1980.....	472
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CADERNO DE ANEXOS.....	483

Não é novidade que nenhum trabalho é solitário; pelo contrário, o trabalho intelectual é um trabalho coletivo, feito de muitas influências, apoios e colaborações. Por isso mesmo, os nossos agradecimentos são numerosos:

- . A quem me ensinou e incentivou a conhecer e a amar os livros, a meu saudoso professor Luis Agoni Molina, dos idos anos do 2º Grau em Rancagua, lá no Chile.
- . Aos que participaram nesta pesquisa e pela riquíssima experiência que tivemos ao conhecer nossas vivências.
- . Aos que me encorajaram e me deram ânimo permanentemente para não desistir. Meu agradecimento especial para Agenor, Tina, Elena.
- . Aos professores do Conjunto de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Unicamp, que me encaminharam pelo campo da Antropologia, da pesquisa e do conhecimento teórico.
- . À orientadora Profª Drª Ana Maria de Niemeyer, que aceitou orientar este trabalho. Em especial pela paciência de acompanhar e esperar a conclusão e os resultados desta pesquisa.
- . Aos professores que leram com paciência o projeto desta pesquisa e contribuíram com importantes sugestões, já que este é também um momento significativo no processo da realização de uma pesquisa. Por isso, meus agradecimentos aos professores: Maria Suely Kofes, Eni Orlandi, Marco Aurélio Garcia, Mariza Correa, Carlos Rodrigues Brandão, Michael M. Hall, Guillermo Raúl Ruben e Evelina Danigno.

- . Um agradecimento especial é para Maria Suely Kofes, que acompanhou e leu as primeiras idéias desta pesquisa, incentivando e encorajando a sua realização.
- . Aos professores que participaram da Banca no Exame de Qualificação.
- . Aos que ajudaram a juntar material bibliográfico: minha irmã Patrícia, Elena (uruguaia), Maria Tereza (uruguaia), Elena (espanhola e uruguaia), Andrea (argentina), Carlos (equatoriano), Liliana (chilena).
- . Aos atenciosos funcionários da Biblioteca do IFCH da Unicamp, sempre bem dispostos a cooperar. E também aos funcionários da Biblioteca do Centro Bellarmino (Santiago, Chile).
- . Ao Sérgio por ter contribuído na organização das referências bibliográficas.
- . Aos que corrigiram meu portunhol e fizeram a revisão deste trabalho: Agenor, Maurício e Helena.
- . Às instituições que viabilizaram a realização desta pesquisa através da concessão de bolsas de estudo: CNPq (Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e UNICAMP.
- . A todos os que me deram apoio de diversa natureza na etapa final desta pesquisa e tornaram viável a materialização da tese, já que não contamos com recursos financeiros nesta fase. Por isso, o meu enorme agradecimento é para: Zoroastro e a Heloísa que emprestaram seu computador; ao Maurício e a Helena, que nos ajudaram e generosamente abriram mão de seu escasso tempo livre; a meu pai Juan; a meu

sogro Edward, e a Dona Edna (minha sogra), que a cada vez que fazia a pergunta "Já acabou?", de certa forma insinuava que esta experiência também deveria ter um final. Aos que datilografaram e digitaram com paciência e cuidado. Para o Marcio um agradecimento especial: sua ajuda, generosidade e boa vontade foram importantíssimas e inestimáveis.

E, finalmente, um agradecimento especialíssimo é para meu marido Agenor: solidário, paciente, carinhoso, companheiro, amigo durante todo este difícil processo. A minha dívida com ele é enorme; na verdade, é mesmo impagável.



R E S U M O

Pretendemos resgatar e reconstituir a memória histórica e a vivência cotidiana de 32 latino-americanos (chilenos, argentinos e uruguaios) que após os golpes militares da década de 70 emigraram para o Brasil. O estudo se concentrou em duas cidades: São Paulo e Campinas, as quais, em muitos casos, correspondiam à etapa final de um trajeto migratório que começou em seus países de origem e passou por vários outros países. Teoricamente nossa pesquisa remete a questões de identidade, cultura e representações. Por esta razão certos temas são indispensáveis para compreendermos esses latino-americanos no Brasil, a saber, as representações desse grupo sobre: política e políticos, pátria, sobre o Brasil e os brasileiros e os anos 70 no Cone Sul. E a vivência e a experiência de ser estrangeiro.

---

## INTRODUÇÃO

---

"(...) porque finalmente o que a gente procura é a si mesma, e não aos outros. (...) um antropólogo, um bom etnólogo, são pessoas em desacordo com o próprio meio social, mas que botam fora toda essa reserva de aceitação em relação à sociedade que estudam. Isso é supernecessário, porque se você tem um certo orgulho de sua própria civilização, não pode entender a outra. E se você está em reação contra seu meio, você tem uma chance de entrar; de outra forma, sua educação lhe impedirá."

(Pierre Verger. Entrevista. In: Leia nº 115. S.P., 1988)

## 1. O CENÁRIO HISTÓRICO, A PESQUISA E SEUS OBJETIVOS.

Esta longa introdução com transcrição de depoimentos com idéias divergentes e múltiplas, mesmo antes de apresentar logo de início, como é de praxe, o objeto de estudo teórico e empírico e os objetivos deste trabalho, se dá porque esta é uma pesquisa que considera "o lugar sócio-histórico (...) como parte integrante de seu objeto de estudo" (LAPLANTINE, F. 1988:168), e porque a multiplicidade de sentidos, de vivências, de histórias é preservada e essencial para compreender o que ocorreu em nosso Continente Latino-Americano, e também porque estamos apreensivos e desejamos atenuar em certo sentido aquele fenômeno que W. Benjamin (1987:200), já em 1936, prenunciava: "As experiências estão deixando de ser comunicáveis". E, por outro lado, porque desejamos captar aquilo que J. Habermas (1987) chama de "espírito da época".

Há um cenário histórico que inspirou esta pesquisa, são as décadas de 60 e 70. Este cenário é contraditório, marcante e decisivo para várias gerações. Muitas coisas ocorreram. Vejamos sinteticamente estes fatos e sua transcendência, e a relação com esta pesquisa.

Começamos a década de 60 com a Revolução Cubana (1959), a tensão da "guerra fria" entre EUA e URSS, o Homem chega à lua (1961), a guerra do Vietnã (1961-1975), a revolução Argelina (1962), o assassinato do presidente John Kennedy (1963), a morte de "CHE" Guevara na Bolívia (1967), o assassinato de Martin Luther King e Robert Kennedy (1968), a época dos hippies, do "flower power" e da contracultura, o movimento estudantil iniciado na França (Nanterre, 1968) e que repercute por diversas regiões do globo, até no Continente Americano. Eclodem os golpes militares (especialmente de tipo caudilhesco, sendo a exceção o Brasil) em diversos países: Argentina (1962, 1966); Peru (1962, 1968); Honduras (1963); Brasil (1964); Bolívia (1964, 1969); Nicarágua (1967); Panamá (1968, 1969).

Sem dúvida que as marcas e os significados que os diversos fatos da década de 60 deixaram em várias gerações são profundos. Algo desses significados e marcas podemos visualizar através do depoimento e da análise de Luiz Carlos Maciel e, também, através do grande acontecimento ocorrido em Maio de 66, as "sublevações" dos jovens estudantes.

É provável que quem melhor conseguiu sintetizar esses anos

seja o filósofo alemão Herbert Marcuse, com a expressão: "A GRANDE RECUSA". Por outro lado, a análise e a vivência de Luiz C. Maciel (1987), embora esteja referindo-se ao Brasil, nos permitem ter uma noção da intensidade destes anos, dos desejos e dos sonhos que a geração dos 60 procurava e o que os caracterizava:

"Acho que deve ser mencionada, em primeiro lugar, a vocação política da geração. Queríamos mudar o mundo, era a nossa questão básica; mais: tínhamos a certeza de que isso ia acontecer — para melhor, bem entendido. Não nos passava pela cabeça que o ser humano pudesse passar seu tempo de vida sobre a Terra alheio aos problemas sociais e políticos; esta era, para nós, a pior das alienações. Foi assim que, nos 60, produziu-se uma arte política, uma cultura voltada para a questão social. Muitos da geração comprometeram suas vidas com a política e seu modo específico de encarar a realidade; alguns, por causa disso, foram presos, exilados, torturados ou simplesmente assassinados. (...) Na raiz interna, o inconformismo era existencial. Não era apenas a sociedade que estava errada; era o jeito que a gente vivia. Não eram apenas o muçoo externo, a vida coletiva que, por injustos e cruéis, deviam ser transformados, mas a própria vida individual, a que se vivia todos os dias, a experiência pessoal, íntima, o ser interno que, por confusos e dolorosos, deviam revelar o seu sentido até então oculto. (...) Nos anos 60, a repressão foi questionada e, em consequência, descobriu-se a alegria do sexo. Era bom e não tirava pedaço. Velhos mitos foram desmascarados, até mesmo alguns preservados pela instituição psicanalítica. (...) A transmutação dos valores foi resumida, pelos mass media, na célebre tríade: sexo, drogas e rock'n'roll. Cada uma dessas áreas assinalou um rompimento radical com o passado e mesmo com o futuro." (MACIEL, L. C. 1987:7-8,57,43).

Sem hesitar, os acontecimentos de Maio de 68, chamado também de "A aventura de uma geração" (VENTURA, Z. 1988), são singulares não só porque: "sacudiu as bases da sociedade burguesa (...), como levantou problemas e apresentou soluções de uma importância sem precedentes para a sociedade industrial moderna" (BOOKCHIN, M. s/d:235), mas também porque se alastrou por diversos segmentos sociais, como nos assinala A. Cohen-Solal (1986:582); referindo-se ao caso francês, ela nos diz: "(...) essa conscientização, iniciada nos meios estudantis, se expande a todas as profissões, a todos os meios sociais: jornalistas, da ORTF, e artistas do teatro de l'Odeon, alunos dos liceus, bancários, operários siderúrgicos, camponeses, pescadores, movimentos femininos e funcionários do Foleis-Bergère questionam sua situação, seus salários e a hierarquia que os determinou, levados por palavras e expressões que, durante alguns meses, espalham-se por uma França que, de repente, não se entendia mais.

'O poder está nas ruas', 'Iremos até o fim', 'O imaginário tende a tornar-se real', 'Viver sem descanso, aproveitar sem entraves' " ; ou "Consideremos nossos desejos como realidade", "Trabalhadores de todos os países, diverti-vos", "O sonho é a verdade" (PETITFILS, J-C s/d). Ou: "É proibido proibir, Lei de 10 de Maio de 1968", ou ainda "você está sendo intoxicado: rádio, televisão, rádio, televisão, jornal, mentira" (MATOS, O.:1981); "Quanto mais eu faço amor, mais eu tenho vontade de fazer a revolução, quanto mais eu faço a revolução, mais eu tenho vontade de fazer amor" (MATTOS, O. : 1981).

Os acontecimentos de 68 têm suscitado inúmeros debates: favoráveis, críticos, adversos em relação a diversos aspectos. Seja no que se refere a tentar apontar quais seriam os pensadores e as idéias inspiradoras deste movimento; temos vários nomes, que vão desde surrealistas, marxistas e até existencialistas: Andre Breton, Marx, Rimbaud, Che Guevara, Proudhon, Bakunin, Marcuse, Sartre, Wilhelm Reich, Norman O. Browne outros. É OTÁVIO PAZ (1986:15) quem chama a atenção para o fato de que este movimento ou rebelião não foi intelectual e sim moral porque:"(...) en las protestas, declaraciones y manifestos de los rebeldes no aparecieron ideas y conceptos que no se encontrasen ya en los filósofos y los poetas de las generaciones inmediatamente anteriores.(...) jóvenes no descubrieron otras ideas: vivieron con pasión las que habían heredado".

O mesmo autor pondera que o movimento oscila entre a religião e a revolução, o erotismo e a utopia.

Visões menos entusiastas podemos encontrar na entrevista concedida por Claude Lévi-Strauss a Didier Eribon e que está registrada no livro deste, De perto e de longe (1990:106-107). Embora o contexto analisado seja Maio de 68 na França, sem dúvida este depoimento é significativo e representativo destas visões pouco entusiastas. A seguir a transcrevemos:

"DIDIER ERIBON: De um modo mais geral, como o senhor viveu maio de 68?

CLAUDE LÉVI-STRAUSS: Passei pela Sorbonne ocupada. Com um olhar etnográfico. Também participei, com alguns amigos, de umas sessões de reflexão. Houve uma ou duas reuniões na minha casa.

D. E.: Mas o senhor não tomou posição no decorrer dos acontecimentos?

C. L.-S.: Não. Uma vez passado o primeiro momento de curiosidade, uma vez cansado de algumas originalidades, maio de 68 me enojou.

D. E.: Por quê?

C. L.-S.: Porque não admito que se cortem árvores para fazer barricadas (árvores, isto é vida; isto se respeita), não admito que se transformem em lixeiras logradouros públicos, que são patrimônio e responsabilidade de todos, que se cubram de 'graffiti' prédios universitários ou outros. Nem que o trabalho intelectual e a gestão dos estabelecimentos sejam paralisados pela logomaquia.

D. E.: Não obstante, foi um momento de ebulição, de inovação, de imaginação... Este aspecto deveria tê-lo seduzido.

C. L.-S.: Sinto muito decepcioná-lo, mas absolutamente não. Para mim, maio de 68 representou a descida de uma marcha suplementar na escada de uma degradação universitária há muito iniciada. Ainda no liceu, dizia-me que minha geração, inclusive eu, não suportava ser comparada com a geração de Bergson, Proust, Durkheim quando tinham a mesma idade. Não acho que maio de 68 tenha destruído a universidade; acho, antes, que maio de 68 aconteceu porque a universidade se destruíra.

D. E.: Essa hostilidade a maio de 68 não significa uma ruptura total com seus engajamentos da juventude?

C. L.-S.: Se eu quiser procurar os traços dessa ruptura, posso encontrá-los muito antes, nas últimas páginas de 'Tristes Tropicis'. Lembro-me de que me esforcei para manter uma ligação com meu passado ideológico e político. Quando releio aquelas páginas, parece-me que soam falso. A ruptura estava consumada há muito tempo."

Para Marcuse (1981) e Bookchin (s/d) é inquestionável o fato de ter sacudido o mundo ocidental, capitalista, industrializado, e, no campo da política, ter-se configurado uma nova esquerda, sendo uma verdadeira avalanche de acontecimentos. Retornemos, mais uma vez, ao pensamento de Otavio Paz (1986:15): ele nos diz que 68 foi a "negación apasionada de los valores imperantes en Occidente, la revolución cultural de los 60 fue hija de la crítica, pero, en un sentido estricto, no fue un movimiento crítico. (...) La rebelión juvenil surgió cuando nadie la esperaba y desapareció de la misma manera."

Mesmo assim, efêmero, difuso, esporádico, o ano de 68 fica na memória como o ano das convulsões revolucionárias dos jovens,

movidos por uma intensa ânsia de libertação, seja a nível individual-pessoal ou a nível das estruturas. Desejos de mudar o mundo, a paixão da luta e a luta com paixão; enfim, o ideal da revolução e da recusa, que vai dos partidos políticos oficiais, do marxismo-burocratizado, dos valores morais vigentes, da guerra, das instituições etc. Onde se dizia que: "os velhos esquemas não funcionam mais" (MATTOS, O. 1981), ou "corre, companheiro, o velho mundo ficou para trás". E são esses "velhos esquemas" que são contestados pela ótica dos jovens estudantes franceses, fazendo também uma severa crítica à Universidade, ao ensino, à pesquisa.<sup>1</sup>

Mas esse mal-estar dos estudantes franceses se irradiou mundialmente, numerosos movimentos estudantis surgiram desse rastilho aceso. Caso pudéssemos sintetizar esses anos, talvez um grafite escrito nos muros de Paris nos ajudaria: "SEJAMOS REALISTAS, QUE SE PEÇA O IMPOSSÍVEL" (cf. MATTOS, O. 1981:99).<sup>2</sup>

Depois dessa década explosiva, vital, de sonhos, desejos e esperanças, começamos os anos 70, sendo absolutamente o oposto e nos deixam estupefatos. Temos, curiosamente, um fato inédito na América Latina, a escolha via eleição democrática de um governo socialista no Chile, em 1970, presidido por Salvador Allende; o escândalo de Watergate e a renúncia do presidente Nixon (EUA, 1974); a morte de Salvador Allende (1973); a libertação das colônias portuguesas (1974-1975); a revolução iraniana, surgindo a figura do aiatolá Khomeini (1978); e fechamos a década com a guerra civil em El Salvador (1980). Porém é no Continente Americano, e especialmente na América Latina, que se iniciam anos de obscurantismo, das "contra-revoluções", da militarização do Estado, dos sangrentos e prolongados golpes militares, ou para outros as famosas jornadas ou cruzadas purificadoras para "livrar-nos" e pôr fim ao perigo vermelho. Podemos quantificar 14 golpes militares nesta década: na Argentina (1970, 1971, 1976), Chile (1973), Uruguai (1973), Equador (1972, 1976), Bolívia (1970, 1971, 1978, 1979), Honduras (1972, 1978), Peru (1975). No entanto, é a partir de três violentos golpes militares ocorridos no Chile (1973), Uruguai (1973) e Argentina (1976) que se iniciam processos de mudanças estruturais contundentes e decisivos tanto a nível do Estado, das Instituições, como da Sociedade Civil. E ao mesmo tempo mudanças em diversas esferas, como na do político, do cultural, do econômico, do social, do existencial e também a ocorrência de um fluxo emigratório maciço que decorre de todas essas transformações.<sup>3</sup>

De forma concisa podemos dizer que embora haja diferenças substanciais entre, por um lado, a Europa Ocidental de regimes democráticos (exceto Portugal - salazarismo (1932-1974), e a Espanha - franquismo (1936-1975)) e, por outro lado, a América Latina com grande parte de seus países sob regimes ditatoriais onde o exercício do poder é desempenhado pelas Forças Armadas enquanto Instituição, sendo a exceção o Paraguai ao representar o velho estilo dos golpes militares de tipo caudilhesco, talvez possamos dizer que se misturam, ou melhor, se contrapõem diversas percepções, sentimentos e visões nestes anos, embora não igualmente compartilhadas por todo mundo. Queremos pincelar certos matizes em relação à América Latina, ou melhor, trazer à tona alguns elementos que nos ajudem a caracterizar algo que J. Habermas (1987), numa expressão muito feliz, chama de certo "espírito da época"(s), fazendo paralelo comparativo entre os anos 60 e 70.

Os anos 60, de esperança, de liberdade, de renovação, da invenção, da alegria de viver, a luta por causas "nobres", da revolução, de sonhos, de projetos, da criação original, da vanguarda, da contestação, do desejo de ir em frente, do futuro, de tudo a ganhar; e os 70 na América Latina, anos de terror, da perseguição, das torturas, dos presos políticos, dos desaparecidos, da perda, das intimidações, do exílio, do medo, do silêncio, das frustrações, da censura, da derrota, da superconcentração do poder, do recuo, dos sonhos dilacerados, da violência, de rever e repensar o passado, da culpa, do massacre existencial, psicológico e existencial, das utopias à deriva; e fazendo um paralelo com a expressão de Habermas (1987) um certo clima de "esgotamento das energias utópicas".

E é justamente do cenário dos golpes militares na América Latina, a partir dos anos 70 (época de saída dos países de origem destes estrangeiros pesquisados), que esta etnografia se constrói através da trajetória de 32 estrangeiros, de classe média, sendo 17 mulheres e 15 homens; são 13 chilenos, 9 argentinos e 10 uruguaios. No total, são 6 casais (3 são argentinos, 1 é chileno e 2 são uruguaios). Moravam no Brasil de São Paulo (9 em São Paulo, 21 em 4 Campinas e 1 em Guarulhos) e 1 em São Tomé, MG, na década de 80. Eles não constituem nenhum grupo específico ou fechado e também não pertencem a nenhuma colônia de estrangeiros ou grupo de interesse ou comunidade ou associação e nem constituem "territórios étnicos" onde se localizem. Mas a maioria deles (68,8%, 22 casos) saiu de seu país de origem na década de 70. É um universo diversificado:



temos ex-exilados, ex-refugiados políticos, imigrantes econômicos, existenciais e culturais, estudantes bolsistas, e aqueles que saíram por vários outros motivos. Não necessariamente sua primeira experiência enquanto estrangeiro em outro país se deu pela primeira vez no Brasil (são apenas 11 neste caso, 34,37%); pelo contrário, 65,63% do grupo viveu em outros países antes de vir ao Brasil. Esses países são: Argentina, Bélgica, Suíça, Colômbia, Itália, Dinamarca, França, Alemanha, Espanha, Chile, Peru, Nicarágua, México, Guatemala, El Salvador, Uruguai, Paraguai, Venezuela, Inglaterra e EUA. E por ser este um universo variado é que em certo sentido se plasma de forma muito interessante a diversidade de emigrantes que houve na década de 70 na América Latina.

O nosso objeto de estudo mais geral é o fenômeno imigratório ocorrido na década de 70, especificamente após a eclosão dos golpes militares no Cone Sul da América Latina: Chile (1973), Argentina (1976) e Uruguai (1973). Estudaremos este fenômeno imigratório a partir de dois pontos de vista: a saída do país de origem e a chegada ao novo país adotado. Por isso, num primeiro momento, consideraremos as causas estruturais, as mudanças ocorridas nos países de origem destes latino-americanos, de natureza econômica, social, política, demográfica, cultural, jurídica, a vida cotidiana, e até psicológica, e, também, as motivações de ordem individual ou familiar que influenciaram a saída destes sujeitos de seus países de origem.

Num segundo momento, é sobre a vivência desses indivíduos no país "escolhido"; o Brasil, e especificamente o Estado de São Paulo na década de 80, que a etnografia é elaborada. Ao pesquisar este universo temos vários desafios, entre eles poder conhecer e "compreender" suas "vivências plenas de significação". São sujeitos ativos que ao entrar em contato com um novo contexto social, o "Brasil de São Paulo", reagiram, escolheram, preservaram, modificaram, selecionaram significados, valores, símbolos, relações sociais, comportamentos, projetos de vida etc. Indivíduos que constroem e reconstróem novos e velhos significados. Desvendar alguns significados, as nuances e seus desdobramentos, de início foi a nossa tarefa: nas suas condições de vida, nos seus valores, crenças e visões de mundo, nas suas relações sociais, nas suas representações, na recuperação da sua memória histórica, nos seus projetos de vida e na construção ou desconstrução de uma ou várias identidades. Entender a experiência e o significado de ser estrangeiro, através deste universo, é o nosso grande desafio.

Antes de fazermos algumas considerações teóricas e metodológicas da pesquisa, gostaríamos de entrar no campo das argumentações, ou melhor, das justificativas desta pesquisa. Pela significação desta história — os anos 70 — e pela marca que deixou nas gerações que nasceram ou que se socializaram (crianças e adolescentes), incluindo, no caso, a própria pesquisadora (chilena), nos pareceu ser fundamental "recuperar" esta história. E pela presença de uma dúvida que compartilhamos com a nossa pesquisanda ANA (uruguaia, 32 anos): "NO SE SI NOSOTROS PERTENECEMOS A UNA GENERACIÓN QUE REALMENTE PUEDO ELEGIR CAMINOS" (27-07-89). E como já ouvimos falar em algum lugar, "não se pode ser uma testemunha sem memória".

No entanto, o que há de realmente novo na década de 70 no Cone Sul da América Latina é o caráter maciço da emigração. Ana Vazquez (1980:137) comenta: "Nunca antes en la historia de la America Latina, un quinto de la población de un país como es el caso de Uruguay, o la décima parte de los habitantes del otro, como ha sucedido en Chile, se habían encontrado obligados a tomar el camino del Exilio." Além, é claro, dos argentinos.

Por outro lado, temos que: "Em 1980, dois terços da população total da América considerada Latina vivia em países de regimes militares ou sob domínio militar" (ROUQUIE, A. 1984:XIV) - (Outros dados quantitativos podem ser consultados nos capítulos I e II).

Após este percurso introdutório, podemos, agora, delinear um dos nossos principais objetivos nesta pesquisa, a saber: a recuperação da memória histórica, embora parcial, fragmentária e através de estilhaços, já que compartilhamos a opinião (ARRIGUCCI, D. 1981:69) de que participar "dessa luta de resistência contra o esquecimento é um dos modos de nos mantermos vivos. Trata-se de recompor um rosto contra o horror à memória e assim penetrar no sentido do que escoou" e porque "Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a liberação e não para a servidão dos homens" (LE GOFF, J. 1984:47). Enfim, uma postura ante a vida; ou como diz nossa pesquisanda Ana (uruguaia, 32 anos): "SI NO SABEMOS QUIEN SOMOS, ¿QUE ESTAMOS HACIENDO ENTONCES EN ESTE MUNDO?" (27-07-89).

Podemos descrever de modo sucinto três argumentos que justificam esta pesquisa.

O primeiro argumento refere-se ao fato da inexistência de um trabalho sobre latino-americanos no Brasil. No momento da realização do levantamento bibliográfico sobre a imigração ao Brasil, descobrimos a falta de algum trabalho ou publicação, seja histórico, antropológico, demográfico etc., relativo a imigrantes ou estrangeiros latino-americanos no Brasil. Em relação ao apagamento ou silenciamento, gostaria de fazer uma espécie de paralelo com Phillippe Ariès na medida em que ao realizar o levantamento bibliográfico depa-ramos com a inexistência de trabalhos sobre imigração ou exílio latino-americano no Brasil, e experimentamos uma sensação análoga com Ariès quando se refere à falta de estudos sobre a morte. Cito-lhe: "É surpreendente que as ciências do homem, tão loquazes quando se trata da família, do trabalho, da política, dos lazeres, da religião, da sexualidade, tenham sido tão discretas sobre a morte. Os cientistas calaram-se, como homens que eram e como os homens que estudavam. Seu silêncio é apenas uma parte desse grande silêncio que se estabeleceu nos costumes no decorrer do século XX." (1977:135). É precisamente esse "discreto silêncio", ou melhor dizendo, gritante silenciamento sobre os latino-americanos no Brasil que nos motiva nesta pesquisa. Um outro objetivo decorre desta situação: esperamos que este estudo incentive (e preencha, em alguma medida, o vácuo) outros pesquisadores na tentativa de acompanhar os latino-americanos no Brasil e as diversas imigrações ocorridas, e contribua modestamente para os estudos da América Latina.

O segundo está relacionado com uma triste constatação: o distanciamento e certa desinformação e desconhecimento sobre a América Latina no Brasil. Temos a expectativa que este estudo ajude, embora de forma restrita, a uma troca maior de informações.

E um terceiro argumento é de natureza, digamos, existencial. Conhecemos muito pouco sobre a experiência de ser estrangeiro na América Latina do Cone Sul.

## 2. Por onde caminhamos: Questões metodológicas

"A postura de distanciamento oferece uma neutralidade ilusória à conduta científica, pois o interesse por um tema, a eleição de formas específicas de tratá-lo, assim como a expectativa de alcançar determinados resultados, estão associados aos compromissos e posições que o pesquisador tem como profissional e cidadão".  
(FISCHER P., Rosa M. 1981:65)

É necessário apresentar esses caminhos percorridos, pois eles mesmos nos indicam os limites, as opções, os recortes e as possibilidades que marcam todo o processo de fazer uma pesquisa. Por isso, uma breve olhada na nomenclatura da Antropologia é pertinente.

Sem dúvida não há controvérsia ao afirmar que ela é uma disciplina que abriga estilos, tradições que são diversas, múltiplas e plurais. Seja no que diz respeito às correntes teóricas, aos autores, aos conceitos, aos ideais, aos paradigmas, ou às escolas.

Temos também uma imensa reflexão (críticas, revisões, retomadas, reformulações) sobre o fazer antropológico passando por inúmeros aspectos: a pesquisa de campo, e a relação entre o antropólogo e o pesquisando (assimétrica, dialógica, analógica, positivista etc.), ou seja, como se dá a relação com o Outro, a postura do antropólogo, os estilos etnográficos, a análise e a coleta e o registro de dados, a observação participante ou a participante observação, o antropólogo como autor, a criação etnográfica como texto.<sup>5</sup>

Tantos possíveis caminhos, tantas possíveis opções, tantas possibilidades, e também tantos possíveis deslizos, problemas, limites, armadilhas, encruzilhadas e dificuldades. É provável que essa ambivalência seja uma das características da reflexão antropológica hoje.

Embora há tempos se esteja intensificando a necessidade da reflexão metodológica no campo das Ciências Sociais no caso brasileiro e, por extensão, no campo da Antropologia, é talvez Ruth Cardoso (1986:95) quem tenha melhor delineado esta questão. Ela pondera:

"A reflexão metodológica no campo das ciências sociais vem tomando um rumo bastante curioso. A discussão sobre o papel do investigador, seu envolvimento e as consequências disto para a pesquisa é enfatizada ao mesmo tempo que se diminui o espaço do debate propriamente metodológico. Quase tacitamente estamos aceitando o ecletismo como um bom caminho para o conhecimento e qualquer pergunta sobre as limitações impostas por este ou aquele método é impertinente. Um indisfarçado pragmatismo (muitas vezes confundido com politização) dominou as ciências sociais contemporâneas e desqualificou como ocioso o debate sobre os compromissos teóricos que cada método supõe. Concentra-se o interesse na relevância do tema estudado e na forma pela qual o investigador se engaja no estudo. Um pesquisador capaz de uma "boa" interação com as minorias ou grupos populares será sempre um porta-voz de seus anseios e carências, logo, da sua "verdade". O critério para avaliar as pesquisas é principalmente sua capacidade de fotografar a realidade vivida. Sua função é tornar visível aquelas situações de vida que estão escondidas e que, só por virem à luz, são elementos de denúncia do status quo."

E quando se dá início ao estudo da antropologia no mínimo o estudante fica entre perplexo, perdido e fascinado. Mas quando já se escolheu alguma especialização nesta disciplina o aprendiz de antropólogo fica em uma espécie de encruzilhada. Defrontamos com inúmeros problemas, especialmente quando fazemos pesquisa no contexto urbano, quando os outros somos nós mesmos e quando somos sujeito e objeto de pesquisa. No caso da presente tese a aprendiz de antropóloga é também estrangeira no "Brasil de São Paulo".

Talvez por muito tempo ainda tenhamos que conviver com essa desconfortante oscilação entre uma postura "ecclética", a miscelânea teórica, o estilo de tipo literário ou "jornalístico", e a busca de inserções em sistemas ou modelos teóricos. Mais bem delineados, numa

posição de "bricolagem teórica", e conviver criticamente com a tão discutida crise nas ciências sociais.

Gostaríamos que este trabalho fosse olhado através da idéia de mosaico onde cores, texturas, linhas, desenhos, tamanhos se misturam e tomam contorno. Nesta tese, estas formas do mosaico são substituídas por escolhas, idéias, autores, sujeitos, como resultado temos os parâmetros teóricos, que podem ser agrupados em 3 níveis: a) considerações teóricas mais gerais, b) o recorte antropológico e, c) as perguntas que nortearam este estudo.

No referente às Considerações teóricas mais gerais, sem dúvida, estamos no terreno das nossas opções.

Nesta pesquisa estará presente tanto a questão da subjetividade, quanto a da objetividade, na medida em que inevitavelmente, e contrariando algumas posturas positivistas, elas estão sempre presentes num trabalho de pesquisa, especificamente na área das Ciências Sociais. Longe de pretender suscitar idéias originais ao debate anteriormente mencionado, é pertinente frisar a ambivalência da reflexão teórica e do trabalho de campo de etnógrafo que pende entre o subjetivo e o objetivo; é o próprio Lévi-Strauss (1976 (a):60) que nos diz: "(...) o saber teórico não é incompatível com o sentimento, que o conhecimento pode ser, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo(...)". Partindo deste parâmetro nos esforçamos por mostrar em que momentos aparece esta ambivalência nesta pesquisa. A subjetividade aparece não só no momento da escolha do objeto de estudo, como no instante do encontro etnográfico, no trabalho de campo. É por isso que a pesquisa não pretende apagar "(...) as marcas de sua implicação pessoal no objeto de estudo" (LAPLANTINE, F. 1988:169); é também porque temos dúvidas, suspeitas quando se escolhe não inter-

rogar-se sobre "as razões que levam a reprimir a subjetividade do pesquisador, como se este não fosse parte da pesquisa" (LAPLANTINE, F. 1988:171). E a "objetividade" e o distanciamento estão presentes na nossa análise das questões teóricas específicas, na consciência dos limites e problemas de determinadas técnicas de pesquisa, assim como no ensejo da análise de dados empíricos, já que não achamos que os dados empíricos recolhidos representam por si "fatos" objetivos inquestionáveis e absolutamente explicativos.

Outra consideração teórica mais geral se refere não tanto a uma escolha apenas, e sim a uma necessidade essencial, a tentativa de uma certa interdisciplinaridade, de uma postura multidisciplinar e num entrecruzamento entre Antropologia e outras áreas, como: Política, economia, história, literatura, cinema, música, na medida em que estão presentes na análise das questões como: Exílio, Imigração, Anos 70 no Cone Sul.

E a última consideração se refere ao caráter incompleto de qualquer pesquisa e, mais ainda, o estudo de um caso. Seja quando a reflexão ou análise teórica é visualizada enquanto generalização, explicação ou interpretação, é sempre parcial, incompleta e provisória, suscetível de novas leituras e releituras. Ou seja, "(...) renuncia-se à idéia de que a realidade possa ser apreendida em si, mas, mais modestamente, sempre a partir de um certo ponto de vista" (LAPLANTINE, F. 1988:181).

Quanto ao recorte teórico antropológico optamos por inserir-nos no campo das temáticas clássicas: Cultura e Identidade. Nesta pesquisa não se encontrará delineada claramente uma corrente teórica, ou um sistema explicativo ou apenas a visão de um teórico. Convivemos com o diverso e com idéias, por isso GEERTZ, LÉVI-STRAUSS, MALINOWSKI, TURNER, BOURDIEU e outros autores estão presentes.

Mas em relação à Cultura estamos entendendo-a como algo dinâmico, que muda, como algo que "(...) não é dado, posto, dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados" (CARNEIRO DA CUNHA, M. 1986:101) e a Cultura também no sentido de código, de uma linguagem, como "(...) um sistema de comunicação (...) dinâmico ao produzir interpretações, significados, símbolos diante de uma realidade permanentemente em mudança" (VELHO, G. & VIVEIROS DE C, E. 1978).

Em relação à Identidade, o nosso referencial é o conceito de Identidade étnica contrastiva. Estamos utilizando os trabalhos de Manuela Carneiro da Cunha (1985, 1986) e os de outros autores para um diálogo e contraponto com os nossos dados e os resultados desta pesquisa.

Outro recorte temático se refere à problemática da sociabilidade no contexto urbano. Interessa-nos mapear como se deram os relacionamentos sociais destes estrangeiros latino-americanos, em que esfera, quais os códigos de comportamento, a maioria dos sujeitos (87,5% dos casos) não tem relações familiares no Brasil, uma vez que a família de origem (pais, irmãos etc.) está no seu país de origem.

Em relação às perguntas que nortearam esta pesquisa, optamos por problemas específicos por considerar que no transcurso da pesquisa vão constituindo-se, reelaborando-se ou deixando-se de lado diversos temas.

Essas problemáticas se referem a questão do exílio, imigração, estrangeiro, identidade, latino-americanos.

Quanto ao Exílio e a Imigração, podemos perguntar: até que ponto o exílio constitui-se num "novo" tipo de imigração? Será que há alguma diferenciação (ou semelhança) entre tornar-se ou auto-definir-se imigrante ou exilado? Ou será que o exílio é também uma imigração? Ou será realmente que exilar-se não é o mesmo que imigrar? E se assim fosse, quais os sinais (políticos, culturais)? O que torna diferente uma coisa da outra? Como é explicitada esta diferença pelos nossos pesquisandos?

Será que, se há alguma distinção entre imigração e exílio, esta se traduziria no fato de que o exílio é um processo transitório — na medida em que o parâmetro sempre presente é voltar ao país de origem — e a imigração seria quase uma escolha definitiva, a qual se traduziria num distanciamento (emocional ou cultural) do país de origem e numa integração quase total da outra cultura?

No que tange à Identidade:

Pelo fato de ser sujeitos que viveram processos de reelaboração de sua bagagem cultural e readaptação a um novo contexto social, ao mesmo tempo em que redefinem e reformulam seus projetos de vida, visões de mundo, representações e símbolos. Este processo de mudanças parece-nos um espaço privilegiado para a reflexão da questão de uma suposta Identidade e Cultura latino-americanas, e perceber se



esses estrangeiros continuam ou não sustentando uma Identidade latino-americana (nacional ou supranacional) ou uma terceira de outra natureza? Ou a não afirmação de uma Identidade?

Embora tenhamos elaborado algumas perguntas que nortearam este trabalho, de modo algum as respostas são conclusivas, definitivas. Ainda há muito por responder e muito por perguntar. Evidentemente que isto novamente nos põe frente a frente com os limites no aprendizado do trabalho e reflexão antropológicos. Depois de ter situado os limites e escolhas teóricas, gostaria de apresentar outros limites que também interferem no processo do fazer pesquisas. Evidentemente todo pesquisador tem uma história de leitura, assim como toda leitura tem sua história, como também um mesmo texto é suscetível de inúmeras outras leituras e releituras; ou do fato de um texto remeter ou relacionar-se a outro texto e assim sucessivamente (aquilo que os lingüistas chamam de intertextualidade) e que às vezes parece algo infundável (sobre estes temas consultar: Eni P. Orlandi, (1988). Relembrando meu processo de aprendiz de antropóloga (é bom esclarecer que a minha formação na graduação não foi em C. Sociais), encontro esses limites. Quando iniciei os estudos em 1985 os cursos estavam voltados para a questão da antropologia como hermenêutica, e hoje, finalizando esta pesquisa, a discussão em grande parte gira em torno da pós-modernidade em Antropologia. Esse limite vivenciado diz respeito aos próprios cursos de formação e aos "modismos" do semestre. Resumindo, é o limite da história intelectual e da formação teórica de um pesquisador que sempre aparece.

## 2.1. Construindo os dados: as várias fontes empregadas na pesquisa.

\* "(...) precisamos evitar duas formas de "radicalismo". O radicalismo quantitativista, ainda vigente entre positivistas, que consideram que tudo que não pode ser medido inexistente ou é mera especulação que não pode fazer parte da ciência e o radicalismo qualitativo, compartilhado por pesquisadores de orientação humanista que, de modo exagerado, consideram que qualquer preocupação de ordem quantitativa estaria necessariamente vinculada ao positivismo enquanto filosofia da ciência e ao conservadorismo, em termos ideológicos" (THIOLLENT, M. 1984:46).

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma multiplicidade de dados, qualitativos e quantitativos. Podemos agrupá-los em 4 tipos: dados estatísticos, dados históricos, depoimentos orais (entrevistas) e outras fontes. Foi de vital importância a utilização destas fontes, sobretudo para complementar, comparar e dar mais consistência aos dados obtidos nas entrevistas.

Os dados estatísticos: foram obtidos dados quantitativos que nos possibilitaram ter um panorama, porém fragmentário e um tanto impreciso, em relação ao processo migratório envolvendo os latino-americanos do Cone Sul. Obtivemos dados que nos ajudaram a mapear parcialmente o fluxo migratório de Chilenos, Argentinos e Uruguaios saídos de seus países de origem na década de 70; um panorama estatístico da entrada de estrangeiros no Brasil: 1960-1985; e os latino-americanos no Estado de São Paulo. No anexo "A pesquisa e sua história" fornecemos mais detalhes em relação às fontes utilizadas para elaborar este panorama estatístico.

Dados históricos: estes se obtiveram através de duas cronologias realizadas sobre os anos 60 e 70 e os 80 na América Latina do Cone Sul (detalhes mais minuciosos consultar o anexo "A pesquisa e sua história")

### Depoimentos orais (entrevistas):

Estes são diversificados e nos ajudaram a construir um mosaico variado sobre o problema de ser estrangeiro, exilado e imigrante latino-americano do Cone Sul. A seguir descrevo os 2 tipos de depoimentos orais utilizados: os recolhidos pela pesquisadora e os recolhidos por outros profissionais e publicados em livros e artigos.

- Os depoimentos obtidos através das 32 entrevistas realizadas pela pesquisadora resultaram em um total de 72 horas de gravação (Consultar anexo "As entrevistas e o roteiro temático").
- O livro de PARCELO, Daniel et alii. La Argentina exiliada. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985. (Este livro recolhe diversos depoimentos de argentinos de várias idades e classes sociais sobre sua experiência de exílio em diversos países.)
- Revista Crisis nº 10 e nº 18. Buenos Aires, 1974. Nestes dois números Maria Esther Guilio recolhe depoimentos de diversos imigrantes e exilados latino-americanos na Argentina. (Esta revista foi encontrada no Arquivo Edgar L. da Unicamp, e a obtenção dos dados foi difícil já que tive que escrever tudo à mão. A revista não podia ser fotocopiada.)
- O artigo de NEVES, Eugenia. Vivir en Paris. Testimonios de un exilio. In: Araucaria de Chile nº 9 (p. 157-170). (Artigo que contém algumas das falas de 50 exilados chilenos, publicadas em livro, residentes em Paris sobre diversos aspectos desta vivência.)
- E os livros de memória sobre o exílio de brasileiros: UCHOA C., Pedro Celso et alii. Memórias do Exílio. Brasil 1964/19???. SP, Arcádia, 1978. OLIVEIRA COSTA, Albertina et alii. Memórias das mulheres do Exílio. RJ, Paz e Terra, 1980. E de FERRAZ DE CAMPOS, José Gaspar. Barba y baby-doll. SP, Iglu, 1990. GABEIRA, Fernando. O crepúsculo do macho. RJ, Codecri, 1980.

Outras fontes: incorporamos letras de músicas, filmes, poemas, relatos literários que nos ajudaram na problemática da vivência de ser estrangeiro em terra alheia (exilado, imigrante, asilado, estudante) e os fatos ocorridos na década de 70 e 80 na América Latina. A seguir, a relação destas fontes.

### Filmes

- 1) Tangos, o Exílio de Gardel. Direção do argentino Fernando Solanas.
- 2) Acor de seu destino. Direção do chileno Jorge Durán.
- 3) Historia Oficial. Direção do argentino Luis Puenzo.
- 4) Estado de Sítio. Direção do grego Costa Gravas.
- 5) Missing. Direção de Costa Gravas.
- 6) Sur. Amor y Libertad. Direção de Fernando Solanas.

### Músicas

Os discos de Isabel Parra, Chile; e Mercedes Sosa; ¿Sera posible el Sur?; assim como músicas de Angel Parra e Los Olimareños, etc.

Também foi utilizado um caderno manuscrito, de 48 folhas, onde foram recolhidas letras e músicas e poemas de diversos latino-americanos exilados na década de 70, sobre temáticas relacionadas com a pesquisa (Pátria, exílio, lembranças etc.). Também utilizamos a literatura de vários escritores que viveram o exílio, entre os quais citamos o belíssimo livro de poemas do uruguaio BENEDETTI, Mario (Inventário. Poesia 1950-1985) e do livro de GALEANO, Eduardo (O século do Vento. Memórias do Fogo III). Como também outros poetas e escritores. Julio Cortázar, Argentina: Años de Alambradas Culturales. Barcelona, Muchnik Editores, 1984; PREGO, Omar: Solo para exiliados y otros cuentos. Montevideu, Arca, 1987, (jornalista uruguaio que viveu exilado na Europa, reflete com literatura a vivência do exílio); MÁRQUEZ, Gabriel García. La aventura de Miguel Littín. Clandestino en Chile. Bogotá, Editorial La oveja negra Ltda, 1986; Volodia Teitelboin, En el país prohibido, In: Araucaria de Chile nº 43, 1988; DONOSO, José. El jardín de el lado, Barcelona, Seix Barral, 1981; SKARMETA, Antonio. Soñe que la nieve ardía. Santiago de Chile, Lar ediciones, 1986.

## 2.2. Os dados e sua análise

Gostaríamos, agora, de individuar como estes dados foram usados e a análise elaborada.

Em relação à utilização estatística e aos dados qualitativos, especificamente os depoimentos publicados em livros e artigos

já mencionados, serviram como dados descritivos e ilustrativos e nos possibilitou realizar comparações e apresentar várias versões de uma mesma questão, tornando possível assim a polifonia de sentidos.

Porém, os dados qualitativos, as 32 entrevistas coletadas pela pesquisadora, tiveram um tratamento especial.

Nossos parâmetros teóricos empregados basearam-se em dois pontos de vista: usamos alguns pressupostos da análise de discurso (ORLANDI, E. 1983) e a postura dialógica de TEDLOCK (1986).<sup>6</sup> Levamos em consideração que o uso de uma frase ou o próprio ato de enunciação é um acontecimento e um fenômeno carregado de sentido (VOGT, 1982), tanto quanto o momento do diálogo, a existência de um contexto particular e o envolvimento entre os que dialogam, ou seja, há representações trafegando nesta interação.

Tentamos, como recomenda a análise de discurso, considerar o lugar social dos interlocutores e o contexto histórico na produção dos sentidos no discurso e a relação com outros discursos, porque "dizer é estabelecer este e não aquele sentido; através desse e não de outro enunciado, para este e não para aquele interlocutor etc., no interior de relações que são sócio-históricas" (ORLANDI, E. 1984:22). E estes sentidos são criados, produzidos e sedimentados.<sup>7</sup>

Os discursos recolhidos destes latino-americanos são muito peculiares. Eles são extremamente articulados, muito elaborados, reflexivos, analíticos, com enorme capacidade de verbalização e de crítica como de autocrítica. Não houve repetição de frases ou idéias, são discursos muito fluidos. Não podemos, portanto, classificá-los como discurso do senso comum, desconexos ou incoerentes. Os discursos não se limitaram apenas ao roteiro temático; temos muitos outros temas como: a questão da mulher, o machismo, a política e a situação econômica brasileira, a universidade, ser professor, ser pesquisador hoje em dia, a sexualidade feminina; conversas sobre: filmes, livros, gravidez, divórcio, medicina, artesanato, música etc. Vários deles questionavam a pesquisa, sugeriam outros temas, como, por exemplo, a relação entre pais e filhos em outro país.

Não foi fácil realizar a análise destes discursos, nem o recorte temático, porém tínhamos necessidade de circunscrever os discursos. Por isso selecionamos os discursos a partir de dois grandes temas antropológicos: A identidade - os discursos sobre sua vida cotidiana, relações sociais e comportamento foram vitais; as representações - sobre América Latina, anos 70, políticos e partidos políticos.

Estes discursos foram contextualizados historicamente, utilizando as cronologias realizadas. Procuramos captar tanto as singularidades, as ênfases, as recorrências, como as lacunas, o não-pronunciado, o balbucio etc.

É interessante observar, por outro lado, que o gravador em nenhum momento os inibiu; todavia algo curioso também ocorreu: eles se manifestaram preocupados com o número de fitas que utilizaríamos. O que dá margem a interpretações. Estariam preocupados com a economia das fitas ou com a economia de suas palavras. Em suas falas estariam dispostos a revelar-se ou a ocultar-se?, estender-se ou não? Ou será que, pensando, perguntavam-se: "Quem serás tu, pesquisadora?".

## SUMÁRIO DOS CAPÍTULOS

O Capítulo I (ESTRANGEIROS: PEREGRINOS DA AMÉRICA. Os latino-americanos do Cone Sul (Argentinos, Chilenos e Uruguaios) no Brasil de São Paulo (São Paulo e Campinas) ) é constituído pelo ritual da apresentação, na qual fazemos menção ao trabalho de campo realizado e complementamos com dois apêndices: o roteiro temático e a ficha individual utilizados nesta pesquisa.

Também efetuamos uma apresentação do Universo estudado, elaboramos breve perfil, tanto biográfico como a partir de outros critérios: nacionalidade, idade, renda etc.

O nosso cenário geográfico é o Brasil e as cidades de São Paulo e de Campinas, o que nos levou a desenvolver um pequeno histórico acerca disso.

Como o nosso universo estudado de 32 estrangeiros latino-americanos do Cone Sul (chilenos, argentinos e uruguaios) é constituído de imigrantes, ex-exilados, estudantes bolsistas etc., procuramos captar, em primeiro lugar, os vários significados conceituais e a experiência vivida. Por isso, o Capítulo II (O Tema: Imigrantes, exilados ou estrangeiros?) foi estruturado a partir de três temáticas fundamentais. A primeira se refere ao processo migratório inserido num contexto histórico mais amplo. Uma segunda temática diz respeito a uma questão conceitual. Os conceitos de emigração, imigração, exílio e estrangeiro são trabalhados a partir de várias fontes, descobrindo-se que os sentidos e usos são múltiplos. Na terceira temática tentamos captar a experiência e o significado da vivência como exilado do Cone Sul da América Latina dos anos 70 e a experiência enquanto estrangeiro.

Como estes estrangeiros latino-americanos saíram de seus países, a maioria pela primeira vez, nos anos da década de 70, o Capítulo III (O cenário: Os anos 70 no Cone Sul. Breve contextualização político-histórico-econômica e sócio-cultural) se refere a esses anos. Realizamos breve pano de fundo para entender, por um lado, as ditaduras militares desses anos, bem como as mudanças ocorridas em diversas esferas. Ao mesmo tempo, recuperamos as lembranças destes estrangeiros sobre esse período, que, sem dúvida, marcou suas vidas e trajetórias existenciais.

Para completar esse capítulo procuramos dados estatísticos que nos possibilitassem obter um panorama do fluxo emigratório ocorrido nos países desses estrangeiros nesta época. E, ainda, dados de natureza mais geral para termos um perfil desses países. (Consultar Caderno de Anexos.)

No Capítulo IV (Uma etnografia das vivências e trajetórias existenciais dos latino-americanos do Cone Sul no Brasil de São Paulo (São Paulo e Campinas): (1970-1990) ), nos preocupamos em analisar o significado e a vivência de ser estrangeiro latino-americano do Cone Sul.

No que se refere ao significado da experiência e vivência de ser estrangeiro, investigamos as motivações e o porquê de sua saída do país de origem, as suas dificuldades, sua vida cotidiana, as relações de amizade, suas representações em relação aos seus conterrâneos, brasileiros, pátria etc.

Anexamos, para complementar a temática Ser Estrangeiro no Brasil, algumas referências ao contexto histórico da imigração ao Brasil e a legislação da mesma. Outros anexos são: um mapeamento, através de dados estatísticos, do número de imigrantes latino-americanos existente tanto no Brasil como em São Paulo neste período (Ver Caderno de Anexos).

E concluímos com uma reflexão sobre a questão da Identidade: Afirmação ou Rejeição?, a partir das especificidades e particularidades deste grupo estudado. Além de outras considerações sobre o trabalho antropológico.

Acrescentamos, ainda, no Caderno de Anexos, breve histórico desta pesquisa.



## NOTAS DA INTRODUÇÃO

- (1) Alguns aspectos desta contestação podem ser observados na resposta dada à Peyrefitte, ministro da Educação Nacional francês, que considerava os estudantes "um punhado de desordeiros".
- "Não. Nós combatemos porque nos recusamos a nos tornarmos:
- professores a serviço da seleção no ensino, de que os filhos da classe operária são vítimas;
  - sociólogos fabricantes de slogans para as campanhas eleitorais governamentais;
  - psicólogos encarregados de fazer "funcionar" as "equipes de trabalhadores" segundo os melhores interesses dos patrões;
  - Cientistas cujo trabalho de pesquisa será utilizado segundo os interesses exclusivos da economia do lucro. Nós recusamos este futuro de "cães de guarda". Nós recusamos os cursos que nos ensinam a nos tornarmos isso. Recusamos os exames e os títulos que recompensam os que aceitam entrar no sistema. Nós nos recusamos a melhorar a universidade burguesa. Nós queremos transformá-la radicalmente a fim de que de agora em diante ela forme intelectuais que lutem ao lado dos trabalhadores e não contra eles." (Citado por MATTOS, O.1981:69-70)
- (2) Em relação ao ano de 1968 no Brasil, consultar: ARRUDA R.C., Irene de (1986); FREDERICO, Celso (1989); PINTO COELHO, Cláudio N. (1987); MARTINS F., João R. (1987 - Capítulos IV e V); VENTURA, Zuenir (1988); VELASCO E CRUZ, Sebastião (1991). Em relação ao movimento estudantil no México e outros países, consultar: CERRILLO, Edingardo A. & DIEZ, Enrique (1987) e GUILLÉN, Laura (1987).
- (3) Adela Pellegrino (s/d:75) em relação ao fenômeno dos anos 70 nos confirma a nossa hipótese inicial: "En la década del 70, la instalación de regímenes militares en los tres países fue causa de un incremento notorio de los volúmenes de emigrantes. La persecución política directa, las destituciones de los opositores al régimen militar de los organismos públicos y de enseñanza y las políticas de ajuste implementadas en el plano económico, influyeron en la intensificación de la emigración durante esos años. Esto se puede observar claramente en las fechas de llegada de estos inmigrantes a los países de destino." Consultar seu livro Migración Internacional de latinoamericanos en las Americas.
- É necessário destacar que a descoberta deste texto se deu no final de 1991.
- (4) Dos que moram em Campinas 6 são argentinos (3 homens e 3 mulheres), 8 chilenos (4 homens e 4 mulheres) e 7 uruguaios (4 mulheres e 3 homens). Dos que moram em São Paulo, 3 são argentinos (2 mulheres e 1 homem), 3 chilenos (2 mulheres e 1 homem) e 3 uruguaios (2 homens e 1 mulher). Em São Tomé, Minas Gerais, mora 1 chileno e em Guarulhos mora uma chilena.

(5) Podem ser consultados os textos abaixo em relação às seguintes questões:

Sobre os "deslizes semânticos" como uma das características da produção antropológica recente, consultar: DURHAM, E. (1986); sobre as várias antropologias: TEDLOCK, D. (1986), FISCHER, Michael M. (1985), SASS, Louis A. (1987), TRAJANO F., Wilson (1986), e GEERTZ, C. (1989); sobre os paradigmas na antropologia: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1985); sobre a crise das ciências sociais: Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 16 (1991); sobre a pesquisa no contexto urbano: VELHO, G. (1980); sobre a questão da familiaridade x distanciamento: VELHO, Gilberto (1978), DA MATTA, Roberto (1978).

(6) Uma antropologia dialógica seria: "conversar de um lado para o outro, ou alternadamente, o que é algo que todos nós fazemos durante o trabalho de campo, se não somos apenas cientistas naturais. Não há motivo para que esse diálogo seja interrompido ao deixarmos o campo. (...) O diálogo que tenho em mente (que chamo de diálogo de gabinete) envolve a interpretação do discurso gravado no campo. De novo, esse diálogo é algo que todos nós desenvolvemos, ouvindo, decifrando, questionando e, por assim dizer, respondendo.

Esse diálogo é ainda parte da natureza específica das ciências sociais, ainda é antropologia dialógica. Mas até agora, nós o fazemos essencialmente antes de escrever, em vez de na hora de escrever" (TEDLOCK, D. 1986:165).

(7) O discurso é definido da seguinte forma Eni Orlandi (1986:115): "(...) o discurso é um enunciado formulado em certas condições de produção, determinando certo processo de significação. Ou, como define PÉCHEUX (1969), o discurso não é apenas transmissão de informação, mas efeito de sentido entre locutores. É a análise de discurso é a análise desses efeitos de sentido. A linguagem é pensada como trabalho e o social é constitutivo da linguagem".

## CAPÍTULO I

---

ESTRANGEIROS : PEREGRINOS DA AMÉRICA. Os latino-americanos do Cone Sul (Argentinos, Chilenos e Uruguaios) no Brasil de São Paulo (São Paulo e Campinas).

---

"QUANTO AO MOTIVO QUE ME IMPULSIONOU FOI MUITO SIMPLES, PARA ALGUNS, ESPERO, ESSE MOTIVO PODERÁ SER SUFICIENTE POR ELE MESMO. É A CURIOSIDADE - EM TODO CASO, A ÚNICA ESPÉCIE DE CURIOSIDADE QUE VALE A PENA SER PRATICADA COM UM POUCO DE OBSTINAÇÃO: NÃO AQUELA QUE PROCURA ASSIMILAR O QUE CONVÉM CONHECER, MAS A QUE PERMITE SEPARAR-SE DE SI MESMO. DE QUE VALERIA A OBSTINAÇÃO DO SABER SE ELE ASSEGURASSE APENAS A AQUISIÇÃO DOS CONHECIMENTOS E NÃO, DE CERTA MANEIRA, E TANTO QUANTO POSSÍVEL, O DESCAMINHO DAQUELE QUE CONHECE? EXISTEM MOMENTOS NA VIDA ONDE A QUESTÃO DE SABER SE SE PODE PENSAR DIFERENTEMENTE DO QUE SE PENSA, E PERCEBER DIFERENTEMENTE DO QUE SE VÊ, É INDISPENSÁVEL PARA CONTINUAR A OLHAR OU A REFLETIR."

(In: FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade II. O uso dos prazeres. RJ, Graal, 1984. p. 13.)

I. Rituais de apresentação: O trabalho de campo e o Universo pesquisado. Breve perfil destes estrangeiros latino-americanos.

1.1. O Trabalho de Campo

"Pois a antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios". (LAPLANTINE, François. 1988:170)

- o -

"Cada vez que está em seu campo de ação, o etnólogo vê-se abandonado a um mundo onde tudo lhe é estrangeiro, freqüentemente hostil. Não tem senão este eu, do qual dispõe ainda, para permitir-lhe sobreviver e fazer sua pesquisa: mas um eu física e moralmente abatido pela fadiga, a fome, o desconforto, o choque com os hábitos adquiridos, o surgimento de preconceitos dos quais nem sequer suspeitava; e que se descobre a si mesmo, nesta conjuntura estranha, paralisado e estropeado por todas as dificuldades de uma história pessoal responsável, de saída, por sua vocação, mas que, além do mais, afetará seu curso, daí para diante. Na experiência etnográfica, por conseguinte, o observador coloca-se como seu próprio instrumento de observação. Evidentemente, precisa aprender a conhecer-se, a obter de um si-mesmo, que se revela como outro ao eu que o utiliza, uma avaliação que se tornará parte integrante da observação de outras individualidades. Cada carreira etnográfica tem seu fundamento nas 'confissões', escritas ou inconfessadas." (LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976:43-44)

A escolha das reflexões destes autores não foi arbitrária. Gostaríamos de seguir a trilha destas idéias e fazermos algumas "confissões", já que foi o próprio Claude Lévi-Strauss quem fez a seguinte pergunta afirmativa: "Que escreve o etnólogo, senão confissões?" (1976:47).

A realização desta etnografia foi uma vivência e uma experiência de imersão total. Vivemos algumas descobertas análogas às relatadas por François Laplantine: "a descoberta do outro vai junto com a descoberta de si" (1988:176); e, também, enxergamos a transformação operada no antropólogo após sua experiência etnográfica comentada por Claude Lévi-Strauss: "o observador coloca-se como seu próprio instrumento de observação" (1976:44); e essa observação afetará o antropólogo, pois ele nunca mais será o mesmo.

Há algo de paradoxal na nossa experiência, já que temos uma tríplice dimensão enquanto estrangeira. Sou estrangeira de nacionali-

dade, situação análoga a de outros antropólogos\*. Estrangeira na Antropologia, a minha graduação (no Chile) não foi na área de Ciências Sociais; e, finalmente, sendo estrangeira latino-americana (chilena), sou parte integrante do objeto de estudo desta pesquisa<sup>o</sup> por ter vivido também no Brasil, de São Paulo (morei em Campinas e atualmente moro em São Paulo).

Do mesmo modo, vivenciamos choques, como Claude Lévi-Strauss (1976:44) fez menção em relação ao trabalho etnográfico e na "descoberta de si mesmo". Podemos relatar 5 deles. O primeiro choque foi ao entrarmos em contato com outras culturas (a brasileira, a uruguaia e a argentina), mas também com a nossa própria. O segundo foi mapear e recuperar "lembranças" e a história dos fatos ocorridos na década de 70 na América Latina do Cone Sul (a pesquisadora era adolescente - 12 anos - na época do golpe militar em 1973 no Chile). O terceiro foi que ao analisar os dados nos defrontamos com tantos estereótipos, preconceitos, frustrações, depressões e rejeições elaboradas por estes latino-americanos. O quarto foi ao nos interrogarmos sobre a própria identidade após quase 10 anos como estrangeira no Brasil. E o quinto choque foi a descoberta de como a experiência de campo relatada por Bronislaw Malinowski na etnografia *Argonautas do Pacífico Ocidental*, 1922, (na qual nos convida a imaginar sua chegada no Arquipélago de Trobiand, no litoral Sul da Nova Guiné), ainda hoje, mesmo depois de 70 anos da sua primeira publicação, faz sentido.<sup>1</sup>

Fazendo um paralelo com este relato de Malinowski, vivemos algumas similitudes na nossa experiência. Sou principiante no trabalho de campo etnográfico e no estudo da Antropologia. A nossa busca de latino-americanos, porém, se deu no contexto urbano, fundamentalmente em duas cidades, São Paulo e Campinas.<sup>2</sup> Sempre imaginava que toda a população do Chile estivesse só na cidade de São Paulo, e isto sempre me perturbou; estas cidades foram cruzadas de ônibus quase de ponta a ponta: levando gravador, fitas, pilhas, folhas, cadernos etc. Percorremos inúmeros lugares para descobrir estes latino-americanos estrangeiros e conseguir que aceitassem participar da pesquisa. Fomos a: bares, restaurantes, academia de esportes, laboratórios de pesquisa, cantinas de universidades, praia do litoral de São Paulo (São Vicente), salas de atendimento de professores, nas casas estivemos nas salas, cozinhas, quartos de dormir e quintais, escritórios de trabalho, lojas, praças, prédios, escolas, salão de beleza. Tantos horários, tantas viagens, tantas histórias, tantos encontros, tantas experiências.

\* (Ver página 153)

Também é pertinente retermos duas importantes reflexões antes de iniciar o nosso relato sobre o trabalho de campo. Estas reflexões soam como duas observações. A de Françoise Laplantine (1988:151) se refere a busca etnográfica, o seu caráter errante e os limites e virtudes do trabalho de campo. Ele nos diz:

"A busca etnográfica, pelo contrário, tem algo de errante. As tentativas abordadas, os erros cometidos no campo constituem informações que o pesquisador deve levar em conta. Como também o encontro que surge frequentemente com o imprevisto, o evento que ocorre quando não esperávamos.  
Não nos enganemos, porém, quanto às virtudes do campo."

A segunda reflexão foi extraída do diálogo entre Claude Lévi-Strauss e Didier Eribon (1990:199), e diz respeito aos vários momentos da pesquisa etnográfica ao observar o Outro, e a produção do conhecimento a partir deste tipo de experiência que seria um incessante vaivém. O diálogo entre eles é o seguinte:

"D.E.: Segundo essas críticas, o ocidental mantém sua superioridade sobre a cultura que observa.

C.L.-S.: Não se trata de superioridade do observador, mas da supremacia da observação. Para observar, é preciso estar por trás. Pode-se — é uma opção ética — preferir (mas isso é possível?) fundir-se na comunidade de cuja existência se participa, identificar-se com ela. O conhecimento está do lado de lá.

D.E.: Então o conhecimento só nasce do distanciamento entre o sujeito e o objeto?

C.L.-S.: É um aspecto. Num segundo momento, nos empenharemos em junta-los. Não existiria conhecimento possível se não distinguíssemos os dois momentos; mas a originalidade da pesquisa etnográfica consiste nesse incessante vaivém."

Podemos sintetizar o nosso trabalho de campo a partir de 2 momentos. Os contatos iniciais com os latino-americanos no Brasil de São Paulo, a delimitação dos critérios para o recorte empírico e as dificuldades, constituem o primeiro momento.

O segundo é constituído pelo planejamento e a seleção das técnicas de pesquisa e a aplicação das mesmas.

Gostaríamos de esclarecer inicialmente os caminhos percorridos entre estes latino-americanos e de como se deram os primeiros contatos e através de que pessoas.

Começamos a formar nosso "universo" num primeiro momento através do nosso círculo de amigos e por intermédio dos próprios pesquisandos. Porém os contatos também se deram da indicação de outros latino-americanos, através de amigos e parentes da pesquisadora. A situação mais comum foi a de que os próprios pesquisandos indicavam o nome de outras pessoas que poderiam participar (56,25% dos casos), na maioria das ocasiões foi espontâneo fornecer outros possíveis contatos. Em outros momentos, eu mesma solicitava a possibilidade de contatar-me com outras pessoas, especialmente para localizar latino-americanos em SP.

Estes contatos foram iniciados em novembro de 1987.<sup>3</sup> O resultado final foi o acúmulo de vários números de telefones, endereços e nomes para possível contato. Obviamente fica claro quais foram os problemas e riscos deste método: fechar o número definitivo de indivíduos que participariam da pesquisa empírica e quando finalizá-lo. É claro que tive de resistir à tentação de prosseguir com outros e mais outros contatos e entrevistas.

Mas se houve dificuldade em delimitar o momento de finalização da pesquisa empírica, também existiram problemas no momento inicial da pesquisa empírica, na confirmação da participação por parte destes latino-americanos.

Os contatos prévios variam de caso a caso e se deram de três formas: através do telefone e/ou pessoalmente.

Nesta etapa foi realizado um verdadeiro "ritual". Na apresentação fornecia-se alguns dados pessoais, explicações sobre a pesquisa, a instituição que financiava etc. E em alguns casos se entregava o projeto de pesquisa para que lessem e decidissem se gostariam de participar. Deixava-se muito claro também que a entrevista seria anônima e o tempo aproximado que demoraria a gravação.<sup>4</sup> Também houve uma "certa demora" para confirmar a participação. No total apenas 12 pessoas aceitaram imediatamente, seja através do contato telefônico ou pessoal. As outras 20 demoraram. Temos também os casos mais demorados que nos levaram a realizar 5 contatos pessoais e 2 telefônicos para conseguir a confirmação para participar na pesquisa.

De todos os contatos prévios realizados, houve apenas 3 pessoas que desistiram de participar (1 era professor universitário, 1 outro era o marido de Rioplatense e a terceira era a prima de Julio). Num dos casos houve um contratempo complicado: o nascimento prematuro de um filho. Uma das situações que nos angustiaram nesta pesquisa foi em relação a "essa certa demora", a necessidade de um "tempo prévio" para pensar se participava ou não da pesquisa, mesmo entre aqueles que eram (e são) os amigos da pesquisadora. Obviamente que esta situação me perturbou já que nas leituras de algumas etnografias e pesquisas dificilmente encontramos menção destas dificuldades, talvez seja o reflexo de um momento histórico específico, na produção de determinados enfoques metodológicos. Curiosamente tudo se passa como se o pesquisador não tivesse nenhuma dificuldade em entrar em contato com os atores sociais que pretende pesquisar, fica a sensação que todos concordam em participar. Este tipo de atitude me parece perigosa na medida em que se reafirma a auto-suficiência do pesquisador, e o mito da não interferência do pesquisador na vida dos "nativos pesquisados". O que nos mostrou esta experiência de pesquisa foi que o pesquisador de fato interfere na vida do pesquisado, e muito! Sem dúvida estamos aqui no delicado terreno da relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado.

Sobre a problemática da relação entre o observador e a sociedade, a interferência e a tradução de uma observação, vale a pena retermos o diálogo entre Didier Eribon e Claude Lévi-Strauss (1990:199), a respeito destas questões:

"D.E.: Em seu livro sobre a razão gráfica, Jack Goody levanta o problema das relações entre o observador e a sociedade, que ele estuda sob uma luz particularmente interessante: quando estudamos tradições orais, civilizações que não conhecem a escrita, o simples fato de transcrevermos essas tradições as modifica e impõe-lhes as categorias de percepção do observador, de sua sociedade. Que é que o senhor diz a respeito?"

C.L.-S.: A advertência parece-me legítima, mas trivial. Porque isso é válido para todas as observações, inclusive as das ciências mais avançadas. É óbvio que devemos ter consciência de que, ao transcrever uma observação, seja ela qual for, não conservamos os fatos em sua autenticidade primeira: traduzimos em outra língua, e perdemos algo no caminho. Mas que devemos concluir disso? Que não podemos nem traduzir, nem observar?"

Acreditamos que mesmo havendo essas perdas seja possível, ainda, traduzir e observar.



Em relação aos obstáculos iniciais no contato com estes latino-americanos, foi com os chilenos que ocorreram as situações de maior dificuldade, demora e desconfiança para aceitar participar na pesquisa. Embora num primeiro momento não desejassem participar, houve depois um sentimento de solidariedade. A relação foi muito contraditória, com desconfiança por não me conhecerem; e, por outro lado, pelo fato de ter a mesma nacionalidade. É Rolando (chileno, 33 anos, mestre em artes marciais e terapeuta ocupacional) que se expressou assim em seu português:

"Confesso que na realidade no gosto de encuestas, por isso tinha dado endereços de amigos meus para que os procurasse.... Porém, pensei mais e quando você voltou a chamar-me pelo telefone, pensei que devia ser mais solidário, porque estava fazendo uma pesquisa e pelo fato de ser chilena também."

No entanto, também houve outros momentos de desconfiança em relação à pesquisadora. Uma situação curiosa foi com GOBI (uruguaia), que num primeiro contato, de acordo com seu relato posterior, teve a suspeita de que eu poderia ser alguma delatora, agente ou "dedo-duro", por achar estranho alguém se interessar por temas como: anos 70, exílio, ditadura, numa época em que ainda existiam os regimes militares. Este tipo de medo ou síndrome de perseguição, acompanhava muitos deles no estrangeiro.

Por outro lado, o fato de ter de lembrar situações que se desejava esquecer foi, é claro, muito perturbador e talvez até incômodo. Consideramos importante relatarmos estas situações, assim desmistificamos um pouco essa insistente recorrência de apresentar pesquisas cujos universos empíricos são tão bem delimitados, recortes perfeitos e onde as dificuldades estão muito bem encobertas. Evidentemente que a problemática do papel do pesquisador, a sua autoridade e sua responsabilidade ética e social sempre aparecem no contato com o "Outro nativo", seja este distante ou familiar.

Também não podemos desconhecer a complexa problemática da interferência do pesquisador na obtenção dos dados, a própria escolha da temática a ser estudada ou na análise dos dados. Mesmo quando o pesquisador escolhe uma postura de comportamento "cientificamente distante" ou mesmo naquilo que Lévi-Strauss chamou de "técnica do estranhamento" (1976:278), ao referir-se ao que seria o trabalho etnográfico, novamente temos de lidar com a questão da interferência.

Alguns critérios foram utilizados para delimitar o recorte empírico dos latino-americanos, a seguir os delineio.

Num primeiro momento tínhamos escolhido apenas exilados políticos para a pesquisa empírica. Por vários motivos, entre os quais estão as próprias dificuldades para encontrá-los e conseguir que aceitassem (e somando-se a isto também o fato de que na época, 1986, já estavam sendo iniciados os processos de "redemocratização" nos países do Cone Sul da América Latina) participar da pesquisa. E como nos interessava conseguir trabalhar a partir da diversidade e heterogeneidade das vivências para poder captar melhor a especificidade desta experiência de ser estrangeiro e a vivência da década de 70, tentamos abrir o leque no recorte e definimos alguns critérios. Um primeiro critério é de ordem cronológica: eles e elas deveriam ter emigrado durante os anos 70, especialmente após os golpes de Estado ocorridos no Chile (1973), Uruguai (1973) e Argentina (1976). Outro critério diz respeito à nacionalidade: deveriam ser argentinos, chilenos e uruguaios. E um terceiro se refere ao âmbito geográfico: estes atores sociais deveriam morar no Estado de São Paulo (especialmente São Paulo, capital, e Campinas) no momento da pesquisa de Campo. Estes lugares foram escolhidos pela facilidade de acesso da pesquisadora, que morava na época em Campinas.

Todos estes critérios adotados tinham como finalidade propiciar a obtenção de um conjunto de indivíduos e vivências que fossem o mais representativos possíveis do processo imigratório ocorrido na década de 70 no Cone Sul da América Latina.

#### AS TÉCNICAS DE PESQUISA UTILIZADAS

"...porque nos parece que é a partir da aceitação de cada limite do método que o cientista social pode ter condição, também, de entender os limites do dado que ele colhe do real" (HAGUETTE, T. 1990:76).

Para a análise dos dados empíricos foi adotado um conjunto de técnicas que apesar de seus limites e problemas, nos possibilitou

construir um material diversificado e heterogêneo. Muito se tem discutido sobre a confiabilidade ou a verdade refletida nos dados que são obtidos na relação face a face entre o pesquisando e o pesquisador; ou a presença da subjetividade desta relação e mesmo na interpretação dos dados. A escolha de técnicas qualitativas (observação participante, registro no caderno de campo, entrevistas exploratórias, entrevistas em profundidade e com roteiro temático, história de vida e ficha individual), visou a obtenção de dados variados, não uniformes. Estes nos permitiriam captar as contradições entre o discurso e a ação presentes em todo o convívio social, já que nós não partíamos do pressuposto que conseguiríamos obter a "verdade", ou total sinceridade.

Na verdade fomos atrás daquilo que F. Laplantine (1988:152) chama de "esses materiais residuais" repletos de significados, códigos, particularidades, ambivalências e que nos estimula a conhecê-los. Enfim, apropriando-se das palavras de GEERTZ (1978:84) tentamos "descer ao detalhe, ir além dos rótulos enganosos, além dos tipos metafísicos, além das similaridades vazias — para que possamos compreender totalmente o caráter essencial não somente das várias culturas, mas as várias espécies de indivíduos dentro de cada cultura, caso desejemos deparar com a humanidade face a face".

A seguir, algumas considerações sobre as técnicas de pesquisa utilizadas.

#### OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Sem dúvida, ela é uma técnica que caracteriza o fazer antropológico. Já Bronislaw Malinowski (1976:33), nos dizia na clássica etnografia *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* que era de vital importância utilizá-la porque: "há uma série de fenômenos

de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de "os imponderáveis da vida real", e evidentemente estes imponderáveis estão carregados de sentidos, e é necessário observá-los, registrá-los e analisá-los. Esta técnica passou por uma profunda crítica, seja pelo perigo das distorções, do direcionamento, interpretações errôneas, ou flexibilidade, pelos possíveis vieses (sócio-cultural do observador, profissional-ideológico, interpessoal do pesquisador, emocional, normativo), pela impossibilidade da generalização dos seus resultados, pelo envolvimento entre observados e observador (HAGUETTE:1990) ou pelos perigos apontados por Eunice Durham (1986) de passar da "observação participante para a participação observante". Mas, apesar de tudo, ela ainda continua apresentando aspectos positivos. Justificamos seu uso porque interessa-nos não só trabalhar com representações mas também com a ação e o comportamento desses atores sociais em contextos específicos, no nosso caso, o cotidiano da vida no interior das casas destes latino-americanos, visitando-os com frequência. Assim, como também os possíveis pontos de encontro: bares, associações. Ou seja, interessavam-nos os atores sociais de carne e osso.

Não foi possível utilizar esta técnica nos lares de todos os nossos pesquisandos (foram visitadas as casas de 15 latino-americanos) já que os encontros se deram em outros lugares como: no local de trabalho (9 casos), na casa da pesquisadora (5 casos), no lar do pesquisando e na casa da pesquisadora (1 caso), no local de trabalho e na casa da pesquisadora (1 caso) e na praia (1 caso).

Porém, foram realizadas observações relativas ao comportamento e ao discurso em vários outros contextos: a universidade, em festas de aniversário, em despedidas de amigos, em protestos, em comícios e em reuniões religiosas.

#### REGISTRO NO CADERNO DE CAMPO

Registramos os contatos iniciais (telefonemas, visitas pessoais) e os encontros para gravações dos depoimentos. Em relação às entrevistas anotamos todos os momentos da gravação: antes de gravar, durante a gravação, as interferências e os momentos nos quais o gravador era desligado, o instante do preenchimento

da ficha individual; ou seja, durante o contexto da entrevista e o momento extracontexto. As situações de emoção, o ambiente e os objetos da casa também foram registrados, assim como os fatos mais significativos ocorridos na América Latina durante o período da pesquisa.

As observações realizadas em outros locais anteriormente mencionados também foram objeto de registro.

### ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

Foram encontros com alguns latino-americanos em que se discutiram algumas questões sobre as diferenças entre o Brasil e seus países. Esta experiência foi de grande valia não só para delimitar o recorte empírico, como nos ajudou a elaborar o roteiro temático que foi usado nas entrevistas.

### ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE E COM ROTEIRO TEMÁTICO

Antes de escolher o tipo de entrevista a ser adotado, houve duas leituras que nos foram de grande valia. A primeira leitura foi o livro de M. Thiollent (1985), que nos ajudou no sentido de identificar os vários tipos de entrevista, seus limites e problemas. O tempo todo nos guiou no sentido de considerar os problemas específicos desta técnica: a relação (poder, dominação) entrevistado/intervistador, a situação da entrevista, as distorções, as imposições de temas ou questões, a censura, o condicionamento das respostas, o componente ideológico. E, por outro lado, a necessidade de prestar atenção na importância das manifestações não-verbais: reticências, lacunas, omissões, postura, hesitações, mímicas, caretas, que foram considerados como mais um dado.

A segunda leitura foi o livro de A. Rodrigues (1978), que nos relata a experiência do uso da entrevista aberta ou "o discurso aberto" com um grupo de 20 operários da indústria na Grande São Paulo entre 1975 e 1976. Ela tece considerações sobre os limites dos outros tipos de entrevista, especificamente a entrevista em profundidade com roteiro; ela nos diz: "... peca basicamente por colocar para o indivíduo questões que ele mesmo talvez não se coloque, ou pelo menos não naquela hierarquia e organização imaginada pelo pesquisador (e nos casos em que o pesquisador não imagina uma organização ou uma

hierarquia, voltamos ao caso de "somatório" de segmentos de comportamento); além disso, como pressupor uma estrutura interna inerente ao discurso se esse (ou seus fragmentos) é a cada momento uma resposta a estimulações externas (as perguntas do entrevistador)?" (p. 51-52).

Inicialmente tínhamos optado por realizar entrevistas abertas, que seriam iniciadas através da história de vida. Assim começamos a primeira fase do trabalho empírico, porém nos encontramos com uma dificuldade, pois nossos entrevistados se recusavam a falar sobre suas histórias de vida. Foi necessário a utilização do roteiro temático. Antes de falar sobre esta questão, parece-nos necessário mencionar que embora exista um planejamento prévio delimitado no projeto de pesquisa sobre que técnicas serão utilizadas, a implementação ou modificação das mesmas depende da especificidade do universo estudado. O pesquisador deve estar sensível a estas especificidades e reconhecer a necessidade de mudanças de técnicas no transcurso do trabalho de campo. Enfim, no nosso caso foi impraticável a utilização da entrevista aberta. (ver a seguir, na gravação dos depoimentos, outras explicações).

A nossa opção foi entrevistas em profundidade com roteiro temático. Porém houve todo um cuidado especial na elaboração deste roteiro, que foi elaborado a partir de 4 critérios:

O primeiro é que as perguntas de caráter geral, abertas e abrangentes estivessem inseridas num tema. Foi preciso fazer um recorte prévio das questões a serem trabalhadas para tornar viável a pesquisa. Tivemos o cuidado de elaborar perguntas semi-estruturadas e que não dirigissem o depoimento dos entrevistados.

O segundo critério foi elaborar perguntas que possibilitassem o testemunho particular sobre determinadas vivências. Especialmente a parte b-1. O peregrino e a experiência de ser estrangeiro e/ou exilado, b-2. O cenário: os anos 70 e b-3. O peregrino e a vida cotidiana.

O terceiro critério foi incorporar a narrativa sobre sua história de vida.

E o quarto critério foi obter suas representações sobre determinados tópicos. Interessa-nos obter o ponto de vista do "nativo" e a forma como ele ordena e percebe a sua vivência, quais seus valores, pontos de vista, preconceitos. A parte b-4. O peregrino e sua "pátria", "cidadania", "identidade" e "cultura"; e a parte D) Como você se percebe e sente, diz respeito à possibilidade de permitir que o ator social pudesse falar o que considerasse pertinente.

O roteiro temático que agora apresentamos também sofreu algumas modificações; foram incluídas outras perguntas que descobrimos serem fundamentais no transcurso da primeira fase de gravação dos depoimentos. Por isso, alguns depoimentos ficaram incompletos na gravação, porém entramos depois em contato com eles e obtivemos os dados que faltavam.

#### A GRAVAÇÃO DOS DEPOIMENTOS

A gravação dos depoimentos se deu em 2 períodos: o primeiro de 21/06/88 até 26/10/88 quando se gravaram 4 depoimentos, e o restante foi realizado de 06/04/89 até os primeiros dias de outubro de 1989. Gostaríamos de chamar a atenção para dois momentos fundamentais na obtenção destes depoimentos. O primeiro relativo às dificuldades e modificações ocorridas no momento anterior à obtenção do depoimento. E um segundo momento que é o da gravação dos mesmos.

Surgiram alguns contratempos que retardaram as gravações. Uma das dificuldades se refere à própria especificidade destes indivíduos pesquisados e já anteriormente mencionada. O fato de um número significativo hesitar bastante até concordar em participar da pesquisa (por medo, desconfiança, insegurança etc.). Quando concordavam, nos defrontávamos com outra situação, a de serem pessoas extremamente ocupadas. Trabalhavam, estudavam, cuidavam de filhos, viajavam nas férias a seus países de origem etc. Tudo isto contribuiu para retardar ainda mais a pesquisa.

Outra dificuldade de natureza "metodológica" se deu no período de junho de 1989, quando pensávamos que estávamos terminando a fase da pesquisa empírica. Analisando nosso quadro do universo pesquisado percebemos que 80% de nossos atores sociais estavam vinculados à Unicamp, e isto colocava um problema sério em relação ao

recorte e à representatividade do universo pesquisado, já que um dos nossos objetivos é, através da heterogeneidade, captar a especificidade da experiência de ser estrangeiro latino-americano em São Paulo. Para solucionar este problema iniciamos novos contatos com pessoas que não estivessem vinculadas à Unicamp e que trabalhassem. Embora a pesquisa tenha se prolongado por quase mais 3 meses, pareceu-nos que construímos um universo bastante significativo, onde estão presentes as várias causas da emigração e as várias formas de inserir-se na sociedade do Brasil de São Paulo.

Em relação ao segundo momento, as estratégias utilizadas na gravação dos depoimentos, gostaríamos de mencionar que num primeiro instante tínhamos pensado utilizar o nosso roteiro temático a partir da história de vida de nossos entrevistados. E a nossa pergunta inicial seria: "O que você quer falar sobre sua vida?", possibilitando um discurso aberto. Esta opção de trabalho foi modificada, pois descobrimos que as pessoas ficavam um tanto nervosas e incômodas ao falarem sobre sua vida a uma desconhecida. Antes de começar as gravações perguntávamos também se gostariam de falar, no começo ou no final das gravações, sobre suas vidas. A resposta dada por alguns atores sociais foi a segunda. Posteriormente, adotamos este procedimento nos outros encontros e conseguimos desenvolver um clima de mais amizade, confiança e tranquilidade.

Outra estratégia que também adotamos foi a de que o pesquisando escolheria por qual parte do roteiro temático (este estava dividido em 5 partes) gostaria de começar. Este procedimento resultou muito positivo pois desta forma obtivemos a gravação de todas as respostas às perguntas contidas no roteiro. Este procedimento possibilitou, ainda, um clima mais descontraído e maior interesse e profundidade nas respostas. E para a pesquisadora uma sensação profunda de maior alívio por não estar impondo tão violentamente uma sessão de perguntas.

✦ Ocorreu uma descoberta: a pesquisadora previamente tinha optado por não fazer as mínimas intervenções, considerando as recomendações de outros pesquisadores para garantir certo "distanciamento". Mas os próprios atores sociais perguntavam minha opinião sobre determinados assuntos no momento da gravação; em algumas ocasiões opinei.



Em relação ao momento das gravações dos depoimentos gostaríamos ainda de fornecer mais alguns dados, que dizem respeito a: número de sessões de gravação dos depoimentos, os horários, os locais e o momento da gravação.<sup>5</sup>

São no total 72 horas de gravação. A duração delas varia de 30 minutos até 4 horas e 30 minutos por entrevistado. A maioria das entrevistas (59,37%) foi realizada em apenas 1 sessão.<sup>6</sup>

Em relação aos horários das gravações, estes foram os mais diversos, realizamos gravações de manhã (a partir das 8 horas), à tarde e à noite (passada a meia-noite). Durante a semana e nos finais de semana também. Porém, 50% das gravações se realizaram à tarde.<sup>7</sup>

No que diz respeito aos locais onde se gravaram os depoimentos eles foram também diversos: desde o próprio lar dos entrevistados, o local de trabalho deles, ou na casa da pesquisadora ou em outros lugares. Porém, a maioria (46,875%) foi realizada no lar dos pesquisandos, seguido do local de trabalho dos mesmos (28,125%).<sup>8</sup>

Outra observação que nos parece ser relevante se refere ao fato de que 28,125% dos depoimentos foram recolhidos na presença de outras pessoas (amigos, filhos, marido, esposa etc.), assim como também 28,125% das gravações foram realizadas sem nenhuma interferência e com a mesma percentagem se obtiveram depoimentos com interferências (telefone, campainha, filhos, vizinhos etc.).<sup>9</sup>

Esta situação em certa medida nos assinala uma contradição. Se por um lado alguns destes latino-americanos se mostraram reticentes em falar sobre sua vida, ao falar de questões mais gerais e até externas a seu mais íntimo eu, não tiveram nenhum constrangimento em falar na presença de outras pessoas.

\*Em relação ao idioma foi utilizado o espanhol e o "portunhol".<sup>10</sup> A escolha dos nossos entrevistados foi quase sempre expressar-se na língua de origem; a exceção são os imigrantes econômicos que faziam questão de falar o "português".

Inúmeras vezes ocorreu um fato interessante: após

desligar o gravador, várias pessoas começavam a falar e a emitir outras opiniões e visões em relação a perguntas já realizadas. Muitas das vezes eram opiniões absolutamente contraditórias com o que tinham falado. Por esta via, obtive muitos outros tipos de depoimentos; geralmente tive de escrever no caderno de campo estando já em casa.

Outro desdobramento ocorreu também: se nos primeiros contatos houve a presença de diversos sentimentos como medo, insegurança e até desconfiança, quando finalizávamos com a pergunta:

- Como você se sentia em nossos encontros ou contatos?

e o que lhe pareceu a experiência de ser pesquisado?, surgiram as mais variadas respostas que merecem ser destacadas. Havia pessoas que esperavam várias respostas concretas a problemáticas sociais, até pessoas que me pediram ser avisadas quando eu defendesse a tese. Em geral, as pessoas manifestaram-se e sentiram-se muito bem, e que lhes havia colocado indagações que elas próprias nunca tinham pensado. A experiência não lhes foi indiferente, apesar de que várias tiveram a sensação de estar numa terapia.

ficamos com a sensação de que se estabeleceu uma profunda e marcante relação, para ambas as partes, ao ponto de, com vários destes latino-americanos, criarmos relações de amizade.

### HISTÓRIA DE VIDA

Mesmo conhecendo os limites, as dificuldades e as possibilidades desta técnica (Consultar: BOSI, Eclea (1987); BRIOSCHI, L. & TRIGO, Maria Helena (1987); CAMARGO et alii (1983); HAGUETTE, Teresa (1990); PEREIRA DE QUEIRÓS, Maria Isaura (1988).), ela foi adotada porque nos permitia, por um lado, ter a narrativa sobre um ou algum aspecto específico da experiência de imigrante, estrangeiro ou exilado e sua vivência no novo contexto social: o Brasil de São Paulo. Também nos possibilitou obter testemunhos sobre sua experiência e vivência da década de 70 na América Latina do Cone Sul.

Embora desejássemos reconstituir suas vidas desde a infância, a relação com a família, a adolescência, já que nos interessava perceber os conteúdos selecionados por eles e as épocas de vida, não foi possível reconstituir sua trajetória de vida a partir de um ponto de vista cronológico porque quando pedimos a eles que falassem sobre sua vida nos foi quase impossível obter esses dados. A maioria se recusou, esquivando-se, alegando: "cansaço",

"que não tinham nada de interessante" a acrescentar, ou que "achavam que tinham falado o suficiente".

Devemos ressaltar que apenas 2 destes estrangeiros falaram de si sem constrangimento, e já eram amigas da pesquisadora. Nem foram mostrados fotografias isoladas, ou álbuns à pesquisadora (a exceção são apenas duas pesquisandas). Talvez faltou o tempo necessário para estabelecer uma relação de amizade mais profunda, como nos ensina Sidney Mintz (1984).<sup>11</sup>

Mas essa resistência de falar sobre certos momentos de sua vida é, sem dúvida, muito significativa, na medida em que nosso universo pertence à chamada classe média, onde há uma grande e até excessiva preocupação e zelo pela questão da privacidade.

Quando lemos etnografias que lidam com um universo das "classes populares" percebemos o inverso. As falas sobre sua vida são bastante fluentes:

Outra descoberta posterior, a partir das observações e outras conversações, foi que um número expressivo de nossos pesquisandos (de classe média) provinham de uma classe social modesta. Sem dúvida que o fato de não ter assumido sua origem de classe, ainda, para muitos se torna uma questão problemática e irresoluta, certo tabu; já que eles tiveram uma indiscutível ascensão social através da educação (Consultar Capítulo IV, Suas condições de vida.).<sup>12</sup> É evidente que isto representa um dado significativo, na medida em que se levarmos em consideração que em países como Argentina, Uruguai e Chile a discriminação social se canaliza, fundamentalmente, para a questão da classe social e da origem social.

Existe grande preocupação com o onomástico (nome da pessoa) e com sua descendência (européia ou de outras nacionalidades), particularmente este fenômeno se dá no Chile. É bom lembrar que em países como Chile e Argentina não há grupos étnicos de negros, enquanto no Uruguai não há grupos étnicos de índios.<sup>13</sup>

A utilização deste recurso foi iniciada a partir da 2ª fase da gravação dos depoimentos (06/04/89 até os primeiros dias de outubro de 1989). E se deu pelo fato de que nos depoimentos gravados na primeira fase os entrevistados, na sua maioria, se recusaram a falar sobre suas vidas. A estratégia utilizada foi solicitar ao entrevistado preencher a ficha de dados pessoais. Nosso objetivo ao adotar este sistema era o de dispor com maior rapidez de dados de caráter pessoal para realizar um perfil abrangente destes latino-americanos a partir de vários critérios. E, por outro lado, não esperar obter os dados após a transcrição das gravações, mesmo porque nada me garantiria que eles, em algum momento, falassem sobre sua história de vida. Realmente este procedimento se mostrou muito positivo para caracterizar rapidamente o universo pesquisado e, também, eficaz na obtenção de dados, pois quando foi o momento de falar sobre suas vidas, foram muito sintéticos e fragmentários, ou simplesmente alguns não falaram nada em relação à sua história de vida.

Estas restrições que os entrevistados colocavam a suas vidas particulares notaram-se nitidamente até no preenchimento destas fichas individuais. Tanto assim que se acompanharmos o seguinte quadro, verificamos que houve omissão de diversas informações, especialmente a renda (16 casos).

FICHA INDIVIDUAL (DADOS OMITIDOS)				
OMISSÃO DE DADOS QUESITO	HOMENS	MULHERES	TOTAIS	% / 18
RENDA	8	8	16	88,88
ANO DE PERMANÊNCIA EM OUTROS PAÍSES	-	1	1	5,55
PROFISSÃO DOS PAIS	1	-	1	5,55
NACIONALIDADE DOS FILHOS	1	-	1	5,55
SITUAÇÃO JURÍDICA	-	2	2	11,11
TEMPO DE MATRIMÔNIO	3	2	5	27,77
IDADE DOS FILHOS	1	1	2	11,11
ANO DE SAÍDA DO PAIS DE ORIGEM	1	-	1	5,55
SEXO DOS FILHOS	1	-	1	5,55

OBSERVAÇÃO: Completaram todos os dados da ficha=14; não completaram=18;  
Omitiram; só 1 dado=11; 2 dados=3; 3 dados=3; + de 3=1.

A maioria (18 casos) do nosso universo não preencheu a ficha individual na sua totalidade. Destes, temos onze indivíduos que omitiram 1 quesito, três que omitiram 2 e três que omitiram 3 quesitos, enquanto um indivíduo omitiu 4 dados.

Esta situação também foi considerada como mais um dado, já que em muitas ocasiões estas mesmas pessoas não falavam sobre suas vidas. E tivemos um verdadeiro jogo de "esconde-esconde", um jogo entre "o recusar-se e o revelar-se".

Sem dúvida que o controle, a manipulação e até a censura estiveram presentes, e revelam-nos os limites deste tipo de material que são os depoimentos. Por outro lado, a pesquisadora viveu também momentos de impaciência, cansaço e nervosismo quando se prolongava esta situação, em que para finalizar um depoimento houve muita demora em alguns casos, já que existiram não-poucas pressões, prazos para relatórios etc.

A pesquisadora participou de festas, aniversários, comemorações, reuniões e atos de protesto, aonde obteve inúmeras informações valiosas. Aqui revela-se a importância da "observação participante", resgatando-se, assim, sua relevância como método de pesquisa nas sociedades complexas.

A seguir, complementamos com 2 apêndices: o Roteiro Temático e a Ficha Individual utilizados nesta pesquisa.

1.2. APÉNDICES

---

A P Ê N D I C E

1.2.1. O Roteiro Temático

---

---

---

ROTEIRO TEMÁTICO

b-1. O Peregrino e a experiência de ser estrangeiro e ou exilado.

Objetivo: Perceber como pensa o estrangeiro a sua situação de estrangeiro e suas condições de existência na sociedade brasileira e, ainda, como se situa nela; e, também, a sua representação a respeito de seu país de origem.

- O que você realizava (atividades) em seu país de origem?
- Por que, e quando, você saiu de seu país de origem (ou de nacionalidade)?
- Como e quando você chegou ao Brasil? Antes você viveu em outros países? Como se deu a experiência de viver no Brasil?
- O que levou você a escolher o Brasil? Como você vê, agora, o Brasil daquela época? E o atual?
- Que relações (de parentesco, amizade, institucionais, nenhum tipo) você tinha quando chegou ao Brasil?
- O que sabia do Brasil antes de sair de seu país?
- Qual era a imagem que você tinha?
- Como se deu sua inserção no Brasil (no trabalho, no estudo, outros)?
- Como foi o processo de sua adaptação no Brasil?



- Quais as dificuldades de adaptação no Brasil?  
Com que tem mais problemas: a língua, a comida, a vestimenta, os costumes, o clima, a situação jurídica, as relações sociais?
- Como as pessoas lhe definem ou percebem?
- Como você se define?... E o que você pensa sobre estes termos: estrangeiro, expatriado, peregrino, abasileirado?
- Quais são seus projetos de vida atualmente? São os mesmos do passado?

b-2. O cenário: os anos 70.

Objetivo: Obter dados para a contextualização dos anos 70 e trabalhar a questão de visão de mundo.

- Do que você se lembra dos anos 70?
- Como vivenciou o golpe de Estado em seu país?  
Idade, estado civil, profissão, participação política etc.  
Hoje o que você pensa sobre o golpe? E como você viu os outros golpes militares ocorridos na América Latina dos anos 70?
- Você pertencia a algum partido ou grupo político, ou grupo de outra natureza?
- O que você pensa da política e dos políticos?
- Agora você se filiaria a algum partido político?  
Qual? Por quê?

- O que você pensa da América Latina?
- Para você existe a América Latina? Em que sentido? Se identifica com este nome? Qual a imagem que você tem?
- Nesta época, o que se lia, falava? Quais os livros, autores, idéias, filmes, músicas etc., que transitavam ou circulavam nos círculos em que você convivia.

### b-3. O Peregrino e a vida cotidiana

**Objetivo:** Perceber as relações sociais, a sociabilidade e a relação com o espaço e mobilidade espacial e identidade.

- Como foi sua vida em seu país de origem? E como é a sua vida de agora?
- Você se reúne com amigos ou parentes de sua mesma nacionalidade (ou outras)? Participa e realiza festas, comidas, reuniões, comemorações?... Quando e onde?
- Com quem você se relaciona mais (brasileiros, estrangeiros, pessoas de seu próprio país)?
- Que atividades realiza atualmente e como você vê sua condição de vida no presente e no passado?
- Pertence a alguma instituição ou grupo (esportivo, religioso, colônia de estrangeiros, clube, outros)?
- Você se relaciona com pessoas que moram por aqui?
- Por que você escolheu este bairro ou lugar para viver? Há quanto tempo mora aqui? Quais são suas amizades?

- Que pensa da cidade onde você mora? É muito diferente da cidade anterior onde você morou? Do que você se lembra mais?
- Quais os lugares que você mais lembra? O que significam? Guarda fotos?
- O que faz nas horas em que você não trabalha?
- Por que você "escolheu" esta cidade para morar?

OUTROS:- Guarda fotos, recortes de jornais, cartas, outras? O que significam?

- Você costuma comer pratos típicos do seu país? Ouve música de artistas de lá (livro, filmes etc.)?
- Você comemora alguma data ou costume, tradição, que em seu país de origem ou "adotivo" seja significativo?

b-4. O Peregrino e sua "pátria", "cidadania", "identidade" e "cultura".

- Como você percebia e como percebe hoje seu país de origem?
- O que você entende por pátria? E qual é a sua pátria?
- O que você entende por cidadão? Como se sente atualmente no Brasil e em relação a seu país de origem?
- O que significa para você ser chileno, argentino ou uruguaio? Com o que você se identifica?
- Você gosta de ver filmes e ler livros (ou outras atividades) em seu idioma de origem ou tem outra preferência? Qual?

- Fala mais o português ou a sua língua de origem?
- Você tem contato com pessoas (instituições etc.) que moram no seu país de origem (família, amigos — Carta, viagem etc.)?
- Você recebe informações de seu país de origem (sobre aspectos econômicos, culturais, políticos etc.)?
- Você voltaria a seu país de origem? Por quê?
- Você acha que estrangeiro deve votar? Quando e por quê? E a que nível (municipal, estadual, federal)?

C) A História de vida

- O que você quer ou gostaria de falar sobre sua vida?

D) COMO VOCÊ SE PERCEBE E SE SENTE:

- |                      |                     |
|----------------------|---------------------|
| - estrangeiro        | - peregrino         |
| - exilado            | - imigrante         |
| - expatriado         | - asilado           |
| - refugiado          | - latino-americano  |
| - desterrado         | - hispano-americano |
| - de uma outra forma |                     |

- E) Como você se sentia em nossos encontros ou contatos? E o que lhe pareceu a experiência de ser pesquisado?

- F) HÁ OUTRA(S) QUESTÃO(ÕES) que você gostaria de colocar, falar, expressar etc.?

G) O que sería ser meio abrasileirado (comente se quando foi a seu país de origem lhe acharam diferente)?

H) "Imaginemos por un instante, que Ud. se encuentra con una persona muy amiga(o) suyo, que no veía desde que salió de su país. Ella(e) le pregunta, con mucho interés por su experiencia en los últimos años. ¿Que es lo más importante que le gustaría contarle?"

(Esta pergunta foi extraída do texto de CARIDLA, Patricio & ROSSETTI, Josefina. Inserción laboral para el retorno: el caso de los exiliados chilenos. Santiago de Chile. Cide, 1984-1985.)

## A P Ê N D I C E

1.2.2. A Ficha Individual

## FICHA INDIVIDUAL (dados pessoais)

1.- PSEUDÔNIMO.....

2.- IDADE (Data de nascimento).....

3.- ESTADO CIVIL: antes (país de origem).....

agora.....

Tempo de Matrimônio.....

4.- NÚMERO DE FILHOS: antes (país de origem).....

agora.....

Nacionalidade deles.....

Idade deles.....

5.- NACIONALIDADE: antes (país de origem).....

agora.....

6.- NATURALIZAÇÃO.....

- Há quanto tempo mora no Brasil?.....

7.- SEXO.....

8.- ATIVIDADES QUE REALIZA

SIM

NÃO

ESTUDA

TRABALHA

OUTRAS

SIM ESTUDA:

- Que estuda.....

- Onde (Universidade, Secundário, Cursinho).....

SIM TRABALHA:

- Atividade que desempenha.....

- Onde (Empresa Estatal ou Privada).....

- Renda.....

SIM OUTRAS:

- Quais.....

9.- FORMAÇÃO PROFISSIONAL E EDUCACIONAL.....

- Antes de morar no Brasil, você viveu em outro país (que não seja seu país de origem)?.....  
 ANOS:.....  
 PAÍS(ES):.....

10.- RELIGIÃO

- Qual?.....

- 11.- POSIÇÃO POLÍTICA (SIMPATIZANTE, MILITANTE ETC.).....  
 antes.....  
 agora.....

- 12.- RESIDÊNCIA: atual.....  
 anterior.....  
 Observação: País(es), Estado(s), bairro(s)..

- 13.- PROFISSÃO: antes.....  
 agora.....

- PROFISSÃO DOS PAIS.....

- ESTADO CIVIL DOS PAIS.....

- PROFISSÃO DO MARIDO OU ESPOSA.....

- NÚMERO DE IRMÃOS:

Mulher.....

Homem.....

- Situação jurídica (que tipo de carteira de Identidade possui? Há quanto tempo?).....



1.3. O universo pesquisado. Breve perfil destes estrangeiros latino-americanos do Cone Sul.

O universo pesquisado é composto por 3 nacionalidades: chilenos (13), argentinos (9) e uruguaios (10). A maioria é formada por mulheres (17) e suas idades oscilam entre 25 e 50 anos, sendo que a maioria está inserida na faixa etária dos 30 aos 39 anos. Entre os homens (15) a idades oscila entre 25 e 50 anos, a maioria se encontra na faixa de 30 e 44 anos. A maioria é casada (40,62%), porém temos outros estados civis: solteiros (15,63%), desquitados e casados não oficialmente (15,63%), "solteiro" porém casado (12,5%), desquitados (3,13%), desquitados pela segunda vez (6,25%), viúva 3,13%). Entre os casados o tempo de matrimônio oscila entre 3 e 26 anos, porém a maior parte está casada há 17 anos. A maioria dos cônjuges é da mesma nacionalidade (70,37%); mas entre os que se casaram com cônjuge de outra nacionalidade o mais comum foi os homens (18,75%) casarem com brasileira. O inverso é pouco usual (apenas 1 caso). Em relação ao número de filhos vai de 1 até 4, o mais comum é ter 2 filhos. A faixa etária desses vai de 11 meses até 27 anos; no que diz respeito a nacionalidade, 36,36% têm a mesma nacionalidade dos pais.

Quanto a formação educacional, temos desde formação universitária até 2º grau incompleto (1 caso). Os universitários são a maioria (77,4%), e a diversidade entre eles também passa por todos os níveis acadêmicos, de livre docente até graduando. Por outro lado, nesse universo, encontramos as profissões mais variadas: turismólogo, sociólogo, advogado, economista, professor universitário, engenheiro agrônomo, engenheiro químico, físico, enfermeira, comerciante, representante técnico, dona-de-casa, psicanalista, técnico especializado, professora de 2º grau, médico, tradutora, antropólogo, músico, assistente social, estilista, cabeleireira, metalúrgico, sindicalista, mestre em artes marciais, terapeuta ocupacional, fotógrafo, vendedor de tapetes, técnico em plástico e artesã.

A maioria dos homens é de professores universitários e das mulheres, comerciantes. 37,15% têm mais de uma profissão.

Do universo total, os que trabalham (46,87%) são a maioria; sendo 28,12% de homens e 18,75% de mulheres.\*

A renda oscila entre 85 e 1500 dólares. Porém se centraliza em duas faixas: 85-180 dólares (36%) e 385-745 dólares (36%).\*

Há ainda aqueles que estudam (21,87%), que trabalham e estudam ao mesmo tempo (28,12%). E um caso cujo trabalho é doméstico (dona-de-casa).

Quanto à religião, 40,52% se declararam ateus e 31,25% católicos.

No campo político os dados indicam que 59,38% são simpatizantes de esquerda.

A seguir, 2 apêndices para se obter outros dados complementares. Tabelas elaboradas a partir de vários critérios: renda, estado civil, faixa etária etc., e Breve perfil biográfico de cada um deles.

OBSERVAÇÕES: (\*) Não indico o local de trabalho deles para manter o anonimato.

(\*\*) Nestas faixas de renda está incluída, também, o grupo que trabalha e estuda.

1.4. APÉNDICES

## A P Ê N D I C E

- 1.4.1. TABELAS COMPLEMENTARES elaboradas a partir de alguns critérios: Nacionalidade, idade, estado civil, nacionalidade do cônjuge, nacionalidade dos filhos, nível educacional, profissão, religião.

NACIONALIDADE	MULHERES	HOMENS	TOTAIS	%
Chilenos	7	6	13	40,625
Argentinos	5	4	9	28,125
Uruguaios	5	5	10	31,25
Totais	17	15	32	100%

## IDADE

FAIXA ETÁRIA	MULHERES	HOMENS	TOTAIS	%
25 - 29	2	1	3	9,375
30 - 34	5	4	9	28,125
35 - 39	5	3	8	25,00
40 - 44	2	4	6	18,75
45 - 49	3	2	5	15,625
50 - 54	-	1	1	3,125
TOTAIS	17	15	32	100%

CATEGORIA/SITUAÇÃO	MULHERES	HOMENS	TOTAIS	%
SOLTEIRO	4	1	5	15,625
"SOLTEIRO" PORÉM CASADO	3	1	4	12,500
CASADO	7	6	13	40,625
DESQUITANDO-SE	-	1	1	3,125
DESQUITADO	-	1	1	3,125
DESQUITADO 2º	2	-	2	6,250
DESQUITADO E "CASADO" NOVAMENTE, NÃO OFICIALIZADO	-	5	5	15,625
VIÚVA/VIÚVO	1	-	1	3,125
TOTAIS	17	15	32	100%

Observação: Uma mulher solteira tem 1 filho.

- Na categoria "solteira porém casada não formalmente", 1 mulher tem 2 filhos e outra tem 3 filhos.
- Em relação à duração do casamento, este oscila entre 3 e 26 anos. Sendo mais freqüente estar 17 anos casados com o mesmo parceiro.

#### NACIONALIDADE DO CÔNJUGE

NACIONALIDADE DO CÔNJUGE	MULHERES	HOMENS	TOTAIS	%
DA MESMA NACIONALIDADE	12	7	19	70,37
CASADO(A) COM BRASILEIRA (O)	1	6	7	25,93
OUTRA NACIONALIDADE	-	1	1	3,70
TOTAIS	13	14	27	100%

Observação: Foram considerados também os "solteiros casados não formalmente".

- Outra nacionalidade corresponde ao casamento de um argentino (Hugo) com uma uruguaia.

CASOS	MULHERES	HOMENS	TOTAIS	%
DA MESMA NACIONALIDADE DOS PAIS	4	4	8	36,363
DA MESMA NACIONALIDADE DOS PAIS E BRASILEIROS	2	2	4	18,181
DA MESMA NACIONALIDADE DOS PAIS E DE OUTRA NACIONALIDADE	2	2	4	18,181
BRASILEIROS	2	1	3	13,636
OUTRA NACIONALIDADE E BRASILEIROS	1	2	3	13,636
TOTAIS	11	11	22	100%

- Observação:
- O número de filhos vai de nenhum até 4. Sendo mais comum ter 2 filhos. A faixa etária deles vai de 11 meses até 27 anos.
  - Em relação à categoria "da mesma nacionalidade dos pais e de outra nacionalidade", tem filhos mexicanos e norte-americanos.
  - Em relação à categoria "outra nacionalidade e brasileira" temos: chilenos, uruguaios e argentinos.

NÍVEL EDUCACIONAL

NÍVEL EDUCACIONAL	MULHERES	HOMENS	TOTAIS	%
I- UNIVERSITÁRIO(A) LIVRE DOCENTE	-	1	1	2,857
DOUTOR	-	3	3	8,571
DOUTORANDO	3	1	4	11,428
MESTRE	3	1	4	11,428
MESTRANDO	5	2	6	17,142
ESPECIALIZANDA	1	-	1	2,857
GRADUADO	5	-	5	14,285
GRADUANDA	1	-	1	2,857
II- SUPERIOR INCOMPLETO (UNIVERSITÁRIO)	-	3	3	8,571
TOTAL DE CASOS	17	11	28	80%
TOTAL DE PESSOAS	14	10	24	77,41
III- 2º GRAU COMPLETO	2	4	6	17,142
IV- 2º GRAU INCOMPLETO	1	-	1	2,857
TOTAL DE CASOS	20	15	35	100%
TOTAL DE PESSOAS	17	14	31	100%

Observação: CASOS - Luizito - Mestre e doutorando  
 Lita - " " "  
 Maria Teresa - " " "  
 Luciernaga - Graduada e especializanda  
 Techy - 2 mestrados  
 Rolando - não especificou



PROFISSÃO	MULHERES	HOMENS	TOTAIS
TURISMÓLOGA	1	-	1
SOCIÓLOGO	1	-	1
ADVOGADO	1	-	1
ECONOMISTA	-	3	3
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO	2	6	8
ENGENHEIRO AGRÔNOMO	-	1	1
ENGENHEIRO QUÍMICO	-	1	1
FÍSICO	-	2	2
ENFERMEIRA	2	-	2
COMERCIANTE	3	3	6
REPRESENTANTE TÉCNICO	-	1	1
DONA-DE-CASA	1	-	1
PSICANALISTA	1	1	2
TÉCNICO ESPECIALIZADO	-	1	1
PROFESSORA 2º GRAU	2	-	2
MÉDICO	-	1	1
TRADUTORA	1	-	1
ANTROPÓLOGO	-	1	1
MÚSICO	-	1	1
ASSISTENTE SOCIAL	1	-	1
ESTILISTA E CABELEIREIRA	1	-	1
METALÚRGICO	-	1	1
SINDICALISTA	-	1	1
MESTRE EM ARTES MARCIAIS	-	1	1
TERAPEUTA OCUPACIONAL	-	1	1
FOTÓGRAFO	-	1	1
VENDEDOR DE TAPETES	-	1	1
TÉCNICO EM PLÁSTICO	-	1	1
ARTESÃ	1	1	2
TOTAIS			48

Observação: Com 2 profissões são: 9 casos  
 Com 3 " são: 2 casos  
 Com 4 " é: 1 caso

TOTAL = 12 casos

RELIGIÃO, FILOSOFIA E OUTRAS DOCTRINAS	MULHERES	HOMENS	TOTAIS	%
CATÓLICA	7	3	10	31,250
ATEU	7	6	13	40,625
KARDECISTA	-	1	1	3,125
OUTRAS (NÃO DEFINIDA AGNÓSTICO, NENHUMA)	3	5	8	25,000
TOTAIS	17	15	32	100%

## A P E N D I C E

1.4.2. Breve Perfil Biográfico destes Estrangeiros  
Latino-americanos do Cone Sul.

ANA, uruguaia, 32 anos. Filha de pai comerciante e mãe dona-de-casa. Tem 1 irmão. Desquitada pela segunda vez, casou-se a primeira vez com uruguaio, por 3 anos, e a segunda com um médico brasileiro, por 5 anos. Mãe de 2 filhas brasileiras de 7 e 9 anos. Curso o 2º grau completo no Uruguai, vivia em Montevideu; e no Brasil realizou 2 cursos técnicos profissionalizantes: Instrumentação cirúrgica e Magistério. Atualmente trabalha como tradutora e professora de espanhol. Declara-se atea. No país de origem foi militante de esquerda, esteve presa (assim como vários membros de sua família) e depois exilada no Brasil. Vive há 12 anos no Brasil, e muitos desses anos viveu como semi-clandestina por não ter sua situação jurídica regularizada. Voltou para o Uruguai, e lá viveu por 1 ano com suas filhas a experiência do desexílio. Atualmente vive em SP, no bairro de Pinheiros.

Gravação realizada em sua casa, com a presença das 2 filhas, no dia 27/07/89. São 2 horas de gravação.

CARLOS SANTOS, uruguaio, 45 anos. Filho de pais uruguaios, a mãe cozinheira e o pai eletricitista. Tem 1 irmão. Casado pela segunda vez com uma socióloga brasileira. Com 2 filhos uruguaios de 12 e 14 anos. Tem o 2º grau completo e diversos estudos técnicos, como metalúrgico, oficial caldeireiro. Viveu em Montevideu. Atualmente é dirigente sindical de uma organização de âmbito internacional. Declara-se ateu. Foi ativo militante de esquerda em seu país de origem. Há 7 anos mora no Brasil, vários dos quais como exilado político e clandestino. No Uruguai foi preso, torturado, viveu clandestino por longos períodos, sendo obrigado a sair de lá para salvar a própria vida. Viveu na Argentina por alguns meses. Pela atividade que atualmente realiza viaja muito, tanto no Brasil como ao exterior. Atualmente vive em SP, no bairro de Pinheiros. Tem uma renda de aproximadamente 210 dólares.

A gravação foi realizada no local de trabalho, na presença de várias pessoas, incluindo sua esposa, no dia 21/08/89. Durou 1 hora e 30 minutos.

EDUARDO, chileno, 25 anos. Dois irmãos. Filho de pais divorciados, o pai engenheiro e economista (casado pela segunda vez) e a mãe professora de inglês. Solteiro, universitário, formado em economia. Sem religião. Saiu do Chile em 1973 por perseguição política a seus pais. Morou por 4 anos no México e por igual período no Uruguai. Está no Brasil sozinho há 2 anos, chegou em 1987; realizando estudo de pós-graduação, nível mestrado, em Economia. Atualmente mora em Campinas, no bairro Cambuí, com uma bolsa de estudo de aproximadamente 180 dólares.

A gravação foi realizada na casa dele, no dia 04/05/89 e demorou 1 hora e 30 minutos.

ELAINE, chilena, 47 anos. Tem 4 irmãos. Seu pai foi comerciante e sua mãe é dona-de-casa, viúva. Separada pela 2ª vez. O primeiro matrimônio durou 3 anos e o 2º, 12 anos, em ambos esteve casada com chilenos. É mãe de 2 filhos, um homem de 27 anos e uma mulher de 24 anos, ambos de nacionalidade chilena. Possui 2º grau incompleto; de profissão cabeleireira e esteticista. Católica. Mora no Brasil há 9 anos. Atualmente é autônoma e tem junto com uma sócia um salão de beleza no centro de São Paulo; não declarou sua renda. Mora sozinha.

A gravação foi realizada no dia 02/08/89, no local de trabalho e durou 1 hora.

FLORENCIA, argentina, 31 anos. Tem 5 irmãos. Filha de pais separados, o pai é aposentado e a mãe realiza atividades variadas. "Casada" (não formalmente) há 10 anos com Mario Mendez, argentino, comerciante, sem filhos. Declara-se semi-agnóstica. Cursando a Universidade, neste momento está finalizando o curso de C. Sociais. Trabalha no comércio numa fábrica de empanadas junto com Mônica e seu marido. Chegou no Brasil em 1981, acompanhando seu marido. Viveu quase um ano no Peru antes de vir ao Brasil. Atualmente mora em SP, na Vila Madalena. Renda aproximada de 530 dólares.

A gravação foi realizada na casa dela e durou 2 horas e 30 minutos.

HAIRO, chileno, 34 anos. Filho de pai artista e mãe propagandista, médica. Tem 9 irmãos. Pertence a uma família de conhecidos músicos folcloristas. Desquitado 2 vezes e atualmente casado com uma brasileira, médica, que na época esperava um filho. Tem um filho, chileno, de 8 anos. Agnóstico. Tem várias profissões: músico, psicanalista, antropólogo, artesão; possui doutorado. Saiu do Chile em 1973 por razões políticas. Morou como exilado em diversos países: França, 4 anos; Alemanha, 3 anos, Guatemala 18 meses, Colômbia, Nicarágua, 2 anos; tendo conhecido vários outros países. Chegou ao Brasil em 1985. Atualmente trabalha como músico em Carapicuíba. Ganha aproximadamente 200 dólares. Mora em Minas Gerais, numa comunidade alternativa.

A gravação foi localizada no seu local de trabalho, em 30/07/89 e durou 1 hora e 30 minutos.

HUGO, argentino, 48 anos. 2 irmãos. Filho de pai funcionário público e mãe dona-de-casa. Casado há 17 anos com uma professora de 1º grau. Tem 4 filhos, 2 meninas de nacionalidade uruguaia e 2 homens de nacionalidade brasileira. Universitário, livre-docente, médico e professor universitário. Católico. Chegou ao Brasil em 1976, por razões profissionais e econômicas, tendo naturalizado-se brasileiro. Morou também no Uruguai de 1970 a 1974. Atualmente mora em Campinas. Com uma renda aproximada de 430 dólares.

A gravação foi realizada no local de trabalho, no dia 19/08/89 e durou 2 horas aproximadamente.

GABI, chilena, 48 anos. Tem 3 irmãos. Seus pais são comerciantes. Casada há 26 anos com um chileno, engenheiro. Tem 3 filhos chilenos, um homem de 17 anos e duas mulheres de 20 e 24 anos. É universitária, professora, católica. Mora no Brasil há 16 anos, acompanhando seu marido. Mora em Campinas, perto do Parque Taquaral. Atualmente é dona-de-casa.

A gravação foi realizada em sua casa, no dia 13/07/89. São 1 hora e 30 minutos de gravação.

GOBI, uruguaia, 35 anos. Filha de mãe dona-de-casa e pai aposentado. Tem 2 irmãs. Casada há 6 anos com Luizito, uruguaio. Tem 3 filhos, 1 filha de 10 anos, de nacionalidade mexicana, e 2 filhos gêmeos, uruguaios, com 7 anos cada um. Universitária, com formação na área médica, é enfermeira. Vive há 2 anos e alguns meses no Brasil. Atualmente está realizando um curso de pós-graduação, no nível de mestrado. Declara-se atéia. Morou por 3 anos no México, acompanhando seu marido. Mora em Campinas, no bairro Jardim Guanabara. Sem bolsa de estudos.

A gravação foi realizada em sua casa, no dia 08/05/89. São 2 horas e 20 minutos de gravação.

JAQUELINE, chilena, 25 anos. Filha única. O pai é técnico mecânico e a mãe dona-de-casa. "Casada" com um chileno de profissão Técnico em manutenção elétrica. Mãe de 3 filhos pequenos, todos brasileiros. Não tem religião. Universitária, formada como técnica em plástico. Mora no Brasil há 11 anos e trabalha como artesã; possui uma banquinha na Praça da República. Não declarou sua renda. Mora em São Paulo, na Av. 9 de julho.

A gravação foi realizada em sua casa, com a presença das crianças, em três sessões, nos dias 23/08/89, 04/09/89 e no dia 26/09/89. A primeira gravação são 30 minutos e a 2ª é de 1 hora e 30 minutos.

JANY, chilena, 26 anos. Tem 2 irmãos. Sua mãe é professora e seu pai é contador. Solteira, universitária, de profissão professora de ensino básico, católica. Morava em Santiago, a capital chilena. Mora no Brasil há 2 anos. Atualmente estudando, ela é pós-graduanda, em nível de mestrado, na área de educação. Mora em Campinas, perto do Centro. Com uma renda como bolsista de 180 dólares. (Obs.: esta casada, agora, com um brasileiro).

A gravação foi realizada na casa da pesquisadora, no dia 23/07/89. São 2 horas e 30 minutos de gravação

JUANITO DE LA RIBEIRA, argentino, 43 anos. Tem 2 irmãos. Filho de pai vendedor e mãe dona-de-casa. Casado com Petisa, argentina, psicóloga e psicanalista. Tem 2 filhos argentinos de 14 e 9 anos. Coursou a universidade, medicina, porém não concluiu o curso no seu país de origem. Saiu da Argentina por várias razões, entre elas, por questões políticas. Chegou ao Brasil em 1980. Atualmente trabalha como autônomo, tem um restaurante de cozinha espanhola. Mora em Campinas, no Cambuí. Com uma renda de aproximadamente 430 dólares.

A gravação foi realizada em 2 sessões, na casa dele, nos dias 11/07/89 e 13/07/89. São no total 4 horas.

JULIO, uruguaio, 43 anos. Filho de pais imigrantes europeus, a mãe, viúva e casada novamente, realiza atividades ligadas ao comércio e indústria. Tem 1 irmão. "Casada" há 10 anos, pela segunda vez com uma professora universitária brasileira. Tem 4 filhos, dois do 1º casamento, uma filha uruguaia com 18 anos e o outro filho falecido. Do novo "casamento" são dois filhos brasileiros, um de 5 anos e o outro de 11 meses. Universitário, com pós-graduação concluída no nível de doutorado. Tem duas profissões: engenheiro químico e físico. Viveu em Montevidéu e Paris. Atualmente é professor universitário. Declara-se ateu. No país de origem foi militante de esquerda. Mora no Brasil há 11 anos, tendo conseguido um contrato de trabalho para o Brasil na França, onde morou por 6 anos em dois períodos diferentes. Seu contrato de trabalho no Uruguai, como professor universitário, depois de voltar da França, foi cancelado por razões políticas. Atualmente mora em Campinas, no bairro Taquaral. Com uma renda aproximada de 750 dólares

Gravação realizada em duas sessões, no local de trabalho, nos dias 22/06/89 e 04/07/89. A primeira durou 1 hora e 30 minutos e a 2ª

LILI, chilena, 34 anos. Filha única, de pais divorciados. A mãe é secretária e o pai contador. Solteira, formou-se no Chile em Sociologia. Católica praticante, manifestou-se simpaticizante de esquerda. Saiu do Chile para estudar no Brasil. Mora aqui há 4 anos, e estava realizando um curso de pós-graduação, nível mestrado, que concluiu. Antes de vir ao Brasil, morou por 8 meses na Itália, realizando estudos, e depois 4 meses na Espanha. Visitou o Brasil em 1980. Morava em Campinas, no Centro, tendo voltado para o Chile. Com uma renda (de bolsista) aproximada de 180 dólares.

A gravação foi feita em duas sessões, 05/07/88 e 26/10/88, na casa dela. São quase 3 horas de gravação.

LITA, argentina, 34 anos. Tem 1 irmão. O pai é técnico universitário especializado e a mãe é dona-de-casa. Solteira, católica não-praticante. Universitária, de formação em linguística. Chegou ao Brasil em 1979. Atualmente trabalha como professora universitária e está finalizando seu doutorado em linguística. Morou também na Inglaterra por 1 ano. Atualmente mora em Campinas. Com renda aproximada de 470 dólares.

A gravação foi realizada em 2 sessões: a 1ª no seu local de trabalho, no dia 21/06/89, e a 2ª na casa da pesquisadora, no dia 11/07/89. São 2 horas de gravação.

LUCIÉRNAGA, chilena, 42 anos. Tem 7 irmãos (1 falecido). A mãe foi dona-de-casa e o pai é militar aposentado, viúvo. Casada há 20 anos com Rodrigo, chileno, professor universitário. É mãe de 2 filhas, de 15 e 18 anos, uma chilena e a outra norte-americana. Declara-se atea. Saiu do Chile acompanhando seu marido que foi fazer doutorado nos EUA, de onde souberam do golpe; em consequência, seu marido teve seu cargo de professor universitário no Chile cassado. Morou nos EUA por 3 anos (1973-1975) e em Paris em 1985 por 1 ano. Mora há 13 anos no Brasil (desde 1976). Atualmente está fazendo uma especialização e trabalha a nível de chefia numa creche. Mora em Campinas, no bairro da Cidade Universitária. Com uma renda aproximada de 400 dólares.

A gravação foi realizada no local de trabalho em 3 sessões, nos dias 28/06/89, 28/08/89 e 25/09/89. São 2 horas de gravação.

LUIZITO, uruguaio, 37 anos. Filho de pai trabalhador autônomo e mãe dona-de-casa. Tem 1 irmã. Casado há 6 anos com Gobi, uruguaia, de profissão enfermeira e que está realizando uma pós-graduação, nível de mestrado. Tem 3 filhos, 1 filha de 10 anos, de nacionalidade mexicana, e dois filhos gêmeos, uriguaios, de 7 anos (1 casal). Universitário, com mestrado concluído. Com várias profissões: engenheiro agrônomo, economista e professor universitário. Declara-se ateu. Vive há 2 anos no Brasil. Atualmente é estudante de pós-graduação em doutorado. No seu país é professor universitário. Viveu no México por 3 anos, local onde fez o mestrado. É naturalizado italiano, tendo solicitado esta cidadania no México pois teve negado seu passaporte de uruguaio. Mora em Campinas, no bairro Jardim Guanabara. Com uma bolsa de estudo de aproximadamente 225 dólares. (Voltou ao Uruguai e concluiu seu doutorado)

A gravação foi realizada em sua casa, no dia 06/04/89. A gravação durou 3 horas.



MARIA TEREZA, uruguaia, 46 anos. Filha de pai professor e mãe professora rural. Tem 3 irmãos. Solteira, com curso de pós-graduação, mestrado concluído no México. Saiu da cidade onde morava, Montevidéu, por motivos políticos; esteve presa, foi feito um sumário administrativo e perdeu seu cargo de professora universitária. Antes de sair, viveu dois anos realizando atividades de resistência clandestina ao regime militar. Viveu, como exilada, 5 anos na Venezuela (onde conseguiu naturalizar-se) e 5 anos no México (onde se asila como refugiada política); neste país foi estudante bolsista. Declarase atea. Atualmente realiza no Brasil um curso de pós-graduação, nível doutorado, e vive há 3 meses entre dois lugares, em Campinas e em São Vicente (litoral). Não é bolsista no Brasil e vive com uma renda aproximada de 700 dólares. No Uruguai é professora universitária. Já havia viajado várias vezes ao Brasil. Obs.: Atualmente mora no Uruguai.

A gravação foi realizada em São Vicente, especificamente na praia, no dia 18/06/89. São 2 horas de gravação.

MARIO MENDES, argentino, 51 anos. Filho de pais aposentados. Tem 2 irmãos. Desquitado e "casado" (não formalmente) novamente com Florencia, argentina, há 10 anos. Possui 2º grau completo, comerciante. Católico. Saiu de seu país de origem em 1979 por razões políticas, tendo chegado ao Brasil neste mesmo ano. Atualmente trabalha como autônomo, em comércio. Mora em SP, na Vila Madalena, com uma renda aproximada de 215 dólares.

A gravação foi realizada na sua casa, no dia 05/10/89, e durou 30 minutos (a gravação não foi concluída).

MAROTTA, argentino, 31 anos. Filho de pai funcionário público e mãe dona-de-casa e costureira. Tem 2 irmãos. Casado há 5 anos com Nima, argentina, advogada. Universitário, formação economista. No seu país é professor universitário. Chegou no Brasil em 1983 para realizar pós-graduação, nível mestrado, em economia (concluindo-a). Católico. Morou no Chile por 6 meses. Morava em Campinas (voltou para seu país de origem) no bairro de Guanabara. Com uma bolsa de mestrado de aproximadamente 180 dólares.

A gravação foi realizada em duas sessões. A 1ª na sua casa, no dia 20/08/89, e a outra sessão foi realizada na casa da pesquisadora, no dia 31/08/88. São 4 horas e 30 minutos de gravação.

MIGUEL, chileno, 32 anos. A mãe dona-de-casa e o pai funcionário público. Tem 4 irmãos. Casado com chilena, digitadora, há 8 anos. Pai de 1 filha chilena de 5 anos. Atualmente está separando-se. Estudou numa escola Politécnica, tem o 2º grau completo. Sua profissão é técnico especializado em tecelagem. Religião não definida. Chegou ao Brasil em 1985. Atualmente trabalha como operador de projetor de filmes, ganhando aproximadamente 85 dólares e mora em Campinas. Na época estava procurando casa para alugar.

A gravação foi realizada na casa da pesquisadora, em 3 sessões, nos dias 16/07/89, 19/07/89 e 04/08/89. São 4 horas no total.

MONICA, argentina, 38 anos. Os pais são professores. Tem 5 irmãos. Viúva, com um filho argentino de 15 anos. Universitária, de formação assistente social. Sem religião. Saiu em 1979 da Argentina por razões políticas; foi ativa militante política e morou por quase um ano no Paraguai. Chegou ao Brasil em 1980. Atualmente trabalha numa fábrica de empanadas argentinas, junto com Florencia e Mario Mendes. Mora em SP, no bairro de Vila Madalena. Com uma renda aproximada de 170 dólares.

A gravação foi realizada na casa dela, no dia 01/08/89, e durou 1 hora.

NIMA, argentina, 28 anos. Pais comerciantes. Tem 1 irmão. Casada há 5 anos com Marotta, argentino, economista e professor universitário, sem filhos. Universitária, advogada de formação, católica. Mora no Brasil há 5 anos e saiu de seu país de origem acompanhando o marido que faria pós-graduação. Atualmente está realizando pós-graduação em Antropologia. Morava em Campinas (voltou para a Argentina) no bairro da Guanabara, com uma bolsa de estudo de 180 dólares.

A gravação foi realizada em 2 sessões na casa dela, nos dias 06/07/88 e 26/10/88, durando aproximadamente 3 horas e 30 minutos.

PIERRE BELOUCHE, uruguaio, 34 anos. Filho de pai médico e mãe dona-de-casa. Tem 5 irmãos, 3 homens e 2 mulheres. Solteiro, tem um relacionamento há 6 anos com uma arquiteta e decoradora brasileira. Ingressou na universidade, todavia não concluiu o curso. Trabalha atualmente como fotógrafo e gerente de vendas de tapetes persas. Declarou-se espírita Kardecista. Mora no Brasil há 13 anos, esteve 6 meses nos EUA quando tinha 16 anos. Atualmente mora em SP. Com uma renda de aproximadamente 1500 dólares.

A gravação foi feita no seu local de trabalho, no dia 22/08/89, tendo durado 2 horas.

PEDRO, uruguaio, 37 anos. Filho de pai comerciante e mãe costureira. Tem 1 irmão. Casado há 17 anos com Violeta, uruguaia, comerciante. Pai de 2 filhos, uma filha de 16 anos, uruguaia, e um filho de 10 anos, brasileiro. Coursou até o 2º grau completo no Uruguai. Atualmente trabalha no Brasil como comerciante, fora da cidade de Campinas. No país de origem foi metalúrgico e militante de esquerda, vivia em Montevideu. Saiu de seu país por perseguição política. Seu exílio foi vivido no Brasil, mora há 13 anos aqui, e vários desses anos foram vividos na situação de semiclandestino. Declara-se ateu. Atualmente mora em Campinas, no bairro de Vila Industrial, com renda aproximada de 400 dólares.

A gravação foi realizada na casa da pesquisadora com a presença de sua esposa, do marido da pesquisadora e dos filhos do casal, no dia 05/07/89. A duração foi de 1 hora e 30 minutos.

PACO, chileno, 39 anos. Sua mãe é dona-de-casa, viúva, e seu pai foi funcionário da Marinha. Tem 2 irmãos. Desquitado, foi casado com brasileira, professora de 2º grau, por 12 anos. Tem uma filha brasileira de 4 anos. Coursou a universidade, porém não finalizou seus estudos. Atualmente trabalha como representante técnico no Brasil. Saiu do Chile em 1973 por razões políticas; morou por 3 anos na Argentina. Mora no Brasil (desde 1976) há 14 anos. Mora em Campinas, no Centro. Com uma renda aproximada de 430 dólares.

A gravação foi realizada na casa da pesquisadora em 2 sessões, nos dias 12/07/89 e 17/07/89, tendo durado 2 horas e 30 minutos.

PETISA, argentina, 44 anos. Filha de pai comerciante e mãe dona-de-casa. Tem 2 irmãs. Foi desquitada, e agora é casada com Juanito de la Ribera, argentino, comerciante, há 20 anos. Tem 3 filhos argentinos: do 1º matrimônio, 1 menina de 22 anos, e do 2º, um filho de 9 e uma menina de 14 anos. Universitária, de formação em psicologia. Declara-se atáia. Atualmente trabalha como psicanalista e realiza um doutorado em lingüística. Está no Brasil desde 1980. Atualmente mora em Campinas, no bairro Cambuí, com uma renda aproximada de 1500 dólares.

A gravação foi realizada em 2 sessões, na casa dela, nos dias 15/07/89 e 23/07/89. São no total 3 horas de gravação.

RIOPLATENSE, uruguaia, 34 anos. Filha única, de mãe dona-de-casa e pai funcionário público, já falecido. "Solteira", mas tem um relacionamento de 17 anos com um uruguaio, corretor de imóveis. Nasceram 2 filhos, uma filha é argentina, de 10 anos, e o outro filho é brasileiro, de 8 anos. Universitária, realizou seu curso de turismóloga no Brasil. Trabalhava num museu. Declara-se atea. Mora no Brasil há 13 anos, antes morou por 2 anos na Argentina. Mora em Campinas, no bairro Taquaral, com uma renda aproximada de 150 dólares. (Agora está fazendo um curso de mestrado.)

A gravação foi realizada na casa dela, várias das vezes com a presença de seus filhos e marido. Ao todo foram 4 sessões realizadas nos dias 21/06/88, 01/07/88, 20/07/88 e 18/08/88. São 4 horas de gravação.

RODRIGO, chileno, 41 anos. Filho de pais funcionários públicos. Dois irmãos. Casado com Luciérnaga, enfermeira, há 20 anos. É pai de duas filhas de 15 e 18 anos, uma de nacionalidade chilena e a outra norte-americana. Universitário, doutorado em física, de profissão professor universitário e pesquisador. Sem nenhuma religião. Saiu do Chile em 1973 para fazer doutorado nos EUA, e lá morou por 2 anos. Nessa época ocorreu o golpe de estado e perdeu seu cargo de professor universitário por razões políticas e pela reestruturação acadêmica que foi realizada pelos militares nas Universidades chilenas. Morou por 1 ano na França e mora no Brasil há 13 anos, dando aulas na universidade e realizando pesquisas. Atualmente mora em Campinas, no bairro da Cidade Universitária. Com uma renda aproximada de 750 dólares.

A gravação foi realizada em 3 sessões, todas no local de trabalho dele, nos dias 12/07/89, 19/07/89 e 04/08/89. Somando quase 3 horas de gravação.

ROLANDO, chileno, 33 anos. Filho de pais separados, psicólogos, profissionais. A mãe casada pela 2ª vez e o pai pela 5ª vez. Tem 10 irmãos. Separado e "casado" novamente, hoje está com uma brasileira e tem 1 filho desta nacionalidade, neste casamento. Do primeiro, tem 3 filhos argentinos. Sua profissão é a de mestre em artes marciais e terapeuta ocupacional. Declara-se ateu. Morou na Argentina por 10 anos. Chegou ao Brasil em 1987. Atualmente trabalha como professor na sua academia esportiva. Mora em São Paulo.

A gravação foi realizada no seu local de trabalho, no dia 22/08/89, e durou 1 hora e 30 minutos.

TECHY, chilena, 37 anos. Seus pais são funcionários públicos. Tem 2 irmãos. Casada há 17 anos com um chileno, técnico. Mãe de 2 filhos, uma menina chilena de 15 anos e um menino brasileiro de 7 anos. Universitária, formada em , de profissão professora. Católica. Mora no Brasil há 11 anos, e saiu acompanhando seu marido. Atualmente está realizando 2 mestrados. É professora de espanhol no 2º grau numa escola Estadual. Ainda sua contratação não está totalmente regularizada já que teve de solicitar sua naturalização para ser contratada como funcionária pública estadual. Mora em Guarulhos, na região central, com uma renda de 150 dólares.

A gravação foi realizada na sua casa com a presença dos filhos, no dia 01/08/89, e durou cerca de 1 hora e 30 minutos.

VIOLETA, uruguaia, 37 anos. Filha de pai funcionário público e mãe professora. Tem 3 irmãos, 1 mulher e 2 homens. Casada, há 17 anos, com Pedro, uruguaio, comerciante. Mãe de 2 filhos, uma filha de 16 anos e um filho de 10 anos, ela uruguaia e ele brasileiro. Kursou o 2º grau completo em seu país de origem; vivia em Montevideu. Saiu do país acompanhando seu marido, exilado político. Vários membros de sua família (irmãos) foram presos e depois exilados. Mora há 13 anos no Brasil. Atualmente realiza as atividades de dona-de-casa e comerciante. Declara-se atea. Mora atualmente em Campinas, no bairro de Vila Industrial, com uma renda aproximada de 400 dólares.

A gravação foi realizada na casa da pesquisadora, com a presença do marido, dos filhos e do marido da pesquisadora, no dia 05/07/89, e durou 1 hora e 30 minutos.

## 2. O cenário: Brasil e as cidades de São Paulo e de Campinas.

### B R A S I L

A "redentora", "salvadora" ou, simplesmente, o golpe de 1º de abril, contou com uma grande rede organizativa, nacional e internacional. O IPES<sup>14</sup> (que com o IBAD formavam um complexo com o objetivo de articular e tomar o poder através do golpe de Estado de 1964) tinha organizações congêneres na América Latina. Prova disso é a declaração do embaixador Korry, que serviu no Chile, de que "as técnicas empregadas no Brasil foram utilizadas no Chile dez anos mais tarde, com efeito devastador", ou seja, o clima de desastre econômico e de convulsão social foi estimulado por IPES/IBAD(s) de outros países, como o Uruguai, a Bolívia, a Argentina etc. (DREIFUSS, René A. 1981:489).

Desde logo mobilizada para destruir ou subordinar os movimentos populares, "a redentora" vigiava "para evitar o surgimento de novas organizações populares" (BRANT, Vinícius C. 1980:13).

Editava, sem restrições, Atos Institucionais e Atos Complementares (para fins de execução dos Atos Institucionais) cuja "peculiaridade (...) consistia em que as medidas tomadas com base nos seus dispositivos, bem como os efeitos gerados por tais medidas, ficavam excluídas de apreciação judicial", sempre para resguardar a "segurança nacional" (VELASCO E CRUZ, Sebastião L. & MARTINS, Carlos Estevam. 1983:38).

O arcabouço jurídico nefasto criado pela ditadura não se contentava apenas com os dolorosos A-I (Atos Institucionais), mas acrescentava, através do governo do gen. Médici (o período mais discricionário do regime), o decreto-lei que concedia ao "presidente" da República o direito de editar decretos secretos (ALMANAQUE ABRIL. 1991:73).

"Ninguém segura este país", "Brasil grande", "Brasil: ame-o ou deixe-o" foram "slogans" deste período.

As empresas multinacionais entraram em ótimas condições para sua implantação e expansão, ao mesmo tempo em que se

comprimiam ao salários dos trabalhadores, que eram impedidos de se manifestar. Enquanto crescia o PIB de 1968 a 1973 da ordem de 10%, a concentração de renda aumentava significativamente.

Por outro lado, os chamados "órgãos de segurança" muitas vezes se autonomizaram em relação à própria ordem autoritária e não prestavam contas de seus atos a ninguém (VELASCO E CRUZ, Sebastião L. & MARTINS, Carlos Estevam. 1983:39).

Dado seu caráter de Estado mais forte da região, o Brasil passou a exportar sua pedagogia da tortura (TOURAINÉ, A. 1989: 432-433). Determinadas técnicas eram nacionais, como o pau-de-arara; porém, outras foram trazidas para o país por norte-americanos que lecionavam para os "órgãos de segurança".

O objetivo ao criar o maior índice de medo por metro quadrado era a subserviência e o consentimento, disciplinados pelo terror, pela "razão de Estado". A tentativa de reação armada à ditadura, por sua vez, é dizimada pelo gigantesco aparato repressivo. A censura<sup>15</sup> e a repressão não tinham limites e tudo parecia levar a crer que o regime com o "boom" econômico prolongado se eternizaria.

É necessário frisar, não obstante, que "não houve semana, mesmo nos períodos de mais dura repressão, em que o regime não fosse alvo de algumas manifestações de repúdio em São Paulo" (BRANT, Vinícius C. 1980:22). E o "bloqueio dos canais institucionais de representação popular (...) estimulou o uso dos laços primários de solidariedade na sobrevivência diária da população. Relações de vizinhança, parentesco, compadrio ou amizade permitiam a proteção imediata dos indivíduos diante de um clima social de medo. Foi em boa parte o desenvolvimento desses laços diretos entre pessoas que deu origem a vários movimentos de base". (Ibidem, p.13) Articulava-se, então, uma resistência de maior envergadura contra o "sistema".

Mas mesmo o "milagre brasileiro" encontrou seu esgotamento,

por fatores internos e externos.<sup>16</sup>

Avolunavam-se os problemas para o regime. Sob o gen. Geisel, foram realizadas as eleições de 1974 (que marcaram uma estrondosa derrota do governo), 76 e 78, e elas fizeram a imaginação do regime fervilhar e produzir os "biônicos" (indicados pelo governo) deputados e senadores para manter sempre a maioria, a despeito dos votos obtidos nas eleições; além da usual cassação de deputados opositores e o fechamento do Congresso etc.

17

Era o famoso "pacote de abril" de 1977. O regime respondia, então, como sempre, arbitrariamente.

A greve do ABC, no entanto, foi mais um ingrediente na perda de controle, uma variável que fugia à manobra do "sistema". Ademais, em 1978, "ano de luta pela anistia, da constituição no discurso público da figura do 'preso político' (em contraposição à do terrorista, 'preso de direito comum', fórmulas estigmatizantes que o poder insistia em afirmar); da ampla difusão de informações sobre o mundo do exílio, os seus grandes e pequenos dramas, suas angústias e esperanças; do lento retorno dos cassados, banidos e exilados, os quais, embora ausentes, voltavam a habitar as páginas do noticiário político". (VELASCO E CRUZ, Sebastião L. & MARTINS, Carlos Estevan. 1983:59)

E os setores liberais, que fustigavam o governo, temendo pela repercussão do movimento social emergente, passaram a aplaudir o projeto de abertura (Ibidem, p.60).

Assume o gen. Figueiredo. Chega Maio. E o maio de 1980 encontrava-se no ABC com uma greve de metalúrgicos de um mês de duração. 6 mil policiais armados tinham ordens de impedir qualquer concentração. Milhares de pessoas querendo agrupar-se para comemorar o Dia do Trabalhador estavam dispersas. A tensão aumentava a cada minuto. Foi quando ordens de Brasília, receando enfrentamentos de al-



cance imprevisível, permitiram a concentração. 120.000 pessoas: a concentração que seria a maior até então desde a implantação do regime militar (SADER, Eder. 1988:27-29).

A economia entra num período recessivo (início dos anos 80), são presos sindicalistas (1982), embora o general continue prometendo abertura.

Porém, no final de 1983, em 27 de novembro, patrocinada pelo Partido dos Trabalhadores, realiza-se em São Paulo a primeira manifestação pela eleição direta do sucessor do gen. Figueiredo, reunindo cerca de 15.000 pessoas. Seria o estopim da Campanha das Diretas já (1984), considerado o maior movimento de massas da história do país. Milhões de pessoas reúnem-se nas praças de todo o Brasil. No entanto, através de medidas repressivas (estado de emergência em Brasília, Goiânia e mais 9 municípios) o governo procura intimidar o Congresso na votação da Emenda Dante de Oliveira que previa eleições diretas para presidente a 15/01/1985. A emenda é derrotada na Câmara (faltando 22 votos para sua aprovação), não chegando a ser apreciada pelo Senado.

É aí que se desenhou a conciliação pelo alto: as elites que se opunham ao regime, mas também aos movimentos populares, cerraram fileiras com Tancredo Neves (eleito, mas que não chegou a tomar posse devido a doença e posterior falecimento), para jogar no campo do governo (o Colégio Eleitoral, há pouco qualificado pelos liberais como "ninho de escorpiões") e afastar a possibilidade de continuar o movimento popular a pressionar por eleições diretas.

Nessas circunstâncias toma posse José Sarney, vice de Tancredo.

Uma Assembléia Constituinte (não exclusiva) é convocada, os planos econômicos para estabilizar a economia (Cruzado I e II, Bresser, Verão etc.) se sucedem cada vez mais amíúdc. A votação expres-

siva da esquerda em 1988 surpreende. É a eleição, entre outros, de uma mulher, Luiza Erundina, nordestina, socialista na maior cidade da América Latina, São Paulo.

E aí as atenções passam a se concentrar nas eleições presidenciais de 1989.

Disputam Fernando Collor de Mello e Luís Inácio da Silva, o Lula. Collor é eleito (ele que fora fabricado por técnicas de "marketing" norte-americanas, mais o suporte do maior meio de comunicação do país (a Rede Globo), a contra-informação gerada por este e outros meios da mídia, num país de um número expressivo de analfabetos e semi-analfabetos e outros tantos desinformados); é o que a burguesia desejava para conter as forças populares, representadas na candidatura de Lula.

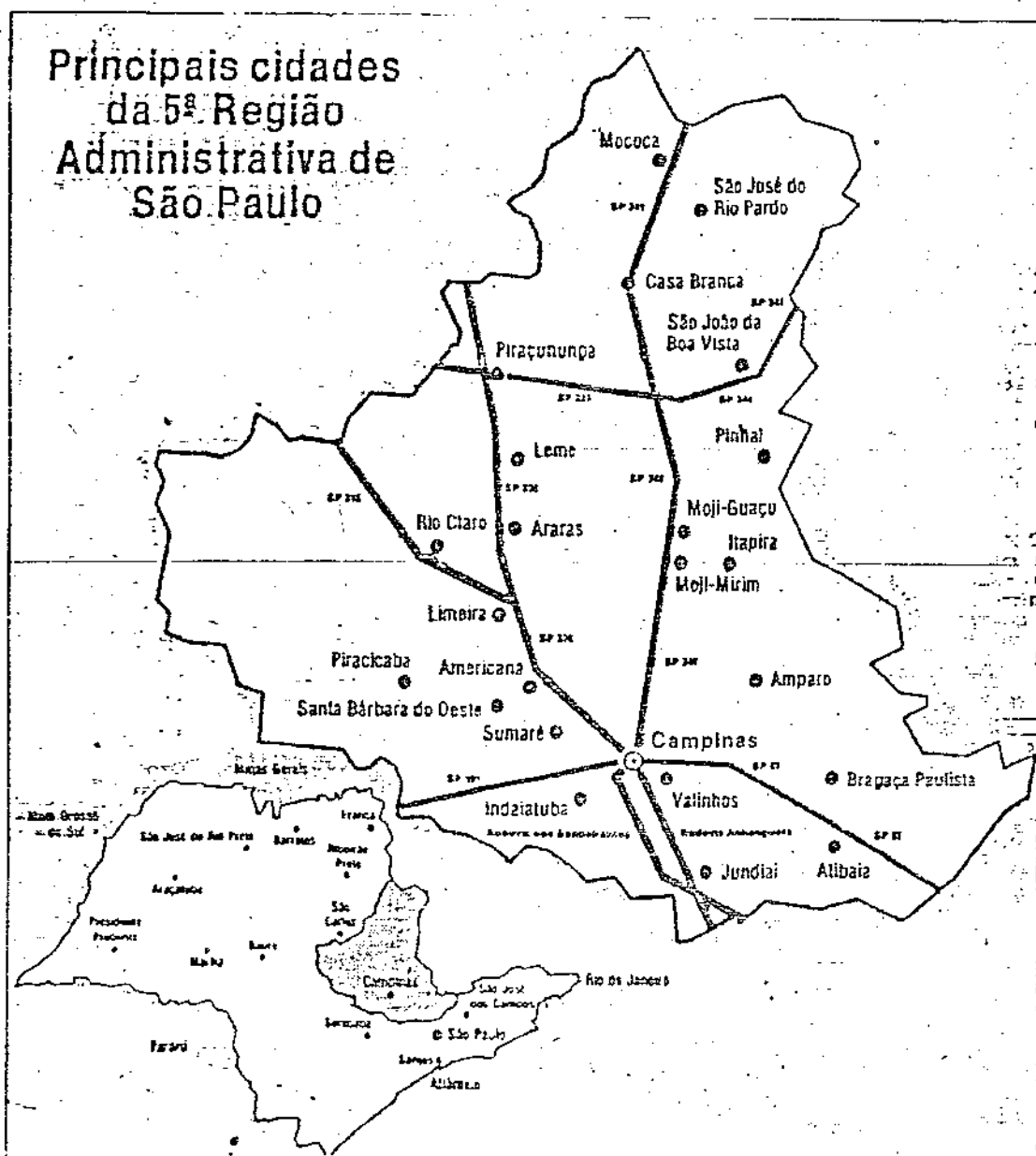
Collor presidente, sabemos, tem sido o exercício de laboratório constante com o país. Dois planos econômicos; Collor I e II. Resultados: recessão, desemprego, miséria e um grande desalento.

#### CAMPINAS

Bairro de Mato Grosso (assim chamado devido à frondosa floresta secular que encobria aquele lugar), Campinas do Mato Grosso, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas (1774), Vila de São Carlos (1797), São Carlos-Comarca de Campinas (1832), e elevada à categoria de cidade através da Lei nº 5, de 5 de fevereiro de 1842, com o nome de Campinas, cidade que teve na produção (mão-de-obra escrava) e exportação do açúcar (Séc.XVIII) a ignição do motor econômico que a levaria no final do século XIX a se tornar uma importante região cafeeira que recrutava, via subvenção governamental, trabalhadores europeus ("braços-livres") de mão-de-obra adequada para atender a demanda de trabalho existente nas grandes plantações e que, posteriormente, com a expansão recente atrairia

migrantes de baixa renda. Assim, "a expansão dos serviços e do comércio locais, somada à expansão agrícola, tornou Campinas um centro tradicional de atração de mão-de-obra e propiciou, mais tarde, a implantação do parque industrial que aqui se desenvolveu a partir dos anos 50 e se intensificou nas décadas de 60 e, principalmente, 70" (MATTOS TAUBE, Maria J. 1986:76).

Mas qual é a Campinas atual?



FONTE: Boletim do Dieese. Perfil econômico de Campinas e Região. (s/d:10).

Campinas possui cerca de 900 mil habitantes. Com um dos maiores PIB do Brasil, a cidade teve uma taxa de crescimento industrial entre 10% e 12% nos últimos anos, superando as taxas estadual e nacional. Terceira praça cambial e bancária do país (em compensação de cheques) e quarta em relação ao número de agências (dados do Dieese), ela é na prática uma metrópole.

É isto tudo é resultado de uma política de descentralização industrial que incentivava através de uma série de medidas e benefícios (incentivos fiscais, política agrícola complementar, política de formação de mão-de-obra etc.) às empresas que quisessem se transferir ou se instalar nas cidades do interior evitando assim a região metropolitana.

Deve-se acrescentar, ainda, sua diversidade cultural, a presença de duas universidades (Unicamp e Puccamp), os Centros de Pesquisa e a criação do CIATEC (Centro Integrado de Alta Tecnologia), cujo objetivo é estimular a instalação de empresas de alta tecnologia numa área comum para a formulação de dois pólos "Hi-Tech", como sinais de pujança desta cidade.

Por outro lado, devido ao crescimento ditado pelo funcionamento cego dos mecanismos de mercado, Campinas tem também sua face cruel e desumana, seus contrastes sociais que marginalizam e segregam a massa de trabalhadores que vivem em condições infra-humanas nas periferias, seguindo o (mal) exemplo da metrópole paulistana (Ver SINGER, Paul. In: São Paulo: Crise e Mudança. s/d: 9).

### S Ã O P A U L O

• Condições climáticas mais agradáveis do que as do litoral para os colonizadores europeus, circunstâncias econômicas de os índios servirem de mão-de-obra abundante, terreno plano de percurso fácil (em oposição à topografia acidentada da serra) e próximo

do litoral, fundação do Colégio dos jesuítas (25/1/1554) em posição estratégica esplêndida (alto de uma colina) protegido de movimentos inimigos (ao contrário da Borda do Campo, que "erguia-se na orla da mata, sem defesa natural alguma e exposta por isso a ataques súbitos e imprevistos"), a proximidade de um rio (no caso o Tietê), são algumas das "circunstâncias históricas imediatas e particulares que determinaram a preferência por São Paulo", além, é claro, do "fato geral da superioridade física de sua localização como causa determinante principal da fixação nele do primeiro centro colonial do planalto paulista". (PRADO JR., Caio. 1989:19)

Há outros fatores conjugados que concorrem a seu favor. Centro natural do sistema hidrográfico da região (vias naturais de comunicação que são os rios), o que possibilita o intercâmbio das populações que se estabelecem à margem dos rios, possuindo também um relevo de terrenos mais ou menos planos sem as dificuldades de penetração das florestas tropicais. E o que é importantíssimo: o Caminho do Mar (ponto de contato entre o litoral e o planalto interior para as trocas de suprimentos, importação e exportação). Todavia a descoberta do ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso interrompe a expansão colonizadora da cidade além de despovoá-la (Séc. XVII), e a reorganização econômica ocorrerá no século XIX. O que se esboça é São Paulo como eixo a partir do qual as artérias de viação se irradiam. E, embora não tenha uma terra rica, a expansão do açúcar e do café (em regiões tributárias de São Paulo) irá beneficiá-la. Por outro lado, o sistema ferroviário (dela vão irradiar as novas vias de comunicação), trazem também os fazendeiros e grandes proprietários, que pelo acesso dos trilhos podem, conjuntamente, cuidar de suas terras e desfrutar o conforto de um grande centro. E a hegemonia paulista iria se consolidar pelo fato de as indústrias se localizarem na capital (por ser centro econômico do Estado e próximo ao porto de Santos, de onde obtinham matéria-prima importada e maquinária, essenciais para o desenvolvimento) e haver a energia hidráulica do Tietê (Ibidem, p.19-37).

São elementos e circunstâncias que fizeram de São Paulo a

gigante em que acabou por se transformar.

É interessante observar, porém, a repercussão dos conflitos e das Guerras Mundiais sobre a imigração neste período e a construção de uma cidade com um notável crescimento demográfico e multirracial. Acompanhemos Caio Prado Jr. (1939):

"Se a industrialização foi a mola mestra do desenvolvimento urbano de São Paulo neste último meio século em que a cidade passou para o rol dos grandes centros urbanos contemporâneos, é a imigração estrangeira que, fornecendo-lhe a maior parte do elemento humano, contribui sobretudo para aquele seu notável crescimento demográfico, (...) podemos avaliar aquela contribuição pela nacionalidade dos seus habitantes. O recenseamento de 1949 apresenta os seguintes resultados:

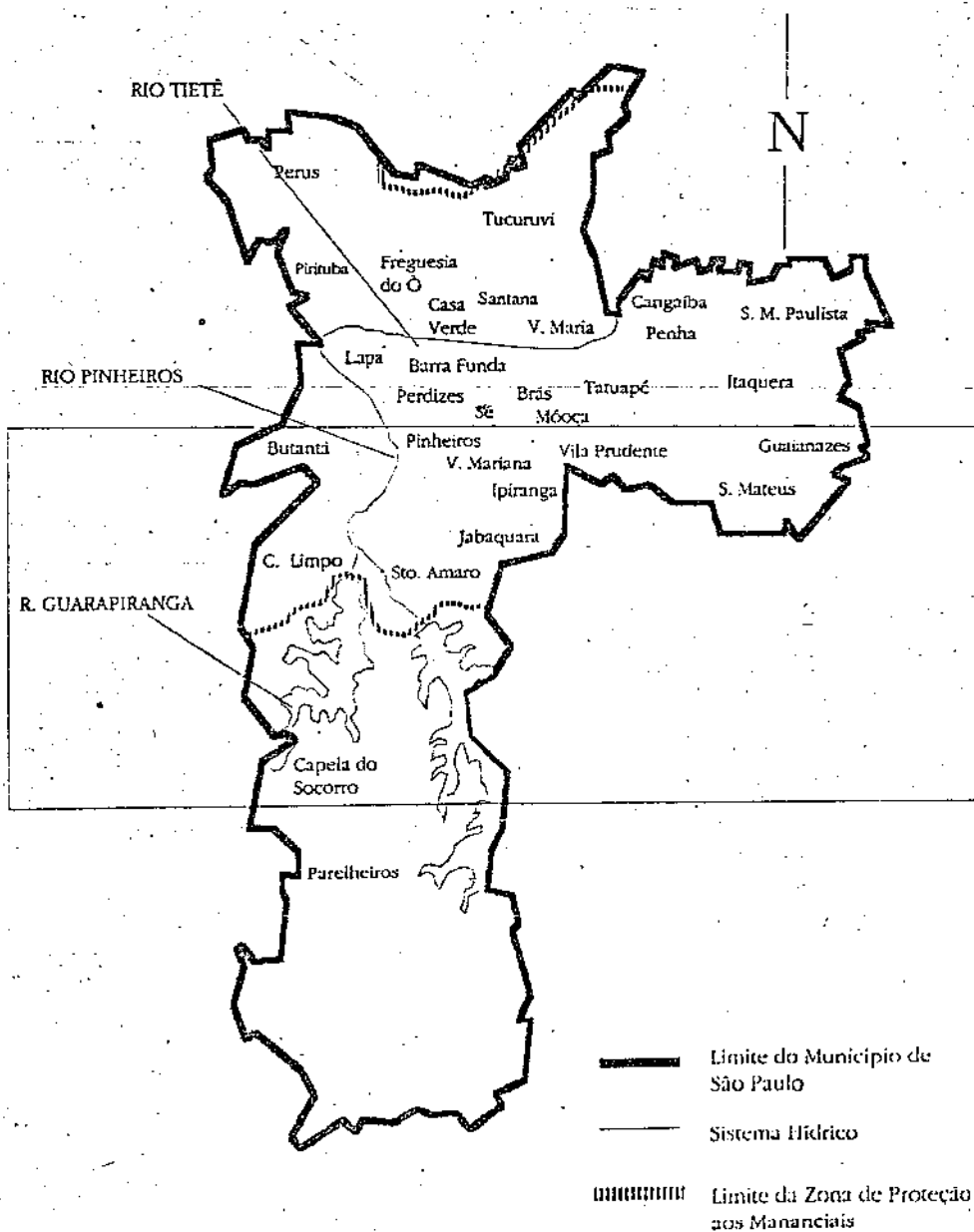
Brasileiros	-----955.173	72%
Estrangeiros	<u>371.088</u>	28%
	1.326.261	

Se computarmos os filhos de estrangeiros, chegamos à conclusão que a maioria da população paulistana é hoje estrangeira ou de recente origem estrangeira. São Paulo forma assim um destes típicos centros cosmopolitas que resultaram do fato mais saliente do século passado até princípios do atual, e que é o enorme deslocamento humano que então se verificou da Europa para a América." Guardando relação, portanto, com grandes cidades norte-americanas, com Buenos Aires e, em menor proporção, com Montevideú. "Sem aquelas fortes correntes imigratórias, a cidade não seria certamente o que é. (...) De um lado, os fatores que chamarei internos, e que são a localização da cidade no centro natural e ponto de convergência de uma grande região altamente favorável ao desenvolvimento e progresso do homem. (...) A outra causa seriam os fatores gerais que, na distribuição da imigração européia na América, escolheram para pontos de concentração certos setores privilegiados entre os quais

ura esta parte meridional do Brasil, e São Paulo em particular" (idem, p.59-61).

Iremos, agora, passar dessa visão histórica para alguns dados estatísticos recentes, onde encontraremos muitos problemas a serem resolvidos nesta cidade.

### MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



In: São Paulo: crise e mudança. S.P., Brasiliense, (s/d:12), vários autores.

Num Estado de 248.255,7 km<sup>2</sup> de área, 33.069.900 (1990) de habitantes e com 572 municípios (dez.1987), a cidade de São Paulo, fundada em 25/1/1554, ocupa 1.493 km<sup>2</sup> e tem uma população de aproximadamente 9.500.000 habitantes (1990) e 13.130.200 (est. para o ano 2000).

Cidade superlativa em quase tudo, na riqueza e na pobreza:

São 124 cinemas (1990), 68 teatros (1990), 13 emissoras de AM e 20 de FM (1985), 7 emissoras de TV (1985), 12 jornais diários (1990), 545 hotéis (1990), 4.280.572 terminais telefônicos (1986) (IN: ALMANAQUE ABRIL. 1991:50).

1592 favelas, com 150.000 barracos e 820.000 habitantes, 8% do total da população do município (1987)<sup>18</sup> e 3.000.000 de pessoas encortigadas (est. p/1990)<sup>19</sup>. Podemos observar ainda um dado mais estarrecedor, qual seja o fato de a maioria dos habitantes de São Paulo do início do século morar em cortiços (IN: KOWARICK, L. (org.) 1988:50).

E as contradições, como o crescimento da cidade, são gigantescas: diferenças sociais gritantes que podemos encontrar, bem próximos, bolsões de Quarto Mundo e, logo adiante, ilhas de Primeiro Mundo.

Com uma proporção de famílias pobres da ordem de 42,1% (1987) na região metropolitana de São Paulo, onde a renda familiar da população desta região "era de US\$ 550 em 1977 e, em 1987, esta cifra decrescia para 290 dólares",<sup>20</sup> tendo sua participação no PIB decrescida em função, também, do crescimento de outras regiões, e uma esperança de vida média de 68,20 anos,<sup>21</sup> a cidade vem perdendo emprego industrial, como nos alerta Paul Singer, representado pelo "êxodo de indústrias para outras cidades do Estado, a queda rápida de seu ritmo de crescimento populacional e o empobrecimento de grandes parcelas de sua pequena burguesia e de seu proletariado".<sup>22</sup>



No entanto, ela transforma-se em "centro comercial e de serviços altamente diversificado e sofisticado que atinge um raio nacional e continental".<sup>23</sup>

As carências vão aumentando, entretanto, num mesmo diapasão devido à recessão contínua.

É um dos desafios de uma cidade com problemas dessas dimensões é tornar acessível à grande maioria a qualidade de vida digna, criando as condições para que a cidadania possa existir de fato.<sup>24</sup>

São nestas cidades contraditórias, de riqueza e pobreza acentuadas, que chegaram estes estrangeiros peregrinos do Cone Sul.

Cidades de tamanho (físico e populacional) muitas vezes assustador, com a violência intensa, mas que ao mesmo tempo se revelavam um refúgio (profissional e/ou político), e que foram caminhos transitados por nós e eles.

Alguns regressaram a seus países de origem, outros permaneceram por aqui, e ambos os grupos querendo reconstruir suas vidas.

## NOTAS DO CAPÍTULO I

- (1) Nesta etnografia, Bronislaw Malinowski nos relata a sua experiência de trabalho de campo:

"Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Tendo encontrado um lugar para morar no alojamento de algum homem branco — negociante ou missionário — você nada tem para fazer a não ser iniciar imediatamente seu trabalho etnográfico. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar — pois o homem branco está temporariamente ausente ou, então, não se dispõe a perder tempo com você." (1976:23)

- (2) Fomos também a São Vicente, Guarulhos e Carapicuíba. Nestas 3 cidades entrevistamos 3 latino-americanos; 1 trabalhava em São Paulo; 1 estudava em Campinas e 1 trabalhava e estudava em São Paulo.

- (3) Esses contatos podem ser visualizados a partir da seguinte tabela:

CONTATO REALIZADO ATRAVÉS DE:		
	TOTAL	%
No círculo de amizade e de parenta da própria pesquisadora (amigos, conhecidos e marido)	6	18,75
De outros amigos e conhecidos da pesquisadora (que indicaram)	8	25
Dos próprios sujeitos pesquisados (amigos - 14 parentes - 4)	18	56,25
TOTAIS	32	100%

- (4) Através do seguinte quadro podemos acompanhar este processo:

CONTATOS PRÉVIOS PARA CONFIRMAR A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA				
TIPO DE CONTATO	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
Contato pessoal	4	8	12	37,50
Contato telefônico	9	3	12	37,50
Contato pessoal e telefônico	2	6	8	25
TOTAIS	15	17	32	100%

- (5) Há 6 casais no grupo (2 uruguaios, 3 argentinos e 1 chileno). Eles foram entrevistados individualmente, o que nos possibilitou a reconstituição de dados de forma mais clara, pois ocorria o fato de alguns deles omitirem dados relevantes. Apenas 1 gravação foi realizada em conjunto, pelo casal argentino Florencia e Mario Mendes (ele não concluiu toda a entrevista). Outra gravação que havia sido começada por duas amigas, Jaqueline e Elsa, chilenas que vieram juntas ao Brasil, não foi concluída por Elsa devido à disponibilidade de tempo limitada, o que fez com que ela não participasse do universo desta pesquisa.

- (6) Os outros casos podem ser acompanhados na seguinte tabela:

Nº DE SESSÕES DE GRAVAÇÕES DOS DEPOIMENTOS				
Nº	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
1 sessão	9	10	19	59,375
2 sessões	4	4	8	25,0
3 sessões	2	2	4	12,5
4 sessões	-	1	1	3,125
TOTAIS	15	17	32	100%

(7) Em relação aos horários de gravação, acompanhemos a seguinte tabela:

HORÁRIO DA GRAVAÇÃO				
HORÁRIO	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
DE MANHÃ	5	2	7	21,875
DE TARDE	7	9	16	50
DE NOITE	3	4	7	21,875
DE TARDE E DE MANHÃ	-	2	2	6,25
TOTAIS	15	17	32	100

(8) Em relação aos locais de gravação, consultar a seguinte tabela:

LOCAL ONDE SE REALIZOU A GRAVAÇÃO				
LOCAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
No lar do pesquisando	4	11	15	46,875
No local de trabalho do pesquisando	7	2	9	28,125
Na casa da pesquisadora	3	2	5	15,625
No lar do pesquisando e na casa da pesquisadora	1	-	1	3,125
No local de trabalho e na casa da pesquisadora	-	1	1	3,125
Outro local (praia)	-	1	1	3,125
TOTAIS	15	17	32	100

- (9) Sobre o momento da gravação, consultar a tabela abaixo:

O MOMENTO DA GRAVAÇÃO DO DEPOIMENTO				
O MOMENTO	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
Sozinhos (a pesquisadora e o pesquisando)	6	3	9	28,125
Na presença de outras pessoas (amigos, filhos, marido, esposa etc.)	4	5	9	28,125
Na presença de outros e com constantes interferências (telefone, campanha e outros)	3	2	5	15,625
Sozinhos porém com interferências (telefone, companhia, filhos etc.)	2	7	9	28,125
TOTAIS	15	17	32	100%

- (10) Curiosamente, até agora não consegui encontrar nenhum estudo linguístico que trate do fenômeno do "portunhol".

- (11) Sobre a importância da amizade no processo da relação antropológico-pesquisados, consultar o artigo de MINTZ, Sidney (1984).

(12)

Diferentemente do Brasil, tanto na Argentina, como no Chile e Uruguai, houve uma política de democratização do acesso às universidades, possibilitando o ingresso expressivo de filhos de operários e classe média baixa. Esse fenômeno pode ser comparado e visualizado a partir da seguinte tabela, que indica a evolução universitária de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai.

#### Indicadores de la evolución universitaria en cuatro países

País	TBEU(1)	Número (2) matriculados	Número egresados	Personal docente
<b>Argentina</b>				
1950	5.2	85.927	—	—
1960	11.3	173.935	9.731	8.619
1970	14.2	293.302	23.991	24.061
1975	22.9	572.045	31.675(6)	42.204
1980	17.4	487.473	26.277(6)	46.267
1983	19.6	580.626	—	56.089
<b>Brasil</b>				
1950	0.9	—	—	—
1960	1.5	95.691	17.577	21.912
1970	5.3	430.473	64.049	54.389
1975	10.1	1.089.808	138.073(7)	92.546
1980	11.6	1.409.243	—	109.788
1983	11.4	1.436.287(4)	229.856(4)	121.954(4)
<b>Chile</b>				
1950	1.6	14.917	—	—
1960	4.0	24.703	2.163	6.397
1970	9.4	78.430	8.255	—
1975	14.7	146.451	11.738	11.419(8)
1980	13.1(3)	118.978	17.685	9.086(8)
1983	15.7	186.318(5)	19.114	10.372(9)
<b>Uruguay</b>				
1950	5.7	—	—	—
1960	7.7	15.320	507	—
1970	10.0	21.200	—	—
1975	11.5	32.627	1.703	2.332
1980	12.5	34.044	2.297	3.847
1983	16.9	50.151	2.453	4.349

(1) Tasa bruta de escolarización universitaria; representa el número de matriculados por cada 1.000 jóvenes entre 20 y 24 años de edad.

(2) Se refiere a la matrícula total del sistema de enseñanza superior, universitaria y no-universitaria.

(3) TBEU corresponde a matrícula exclusivamente universitaria hasta 1980. (Reflejada en la columna de número de matriculados). Para 1983 ver nota (5).

(4) Estimación para el año 1982.

(5) Matrícula del conjunto del sistema de enseñanza superior, universitaria y no-universitaria.

FONTE: BRUNNER, Jose Joaquín & BARRIOS, Alicia (1987:41)

Outros dados, fazendo uma análise histórica das políticas e sistemas da educação superior, podem ser consultados no mesmo livro (Ibid. p.40-54).

Na seguinte tabela, podemos consultar importantes dados sobre educação nesses quatro países.

PAÍSES	ANALFABETISMO	ESCOLAS PRIMÁRIAS UNIVERSIDADES E SECUNDÁRIAS		PARCELA DO ORÇAMENTO GASTA EM EDUCAÇÃO
Argentina	4,5% (1985)	31.680 (1985) Matrícula de alunos 6.495.256 (1985)	52 (1985) 664.200 alunos (1985)	9,5% (1984)
Brasil	17,6% (1988)	211.785 30.160.224 alunos (1988)	855 (1986) 1.418.196 alunos (1986)	6,6% (1988)
Chile	5,6% (1983)	10.263 (1984) 2.818.389 alunos (1987)	24 233.148 alunos (1988)	14,2% (1986)
Uruguai	4,7% (1985)	2.692 (1985/86) 554.178 alunos (1985/86)	1 universidade e 88 estabelecimentos de nível superior 63.734 alunos (1984)	6,9% (1986)

FORNTE: Almanaque Abril 1991

- (13) Alguns dados sobre a composição étnica destes países podem ser acompanhados a partir da seguinte tabela.

<u>PAÍSES</u>	<u>COMPOSIÇÃO ÉTNICA</u>
Argentina	97% da população são de origem europeia (principalmente espanhola e italiana). As "minorias" são de ascendência árabe, indígena e mestiça.
Chile	68% da população é de origem indígena-espanhola; 30% de origem europeia (principalmente espanhola; no sul do Chile há um número expressivo de descendentes de alemães); 2% de origem indígena.
Uruguai	90% da população de origem europeia (principalmente espanhola e italiana); 10% é constituída por mestiços, mulatos e negros.

FONTE: Almanaque Abril 1991.

Outros dados sobre a situação atual dos indígenas nestes países podem ser acompanhados a partir de dois textos: Rodolfo Stavenhagen. Los movimientos étnicos indígenas y el Estado Nacional en América Latina. E Andrés Serbin. Etnicidad y Política. Los movimientos indígenas en América Latina.

E para uma visão histórica das populações indígenas na época da conquista, consultar Josefina Oliva de Coll. A Resistência Indígena.

- (14) IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática).  
Para uma análise do complexo IPES/IBAD, sua natureza, objetivos e formas de agir, consultar: DREIFUSS, René A. (1981) capítulos V e seguintes.

- (15) Para uma análise da censura na literatura e nas artes, consultar: SANTIAGO, Silviano. Repressão e Censura no Campo da Literatura e das Artes na década de 70. In: Encontros com a Civilização Brasileira nº 17, RJ. Civ. Brasileira. 1979; e SILVA, Deonísio (1989).

- (16) Sobre o "milagre", consultar: SINGER, Paul. As Contradições do Milagre. (IN: Estudos Cebrap nº 6, OUT-NOV-DEZ. 1973, SP. Ed. Cebrap), e Evolução da Economia Brasileira: 1955-1975. In: Estudos Cebrap nº 17, JUL-AGO-SET. 1976, SP. Ed. Cebrap.



- (17) Conforme VELASCO E CRUZ, Sebastião L. & MARTINS, Carlos Estevam (1983:55), o "pacote de abril" consistia principalmente de: "eleições indiretas para escolha de governadores, com ampliação do colégio eleitoral; eleições de 1/3 do Senado por via indireta e instituição de sublegendas, em número de três, na eleição direta dos restantes; extensão às eleições estaduais e federais da legislação restringindo a propaganda eleitoral no rádio e na TV; alteração do quorum para a votação de emendas constitucionais pelo Congresso, de 2/3 dos membros para maioria simples; alteração do colégio eleitoral que elege o presidente da República; ampliação de cinco para seis anos do mandato presidencial".
- (18) In: "SÃO PAULO: Crise e Mudança". s/d:90. Vários autores. São Paulo, co-edição Brasiliense e Prefeitura de S. Paulo, 2ª Edição.
- (19) Ibidem, p. 92
- (20) Ibidem, p. 52.
- (21) Ibidem, p. 33.
- (22) Ibidem, p. 9.
- (23) Ibidem, p. 13.
- (24) Para uma visão da cidade como um espaço de lutas e conflitos sociais, consultar: KOWARICK, Lúcio (org.) "São Paulo. Passado e presente. As lutas sociais e a cidade". São Paulo, Paz e Terra, RJ, & UNRISD- (Instituto de Investigaciones de Las Naciones Unidas para el Desarrollo Social), 1988.  
Em relação aos movimentos sociais (sindicatos, comunidades eclesiais de base, movimentos de bairro, feministas, negros) na década de 70, consultar: SINGER, Paul & BRANT, Vinícius C. (org.). "São Paulo. O povo em movimento". Petrópolis, Vozes em co-edição com CEBRAP, 1980.

## CAPÍTULO II

---

O TEMA: Imigrantes, exilados ou estrangeiros?

---

"Precisamos aceitar, mesmo que seja arreganhando os dentes, que vivemos numa era de refugiados, de emigrantes, de vagabundos, de nômades que se deslocam pelos continentes e levantam seus ânimos com a recordação de uma pátria étnica ou espiritual, divina ou geográfica, real ou imaginária. Um total desarraigamento é intolerável; equivaleria a uma ruptura total com a existência humana. E um perfeito cosmopolitismo é acaso possível?"

(KOLAKOWSKI, Leszek. O Elogio do Exílio. In: Cultura nº 311, O Estado de São Paulo, p. 2, 1986)

## CAPÍTULO II - O TEMA: Imigrantes, Exilados ou Estrangeiros?

### 1. Considerações históricas preliminares

As correntes migratórias, tanto de natureza econômica, política, ou de outra ordem (culturais, raciais, religiosas), têm estado presentes e podemos afirmar que são também recorrentes na História. A título de exemplificação, podemos assinalar que o movimento emigratório devido a causas sócio-econômicas, em caráter massivo, se inicia já no século XVII na Inglaterra; constituindo-se, posteriormente, durante o período que vai do começo do século XIX até os anos 30 do nosso século XX, numa maciça migração internacional. Calcula-se que aproximadamente 75.000.000 de migrantes deixaram suas pátrias, especialmente do continente Europeu (Itália, Espanha, Portugal, Inglaterra, Alemanha etc.) e do continente Asiático (Japão, China) (ZENPATI, Ando. s/d.).<sup>1</sup>

É bom assinalar que quase todas as nações, particularmente as do continente Europeu, neste período estavam no processo de transição do regime feudal, via mercantilismo, para o capitalismo. Processo que afetou intensamente as camadas camponesas e o contexto urbano. O impacto da Revolução Industrial que tornou mestres e aprendizes em assalariados e desempregados, uma vez que seus meios de produção lhes foram subtraídos. Segundo Ando Zenpati (s/d) soma-se também a este quadro a superpopulação latente e as crises cíclicas. As crises agrícolas na Europa ocorreram durante os anos 1870 a 1890.

Num momento posterior, temos a 2ª Guerra Mundial, quando milhões de pessoas saíram do continente europeu forçados por diversas causas: a de ordem econômica, a perseguição política, a impossibilidade de viver em um país em guerra, ou pela Guerra Civil Espanhola ocorrida entre 1936 a 1939, ou as perseguições religiosas na Ásia, a saída de paquistaneses para a Índia entre o período de 1947 e 1950, ou as perseguições raciais na África, especificamente na África do Sul. Segundo P. George (1977:22) o continente Africano é um lugar de grande mobilidade há muito tempo. As principais formas hoje em dia são as migrações de trabalho para as zonas de mão-de-obra agrícola e para as minas, as migrações de refugiados e as migrações ligadas com as perseguições na África muçulmana.

Após a 2ª Guerra Mundial o tipo de emigrante também mudou; se a emigração do início do século XX era de camponeses, os novos emigrantes são mão-de-obra qualificada e semiquificada (consultar GEORGE, Pierre. 1977).

Mais recentemente temos as guerras nas décadas de 70, 80, 90 e no início do ano de 91 no Oriente Médio. Porém, a partir do ano 89 tem início aquilo que se tem chamado "o período das grandes emigrações internacionais", que para muitos será o que marcará o mundo na década dos 90. Evidentemente que inúmeros fatores afetaram este panorama, especialmente a partir da queda do Muro de Berlim (9 de novembro de 1989), a queda dos regimes comunistas na Europa do leste, a guerra do golfo (1991), a guerra civil na Iugoslávia, o esfacelamento da URSS etc. O caso é que temos emigrando, entre outros, vietnamitas, alemães da ex-Alemanha Oriental, curdos (segundo dados publicados no WORLD MEDIA, há 25 milhões de curdos pelo mundo), albaneses, judeus russos, brasileiros. Outros dados indicam que só no continente africano existiriam 6 milhões de refugiados, e incluindo os imigrantes seriam 15 milhões. Na Ásia existiriam 4.584.000 refugiados (dados publicados no WORLD MEDIA).<sup>2</sup>

A partir de três tabelas elaboradas com base nos dados da publicação acima mencionada, podemos visualizar na primeira a emigração ocorrida desde 1750 até 1990 no mundo. São mais de 350 milhões de pessoas que deixaram seus países de origem (quase 50% são europeus nestes dois séculos).<sup>3</sup>

A segunda tabela nos indica os emigrantes do leste europeu desde 1951 até 1990; só no período 1989-1990 se calcula que saíram 1 milhão deles.<sup>(4)</sup>

E a terceira indica a percentagem de imigrantes existentes em cada país em 1990. No continente Americano as maiores concentrações de imigrantes são: Canadá (16,9%), Estados Unidos (9,6%), Venezuela (7,6%). No continente europeu são: Suíça (15,5%), Bélgica (9,1%), França (8%), Alemanha (7%). No continente africano: Costa do Marfim (14,1%). No asiático: Bahrein (77,5%), E.A.U. (66,6%), Kuwait (60%). E no oceânico: Austrália (20,8%).<sup>(5)</sup>

Em relação ao continente americano, o Novo Continente, podemos afirmar que também foi constituído por diversos processos migratórios. Num primeiro momento, como um grande centro receptivo dos mais variados imigrantes de outras regiões da Terra. Por quase mais de trezentos anos o nosso continente foi palco da vinda de imigrantes do velho mundo: da Európpa, desde os "conquistadores e descobridores" da América do século XV e XVI, até os imigrantes do século XIX e início do XX, que vieram para "fazer a América", assim como os africanos, na condição de escravos, e os imigrantes vindos de países do continente Asiático.<sup>6</sup>

Entretanto, em anos mais recentes, surge um novo fenômeno. Ocorrem incontáveis movimentos migratórios entre os próprios países do continente, causados por problemas de ordem econômica e demográfica, segundo análise de alguns autores, e se produzem também incalculáveis migrações internas em cada país no Novo Continente, especialmente nos países Centro e Latino-Americanos. Fenômeno que, segundo Elaine M. Pereira Reis (1976:81), alguns autores enfatizam explicações:

"nos fatores de expulsão presentes no contexto rural, argumentam que o sistema de propriedade da terra, as inovações tecnológicas, as elevadas taxas de natalidade levam à formação de uma população 'excedente' impelida para as áreas urbanas. Outros autores têm chamado a atenção para a atração exercida pelas grandes cidades: salários mais altos, maior disponibilidade de serviços públicos, maiores oportunidades de lazer etc., que atuariam como uma força de catalisação. Qualquer que seja o tipo de fatores que se privilegie, é evidente que mecanismos de 'expulsão' não atuam isoladamente, constituindo antes um complexo estrutural que condiciona as decisões individuais de ficar ou deixar o lugar de origem".

Obviamente que a inexistência de uma política de reforma agrária real nestes países é também fator de expulsão de camponeses que buscam sua "melhoria de vida" nas cidades urbanas e o resultado disto é a marginalidade, o inchaço nas periferias, nas favelas, vivendo em péssimas condições sócio-econômicas.<sup>7</sup>

Outro aspecto que merece ser ressaltado é em relação ao nível educacional do emigrante; segundo Pierre George (1977:21) o emigrante do começo do século era geralmente analfabeto ou tinha pouquíssima instrução. Hoje em dia a situação se modificou pois é raro o emigrante analfabeto, sendo que os novos emigrantes no mínimo frequentaram 5 ou 8 anos de escola.

Porém, é na década de 70 na América Latina do Cone Sul que temos a ocorrência de um fenômeno específico. Ocorrem mudanças estruturais de variada natureza: econômica, política, cultural, social e até psicológica. É o período da implantação de regimes militares, via golpe de Estado (o Chile, 1973, o Uruguai, 1973, e a Argentina, 1976), extremamente violentos e duradouros. Existem algumas explicações sobre a emigração do grande volume de latino-americanos de seus países de origem nas décadas de 70-80: Adela Pellegrino (s/d) nos aponta 5 fatores que teriam influenciado este fenômeno: a) o aumento da pressão demográfica sobre o emprego; b) desequilíbrio estrutural entre a oferta e a demanda de emprego nestes países e a segmentação do mercado de trabalho; c) o efeito que teve o aumento dos preços do petróleo no mercado internacional nos países produtores e nos não-produtores; d) expansão do sistema educativo na região e a não incorporação ao mercado de trabalho dos novos profissionais e técnicos; e) a instalação dos regimes militares, a existência de conflitos políticos e militares intensos. (Para um perfil detalhado (sexo, idade, nível educacional) dos latino-americanos emigrantes no Continente Americano na década 70-80, consultar a mesma autora. *op. cit.*)

De fato, produz-se uma perseguição maciça de natureza política sem precedentes na História da América Latina, embora o exílio político neste continente não constitua uma novidade, porque já no século XIX temos vários exemplos de perseguição política de figuras históricas, tais como: Sarmiento, vivendo no Chile; Montalvo, em Colômbia e Paris; Martí, na América Central e Estados Unidos; Hostos, no Peru; O'Higgins, no Peru etc.<sup>8</sup> Após 1959 (Revolução Cubana), mais de um milhão de cubanos saíram da ilha de Cuba (In: ASPEN INSTITUTE FOR HUMANISTIC STUDIES. 1988:71); mais recentemente, a partir de 1980 se deu o fenômeno dos refugiados centro-americanos, especialmente salvadorenhos, nicaraguenses, hondurenhos, que após vivenciar a repressão política, a violência das guerras civis espalharam-se pelo mundo.

Em relação aos chilenos, calcula-se que em 1982, segundo a Comissão de Direitos Humanos do Chile, havia no continente europeu 53.886 chilenos (In: Revista Que Pasa nº 824, 1987. p. 37). Outro dado é do CIM (Comitê Intergovernamental de Migrações): entre 1973 e 1979 foram instaladas 3.530 pessoas na A. Latina e no Caribe, 1.622 na América do Norte, 13.433 na Europa e 995 nos países da órbita soviética, 22 na Argélia e 89 no Médio Oriente (In: Revista Que Pasa nº 824 (1987:37)). Outras cifras calculam 1.000.000 de pessoas fora do país, ou seja, 10% do total da população chilena em 1978 (In: Revista Chile-América nº39-40:1978), e os exilados políticos, estrito senso, seriam cerca de 30.000, segundo estimativa do CIM.

Em relação aos argentinos, calcula-se que 168.000 saíram na década de 70. Outros cálculos apontam as cifras de 300.000 e 3.000.000, e outros cálculos ainda apontam o número de 547.000 argentinos fora do país (In: LATTES, Alfredo E. 1986).

É surpreendente o que ocorreu no período de 1963-1975 em relação à emigração uruguaia. Saíram mais de 218.000 pessoas, o que representa 8% da população em 1963. Porém será maciça a emigração ocorrida nos anos 1974-75, quando atinge o maior número, a saber, quase 50% das saídas (Ver: WONSEWER, I. & TEJA, A. M. 1983:19).<sup>9</sup>

Já mencionamos o caráter maciço da emigração ocorrida na década de 70 e 80 no Cone Sul.<sup>10</sup> E se nos perguntarmos quantos foram os argentinos, chilenos e uruguaios que saíram de seus países de origem neste período e onde estiveram pelo mundo afora? Poderemos reconstituir apenas um panorama aproximado com dados ainda fragmentários, imprecisos e divergentes.<sup>11</sup> Mesmo assim, temos um panorama eloqüente destas décadas.<sup>12</sup>

Finalmente, é bom lembrar que, produto da nossa "tradição" golpista na América Latina, a partir da década de 20 já temos uma considerável imigração de natureza política. É bom também relembrarmos das outras ditaduras militares no Cone Sul: Paraguai (1954) e Brasil (1964).

Surge agora a necessidade de esclarecer a polissemia dos conceitos imigração, exílio e estrangeiro. Por isso, a seguir apresentamos uma espécie de "ordenamento conceitual" da Imigração e do Exílio. Sendo este último analisado a partir do Cone Sul dos anos 70 na América Latina.

## 2. A EMIGRAÇÃO E A IMIGRAÇÃO

De um modo geral há algumas particularidades nos estudos sobre emigração. Para alguns autores são abundantes os estudos acerca das características da migração (em sentido lato) e os trabalhos a respeito das causas do fenômeno seriam menos visíveis. E seria ainda menor a preocupação numa conjugação destas duas abordagens (BARJAU, Luis:1985). Outros consideram que os estudos que se interessam pela problemática da motivação para emigrar são quase inexistentes (ALBERTS, Joop:1974). Por outro lado, os estudos de caráter sócio-demográfico cuidam especialmente de: determinantes e condicionantes da migração (estruturais ou individuais); características da migração (tipo de migração, volume e distância, seletividade); contexto social da migração; as conseqüências e comparações da migração (no país de origem e no país de destino); as características do migrante (idade, sexo, estado civil, nível educacional, atividade econômica).

Mas existe um enfoque recorrente no que diz respeito à explicação dos processos imigratórios. Para a perspectiva histórico-estrutural a explicação privilegia o aspecto econômico. Podemos visualizar esta tendência no caso, por exemplo, de Lia Romano Leite Mertizig (1977:2):

"Considera-se emigrante o indivíduo que deixa seu país em busca de trabalho ou que volta nas mesmas condições ao país em que estivera anteriormente". E "é considerado imigrante todo estrangeiro que chega a um país em busca de trabalho com a presumível intenção de estabelecer-se definitivamente. É considerado unicamente trabalhador o estrangeiro que chega a um país com o objetivo de trabalhar temporariamente."

e outros autores, como: Jorge V. Arévalos (1981), Israel Wonswer & Ana Maria Teja (1983).

Porém, Joop Alberts (1974:7-8) tenta chamar a atenção para um outro aspecto (devemos fazer a ressalva que neste ponto de vista não existe nenhuma preocupação em contextualizar historicamente o fenômeno migratório; é necessário perceber que existem particularidades) — mesmo reconhecendo que se comprovou que a maioria dos migrantes se trasladou por motivos econômicos, pondera da seguinte



forma:

"(...) entre los investigadores hay consenso general en el sentido de que esta conclusión es demasiado superficial e incompleta para explicar lo que verdaderamente motivó el cambio de la residencia. Una persona puede estar sin trabajo o insatisfecho con su sueldo o posibilidades profesionales. La decisión de migrar, sin embargo, no depende únicamente de esto. Intervienen una serie de factores importantes tales como la existencia de alternativas, la satisfacción con la vida en el lugar de residencia, las posibilidades en otras áreas y, hasta factores puramente psicológicos. Los temas anteriores reciben, en general, poca atención en estudios sociodemográficos de la migración."

Curiosamente, se para este crítico que manifesta a necessidade de estudar também as motivações para emigrar, ele, por outro lado, também se esquece de acrescentar outros motivos de migração: o estudo e aperfeiçoamento profissional, a perseguição política, religiosa, racial, a intolerância com homossexuais etc. Mas, ainda hoje, prevalecem as explicações de natureza econômica.

Existem outras características nos estudos de migração, a saber, o fenômeno é entendido como um deslocamento geográfico, como se não se produzissem profundas mudanças no âmbito cultural ou comportamental. Essa perspectiva pode ser visualizada em outros autores.

É o caso de T. Tsukamoto (1973:13):

"Por emigração e imigração se entende aquele processo de mobilidade espacial que se opera em áreas afastadas entre si e separadas por fronteiras, envolvendo um número considerável de pessoas, as quais, individualmente ou em grupos, transferem seu domicílio para outro país onde passam a viver e exercer regularmente suas atividades ocupacionais";

e de S. Eisenstadt (s/d:1):

"(...) transição física de um indivíduo ou de um grupo de uma sociedade a outra. Esta transição usualmente envolve o abandono de um contexto social e a entrada em outro diferente";

e do Dicionário de Ciências Sociais (1987:756):

"Migração: o termo, tal como usado em ciências Sociais, refere-se a movimentos geográficos de indivíduos ou grupos".

Evidentemente que o fato de migrar não representa só e simplesmente um deslocamento geográfico, mas também é "uma movimentação no universo social" (DURHAN, Eunice. 1978:136). Também o ato de migrar (ou imigrar) é um processo que implica profundas modificações e reelaborações num contexto social novo e que se traduz em "(...) indivíduos que reagem, que fazem escolhas e respondem ativamente a (...) condições, determinando, por sua vez, mudanças e especificidades" (MATTOS TAUBE, M. T. 1986:XXV). Indivíduos que incorporam novos significados e símbolos, reelaborando relações sociais, e que vivem várias fases de adaptação e aprendizagem no novo contexto social.

No entanto, o que fica na construção da imagem do imigrante é aquele que saiu por motivos econômicos, que saiu na procura de trabalho para melhorar sua vida e garantir sua sobrevivência básica. Mas em relação aos critérios que definem o que seria ser imigrante temos um panorama um tanto diverso. Para o Departamento de Assuntos Sociais das Nações Unidas, colocam-se como migrante dois grupos: "1) os que vêm em busca de emprego permanente, sazonal ou temporário; e 2) os dependentes dessas pessoas (In: Dicionário de Ciências Sociais 1987:756). Não seriam migrantes os turistas, homens de negócio, estudantes, passageiros em trânsito, residentes em áreas de fronteira, refugiados comuns e políticos e populações transferidas.

Um outro autor, Pierre George (1977:13-14), tomando como base critérios jurídicos classifica os migrantes internacionais em quatro grandes categorias: o imigrante, o trabalhador estrangeiro, as pessoas deslocadas, os refugiados. A seguir, reproduzo textualmente sua visão.

- "— O imigrante é uma pessoa que manifesta o desejo de mudar de país, e, a prazo maior ou menor, mudar de nacionalidade. Pede autorização de entrada às autoridades do país que escolheu. A sua entrada está sujeita à aplicação de regulamentos que dizem respeito às garantias que deve prestar ao país que o recebe e têm em conta as possibilidades de emprego, isto é, de integração no sistema económico como elemento de criação de produto nacional bruto, eliminando o risco de encargo para o país interessado. O imigrante, destinado a inserir-se na população do país de chegada, deve ser 'assimilável' por natureza, quer dizer, deve estar culturalmente próximo dos habitantes do país.
- O trabalhador estrangeiro é chamado para preencher vazios na população activa, vazios prejudiciais ao funcionamento do sistema económico. Pela sua parte, o trabalhador estrangeiro vem procurar um complemento de meios de existência para si próprio e para a família, complemento que não tem esperança de encontrar no seu país de origem. É um migrante temporário, introduzido por contrato num mercado de trabalho.
- As pessoas deslocadas: expulsos, repatriados, transferidos, pertencem a grupos de população escorraçados dos seus países de origem ou residência, em virtude de decisões políticas ou arbitragens internacionais. A sua admissão em certo país, bem como o seu afastamento, resulta de actos jurídicos que envolvem a responsabilidade dos Estados interessados. Mas pode ser modulada pela intervenção de organizações internacionais, que tomam a seu cargo o trânsito e distribuição de pessoas.
- Os refugiados são pessoas que 'escolheram' sair dos seus países, em certo momento, em virtude de restrições ou vexames considerados insuportáveis, e pediram asilo a um país de acolhida. É na verdade um fenómeno colectivo, mas a sua manifestação pode ser brusca e ampla, como o êxodo em massa, ou ser escalonada num período de maior ou menor duração. O refugiado pode ser um estrangeiro que vive fora do seu país, cuja nacionalidade mantém durante mais ou menos tempo, ou ser um apátrida, privado da sua nacionalidade de origem e à espera de naturalização ou de restituição da sua nacionalidade, num contexto político diferente."

Como podemos notar os significados não são unívocos.

Como complemento, parece-nos importante também apresentar, mesmo que brevemente, uma discussão bibliográfica sobre os trabalhos de imigração realizados no Brasil.

Numa visão cronológica, nos anos 30 os imigrantes europeus e asiáticos começaram a ser estudados no campo da antropologia e da sociologia a partir da problemática da mudança social e da mudança cultural, aculturação. A partir dos 50, o conceito de aculturação foi repensado e redefinido (Roberto Cardoso de Oliveira, Darcy Ribeiro, entre outros).

Outros estudos sobre estrangeiros foram realizados a partir da ótica dos estudos de comunidade; estas pesquisas foram iniciadas no Brasil em 1945, sendo o pioneiro o pesquisador estrangeiro Emílio Williams. O trabalho foi publicado em 1947, com o nome de "Cunha, Tradição e Transição em uma cultura rural do Brasil".<sup>13</sup>

Posteriormente os estudos sobre imigrantes foi focalizado a partir da idéia de processo evolutivo, onde aspectos como assimilação, integração, absorção, aculturação, fixação, mobilidade social, organização social, ascensão social foram privilegiados.

Em relação aos trabalhos sobre imigração realizados no Brasil,<sup>14</sup> podemos afirmar que oscilam entre uma visão econômico-histórico-estrutural que se preocupa com as causas da imigração, os aspectos demográficos do fenômeno através de dados censitários, os imigrantes como "força de trabalho", absorção dessa força de trabalho, o acesso à propriedade privada por parte dos imigrantes, a chegada às fazendas desses imigrantes, as agências recrutadoras de imigrantes etc. Nestes trabalhos mais históricos sobre o processo migratório ao Brasil, enfatizam-se também as causas estruturais e as motivações individuais de ordem econômica. E afirma-se que italianos, japoneses, alemães etc. imigraram pelo desejo de fazer fortuna ou de obter uma propriedade. Em suma, fazer a América e voltar a suas terras de origem. Mas também certos autores fazem distinções entre os planos e expectativas destes imigrantes. Egon Schaden (1980:138-139) nos diz: "Os japoneses vieram com o propósito de retornar à terra natal depois de realizarem o sonho de enriquecer. Os alemães, que haviam escolhido o Brasil como 'segunda pátria', pretendiam aqui construir o futuro de seus filhos. Essa diversidade de expectativas viria, por longo tempo, determinar atitudes distintas na ocupação das terras".

Uma visão antropológica e sociológica a partir das mudanças sociais e/ou culturais (ou aculturação) dos imigrantes começaram, segundo Julio C. Melatti (1984:11), nos anos 30 e tinham como objeto de estudo populações negras, grupos indígenas e imigrantes europeus e asiáticos e seus descendentes. Estes estudos estão profundamente preocupados com a aculturação, a assimilação, a miscigenação, a cultura marginal, a fusão das culturas.<sup>15</sup>

Nestes trabalhos, de um modo geral, há uma ênfase especial para as questões de marginalidade cultural e, no caso de alguns autores, a marginalidade política dos imigrantes descendentes.

Esta preocupação pela cultura marginal é explicitada da seguinte forma por Egon Schaden (1980:150) ao falar dos alemães e japoneses:

" (...) os teutos chegaram a constituir uma espécie de cultura de transição, o que foi impossível aos nipônicos, que não raro se viram compelidos a definir sua posição em período muito curto, ou seja, praticamente de uma geração para outra."

Havia também certos "critérios" que possibilitavam avaliar o grau de adaptação ou aculturação dos imigrantes (ou descendentes) — essencialmente a língua e o casamento inter-étnico (a miscigenação).

" (...) dentre todas as esferas da cultura se insiste na língua como sendo uma das que melhor representam e patenteiam o curso da aculturação e as fases da marginalidade."  
SCHADEN, E. (1971:96).

É Emílio Willems quem trabalha com este critério, e nas páginas 193 a 232 do livro Aculturação dos Alemães no Brasil (1980) há uma lista de 693 palavras portuguesas que estavam "incorporadas ao linguajar teuto-brasileiro".

Também S. Eisenstadt (s/d) nos apresenta critérios usados, ou melhor dizendo, "índices de completa absorção" do imigrante. Esses seriam três: a) a aculturação; b) o ajustamento satisfatório e integral dos imigrantes; e c) a completa dispersão dos imigrantes. Outras idéias remetem a um certo ideal de integração à nova sociedade, traduzida da seguinte forma: "Quanto menos o imigrante se destaca dentro da nova sociedade com sua identidade característica, tanto mais plena é sua absorção" ou "a perda completa de identidade desses grupos dentro do sistema social da sociedade adotiva é o melhor índice de completa absorção". (In: EISENSTADT, S. N. (s/d: 8-9).

Na preocupação com as comunidades também está presente a visão de seu grau de assimilação. Segundo Takeo Kawai (1980:166), "é do consenso geral o fato de as comunidades sírio-libanesas e japonesas serem consideradas menos permeáveis à cultura brasileira por causa das diferenças de língua, religião e costumes, apesar da crescente diluição de ambos na sociedade brasileira por parte de seus descendentes". Outras dificuldades na adaptação segundo esses autores seriam o analfabetismo e o isolamento das colônias. De um modo geral, nesses estudos não há uma preocupação com os conflitos ou tensões entre as culturas.

E também nos parece que são poucas as publicações que apontam para outras questões e enfoques ao tratar o tema da imigração no Brasil. Entre esses estudos podemos citar:

Brava Gente! Os Italianos em São Paulo de Zuleika M. F. Alvim (1986) pesquisa a imigração italiana em dois atos. Estuda o lugar de origem dos imigrantes quando a maioria das pesquisas enfocava o lugar de chegada dos imigrantes. Posteriormente analisa a vida, o trabalho e as formas de resistência das famílias imigrantes italianas nas fazendas de café. Sua tese central é: "Comprovar como esse deslocamento geográfico foi utilizado pelo grupo italiano como forma de resistência. Embora desorganizado e sem nenhuma articulação política o retorno ao país de origem e o abandono do campo pela cidade representavam a continuidade de uma luta já iniciada, na própria Itália, para manter a própria autonomia" (p. 116). Esta trajetória imigratória é construída a partir de várias fontes, tais como: historiadores, jornalistas, cônsules, viajantes, correspondências.

O trabalho Italianos no Brasil de Franco Cenni destaca e privilegia a influência da cultura italiana no Brasil. Analisa minuciosamente vários campos desta influência como: a literatura, o jornalismo, a arquitetura, a política, a música, a medicina, o teatro etc.

Numa época em que os trabalhos demográficos de imigração no Brasil preocupavam-se somente com a entrada dos imigrantes no Brasil, Lia Romano Leite Mintz em As dificuldades de adaptação do Imigrante no Estado de São Paulo: Repatriação e Reemigração 1884-1920 enfatiza como objeto de estudo as saídas de imigrantes, suas causas e motivos. É a partir de 1900 que se registra maior número de saídas dos imigrantes (especialmente italianos) que entradas. Sua preocupação com este processo leva-a a discutir também a questão dos imigrantes que fracassaram, que não conseguiram "fazer a América".<sup>16</sup>

O trabalho de Rovílio Costa Antropologia visual da Imigração Italiana é totalmente diferente dos anteriores, já que é uma pesquisa iconográfica. Trabalho com retratos de 200 famílias através dos 100 anos de imigração italiana.

São diversos aspectos da vida dessas famílias imigrantes e descendentes, que estão presentes nesses retratos. Temos, por exemplo, o imigrante em face do meio ambiente, a organização familiar, a alimentação, o vestuário e os costumes, a amizade, o namoro, o casamento, a recreação e os esportes, as viagens, os transportes, a educação e a cultura, a agricultura, a vida religiosa etc.

A partir da leitura desses trabalhos percebe-se o fato de que eles se remetem geralmente às nacionalidades, ao tratar a questão imigratória no Brasil. Nos explicamos: nos estudos das correntes imigratórias japonesas e italianas (feitos em maior número que os outros), alemães etc., não conseguimos achar um estudo mais sistematizado que os relacionasse.

Mas, este contexto histórico é o ponto de partida de análise de quase a totalidade dos trabalhos que revisamos, especialmente os históricos, sendo o tema mais recorrente o do imigrante, (com uma nacionalidade bem específica, o italiano, o japonês etc.) como força de trabalho na economia monocultora do café no final do século passado e começo deste.

O que realmente importa é perceber que os trabalhos de imigração realizados no Brasil remetem-se, ainda, às mesmas nacionalidades; ou seja, japoneses, alemães, italianos...

No transcorrer do tempo continuaram chegando imigrantes de outras nacionalidades ao Brasil (embora não sejam fluxos tão significativos como os anteriormente citados) e curiosamente não consegui achar nem um estudo que os torne presentes. É o caso específico, por exemplo, dos latino-americanos e de toda a comunidade hispânica no Brasil.

### 3. O Exílio

"Está claro que 'uno nunca vuelve, siempre va'."

(In: GRINBERG, L. & GRINBERG, R.: 1984:266)

O exílio tem sido considerado uma pena injusta, grave e dolorosa. Na Grécia Antiga, o exílio (ostracismo) foi tido como o último recurso a ser utilizado para castigar um cidadão, tanto assim que para decidir esta pena se recorria ao plebiscito. Era uma pena equivalente e tão grave quanto a execução. Mas esta pena foi aplicada de uma forma no mínimo escandalosa pelos governos militares na década de 70, pois bastava ser contrário ao regime, como os opositoros políticos suspeitos ou denunciados como tal, para que algum cidadão se tornasse exilado político, apatriado ou refugiado num outro país, ou, ainda, se tornasse relegado na própria terra.

Porém, para falar sobre o exílio, devemos levar em conta algumas considerações iniciais.

A experiência do exílio tem sua especificidade, sua multiplicidade, suas "fases" e suas marcas. Evidentemente, surge a dificuldade de conceituá-lo genericamente, já que a experiência e o fenômeno do exílio têm suas nuances e diferenças. Seja ao utilizar critérios diversos como: classe social, sexo, faixa etária, profissão, ideologia política, nacionalidade etc., aparecerão particularidades. E os obstáculos se ampliam se considerarmos a "natureza" de exílio: "imposto" ou "voluntário"; ou se considerarmos um critério espacial-geográfico: exílio interno x externo; ou se considerarmos o contexto histórico no qual se dá o exílio, ou as nacionalidades envolvidas.

Ao fazer estas reflexões, nos interessa assinalar a complexidade da vivência, da experiência e do momento histórico do exílio. Porém, tentaremos, num primeiro momento, uma aproximação através de várias fontes: literárias, conceituais e depoimentos; e não levaremos em conta o momento histórico e nem as nacionalidades implicadas. Isto será realizado a partir de quatro perspectivas:

1- definições: que estão presentes em trabalhos sobre exílio na década de 70, produzidos por exilados latino-americanos que são psicólogos;



2- dois textos poéticos: um poema de Bertolt Brecht, dramaturgo, poeta e ator alemão, e um outro poema de Mario Benedetti, poeta uruguaio exilado;

3- uma solicitação de asilo de Walter Benjamin;

4- Três depoimentos: o de uma ex-exilada uruguaia, Maria Tereza, que faz parte do nosso Universo de pesquisa, o de um jornalista exilado, e o do cineasta argentino exilado Norman Brisky.

Iniciaremos nosso "mapeamento" para traçar um "perfil da experiência" e elaborar uma "visualização relativa" do fenômeno.

1) As definições: o exílio tem sido definido como:

"(...) la expulsión del país y la prohibición del retorno" (VASQUEZ, Ana. 1980:137)

"El exilio político es una ruptura de la ligazón entre la persona y su entorno psico-social" BURGOS, Ernesto. 1986:63)

2) Os textos literários

POEMA: Pensamentos sobre a duração do exílio

"Não coloque prego nenhum na parede  
Jogue o casaco na cadeira.  
Por que fazer planos para quatro dias?  
Amanhã você volta.

Deixe a arvorezinha sem-água.  
Para que plantar mais uma árvore?  
Antes que ela tenha um palmo de altura  
Você irá embora, contente.

Desça o boné sobre os olhos, ao cruzar com as pessoas  
Para que estudar uma gramática estrangeira?  
A notícia que lhe chama para casa  
Está escrita numa língua conhecida.

Assim como o cal desprende da parede  
(Nada faça quanto a isso!)

Apodrecerá a cerca da violência  
 Que foi erguida na fronteira  
 Para manter longe a justiça.

Olhe para o prego que colocou na parede:  
 Quando acha que voltará?  
 Quer saber o que pensa no mais íntimo?

Dia após dia  
 Você trabalhou para a libertação.  
 Sentado no quarto, escreve.  
 Quer saber o que acha do seu trabalho?  
 Olhe a pequena castanheira no canto do jardim.  
 Para a qual você levou o jarro d'água."  
 (BRECHT, Bertolt. 1987:210)

POEMA: La casa y el ladrillo

'Me parezco al que llevaba el ladrillo consigo  
 para mostrar al mundo cómo era su casa.'

BERTOLT BRECHT

"Cuando me confiscaron la palabra  
 y me quitaron hasta el horizonte  
 cuando salí silbando despacito  
 y hasta hice bromas con el funcionario  
 de emigración o desintegración  
 y hubo el adiós de siempre con la mano  
 a la familia firme en la baranda  
 a los amigos que sobrevivían  
 y un motor el derecho tosió fuerte  
 y movió la azafata sus pestañas  
 como diciendo a vos yo te conozco  
 yo tenía estudiada una teoría  
 del exilio mis pozos del exilio  
 pero el cursillo no sirvió de nada

cómo saber que las ciudades reservaban  
 una cuota de su amor más austero  
 para los que llegábamos  
 con el odio pisándonos la huella  
 cómo saber que nos harían sitio  
 entre sus escaseces más henchidas  
 y sin averiguarnos los fervores  
 ni mucho menos el grupo sanguíneo  
 abrirían de par en par sus gozos  
 y también sus catástrofes  
 para que nos sintiéramos  
 igualito que en casa  
 (...)

(BENEDETTI, Mario. 1986:167-168)

Curriculum Vitae \*

(...) En marzo de 1933 tuve que abandonar Alemania, siendo ciudadano alemán y encontrándome en la edad de 41 años. Los trastornos políticos no sólo me han arrebatado de un golpe la base de mi existencia como escritor e investigador independiente, sino que además, aunque soy disidente y no pertenezco a ningún partido, han puesto en cuestión la seguridad de mi libertad personal. En el mismo mes mi hermano ha sido víctima de malos tratos graves y hasta navidades se le ha retenido en un campo de concentración.

De Alemania me dirigí a Francia, en donde esperaba hallar campo eficaz por razón de mis precedentes trabajos científicos.

Paso a consignar los datos más importantes de mi formación y de mi actividad científica. (...)

(...)

Con motivo de mi apresurada evasión de Alemania quedó en Berlín mi colección de las recensiones aparecidas sobre mis escritos; una exposición amplia y coherente de éstos, publicada en Die Frankfurter Zeitung, espero que podré procurármela y permitirme enviársela a ustedes con posterioridad.

Desgraciadamente no se ha cumplido mi esperanza de una existencia independiente en París. No por ello dejé de poder proporcionarme durante un tiempo los medios más necesarios con trabajos en Die Frankfurter Zeitung, firmados con los pseudónimos de Detlef Hölz y K. A. Stempflinger. Al final de la primavera también se me ha cerrado esta posibilidad. He tenido que abandonar Francia porque la estancia en ella era demasiado cara para mí. En París acordé con el gran coleccionista e historiador de la cultura Eduard Fuchs, igualmente refugiado, fijar en una amplia y concluyente exposición las líneas fundamentales del trabajo de su vida, cuyo material documental ha sido ocupado por la policía de Berlín y destruido en gran parte. Dicha exposición me ocupa actualmente.

En Dinamarca he encontrado un albergue provisional en la familia de mi amigo Brecht. Pero sólo puedo pretender por breve tiempo su amistosa hospitalidad. Por otro lado no tengo fortuna alguna; mi única propiedad es una pequeña biblioteca de trabajo que se halla ahora en casa de Brecht.

Me he permitido exponer a su Comité estos hechos con la esperanza de que les sea a ustedes posible aliviar en algo mi actual situación.

Para cualquier otra información quedo a su disposición." \*

(BENJAMIN, Walter. 1982:197-199)

\* Trata-se do Curriculum Vitae enviado por Benjamin, através de Brecht, a um certo Comité Danes de Ajuda a Refugiados, em 4 de julho de 1934. Benjamin suicidou-se em 27 de setembro de 1940 ao tentar atravessar a fronteira franco-espanhola.

4) Os depoimentos

Depoimento de Maria Tereza, ex-exilada,  
(Uruguiaia, 18-06-89)

(...)  
 Pesquisadora: Y CUANDO TÚ LLEGASTE AL URUGUAY, ¿COMO SE DIO ESE PROCESO?...  
 Maria Tereza: Bueno, ...eso...  
 Pesquisadora: PORQUE ESSA YA FUE TU TERCERA EXPERIENCIA.  
 Maria Tereza: Es el desexilio, pero es otro exilio(...)

(...)  
 Entonces, realmente, resulta muy difícil la reinserción en el país y después con una perspectiva que es la que uno elegio de regresar. Que hay como un empecinamiento en permanecer ahí, en eso salir de nuevo, ¿no? Como... un reconocimiento que el lugar de uno esta ahí, pero esta ahí en esa conjuntura, en esa circunstancia que es muy difícil, es casi mas difícil de sobrellevar que la del exilio. Donde de alguna manera uno se abrió paso. Yo te diría que para mi, si tuviera que recibir..., que resumir mi experiencia del exilio en Venezuela y Mexico, es que yo logre hacer de las peores circunstancias cosas positivas para mi. Por ejemplo: logre estudiar, logre superarme, hacer un posgrado, ingresar en el medio academico, hacer amigos. Logre cosas constructivas de lo negativo.

No estoy viendo que tenga las mismas posibilidades en el desexilio. No, mas bien, he ...e...e..., lo negativo queda como negativo, no, si ...Es como una somatoria de cosas negativas y lo positivo es poco lo que se puede sacar de ahí, y creo que es un problema que no es personal, que es un problema...de, de, la..., del intento de reintegrarme, en una situación que ella en si tiene muy pocas oportunidades de salida, que ofrece muy poco.

Depois, num outro momento, Maria Tereza fala sobre a sua experiênciã de ser expatriada, exilada; isto se dá num clima altamente emocional: ela chorando ao falar e, por outro lado, a pesquisadora perturbada e nervosa.

“Maria Tereza: Eso, es una cosa muy golpiente, el estar afuera y no poder volver, no. Este, creo es lo que hace..., es lo substancial de la diferencia, es el limite. Es el limite que hay entre ser, digamos, el ser turista y el ser exilado. Es, es el no regreso. Es una frontera, si. Es un lugar del mundo que tú no vas, donde tú no puedes ir.(...)”

Depoimento de um jornalista exilado

In: (GRINBERG, Leon & GRINBERG, Rebeca.1984:193)

"(...) 'Estamos condenados a que nuestros hijos se crien en un idioma que no es el suyo, y que nuestros ojos no reconozcan las calles y los árboles. Estamos condenados a mirar a los abuelos morirse lentamente por correo, y a los sobrinos nacer por repentinos telefonazos. Pero tal vez la peor condena de todas es ver cómo nuestro país se retira, se nos va como una marea extraña, distante, indescifrable, y presenciar cómo, indecisos, nuestros cuerpos comienzan a buscar estabilidad después de años precarios; nuestros cuerpos comienzan a acostumbrarse, en contra de su voluntad y tal vez para siempre, a una tierra que no han escogido de su libre albedrío.' En estas condiciones, el 'tal vez para siempre' tiene connotaciones trágicas: expresa la angustia ante lo que el ser humano siente como inexorable, irremediable, como la muerte."

\* E o depoimento do cineasta argentino exilado Norman Brisky, nascido em Santa Fé, no ano de 1938. In: (PARCERO, Daniel et alii. 1981:18-19)

"Por los viajes que realicé para encontrarme con las diversas comunidades de argentinos por el mundo te puedo hablar de cómo era cada uno de los exilios. Porque los exilios son distintos según el lugar donde se encuentren. Primero dividimos el exilio en tres: el político, el económico y el familiar. El familiar es el que se peleó con la madre, la novia, que sé yo cuanto, gente que por pasiones se... pero no era la mayoría del exilio. El exiliado económico no daba razones de su exilio, sino que quería una vida mejor. Exiliados políticos eran los que habían pertenecido o seguían perteneciendo a alguna organización política, especialmente de izquierda.

"La profesión de cada exiliado también los ubica en distintas circunstancias. El exiliado político normalmente elegía México. Ahí se hizo la concentración más grande. Y el segundo lugar era Barcelona, pero ahí estaban más los exiliados existenciales — digamos —, los jóvenes, artesanos, todos esos chicos que no sabían qué carajo hacer en la Argentina. En Estados Unidos había muy pocos exiliados políticos. Están los económicos, que son de una generación anterior. El único exilio de clase trabajadora está en el barrio Queens, de Nueva York, el resto es de clase media. En Canadá son profesionales. Es muy difícil allá, porque hace frío, pero están bien organizaditos y te invitan siempre. Lo mismo en los países nórdicos. Los exiliados que viven en Suecia te ven y empiezan a llorar, porque es como si estuvieran en Alaska, en el Polo. A los únicos que se les recomendaba ir allá

era a esos que ya no podían tener ni siquiera un centavo de nada y tenían siete hijos, entonces los mandas a Suecia y ahí te enseñan sueco — para que te interesa — y le dan de comer a los chicos y todo. Te salvás, digamos. Eso tiene cierta tristeza, no. Uuhhhuhhh (gesto de preocupación)."

Os textos apresentados, cada um deles, exterioriza e marca certos momentos da experiência do exílio e, ao mesmo tempo, aparecem similitudes. Neste mosaico, o texto de Benedetti nos defronta com o instante da saída, da expulsão do país de origem, e todos os sentimentos e angústias que esta situação traz. O texto de Brecht nos remete a um outro plano: o desejo e o sonho reiterativo de voltar ao país de origem, é a volta norteando a existência. Benjamin nos conduz a um momento profundamente dramático, que é o de tentar conseguir sobreviver quando se é perseguido político. É o confronto escancarado entre a vida e a morte. No depoimento de Maria Tereza encontramos uma espécie de "avaliação" da experiência do exílio: os ganhos e as perdas são interpretados e o exílio é comparado ao desexílio (a volta ao país de origem). E o depoimento do jornalista nos coloca frente ao problema geracional (neste caso, pai e filho) no exílio, e no país de origem os demais familiares; os desencontros e encontros no processo de adaptação e as perdas que esta acarretam. E no depoimento do cineasta exilado argentino Norman Brisky, encontramos a teorização da experiência, a reflexão elegante, sutil e profunda.

Reverendo o percurso realizado, visualizamos que, embora possamos ter uma visão de conjunto através de fragmentos e ao conhecer instantes do exílio, o resultado é insuficiente e incompleto se temos como objetivo tentar caracterizar e sistematizar esta experiência. Com este intuito, percorreremos um outro caminho. E este será o segundo momento: no qual falaremos sobre o exílio ocorrido na América Latina do Cone Sul, na década de 70, a partir de fontes de natureza diversa: textos literários escritos por exilados latino-americanos, pesquisas realizadas especialmente em países europeus com comunidades exiladas, e os depoimentos de exilados e ex-exilados que fazem parte de nosso Universo de pesquisa. Estas fontes estão

circunscritas num momento histórico específico, são textos produzidos depois dos anos 70 e que se referem a latino-americanos do Cone Sul, especialmente chilenos, argentinos, uruguaios e brasileiros. Tentaremos perceber também como a experiência do exílio afeta a um universo mais amplo e diversificado de sujeitos, as mulheres, os ex-presos políticos, os adolescentes; quais as problemáticas mais presentes, os comportamentos, as visões de mundo, a construção de ideais, as angústias, as dificuldades etc.

Fazendo uma analogia com as etapas dos ritos de passagem ou com os de transição de Victor Turner (1974), e fazendo as devidas ressalvas e adequações, podemos visualizar a experiência do exílio no seguinte sentido. Segundo TURNER, a primeira fase seria de separação e abrange o comportamento simbólico, o indivíduo ou o grupo se afasta, "quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais, um 'estado', ou ainda de ambos" (Op. Cit. 1974:116). No caso da experiência do exílio o indivíduo, ou os grupos políticos, ou as famílias, se afastam de sua cultura, país, sociedade, deixam de ter uma posição e um papel social. Vivem uma situação de "nudez social", afastados, isolados, desamparados, vivendo dificuldades econômicas, desempregados... Porém este afastamento é imposto de forma abrupta e arbitrária, e se dá como castigo, punição por não compartilhar com determinados "valores e idéias" hegemônicas no momento. No caso, a imposição da ideologia dos militares, na época a ideologia da Segurança Nacional. A solidariedade dos seus compatriotas é mínima ou inexistente. Ele, o exilado, é convertido num inimigo, e num perigo para a sociedade, é alguém suspeito, "um subversivo". "Alguma coisa fez para merecer isso", são os comentários que se impregnam no tecido social a partir de uma massiva propaganda ideológica.

A segunda fase, segundo Turner, seria o período "liminar" intermediário, e as características do "transitante" seriam ambíguas. Este passaria por um domínio cultural que teria pouco ou quase nenhum dos atributos do passado ou do estado futuro. Evidentemente que, quando os exilados se encontram numa nova sociedade, outra cultura, em outro país, se encontram à margem desta, numa situação extrema, "não se situam aqui nem lá" (TURNER, V. 1974:117), são estranhos, ou seja, se convertem em seres liminares; nada aparentemente possuiriam, e o sentimento de perda é o mais intenso no momento. "Que fazer aqui, não

desejo estar aqui, desejo voltar, por que me proibiram de voltar?". São interrogações inevitáveis e permanentes. Uma época de "nudez social", sozinho, desamparado, isolado de seu mundo cultural etc.

A terceira fase, segundo Turner, seria a reagrupação ou reincorporação, seria a consumação da passagem. Ele nos diz o seguinte em relação a esta última fase:

"O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e 'estrutural', esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições". (Op. Cit. 1974: 117)

Aqui a situação do exilado se diferencia totalmente do sujeito ritual, pois o exilado não se reintegra a sua própria sociedade, seu mundo ou país. A verdade é que ele vive do sonho da volta, e isso leva alguns anos ou muitos. Ou em outros casos, isto nunca se concretiza.

Na verdade deve fazer esforço e tentar incorporar-se a uma nova sociedade, se deparar e conviver com a diversidade de outros - OUTROS.

E mesmo quando passado algum tempo ou muito tempo, o exilado que volta dificilmente se reintegra ao papel social que anteriormente tinha, ou "aceita" todos os valores e normas sociais de sua sociedade. Na realidade, torna-se profundamente crítico. É o depoimento de David Viñas - escritor argentino exilado, tendo vivido em vários países como Espanha, Itália, França, Alemanha Ocidental, Dinamarca, México, Estados Unidos, e que realizou diversos ofícios para sobreviver —, responde à seguinte pergunta:

"— Actualmente hay muchos que afirman que hay una sociedad culpable de lo vivido, una sociedad que no quiso ver lo que estaba pasando, que no era posible que no se diera cuenta; una sociedad que dejó sin interlocutores a la nueva generación y que por eso no pudo asumir su destrucción. Podría parecer una teoría del filicidio. ¿La sociedad es culpable; realmente no quiso ver?"



"— Nuevamente: particularicemos... concretemos. Tratemos de ser más precisos: algunos argentinos quisieron ver (y estaban perfectamente enterados); otros prefirieron ponerse orejeras y taparse los ojos. Ahora bien: ponerme a repartir culpabilidades o santificaciones como se fuesen hostias, es una tarea que no me interesa... Ni por oficio, ni por vocación. La magistratura como la diplomacia (o la imbecilidad) no son mi fuerte... A lo sumo — eso sí — y porque son una franja de nuestra sociedad que goza de extraterritorialidad (la prueba es que en este mismo momento, como si se tratara de una "zona sagrada", son juzgados de acuerdo a un fuero especial), me ocuparé de los militares... Con quienes no se meten, en general, los que se ocupan de la crítica..."

(In: PARCERO, Daniel et alii. 1985:170-171).

No entanto, o que expusemos foi, ainda, algo muito resumido e generalizante, talvez até um pouco vago... Tentaremos, então, outro caminho.

O Exílio comporta em si diversas problemáticas e crises em várias esferas: a emocional-psicológica, a profissional, a econômica, a político-partidária, a social, a espacial-temporal, a histórico-cultural, a de âmbito familiar (tanto na família de origem — pais e familiares —, como na sua própria — esposa(o), filhos) e de identidade.<sup>17</sup> Porém, variam de intensidade segundo o caso e o momento histórico.

Pretendemos particularizar e visualizar algumas destas crises partindo de um ordenamento de "etapas cronológicas". No entanto, gostaríamos de esclarecer que estas etapas não se dão necessariamente nesta ordem, elas podem ocorrer simultaneamente; portanto, há permanentes transformações, modificações e intensidades.<sup>18</sup>

Numa primeira fase, podemos visualizar dois desdobramentos e problemáticas. O primeiro seria o choque emocional e o impacto da perda, e o segundo, a rejeição ao país de acolhida e as dificuldades de adaptação.

No âmbito emocional ocorrem sentimentos e comportamentos particularmente angustiantes e densos. O impacto e a violência com que geralmente se dá a saída ou a expulsão do país de origem (muitas vezes ocorrendo risco de vida, e sem o ritual da "despedida" dos familiares, amigos e seres queridos) cria, segundo psicólogos e psicanalistas, um profundo trauma. Este é produto das diversas perdas a que o exilado está sujeito no momento de deixar o país de origem: o mundo social, o político,

o afetivo, o cultural, o psíquico, o profissional, o geográfico, o familiar etc. Produz-se uma intensa desorganização a todo nível e há também um abrupto corte biográfico, e transforma-se em um ninguém no outro país; tudo resulta estranho. Os projetos de vida, individuais e coletivos, são abruptamente paralisados. Por todas estas circunstâncias, o exilado vivencia a saída ou expulsão também com uma forte conotação de culpa. Sente-se castigado, é culpado de "alguma coisa" (sem saber muito bem do quê). No caso dos militantes políticos, o fato de ter conseguido sobreviver e outros companheiros de militância ter sucumbido é motivo deste sentimento.

Soma-se a este sentimento de culpa outros. Por exemplo, sentir-se um "perdedor". Não só por ter perdido repentinamente seu universo físico, cultural, simbólico e afetivo, como assinalamos anteriormente, mas por ter perdido projetos políticos coletivos, especialmente no caso dos simpatizantes e militantes políticos. Neste sentido, é eloquente a reflexão de Benedetti:

"A veces se tiene un valor a prueba de balas y, sin embargo, no se posee un ánimo a prueba de desencantos. Muchos de estos jóvenes que arriesgan la vida por una convicción política deben aprender el coraje más gris, más modesto, de asumir una derrota, enfrentar una realidad distinta de la soñada y empezar a construir una vida cotidiana" (GRINBERG, Leon & GRINBERG, Rebeca.1984:190).

Outros sentimentos também estão presentes: a raiva, a dor, a amargura, a indignação, a impotência, o ódio, a solidão marcam este primeiro momento. Numa pesquisa realizada por uma exilada psicóloga chilena (VAZQUEZ, Ana.1980) com exilados chilenos na França, estes sentimentos são profusamente manifestados, tanto no discurso como no comportamento.

Segundo a autora, no nível do discurso seria-reiterativo o "discurso do sofrimento" ou a discussão de situações traumáticas que acompanharam o exílio, também frases no subjuntivo onde a culpabilidade individual ou coletiva é freqüentemente manifestada. Enunciados como "si nos hubiéramos armado correctamente" ou "si hubiéramos detenido a la extrema izquierda" (VAZQUEZ, Ana.1980:138) são constantes. Um outro depoimento do

argentino cineasta exilado Norman Brisky nos relata o seguinte em relação à perda, ao sofrimento e à volta por cima:

"Hay una pérdida. La pérdida se sufre. La puta si se sufre. No me voy a poner a llorar ahora, si total... Lo único que si sé, es que algunas cosas gané. Entonces ponés inmediatamente el otro lado, porque si no te morís, y decís diez años de mi vida los perdí, te agarrás una matracaca... así por lo menos te pegás un tiro que salga por el otro lado. No te matás, pero... son un cuarto de vida. Y el cuarto de vida en

que uno ya sabe cómo es la vida, cómo hacer el amor, que sabe escribir, que sabe leer y que produce en esa edad. Es lo más jodido que hay. Entonces ponés lo que ganás en el otro lado. Y ganás. Ganás una barbaridad afuera. Lo que pasa es que unos ganan más y otros ganan menos afuera, según la capacidad que tengas para la vocación de exilio."

(In: PARCERO, Daniel et alii. 1985:20)

E alguns "resistem" mais do que outros.

No caso do comportamento há certas condutas extremas no sentido de que muitos exilados chegam a estados de profundo extenuamento, trabalhando incansavelmente, a tal ponto que se negam a um repouso, férias ou passeios (ir ao cinema, a uma passeio ao ar livre).

E esse sentimento de culpa aparece também nos textos literários; visualizaremos isto através de fragmentos do poema OTRA NOCION DE PATRIA, de Mario Benedetti (1986:179), quando ele se lembra dos que estão no país (Uruguai), e especificamente os que estão presos.

#### OTRA NOCION DE PATRIA

(...)

pero

y los otros

qué pensarán los otros

si es que tienen ánimo y espacio  
para pensar en algo

qué pensarán los que se encaminan

a la máquina buitre a la tortura hiena

qué quedará a los que jadean de impotencia

qué a los que salieron semimuertos

e ignoran cuándo volverán al cepo

qué rendija de orgullo

qué gramo de vida

ciegos en su capucha

mudos de soledad

inermes en la espera

ni el recurso les queda de amanecer putando  
 no sólo oyen las paredes  
 también escuchan los colchones si hay  
 las baldosas si hay  
 el inodoro si hay  
 y los barrotes que éstos siempre hay

cómo recuperarlos del suplicio y el tedio  
 cómo salvarlos de la muerte sucedánea  
 cómo rescatarlos del rencor que carcome

el exilio también tiene barrotes.  
 (...)

Também se pensa obsessivamente no país de origem; são sentimentos de profunda saudade, "nostalgia", reminiscência, melancolia, "añoranza". Estes sentimentos estão claramente expressados pelo escritor uruguaio Mario Benedetti no seguinte poema:

#### OTRO CIELO

la stranezza di un cielo che non è il tuo

CESARE PAVESE

"No existe esponja para lavar el cielo  
 pero aunque pudieras enjabonarlo  
 y luego echarle baldes y baldes de mar  
 y colgarlo al sol para que se seque  
 siempre te faltaría un pájaro en silencio

no existen métodos para tocar el cielo  
 pero aunque te estiraras como una palma  
 y lograras rozarlo en tus delirios  
 y supieras por fin cómo es al tacto  
 siempre te faltaría la nube de algodón

no existe un puente pra cruzar el cielo  
 pero aunque consiguieras llegar a la otra orilla  
 a fuerza de memoria y de pronósticos  
 y comprobaras que no es tan difícil  
 siempre te faltaría el pino del crepúsculo

eso porque se trata de un cielo que no es tuyo  
 aunque sea impetuoso y desgarrado  
 en cambio cuando llegues al que te pertenece  
 no lo quieras lavar ni tocar ni cruzar  
 pero estarán el pájaro y la nube y el pino."

(In: BENEDETTI, Mario. 1986:100)

Para alguns a volta para o país é algo vital. Existem dois textos que nos apresentam a experiência de haver entrado clandestinamente no próprio país, ser expulso e proibido de entrar. É o caso de dois chilenos, um o cineasta Miguel Littín, que entrou em princípio de 1985 e chegou a realizar filmes sobre o cotidiano; e o outro é o político Volodia Teitelboim, que entrou no final de 1987.<sup>19</sup>

Em relação à segunda fase, a rejeição ao país de acolhida e a seus membros, seus símbolos e códigos culturais, se dá como produto de vários fatores.

Segundo GRINBERG, L. & GRINBERG, R. (1984:191), a situação dos exilados no novo país é complexa: "No vienen 'hacia' algo, sino huyendo o expulsado 'de' algo; amargados, resentidos, frustrados."; por isso, muitas vezes, aparecem atitudes de muita exigência e crítica com o país de acolhida. Há muito ódio e ressentimento nesta fase, tanto em relação ao país de origem como ao "novo país" do exílio.

O fato de existir a necessidade "quase que obrigatória" de adaptar-se ao novo contexto, muitas vezes absolutamente diferente do país de origem, leva o exilado a ter diversos sentimentos: o de estranheza, o de desarraigo, o de "estar fora", o de "não fazer parte" ou de "não pertencer", de ser excluído. O confronto cultural-social é de tal magnitude que exacerba o sentimento de exclusão, e os sentimentos de fracasso e culpa impedem também a "integração" ao novo contexto. Porém, às vezes, são exteriorizados juízos de valor a um nível muito simplista do tipo: os brasileiros (os franceses, os ingleses...) são superficiais, chauvinistas, frios etc.; demonstrando um intenso desprezo aos valores e cultura do país estrangeiro.

Resulta interessante, como paralelo, conhecer a "experiência de rejeição" de Luizito, uruguaio (nosso pesquisando), já que depois de certo tempo no país de acolhida (México) e de ser bastante bem sucedido no campo profissional, vivencia profundamente esta experiência.

Depois de ter finalizado seus estudos universitários de pós-graduação, recebeu uma oferta de trabalho muito vantajosa. Participar de um grupo de assessores do presidente da República Lopez Portillo.

"Entonces, llego un momento que mi vida se iba distorcionando en una dirección que no era la que yo quería. Mis amigos, la mayoría de mis amigos eran mexicanos, estaba ahora ... mi negra, tenía otras oportunidades de trabajo, de ascenso, este ...

y escribiendo y trabajando en una temática que yo no conocía y me sentía mal. Era todo un negocio de las posibilidades de la agricultura campesina como sustento de la producción de alimentos para el mercado interno mexicano. (Hum...,hum...)

O sea, era la temática que trabajaba, el ambiente en que trabajaba, el tipo de compañeros, el tipo de aspiración que tenían

esos compañeros de trabajo. Todo un ambiente, este, que me hizo vivir, digamos... un poco razón de estar en México, irreal de alguna manera, no. Un México he e e ... No era elite, no. Vivir en una tierra muy minado, y se... me creo un rechazo... de la realidad muy grande, no.

(...)

Me gero una frustración digamos... y un deseo de volver ya completo, no.

Y mi salida de México fue bastante desesperada en ese sentido.

Que me importa esta vida, yo quiero estar en Uruguay, allá esta mi gente, mis cosas, allá esta lo que yo deje. Y... Todo esto es una fantasía, todo esto, es una vida medio de escaparote, bastante superficial. Y además... eso era asociado a la realidad social que tenía el medio que vivía... En alguna medida una carga de idealismo y... .. eso pesa mucho.

Entonces, esa experiencia, la salida de México fue bastante traumática, no, inclusive, tenía un contrato por 2 años, ¿no? Y no les dije nada a nadie, agarre mis maletas y me vine. Una cosa así, que..., no soportaba más, pero era sobre todo por el gran contraste, ¿entendes?..." (06-04-89)

Há diversas dificuldades: os costumes e regras, os modos de vida, a linguagem, a situação jurídica etc.; neste processo de adaptação à nova realidade intensificam-se ainda mais esta atitude de rejeição ao país. Evidentemente que a rejeição está ligada de certa forma com o nível de dificuldades vivenciado. É necessário conhecer a partir de experiências diversas estas situações. Começaremos por um depoimento (mesmo que longo, porém exemplar) de uma chilena na França (NEVES, Eugenio, 1980: 157-158) que mostra uma série de problemas para adaptar-se ao meio sócio-cultural e, ao mesmo tempo, aparece sua visão sobre os franceses e a manipulação de códigos:

"Cuando uno llega acá en las condiciones en las que llegamos nosotros ahora, lo primero que pasa es que te encuentras frente a la policía y notas de inmediato que los franceses son chovinistas y que toda esta llegada de los extranjeros no les es agradable. Los funcionarios de las Prefecturas, aunque no son 'flics', actúan de mala manera porque no les gustan los extranjeros..., y después te encuentras con los vecinos. Entonces es distinto cuando uno viene solo que cuando viene con niños, porque los niños hacen ruido. Y como a nosotros nos gusta vivir en grupo, llega mucha gente a la casa, y es otro problema. Luego aparecen cosas muy curiosas como, por ejemplo, cuando la propietaria me reclamó que no teníamos muebles burgueses. Porque, claro, si tú miras en el contrato de arriendo que tienes, ahí dice que uno debe organizar el departamento de manera burguesa, o sea, debe tener un contenido de cortinas, un contenido de muebles, cierto contenido de alfombras, etc., y, por supuesto, que uno no los tiene. Luego, se te impone una represión con los silencios que hay que guardar, los tonos de voz en que hay que hablar, una cantidad enorme de normas que jamás hay que pasar por encima de ellas porque si un francés las sobrepasa ya es una molestia, pero cuando es un extranjero: ¡es algo terrible! Lo consideran algo hecho en contra de toda la sociedad francesa. Cada francés se siente representante de toda la sociedad francesa, por eso te habla desde Francia hacia el extranjero desde el momento en que tú sobrepasaste en lo más mínimo las normas, como, por ejemplo, dejar abierta la 'boite aux lettres', o hacer ruido con el excusado a las doce de la noche, o cualquier cosa de ese tipo. Indudablemente que los franceses cotidianamente son bastante menos soportables. Entonces uno tiene dos posibilidades, andar continuamente peleando con la gente o simplemente decirles que bueno, que de acuerdo, que sí. Ahora he llegado a tener una segunda personalidad, o sea, que cuando tengo que discutir con los franceses lo hago sabiendo cómo son ellos, no propongo la personalidad mía y la espontaneidad que nosotros tenemos para las cosas, sino que me propongo como ellos son, guardo los mismos silencios que ellos, planteo las cosas en el terreno más racional y esquelético que puedo, quitándole toda la parte afectiva, porque si no, no nos entienden."

Outros dos obstáculos é com relação à linguagem; são muitos os autores (literários ou de outras áreas, psicólogos, pesquisadores etc.) que notam isto, e as pessoas exiladas se referem com frequência a esta questão.

Leon Grinberg & Rebeca Grinberg (1984:135)<sup>20</sup> se referem aos imigrantes e exilados assinalando que o fato de não possuir o domínio da língua (escrita e falada) produz uma situação de marginalidade. Neste trabalho cita-se Meltzer (1973), que menciona Wittgenstein:

"Algunos no pueden significar lo que dicen; otros no pueden decir lo que significan; en algunos casos, el aspecto correspondiente a significar está tan empobrecido que resulta imposible distinguirlo del sin sentido y, en otros, es tan superficial que resulta inútil, y así sucesivamente."

Nesta direção (RESZCZYNSKI, Katia et alii. 1979:116 e 121),<sup>21</sup> destaca-se a perda da capacidade de comunicação e de expressão (língua falada - escrita - gestual e afetiva) que contribui para aumentar o sentimento de desintegração, já que:

"(...) la limitación en el manejo de la lengua — equivalente al lenguaje de un niño pequeño — provoca en el exiliado adulto una inhibición secundaria al no ser capaz de expresar sus ideas y opiniones, mecanismos que llega a constituir un círculo vicioso e impede un progreso en la capacidad de comunicación."

A perda da língua, a dificuldade de se expressar e se comunicar, podem resultar até mesmo no motivo para retornar ao país de origem. Existe um artigo belíssimo do filósofo Theodor Adorno, intitulado Sobre la pregunta "¿Qué es alemán?" (1973), no qual ele não somente faz comparações entre ser alemão e ser norte-americano, mas concentra-se fundamentalmente na questão do retorno à pátria. Ele se indaga por que ele, sendo emigrante, refugiado e tendo vergonha e opróbrio de regressar à sua terra, a Alemanha, após as atrocidades cometidas pelos nazistas, acaba voltando. Ele diz:

"No fue la necesidad subjetiva, la nostalgia, simplemente, la que me movió a regresar a Alemania, aunque me cuidó mucho de negar la existencia de esa motivación. Hubo también algo objetivo: el idioma. No solo porque en la lengua adquirida tardíamente no acertamos a expresar lo que pensamos con la misma exactitud que en la propia, con todos los matices y el ritmo del razonamiento" (1973:103-104)

Outro campo que é fonte de não poucos problemas se refere à situação jurídica do exilado. Em geral, regularizar a situação legal é realmente motivo de muitas peregrinações e burocracias por consulados, as repartições para estrangeiro, a Polí-



cia etc. As circunstâncias se complicam muito mais quando muitos exilados são expulsos de seu país de origem sem nenhum tipo de documentação, deixando de ter nacionalidade e cidadania. Muitos dos exilados, especialmente políticos que ficam sem documentação, se vêem na necessidade de refugiar-se ou asilar-se. Geralmente conseguem o passaporte das Nações Unidas (UNHCR: Office of the United Nations High Commissioner for Refugees). Esta situação de indocumentado, de apatriado inviabiliza, em muitos casos, a possibilidade de trabalhar, ou, por exemplo, conseguir alugar algum imóvel.<sup>22</sup>

As implicações das dificuldades anteriormente mencionadas (língua, meio social, situação legal, situação econômica) são em muitos casos dramáticas. Especialmente quando se produz uma marginalização social e uma fragilidade emocional intensa, mormente quando não se conseguem criar outras relações afetivas que sirvam de apoio. Essa fragilidade também se dá no nível físico, a ponto que o exilado pode desenvolver diversas síndromes: ansiedades, depressões, de perseguição, paranoias, neuroses, delírios, reagindo com mecanismos de defesa do tipo maníaco, alcoolismo e até o suicídio. São diversos os especialistas que destacam estes efeitos na saúde física e a somatização intensa. No caso dos exilados que foram prisioneiros políticos, segundo o estudo de Katia Reszczyński et alii (1979:125-126), o quadro é realmente muito grave. Estes exilados sofreram várias seqüelas e síndromes da tortura (problemas encéfalo-cranianos, coluna vertebral, ouvidos, na esfera sexual etc.); a síndrome da fixação (idéias persecutórias); síndrome do sobrevivente (ansiedade e aparecimento de doenças diversas); doenças psicossomáticas (úlceras, cólon irritável etc.); síndrome de angústia e depressão (choro, palpitações, ansiedade constante, inapetência, bulímia, insônia, pesadelos, irritabilidade etc.); síndrome psico-orgânica (fadiga, esgotamento, dificuldade de concentração, dificuldade de expressão, desinteresse, apatia, choro fácil etc.).<sup>23</sup> E outros, os que não conseguiram sobreviver à experiência do exílio morreram de pena ou se suicidaram. É Darcy Ribeiro que lembra a história de vida de um brasileiro, companheiro de exílio no Uruguai, ex-prefeito de Natal, DJALMA Maranhão. Ele conta: "Djalma Maranhão vivia em função do Rio Grande do Norte, esperando uma carta do Rio Grande do Norte. Seu sofrimento era total. Sofria até com o clima, para um nordestino o frio do Uruguai é insuportável. Ele tentava durante todo o dia sintonizar uma estação brasileira, num rádio de má qualidade. Não para ouvir as notícias, que ele nem conseguia captar, mas o tom, o som da língua brasileira. Só queria ouvir sua gente falando, e não fazia nenhum esforço para aprender a língua do país em que estava. Morreu diante de um aparelho de televisão, triste e só, num quarto. Morreu de exílio". (In: MACHADO, Cristina Pinheiro (1979:33)).

Além da vivência de situações limites, como o suicídio ou aquilo que foi chamado de "morte pelo exílio", temos outros conflitos de âmbito familiar muito acentuados nestas experiências: a separação dos casais e os conflitos entre pais e filhos. É justamente José Donoso, escritor chileno exilado, que em sua novela El jardín de al lado, ambientada na Espanha, põe à tona estes conflitos a partir de uma banal situação doméstica, na qual Julio tenta entrar no banheiro ocupado por sua esposa, Glória, que mantém a porta fechada:

"—Abre, te digo, imbécil. ¿Tengo la culpa que andes con olor a cocinería en el pelo? Claro que tienes que hacer de comer: ya no eres la hijita del diplomático que tocaba el timbre hasta para que le pasaran los cigarrillos. A todos nos toca hacer cosas que no nos gustan cuando estamos en el exilio. Mala cueva. Si no te gusta hacerlas es problema tuyo, no mío, así que aguántate. Yo no te exigí que te vinieras conmigo. Al contrario, cuando me soltaron te rogué que te quedaras en Chile. Ya durante la UP andábamos mal, pero tú dijiste no, la experiencia del exilio nos va a unir, me voy contigo por el niño, no quiero que crezca con el cerebro lavado como crecerá toda su generación en Chile, quiero algo mejor para Pato; dijiste, y mira cómo salió tu Edipito Rey... sin terminar la secundaria por pasárselo en la calle Dos de Mayo fumando marihuana con putas y maricones, dice que va a ser fotógrafo pero no hace nada, no tenemos idea de dónde saca la plata con que se mueve, nunca sabemos dónde está, ahora parece que está en Marrakesh, según nos dijo el hijo de Hernán Lagos en La Cala: por lo de la fotografía, supongo, o quiero suponer, para no suponer cosas peores. ¡Educacioncita le íbamos a dar al niño, aquí en Europa... ! ¡Lavado de cerebro... ! Mira cómo se ríe de nosotros porque dice que se nos quedó pegado el disco de la UP y del Once, que no sabemos hablar de otra cosa que de Allende y de la DINA, puras huevadas, dice, a nadie de mi edad le importa un carajo ese rollo... y yo sin poder reescribir mi novela. Si Pato la leyera tal como yo la quiero reescribir, entendería. Sí, entendería todo. Tú, Gloria, te viniste porque quisiste. Tú pertenecías a la línea dura y revolucionaria pese a que no te apuntaste en ningún partido. Yo no: me despreciabas por militar en un partido moderado, un liberal blando, 'como tu padre', me acusabas, 'que como diputado jamás hizo otra cosa que dormir la siesta en los sillones del Congreso'. ¿Por qué no te afiliaste tú, entonces, a un partido extremista? ¿Por qué eras sólo capaz de hablar, hablar, hablar con el pisco-sour en la

en la mano? Por qué me impulsabas a que fuera revolucionario activo en vez de serlo tú? Por que tienes que vivir toda tu vida de prestado, a través de mí? Yo ya no soy joven, y me siento cansado, y hoy además me siento enfermo, y me agobia la responsabilidad de vivir tu vida por ti. No: te viniste conmigo porque te dio miedo quedarte allá dependiente de tu familia reaccionaria, era menos humillante depender de mí, porque no me respetas como; pese a que lo niegues, los respetas a ellos...

Puedo, o puedo no haber dicho estas cosas —me inclino a creer más bien que no—, junto a la puerta del cuarto de baño, mi vejiga a punto de reventar, oyendo caer el agua de la ducha. En todo caso, como dicen que sucede en el momento justo antes de la muerte, todas estas acusaciones y defensas y protestas y quejas pasaron en aceleradísima sucesión por mi mente."  
(1981.26:27)

Frente a tantos transtornos — da fragilidade físico-emocional, da ruptura do vínculo com o país de origem, com uma nova realidade de um mundo alheio e uma existência dividida, com o intenso desejo de voltar à terra natal, com as mudanças abruptas de ordem cultural e afetiva, com os êxodos permanentes de um país a outro na procura de estabilidade — em muitas ocasiões os exilados formam comunidades, grupos de diversa natureza: solidariedade, de leitura, de militância política, cultural e se (re)integram ou reativam partidos políticos no exílio.<sup>24</sup>

Nestes círculos ou grupos é muito mal visto e até "punidos" verbalmente aqueles nacionais que mostram sinais de "assimilação ou adaptação" ao novo país. Isto é tido como uma espécie de "traição" e em muitas ocasiões é marginalizado e "rotulado" pejorativamente. Em geral, os adjetivos "abrasileirado", "afrancesado", "europeizado" possuem forte conotação negativa e depreciativa. É curioso, pois aqueles exilados que sofrem depressões e angústias intensas, ou tentam até o suicídio, não são marginalizados e são bem aceitos no grupo; e isto se deve, talvez, por ser essa uma situação freqüente entre os exilados.

Para alguns autores (VAZQUEZ, Ana et alii. 1979 e BURGOS, E. 1986), estes grupos funcionam como "mantenedores" de uma certa identidade e vínculo com o país onde nasceram. Para BURGOS (1986:64) os grupos de exilados preencheriam um duplo papel. Por um lado, seria um apoio psicológico, já que o grupo possibilita fazer amizades, sentir-se seguro, útil, importante, querido etc. E, por outro lado, serviria de reforço no plano político: o encontro de "companheiros" que nutrem o mesmo ideal político.<sup>25</sup>

Em geral, estes grupos se constituem, segundo alguns autores, num reforço das identidades nacionais, onde laços afetivos e sócio-culturais com o país de origem se cultivam de forma ativa. Porém, muitos destes grupos se tornam verdadeiros guetos, muito fechados em si mesmos, na medida em que só se reúnem em torno à Pátria perdida. Nestes ambientes se constroem regras rígidas, imagens ideais (do partido, do militante, do país de origem, de si mesmo, em relação ao retorno), se constrói um mundo ideal no passado e no momento atual em relação ao país de origem, idéias sobrevaloradas estão presentes. Um processo mistificador entra em curso, impossibilitando e inviabilizando ainda mais a sua disposição de adaptação ao novo contexto.

Porém, nestes grupos também existiram conflitos, tensões, rivalidades, classificações e discriminações. Assim como muitos deles se constituíram em verdadeiros guetos, no sentido de selecionar seus integrantes. Algo desta situação é relatado por Luizito (uruguaio) ao se referir às colônias de uruguaio e chilenos no México. Ele nos descreve o seguinte:

"En México no tuve ninguna participación política. Había una colonia de exilio, una desagregación de los valores, queriendo vivir en una realidad y estes a mil kilometros de esa realidad. Vive pensando en la vuelta, vive con la valija en la mano; hay toda una situación de desarraigo muy complicada.

(...) Ahora, en México era muy claro, había tres tipos de exilados. Estaba el exilado político que había estado preso; el exilado político que decía que lo habían ido a buscar y entonces no tenía condiciones de quedarse allá porque sería preso. Y estábamos los que no nos habíamos ido por cuestiones tan gloriosas; por ejemplo, yo que había ido a estudiar. Y estaba el exilado económico que era la última categoría.

Y cuando te encontrabas un uruguaio era brutal la justificación. De '¿por qué no estabas en el Uruguay y lo que pensas hacer y lo que había hecho?', era una locura.

Había toda una jerarquización de la gente, que era muy jodido".

HABIA OTRAS COLONIAS DE EXILADOS, ¿E COMO ERAN? (Pesquisador

"Yo creo que era igual. Yo, por exemplo, me acuerdo, era alumno de Don Pedro B. y conoces a P., de relaciones exteriores, llamandolo de traidor de la clase obrera y otro grupo de chilenos que se habian peliado. Esos exilados de primer nivel, también.

Allá, las posibilidades de plata es muy fácil. Todo el mundo se justificava porque estaba juntando plata".

Mesmo em relação àqueles exilados que não formavam parte de grupos políticos ou de outros tipos de grupos, podemos afirmar que existem símbolos no exílio que são profundamente apreciados e compartilhados; nos referimos ao significado simbólico das cartas e dos telefonemas, assim como a comida típica do país ou algum objeto especial. O significado destes símbolos foi belamente retratado no filme TANGOS, Exílio de Gardel.

Essa dimensão simbólica que a carta e o carteiro representam nesta experiência de estar longe do país e dos familiares é relatada da seguinte forma por Rioplatense (uruguaia, 34 anos, turismóloga).

"(...) son contactos, así de 15 días, no. La carta va de vuelta, nos escribimos enseguida y en 15 días me llega la respuesta. Inclusive eso dio origen a una anécdota que para mí es tétrica, no. De la situación de lo que puede representar el exilio y el desexilio; porque cuando, todavía, era chiquita, tenía 2 años o 3, veía pasar el cartero mi hija me decía: mira la abuela ahí. Entonces, creo que fue el peor momento de mi vida, ahí fue donde me di cuenta la real dimensión de lo que había hecho. Yo creo que hasta ahí yo no había tenido conciencia de lo que significaba la separación, cuando ví que para mi hija la abuela era el cartero, lo único que conocían de la abuela eran las cartas, las cartas de la abuela, las cartas de la abuela, las cartas de la abuela. Entonces, ahí me di cuenta realmente que había sido un disparate total, no. Porque, además, e..., e..., e... con eso yo a mi hija le había quitado a mi mamá, y la única posibilidad de su vida de estar con los nietos y a mis hijos, la única oportunidad de sus vidas de tener a su abuela. Ahí fue donde comenze a pensar seriamente. Bueno, desde que salí, que yo inclusive deje de vivir con mis padres pero me quede en Uruguay, no. Ahí comenzamos el contacto por carta y por teléfono".

Numa segunda fase do processo, podemos afirmar que o exilado realiza um esforço e consegue "certa adaptação" ao novo contexto. Segundo Leon Grinberg & Rebeca Grinberg (1984:37) a possibilidade de desenvolver um sentimento de pertencer seria um requisito indispensável para uma integração exitosa num novo país e, ao mesmo tempo, a manutenção de um sentimento de identidade.

Porém, a adaptação tem certos limites, já que nunca se conseguirá ser um deles, porque como diz alguém: "Al fin y al cabo, siento que no soy de aquí ni de allí". Ou seja, se pode afirmar que o exilado realizou uma espécie de separação entre dois mundos; talvez, continuam sendo "seres liminares", lembrando Victor Turner.

No novo país, aqueles que conseguiram "certa adaptação" vivem o presente e a vida cotidiana com menos angústias e tentam plantear e realizar projetos de vida diversos (profissional, de estudo etc.).

E, por outro lado, tentam manter vínculos com o país de origem: procuram estar informados, falam a língua, praticam certos rituais (comidas, gestos, festas etc.) e realizam atividades político-culturais relativas à sua terra natal.

Podemos concluir que os exilados oscilam entre uma "adaptação crítica" ou uma "integração provisória" (GRINBERG, L. & GRINBERG, R. 1984) e os que não se adaptam e vivem obsessivos com a volta ao país de origem. "Estão sempre com as malas prontas".

Gostaríamos, a título de conclusão, de realizar uma analogia do fenômeno e da experiência do exílio. Seriam as duas faces de uma mesma moeda. Por uma parte, o exílio pode ser visto e vivenciado como uma grande desgraça; e se converte em causa de grandes sofrimentos, abatimentos, desânimos, fragilidade, tanto a nível individual quanto coletivo.

E, de outra parte, ele pode converter-se também em um desafio revestido de sinais enriquecedores, construtivos e criativos. É por isso que nos agradaria trazer 2 depoimentos de exilados que expressam que mesmo nesta experiência tão difícil pode ainda existir uma "profunda riqueza".

"A experiência do exílio às vezes é boa (...), também para você olhar de outro jeito para dentro. E eu acho que cada um reproduz dentro de si a estrutura do mundo: cada um de nós não é muito melhor do que o sistema que é reproduzido dentro de cada um de nós. (...)

O exílio é basicamente muito ruim porque você fica longe da fonte de sustentação cultural, política e humana. Mas também é bom num outro sentido, no sentido de que é um desafio no qual são postas à prova muito duramente as bases da sua identidade e as bases da sua consciência da vida, das coisas." (GALEANO, E. 1977:6)

"É um equívoco pensar que o exílio é pura negatividade. Ele pode constituir-se também num ensaio de profunda riqueza, de profunda criatividade, se, na briga pela sobrevivência, o exilado consegue um mínimo de condições materiais. Aí, a questão que se coloca é a de saber se somos capazes de apreender os fatos em que nos envolvemos no exílio, ou não, para então aprender deles." (FREIRE, P. & FAUNDEZ, A. 1985:13)

Finalizando, desejamos esclarecer que quando falamos de exilados estamos nos referindo ao caso específico dos exilados políticos, expulsos, geralmente sem documento de identidade e proibidos de voltar a seu país de origem, contextualizados na década de 70 no Cone Sul da América Latina. Nos parece também necessário esclarecer o que seria ser refugiado/asilado, já que incontáveis exilados políticos viveram esta condição.<sup>26</sup> A legislação internacional atribui o status de refugiado a "pessoas que 'têm um temor fundamentado de perseguição', por razões de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou associação a um grupo social". (Aspen Institute for Humanistic Studies. 1988:72) Quem outorga o status legal de refugiado/asilado é o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR),<sup>27</sup> que fornece passaporte válido, para viajar por todo o mundo, a não ser o país de origem do titular.

#### 4. Algumas comparações entre imigração e exílio

"No.

Ese otro exilio nada tiene que ver.  
A lo mejor era el exilio del futuro.  
Era el exilio del duro presente.  
Aquí, además, nos hacen tajos el pasado.  
Mi padre vino a América con una mano atrás y otra  
adelante, para tener bien alto el pantalón.  
Yo vine a Europa con una alma atrás y otra  
adelante, para tener bien alto el pantalón.

Hay diferencias, sin embargo: él fue a que-  
darse, yo vine para volver. Hay diferencias  
sin embargo? Entre los dos fuimos, volvimos  
y nadie sabe todavía adonde iremos a parar.  
Papá: tu cráneo se pudre en la tierra donde yo  
nací, en representación de la injusticia mun-  
dial. Por eso hablabas poco. No hacía falta.  
Y lo demás — comer, dormir, sufrir, hacer  
hijos — fueron gestiones necesarias, natura-  
les, como quien lleva su libreta de ser vivo.  
Nunca te olvidaré, en la oscuridad del comedor,  
vuelto hacia la claridad de tus comienzos.  
Hablabas con tu tierra. En realidad, nunca te  
sacaste esa tierra de los pies del alma. Pies  
llenos de tierra como silencio enorme, plomo  
o luz." (Juan Gelman, poeta e militante político.  
In: PARCERO, Daniel et alii. 1985:71-72.)

Podemos nos perguntar então: Quais as diferenças entre imi-  
gração e exílio?

Talvez a metáfora das 2 faces de uma mesma moeda nos ajude.  
A moeda seria a saída do país de origem. Porém, uma das faces, o  
exílio, seria a saída forçada, a imposição e a absoluta impossibi-  
lidade do retorno; não houve o ritual da despedida. Enquanto que  
na outra face, a imigração, a saída seria voluntária. Existe a  
possibilidade do retorno e houve o ritual de despedida.

É provável que uma outra diferença seja em relação ao país  
de origem. Num primeiro momento da experiência de viver em outro  
país, no caso do exilado, ele vive em função do passado, das suas  
lembranças, do que perdeu abruptamente; e, no caso do imigrante,  
ele vive em função de esquecer parte desse passado para viver e  
planejar o futuro no novo país. Ou seja, temos algumas dicotomias,  
a saber:



<u>Exílio</u>	X	<u>Imigração</u>
forçado	/	voluntária
perda	/	ganho
desequilíbrios	/	estabilidade

Em relação às dificuldades, quais as semelhanças, as particularidades destas experiências?

- A dificuldade de encontrar seu "lugar" na sociedade, seu papel e status social;
- A sensação e a vivência da perda (casas, lugares, pessoas, idioma, cultura, clima, meio social e econômico, às vezes profissão);
- A descoberta de novas formas de relacionamento, novos costumes e outras culturas e sociedades. O encontro com a diversidade;
- A vivência de momentos de transição;
- Desorganização em vários âmbitos: familiar, cultural, espacial, social;
- Transtornos psicossomáticos e psicológicos;
- A consciência dos limites, a descoberta de que jamais se dará a integração total ao novo país; em suma, "nunca será um de ellos";
- "Ataques nostálgicos", saudade, a sensação de solidão;
- Ambigüidade em relação ao novo país - aceitação/rejeição;
- Vínculos com o país de origem, ligação com certos objetos familiares, com a língua materna e a comida típica do país de origem, pessoas da mesma nacionalidade.

Evidentemente que as dificuldades e singularidades anteriormente mencionadas são relativas. Mas existem também alguns desafios e particularidades. Talvez um dos maiores seja desenvolver um sentimento de pertencer, de "ter um lugar" e "ser alguém", de identidade, e conseguir alguma "harmonia" entre o vivido, o adquirido, o incorporado, o aprendido e o rejeitado.

Obviamente que outros elementos interferem na reconstrução dessa "identidade de pertencer", o fato de no novo país haver ou não hostilidade em relação aos estrangeiros, a xenofobia, as restrições jurídicas, a estigmatização ou aceitação marcarão este desafio. Talvez tenhamos de fazer o exercício de recolher/recuperar as vivências assim como está expresso na seguinte frase:

" 'Tengo la impresión de haber ido por la vida con una maleta abierta, desperdigando cosas... Ahora quisiera recoger lo que pueda...' "

(In: GRINBERG, L. & GRINBERG, R. 1984:114.)

5.. O que seria ser estrangeiro?



(In: FOLHETIM nº 212, 1981)

Um estranho, um intruso, um expulso, um perigo, um exótico interessante, um desarraigado, um marginalizado, um estigmatizado ou algo diferente? Na verdade, são várias as conotações e significados; a seguir, apresentamos algumas representações e definições para que possamos ter um "perfil".

Começaremos com a definição do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

ESTRANGEIRO (Do fr. ant. *estranger*, atual *étranger*) Adj. 1. De nação diferente daquela a que se pertence: romancista estrangeiro; língua estrangeira. 2. Relativo ou pertencente a, ou próprio de estrangeiro. 3. Diz-se de país que não é o nosso. 4. Que é de outra região, de outra parte, ainda que pertencente ao mesmo país; advena, forasteiro, estranho. 6. Qualquer nação estrangeira. 7. Indivíduo que não é natural do país onde mora ou se encontra. (Sin. bras., pop., nesta acepção: estranja, gringo e lordaça) (In: Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª edição.)

"Estrangeiros - pessoas nascidas em país estrangeiro ou nascidas no Brasil e registradas em representações estrangeiras que não se naturalizaram brasileiras" (In: IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980. Pág. XXXIX).

EXTRANJERO, RA. adj. Que es o viena de otra nación./Natural de una nación con respecto a los naturales de cualquiera otra./ Toda nación que no es la propia. (In: Diccionario ilustrado de la lengua española - Aristos. Pág. 270.)

ESTRANGEIRO: (...) bueno uno siempre se siente, porque siempre hay los limites. Este, y por exemplo, no podemos votar, no podemos participar en un montón de cosas... La mayor parte del tiempo que estuve acá tuve limitaciones(...) (Depoimento de Ana, Uruguiaia, 27-07-89).

"(...) a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação. (In: SIMMEL, G. 1983:183.)

Como podemos perceber, as significações são variadas, dependendo do ponto de vista; mas é um OUTRO que dependendo da sociedade pode ser um próximo, um distante, um rejeitado, um familiar ou um incômodo.

Alguns autores atribuem ao estrangeiro, "estranho" ou "forasteiro", uma capacidade especial: a objetividade. Entre os autores que sustentam esta postura temos SCHUTZ (1974) e SIMMEL (1983). Para SCHUTZ, essa objetividade seria possível, fundamentalmente, por duas razões. Por um lado, o estrangeiro ao não compartilhar os mesmos códigos da nova cultura estaria numa posição privilegiada para observá-la, já que todo membro "nascido e educado dentro del grupo acepta el esquema estandarizado ya elaborado de la pauta cultural recibida de sus antepasados, maestros y autoridades como una guía indiscutida e indiscutible en todas las situaciones que se dan normalmente dentro del grupo social" (1974:98), ou seja, o estrangeiro conseguiria questionar até o que pareceria inquestionável aos membros dessa nova cultura a que ele se incorpora; ele seria capaz de criticar aquilo que SCHUTZ chama de "concepção relativamente natural do mundo". A segunda especificidade seria a própria experiência de ser estrangeiro ao ter de aprender outra cultura, outros códigos, regras, normas, comportamentos, símbolos etc. Ele se defronta, ou melhor, constata os limites da sua cultura de origem e passa pelo processo de ter de repensar, reformular, rever seus valores, normas, regras, "status", sua história.

Esta objetividade ainda permanece para SCHUTZ mesmo quando o estrangeiro pretende ser mais um membro do novo grupo social, ou seja, quando ele tem desenvolvido profundos sentimentos de "pertencer" e de adaptação a essa nova cultura.

Para SIMMEL, a objetividade do estrangeiro também tem duas conotações. A primeira delas seria uma estrutura particular, composta de uma mistura entre distância e proximidade, passividade e afastamento, e também indiferença e envolvimento. A outra dimensão está relacionada com a questão da liberdade: "O estrangeiro não está submetido a componentes nem a tendências peculiares do grupo" (1983:184). Ele seria objetivo porque é mais livre, prática e

teoricamente, não teria "nenhum compromisso que poderia prejudicar sua percepção, entendimento e avaliação do que é dado (...), examina as condições com menos preconceito; seus critérios para isso são mais gerais e mais objetivamente ideais; não está amarrado à sua ação pelo hábito, pela piedade ou por precedente" (1983:185).

Sem dúvida, o que existe nestas visões é certa idealização da capacidade crítica do estrangeiro e uma análise perigosamente generalizante. Talvez o que mais nos chama a atenção foi o fato de não encontrar nuances, no sentido de que a construção do olhar estrangeiro em relação a sua própria cultura e à nova cultura passa por um processo diferenciado. Em que sentido? É claro que, quando o estrangeiro começa a olhar, interpretar a nova cultura, ele enxerga através de sua própria cultura num primeiro momento. Na medida em que a experiência de ser estrangeiro num novo contexto social, cultural, político, histórico se prolonga e se consolida, ele começa a perceber que a sua bagagem cultural poderá na maioria das vezes resultar inadequada e até inconveniente, já que deverá aprender um outro esquema de referência para no mínimo poder interagir e relacionar-se nessa nova sociedade. Mas quando existe uma necessidade profunda de aceitação, integração e assimilação dessa nova sociedade, dominar e conhecer os códigos, símbolos, regras, comportamentos etc. dessa nova cultura torna-se essencial. Parece-nos que de fato existe algo de diferenciador no olhar de um estrangeiro, provavelmente seja seu ceticismo e sua desconfiança, e até incerteza ao enxergar sua sociedade e as outras.

Na nossa pesquisa pudemos descobrir uma outra especificidade: o estrangeiro pensa, reflete e analisa em termos de contraste e de comparação. Sempre está presente a cultura de origem e a nova cultura ao emitir uma idéia, um raciocínio, uma visão de mundo. E se esse estrangeiro conviver com várias outras culturas a reflexão será ainda mais diferenciadora. Porém, se ele consegue pensar e refletir em termos de contraste, isto não significa que ele esteja livre de preconceitos ou etnocentrismos, seja em relação a sua própria cultura, em relação à nova cultura ou à criação de visões ideais.

Esse sentido é exemplar o depoimento de GABI (chilena, 48 anos, dona-de-casa, ex-professora de 2º grau) ao fazer uma comparação entre o que seria ser chileno e brasileiro, e suas diferenças. Acompanhemos então:

"Y dejándose de cosas, el chileno es pesimista, es pesimista (ênfase na fala dela), es medio amargado, digamos. Siempre, oye, fijate que, suponte tú, vamos exagerar:

Oye, así que te sacaste la lotería.

- Si, pero, fijate que ...

Siempre le busca el lado para quejarse, ves tú. No es un tipo que este contento. Tú te encuentras con un brasilero y lo ves con el pie quebrado con yeso y te dice: TUDO BEM, ÓTIMO. Con el pie quebrado."

Deste depoimento podemos perceber oposições, contraste e preconceitos ao refletir sobre certo "estilo de ser" e certa especificidade aparece:

Chileno

- pessimista
- mal com a vida
- descontente
- problemático

Brasileiro

- alegre
- bem com a vida
- contente
- sem problemas

Mesmo sendo um depoimento no qual ela própria reconhece certo exagero, fica não só evidente um preconceito específico em relação aos nacionais de sua própria cultura de origem, como houve durante todo o depoimento uma hostilidade permanente ao falar sobre os chilenos. Curiosamente, não foi o único caso entre os chilenos que manifestasse esse tipo de reflexão e comportamento. Retomando o dis-

curso de Gabi, notamos que ela não faz distinção nem nuances entre o que seria a maneira frequentemente usada entre os brasileiros para cumprimentar-se, onde é usado o "tudo bem!", "tudo ótimo!", e o que "provavelmente seriam as características" do brasileiro. Enfim, generaliza as expressões usadas no ato de cumprimentar-se como uma forma de ser dos brasileiros: "sempre estão de bom humor", "tudo está bem", "pra cima", "de alto astral", "legais".

O depoimento de Rolando (Chileno, 33 anos, mestre em artes marciais) nos remete a um outro caso. A história de um amigo seu, chileno, que rejeita mais enfaticamente ainda seus compatriotas. Ele nos conta:

"Olha, eu tinha um amigo que es chileno, que ele não queria falar para ninguém que era chileno. Dizia: 'eu detesto chilenos'. Y porque ser chileno, ¿huvón?, le decia; porque tú mamá es chilena, tú papá es chileno, tus hermanos son chilenos. Toda tú vida hasta los 15 años, 18 años moraste en Chile, porque vas a renegar de lo que tú sos. Sos chileno, tenes cara de chileno, tenes sotaquí chileno y con eso que estas hablando tenes cabeza de chileno, falava para él, ¿No? Arribista, ahora ya que estas en otro país no quieres decir que eres chileno. Entonces él decia: 'detesto chilenos'. Yo nunca, nunca tuve problemas de decir que soy chileno. Al contrario, ahora, e... Eu acho que nací en Chile, soy chileno y a la vez tengo muchas cosas que no son de Chile..."

Temos aqui claramente colocado o contraste entre aquele que rejeita e o outro que afirma sua origem. Este contraponto nos remete à questão das raízes. No discurso de Rolando é sublinhado o fato de ter nascido no Chile e lá ter seus familiares. Ele ressalta as in-

fluências recebidas fora de seu país: "tengo muchas cosas que no son de Chile".

Neste caso, ao referir-se aos brasileiros, temos a construção de uma imagem benevolente, positiva, acrítica. Geralmente essa postura foi freqüente quando eram ou estrangeiros imigrantes econômicos ou imigrantes culturais (estudantes) falando sobre o Brasil. (Esta questão será desenvolvida mais adiante).

Mas, como é traduzida por alguns autores esta experiência de ser estrangeiro? E como é percebida por nosso universo pesquisado?

Para SCHUTZ (1974), a experiência de ser estrangeiro será uma experiência labiríntica, já que de certa forma ele é "un hombre marginal, un híbrido cultural que vacila entre dos pautas diferentes de vida grupal, sin saber a cuál de ellas pertenece". Para Simoni, G. (1983), a condição de estrangeiro é uma condição positiva porque se daria uma relação de proximidade e distanciamento. "O estrangeiro está próximo na medida em que sentimos traços comuns de natureza social, nacional, ocupacional ou genericamente humana, entre ele e nós. Está distante na medida em que estes traços comuns se estendem para além dele ou para além de nós e nos ligam apenas porque ligam muitíssimas pessoas". (1983:186).

Selecionamos 6 discursos de nosso universo pesquisado que nos permitem distinguir 3 dimensões importantes desta experiência: 1) a idéia de uma aprendizagem, de um crescimento; 2) a perda da identidade e a solidão; 3) as descobertas em relação a seus países de origem e ao novo país adotado.

Estes discursos nos remetem às seguintes visões e vivências desta experiência: 1) Como algo que possibilita um aprendizado, um crescimento ao conviver com a diferença; se tem uma visão mais cosmopolita do mundo, e, ao mesmo tempo, uma nova descoberta do próprio



universo ao qual pertence, neste caso seu próprio país; o exercício da autoconsciência — a crítica e a comparação como uma nova prática cotidiana. Também como um processo de profunda reformulação, a capacidade de perceber as contradições, a possibilidade de construção de um outro olhar em relação a seu país de origem e ao mundo.

O discurso de Rolando e o de Lili são paradigmáticos desta primeira dimensão.

A) Rolando (chileno, 33 anos, mestre em artes marciais e terapeuta ocupacional).

"Que yo aprendi muito, muito fuera del país, mucho, mucho. Que es un crecimiento vivir fuera del país.

Você va enfrentar muitas dificuldades, sin lugar a dudas. Sobretudo de ambientarse en otro país. Uno siempre esta pensando volver al origen.

Ahora, cuando pasa ese momento, quieres vivir en otros países diferentes (risos). Ahora estoy viviendo acá, me gustaria mucho vivir en Australia, en Japón. 3 o 4 años y después ir a otro lugar, ¿no? Uno aprende mucho, no solo de costumbres, de formas de pensar, de, se abre la cabeza un poco, es impresionante. Sin lugar a dúbida, yo veo que los chilenos que se mantuvieron en Chile; sin querer desmerecer, fica caipirá o cara, porque conoce solo el nucleo dele, no sabe o que há un monte de outras coisas, no sabe que hay un monte de experiências que ele nunca passou. Entonces, que, este con ese material para trabajar su relación. Entonces acho que uno aprende mucho, mucho. Yo le diria que experimente'.

b) LILI (Chilena, 34 anos, socióloga, estudante de pós-graduação)

"Yo creo bueno, diferente, no, porque, por una parte cuando uno esta en un lugar una autoconciencia de la realidad de lo propio, como es. Siempre estas incorporado a esa realidad y no tienes puntos de comparación. Del momento que salí de Chile empeze a ver lo que significava ser estrangeiro, y alguna vez te comente que habia un escritor, parece que era Donoso que decia que cuando él vivia no sé si en el exilio, que su experiencia era siempre un intercambio de curriculum, siempre se estaba presentando y diciendo quien era. Al salir me autoidentifique como chilena estrangeira afuera, trabajando afuera. Entonces era eso, e reconecer el país con más calma, me hace mirar el país positivamente con más calma de los conflictos del cotidiano y también intentando descubrir cuales son las raíces propias nuestras. Como nación, como país en comparación con otros.

Chile, yo lo veo ahora, no sé si con más objetividad, como en el sentido lejos de mí. No ya como una cosa incorporada, mirandola desde afuera y como un lugar en el cual yo tengo mis raíces, es el país que me da origen y al qual yo, de alguna manera, tengo que responder o volver y tentar trabajar lo esencial de ese país, los valores esenciales."

2) O confronto com a perda da identidade e das raízes e a luta constante pela preservação destas, e um novo convívio com a solidão ao enfrentar as dificuldades de lidar com outros códigos culturais; é a 2ª dimensão, encontrada nos discursos de Hairo e Juanito de La Ribera.

a) HAIRO (Chileno, 34 anos, músico, psicanalista, antropólogo e artesão)

Yo diria que la experiencia de sentirse extranjero, ¿no?, es la misma en cualquier país del mundo. Porque en cualquier país del mundo tú vas a tener problemas, que vas a estar solo,

con una lengua diferente, con costumbres sociales, morales, políticas, religiosas diferentes que se contraponen en cuanto posición, de patria, de familia, que te dan en casa. Así es que la adaptación, yo creo, es el mismo en cualquier lugar del mundo, siempre que no sea en tu país. Tanto da, sea Brasil, España, Francia. La única diferencia, digamos aquí en relación a los otros países de América Latina y Centro América es el hecho del Brasil discriminar el resto de América Latina. Ya llega el latinoamericano con el seudónimo de "gringo", aquí. Entonces, ya ahí, ya se hace difícil por el hecho de que o Brasil foi un país colonizado por portugueses, ¿no? Lo que lo hace tener sus fronteras cerradas a los países americanos, tanto política, cultural o religiosamente. No hay ningún compromiso, a no ser los compromisos a nivel de gobierno que mantienen, así a nivel de pueblo mismo son escaso y difíciles de achar. Portanto, acredito que todos los países tienen una cosa en común. En Europa llaman a los latinoamericanos de cabecitas negras, ¿no? Por el hecho de tener el cabelo negro es prohibido entrar en algunos bares, en algunas universidades, en algunos lugares tal como..., aquí el latinoamericano é rejeitado por la sociedad brasileira hasta que él no demuestre que puede tener un buen dominio de su vida, y un buen relacionamiento con los demás. Ahí, recién es semiaceito. Porque acepto del todo, no lo es nunca."

b) JUANITO DE LA RIBERA ( Argentino, 43 anos, comerciante)

"Bueno, depende hasta el tipo de pregunta. Pero, por ejemplo, yo me encuentre con gente que me pregunto como era esto de salir, ¿no? del país, de dejar tu país. Y yo, lo que le dije. Por ejemplo, no, yo me quiero ir al Brasil, no. Me voy a ir a Australia, outros se queria ir a Canadá. Yo siempre les digo: Mira, tá bien, andate. Pero ojo. No es nada fácil. O sea, se paga mucho por irse, o sea, de la misma manera que mi familia porque se cree que yo, que fue tan fácil, que fue tan lindo, no, este... Yo a uno que se quiera ir, tomate cuidado. Porque irse no es fácil, es muy difícil. Perdes tú identidad, fundamentalmente, lo que creo que yo le diría a ese amigo hipotético que vos me colocas aquí, que el gran problema del que se va, del expatriado, del inmigrante, del que sale de su país e..., e..., es perder la identi-

dad. Porque por otro lado: en que condiciones nosotros nos hemos ido de nuestros países? Yo por lo menos y creo que la gran mayoría de todos, no. No, no nos fuimos porque no nos gustaba el país, o sea, nos fuimos porque no teníamos más condiciones de estar en ese país, porque, que sé yo, e..., e..., solo porque nos fuimos pero con la ilusión de que algún día volviáramos. Creo que somos muy diferentes del inmigrante europeo que vino para la América. Él venía y ya venía con la idea que venía a morir aquí. La idea nuestra siempre fue nos íbamos. Bueno, porque son 2 o 3 años que va a durar esto y después volvemos, ¿cierto?, y de repente esos 2, 3, 4 años se te van haciendo 9 y después se te hacen 20 y después no vuelves nunca. Este, la sensación que yo tengo es que pierdes la identidad. Pierdes la raíz, pierdes tu origen, tu historia. Pierdes tus mitos, y cuando te, este, quieres unir con la gente del otro país. Ellos tienen su historia, sus mitos, su forma de ver el mundo, que vos no lo compartís. Que yo personalmente no lo comparto, o sea, los brasileños me resultan superficiales, me resultan, este, sin compromiso. Yo no tengo la sensación que ellos se comprometan con las cosas, no, este. Ellos tienen sus compromisos que son diferentes del mío. Entonces, yo no consigo me comunicar claramente con ellos porque, ellos tienen otro tipo de compromisos con las cosas. Entonces, no sé, e..., e..... La pregunta era: una persona muy amiga... Yo creo, es eso que te estaba diciendo, como de repente vos tenes que re-estructurarte nuevamente, en función de re-adquirir una nueva identidad, ¿cierto? Que hasta tú cartera de identidad es distinta, ¿no? ¡No es chiste!, no. Yo por ejemplo, yo me sé de memoria el número de mi cartera de identidad argentina, pero no de la brasileña, no. Hace 10 años que no uso la de la Argentina. La tengo desde los 16 años ese número. O sea, es el número que me fue acompañando para toda la vida (...). Yo estoy irridadísimo con esa historia de que a hora los números de los extranjeros. Parecemos placas de coches, w no sé que, x que se yo, este. Me siento una placa de coche, no. No una persona, no. Este, ..., y inclusive por ejemplo a nivel del nombre. Yo hago mucha cuestión de defender mi nombre, porque acá, todo el mundo me cambió el nombre, pues yo soy ADRIAN, bueno pero. El Adrian se transformo en ADRIANO, claro porque ellos no conciben que alguien pueda terminar con n al final. Vos viste que acá é pingue-pongue, e kongí e..., e..., este.

Ellos tienen que terminar la consonante, le tienen que poner una vocal al final (RISOS). Yo a veces si, renuncio, al telefono por ejemplo:

- Quien fala?
- Adrian.
- O qué?
- Adrian (FALA ALTO)
- Adriano?
- Ta, Adriano.

Entonces, desistí de esa pelea, en algunos casos. Ahora, hago cuestión de que mis hijos no sigan, porque, mi apellido es VERDAGUEER, catalán. Con acento en la e, fuerte y acá soy VERDAGUE. Verdague una mierda. Vos te llamas VERDAGUEER, la puta que te pario (RISOS). Te voy a dar un fierrazo en la cabeza, ¿cierto? Porque, este, me parece terrible eso de perder, este, hasta tú nombre. Yo soy ADRIANO VERDAGUE. Cuando en la verdad soy ADRIAN VERDAGUEER (RISOS) Viste que te cambian la cosa mas básica, que es tú nombre. Que es tú identidad, viste. Que es aquello que te viene constituyendo desde hace, este 40 años, no. Desde que vos tenes consciencia que te llamas ADRIAN. Que cuando la señorita en la escuela te decia ADRIAN VERDAGUEER vos te levantavas. Puta, ahora no sos más, sos ADRIANO VERDAGUE, sos otro (RISOS)"

3) As descobertas seja em relação ao país de origem, seja em relação ao novo país adotado ( em ambos os casos algumas vezes boas e outras não ) é a terceira dimensão. Temos os seguintes depoimentos.

a) GOBI (Uruguaia, 35 anos, enfermeira e estudante de pós-graduação)

"Lo que me parece más fantástico es la abertura de los brasileros. Las posibilidades que hay aquí en recibir extranjeros. De que uno siendo extranjero pueda estudiar en otro país, inclusive becado, etc. Y como no hay esa segregación (como por exemplo, lo que ocurre en el Uruguay). Aquí me siento igual que al resto de la gente y la experiencia para mi es fantástica."

b) PIERRE BELOUCHE (Uruguaio, 34 anos, fotógrafo e vendedor)

"O que é típico de lá, o pássaro quero-quero, é típico de lá, do Uruguay. Mas o quero-quero tem do Alaska a Patagonia. Me fere, estão me vendendo uma mentira."

Talvez o seguinte caminho, mais ordenador e condensador, possa nos ser útil ao dividir esta experiência em duas dimensões recorrentes que aparecem nos discursos. É necessário, antes, esclarecer que estes estrangeiros quando se referem à esta experiência, em sua maioria, a dividem em: "cosas buenas" e "cosas malas" concomitantemente. É por isso que organizamos suas falas mais recorrentes da seguinte forma:

#### "GANHOS" (Las cosas buenas)

- a busca das raízes;
- a redescoberta de seu próprio país;
- o exercício da crítica, da autocrítica, reflexão e comparação;
- o aprendizado de outros códigos culturais;
- uma visão cosmopolita;
- desenvolver uma capacidade de adaptação a outras sociedades.

#### "PERDAS" (Las cosas malas)

- perda da identidade e das raízes;
- a solidão;
- a dificuldade de lidar com outros códigos culturais;
- um alto custo afetivo;
- a dificuldade permanente de adaptação ao(s) outro(s) país(es), incluindo ao próprio país de origem;
- a constante discriminação e os estereótipos;
- o idioma de origem se fala de forma estranha, escrevem-se mal os dois idiomas (o espanhol e o português);
- ressocialização de novos papéis sociais;
- desarraigamento.

A partir deste "ordenamento", em ganhos e perdas, podemos claramente perceber que esta experiência de ser estrangeiro é principalmente contraditória e passa fundamentalmente pela trajetória de vida específica de cada indivíduo. Porém, o que é recorrente é a idéia de tensão, conflito e reflexão. A experiência não é algo que produza indiferença; pelo contrário, ela é marcante. Por isso que a busca de apenas uma ou algumas especificidades traz um resultado ingênuo, pois a experiência é múltipla. No entanto, nos parece que podemos captar

atitudes diferenciadas. Por um lado, temos aqueles indivíduos para os quais a experiência representou fundamentalmente perdas; para outros é uma somatória altamente positiva; e outros que convivem com estas duas dimensões. Porém, o desafio maior é tornar-se alguém com alguma afirmação de uma identidade ou ser um eterno "ser liminar", lembrando Turner. Os seres escindidos, para os quais o pertencer a algum contexto sócio-cultural definido é impossível (mesmo sendo seu próprio país de origem.)

Devemos também mencionar uma descoberta: a simpática analogia entre a vivência do estrangeiro e a prática da Antropologia, ou melhor dizendo, dos antropólogos. Essa descoberta está também relacionada com minha própria história biográfica: estrangeira no Brasil e aprendiz na Antropologia. Essa analogia se relaciona com essa atitude de estranhamento-distanciamento x relativização; com o confronto do exótico x familiar. O olhar o OUTRO, seja este uma outra cultura ou até mesmo a nossa própria cultura.<sup>28</sup>

Porém, existe outra curiosidade que pareceria ser uma marca ou talvez uma especificidade da própria história da Antropologia. O fato de ter sido estrangeiros os antropólogos que fundaram tradições antropológicas em outras nações. É o caso de Franz Boas (alemão) nos Estados Unidos, Bronislaw Malinowski (polonês) na Inglaterra, Curt Nimuendaju (alemão) no Brasil.<sup>29</sup>

E temo a constante presença de antropólogos estrangeiros em diversos países; é o caso de: Robert Lowie (alemão) nos EUA, Claude Lévi-Strauss (francês) nos EUA e no Brasil, Roger Bastide (francês) no Brasil, Geertz (norte-americano) na Ilha de Bali, na Indonésia, ou Margaret Mead (norte-americana) na Nova Guiné, ou Rivers (inglês) no Estreito de Torres, na Oceânia, Paul Rivet (francês) na Colômbia, no Chile e no México, e E. Evans-Pritchard (inglês) na África Central, são apenas alguns exemplos. Pareceria que, como diz M. Correa (1988), nesta tribo, os antropólogos, são todos estrangeiros (independente de sua definição específica), porque: "cada antropólogo que conta sua história pessoal lembra com veio de um outro campo de saber, de uma outra região de seu país, ou de outro, ou como perdeu qualquer outra referência inicial que possuía" (p.79). Ou como nos diz Evans-Pritchard no

texto Algumas Reminiscências e Reflexões sobre o Trabalho de Campo:

"Talvez seja melhor dizer que o antropólogo vive simultaneamente em dois mundos mentais diferentes, que se constroem segundo categorias e valores muitas vezes de difícil conciliação. Tornamo-nos, ao menos temporariamente, uma espécie de duplo marginal, alienado de dois mundos.

O problema fica mais evidente e penoso quando somos confrontados por noções inexistentes em nossa cultura atual e, portanto, não-familiares" (1978:303).

Ou seja, somos um outro que estuda e reflete os OUTROS. Sem dúvida, uma dialética complicada este exercício constante da Antropologia: a compreensão do OUTRO.



- (1) Segundo alguns dados de fontes diversas apresentados por ZENPATI, Ando. s/d:6., calcula-se que no período de 1821 a 1937 deixaram o continente europeu (da Espanha, Itália, Portugal, Inglaterra, Alemanha), rumo à América e Austrália, cerca de 60.000.000 de emigrantes. Outros autores, também citados por Ando Zenpati, estimam dados estatísticos maiores. E do continente asiático, especificamente da China, saíram para as ilhas do Pacífico cerca de 8.000.000 de emigrantes, e para as regiões de Manchúria cerca de 10.000.000. Se somados aos emigrantes da Índia, Japão e outras regiões da Ásia, chega-se a cerca de 20.000.000.

O presente quadro nos dá uma idéia do número de imigrantes saídos da Europa durante o período 1871-1890 pelas crises agrícolas.

PAÍSES	ANOS	
	1871-80	1881-92
Inglaterra	1.674.000	2.559.000
Irlanda	175.000	700.000
França	66.000	119.000
Alemanha	624.000	1.342.000
Áustro-Húngaro	111.000	436.000
Espanha	13.000	572.000
Itália	168.000	992.000
Rússia	58.000	288.000
TOTAL	2.889.000	7.008.000

Fonte: ANDO, Z. (s/d:38)

- (2) Com o objetivo de poder visualizar alguns dos diversos movimentos migratórios (Produto de diversas causas: econômica, cultural, ou persiguições políticas, raciais, religiosas etc.) e em diversos contextos históricos, a seguir indicaremos algumas fontes para referência: Em relação ao exílio de israelitas e palestinos nos tempos bíblicos, consultar: BEEK, M. A. (1967). Para obter alguns dados históricos e estatísticos sobre a imigração internacional ocorrida durante os séculos XVII e XVIII, consultar: ZENPATI, Ando. s/d. Sobre o exílio dos românticos russos Bakunin, Herzen, Ogarev (1847-1870), ver: CAN, Edward. (1969) Sobre os espanhóis liberais exilados em França (1823-1834), na crise do Antigo Regime, consultar: SÁNCHEZ M., Rafael. (1975).

Em relação aos refugiados da 2ª Guerra Mundial de origem judeu-europeia nos Estados Unidos, seu exílio e sua produção intelectual, consultar: COSER, Lewis A. (1984). Encontramos analisadas as contribuições em diversas áreas científicas dos intelectuais judeus: Reich, Fromm, Lazarsfeld, Alfred Schutz, Hannah Arendt, Roman Jakobson, Franz Neumann, Thomas Mann, entre outros; e HUGHES, H. Stuart (1977) aborda as contribuições de dois pensadores judeus-alemães da Escola de Frankfurt: Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, assim como as contribuições de Mann, Hesse, entre outros.

Para uma análise da geração de intelectuais judeus-alemães e suas contribuições (Walter Benjamin, Franz Kafka, Lukács, Erich Fromm, Ernest Bloch, entre outros), consultar: LÜWY, Michael (1989).

Para a obtenção de referências bibliográficas sobre refugiados vietnamitas, Indochineses, japoneses, soviéticos, sul-africanos, tibetanos, palestinos, tailandeses, etíopes, angolanos, portugueses, cubanos e outros países da África, consultar: STEIN, Barry W. (1981).

Em relação ao movimento migratório ocorrido após a década de 30 do século XX, especificamente sobre os trabalhadores estrangeiros na Alemanha e na Suíça, os imigrantes nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e França e os países de emigração: Itália, Iugoslávia, Turquia e vários países do continente africano, consultar: GEORGE, Pierre. (1977). Sobre trabalhadores na Alemanha Ocidental e o problema da adaptação dos filhos, consultar: SCHRADER, Achim (1976). Sobre a comunidade de argelinos na França, consultar: MINCES, Juliette (1989); e sobre as novas correntes imigratórias na década de 90, consultar o Caderno World Media nº 1, 2 e 3, publicado na Folha de São Paulo nos dias 18, 19 e 20 de julho de 1991.

(3)

TABELA I AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Período	nº de emigrantes	População no planeta
1750-1880	30 milhões 230 mil por ano	1815: 1 bilhão de habitantes
1880-1940	97 milhões 1,6 milhão por ano	1910: 2,1 bilhão de habitantes
1945-1970 (incluindo refugiados)	100 milhões 4 milhões por ano	1960: 2,9 bilhões de habitantes
1970-1990 (incluindo refugiados)	120 milhões 6 milhões por ano	1980: 4,7 bilhões de habitantes

FONTE: World Media nº 1 pp. 12-13, 18 de julho de 1991.

In: Folha de São Paulo.

(4)

TABELA II EMIGRANTES DO LESTE EUROPEU

Período	nº de emigrantes
1951-1982	190.000
1983-1988	275.000
1989-1990	1 milhão

FONTE: World Media nº 2 pp. 8-9, 19 de julho de 1991.

In: Folha de São Paulo.

## (5) TABELA III. NÚMERO DE IMIGRANTES EM 1990

(% da população de cada país, incluindo refugiados)

AMÉRICA		ÁFRICA		ÁSIA	
CANADÁ	16,9%	COSTA DO MARFIM	14,1%	BAHREIN	77,5%
ESTADOS UNIDOS	19,6%	MALÁVI	8,0%	EALI	66,6%
COSTA RICA	6,6%	SOMÁLIA	8,0%	KUAIT	60,0%
HONDURAS	3,9%	ÁFRICA DO SUL	7,9%	CATAR	54,3%
GUATEMALA	2,1%	BURUNDI	5,5%	ISRAEL	39,1%
MÉXICO	0,5%	ANGOLA	3,0%	ARÁBIA SAUDITA	25,0%
VENEZUELA	7,6%	GABÃO	2,7%	LIBANO	18,5%
URUGUAI	6,6%	ZIMBÁBUE	2,0%	IRAQUE	7,9%
ARGENTINA	6,1%	ZARE	0,8%	SÍRIA	4,8%
PARAGUAI	4,7%	REP. DE CAMARÔES	1,6%	TURQUIA	1,8%
BRASEL	0,8%	ETIÓPIA	1,4%		
		TANZÂNIA	1,1%		
EUROPA		OCEÂNIA			
SUIÇA	15,5%	AUSTRÁLIA	20,8%	IRÃ	5,4%
BÉLGICA	9,1%	N. ZELÂNDIA	14,7%	PAQUISTÃO	2,8%
FRANÇA	8,0%			NEPAL	1,5%
ALEMANHA	7,0%			ÍNDIA	0,9%
ÁUSTRIA	6,6%			BANGLADESH	0,8%
GRÃ-BRETANHA	6,1%				
HOLANDA	3,3%			HONG KONG	43,1%
SUÉCIA	5,9%			MALÁSIA	36,5%
NORUEGA	4,7%			CINGAPURA	22,2%
DINAMARCA	3,9%			JAPÃO	0,8%
BULGÁRIA	5,2%			TAILÂNDIA	0,8%
HUNGRIA	1,9%				

FONTE: WORLD MEDIA nº 3. 20 de julho de 1991. In: Folha de São Paulo.

(6)

No caso de imigrantes italianos, japoneses e alemães no Brasil, consultar: Revista Trabalhadores (1989) que proporciona alguns dados gerais sobre a vida destes imigrantes nas fazendas de café, o regime de parceria e os conflitos trabalhistas e, ainda, a classe operária de imigrantes. E para o caso dos japoneses no Brasil, ver: ZENPATI, Ando (s/d). e WAKISAKA, Katsunori (1989).

Sobre imigrantes italianos no Brasil, Argentina e Estados Unidos, consultar: KLEIN, Herbert S. (1989). Estudo que apresenta dados sobre a origem regional destes imigrantes, a partir de um ponto de vista comparativo (distribuição ocupacional, mobilidade social e riqueza relativa).

E no caso de Suíços, Galezes, russo-alemães, sírio-libaneses, japoneses, judeus-polacos nas colônias agrícolas implantadas a partir do século XIX na Argentina, consultar: CÚNEO, Dardo et alii (s/d); neste trabalho também é realizada uma análise a partir de obras literárias da época sobre a Imigração, e contém bibliografia básica sobre a Imigração e Colonização na Argentina.

No caso de japoneses no México, consultar: OTA MISHIMA, María Elena (1985). Estudo que analisa sete tipos de imigrantes japoneses (os colonos agrícolas, os imigrantes livres, os contratados, os ilegais, os qualificados, os jobijose (japoneses por requerimento), os técnicos). Cobrindo um período que vai de 1890 até 1978, também trabalha questões relativas à língua, à escola para as crianças de origem japonesa, à religião à situação dos japoneses na 2ª Guerra Mundial no México. E sobre japoneses nos Estados Unidos e Canadá, consultar: SAITO, H. (1980):

(7) Em relação ao fenômeno da migração rural-urbana nas cidades da A. L., consultar: TOURAINE, Alain. 1989, e KEMPER, Robert (1970); para obter dados estatísticos e históricos deste fenômeno das migrações entre os países latino-americanos, consultar: ASPEN INSTITUTE FOR HUMANISTIC STUDIES (1988); RAMA, Angel (1978) e AREVALO, Jorge (1981). Este autor, realiza um estudo das migrações entre os países latino-americanos a partir de censos demográficos realizados em 1970. Analisa 9 correntes migratórias internacionais de latino-americanos dentro da Região. A dos chilenos, bolivianos, paraguaios, brasileiros e uruguaios para a Argentina; a corrente de argentinos e brasileiros para o Paraguai; a de colombianos para a Venezuela; e a de nicaraguenses à Costa Rica. Analisa diversos aspectos, tais como: volume, sexo, idade, nível de instrução, ocupação.

Sobre o caso dos mexicanos nos EUA, para obter dados bibliográficos, consultar: SIERRA, Christine M. (1989); PAZ, Octavio (1984); Portes, Alejandro (1989).

Em relação aos brasileiros no Paraguai, especificamente os camponeses chamados de "brasiguaios", consultar: WAGNER, Carlos. (1990).

(8) Para uma análise a partir de obras literárias e depoimentos dos vários imigrantes latino-americanos na Europa, consultar: RIQUELME U., Horácio (1987). Este autor começa a partir do início do século XX e vai até o exílio ocorrido na década de 70. Ele caracteriza os imigrantes latino-americanos na Europa em 4 tipos: "Los buscavidas, los transplantados, los exilados, y los transhumantes". O significado destes termos seriam:

Buscavidas: São indivíduos ou grupos sociais que se vêem atingidos por diversos motivos e precisam sair de seu país de origem.

Transplantados: São indivíduos ou grupos sociais que se consideravam desarraigados em seu próprio país de origem e vão para a Europa com o fim de ficar por lá.

Transhumantes: São indivíduos ou grupos sociais que durante sua estada na Europa desenvolvem uma intensa ligação com seu país de origem, construindo uma identidade a partir de sua cultura de origem.

(9)

Podemos também observar o aumento da emigração uruguaia a partir da seguinte tabela, que vai do ano de 1963 até 1982.

1963	1.100
1964	1.200
1965	4.000
1966	5.900
1967	2.500
1968	7.700
1969	8.400
1970	19.464
1971	12.867
1972	18.782
1973	28.824
1974	64.646
1975	56.672
1976	30.806
1977	21.753
1978	16.613
1979	14.133
1980	8.113
1981	329
1982	400

FONTES: 1. Os dados referentes aos anos de 1963 até 1969 e 1982 foram extraídos de AGUIAR, César (1988:77).  
2. Os dados referentes aos anos de 1970 até 1981 foram retirados de WONSEWER, I. & TEJA, A. M. (1983:75 e 170)

(10)

I. Para se ter um parâmetro comparativo, apresentamos alguns dados referentes à população destes países nos anos de 1969 até 1988.

ANOS	ARGENTINA	CHILE	URUGUAI
1969	-	-	2.787.326
1970	23.617.000	9.969.000	2.810.546
1971	-	-	2.822.222
1972	-	10.393.800	2.839.562
1973	24.290.000	10.410.000	2.851.675
1974	25.050.000	-	2.853.803
1975	-	-	2.821.917
1976	25.722.000	10.454.387	-
1977	26.060.000	10.655.800	-
1978	-	10.860.000	2.860.000
1979	26.729.000	-	-
1980	-	-	-
1981	28.085.000	-	-
1982	-	-	2.947.000
1983	29.627.000	11.682.260	-
1984	30.097.000	11.878.419	-
1985	-	-	2.921.798
1986	31.029.694	12.271.173	-
1987	-	-	-
1988	31.963.000	12.748.498	2.981.000

OBSERVAÇÃO: 1. Os dados foram obtidos nos Almanques Abril Cultural de 1970-1975-1976-1977-1978-1979-1980-1981-1985-1986-1987-1988 e 1990. Em relação às cifras do Uruguai dos anos 1969 até 1975, foi utilizado o livro de WONSEWER, I. & TEJA, A. M. (1983:109).  
2. O traço (-) significa que não foram encontradas cifras.

II. Dados mais precisos sobre a população destes países nos anos de 1960, 1970, 1980, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989 e 1990 são encontrados na tabela da População Total da América Latina e o Caribe que reproduzimos abaixo:

164. POBLACION TOTAL a)  
TOTAL POPULATION a)

(Miles de personas, a mitad de cada año / Thousands of persons, at mid-year)

País/Country	1960	1970	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Antigua y Barbuda / Antigua and Barbuda	55	66	75	76	76	76	76	76	76
Antillas Neerlandesas / Netherlands Antilles	137	162	174	181	183	184	185	187	188
Argentina	20 616	23 962	28 237	30 331	30 737	31 137	31 534	31 929	32 322
Bahamas	113	170	210	232	236	241	246	250	253
Barbados	230	239	249	253	253	254	254	255	255
Belice / Belize	91	120	146	166	170	175	180	184	187
Bolivia	3 428	4 325	5 581	6 342	6 502	6 665	6 831	7 000	7 171
Brasil / Brazil	72 594	95 847	121 286	135 564	138 493	141 452	144 428	147 404	150 368
Colômbia	15 936	21 360	26 906	29 879	30 489	31 105	31 725	32 350	32 978
Costa Rica	1 236	1 731	2 281	2 642	2 716	2 791	2 866	2 941	3 015
Cuba	6 985	8 520	9 679	10 078	10 176	10 283	10 393	10 508	10 608
Chile	7 614	9 504	11 145	12 122	12 327	12 536	12 748	12 961	13 173
Dominica	60	71	73	80	81	81	82	82	82
Ecuador	4 413	6 051	8 123	9 317	9 565	9 816	10 070	10 327	10 587
El Salvador	2 570	3 588	4 525	4 768	4 846	4 934	5 031	5 138	5 252
Grenada / Grenada	90	94	90	87	87	86	86	85	85
Guadalupe / Guadalupe	275	320	327	333	335	337	340	342	343
Guatemala	3 964	5 246	6 917	7 963	8 195	8 434	8 681	8 935	9 197
Guyana	569	710	759	790	792	793	793	793	796
Haiti / Haiti	3 807	4 535	5 371	5 889	6 006	6 127	6 253	6 381	6 513
Honduras	1 935	2 627	3 662	4 383	4 531	4 679	4 829	4 982	5 138
Jamaica	1 629	1 869	2 133	2 311	2 342	2 371	2 399	2 426	2 455
México / Mexico	38 020	52 771	70 416	79 376	81 201	83 039	84 886	86 740	88 598
Nicaragua	1 493	2 053	2 771	3 272	3 384	3 501	3 622	3 745	3 871
Panamá / Panama	1 105	1 487	1 956	2 180	2 227	2 274	2 322	2 370	2 418
Paraguai	1 774	2 351	3 147	3 693	3 807	3 922	4 039	4 158	4 277
Perú / Peru	9 931	13 193	17 295	19 698	20 208	20 727	21 256	21 791	22 332
República Dominicana / Dominican Republic	3 231	4 423	5 696	6 416	6 565	6 716	6 867	7 019	7 170
Saot Kitts y Nevis / Saint Kitts and Nevis	51	47	44	44	44	44	44	44	44
Santa Lúcia / Saint Lucia	88	101	124	137	140	143	146	148	150
São Vicente y las Granadinas / Saint Vincent and the Grenadines	80	93	103	109	110	112	114	115	116
Suriname	290	373	352	383	390	398	405	413	421
Trinidad y Tabago / Trinidad and Tobago	843	971	1 082	1 178	1 198	1 220	1 241	1 262	1 282
Uruguai	2 538	2 808	2 914	3 008	3 026	3 043	3 060	3 077	3 094
Venezuela	7 502	10 601	15 024	17 317	17 792	18 272	18 757	19 246	19 735
Total	215 293	282 392	358 876	400 598	409 230	417 969	426 787	435 663	444 530

a) Las cifras corresponden a la proyección recomendada, que implica adoptar una hipótesis media de fecundidad.

a) These figures correspond to the recommended projection, which involved the use of an average fertility hypothesis.

Fonte: Anuario Estadístico de América Latina y el Caribe 1990. CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe de las Naciones Unidas) p.p. 165.

11)

Em 1991 fizemos novo levantamento de dados estatísticos para obtermos textos mais recentes sobre este assunto. Revisamos a Revista Doc Pal (do Centro Latino-Americano de Demografia - Naciones Unidas). Esta é uma revista que traz resumos de textos que tratam sobre a população da América Latina. Revisamos todas as revistas existentes no NEPO- Unicamp e não encontramos nenhuma outra fonte mais recente que nos fornecesse dados mais atualizados.

Mas, por outro lado, ficamos impressionados com o número de artigos existentes sobre o problema do retorno e do desexílio.

(12)

Através do seguinte quadro poderemos visualizar mais detalhadamente a emigração de Chilenos, Argentinos e Uruguaios rumo a diversos países neste período.

Países receptores destes emigrantes	NACIONALIDADES		
	CHILENOS	ARGENTINOS	URUGUAIOS
Argentina	133.000 (1970) 216.000 (1980) 207.176 (1980)		51.000 (1970) 114.000 (1980) 109.724 (1980)
Austrália	-	1.394 (1970) 3.024 (1980)	10.000 (1975)
Brasil	100.000 (1978) 17.830 (1980)	17.213 (1970) 26.633 (1980)	2.000 (1975) 21.238 (1980)
Bolívia	7.508 (1976) 20.000 (1978)	10.418 (1970) 14.669 (1976) 17.503 (1980)	193 (1976)
Canadá	15.892 (1973) 15.260 (1981)	- 7.210 (1981)	2.000 (1975) 4.165 (1981)
Chile		13.270 (1970) 18.656 (1980) 19.733 (1982)	989 (1982)
Espanha	-	7.784 (1970)	-
EUA	25.000 (1984)	13.077 (1980)	-
França	35.127 (1980)	44.803 (1970) 68.887 (1980)	5.000 (1975) 13.278 (1980)
Inglaterra	15.000 (1982)	-	-
Israel	89 (1973-1982)	8.273 (1970) 13.899 (1980) 12.140 (1970) 20.318 (1980)	-
Moçambique	700 famílias (1978)	-	-
México	3.345 (1980)	1.585 (1970) 5.503 (1980) 5.479 (1980)	- 1.553 (1980)
Paraguai	-	24.133 (1970) 40.414 (1980)	-
RDA	4.715 (1982)	43.336 (1982)	2.311 (1982)
Suécia	1.500 (1984) 9.716 (1973-1982)	-	-
Uruguai	- 1.006 (1975)	14.217 (1970) 36.726 (1975) 23.885 (1980) 4.307 (1970)	- - - -
Venezuela	150.000 (1978) 23.907 (1971-1984)	- 13.074 (1971-1984) 10.835 (1980) 11.371 (1981)	- 6.947 (1971-1984) - 6.898 (1981)
URSS (Rússia)	24.703 (1981)	-	-
Argélia	62 (1973-1979)	-	-
Equador	22 (1973-1979)	-	-
Peru	5.747 (1982) 5.976 (s/d)	1.691 (1982) 5.025 (s/d)	458 (1982) 527 (s/d)

**OBSERVAÇÃO:**

1. O traço (-) significa que não foram encontrados os dados.
2. Os dados foram obtidos a partir dos seguintes autores: Para os uruguaios, WONSEWER, I. & TEJA, A.M. (1983); para os chilenos, CARIOLA, P. & ROSSETTI, J (1984-1985), Que Pasa nº 824, 1987; e para os argentinos, LATTES, A.E. (1986). Em relação aos argentinos, chilenos e uruguaios na Venezuela no período 1971-1984 foi consultado: BIDEGAIN, G. (1986). Outro texto fundamental para os latino-americanos do continente americano foi: PELLEGRINO, Adela (s/d).

- (13) Outros dados mais pormenorizados e sobre as pesquisas que têm como tema os Imigrantes europeus e asiáticos no Brasil, consultar: MELATTI, Cezar (1984:11-12). Para o caso específico dos alemães: SEYFERH, Giralda (1988); e para o estudo dos japoneses: SAITO, Hiroshi (1973). Sobre os estudos de comunidade no Brasil, consultar: MOUSINHO G., Maria L. (1962) e WORTMANN, Klass (1972).
- (14) ALVIM, Z. (1986); ANDO, Z. (s/d); BALAN, J. (1973); BEIGUELMAN, P. (1968); CARNEIRO, F. (1948); CENNI, F. (1975); CORREA LEITE, C. L. (1959); COSTA, R. (1976); DURHAM, E. (1966/1978); ELIZANGA, J. (1970); IANNI, C. (1972); KAWAI, T. (1980); LEITE MERTZIG (1977); MENEZES, C. (1972); PEREIRA DOS REIS, P. (1961); SAITO, H. (1973/1980); SCHADEN, E. (1957/1971/1973/1980); SCHORER P, M. F. (1982); WILLEMS, E. 1948/1980).
- (15) Entre os estudos antropológicos que se preocupam com a aculturação, adaptação, assimilação e miscigenação, podemos citar: CORREA LEITE, C. R. (1950); DURHAM, E. (1966); EISENTADT (s/d); SAITO, H. (1973/1980); SCHADEN, E. (1957/1971/1973/1980); WILLEMS, E. (1948/1980).
- (16) Em relação à experiência de fracasso, de não "Fazer a América", consultar: MARSAL, Juan Francisco. Hacer la América. Biografía de un imigrante. Barcelona, Ariel, 1972.
- (17) Crises e separações no matrimônio são fatos corriqueiros. Tensas relações entre pais e filhos também. Sobre estes aspectos, consultar: GRINBERG, Leon & GRINBERG, Rebeca. 1984; DONOSO, José. (1981); GALEANO, Eduardo. (1977). Sobre o impacto do exílio em crianças refugiadas nos Estados Unidos, consultar: HUYNCK, Earl & FIELDS, Rona (1981).
- (18) Da literatura existente: (BURGOS, Ernesto:1986), (RESZCZYNSKI, Katia et alii:1979), (VAZQUEZ, Ana:1980-1982). Esta última é quem melhor tem caracterizado a experiência do exílio a partir da comunidade de chilenos na França; utilizaremos como ponto de partida — porém, com restrições — a sua caracterização das tendências similares de comportamento; e concomitantemente vamos fazer uso de outros autores e de nosso material empírico coletado.
- Para uma visão cinematográfica do exílio ocorrido na América Latina do Cone Sul: para o caso de argentinos morando na França, ver o filme TANGOS, o exílio de Gardel, do diretor argentino Fernando Solanas. O filme foi rodado na França em 1985.
- Outro filme que trata da experiência do exílio, desta vez de uma família chilena (especialmente o conflito do jovem Pablo, que nasceu no Chile e passou sua adolescência no Brasil) morando no Rio de Janeiro, é A COR DO SEU DESTINO, do diretor chileno Jorge Durán.
- (19) Consultar: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel (1986) e TEITELBOIM, Volodia (1988).



(20)

Estes autores colocam a problemática do idioma como sendo algo comum tanto aos imigrantes quanto aos exilados. Trabalham em especial a questão da linguagem com as crianças e adolescentes, e os conflitos que se produzem. Outra autora (VAZQUEZ, Ana et alii. 1979:20-21) reflete sobre os conflitos que se produzem nas famílias e na comunidade de exilados chilenos na França (ela realiza observações em escolas onde estudam crianças chilenas) quando as crianças vão à escola. Por um lado a comunidade está vigilante e há um esforço por manter a língua de origem, especialmente para que a criança não perca sua língua "materna" e, por outro lado, uma postura altamente crítica em relação ao francês e à cultura que a criança está aprendendo. Há, assim, uma tensão constante entre os dois mundos e as duas línguas. Ver também: BAST, Rosalinda & HAMEL, Reinar E. (1986).

(21)

Estes autores explicitam outras dificuldades, especificamente com o processo de aprendizagem do idioma e com a ausência ou insuficiência de cursos básicos nos países europeus onde diversos refugiados chegaram. Eles apresentam o caso de refugiados chilenos em países como: Itália, França, Inglaterra, Alemanha Federal, Holanda e Bélgica.

(22)

No caso dos chilenos exilados políticos, se chegou ao ponto de se carimbar os passaportes com a letra L., que significava a proibição de entrada ao Chile, e faziam parte de uma listagem "especial".

(23)

Este estudo foi realizado com 80 ex-prisioneiros políticos chilenos no Exílio. Outros especialistas também trabalharam a relação entre diversas doenças físicas e emocionais com a experiência do exílio. Em relação à saúde mental, segundo (GRINBERG, L. & GRINBERG, R. 1984:152 e 163), existem estudos estatísticos sobre imigrantes e refugiados em que se verifica que existiria uma incidência de alguma doença mental, a loucura, especialmente entre os 20 e 30 anos. Ver também: GILIO, María Esther. 1988; e MUNOZ, Liliana (1980), que trabalhou com 25 refugiados políticos chilenos, de ambos os sexos, exilados na Grã-Bretanha, seus problemas de "stress" entre outros.

(24)

É interessante assinalar que muitos grupos se tornaram extremamente criativos e produtivos. Em relação aos exilados chilenos, conhecemos a existência de diversas Associações como: Instituto para el Nuevo Chile, em Roterdã, Holanda; a Asociación para el Estudio de la Realidad Chilena, em Paris, França. Estas associações realizaram diversos Encontros, Seminários e Escolas de Verão. Consultar: BRUNNER, Joaquim, 1982. Há, ainda, a criação de várias revistas no exílio: Chile-America, em Roma; Araucaria de Chile, em Espanha, Revista de Literatura Chilena en el Exilio, Los Angeles - Califórnia; "Resistencia Chilena", do partido MAPU Obrero y Campesino; Correo de la Resistencia, organo del MIR de Chile. Também temos notícia da Revista Argentina Cuadernos e a revista Canto Libre, Paris.

Em relação ao Brasil, no exílio (em Genebra, na Suíça) foi criado um centro de pesquisas, o IDAC (Instituto de Ação Cultural). Para a análise desta experiência, consultar: FREIRE, Paulo et alii. 1985.

Foram realizados um sem-número de eventos, encontros, seminários

etc., relacionados com os fatos ocorridos na década de 70 na América Latina do Cone Sul. A seguir, apresentamos aqueles que conseguimos descobrir: Seminário sobre "El exilio chileno". Londres, Inglaterra, fevereiro de 1979; Conferência Internacional sobre el Exilio Latinoamericano. Caracas e Merida, Venezuela. 21 a 29 de outubro de 1979. (Consultar: CORTÁZAR, Julio. 1984); "Primer Coloquio de Literatura Chilena en el exilio". Instituto de Altos Estudios de la América Latina. Universidad de la Sorbonne, Gouville, Junho de 1983 (Consultar: ORELLANA, Carlos. 1984); Seminário "Represión y reconstrucción de una Cultura: El caso Argentino". Dezembro de 1984. Universidade de Maryland (E.U.A.) (Consultar: SOSNOWSKI, Saul (org.). 1987); Seminário "Cultura del Miedo". Organizado por Social Science Research Council. B. Aires, 1985; Encuentro de los creadores y críticos uruguayos. College Park (E.U.A.). 9-10-11 de março de 1986. (Consultar SOSNOWSKI, Saul (org.) 1987.)

"Jornadas culturales Salvador Allende". Realizada na Casa do Chile no México; 4 a 10 setembro de 1979. É o "Colóquio sobre literatura chilena de la resistencia y del exilio"; onde participaram escritores chilenos: Antonio Skarmeta, Fernando Alegria, Volovia Teitelboim, entre outros, nos dias 5 a 9 de setembro, no México. Consultar Revista Casa de las Americas (1979).

Existe uma intensa atividade e produção cultural em diversos campos: literário, cinematográfico, nas artes, nas ciências sociais etc., decorrente do fenômeno do exílio ocorrido nos anos 70 na América Latina do Cone Sul.

A título de exemplo, consultar Fuera de Fronteras (1984), que reúne o trabalho no exílio de vários literatos, poetas, desenhistas e pintores uruguaios.

- (25) Em relação à organização de grupos políticos e à reativação de partidos políticos no caso chileno, consultar: NEVES, E. & VAZQUEZ, Ana. 1982, e NUÑEZ, Ricardo. 1982.
- (26) Para a questão do asilo: legislação, direito etc., consultar: WACHOWICZ, Marcos. 1985 a e b; ZOVATTO, G., Daniel. 1987; e International Migration Review. 1981.
- (27) BIDEGAIN, Gabriel (1986:12-14) comenta algo curioso. No período em que se iniciou a repatriação ou retorno de latino-americanos do Cone Sul, quase a totalidade dos que realizaram trâmites para ser refugiado (quando já existiam governos democráticos em seus países) na verdade fizeram uso dos diversos programas de repatriação do CIM - Comité Intergubernamental para las Migraciones e do ACNUR, que envolve o financiamento da viagem e outras ajudas econômicas. Para uma análise dos refugiados repatriados do Cone Sul, consultar: BIDEGAIN, Gabriel. 1986 e CARIOLA, Patrício & ROSETTI, Josefina (1984-1985).
- (28) Existem dois textos de antropólogos brasileiros que mostram essa dialética entre o exótico e o familiar ao refletir sobre a nossa cultura. Estou referindo-me a dois textos muito conhecidos no Brasil: MATTA, Roberto da (1978). O Ofício de Etnólogo ou como ter "Anthropological Blues" e VELHO, Gilberto. (1978). Observando o familiar.
- (29) Para o caso da antropologia brasileira, a sua formação e a participação de antropólogos estrangeiros durante o período dos anos 30 até 1960, consultar: CORREA, Mariza (1988). Traficantes do excêntrico. Os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos 60.

## CAPÍTULO III

---

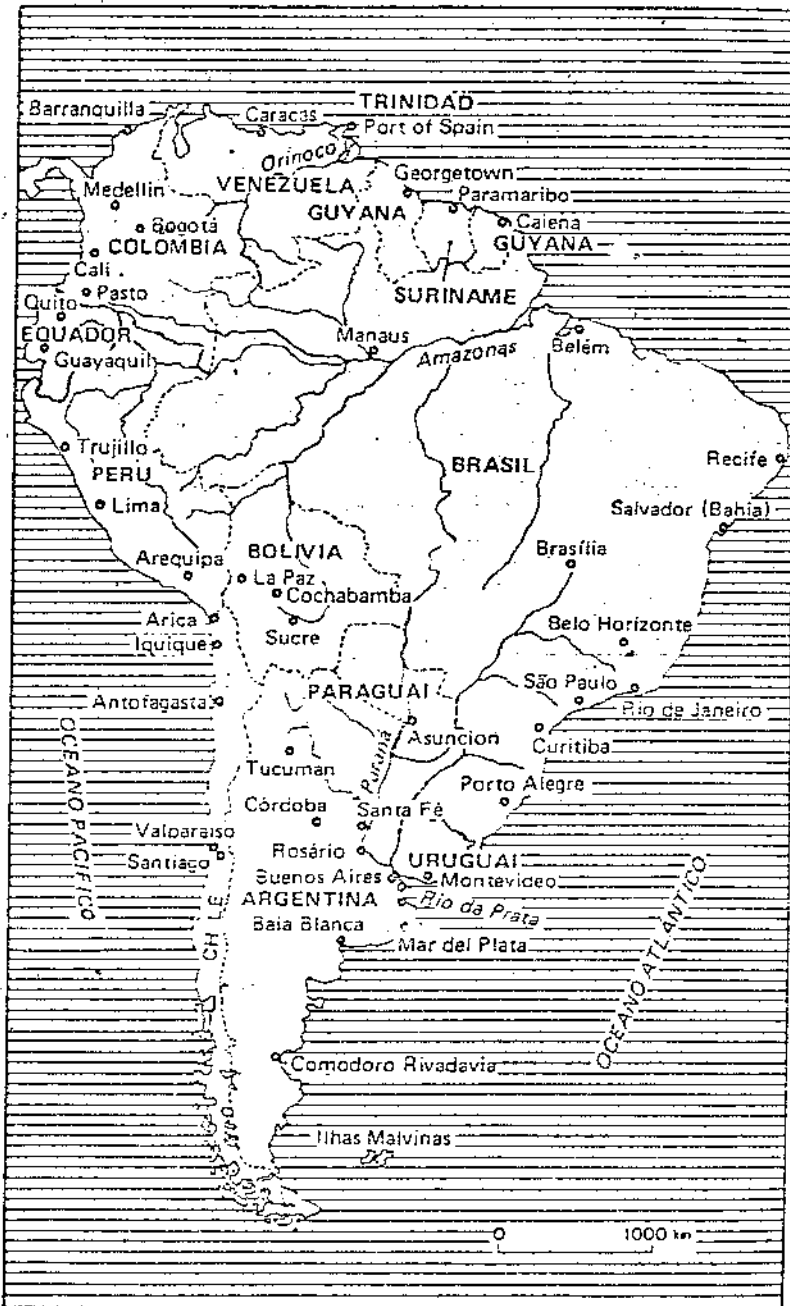
O CENÁRIO : Os anos 70 no Cone Sul. Breve contextualização político-histórica- econômica e sócio-cultural

---

"Sim, é verdade, a vida é mais livre  
o medo já não convive nas casas, nos bares, nas ruas  
com o povo daqui  
e até dá pra pensar no futuro e ver nossos filhos  
crescendo sorrindo  
mas eu não posso esconder a amargura  
ao ver que o sonho anda pra trás  
e a mentira voltou  
ou será mesmo que não nos deixara?  
a esperança que a gente carrega é um sorvete em pleno sol  
o que fizeram da nossa fé?  
eu briguei, apanhei, eu sofri, aprendi  
eu cansei, eu berrei, eu chorei, eu sorri  
eu saí pra sonhar meu País  
e foi tão bom, não estava sozinho  
a praça era alegria sadia  
o povo era senhor  
e só uma voz, numa só canção  
e foi por ter posto a mão no futuro  
que no presente preciso ser duro  
que eu não posso me acomodar  
quero um País melhor.

("Carta à República", Milton Nascimento e Fernando Brant).

CAPÍTULO III. O Cenário: Os anos 70 no Cone Sul, Breve contextualização político-histórico-econômica e socio-cultural.



(In: ROUQUIÉ, A. 1984:29).

Realizaremos esta contextualização a partir de alguns pontos de vista de sociólogos, cientistas políticos, historiadores e dos nossos pesquisandos. Evidentemente não pretendemos esgotar o tema, mesmo porque ele é vasto, complexo e diversificado, e também porque existem inúmeras interpretações. O nosso objetivo é realizar apenas um pano de fundo, e não desenvolver profundas análises, mesmo porque isto representa uma tarefa e esforço para outra tese específica deste assunto. Por isso, selecionamos os aspectos mais significativos desta época, indubitavelmente que se torna um recorte subjetivo, que tem seus riscos, os quais assumo. Porém, tentaremos sempre que possível remeter a estudos já realizados sobre os assuntos discutidos para complementar a análise.

Gostaríamos de começar este texto com algumas indagações (que compartilho) que, em alguma medida, se constituem em fios condutores desta temática.

O escritor argentino Julio Cortázar se indaga a respeito da nossa inabilidade democrática na América Latina da seguinte forma:

"(...) se trata sobre todo de indagarnos como individuos pertenecientes a pueblos latinoamericanos, de indagar por qué perdemos las batallas, por qué estamos exilados, por qué vivemos mal, por qué no sabemos ni gobernar ni hechar abajo a los malos gobiernos, por qué tendemos a sobrevalorar nuestras aptitudes como máscaras de nuestras ineptitudes"  
(Cortázar, Julio. 1978:96) (grifo nosso).

Embora esta indagação esteja circunscrita ao contexto dos anos 70 na América do Sul, não há dúvidas de que ela ainda permanece adequada. É inevitável perguntarmos: Por que os "nossos governos" na América Latina foram majoritariamente e "quase" permanentemente ditaduras militares ao longo da história?

Há algumas "explicações" a estas questões que tentaremos apresentá-las de maneira sintética. São 4 explicações.

É Alain Rouquié, cientista político francês, que aponta para uma possível resposta, de natureza histórica, sobre esta incapacidade democrática que assola a América Latina. Ele nos diz: "Essa incapacidade democrática decorreria(...) da tradição jurídica, da herança dos legisladores e teólogos espanhóis desde o século XVI (...)" (Rouquié, Alain. 1984:XVI).

Há outras teorias explicativas a respeito. A visão dos positivistas no final do século passado; eles acreditavam que as repúblicas sul-americanas eram inaptas por natureza ao regime representativo democrático.

Posteriormente, os desenvolvimentistas afirmavam que as intervenções militares estariam relacionadas com as fases ou "graus" de desenvolvimento econômico-industrial, ou seja, quanto mais complexo o sistema e "moderna" a economia, tanto menos facilidades para se estabelecer teriam as intervenções das Forças Armadas. A explicação é o atraso econômico.

Ora, se aceitarmos esta interpretação, se são somente as condições econômicas as que determinam ou influenciam a ocorrência de golpes militares, significaria então que os países subdesenvolvidos estariam condenados, quase permanentemente, à sina dos governos militares. Obviamente, esta é uma explicação excessivamente determinista.

Porém, o mesmo autor citado há pouco, Rouquié, assinala que esta teoria otimista sofreu duras críticas, principalmente quando se desencadearam os regimes militares mais violentos e ferozes em países tidos como os mais avançados, política e economicamente, do continente (Chile: 1973, Uruguai: 1973 e Argentina: 1976).

Outra explicação diz respeito ao processo pelo qual os regimes militares autoritários "corresponderiam às necessidades do capitalismo mundial e à nova divisão internacional do trabalho que esse mesmo capitalismo coloca em vigor".

(Rouquié, A. 1984:XX). Há uma nova fase de domínio burguês e uma nova fase de acumulação capitalista.

Em outras palavras, há necessidade de manter regimes militares que ajudem a garantir, econômica e politicamente, os investimentos estrangeiros e a acelerar a acumulação de capital.

Embora estas sejam possíveis respostas, resta saber, como perguntou de forma perturbadora Alain Rouquié (1984:XXV), então "(...)por que os militares não estão no poder em todo o mundo?" Questão que se torna um grande desafio para os cientistas políticos.

Embora hoje, década dos 90, estejamos vivendo incipientes e frágeis processos democráticos no Chile, na Argentina, no Uruguai e no Brasil, ou as DEMOCRATURAS, nas palavras de Eduardo Galeano, resulta curioso perceber como ainda nos restam tantos resquícios desta trágica experiência dos governos militares, e convivamos ainda com tantas práticas autoritárias em diversos níveis da sociedade. Sem dúvida que levará ainda muito tempo para que a América Latina se socialize duradouramente com a democracia.

## 1. O Cone Sul e as ditaduras militares



(Fonte: ¿QUE ES LA DICTADURA? Cartilla de Educación Popular nº 2. Centro De Estudios Políticos Latinoamericanos Simon Bolívar (CEPLA). Pág. 3, 1988, Santiago - Chile.)

O desenho apresentado é eloquente em termos de explicar o que seria uma ditadura; porém, além deste recurso (humor), é necessário diferenciar as ditaduras anteriores aos anos 70 e especificamente a dos 70.

As ditaduras militares anteriores aos anos 70

Para Alain Rouquié, o militarismo se remontaria já à derrocada do Estado Colonial espanhol; portanto, esta militarização na América Latina não é algo recente.<sup>2</sup>

Em 1954, de vinte países latino-americanos, treze eram governados por militares (Rouquié, A. 1984:XIV). Entre os anos 1920 e 1966 há 81 golpes militares na América Latina (Num, Jose. s/d:79) e, em 1980, dois terços da população total da América considerada latina viviam em países de regimes militares ou sob o domínio militar (Rouquié, A. 1984: XIV).<sup>3</sup>

São muito os autores (O'Donnell, G. 1981; Lowy & Sader, 1977; Rouquié, A. 1984; Lechner, 1978) que apontam as diferenças entre os golpes militares anteriores aos anos 70. Estes golpes se caracterizam fundamentalmente por ser uma intervenção de tipo "preventivo e restaurador", "contra a ameaça do comunismo que apareceria como uma consequência provável, mas não iminente" (O'Donnell, G. 1981:278). São vistos, também, como uma tentativa de manutenção do "status quo". Ou como intervenção das Forças Armadas em representação das classes médias para "suprir a sua incapacidade de direção — caso de populismo" (Lechner, N. 1978:15). Estes golpes são realizados por caudilhos, tornando-se ditadores ou tiranos todo-poderosos que mantêm seu clã.

A análise de M. Löwy & E. Sader (1977:60) aponta para a necessidade de distinguir entre as ditaduras militares tradicionais — ou arcaicas, para outros autores (Somoza, da Nicarágua; Stroessner, do Paraguai; Trujillo, de São Domingos; Duvalier, do Haiti) — e as ditaduras militares dos anos 70, já que as primeiras foram "erigidas para manter a sociedade primária exportadora" (p. 64) e as segundas para "responder às contradições criadas pela sociedade industrial capitalista" (p. 64). Ambas teriam funções diferentes.

No caso das ditaduras militares tradicionais, produto de sociedades relativamente simples, a sua função também seria relativamente simples: "asegurar la realización de la sobreexplotación de los trabajadores rurales, impedir que el orden establecido se vea amenazado por la competencia y las luchas entre los sectores oligárquicos rivales. En cierta for-



ma, estos regímenes constituyen mediaciones entre la oligarquía rural del país y las (o la) compañías extranjeras que controlan su comercio exterior" (1977:64).

Estes regimes empregam a força, a miséria e a ignorância para reprimir a população (ver Lowy, M. & Sader, E. 1977:65).<sup>4</sup>

Rouquié aponta noutra direção e cita Fernando H. Cardoso para explicar a interferência das Forças Armadas. No Brasil, por exemplo, se daria a interferência para defender o Estado. Ou seja, os militares "não são os 'cães de guarda' da oligarquia ou do grande capital, mas sim os guardiães do Estado" (Rouquié, A. 1984:336) (grifo meu). Visão esta que pode ser questionável para outros analistas políticos.

Devemos também apontar para o fato de existir golpes militares que se diferenciam totalmente desses e são considerados ou vistos como "regimes militares progressistas", ou "reformistas", ou "modernizantes". É o caso do Peru (1968 a 1975) sob o general Velasco Alborado e do Equador (1972) sob o general Rodríguez-Lara.

No caso do Peru, as Forças Armadas impuseram uma série de reformas estruturais no país. Entre estas, uma reforma agrária, uma política de nacionalização e uma "revolução humanística".<sup>5</sup>

#### Uma espécie de caracterização dos regimes militares nos anos 70

Não podemos esquecer que neste cenário dos anos 70 já temos instauradas duas "velhas" ditaduras: o Brasil (1964) e o Paraguai (1954).<sup>6</sup>

São vários autores (Rossi, Clóvis. 1982, Collier, D. 1982, Rouquié, A. 1984) que indicam para o fato de que desde o golpe de 64 no Brasil se inicia na América Latina um processo de transformação na atuação das Forças Armadas. Ao intervir, se transformam em ocupantes institucionais do Poder.

No entanto, apesar do Brasil constituir-se no ponto de partida deste novo processo de militarização na América Latina, o caso brasileiro distancia-se significativamente dos outros golpes de Estado; já que, por um lado, os militares brasileiros exercem o poder com a manutenção "permanente dos partidos políticos (exceto dos comunistas) como também do sistema eleitoral e do parlamento" (ver: ROSSI, Clóvis 1982:45). Por outro lado, o caso brasileiro constitui-se num regime militar "bem-sucedido", já que produziram o desenvolvimento econômico cristalizado no "boom" do milagre brasileiro que conheceu seu período áureo entre 1970 e 1974.<sup>7</sup>

Estes regimes de "novo estilo" ou de "novo autoritarismo" chegam ao total de 12 golpes de Estado: Argentina (1970, 1971, 1976), para prosseguir na Bolívia (1970, 1971, 1978, 1979, 1980), Equador (1972), Chile (1973), Uruguai (1973), Peru (1975).

Há outros autores assinalando que estes regimes militares apontam para uma crise de hegemonia dentro do sistema político, uma crise do Estado na América Latina e se constituem em outra forma de dominação burguesa. Ou também um processo de reestruturação capitalista interna e reinserção no sistema capitalista mundial. O'Donnell (1981:279) indica para o fato de que os golpes de 70 tiveram "uma orientação bem mais radical: deter um processo que parecia a um passo do colapso da sociedade, da economia e do Estado, e que, portanto, requeria muito mais que a restauração da ordem social preexistente".

Antes de eclodir estes golpes, havia, em alguns países da América Latina, um alto grau de ativação política do setor popular. Situação esta que ameaçava a ordem e a normalidade da vida política e econômica. Desencadeia-se uma profunda crise econômica, que é sintetizada por O'Donnell (1981:279) da seguinte forma ao referir-se à situação do Chile e da Argentina: "(...) no momento dos golpes do Chile, em 1973, e Argentina, em 1976, a inflação superava taxas anuais de 500%, parecia iminente a cassação internacional de pagamentos; o investimento estrangeiro havia caído drasticamente e os fluxos de capital com o exterior, legais e ilegais, davam saldos massivamente negativos".<sup>8</sup>

Outro autor, Luis Maira (1986), aponta para a necessidade de analisar esta experiência recente num quadro mais amplo. A compreensão dos fenômenos políticos internos de cada país só é possí-

vel a partir da análise destes fenômenos correlacionados com fatores internacionais. Especificamente, analisados em conjunto com os projetos e proposições formulados pelo governo e grandes corporações dos EUA. Ou seja, é preciso estudar a política de dominação dos EUA e sua hegemonia na América Latina. Ele explica deste modo, fazendo um paralelo com as "velhas" e novas ditaduras na A.L. :

"(...) si las formas originarias de la dictadura capitalista en la región asumían un carácter predominantemente "nacional", las más nuevas se dan dentro del contexto de una creciente internacionalización del proceso productivo y de vinculaciones interestatales cada vez más amplias. Entonces, la naturaleza del proyecto político y de los diversos modelos y programas específicos, pasa a estar condicionado por las decisiones de una dirección global que expresa los intereses de la hegemonía norteamericana. Las funciones de las Fuerzas Armadas y las organizaciones de sus tareas políticas pasan a ser definidas a partir de factores igualmente internacionales" (op. cit. 1986:23).

Também não devemos esquecer que grande parte dos oficiais de alto escalão receberam formação em Centros de Aperfeiçoamento militar norte-americanos, especialmente a Escola das Américas, na Zona do Canal do Panamá.

Enfim, implanta-se na década de 70 na A.L. um novo modelo de acumulação capitalista e, ao mesmo tempo, um novo modelo de desenvolvimento desigual e combinado, onde é internacionalizado o mercado interno e a produção industrial. Este modelo foi sustentado a partir de uma repressão sem precedentes, ancorado a um modelo econômico ultraliberal e à Ideologia de Segurança Nacional.

Mas existem análises explicativas que apontam para uma "Teoria da Ditaduras". Tentaremos rapidamente visualizar estes estudos para, posteriormente, deter-nos nas mudanças em diversos âmbitos que ocorreram na década de 70 nos países do Cone Sul.

Na nossa leitura sobre este tema, as ditaduras na década de 70 na A.L., nos deparamos com enorme variedade de explicações e posturas teóricas. Podemos dizer, sem exagero, que cada autor sustenta uma explicação e uma nomenclatura ou nomeação para esses regimes.

Entre estas podemos citar: "Estados de exceção", "golpes de Estado permanentes", "ditaduras empresariais", "Estado militar", "Novo autoritarismo", "fascismo", "neofascismo", "fascismo dependente", "Estados burocráticos autoritários", "Estados autoritários defensivos", "regimes militares tecnocráticos", "Estados de segurança nacional", "Estados terroristas", "Estados de ditaduras militares",

"regime de controle militar corporativo" etc.

Ao analisar a produção de alguns cientistas políticos sobre os regimes nos anos 70, Garreton (1980:1) aponta para dois extremos que estariam presentes nessas análises. Por um lado, a redução desses regimes a determinantes econômicas e, por outro lado, uma análise que considera apenas traços descritivos das dinâmicas políticas.

Porém houve duas análises mais predominantes que suscitaram um intenso debate e produção de trabalhos na explicação dos golpes na década de 70 na A.L. do Cone Sul: A primeira, o Fascismo (neo, dependente, primário etc.) e, em seguida, o Autoritarismo Burocrático.

Houve predominância, por algum tempo, de associar os regimes militares dos anos 70 ao fascismo. Os autores divergem, pois para alguns seria um fascismo "sui generis" o latino-americano, com uma especificidade própria. Para outros, um fascismo dependente, e isto devido ao nosso estágio inferior de desenvolvimento industrial e nossas exportações de produtos primários. O fascismo surgiria quando há crise econômica seguida de intensificação da luta de classes e crise política. Todos estes elementos levariam ao fascismo.<sup>9</sup>

Mas existiriam dois tipos de regimes Fascistas na A.L., os primários e os neofascistas..

Os regimes Fascistas primários seriam:

Nicarágua (1928), Rep. Dominicana (1929), Paraguai (1953), Haiti (1957):

E os regimes Fascistas neo seriam:

Brasil (1964), Uruguai (1972), Bolívia (1973), Chile (1973), Argentina (1976).

Evidentemente que, como esta é uma possível explicação, o debate foi polêmico e relativizador. Aquelas que sustentam esta explicação reconhecem que estariam ausentes diversos elementos fundamentais do projeto fascista clássico (inexistência do Partido Fascista, carência de projetos corporativistas ou de organizações de massa para canalizar o apoio social da pequena burguesia e de outros segmentos da sociedade, como os operários e os camponeses). Porém, os que rejeitam esta interpretação reconhecem que estes regimes reproduziram vários elementos da experiência Fascista na Itália e Nazista na Alemanha, especificamente o intento de desarticular a classe operária e suas próprias organizações políticas (sindicatos, associações de classe etc.). (Outros detalhes consultar MAIRA, Luis. 1986)

Existem outras críticas de absoluta rejeição desta explicação de vincular os regimes militares latino-americanos ao fascismo. Entre estas encontramos a de A. BORÓN (1977:483) que circunscreve o fascismo ao período entre guerras, uma forma historicamente determinada e uma categoria histórica. É como forma de resolver "uma crise econômica e política particular, que surgiu como resultado de contradições específicas de países capitalistas avançados".

Prosseguindo com o mesmo autor, não poderíamos vincular o fascismo aos regimes militares latino-americanos porque: "1- Se trata de dos formas de Estado que afloran en fases diferentes al interior de la etapa imperialista del capitalismo (...) e que presentan (...) una diferente configuración de clases dominantes (...) e diferentes mecanismos de realización del capital (...) 2- Ausencia de una base de masas en el 'Estado militar latinoamericano' (...) 3- En la experiencia histórica latinoamericana no 'hay espacio' para la emergencia de partidos únicos que canalicen el frenético apoyo de masas pequeno-burguesas. (...), o para el surgimiento de una ideología totalitaria que pretenda llevar adelante un proyecto global de reorganización de la sociedad" (BORÓN, A. 1977:520-521).

Outras restrições são apontadas por Maurício D. David (1979:157); para ele, os regimes autoritários latino-americanos devem ser entendidos como manifestações do capitalismo externo, enquanto o fascismo e o nazismo eram manifestações do capitalismo interno em luta contra o capitalismo externo.

A outra vertente percebe os regimes militares dos anos 70 como Burocrático-Autoritários. Os militares destes golpes de "novo estilo" adotam, preferencialmente, um enfoque tecnocrático e burocrático na formulação política e econômica. Estes traços caracterizadores levaram alguns cientistas políticos a denominar esses regimes de "autoritarismo burocrático". O uso inicial deste termo é de Guillermo O'Donnell e posteriormente sofreu modificações por outros autores que desenvolveram

trabalhos e pesquisas destes modelos explicativos. <sup>10</sup>

Este modelo adota um enfoque que enfatiza a questão da mudança política desses países que são conhecidos como pertencentes ao estágio de desenvolvimento capitalista tardio e dependente.

Na explicação deste modelo, O'Donnell procura mostrar as condições da emergência e a natureza desses regimes. Estes se foram construindo como resposta das classes dominantes locais à ameaça da quebra da ordem política e econômica. Num clima que existiam pressões e mobilizações populares.

Tal quebra se deu principalmente no âmbito econômico, quando foi substituída a política de importações por uma nova fase de industrialização. Esta mudança trouxe sérias dificuldades econômicas (altas taxas inflacionárias, dívida externa etc.) para os países envolvidos.

Em relação à noção de autoritarismo-burocrático é CARDOSO, F. H. (1982:45) quem sugere uma restrição do uso desta noção. Ele nos diz: "Eu sustentaria que a noção de autoritarismo-burocrático não deve ser usada nesse sentido tão amplo. Eu a restringiria às situações nas quais a intervenção militar ocorresse em reação a movimentos esquerdistas e nas quais as políticas que servissem para reorganizar o Estado e a economia para garantir o progresso contínuo do desenvolvimento industrial capitalista fossem implementadas por regimes militares, como na Argentina e no Brasil. O motivo para esta aplicação restrita do conceito não é um capricho analítico mas, ao contrário, a necessidade de sublinhar o fato decisivo da militarização do Estado." <sup>11</sup>

É necessário ressaltar que os regimes autoritário-burocráticos variam tanto no tempo, como nos países e na sua evolução.

Existe uma outra caracterização muito detalhada desses regimes, especificando a esfera e o contexto de atuação onde se dão. Estas idéias correspondem ao trabalho de GARRETON (1980:2) que a seguir citamos:

"(i) Surgen en países con un cierto nivel de desarrollo o industrialización y, en algunos casos, con un régimen político de cierta estabilidad histórica. (ii) Suceden a un período de una amplia y relativamente intensa movilización y presencia política popular, que llega a asumir formas populistas o revolucionarias. (iii) En el bloque que se apodera de la dirección del Estado, pasan a desempeñar un papel preponderante las Fuerzas Armadas, que realizan materialmente la ruptura y se comprometen orgánicamente en la conducción de este proceso a través de su institucionalidad jerárquica. (iv) En torno a ellas se estructura una coalición que expresa las clases económicamente predominantes, las que ejercen su dominio sobre el aparato estatal a través de equipos tecnocráticos. (v) Este bloque dominante plantea un proyecto de reestructuración de la sociedad en términos de nuevos patrones y mecanismos de acumulación y distribución y de reordenamiento político. (vi) Este ordenamiento político, que se caracteriza por su pauta autoritaria y excluyente, exige el uso de la fuerza represiva, de manera de eliminar, desarticular, o controlar las organizaciones populares de clase y políticas, así como las demás organizaciones políticas sobrevivientes del período anterior."

Porém outro autor, Luis Maira (1986), aponta para a necessidade de estudos mais aprofundados que trabalhem com outros aspectos a ser investigados nestas ditaduras, especificamente, quais as motivações das forças sociais que apoiaram as primeiras fases dos golpes?, qual a natureza das relações com os diferentes centros capitalistas de poder internacional? etc.

Sem dúvida que as tipologias e caracterizações são numerosas, mas nos interessa conhecer as mudanças que ocorreram em diversas esferas da sociedade civil, do Estado e das individualidades.

#### As mudanças ocorridas na A.L. do Cone Sul dos anos 70

Através desses golpes assistimos a profundas mudanças estruturais em esferas diversas: na política, na econômica, na social, na jurídica, na demográfica e até na da vida diária e cotidiana das pessoas.<sup>12</sup>

Tentaremos, agora, tocar brevemente nestes aspectos para perceber a profundidade e violência das abruptas mudanças e também suas práticas.

Lechner (1978:15) aponta que esses regimes procuram estabelecer um "novo Estado (proclamam não ser um regime transitório) por não apoiarem-se em forças civis (extinção dos partidos)". São

Estados militares permanentes, praticamente, e que burocratizam militarmente as diversas instâncias da sociedade civil e instituições públicas.

Este "Novo Estado", para Lechner, se nortearia por duas concepções complementares. Por um lado, a Doutrina de Segurança Nacional enquanto programa de pacificação social e, por outro, a perspectiva econômica adotada.

A Doutrina de Segurança Nacional (DSN) teve um papel fundamental e central nestes regimes militares. Num primeiro momento do golpe de Estado foi a DSN o princípio invocado para justificar a ruptura do sistema político vigente em cada um dos países; posteriormente, se constituiu numa lógica de natureza explicativa e justificativa de todas as medidas adotadas pelos regimes.

Esta doutrina foi útil e eficiente para manter a dominação, e caracteriza esses regimes.

A Doutrina de Segurança Nacional "fornece o discurso que dissimula a ilegitimidade em vez de criar uma nova fonte de legitimidade destes regimes autoritários" (ROUQUIÉ, A. 1984:406). Mas qual é a "lógica" desta ideologia? Quais seus parâmetros e como foi utilizada nestes países do Cone Sul?

A DSN nasceu nos EUA após a 2ª Guerra Mundial, e se insere na visão de mundo a partir da Guerra Fria, em que existe uma contraposição frontal entre EUA e URSS.<sup>13</sup>

Existem alguns elementos essenciais nesta ideologia, a saber: a idolatria do poder, a idéia de potência e a designação de um inimigo (visível/invisível & interno/externo) subversivo (de capacidade ampla e ilimitada) que se expressaria não somente através de ações, mas também através das idéias. Porém esse inimigo subversivo, terrorista, perigoso, ameaçador, é bem conhecido: são os partidos comunistas e socialistas. É decretada a guerra, a sua perseguição, a execução etc. E, como são os inimigos, todos os meios são válidos para salvar a nação. Por isso, tudo é usado: espiar, amedrontar, delatar, acusar, seqüestrar, desterrar, a prisão ilegal, assassinar, torturar, perseguir, maltratar, encarcerar, deter etc. Tudo parece ser "lícito" nesta guerra.

Sem dúvida que dois depoimentos de militares, apresentados a seguir, nos ajudam a entender esta sinistra e absurda "lógica". O primeiro discurso, de Pinochet, explicitando a guerra contra o inimigo, o marxismo-leninismo no Chile; e o outro discurso, de militares argentinos, justificando os limites ilimitados desta guerra.



"Como otros países del mundo, y especialmente de América Latina, Chile ha sufrido el embate del marxismo-leninismo, y ha decidido enfrentarlo y combatirlo hasta su total derrota. Pero ante ello, cabe hoy detenerse un instante a reflexionar sobre un problema capital: ¿en qué consiste exactamente este enemigo de hoy?"

"El marxismo no es una doctrina simplemente equivocada, como ha habido tantas en la historia. El marxismo es una doctrina intrínsecamente perversa, lo que significa que todo lo que de ella brota, por sano que se presente en apariencias, está carcomido por el veneno que corroe su raíz. Eso es lo que quiere decir que su error sea intrínseco y, por eso mismo, global, en términos que no cabe con él ningún diálogo o transacción posibles.

"No obstante, la realidad contemporánea indica que el marxismo no es únicamente una doctrina intrínsecamente perversa. Es además una agresión permanente, hoy al servicio del imperialismo soviético.

"Quienes se extrañan al ver que muchos sectores ideológicos que reclaman una inspiración cristiana, e incluso algunos de origen eclesiástico, a pesar de rechazar conceptualmente al marxismo terminan siendo útiles "compañeros de ruta" de éste, deben encontrar la respuesta en la falta de comprensión profunda que dichos sectores tienen sobre la naturaleza del enemigo marxista.

"Para ellos, el marxismo es una simple doctrina equivocada, y por eso la colocan en el mismo nivel del liberalismo, pero por debilidad moral o por mezquinas ansias de poder, o no advierten la doctrina marxista como intrínsecamente perversa, o no la enfocan como una agresión permanente. Y en cualquiera de estos <sup>dos</sup> eventos, el marxismo finalmente condiciona y utiliza su acción. He ahí la trágica realidad.

"Como lo desarrollara ampliamente en mi anterior Mensaje Presidencial, esta moderna forma de agresión permanente da lugar a una guerra no convencional en que la invasión territorial es reemplazada por el intento de controlar los Estados desde adentro.

"Para ello, el comunismo utiliza dos tácticas simultáneas.

"Por una parte, infiltra los núcleos vitales de las sociedades libres, tales como los centros universitarios e intelectuales, los medios de comunicación social, los sindicatos laborales, los organismos internacionales y, como incluso lo hemos visto, los propios sectores eclesiásticos.

"Por otro lado, promueve el desorden en todas sus formas. Desorden material, con agitaciones callejeras. Desorden económico, con presiones demagógicas e inflacionarias. Desorden social, con huelgas permanentes. Desorden moral, con el fomento de las drogas, la pornografía y la disolución de la familia. Desorden en los espíritus, con el odio sistemático de clases. Y como síntesis aberrante de todos ellos, surge y se extiende el terrorismo, que parece haber hecho retornar a muchas naciones civilizadas a las épocas más primitivas de la historia humana.

"El objetivo último de este desorden general, es el debilitamiento de las sociedades que la secta roja no controla, a fin de poder dejar caer sus garras sobre ellas en el momento oportuno, para convertirlas en nuevos satélites del imperialismo soviético, donde un implacable régimen totalitario no tolera ni el más leve atisbo de las manifestaciones que en cambio él mismo estimula en las sociedades libres.

"Ante la evidencia de esta agresión permanente, estamos abocados al imperativo de dar una respuesta energética y realista, para resolver con éxito el verdadero dilema de nuestro tiempo: o totalitarismo o libertad".

Discurso del 11 de Septiembre de 1976.

(FONTE- GARRETON, M. 1978:1264-1265)

E dos militares argentinos:

"En la historia de nuestro país no se había visto nunca una lucha semejante a la que nosotros estamos comprometidos hoy día, que no conoce límites ni morales ni naturales, que sobrepasa el nivel humano... Esta lucha reconoce un solo límite, el límite de nuestra vida frente a la muerte".

(FONTE: VIEIRA G., José A. 1982:61)

Evidentemente que os resultados desta guerra, como de toda guerra, foram desoladores. É difícil e doloroso adjetivar, nomear, batizar, classificar etc., tanto horror e tanto absurdo. Porém cada país se especializou em certos horrores, embora a pena do exílio, interno e externo, do desterro, da prisão e das torturas, foram usadas de forma genérica para os inimigos "vermelhos" (ou não) e os opositores políticos (ou não) destes regimes.<sup>14</sup> Enfim, o arbítrio, o desrespeito pela vida humana e os direitos humanos foram uma constante nestes regimes. Quando falamos que houve certa especialização de certos horrores, queremos assinalar que eles se caracterizaram por certa prática. No Uruguai, os presos políticos e a tortura, na Argentina os desaparecidos, seqüestrados e torturados e, no Chile, os desterrados, torturados e exilados.

No caso do Uruguai, em 1984 existiam mais de mil opositores políticos presos, e que eram conhecidos como "rehenes"; em condições difficílimas, sem acesso a advogados, médicos, familiares, e muitos deles vivendo longos períodos incomunicáveis, inacessíveis a qualquer informação, jornais, revistas etc., localizados em celas tão pequenas que são impedidos até de se movimentar. Porém houve 9 "rehenes", tristemente famosos, que ficaram insulados com o resto do mundo desde 1973 até 1983, são eles: Henry Engles (estudante de medicina), Eleuterio Fernández Huidobro (bancário), Jorge Manera (engenheiro), Julio Morenalis (professor de Belas Artes), José Mujica (vendedor no mercado), Maurício Rosencof (dramaturgo e poeta), Raúl Sendic (procurador), Adolfo Wassen (estudante de direito) e Jorge Zabalsa (estudante). Todos, obviamente, torturados tanto fisicamente como psicologicamente, castigados com anos de total e absoluto silêncio. Seus crimes: pensavam diferente.<sup>15</sup>

Podemos a partir de alguns discursos e 2 depoimentos (o discurso do Diretor de uma prisão e sua filosofia e o depoimento de 2 presos políticos) acompanhar algo dessa situação.

1) DIRETOR DA PRISÃO

"No los liquidamos a todos cuando tuvimos la oportunidad y algún día tendremos que soltarlos; debemos aprovechar el tiempo que nos queda para volverlos locos".

(Palavras do Diretor do E. M. R. nº 1. Penal de Libertad (1973). Citado por González Bermejo. "Las manos en el fuego". Ed. de La Banda Oriental. 1985, p. 83).

2) O depoimento testemunhal desta cruel experiência:

a) Mauricio Rosencof (1987:13-14). Ele nos conta sobre a vida no cárcere:

"Nuestro habitat se limitaba a dos metros por uno, sin mobiliario alguno. Caminábamos en diagonal tres pasos cortos y media vuelta, como ratas en una jaula, cuando caminar nos era permitido. En alguna oportunidad estuvimos casi un año sentados en un banquito de madera de espaldas a la puerta y con el rostro pegado a la pared. En otras de plantón, sin asiento ni caminata. Un compañero estuvo cuatro años así. Le sangraban los pies. No nos proporcionaban, por lo general, material de lectura. Cuando lo hacían, no era más que un libro mensual, limitados sus temas a la historia nacional, previa censura. No disponíamos de ningún otro elemento de distracción. Nuestra falta de información llegaba a tal punto que nos enteramos de la muerte de Salvador Allende tres años después de que ocurriera. De la Revolución Nicaragüense supimos por uno de esos recursos típicos de los presos, de los que decía Cervantes en una de sus novelas ejemplares 'son capaces de inventar oficios que no existen en el mapa'. Nosotros habíamos instalado una 'agencia de noticias' en el escusado. La Associated Press funcionaba así: nos llevaban al baño una vez por día, encapuchados y maniatados, siempre custodiados. Los soldados nos tenían bajo su mirada, aun en el retrete, que era el mismo que utilizaban ellos. Para su higiene la tropa hacía uso de diarios viejos que solían quedar pegados en las paredes del inodoro y fue en uno de esos trozos turbios que pudimos leer la noticia del derrocamiento de la tiranía de Somoza.

(...)

Llegamos a olvidar los colores, los pájaros se volvieron una vaga idea; el sol en un mito. Día y noche todo era uno: una lamparilla irritante nos apuntaba como un ojo frenético hasta en sueños, siempre sobresaltados. Por las noches nos venían a despertar cada hora. La comida magra, los golpes muchos, la esperanza flaca."

- b) González Bermejo (que foi preso político no cárcere de nome "Libertad"), nos relata sobre as proibições, sobre os atos de resistências:

"Para sobreviver a essas "bestas" foi necessário aguentar as mil intronissões cotidianas e 'quien sabe? 40 movimientos prohibidos, 70 movimientos que requieren autorización, infinitos que no están reglamentados... esas normas cambian, se superponen, se contradicen... ¿qué es lo que nos tienen prohibido? Prohibidas sonrisas, gestos, , ademanes; los presos no podemos saludarnos ni hablar -salvo con el compañero de celda o con otro durante el recreo; si un miembro de las FF.AA. no lo autoriza expresamente, no podemos dirigirle la palabra, hacerle una sugerencia o pedirle una explicación; manos atrás cuando estamos parados o caminando fuera de la celda; posición de firme, incluso en el recreo, cuando nos habla un miembro de las FF.AA. ... no nos está permitido silbar, cantar, fumar en formación, caminar rápido, levantarnos de noche, acostarnos de día; tenemos prohibido dibujar una paloma, una rosa, una estrella; prohibido grabar en un medallón un hombre y una mujer, una mujer encinta, una madre con un niño en brazos... a un milico no se le puede mirar a la cara: es 'provocación al personal militar' ' ' "

(González Bermejo. op cit. p. 53, In: SCHILLING, Flávia Inês. 1991:187)

Ademais, os presos estiveram submetidos a um sistema de normas, disciplinas rígidas, arbitrárias e também a constantes punições, proibições.<sup>16</sup> Eram proibidos de cantar, caminhar rápido, não podiam cumprimentar outro preso, assobiar, falar sem licença. Tampouco podiam receber desenhos de mulheres grávidas, de borboletas, de estrelas, de casais, de pássaros etc. Evidentemente, tudo aquilo que lembrasse a vida e a liberdade era lhes negado. Existe uma história verídica e comovente que se passa em 1976. A filha, Milay, de 5 anos visita o pai uruguaio, Didaskó Perez, professor, preso e torturado, encarcerado numa prisão que tem por nome Liberdade. A menina está levando um desenho. Continuamos com o relato feito por Eduardo Galeano (1988:273):

"A filha traz para ele um desenho de pássaros. Os censores o rasgam na entrada da cadeia.

No domingo seguinte, Milay traz para o pai um desenho de árvores. As árvores não estão proibidas, e o desenho passa. Didaskó elogia

a obra e pergunta à filha o que são os pequenos círculos coloridos que aparecem nas copas das árvores, muitos pequenos círculos entre a ramagem:

— São laranjas? Que frutas são?

A menina o faz calar:

— Shhhh.

E em tom de segredo explica:

— Bobo. Não está vendo que são olhos? Os olhos dos pássaros que eu trouxe escondidos para você."

Mas não houve apenas este gesto simbólico de resistência a tanto absurdo. Houve também criação literária no cárcere, sendo muitos deles textos testemunhais.<sup>17</sup> A possibilidade da criação foi sinônimo de energia vital, de resistir e continuar vivo.

Continuando com os horrores; no caso Argentino, entre os anos de 1976 e 1979 foi implementada outra "estratégia nesta guerra", uma trilogia: os seqüestros, as detenções e os desaparecimentos.<sup>18</sup> Segundo dados do Informe de la Comisión Nacional Sobre la Desaparición de Personas - Nunca Más/1986 - houve, segundo dados oficiais, 8.960 desaparecidos, e dados extra-oficiais apontam para 30.000; segundo o mesmo informe, 62% das pessoas desapareciam (ou melhor, eram desaparecidas) durante a noite e 38% desapareciam durante o dia; a maioria desaparecia de seu próprio domicílio (62%), sendo que este era saqueado, constituindo-se em "butim de guerra". O seqüestrado era conduzido a algum dos mais de 340 Centros Clandestinos de Detenção (houve uma metodologia e um planejamento do horror).<sup>19</sup> Mas existiram ainda outras vítimas; mais de sete mil crianças que se viram abruptamente abandonadas pelos seus "pais desaparecidos". Já existem análises realizadas por médicos e psicólogos das conseqüências desta traumática experiência. A maioria delas (63%) tinha menos de 5 anos de idade. Elas sofrem de diversas doenças.

Segundo os dados apresentados por José M. Passos (1986), existe um perfil de seus problemas elaborado por médicos e psicólogos: "63% das crianças sofrem de diarreias freqüentes, 62% têm perda crônica do apetite, 57,5% padecem de pesadelos constantes, 71% sofrem de passividade intelectual e emocional, 25% têm disfunção cerebral mínima." Além de outros tantos transtornos psicológicos como medo, insegurança, dificuldade de expressão.<sup>20</sup> Outras crianças descobriram que aqueles pais que consideravam como tais foram os assassinos de seus verdadeiros pais. O filme História Oficial mostra eloqüentemente este fenômeno.<sup>21</sup>

A inovação, no caso chileno, foram os campos de concentração ao ar livre. Os opositores eram desterrados a locais inóspitos, como na região do extremo sul ou na região desértica do extremo norte do país. A ilha Dawson, perto de Punta Arenas, ficou conhecida mundialmente ao serem divulgadas fotos e relatada a experiência de estar lá em janeiro de 1974 pelo jornalista brasileiro Antônio Alberto Prado. (As fotos e a reportagem foram publicadas na Folha D', do jornal Folha de São Paulo, no dia 10 de dezembro de 1989; mas a primeira publicação foi na revista Visão.) Outra diferença foi o extermínio maciço de opositores políticos do regime. Na época do golpe de Estado calcula-se que cerca de 20.000 pessoas (In: SADER, E. 1984:38) foram assassinadas; outros dados apontam para 12.000 pessoas.

Mas houve intensa comunicação entre estes governos militares, especialmente para seqüestrar os "subversivos" fora das fronteiras nacionais. Temos o famoso caso do casal de uruguaios seqüestrados no Brasil.<sup>22</sup> Mas é claro que para a realização de tais práticas houve diversos tipos de cumplicidade, seja pela sociedade civil, como de instituições... Existem inúmeras acusações a alguns setores da Igreja Católica, advogados, juizes, médicos etc., que teriam participado deste teatro de horrores.<sup>23</sup> Porém, em geral, importantes setores da própria sociedade civil esteve alheia por muito tempo, ou porque acreditavam em certos slogans (no caso, slogan dos militares argentinos) como: "Si algo les ha pasado, será porque andaban en algo turbio", ou atitudes como o seguinte desenho sobre os supostos "terroristas esquerdistas" chilenos:



( Fonte: ¿ QUE ES LA DICTADURA? Cartilla de Educación Popular nº 2. Centro De Estudios Políticos Latinoamericanos Simon Bolívar (CEPLA). Pág. 15, 1988. Santiago - Chile.)

É evidente que esta certa paralisia momentânea que a população civil sofreu foi produto de uma intensiva ação de propaganda de natureza ideológica. Foi necessário "conquistar a mente do povo" através de uma ideologia específica: "a ordem", "a tranquilidade", "a limpeza social" etc. Serviram-se de uma ferrenha censura na imprensa e outros meios de comunicação, e também às instituições educacionais.

No tocante aos aspectos políticos, estes regimes intervêm na maioria das organizações políticas, os partidos políticos são declarados ilegais. Há uma inclemente caça (e cassação) aos opositores políticos, e, também, o desmantelamento dos sindicatos e outras organizações, associações de bairros etc. No caso do Chile, todos os partidos políticos foram extintos.

O Estado se reduz praticamente às Forças Armadas, e estas tornam-se órgãos dirigentes e centrais e, ainda, acumulam as funções legislativa e executiva. E tornam-se o ÚNICO PARTIDO.

E o papel das Forças Armadas é fundamental, já que garantem a integridade e defesa da "ordem" ameaçada e o destino do país e da unidade nacional. Elaboram um conjunto de elementos normativos nos quais se declaram capazes de defender a "ordem". Esses regimes declaram guerra interna, total e intensa, constituindo-se em luta política bélica. E por estar em guerra contra os "subversivos" estes países vivem em permanente estado de Emergência, e podem ser impostas restrições extraordinárias aos direitos e liberdades individuais e sociais. Há um total controle da população, do tempo e do espaço, e um uso indiscriminado do aparelho policial.<sup>24</sup>

No caso do Chile o território e as cidades foram divididas em zonas militares coordenadas ao nível dos municípios. As cidades se converteram em espaços de disciplina. Alfredo Rodríguez (1982:44) refere-se à vida cotidiana destas cidades: "A vida cotidiana da cidade da disciplina e do mercado, da cidade da ordem, expressa as formas e dominação através das quais se reprimem e se integram os setores da população que são considerados grupos perigosos. Geralmente se associa o problema do controle da população a fatos meramente policiais. Não obstante, o que freia as reivindicações urbanas, o que entrava a articulação das organizações, o que debilita a mobilização popular não são somente as formas de controle físico, mas, em maior grau, todas aquelas formas que afetam a consciência dos pobladores. As novas políticas urbanas vão criando uma cidade que segrega a população, que a separa."

Nestes "Estados de Segurança Nacional" da A.L. do Cone Sul o poder "presidencial" sustenta-se em 3 níveis: o Conselho de Segurança Nacional, o Serviço Nacional de Informações e o Estado-Maior das Forças Armadas.

Retomemos Lechner, em relação à segunda característica dos "Novos Estados Autoritários", que se refere à perspectiva econômica adotada. Há um enfoque fundamentalmente tecnocrático do processo econômico; por esta razão, vários autores denominam esses regimes de empresariais ou regimes burocrático-autoritários. Este processo, aponta Lechner, "procura estabilizar a vigência do capitalismo baseando-se na dinâmica do capital estrangeiro e garantindo a participação subordinada do capital nacional" (1977: 15).

Para tanto, colocam em prática experiências monetaristas, em todas as esferas, onde há uma imensa liberdade de mercado que acaba gerando sérios problemas e um elevado custo social. A população do país empobrece drasticamente. Estas experiências estão inspiradas na escola da Chicago Boy, sendo o mestre de inspiração Milton Friedman. 25

Este modelo é altamente concentrador da renda, e é implantada a "lógica" do mercado onde tudo se mercantiliza, saúde, educação, habitação, serviços urbanos etc. Tudo é privatizado; e uma política salarial de profundo aviltamento da renda dos trabalhadores assalariados é posta em prática.

Por exemplo, alguns dados sobre o Chile são eloquentes:

- O Índice Oficial de salários reais em 1978 apenas alcançou o nível de 1970. (In: BARRAZA, Ximera. 1982:143.)
- Entre 1969 e 1978, os 20% mais ricos da população aumentaram sua participação no consumo de 43,2% para 51%, enquanto que os 60% mais pobres diminuíram sua participação de 35,8% para 28,1% do consumo total. (In: BARRAZA, Ximera. 1982:145.)
- O desemprego alcançou o índice de 33%, já incluindo os programas de trabalho do governo, PEM, e o POJH (esses trabalhadores "ganham" em torno de 20 dólares).
- A perda dos salários alcançam uma defasagem de 21,5% no período de 1974-1983, comparados ao período de 1970.
- Entre 1972 e 1982 a dívida externa por habitante quintuplica de US\$ 305 para US\$ 1.480 dólares.

Outros dados relacionados à agricultura, à indústria, à concentração do patrimônio econômico, à situação nutricional da população, demonstrando o insucesso do modelo, podem ser verificados no artigo de DAHSE (1984).<sup>26</sup>



Outros dados podem ser observados a partir das variáveis Educação, Saúde, Defesa, no período de 1972 e 1982 nestes países.

Gasto de la administración central en educación, salud y defensa en cuatro países de América Latina (cómo porcentaje del gasto total)

País	1972			1982		
	Educación	Salud	Defensa	Educación	Salud	Defensa
Argentina	8.8	2.9	8.8	7.6	1.4	9.1
Brasil	6.8	6.4	8.3	3.7	7.3	4.1
Chile	14.3	8.2	6.1	13.7	6.0	12.0
Uruguay	9.5	1.6	5.6	6.5	3.4	12.7

Fuente: Banco Mundial, Informe sobre el Desarrollo Mundial 1986, cuadro 22.

(In: BRUNNER, Jose J. & BARRIOS, Alice. 1987:52)

27

E se a esfera econômica é tão afetada, outras instâncias também o serão.

No que se refere à produção e vida cultural, esses regimes conseguem "magistralmente" produzir aquilo que foi chamado de "apagão cultural". Modificam o sistema educacional aplicando a mesma perspectiva de "livre mercado" às universidades e escolas; controlam as publicações, as idéias, as artes em geral, as pesquisas, proíbem livros, escolas e universidades são fechadas, professores são proibidos de ensinar e alunos são expulsos por questões de natureza política. Temos constantemente a censura e restrição da liberdade de expressão, de opinião. A idéia de censura está magistralmente refletida no seguinte desenho:



(FONTE: Lei nº 145, 1990)

Mas, o principal aparelho ideológico do Estado são as indústrias culturais, sendo a televisão o meio de maior impacto na população.<sup>28</sup> Por outro lado, a censura foi fato corriqueiro nestes

países. Muitas vezes chegando a situações absolutamente ridículas. Por exemplo, na Argentina circulou um pequeno folheto realizado pelos militares em que argumentavam porque alguns pensadores (Marx, Freud, Einstein) eram proibidos. Eles se referem da seguinte forma: "Karl Marx, porque tentou destruir o conceito cristão de sociedade; Sigmund Freud, porque tentou destruir o conceito cristão de família, e Albert Einstein, que tentou destruir o conceito cristão de tempo e espaço". (In: PASSOS, José M. 1986:134) Uma sátira da censura na Argentina pode ser vista no filme Sur. Amor e liberdade, do diretor argentino Fernando Solanas.

Uma lembrança sobre a censura na Argentina é relatada por Petiza (argentina, 44 anos, psicanalista).

"Y a un amigo nuestro que tenía las obras completas de Stanislavski, que son 3, 4 tomos. Entonces, cuando le rebisan la casa y leen Stanislavski, porque más de un libro de lo mismo... eso era material subversivo. Entonces los tipos no se avivaban que eran 4 tomos diferentes (RINDO). Ahí, Stanislavski era subversivo, ¡imaginate! Y los tipos no se avivaron que eran 4 tomos diferentes (RISOS).

Y yo tengo otra tan divertida; un día, este, voy a la facultad, no. Entonces, lleno de canas, era cana por todos lados, a paisana. Y teníamos que hacer una asamblea, y era prohibido. Entonces, no teníamos como avisar para la asamblea. Entonces, y... era así... Había un portón grande, grande, que era la facultad, no; y del lado, había un portón chico que era la entrada a la biblioteca. En el portón chico había 2 milicos parados, porque controlaban el portón también. Arriba de la camisa de ellos le pusimos el cartel de la asamblea (RISOS). Pero ellos no lo veían porque estaban parados cuidando la puerta. Nunca se les ocurrió mirar para atrás. Un puto cartel de asamblea (RISOS) y todo el mundo, viste, mirava el cartel, los milicos, miraba. Y no se dieron cuenta, y hicimos la asamblea arriba. Bueno, pero al que se le ocurrió, fue barbaro; dijo, nunca van a levantar la cabeza, y nunca levantarán la cabeza. Y lo tenían atrás, arriba sobre la pared y... Ellos controlaban la puerta, y controlaban el cartel."

No Uruguai, foi fechada uma sala da Biblioteca Nacional onde haviam jornais do período entre 1870 e 1923; esse jornal foi dirigido por um importante educador, José Pedro Varela. O motivo do fechamento era porque este educador fora o primeiro a traduzir Marx, no Uruguai. (Esta história é contada por Mario Benedetti numa entrevista publicada na revista Encontros com a Civilização Brasileira nº 23, 1980.) Do Brasil também podemos dar um exemplo. É Stanislaw Ponte Preta (1968:12) quem retrata a ilustração de polícia política brasileira. Ele nos conta:

"Foi então que estreou no Teatro Municipal de São Paulo a peça clássica 'Electra', tendo comparecido ao local alguns agentes do DOPS para prender Sófocles, autor da peça e acusado de subversão, mas já falecido em 406 a.C."

(Parece que chegaram um pouco tarde!)

Em cada país houve autores proibidos.<sup>29</sup>

No Chile, a lista dos autores e livros proibidos é enorme, porém citaremos alguns: o poeta Pablo Neruda e suas memórias "Confieso que he vivido"; outros escritores estrangeiros como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Ernesto Cardenal; e os escritores chilenos: Carlos Droguell, Hernán Valdés, Poli Délario, Antonio Skarméta, Fernando Alegria, Patricio Marins, Ariel Dorfman, José Donoso entre outros.

Porém, pequenas e simbólicas resistências cotidianas foram vivenciadas também na esfera da leitura; haviam as leituras clandestinas. Quando recolhemos o depoimento de Lili (chilena, 34 anos, socióloga) surgiram várias lembranças. A pesquisadora conta para ela que sua experiência de leituras proibidas se deu a partir de xerox (às vezes, uma só cópia que passava de mão em mão), e num grupo de leitura de amigos realizávamos sessões lendo os livros proibidos de Neruda ou de Cortázar, entre outros. Também ouvíamos música folclórica de protesto em fitas "piratas". Nesse momento, Lili lembra que para disfarçar os livros de olhos curiosos, lançavam mão do seguinte estratagema:

"Nosotros forravamos los libros con hojas donde se hacian mapas de calles".

O que faz a pesquisadora lembrar da história de um amigo argentino que contava que forrava os livros proibidos com papel de jornal; tudo isso era feito com o intuito de não chamar a atenção. A situação piorava, pois chamava ainda mais a atenção porque ninguém encapava com esses tipos de papéis os livros.

No caso do Brasil os livros proibidos entre 1964 e 1985 somam 500. A relação destes livros pode ser encontrada no livro de Deonísio da Silva (1984).

Outra consequência foi a diminuição na publicação de livros, revistas e jornais. Através da seguinte tabela referente ao consumo de papel na imprensa nestes países, temos uma visão desta si-

tuação:

CONSUMO DE PAPEL DE IMPRENSA  
NA ARGENTINA, NO URUGUAI, NO BRASIL E NO CHILE  
(kg/1.000 hab.)

	1970	1975	1983
Argentina	11.577	5.712	6.312
Brasil	2.208	2.228	2.027
Chile	4.816	4.034	5.373
Uruguai	7.049	3.747	2.891
A. Latina	3.800	2.700	3.100

Fonte: UNESCO Statistical Yearbook, 1986.

(In: CAPARELLI, Sérgio. 1989:14)

Outros autores também nos ajudam no caso da Argentina, onde a circulação das revistas baixaram de 122 milhões de exemplares em 1973 para 82 milhões em 1979. Em relação aos livros, em 1975 foram editados 21 milhões e em 1980, 2.700.000 (In: CANCLINI, Néstor G. 1986:53). No caso do Chile, em 1970 foram editados 7.500.000 de livros e em 1980, 2.500.000. O número de títulos em 1970 foi 647 e em 1980, 272.

Mas, houve também outra dimensão neste processo, ou seja, como as Universidades foram reformuladas, a pesquisa concentrou-se nos Centros Acadêmicos Independentes (CAI), criados nesta época de autoritarismo e financiados por Instituições internacionais; foram desenvolvidos inúmeros trabalhos na área de ciências sociais nestes países.<sup>30</sup> Apenas no Chile, em 1986 existiam 41 Centros Independentes.

Mas outros elementos estão presentes nestes regimes: o medo e a violência no cotidiano é algo permanente.

Segundo Manuel Garretón (1987:23) há toda uma construção do medo, base fundamental destes regimes. Este se daria em dois níveis: "El primero, a través de la represión física misma, la amenaza, el control de la población, la propaganda, el poder omnímodo del Estado. El segundo, a través de la desinformación, la ausencia de reglas propias de la guerra, la falta de espacios de encuentro y reconocimiento entre los sujetos, la exacerbación de la irracionalidad, el estilo arbitrario y autocrático para imponer el cambio".<sup>32</sup>

Esse clima cotidiano da vivência do medo, de estar o tempo todo com medo, é lembrado por Lita (argentina, 34 anos, professora universitária). Ela nos narra:

"De no hablar de nada, transformandote en una especie de vegetal para poder sobrevivir. Y bueno..., inclusive(...), además con miedo. Hasta el punto de estar en un restaurant y pensar que habían microfones en cualquier lado. Después empieza la autocensura. Pero no era tan ficticia... ¿no? Pero llegue a un punto de no hablar; e inclusive cuando llegue acá, yo recuerdo que no hablaba de nada. Pero además, recuerdo que en la Argentina habían, este... cosas explícitas, por ejemplo: la profesora no podía ir en los colegios de jeans; primero de jeans, y después de pantalón. Entonces, claro!, este, terminas comprandote mas poleras y vistiendote de otro modo."

Ou de vivenciar situações esdrúxulas como a relatada por Jorge:

"Estaba en el cine; yo recuerdo que pasaban el noticiario y tocaban el himno nacional y tenías que pararte o te llevaban preso."

O controle sobre o corpo dos indivíduos não-somente se restringiu a um determinado tipo de roupa aceita pelo sistema, também se determinou até a forma de arrumar o cabelo. No caso da estudante Nima (argentina, 28 anos, advogada), ela lembra quando ia à escola e tinha que prender o cabelo longo. Ela nos conta:

"Un día tenía un examen y yo fui con el cabello desatado. Me pararon y me dijeron que no podía entrar al colegio si no me atara el cabello. Yo me lo ate, y después, adentro, me lo desate. Realmente no tuve conciencia en ese momento de todo el peligro existente."

Outras lembranças da Argentina dessa época podem ser obtidas no seguinte comentário:

"Os choferes de táxis e ônibus e outros 'serviçais' (fora os Servidores da Pátria, que não eram usados na rua) tinham que colocar uniforme: camisa azul celeste (cor nacional) e, lógico, esse símbolo perfeito daquilo que é mais duro e contraído: gravata."

Mais importante, como tinha de se restabelecer o Princípio da Autoridade, até onde pôde chegar o braço do Estado (e chegava a muitos lugares) o tratamento "em você" ficou proibido." (O'DONNELL, Guillermo. 1986:127)

No caso do Chile, foi proibida por decreto o uso da palavra companheiro. O uso de uniforme (espécies de "tailler", no caso das mulheres que trabalhavam em repartições públicas do governo) foi obrigatório.

Obviamente que todo este terrorismo do medo está ancorado também na violência. É a violência, visível e invisível, que convive no cotidiano, e que, infelizmente, vira algo "normal", nada chama a atenção ou causa espanto. Ou melhor, de tanto conviver e internalizar a violência, acabamos por nos acostumar a ela, como se fosse uma segunda pele, e o arbitrário passa a ser considerado "normal". Como nos diz Lechner (1977:29): "A vivência cotidiana da violência termina por aceitar a ordem da violência".

Esse clima de constante violência, repressão, pode ser captado através das lembranças de Miguel, em Santiago do Chile.

"Venía medio mal psicológicamente y medio perseguido. Escuchaba un balón y salía arrancando.

La primera vez que ví un pelao en la calle ya iba atravesando pa'l frente. Y mi hermana me dijo 'aquí no pasa nada. Podis andar tranquilo'. Ahí pase al lado del pelao.

Un día que escuche un balón, yo no sabía la cuestión de los balones. Estaba en la casa y de repente pa, pa, pa. Empieza a estorar y yo salí arrancando y me meti en el cuarto super asustado. Ahí llega mi hermana y me dijo. 'Que, ¿que pasa?'. Nada, es que comenzo un tiroteo, que sé yo lo que esta pasando. 'No, es un balón. Y se usa ese negocio. Son fuegos artificiales'. Pa'mi, yo juraba, era un tiroteo.

Es que allá, estaba acostumbrado a pasar eso. Por ejemplo, um protesto. Yo antes de salir en la Circunvolación Americo Vespucio. ¿Tu conociste Americo Vespucio?

(PESQUISADORA) YO, CONOSCO SI.

"Ahí en la Rotonda Kilim."

(PESQUISADORA) HA SI, EN LA FLORIDA.

"Es un barrio bien conflictivo, este la-Er-  
mida. Allí, frente a la Ermita, hay unos

predios. En esos predios vivía yo. Y quedaba bien enfrente de la estrada misma. Y cuando habían protestos, eran la mayor barricadas y la mayor sujera, né. Y un día que era un protesto grande, yo ni fui a trabajar porque ya no habían onibus de mañana. Y estaba la mayor bagunça.

En la ventana de la sala donde comíamos daba frente a la estrada.

Y de repente estábamos almorzando y se paro una tanqueta. Porque habían protestos más abajo y venían con todo los pelaos. Con tanquetas, la tanqueta para, apuntando para la ventana y yo estaba almorzando. Y de repente, ¡Nossa!; Que vou fazer?

En ese predio la gente apanhou tanto.

Y no tienen muchas contemplaciones. Una vez tiraron tantas bombas lacrimógenas porque habían hecho una barricada grande en la Ermida. ¡Nossa!, tenían un sistema de comunicación bien eficiente. De repente tú no sabías cosas. Y de repente aparece un ñato, y grita 'vienen por la Avenida Grecia'. Y todo mundo se dispersaba. En la Alameda, habíamos hecho una barricada grande. Yo había cortado un árbol grande que estaba fuera del predio y todo el mundo reclamaba. Lo había cortado y lo deje como un banco. Y aquella época de la protesta pegamos unos neumáticos, los amarramos con alambres y lo colocamos en el árbol, le colocamos ramas y lo dejamos en la calle. Hicimos una barricada grande. Ahí vinieron los pelaos, pero venían tan enojados, que tiraron bombas lacrimógenas por todo que es lado. Entramos a los predios. Ellos comenzaron a tirar bombas lacrimógenas dentro de los edificios. Los edificios eran de cuatro pisos. Comenzo la fumaza y empezaba a entrar por debajo de la puerta. Y el departamento era chico y mi hija estaba chiquitita, entonces se comenzo a asfixiar. Y tube que salir pa'fuera. A mi señora y a la guagua las metí en el baño, ahí coloque una toalha mojada en bajo de la puerta. Y yo me quede afuera en el departamento para cerrar la ventana. Estaba sufocao.

¡Esa vez fue difícil!

Entonces, con todas esas cosas que pasaban de agresiones, de balaseras, yo sigo insistiendo que los Pacos allá andan drogados.

Una vez, era de noche y había un apagón, había la mayor sujera. Y cuando había apagón, solo pasaban carros del CNI, particulares. Entonces metale peñascos. Estan todos afuera, los de los predios y los de la Ermida también. Y se sentían ruidos de cadenas y motores y todo re-oscuro. ¿De donde vendran? Y de repente aparece un ñato, 'vienen por atrás, por atrás'. Y comienza una balazera. Venían con camiones, tanquetas, con todo ese negocio. Aparecieron metiendo bala directo. Ahí quedó el despelote.

Pero todos eran iguales que conejos. Era un monte, unos 60 o 70. Ahí todo el mundo para los predios, se te metían como 5 al departamento, Todos calladitos.

Ahí, después quedamos espertões. Hacían como que se iban y dejaban un pelao con el fusil listo, al frente otro. Y son franco-atiradores. A la hora que sale alguien a la calle le meten un balazo. Y lo dejan ahí muerto para que la gente... 'Mataron ese, entonces voy a quedarme aquí'." \*

É Foucault (1985:10) que nos alerta para as dimensões desta constante repressão e de seu funcionamento como "condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber".

Enfim, eram regimes especializados na sistemática e permanente violação dos direitos humanos, que utilizavam as mais variadas e sofisticadas técnicas de tortura, assassinatos, seqüestros etc., fabricaram um clima que modificou todas as relações cotidianas, intensificando sentimentos de opressão e controle, medo e desconfiança. Todo mundo teve medo de tudo e de todos, é o medo do medo. É o medo como detentor do poder, é o medo como obediência que está disseminado em todo o tecido social. Anos de toque de recolher, de proibições, de censuras, de imposições disciplinares.

Tentamos mostrar, de forma concisa, certos aspectos caracterizadores desses "novos regimes militares". Esperamos ter alcançado certa clareza.

A seguir, as lembranças destes anos pelos estrangeiros peregrinos da América.

---

\* Observação: Los APAGONES foram um tipo de protesto que a população civil realizava contra os militares chilenos. Consistia em apagar todas as luzes das moradias residenciais a um determinado horário (corria de boca em boca o dia e a hora do 'apagón'), também era acompanhado de um monumental barulho de panelas. No dia do "apagón" o policiamento era triplicado e havia toque de recolher.



2. "Também as lembranças envelhecem"  
 (BRECHT). Esses anos nas lembranças dos estrangeiros peregrinos da América.

"Hoje vivemos a hora da recordação, mas uma hora marcada por esse sentimento de que eu falava no começo: devemos recompor os pedaços dispersos de uma subjetividade que não sabe como avaliar seu passado, nem, conseqüentemente, como reatá-lo. O passado, claro está, não pode ser a pura negação do acontecido, porque a pura negação é simplesmente a outra face de uma proposta de esquecimento, e não de memória. Recompor os fragmentos não significa tampouco inventar uma nova unidade imaginária, que nos restitua as convicções da década anterior ou as substitua por um outro sistema de certezas inamovíveis. Mas recuperar a memória também não significa recordar apenas o que nos foi feito, aceitar a passividade das vítimas e apresentar a lista de nossos sofrimentos como se tudo fosse passado. Recuperar a memória obriga-nos também a lembrar o que fizemos, não para propor uma tranquilizadora equivalência entre povo autoritário e regime autoritário, entre brutalidade terrorista e brutalidade repressiva, entre guerra justa e guerra suja. Creio, precisamente, que recuperar a memória supõe, talvez antes de tudo, não apostar em nenhum sistema de equivalências simétricas que nos assegure uma perspectiva para observar, a partir de hoje, os lugares do passado."

(SARLO, Beatriz. 1985:34)

Quando eles começavam a falar sobre esses anos o tom de voz mudava, os silêncios eram prolongados, muitos suspiros, intervalos e algumas lágrimas apareceram. As imagens sobre os anos 70 podem ser percebidas como anos intensos e marcantes. São anos vividos de forma ambivalente, contraditória e também de grande entrega a idéias, utopias e esperanças.

Não necessariamente para todos eles esses anos foram apenas difíceis e duros. Houve os que se lembraram desses anos até com emoção e felicidade. Porém, prevaleceram os que recuperaram imagens alegres e tristes, fatos e vivências marcantes e decepcionantes.

Podemos visualizar algumas lembranças mais recorrentes através dos seguintes fragmentos de suas falas que mostram 2 dimensões da imagem que eles têm desses anos.

1<sup>a</sup>. De valorização desses anos

- Fue muy marcante;
- época de transformaciones;
- una época de lucha, de mucha combatividad;
- de expectativa, havia toda la expectativa de la revolución;
- los años más importantes de mi vida;
- años de grande alegría, de la fraternidad, de la solidaridad;
- Una época cheia de idealismos, que se arriscaram por coisas;
- la juventud tenia participación muy activa;
- años intensos.

2<sup>a</sup>. De tristeza e muito sofrimento

- De frustración;
- época muy violenta;
- antagonismo entre los de derecha e izquierda;
- época de represión;
- creo que perdimos todos, que dividio mucho;
- época que te comenzas a callar;
- clima de guerra;
- años negros;
- deterioro total;
- proceso estranhíssimo;
- fue horrível, traumático;
- desgarramento;
- para nosotros fue cruel, salimos, e nuestros hermanos y amigos se desparramaron por vários lugares;
- época de chorar muito;
- época de muito silêncio;
- la gente que torturaron;
- época duríssima.

Percebemos através destes fragmentos que a esfera individual, os sentimentos estão inseridos e entrelaçados em um contexto mais amplo que se constitui na história dessa época e na deles. Porém, se essa visão geral nos apresenta algumas pistas sobre esses anos, é na história particular de alguns deles que podemos penetrar na dimensão e intensidade desses anos, mesmo que seja microscopicamente, ou porque talvez, como nos diz Patisa (argentina, 44 anos, psicanalista): "la generación nuestra vio la esperanza cerca y dejó la esperanza irse". No entanto, encontramos

dois tipos de narrativas nas lembranças sobre os anos 70. Por um lado, esses anos são percebidos como riqueza, ganho, consciência, algo marcante, experiência... E, por outro lado, são anos de frustração, de dor, de esperanças perdidas; enfim, "años negros".

A) Escutemos, então, as vozes de alguns uruguaios:

1) A de Carlos Santos (metalúrgico e líder sindical)

"Después vino la peor época del Uruguay, pero tengo la dicha de estar vivo... Conocí la gente más bonita de mi vida. Hubo mucha gente que arriesgo su vida para cuidar de mi seguridad... Me llevaron cantidades de veces preso. Estaba terriblemente torturado... Fue una época durísima, pero ya al finalizar los 80, nosotros vencimos la dictadura."

2) A de Julio (professor universitário)

"Fue muito chato no Uruguai. Tive muitos amigos presos, que morreram, que tiveram que ir embora correndo."

3) A de Luizito (economista e engenheiro agrônomo)

"En el caso del Uruguay es un caso más dramático, se decía la Suiza de America, se respetaban los Derechos Humanos, constitucionalistas y llegamos a esa brutalidad."

B) Escutemos as vozes de alguns argentinos:

1) A de Florencia (comerciante e estudante)

"Yo de pronto me acuerdo de las canciones que cantaba en la década del 70 y yo me río. Me río de tanta ingenuidad. Pero me parece sensacional, me gustaría volver a tener esa ingenuidad. O sea, de pronto hay una rebelión, entre rebeldía interna. Todo bien. Esa época era muy radical, muy ingenua, pero era linda. Creer en algo, ¿viste? De pronto, ahora (...) el escepticismo; me mata por otro lado."

## 2) A de Petisa. (psicanalista e doutoranda)

"Solo se habla del sufrimiento, pero de jo una riqueza enorme."

## C) Escutemos a voz de uma chilena:

## 1) A de Gabi (dona-de-casa)

"Essa antagonismo que sucedio en Chile entre los de izquierda y los de derecha. Los dos eran..., sea..., ninguno dava su brazo a torcer. ¿Viste? En ninguna de sus posiciones."

Épocas de descobertas, de desilusões, de polaridades políticas. Na Argentina, os peronistas eram chamados de "gorila", segundo Jorge (argentino) nos relatou. Ele nos conta que esta expressão surgiu na década de 40 na Argentina. No caso do Chile, havia a divisão entre os "MÓMIOS" (os de direita) e os "Upalien-tes" (a UP, coalizão de partidos de esquerda), ambas as expressões são pejorativas e rancorosas. No Uruguai, a histórica divisão entre os Blancos (do Partido Nacional) e os Colorados (do Partido Colorado). Essa divisão no Uruguai tem sido permanente. Em 1989 (16/04), quando a população votou no Plebiscito para confirmar ou não a anistia dada em 1986 aos militares acusados de violação dos direitos humanos, houve a divisão entre Amarelos (o voto a favor da anistia) e os Verdes (o voto contra a anistia).

Essa divisão política foi uma situação muito recorrente nesses países, e ela se dava com muita frequência a nível de família. Era comum brigas monumentais entre pais e filhos, entre irmãos e outros parentes pelo fato de terem concepções políticas e ideológicas divergentes. O depoimento de Miguel (chileno) é revelador desse tipo de conflito familiar causado por questões de natureza política. Ele nos conta:

"Ese tiempo yo estaba en la adolescencia, né. Yo soy del 57. Como todo adolescente es inquieto. Te revelas contra todo el sistema establecido. En ese tiempo estaba la Unidad Popular, asumio Allende, né. Y salió Frey. Yo estaba medio tontón ainda."

Después, empezaron las grandes protestas, todo el mundo criticaba. En mi casa era una cosa así increíble. Mi papá era democrata-cristiano, que por ende arrastraba un poco a mi mamá, que era con tendencia socialista. Mi hermana mayor, la que está aquí, era socialista, la que sigue, que ahora es matrona y está allá, es comunista; y acho que todavía es. Andrés era fascista, el mayor de los hombres. Adorava Hitler e todo eso. Fernando estaba también, es decir, de Andrés pa'bajo eran posiciones moleques, ¿entendís? Fernando era de Patria y Libertad, y como yo me juntaba con Fernando, que era el que seguía yo pa'riba. Lógico también, asumía. Y también quería estar en Patria y Libertad porque eran los violentos, que andavan con unos cinturones gruesos, y en las peleas en el centro eran los que tiraban la mayor parte. Que sé yo. Entonces, estaba.

Nosotros nos sentábamos a comer en la noche. Por ejemplo, a comer. Mi mamá llamaba a comer, ya!"

(PESQUISADORA) Y ERA LA PELEA ENORME.

"¡Claro!, y eso paso más de un año. Todas las noches llegábamos allá y... quedaba la tendala, todos peleados. Yo creo que el país estaba altamente politizado y todas las personas querían meter la boca, ¿entendí? Decir, esto es lo que yo pienso."

Existe um recorte cronológico recorrente nas lembranças desses estrangeiros peregrinos da América: antes do golpe e depois do golpe. Porém, essas lembranças são tecidas a partir de três tipos de narrativas. O primeiro é o de não envolvimento, não tinham militância política e não percebiam o que acontecia; a repressão, a violência e o terror foram desconhecidos por muito tempo. Também não preocupavam-se com os acontecimentos.

Essa dimensão pode ser acompanhada através do depoimento de Nima.

Nima (argentina, 28 anos, advogada e mestranda)

---

(\*) Patria y Libertad. Grupo de extrema-direita, paramilitar.

"Yo reconozco que no tenía gran conciencia de la situación. Todos los golpes por definición son malos, ¡fue espantoso! Yo creo que hasta 1977 controlaron muy bien. Mi tipo de vida era de nena mimada, que se lo pasaba estudiando. Tenía 15 años en la época del golpe. Y vine a descubrir las cosas a los 19-20 años, ¿entendes? Vivi un nivel de alienación terrible, autocensura. Muy acríticos vivíamos, hasta salir de ese esquema mental. Los otros golpes no hubo nunca preocupación. Me impresiona como consiguieron los gobiernos manejar la información. Tranquilo... había golpe. El haber venido estudiar acá me cambió totalmente la cabeza."

No segundo tipo de narrativa é ressaltada a intensidade desses anos e, em particular, como foi afetada a vida individual e a decepção a nível familiar. Esta forma de narrativa foi a mais freqüente no universo pesquisado. Acompanhemos então o depoimento:

Gobi (uruguaia, 35 anos, enfermeira e mestranda)

"Yo, en esa época, estaba haciendo preparación. Yo creo que fue la época más triste de mi vida, apesar de que en casa no hubo perseguidos políticos, no hubo ayunamientos, cosas así. Veía la violencia que se iba generando en el país.

Veía todo como expectadora, después de eso, este, toda la persecución, el miedo de hablar, ... de mirar, ... miedo, pánico a todo. (SILENCIO PROLONGADO) Si ha nosotros nos hubiera pasado algo, yo estoy convencido que mi padre no hubiera movido un dedo por nosotros. Lamentablemente. Mi padre decía que quien era preso, torturado etc., se lo merecía."

(PESQUISADORA) ¿TÚ PADRE CONTINUA PENSANDO ASÍ?

"Si, él es un tipo de derecha, convencido. ¿Que puedo hacer yo?

Yo en la escuela de enfermería vivi cosas muy marcantes. La mitad era cárcel de mujeres.

El golpe en Uruguay fue más suave que, por ejemplo, en la Argentina. Los propios militares uruguayos dijeron que si volviera a ocurrir de nuevo un golpe, ellos aca-

ban con las lideranzas, acaban con todos. Ellos aprendieron con el golpe; nosotros, no, seguimos cometiendo las mismas pavadas, macanas, desuniendonos."

Um terceiro tipo é uma narrativa mais holística, embora apresentando sua biografia há o entrelaçamento com a história do país e do continente. A lembrança é muito cuidadosa, elaborada e contextualizada com muita minúcia do ponto de vista histórico. O depoimento de Maria Tereza é paradigmático dessa dimensão:

Maria Tereza (uruquuaia, 46 anos, professora universitária e doutoranda)

"Yo me acuerdo de mucho, donde se dieron cosas fundamentales, del 68 al 73 en el Uruguay fue creciendo de movilización. 1973 el año más intenso de mi vida, a través de la experiencia gremial y docencia. El ascenso del autoritarismo. Hasta 1968 el Uruguay no había tenido nunca la muerte de estudiantes por la policía, en contraste con América Latina. Y lo que eso significó para la masa de la población que asistía a los entierros; veías las dueñas de casa en la calle, veías kilómetros de personas. Una revelación del ser nacional. (CHORA) Yo pienso que es algo que continúa sucediendo, lo que ocurrió, el acostumbramiento a la violencia. Los Tupamaros, en 1972 la cacería a los Tupamaros, comunistas, estudiantes. Que están ahí estudiando y fusilaron; 8 de una sentada, con una velocidad terrible.

En 5 años... el crecimiento del autoritarismo, como comenzas a ser clandestino... La resistencia masiva y el control masivo. Como se hizo en Chile y como fue en el Uruguay, estábamos siendo fichados desde el 68, por eso la represión pudo ser tan masiva y diferente. Tenían ficha completa. Experiencia más fascista en relación al control de la población... Hubo 5 años previos. En cada núcleo sindical había un....

La huelga general, un compromiso asumido desde 1964. El último acto de la huelga, en 1973, cientos de miles de personas, donde se llegaron a tomar tanques. La consigna era no reprimir; desmantelaron todo calificadamente. Los militares no reprimieron a las masas populares como en Chile. El resto de los 70 fuera del Uruguay."

Mas existe uma visão recorrente sobre os golpes. O depoimento de Mario (argentino, comerciante) é singular e sintetizador dessa visão:

206  
"Los golpes yo los recuerdo así, como una cosa que es exactamente un golpe, un golpe es una cosa que te duele, que vos no la esperas, que vos no hablas, no la pediste, ... es algo inesperado. Cosa no deseada o de cosa que va contra el orden natural de la democracia, de los pueblos o las sociedades."

A dor advinda do golpe foi o acontecimento mais frequente nas suas falas.

Embora estes depoimentos sejam fragmentos, podemos, através deles, recuperar algumas marcas. A indiferença pelo que ocorria, o distanciamento, a militância política, a luta e a entrega, os antagonismos — especialmente na esfera familiar, o medo, o desconcerto — estão sutilmente presentes.

Em relação à vida cultural, nestes anos as lembranças são vagas, difusas e imprecisas; porém, alguns livros e autores são recorrentes: Pablo Neruda, poeta chileno, e García Márquez,<sup>\*</sup> escritor colombiano, foram lidos; especialmente "Cem anos de solidão", livro mais lido por eles. A música ouvida era a folclórica latino-americana, especialmente as de protesto; foram citados os seguintes nomes: Violeta Parra (chilena), Mercedes Sosa (argentina), Víctor Jara (chileno), o grupo chileno Quilapallún. Rock e os Beatles também foram lembrados.

É possível ainda delinear algumas diferenças de país a país. Em relação ao Chile, eles lembram: literatura de autores marxistas; Che Guevara é muito citado pois em 1970 havia muita influência de Cuba; livros e músicas, filmes russos; os escritores uruguaios Benedetti e Galeano. Um livro muito popular entre os adolescentes foi "Palomita Branca" de Roberto Lafurcada; os livros de bolso da editora Quimantú e os Cadernos de Educação Popular da editora Zig-Zag. Influência do grupo Silo,<sup>\*\*</sup> um programa musical onde dançavam chamado Música Livre; a obra de teatro 3 Marias e 1 Rosa tratava sobre as vicissitudes das mulheres pobres que viviam nas periferias; o grupo IPTUS. Existiam muitas Peñas.<sup>\*\*\*</sup> Entre as músicas mais ouvidas estão as da nova Trova

---

(\*) Para uma análise da novela Cien Años de Soledad de García Márquez, consultar: Augustín Cueva. "Para una interpretación sociológica de 'Cien Años de Soledad' ". Revista Mexicana de Sociología, vol. XXXVII, 1974.

(\*\*) Silo (argentino) é o nome do fundador de "La Comunidad". Ela começou em Mendoza em 1969, e a sua filosofia é lidar e superar a problemática do sofrimento. Em 1981, a Comunidade existia em mais de 42 países.

(\*\*\*) Locais (ao ar livre ou não) em que se canta música folclórica e consome-se comida e bebidas "típicas" do Chile.



cubana: Silvio Rodrigues e Pablo Milanés; o argentino León Jeco e Mercedes Sosa, Víctor Jara, Zitarrosa (uruguaio) e Viglati. Entre os músicos e compositores de folclore chilenos, estavam os grupos: Intillimani, Quilapallun, Amerindio, Violeta Parra.

Em relação à Argentina: Sartre, Mao, "A guerra da Argélia" de Debray, Cortázar, Costa Brava, El Che, o jornal peronista El descamisado, o diário Noticias, El Mundo, livro da editora Sí-glo XXI, Nueva Visión. A música vai de Juan Manuel Serrat (es-panhol), Paco Bantz, Chico Buarque, Mercedes Sosa, Quilapallún, Los trovadores, os grupos de rock argentinos Espineto, Charles Garcias, Arco Iris, e o grupo Sui Generis. Ouvia-se muito "cha-rango" e "quenas" (instrumentos musicais).

E no Uruguai são ouvidas as músicas do grupo Los Olimare-ños, Daniel Viliotti, Zitarrosa e Murgas. Na literatura: Vargas Llosa, García Márquez, Carpentier, Benedetti, Francisco Spinola; lia-se, ademais, sobre marxismo, leninismo e alguns manuais polí-ticos.

Outra dimensão importante se refere à participação polí-tica deles enquanto atores sociais naquela época. A maioria de-les (46,87%) eram militantes políticos, alguns pertenceram a gru-pos guerrilheiros como Tupamaros (Uruguai), Montoneros (Argentina) e MIR (Chile). A partir dos dados apresentados podemos deduzir que a experiência de militante político foi muito significativa na vida destes atores sociais na década de 70. Vejamos a tabela:

POSIÇÃO POLÍTICA

CATEGORIAS	NO SEU PAÍS DE ORIGEM	%	NO BRASIL	%
Militante de esquerda	15	46,875%	4	12,5%
Simpatizante de esquerda	10	31,25%	14	43,75%
Simpatizante de esquerda, porém com restrições	-	-	2	6,25%
De centro	4	12,5%	-	-
Não tem nenhuma posição	1	3,125%	2	6,25%
Não manifestou sua posição política	2	6,25%	8	25%
Democráticos	-	-	2	6,25%
TOTAIS	32	100%	32	100%

Observação:

Adotamos os seguintes critérios: caso estes estrangeiros tenham sido ou sejam militantes políticos, não usaríamos a informação referente ao Partido Político a que pertenciam ou pertencem. Este critério foi extensivo para todo o Universo estudado. Nos preocupamos em preservar a "identidade pessoal e militante" de nossos atores sociais, já que vários deles sofreram as conseqüências da repressão militar: exílio, cárcere, tortura, clandestinidade etc.

Curiosamente, os anos se passaram e o perfil deles mudou. Apenas 12,5% são militantes hoje; todavia, o número de simpatizantes de esquerda subiu para 43,75% e aumentou o número de atores sociais que não manifestaram sua posição política (25%). Nos perguntamos: Será que aumentaram os céticos e os que não se engajam em algum partido político?

Outra dimensão importante: constatamos que os que eram militantes ou simpatizantes políticos são os mais veementes em afirmar a sua desconfiança e descrédito com a política e os políticos.

Os depoimentos mais representativos destas posições são os seguintes:

a) A desilusão, o descrédito e a desconfiança.

- 1) "Bueno, ahora... (RI) no creo en nada, no creo en los políticos... Yo no arriesgaría ni un pelo, ni de las mi hijas por una causa política... Ahora no me filiaría a ningún partido político."  
(Ana, uruguaia, 32 anos, tradutora)
- 2) "Yo no me afiliaría a ningún partido político (RISOS). Obviamente, no. No acredito en la política. Políticos tenemos pocos, mas politiqueros... Evidentemente, este, a mí, llegado a un nivel de participación vos no podés mas hacer política. Y si quíeres continuar, tenes que entrar a hacer politiquetaria, y si queres continuar tenes que comenzar a ceder, y lo peor del caso es que uno..., yo cedo ahora porque cuando llegue arriba no voy a ceder. Y lo... para mí lo más lamentable, lo más tragico, la conclusión que yo he llegado es que cuando se llega arriba los compromisos son tantos que

vos también sos un traidor a la clase política. Y te transformas en un politiquero. Yo no he visto, no he visto políticos. Bueno, primero lo principal, yo he llegado a la conclusión que ninguno que se diga Presidente de la República tiene absolutamente un pito del poder. Vamos comenzar por ahí, que se yo. Podrá tener el 1% del poder, porque el resto no es de él, es de los aliados. Y los aliados son los que cobran, y los aliados son los que lo voltean, o no lo voltean. Entonces, e..., e..., e..., es muy difícil. Yo no puedo llegar a la clase política porque, que se yo. A mi no me gusta la política. Pero pienso que había que hacer una sociedad muy diferente. O sea, para mí había que hacer política, yo mantendría políticos si todos tuvieran 15 minutos en la televisión. Y más nada. Y no uno tuviera gita para pintar 30 mil 'out doors' e outro uno, nadie. E..., e..., e..., Si..., lo único que podía hacer el tipo hablar 15 minutos sin nada, sin música, sin la banderita, sin la producción, sin nada. Ahí, tudo bem. Ahí me parecería bárbaro. Una política donde un tipo cuenta con 40 minutos en la televisión, el otro con 1 minuto, el otro con 27 mil millones de dólares (SUSPIRO), me parece que no es política. Y acá en el Brasil específicamente, que me perdonen las ideas, pero me parece que es una mierda, no existen los partidos políticos. No hay una tradición de política." (Mario Mendes)

Florencia: "Se cambian de partidos como de calzones."

"Vos lees el diario, yo me leo 2 diarios por día; vengo e leo: Fulanito collariu; bom, es Collor. Ermírio de Moraes, un gran empresario va a descollorir, siendo que collariu a 15 días y ahora va afifar, porque va a ficar con Afif Domingues (RISOS). Entonces, el cara defafifa e malufa. Es terrorífico, no puede ser. Entonces ahí, de los políticos no quiero ni saber. Y en la Argentina es más o menos la misma cosa, embora los partidos políticos, como en Chile, siguen teniendo más presencia y más peso que el candidato en sí. Es una cuestión de tradición, de formación política, de instrucción cívica, de ciudad. Mas nada."  
(Mario Mendes, argentino)

3) "Desgraciadamente los políticos se olvidaron del verdadero ideal de la política. Y existe el político a sueldo, ¿no? El funcionario político. Y no el político que lucha en pró de una causa determinada, social, ¿no? Yo creo, y en eso me

remonto a la antigua cultura, que el hombre para conocer su destino y poder guiarlo, ¿no? Solo es posible conociendo el pasado. Y el pasado nos hace ver que las grandes organizaciones políticas sobrevivieron y fueron grandes, prósperas y justas, porque esencialmente no tuvieron una gran determinación de clases sociales; si bien, es cierto, que habían determinadas, la clase imperial, los sacerdotes, y orfebres y artesanos, y luego todo el pueblo. La repartición de los valores culturales y económicos era equitativa en los tres grandes ordenes. Yo creo que había que partir por ahí para ser un buen político."  
(Hairo, chileno)

E, ainda, aqueles absolutamente distantes da esfera do político nos anos 70, fazem um discurso em que é ressaltada a dimensão e a importância do político nas esferas pública e privada da sociedade.

b) A importância da dimensão política na esfera privada e pública.

- 1) "Yo creo en la política e en los políticos. Creo que hay de todo, para todos. Hay que trabajar para que la clase mejore. Conciencia, para que las personas participen."  
(Nima, argentina, 28 años, advogada)
- 2) "Pienso que en Chile hay que rescatar nuevamente el sentido de la participación política. Se desprestigió mucho. Porque o sino, nos vamos a quedar con un país de gente amorfa, desencantada. Devamos tener buenos políticos. Y formar un buen bagaje político."  
(Lili, chilena, 34 años, socióloga e mestranda)

Embora estas sejam visões contrastantes e parciais de um processo mais intenso e complexo de desencanto da população civil com a política e os políticos, que ocorre não somente na América Latina<sup>33</sup> (mas parece que também a nível internacional), verificamos que embora exista uma visão muito crítica, alguns sinais sutis de esperança também aparecem.

Como eles têm a experiência de ter vivido em vários países, elaboram uma análise diferenciadora e comparativa dos países em que moraram a partir da questão da participação política. E o depoimento de Rolando (chileno) é sintetizador dessa análise ao comparar três países nos quais ele viveu: Chile, Argentina e Brasil.

\*(SILÊNCIO)... Un país que todo el mundo participava (CHILE). La última vez que fui, hace unos 5 años, era un país que nadie participava. El guardia de tránsito podía ser un tremendo criminoso. Andaban de 2 y con una enorme metralleta. Cada 3 quarterones una micro lleno de carabineros, haciendo presencia para meter miedo, sin duda. Haciendo presencia de fica quieto. Las personas no podían manifestar lo que sentían; se abafó el cuestionar, el participar. 'Yo no me meto en política porque los que se metieron fueron asesinados, masacrados'. Implica que todo continúe igual.

Antes efervescente, todos participaban a su manera; depois, todo mundo quietito en sus casas y durmiendo con las gallinas.

A las 11 de la noche estaba todo fechado, fechado (ENFÁTICO) E..., e..., ninguém pode ir a un parque, si le canta ir a la casa de un amigo a las 4 de mañana, você no puede. Acho un absurdo que te digan a la hora que usted tiene que irse acostar a dormir, a la hora que tienes que levantar. Lo que você pode falar, lo que você pode ler, lo que puede ver, lo que no puede ver. O sea, acho un absurdo horrível. Eso era de Chile.

(ARGENTINA) El argentino tiene un coraje que el chileno não tem, sin lugar a dúbida. Participar, hacer huelga, no adianta de nada, porque los caras hacen lo que quieren igual.

Una vez por semana você tem una manifestación en la rua, protestando por algo. Como fueron tantas, ya no da resultado.

El argentino esta metido, participa en política, da su opinión, me llama mucho la atención.

Ahora, en Chile, las personas estan despertando de ese terror, terror que havia. Lo que mi hermana me contava, las huelgas... o pessoal está apanhando.

En Argentina, los caras siempre hacen su participación, incluso en una época terrible, en la dictadura. Havia una revista que se llamava el Mono; tú la leías y llegava a ficar suado de ler las cosas, del coraje del tipo en una época que era dictadura. Por el lado del humor el cara ponía todo lo que estava aconteciendo.

Ahara ellos participan, por exemplo, estan muriendose de fome. Ellos se fueron a saquiar los supermercados. Acho un absurdo

y acho ótimo. Acho un absurdo llegar a esa situación. Ahora, es mucho mas valido irse a saquear un supermercado que morirse de hambre, de fome. Porque no eran delincuentes los que robaban. Eran dueñas de casa que nunca en su vida se imaginaron que iban a estar en un saque. No eran guerrilleros, activistas. Era gente que estava pasando fome mesmo; viron un supermercado y fueron y echaron la puerta abajo y sacaron comida para resolver 3 dias. Ellos participan con el riesgo que los mataran a todos, no. La gente participa. Y en el Brasil lo que me llama mucho la atención es la poca participación de las personas; gente que tienen un medio cultural alto, no estan ni ahí con..., no se meten en política, no tienen mucha opinión sobre a política, achan que tudo é una merda. 'Yo no meto en política'. No tem así claro lo que ellos quieren como presidente. Sale un cara bonitinho que dice que va agarrar los corruptos. Y con esa propuesta está super alto. No importa ni el cara es fascista, si tiene antecedentes políticos bons, no importa nada. Eso me llama mucho la atención. Yo tenía amigos que no habían terminado la secundaria pero sabían de política, de marxismo, de fascismo. Tenían una cultura política. Mi mujer, que es brasilera, se queda impresionada. Ese cara es bronco y es mucho más culto que cualquier intelectual de allá en política, y este cara no termino la secundaria y sabe de Marx, sabe de Trotsky. Sabe de la 2ª Guerra mundial. Yo tenía un monte de amigos así. Sabían de política que era impresionante. Y participaban de algún partido político, de manifestaciones. Aca, no; acá casi no se ven manifestaciones en SP. Cuando hay no pasan de 10 mil caras, es de una área. Son los profesores, son os empleados públicos que estan haciendo una greve o un protesto. No es un país entero que va ir. Allá en la Argentina se llenan cuadras, cuadras y cuadras, cuadras, cuadras; no se resuelve nada, pero ellos participan."

Neste rico depoimento temos simultâneas dimensões. No Chile, a participação dos chilenos é visualizada a partir de dois momentos, um antes e um agora. E esse agora também é desdobrado, dando explicações de porque dessa não participação na política.

Em relação aos argentinos, eles seriam incansáveis participantes e lutadores. O mesmo não ocorreria com os brasileiros (a expressão mais comum usada por estes estrangeiros foi: "eles não estão nem aí com nada, nem com eles próprios").

Um esquema elaborado a partir do depoimento e mais sinte-

tizador:

## Dimensões

Antes	Comparação	Agora
<p><b>No Chile</b></p> <p><u>constatação</u></p> <p>1) Todo mundo participava a su manera.</p> <p>2) País que nadie participava (no período militar)</p> <p>A vivência cotidiana da repressão e a violência.</p> <p>↓</p> <p><u>sentimento</u> medo / repressão</p> <p>↓</p> <p><u>conseqüências desse sentimento nas pessoas</u></p> <p>No me meto en política, porque los que se metieron fueron asesinados, masacrados.</p>		<p>Todo el mundo participa.</p>
<p><b>Na Argentina</b></p>	<p>Son más corajosos (em relação aos chilenos)</p>	<p>Participan, hacen huelga. Esta metido, participan en política, da su opinión.</p>
<p><b>No Brasil</b></p>		<p>Poca participación. No estan ni ahí. No se meten en política. Achan que tudo é una mierda. Casi no se ven manifestaciones en São Paulo.</p>

O trabalho de recuperação das lembranças deles sobre os anos 70 está inserido num desejo, na tentativa de não esquecer esse período, mas também de não ficarmos obcecados e obsessivos. Nos parece que quem melhor exprime o nosso sentimento ao termos realizado esta recuperação dessas lembranças é Caetano Veloso, pois ele canta na música O Estrangeiro: "Não olho pra trás mas sai de tudo".

A seguir, trabalharemos a experiência de ser estrangeiro latino-americano do Cone Sul no Brasil de São Paulo.



(1) É muito interessante, e irônico, perceber qual foi o papel do ditador no Império Romano, a duração de seu poder, a origem e o sentido. É SPINDEL, Arnaldo (1984:19) quem aponta para esta questão, quando nos diz: "A origem da ditadura pode ser encontrada no Império Romano, sob a forma de uma figura de direito. A ditadura romana: era o mecanismo legal que permitia ao governo nomear um mandatário supremo que se encarregasse da resolução de uma situação de emergência, em geral guerras ou sublevações internas. O ditador era investido no poder por um prazo determinado e possuía poder estritamente executivo. Devido a isto, o ditador podia suspender a vigência da constituição, podia governar sem leis, mas não podia promulgar novas leis (...) O homem que tomasse o poder ou que, mesmo o tendo recebido do grupo dominante, alterasse completamente o corpo jurídico do Estado, era conhecido como tirano e não ditador. O tirano não limitava sua permanência no cargo e permanecia, em geral, vitaliciamente."

(2) Para uma história das Forças Armadas, sua organização, modernização, treinamento, americanização, dependência, consultar Rouquié, Alain, 1984. O Estado Militar na América Latina.

Para a questão da procedência social dos oficiais, consultar: Num, José, s/d, e Fernandes, Heloísa, 1979.

Os Militares como Categoria Social.

Para a instituição militar no Brasil, consultar: Coelho, Edmundo Campos. A Instituição Militar no Brasil: Um Ensaio Bibliográfico. BIB nº 19, 1985.

(3) O quadro publicado por Num, José (s/d:79) mostra que entre os anos 1920 e 1966 há 81 golpes militares na América Latina.

#### As Forças Armadas na América Latina

	(a) % popul. urbana (1960)	(b) % analf. betos (1961)	(c) % trab. manuf. coax. (1960)	(d) % class. alta e média (1950)	(e) % class. alta média pop. urb. US\$ 1960	(f) GNP per capite US\$ (1960)	(g) Total das forças armadas	(h) rel. forças armadas e pop.	(i) % organiza- to militar no org. geral	(j) n.º Golpes bem suc. (1920-1966)
Argentina	68	14	29	36	38	466	108.500 (1963)	0,51	13,2	7
Uruguai	82	15	28	33	38	439	13.110 (1963)	0,49	1,0	
Chile	63	20	24	22	30	439	45.710 (1965)	0,62	18,0	2
Cuba	55	22	18	22	36	685	79.000 (1963)	1,21		4
Venezuela	62	48	15	18	27	685	22.240 (1962)	0,33	8,0	4
Costa Rica	38	21	15	22	31	310	1.230 (1964)	0,09	1,0	1
Panamá	41	30	10	15	32	363	3.439 (1964)	0,32		3
México	54	43	15	17	37	272	52.850 (1964)	0,15	1,0	
Brasil	39	51	17	15	35	168	263.100 (1960)	0,37	11,4	5
Colômbia	46	38	17	22	28	250	22.900 (1964)	0,15		2
Equador	35	44	25	10	21	161	13.280 (1963)	0,30		9
Peru	36	53	18			190	44.940 (1963)	0,41	18,0	4
Bolívia	30	68	13	8	26	86	11.010 (1960)	0,31	11,0	9
Paraguai	34	34	17	14	27	129	9.100 (1962)	0,50		7
El Salvador	33	61	14	10	25	200	6.650 (1961)	0,25	12,0	6
Nicarágua	34	62	13		23	229	4.100 (1963)	0,25		1
Rep. Domín.	29	57	11			207	17.200 (1963)	0,57	26,0	4
Honduras	22	65	9	4	25	186	4.200 (1965)	0,21	7,0	2
Guatemala	31	71	10	8	16	156	8.500 (1965)	0,22		6
Haiti	13	89	7	3	14	98			23,0	5

- (4) Para uma análise teórica detalhada dos golpes militares dos anos 60 e anteriores, consultar: Num, José. Os Golpes Militares da Classe Média, s/d, Rouquié, Alain. O Estado militar na América Latina, e Júnior, Olavo Brasil de Lima. Intervenções militares na América Latina. 1971. Este último autor analisa e critica os trabalhos de Needler, Forsum, Putman e Germani-Silvert.
- (5) Para uma análise crítica para o caso do Peru consultar Rouquié, Alain (1984:366-378), e para o caso do Equador o mesmo autor (1984:365-388).
- (6) Existem vários filmes que, em certa medida, retratam situações e fatos da década de 70. O filme História Oficial trata da história de crianças tomadas de seus pais "subversivos" e que são adotadas por famílias de militares. O filme Estado de Sítio focaliza a prática da guerrilha uruguaia, os Tupamaros. E o filme Missing trata da violência, repressão e morte após o golpe de 73 no Chile.
- (7) Segundo SINGER, P (1976:78) o prolongado 'boom' baseou-se em alguns elementos que explicitamos a seguir: "a) uma demanda interna por bens duráveis de consumo em expansão graças à concentração da renda e a mecanismos financeiros que permitam a ampliação do crédito ao consumo; b) uma demanda externa em expansão graças à liberalização do comércio internacional e ao subsídio das exportações; c) forte injeção de recursos do exterior, que complementam a poupança interna e permitem eliminar focos inflacionários graças a uma capacidade de importar tornada superelástica (...) e (...) uma crescente taxa de inversões".
- (8) É necessário fazer notar que no caso do Chile houve uma intervenção interna e estrangeira para desestabilizar o Governo Allende. Rouquié, Alain (1984:285) cita uma fonte segundo a qual a prática do "bloqueio invisível", no caso das greves dos transportadores e dos comerciantes — que paralisaram o Chile em 1972 e 1973 —, teria sido financiada pela CIA, que teria gastado 13 milhões de dólares.
- (9) Para uma análise pormenorizada do fascismo enquanto categoria histórica e para a questão da acumulação do capitalismo, consultar: BORÓN, Atilio. El fascismo como categoria histórica: en torno al problema de las dictaduras en América Latina. (1977).

- (10) Existem críticos da teoria do "novo autoritarismo na A.L.". Entre eles podemos salientar CHAUI, M. (1986:55-56), que qualifica de esdrúxula a designação do autoritarismo brasileiro e latino-americano como "novo autoritarismo" pelos cientistas políticos, argumentando que "porque a figura do caudilho carismático parece estar ausente, sem que se perceba que é a estrutura do campo social e do campo político que se encontra determinada pela indistinção entre o público e o privado. É donde, também, o equívoco daqueles que apresentam o 'novo autoritarismo' como divórcio entre sociedade civil e Estado, sem levarem em conta que a sociedade civil também está estruturada por relações de favor, tutela e dependência, imenso espelho do próprio Estado e vice-versa".
- (11) Para outras análises críticas desta teoria, consultar: COLLIER, D. 1982.
- (12) Para uma história específica dos golpes militares na América Latina do Cone Sul na década dos 70, consultar: Para o caso do Chile: SADER, Emir. Democracia e ditadura no Chile e HOJMAN, Eugenio & Analisis. 1973-1989, Memorial de la dictadura. Cronología de 16 años de pesadilla. Em relação ao Uruguai: CAETANO, Gerardo & RILLA, Jose. Breve historia de la dictadura (1973-1985). Outros textos que complementam a análise, porém a partir de uma visão holística e diacrônica, consultar: CASANOVA, Pablo G. (org.) América Latina: história de meio século; ROUQUIÉ, A. O Estado militar na América Latina; TOURAINE, A. Palavra e Sangue. Política e sociedade na América Latina e SADER, Eder. Um rumor de botas. A militarização do estado na América Latina.
- (13) A Doutrina de Segurança Nacional vai fazer sua entrada na América Latina via Escola Superior de Guerra - ESG do Brasil, criada em 1949 nos modelos norte-americanos da U.S. Industrial College of the Armed Forces e o National War College. Para uma análise crítica da DSN no Brasil, consultar SICUDO, Hélio (1986): Lei de Segurança Nacional: leitura crítica. Para conhecer o conceito de DSN, suas fontes inspiradoras e princípios históricos nos quais se funda, consultar: VALDÉS, V. J. La doctrina de Seguridad Nacional y el Rol Político de las Fuerzas Armadas. (1980).
- (14) Para uma análise minuciosa dos torturados, tipos de tortura utilizada e outros dados para o caso dos países do Cone Sul, consultar: Tortura: Informe da Anistia Internacional (1984). Em relação ao Brasil, consultar: FUN, Antônio Carlos. Tortura- A história da repressão política no Brasil e o livro Brasil Nunca mais.
- (15) Para uma análise sobre a resistência de presos políticos na prisão de Punta Rieles (Uruguai, a 14 km do centro de Montevideo) entre 1972 e 1982, consultar a tese de Flávia Inês Schilling. Estudos sobre Resistência. Tese de mestrado em Educação, Unicamp - 1991. No anexo desta tese encontramos dados estatísticos (extraídos do livro Uruguay Nunca Más. Montevideo, SERPAJ, 1989) traçando um perfil dos presos políticos uruguaios (idade, renda, estado civil, profissão, nível educacional, tempo da detenção etc.).

(16) Na tese de SCHILLING, Flávia Inês (1990) encontramos minuciosa análise do Regulamento do Estabelecimento Militar de reclusão nº 2, publicado no Diário Oficial daquele país.

- Regime de Disciplina das Reclusas.  
Deberes y Facultades de las Reclusas e
- O regulamento: Regime de execução das penalidades.

Em relação às Infrações, segundo a autora, estavam organizadas em 6 grupos, seqüenciadas por gravidade, compondo um total de 29 "delitos" a serem punidos. Podemos perceber algo dessas infrações e penalidades a seguir:

"Infrações que tratam da desobediência às ordens:

- demorar em obedecer ordens recebidas;
- sair sem permissão do lugar determinado.  
(admoestação verbal e escrita)
- não submeter-se às prescrições médicas  
(incomunicação de 1 a 20 dias)
- desobedecer o pessoal  
(incomunicação de 21 a 45 dias)
- negar-se a alimentar-se  
(incomunicação de 46 a 60 dias)
- oferecer resistência manifesta a submeter-se às punições  
(incomunicação de 3 meses)
- preparar ou dirigir atos de tumulto, rebeliões, motins ou demonstrações de qualquer gênero subversivo  
(departamento de correção, cela de isolamento)

Infrações que tratam da linguagem, dos gestos, da postura:

- possuir clandestinamente cartas, livros, jornais, recortes, alimentos ou outros objetos proibidos  
(incomunicação de 1 a 20 dias)
- alterar a ordem emitindo gritos, cantos ou "imprecações"; tentar comunicação clandestina com outras presas ou manter correspondência com pessoas alheias ao Instituto.  
(incomunicação de 21 a 45 dias)
- faltar ao respeito ou responder incorretamente aos funcionários ou outras pessoas.  
(incomunicação de 46 a 60 dias)

**Infrações que tratam dos materiais:**

- utilizar intencionalmente os materiais ou utensílios da cela.  
(incomunicação de 46 a 60 dias)

**Infrações que tratam da higiene e da moral:**

- Cometer atos contrários à moral e aos bons costumes  
(incomunicação de 3 meses)"

(Op. cit : 158-160)

(17) Podemos citar dois trabalhos que conhecemos de literatura carcerária produzida no Uruguai. ROSENCOFF, M. 1979 e SENDIC, Raúl. 1985. Este fenômeno também ocorreu no Chile, Argentina e Brasil.

(18) Apresentamos alguns dados sobre os desaparecidos nos países do Cone Sul.

DESAPARECIDOS	
Argentina	8.960 (*) 30.000 (**)
Uruguai	126 na Argentina (**) 14 no Uruguai (*)
Chile	30.000 (**)
Brasil	129 (*)

(\*) dados oficiais  
(\*\*) dados extra-oficiais

FONTE: Direitos Humanos. Um debate necessário (vários autores)  
(1988:35)

(19) No livro Nunca Más, o Informe da Comissão Nacional sobre o desaparecimento de pessoas (CONADEP) assinala a existência de dados minuciosos sobre como eram realizados os seqüestros, os Centros Clandestinos de Detenção (CCD), sua localização, características, sobre as torturas, sobre a situação das crianças, grávidas e adolescentes desaparecidos, aspectos jurídicos etc. A partir do material deste informe foi possível levar à prisão 5 oficiais de alta patente. O promotor foi Júlio Cesar Strassera e o julgamento foi realizado entre 21 de abril e 9 de dezembro de 1985. Foram condenados o general Jorge Videla e o almirante Emilio Massera à prisão perpétua. O brigadeiro Orlando Agosti preso até 1989. Roberto Viola seria preso até o ano 2001, e o almirante Armando Lambushini até 1992. A história deste julgamento está registrada no livro de José Meirelles Passos: A noite dos generais. Os Bastidores do terror militar na Argentina. Posteriormente, estes oficiais foram anistiados pelo presidente Menem, confirmando a tradição de impunidade na história da América Latina. No livro A noite dos Lápis temos o depoimento de Pablo Alejandro Díez, que foi seqüestrado em 1976, junto a outros 6 adolescentes, e conseguiu reaparecer, tornando-se a única testemunha viva que depôs no processo contra a Junta do governo militar presidida por Jorge Rafael Videla. Neste livro é reconstituída toda a história através da família, amigos e outras fontes na descoberta do que ocorreu com este grupo de estudantes secundaristas.

- (20) No livro Terrorismo de Estado. Efectos psicológicos en los niños, realizado pelo Movimiento Solidario de Salud Mental e del grupo Familiares de detenidos y desaparecidos por razones políticas, encontramos análisis mais detalhadas deste problema.
- (21) Houve dois grupos que se organizaram e lutam pela aparição dos desaparecidos: é o grupo "Las madres de Mayo" e o grupo "Las abuelas de Mayo", procurando pelos netos. Parte da história destes grupos pode ser consultada no texto de Piera Oria (1985).
- (22) Esta história está narrada no livro de FERRI, Omar. Secuestro no Cone Sul, o caso Lilian e Universindo.
- (23) Em relação à participação dos médicos durante a tortura, existe o livro do Dr. Gregorio Martirena. Uruguay: la tortura y los médicos.
- (24) Um bom exemplo de um governo com permanente faculdade de exceção foi o governo militar chileno. Na Constituição deste país havia um parágrafo altamente polêmico em que se dava faculdades extraordinárias ao decretar estado de emergência. Era o artigo 24, transitório:

**VIGESIMACUARTA.**— Sin perjuicio de lo establecido en los artículos 39 y siguientes sobre estados de excepción que contempla esta Constitución, si durante el periodo a que se refiere la disposición declinatoria transitoria se produjeren actos de violencia destinados a alterar el orden público o hubiere peligro de perturbación de la paz interior, el Presidente de la República así lo declarará y tendrá, por seis meses renovables, las siguientes facultades:

a) Arrestar a personas hasta por el plazo de cinco días, en sus propias casas o en lugares que no sean cárceles. Si se produjeren actos terroristas de graves consecuencias, dicho plazo podrá extenderlo hasta por quince días más;

b) Restringir el derecho de reunión y la libertad de información, ésta última sólo en cuanto a la fundación, edición o circulación de nuevas publicaciones;

c) Prohibir el ingreso al territorio nacional o expulsar de él a los que propaguen las doctrinas a que alude el artículo 8° de la Constitución, a los que estén sindicados o tengan reputación de ser activistas de tales doctrinas y a los que realicen actos contrarios a los intereses de Chile o constituyan un peligro para la paz interior, y

d) Disponer la permanencia obligada de determinadas personas en una localidad urbana del territorio nacional hasta por un plazo no superior a tres meses.

Las facultades contempladas en esta disposición las ejercerá el Presidente de la República, mediante decreto supremo firmado por el Ministro del Interior, bajo la fórmula "Por Orden del Presidente de la República". Las medidas que se adopten en virtud de esta disposición no serán susceptibles de recurso alguno, salvo el de reconsideración ante la autoridad que las dispuso.

**VIGESIMAQUINTA.**— Durante el periodo a que se refiere la disposición declinatoria, el Consejo de Seguridad Nacional estará presidido por el Presidente de la República e integrado por los miembros de la Junta de Gobierno, por el Presidente de la Cor-

In: Diario "La tercera de la Hora". Santiago, 11 de Agosto de 1980, p. 68.

Para uma análise pormenorizada deste artigo ver. Los poderes del artículo 24. Revista HOY, nº 204 - Santiago, 1981.

- (25) Para uma análise econômica do Chile e Argentina deste período e de outros países latino-americanos, consultar Hirschman, Albert - A economia política do desenvolvimento latino-americano: sete exercícios de retrospectiva, 1987.
- Para outras análises complementares, consultar: Collier, David (org.) O Novo autoritarismo na A.L., 1982

- (26) É certo que o debate do insucesso/sucesso da implantação do modelo liberal-monetarista é enorme. O caso do Chile pode ser acompanhado a partir de alguns textos. Sobre o insucesso: SCHKOLNIK, Mariana. Crisis y regresión. La situación de los pobres en Chile; GATEA, Jaime & MIZALA, Alejandro. Así lições do modelo chileno. E sobre o sucesso: LANIN, Joaquim. Chile: revolución silenciosa.

- (27) Outros indicadores de desenvolvimento econômico podem ser verificados através do PIB no seguinte quadro:

Indicadores del desarrollo económico

País	Creccto. PIB (1)	Creccto. PIB pc. (2)		Grado de Industrializ. (3)	Participación en PIB regional (4)
<b>Argentina</b>					
1960/70	4.3	2.8	1960	23.3	17.9
1970/75	2.9	1.2	1970	27.0	15.8
1975/80	1.9	0.3	1980	25.0	11.2
1980	0.7	-0.8			
1981	-6.2	-7.7	1981	22.4	
1982	-5.2	-6.7	1982	22.5	10.5*
<b>Brasil</b>					
1960/70	6.1	3.2	1960	24.4	24.2
1970/75	10.3	7.8	1970	27.0	25.1
1975/80	6.8	4.4	1980	28.6	32.1
1980	7.2	4.8			
1981	-1.6	-3.7	1981	27.1	
1982	0.9	-1.3	1982	26.8	31.6*
<b>Chile</b>					
1960/70	4.2	2.0	1960	23.2	5.5
1970/75	-2.2	-3.9	1970	26.0	4.8
1975/80	7.5	6.0	1980	22.2	3.5
1980	7.8	6.2			
1981	5.5	4.0	1981	21.8	
1982	-14.1	-15.4	1982	19.2	3.2*
<b>Uruguay</b>					
1960/70	1.5	0.6	1960	21.7	2.4
1970/75	1.6	1.5	1970	21.9	1.6
1975/80	4.5	4.0	1980	23.4	1.2
1980	6.0	5.4			
1981	1.9	1.3	1981	20.8	
1982	-9.4	10.0	1982	19.0	1.1*

(1) Crecimiento del Producto Interno Bruto, a precios de mercado. Tasas anuales medias.

(2) Crecimiento del Producto Interno Bruto a precios de mercado, por habitante.

(3) Participación de la industria manufacturera en la generación del producto. (Porcentajes del producto interno bruto total a precios constantes de 1970)

(4) Participación del país en la distribución del producto interno bruto de la región.

\* Año 1983.

Fuente: CEPAL

(In: BRUNNER, JOSÉ J. & BARRIOS, Alice. 1987:36-37)

- (28) No livro de CAPARELLI, Sérgio. Ditaduras e Indústrias Culturais no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai, temos uma profunda análise dos meios de comunicação: rádio, televisão e jornais. Analisa tanto a participação com os regimes militares como a perseguição e censura que sofrem.

- (29) Sobre alguns aspectos da vida cultural e a censura, consultar: no caso da Argentina, CORTÁZAR, Julio. Años de alambradas culturales e CANCLINI, Néstor García. Cultura e política na Argentina: a reconstrução da democracia. Para o caso uruguaio: SOSNOWSKI, Saul (compilador). Represión, exilio y democracia: la cultura uruguaya. e MARTINS, Carlos A. Música popular uruguaya, 1973-1982. Un fenómeno de comunicación alternativa. No caso chileno: BRUNNER, José Joaquín. Autoritarismo y cultura en Chile (1983). E no caso brasileiro: SUSSEKIND, Flora. Literatura e vida literária; SILVA, Deonísio da. Nos bastidores da censura: sexualidade, literatura e repressão pos-64; MARCONI, Paolo. A censura política na imprensa brasileira: 1968-1978; e MELLO, Maria Amélia (org.) 20 anos de resistência. Alternativas da cultura no regime militar. Para perceber a atuação dos intelectuais neste processo político, consultar: SOARES, Maria Susana A. S. (coordenadora) - Os intelectuais nos processos políticos da América Latina, Porto Alegre, UFRGS & CNPq, 1985.
- (30) Para a história das mudanças na Universidade e os Centros Acadêmicos Independentes nestes países do Cone Sul, consultar o livro de José J. Brunner & Alicia Barros. Inquisición, mercado y filantropía. Ciencias sociales y autoritarismo en Argentina, Brasil, Chile y Uruguay. E para uma análise crítica da atuação dos intelectuais latino-americanos nestes Centros, consultar PETRAS, James. La metamorfosis de los intelectuales latinoamericanos.
- (31) Sobre o cotidiano, podemos citar LECHNER, Norbert. El estudio de la vida cotidiana (1984) e Notas sobre la vida cotidiana II. Atonía y protesta de la Sociabilidad (1983) e Vida cotidiana y ámbito público en Chile. Um proyecto de investigación (1980). BARRAZA, Ximera. Notas sobre a vida cotidiana numa ordem autoritária.
- (32) Para uma visão a partir de vários testemunhos sobre o medo no Chile, consultar: POLITZER, Patricia. Miedo en Chile.
- (33) No caso do Brasil esse desencanto com os políticos adquire graus alarmantes, como muitas pesquisas têm apontado. Numa recente pesquisa realizada pela revista Superinteressante nº 11, 1991, em 74% das respostas havia a concordância com a afirmativa que: "o político brasileiro é pior do que o povo que o elegeu". (Foram entrevistadas 1.200 pessoas de ambos os sexos, residentes em seis grandes capitais: SP, RJ, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Belém. Centradas na faixa etária de 15 a 65 anos e de diversos níveis de instrução e de renda.)



## CAPÍTULO IV

Uma etnografia das vivências e trajetórias existenciais. O significado de ser estrangeiro latino-americano do Cone Sul no Brasil de São Paulo (São Paulo e Campinas): 1970-1990

TODO CAMBIA

Cambia lo superficial  
 cambia también lo profundo  
 cambia el modo de pensar  
 cambia todo en este mundo  
 cambia el clima con los años  
 cambia el pastor su rebaño  
 y así como todo cambia  
 que yo cambie no es extraño.

Cambia el más fino brillante  
 de mano en mano su brillo  
 cambia el nido el pajarillo  
 cambia el sentir un amante  
 cambia el rumbo el caminante  
 aunque esto le cause daño  
 y así como todo cambia  
 que yo cambie no es extraño.

Cambia... todo cambia. (BIS)

Cambia el sol en su carrera  
 cuando la noche subsiste  
 cambia la planta y se viste  
 de verde en la primavera  
 cambia el pelaje la fiera  
 cambia el cabello el anciano  
 y así como todo cambia  
 que yo cambie no es extraño.

Pero no cambia mi amor  
 por más lejos que me encuentre  
 ni el recuerdo ni el dolor  
 de mi pueblo y de mi gente  
 y lo que cambió ayer  
 tendrá que cambiar mañana  
 así como cambio yo  
 en esta tierra lejana.

Cambia... todo cambia. (BIS)

(Música e letra: Julio Numhauser)

1. VIVER EM " TERRA ALHEIA ", SEU PEREGRINAR

A partir de dois autores, Joop Alberts (1974) e S. Eisenstadt (s/d) vamos apresentar quais seriam os fatores que influenciariam na motivação de indivíduos para mudar de residência.

Segundo Joop Alberts (1974:14), estes fatores seriam cinco:

"a) En el lugar de residencia hay un desequilibrio entre la población y el desarrollo socio-económico y ecológico, o se presentan diferencias interregionales, o ambas cosas a la vez.

b) Las personas sienten el desequilibrio interno y externo y muestran insatisfacción o incomodidad respecto a uno o más aspectos de la sociedad (proceso psico-social, función comparativa).

c) Empieza una comparación de alternativas entre el lugar de residencia y otras áreas, lo que culmina en un deseo de migrar (función comparativa, informativa y normativa). Esas personas se pueden considerar como migrantes potenciales.

d) La falta de alternativas en el lugar de residencia y las mejores condiciones en otras áreas, junto con la posibilidad para migrar, constituyen uno o más motivos para migrar.

e) La decisión de migrar depende de la posibilidad real y la existencia de ciertos obstáculos de migración como distancia, costo de transporte, control social, accesibilidad social en las áreas de inmigración, y ciertas medidas de una política de migración."

Na verdade este autor está enfatizando muito mais os mecanismos que influenciam este processo de migrar, ou seja, as avaliações e comparações implícitas no momento de decidir migrar. Fica claro que para este autor a decisão de migrar é algo reflexivo e racional. Evidentemente que este é apenas o caso dos imigrantes econômicos. O contraponto a este caso são os exilados políticos.

Para S. Eisenstadt (s/d), todo movimento migratório é mo-

tivado por alguma sensação ligada à insegurança ou à inadequação, à frustração, à incapacidade de atingir suas aspirações ou expectativas no país de origem. Estas seriam causas de natureza mais psicológica. Esse autor apresenta outras causas, como, por exemplo: superpopulação, limitações de oportunidade econômica, opressão política. Ele distingue 4 esferas principais dos motivos para imigrar:

"a) Ele pode sentir que sua sociedade originária não lhe apresenta suficientes facilidades de adaptação e possibilidade de realizá-la, isto é, que não pode sobreviver nela;

b) Pode sentir que certos objetivos, principalmente de natureza instrumental (isto é, satisfação econômica ou outras), não podem ser atingidos dentro da estrutura institucional de sua sociedade de origem;

c) (...) Pode sentir que dentro da velha sociedade não pode satisfazer plenamente suas aspirações de solidariedade, isto é, de identificação mútua com outras pessoas e com a sociedade como um todo. A imigração de refugiados políticos é um caso;

d) Pode sentir que sua sociedade de origem não lhe fornece oportunidade de conseguir um padrão de vida que valha a pena, ou de seguir uma teoria social progressista (...)" (s/d:2)

Observamos que enquanto os itens a, b e d estão ligados à dimensão econômica, apenas o item c diz respeito a outra dimensão: a não-identificação com a sociedade.

Embora esse autor considere outros aspectos que podem motivar a imigração, como a questão do refugiado político, temos ainda o que é recorrente ao explicar as motivações individuais no ato de migrar, qual seja, as explicações econômicas. Nestes autores, parece-nos que no arcabouço teórico elaborado para explicar os motivos e fatores que impulsionariam o ato de migrar, o fator econômico seria o único e permanente.

Em nosso entendimento, esta visão é muito restritiva, já

que na nossa pesquisa nos deparamos com uma complexidade e diversidade de casos e causas que, no mínimo, nos fazem refletir este instrumental teórico. De fato, existem vários fatores e motivos no ato de migrar. Daremos alguns exemplos: mulheres que abandonam seu país indo atrás de seus amores, maridos, companheiros etc. Como classificá-las então? São imigrantes? Ou o caso daqueles que não suportavam estar em seu país, de origem, que desejavam respirar outros ares e que não eram militantes políticos? Ou mesmo aqueles que saíram de um dia para o outro, sem ter absolutamente nada, apenas a roupa do corpo, e sem documentos de identidade? Ou, ainda, aquele que veio conhecer o carnaval do Brasil e acabou ficando? E o que saiu para fazer um mestrado e depois de algum tempo tornou-se um refugiado porque seu país de origem não fornecia o passaporte? E aquele que saiu criança asilada (de seu país de origem), filho de exilados, e que depois de algum tempo foi visitar sua noiva em outro país, ficou nele e depois veio estudar no Brasil?

Embora sejam apenas alguns casos, ele nos chamam a atenção para os limites das categorias, especificamente no caso do conceito imigrante. Quando se constroem e se utilizam categorias e conceitos, parece que eles dão conta de toda uma realidade ou problemática social. Na verdade, eles são insuficientes em muitos casos porque não dão conta da realidade e nem dos processos históricos específicos, nem da diversidade cultural-social.

Porém são necessários, porque ordenadores dessa realidade. Mas é preciso repensá-los, reformulá-los permanentemente para que não se tornem inoperantes e inadequados.

A nossa maior dificuldade nesta pesquisa foi a de classificar estes latino-americanos do Cone Sul, porque eles não permaneceram apenas imigrantes, refugiados ou exilados políticos, e eles mudaram de papel social constantemente. E os conceitos imigrantes, exilados, refugiados tornaram-se insuficientes, porque às vezes um único indivíduo encarnou estas três categorias na sua vivência de viver em "terras alheias".

É por isso que escolhemos usar a categoria estrangeiro ao nos referirmos a estes latino-americanos do Cone Sul. Estrangeiro porque não possui outras conotações; estrangeiro, aquele que vem e é de outro país.

Mergulharemos agora nas peculiaridades, complexidades e diversidades de nosso universo pesquisado. Vamos apresentar alguns dados específicos a partir de tabelas onde é possível mapear o ano de saída de seu país de origem e o ano de chegada ao Brasil destes estrangeiros latino-americanos, a residência em outros países e o tempo de permanência no Brasil. Estes dados nos servem para compreender melhor as especificidades desse grupo. Posteriormente trabalharemos a problemática da(s) motivação(ões) na saída; ou melhor, as razões por que saíram de seus países de origem.

Temos a necessidade de distinguir nesta experiência de viver em outro país ou em "terra alheia" a ocorrência de dois casos. Aqueles que viveram em vários outros países antes de morar no Brasil e aqueles que a sua primeira experiência de morar no exterior foi o Brasil.

A seguinte tabela, que nos indica a trajetória migratória, é elucidativa:

RESIDÊNCIA EM OUTROS PAÍSES		ALEMANHA	ARGENTINA	BÉLGICA	CHILE	COLÔMBIA	DINAMARCA	EL SALVADOR	ESPAÑA	EUA	FRANÇA	GUATEMALA	INGLATERRA	ITÁLIA	MÉXICO	NICARÁGUA	PARAGUAI	PERU	SUIÇA	URUGUAI	VENEZUELA	TOTAL DE PAÍSES	
ARGENTINOS	HIMA	0																					-
	MAROTTO		X		6 MESES																		1
	LITA		X										1 ANO										1
	JUANITO DE LA RIBEIRA	0																					-
	PETISA	0																					-
	MONICA																9 MESES						1
	RUGO		X																	5 ANOS			1
	MARIO MENDES	0	X																				-
FLORENCIA		X															1 ANO					1	
CHILENOS	LILI				X				1 ANO					1 ANO									2
	EDUARDO													9 ANOS						11 ANOS			2
	LUCIÉRNAGA				X					3 ANOS	4 ANOS												2
	RODRIGO				X					3 ANOS	1 ANO												2
	PACO									3 ANOS													1
	GABI	0																					-
	MIGUEL	0																					-
	JAMY	0																					-
	HAIRO		3 ANOS								4 ANOS	11 ANOS				2 ANOS							12
	TECHY	0																					-
ELAINE	0																					-	
ROLANDO																						1	
JACQUELINE	0				X																	-	
RIO_PLATENSE																						1	
URUGUAIOS	LUIZITO														3 ANOS					X			1
	GOBI														3 ANOS					X			1
	MARÍA TEREZA														5 ANOS					X	5 ANOS		2
	JULIO										1 ANO									X			1
	VIOLETA																						1
	PEDRO																						1
	ANA	0																		X			-
	CARLOS SANTOS																						1
PIERRE BELOUCHE																						1	

## NOTAS:

- A) 0 - SIGNIFICA QUE O ESTRANGEIRO NÃO MOROU EM OUTRO PAÍS, ALÉM DO PRÓPRIO, ANTES DE VIR PARA O BRASIL.
- B) X - SIGNIFICA QUE O ESTRANGEIRO DEPOIS DE HAVER SAÍDO DE SEU PAÍS DE ORIGEM E MORADO EM OUTRO, VOLTOU A MORAR NO PRÓPRIO PAÍS POR UM PERÍODO E DEPOIS VEIO OU RETORNOU AO BRASIL.
- C) TOTAL DE PAÍSES  
O TOTAL DE PAÍSES DE RESIDÊNCIA DESSES ESTRANGEIROS NÃO INCLUI, É CLARO, O PAÍS DE ORIGEM; MESMO QUANDO TRATAR-SE DE RETORNO ( ASSINALADO PELO SIGNO X ).

Observando a tabela RESIDÊNCIA EM OUTROS PAÍSES, claramente percebemos que a maioria, 65,63% (21 casos), já havia vivido em outros países antes de vir ao Brasil. Notamos também que são quatro os países mais freqüentes em termos de residência: Argentina (6 casos, 28,57%), França (4 casos, 19,05%) e México (4 casos, 19,05%) e EUA (3 casos, 14,28%).

No caso dos argentinos, a maioria (55,56% 5 casos) morou em (1) outro país antes de vir ao Brasil. E os que regressaram à Argentina (antes de vir ao Brasil, ou antes de retornar ao Brasil-, pois voltaram) também são 5 casos, dos quais 80% (4 casos) são dos que já haviam vivido em outro país (1) antes de chegar ao Brasil.

No caso dos chilenos, 53,85% (7 casos) morou em outros países antes de vir ao Brasil. Sendo que 15,38% (2 casos) do total de Chilenos pesquisados viveram em 1 país; 30,77% (4 casos) viveram em dois países; e o caso excepcional de Hairo, que peregrinou por uma dúzia de países antes de chegar ao Brasil. Por outro lado, 46,16% (6 casos) dos chilenos tiveram sua primeira experiência de residência no exterior no Brasil. E os que regressaram ao Chile (antes de vir ao Brasil, ou antes de retornar ao Brasil) são 4 casos (30,77%), dos quais 75% (3 casos) são dos que já haviam vivido em 2 outros países antes de chegar ao Brasil, e 1 caso (25%) que, embora não tivesse a experiência de viver em outro país antes de vir ao Brasil, regressou ao Chile e depois voltou ao Brasil.

Por sua vez, no caso dos Uruguaios 80% (8 casos) têm experiência de viver em 1 outro país antes de vir morar no Brasil; 10% (1 caso) viveram em 2 países antes do Brasil, e uma uruguaia (10%) não teve experiência de viver no exterior antes do Brasil, E os que regressaram ao Uruguai (antes de vir ao Brasil, ou antes de retornar ao Brasil) são 5 casos (50%), dos quais 60% (3 casos) são dos que já haviam vivido em 1 país antes de chegar ao Brasil; 20% (1 caso) viveram em 2 países antes de morar no Bra-

sil; e a uruguaia (Ana) que não tinha a experiência de viver em outro país antes de chegar ao Brasil, voltou a morar no Uruguai e depois retornou ao Brasil.

Resumindo. Aqueles cuja primeira experiência de viver no exterior foi a do Brasil representam 34,37% (11 casos) do total dos estrangeiros pesquisados. E esta experiência é mais freqüente no caso das mulheres (8 casos, 72,73%), e mais particularmente nas mulheres chilenas (5 casos, 45,45%). Acompanhemos a seguinte tabela:

#### O BRASIL COMO PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE VIVER NO EXTERIOR

NACIONALIDADE	SEXO		TOTAL	%
	HOMEM	MULHER		
ARGENTINA	2	2	4	36,36
CHILENA	1	5	6	54,55
URUGUAIA	-	1	1	9,09
TOTAIS	3	8	11	100%

Em relação ao ano de saída do país de origem destes estrangeiros latino-americanos, temos que a maioria se concentra na década de 70 (68,8%); porém o ano de maior saída é 1973, são 7 casos, o que representa 21,9% do total, como nos indica a seguinte tabela.



## ANO DE SAÍDA DO SEU PAÍS DE ORIGEM

	ANOS.	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%	
1	3,125%	1966	1	-	1	3,125
		1970	1	-	1	3,125
22	68,75%	1973	4	3	7	21,875
		1975	1	1	2	6,250
		1976	2	1	3	9,375
		1977	1	2	3	9,375
		1978	-	2	2	6,250
		1979	1	3	4	12,500
		1980	2	2	4	12,500
9	28,125%	1983	1	2	3	9,375
		1985	1	-	1	3,125
		1987	-	1	1	3,125
	TOTAIS	15	17	32	100%	

No que se refere ao ano de chegada ao Brasil destes estrangeiros latino-americanos, a situação se inverte, pois a maioria (53,13%, 17 casos) chegou ao Brasil na década de 80, sendo que o ano de maior concentração nesta década é o 1987, representando 15,63% (5 casos). Estes dados podem ser observados nas seguintes Tabelas.

	ANOS	HOMENS	MULHERES	TOTAIS	%
15 (46,875%)	1973	-	1	1	3,125
	1975	-	1	1	3,125
	1976	5	2	7	21,875
	1977	-	1	1	3,125
	1978	1	2	3	9,375
	1979	1	1	2	6,250
	1980	1	3	4	12,500
17 (53,125%)	1981	-	1	1	3,125
	1983	2	1	3	9,375
	1984	-	1	1	3,125
	1985	2	-	2	6,250
	1987	3	2	5	15,625
	1989	-	1	1	3,125
	TOTAIS	15	17	32	100%

No que diz respeito ao tempo de permanência no Brasil, este varia de 3 meses a 16 anos. No entanto, o caso mais frequente é estar vivendo no Brasil há 13 anos, são 7 casos (21,9%), seguido de 9 anos (4 casos, o que representa 12,5%) e 11 anos (estes são 3 casos, 9,4%).

A tabela a seguir nos fornece outros dados.

#### TEMPO DE PERMANÊNCIA NO BRASIL\*

\* (CONSIDERANDO-SE O PERÍODO QUE VAI ATÉ A GRAVAÇÃO DO DEPOIMENTO)

PERÍODO	HOMENS	MULHERES	TOTAIS	%
3 MESES	-	1	1	3,125
2 ANOS	1	1	2	6,250
2 ANOS E MEIO	1	1	2	6,250
3 ANOS	2	-	2	6,250
4 ANOS	1	1	2	6,250
5 ANOS	1	1	2	6,250
7 ANOS	1	-	1	3,125
8 ANOS	-	1	1	3,125
9 ANOS	1	3	4	12,500
10 ANOS	1	1	2	6,250
11 ANOS	1	2	3	9,375
12 ANOS	-	1	1	3,125
13 ANOS	4	3	7	21,875
14 ANOS	1	-	1	3,125
16 ANOS	-	1	1	3,125
TOTAIS	15	17	32	100%

Em relação às atividades que realizavam em seu país de origem, 19 indivíduos trabalhavam, 6 estudavam, 5 estudavam e trabalhavam e duas mulheres trabalhavam em casa (donas-de-casa). A maioria, 90,625%, vivia nas capitais de seus países de origem (Santiago do Chile, Montevideu, Buenos Aires), embora não necessariamente tenham nascido nelas.

Agora, retomaremos a problemática dos motivos, fatores ou razões que influenciaram na saída destes estrangeiros latino-americanos de seus países de origem e como chegaram ao Brasil. Trabalharemos esta questão a partir de seus discursos. Inicialmente faremos a distinção entre a saída pela primeira vez de seu país de origem e a chegada ao Brasil. São percursos diferentes na maioria dos casos, já que, relembando, 65,63% deles moravam em outros países antes de vir ao Brasil.

Após a análise dos 32 depoimentos foi possível distinguir 4 causas ou motivos narrados por estes estrangeiros latino-americanos ao explicar por que saíram pela primeira vez de seu país de origem. São "vivências plenas de significação". Temos os seguintes casos.

1º Motivos políticos: Constituem 10 casos (Maria Tereza, Pedro, Pacó, Ana, Hairo, Mônica, Carlos Santos, Mario Mendes), e temos dois casos de filhos de exilados políticos (Eduardo tinha 9 anos e Rolando tinha 16 anos).

2º Motivos econômicos: São 3 casos (Gabi, Eliane e Hugo).

3º Estudos: Temos 8 casos. Eles saíram para realizar cursos de pós-graduação ou de aperfeiçoamento ou de outra natureza (Lili, Marotto, Luizito, Julio, Rodrigo, Jany, Pierre Belouche e Lita).

4º Outros motivos: Podemos subdividi-los em outros 3 subitens, sendo 11 casos.

a) Acompanhando o marido - a saída foi conjunta. São

5 casos (Nina, Gabi, Luciérnaga, Violeta e Petisa). No caso de Violeta, ela acompanhou seu marido exilado político; e no caso de Petisa, ela veio junto a seu marido, filhos e um casal de amigo.

b) Atrás de "seu amor" e marido. Temos 3 casos (Rioplatense, Florencia e Techy).

c) Por uma multiplicidade de fatores (políticos, econômicos, culturais, existenciais, familiares etc.). Estes representam 3 casos (Juanito de La Ribera, Miguel e Jacqueline).

Mas algumas observações são urgentes. Existem dois casos que poderiam também ser duplamente classificados. É o caso de Gabi, que poderia ser incluída no subitem b) Atrás de "seu amor" e marido; e Eliane, no subitem a) Acompanhando o marido. No entanto, no transcorrer de todo o depoimento frisaram que saíram por razões estritamente econômicas.

Em relação aos motivos de migração ao Brasil destes estrangeiros latino-americanos percebemos algumas tênues mudanças. Vejamos estes motivos usando a mesma classificação anteriormente mencionada.

1º Motivos políticos: Temos 5 casos de exilados políticos (Pedro, Ana, Carlos Santos, Mario Mendes e Mônica).

2º Motivos econômicos: São 3 casos (Gabi, Eliane e Hugo).

3º Estudos: Temos 6 casos (Lili, Marotto, Luizito, Eduardo, Maria Tereza e Jany).

4º Outros motivos: Representam 18 casos, subdivididos em 5 subítens:

a) Acompanhando o marido: são 5 casos (Nima, Gabi, Violeta, Luciérnaga e Petisa).

b) Atrás de "seu amor", namorado e marido. São 4 casos (Florençia, Rioplatense, Rolando e Paco).

c) Existencial: é o caso de Pierre Belouche.

d) Por uma multiplicidade de fatores (políticos, econômicos, culturais, existenciais, familiares etc). Estes representam 7 casos (Lita, Julio, Juanito La Ribera, Rodrigo, Miguel, Techy e Jacqueline). Também poderíamos classificar aqui Petisa.

e) Veio conhecer o carnaval e ficou: é o caso de Hairo.

Pois bem, fazendo uma comparação podemos notar algumas sensíveis diferenças. Os motivos que mais predominam na primeira saída de seu país de origem destes estrangeiros latino-americanos são representados em primeiro lugar pelo item Outros motivos, 34,37%; seguido de motivos políticos, 31,25%; e por estudos, 25% dos casos.

No entanto, estas causas ou motivos tomam outros contornos ao vir ao Brasil. A causa Outros motivos aumenta, representando 56,25% dos casos; seguido de estudos, 18,75% e motivos políticos, 15,62% dos casos. Mas o motivo afetivo (indo na companhia do marido ou indo atrás de seus amores) é o caso mais frequente nesta categoria Outros motivos, representando 25% no primeiro momento de saída e 28,12% na chegada ao Brasil. Porém, são as mulheres que saem atrás de seus maridos, companheiros e amores, à exceção de 2 homens, ao vir por esse mesmo motivo ao Brasil.

Mas, como é expressada nos discursos a explicação destes motivos, desta vivência, quais as especificidades e as diferenças entre eles? Trabalharemos com alguns discursos assim delineados: "os peregrinos exilados políticos", "os peregrinos imigrantes econômicos", "os peregrinos culturais", "os peregrinos

românticos", "os peregrinos existenciais", "os peregrinos da multiplicidade de causas".\*

Os peregrinos exilados políticos. Eles foram refugiados, asilados e viveram vários anos clandestinos sem seus documentos de identidade; especialmente os que viveram seu exílio no Brasil, pois a cada 6 meses saíam até a fronteira mais próxima e entravam como turistas. Existe algo recorrente nestes discursos e se refere à forma como verbalizam, a sua expressão, o tom de voz muda, falam muito baixo, os silêncios são prolongados. Dá a sensação que não desejam falar a respeito e que lhes é muito penoso. A dificuldade de se expressar verbalmente é considerável, são muito resumidos, diretos e enxutos. Acompanhemos as narrativas a partir de 3 depoimentos (Ana, Eduardo e Hairo) que representam os dois momentos: a saída pela primeira vez e a vinda ao Brasil.

a) ANA (uruguaia, 32 anos, tradutora)

" QUE ATIVIDADE REALIZAVA? (Pesquisadora)

"Era estudante y militante"

" PORQUE É QUANDO SAIU?" (Pesquisadora)

"E...e, ...e..., bueno..., salí del Uruguay en 1977, en septiembre. Y salí perseguida por las fuerzas de la represión, habían..., estaban con algun dato, alguna cosa así, y me fueron a buscar; y bueno..., por suerte yo me escape. Llegue al Brasil en aquella época..., vine en omnibus. Tenía mi hermano en Sorocaba, familia y amigos también... Vine sola, mi compañero estaba preso. Fue difícil, las alternativas muy pocas".

b) EDUARDO • (Chileno, 25 anos, economistas)

"Yo tenía 9 años, iba al colegio, jugaba".

"¿PORQUE SALIO?" (Pesquisadora)

"Salí en el año 1973, en compañía de mis padres

\* PEREGRINAR ( do latim Peregrinare). 1.- Viajar ou andar por terras distantes; correr por diferentes partes. (In: Novo Dicionário Aurélio. p. 1067).

a raíz del golpe de Estado que había habido en Chile. Salimos como asilados".

c) HAIRO (Chileno, 34 anos, artista, artesão e antropólogo)

QUE ATIVIDADE REALIZAVA? (Pesquisadora)

"Estudiava en la Universidad de Chile, cantaba y militava".

"¿PORQUE SALIO?" (Pesquisadora)

"E...., e...., e...., sali en el año 1975, en enero, y... por motivos políticos..." (silêncio prolongado).

"Bueno, e...., e...., e...., primero, salí sin destino, ¿no?. Salí, me salieron e...., e...., y de ahí,..."

"¿TE ASILASTE?" (Pesquisadora)

"... Me asile en Francia. Estuve en Francia 3 años y medio, e ahí me fuí a Alemania a terminar los estudios, no. De ahí anduve haciendo una gira, cantando, en la Alemania, Dinamarca, Suiza, Belgica, Francia, España, Italia. De ahí estuve en Centro América, no. Guatemala, Nicaragua, El Salvador, Colombia. Pernambulando por ahí. Ha, de ahí, trabaje, que acho que é, la única vez en mi vida, como antropólogo, para el Instituto Nacional de Cultura del Perú. Trabaje un año. De ahí voltei a Europa y de ahí yo vine a conocer el Carnaval en Brasil y me quede acá".

Há algo de marcante nestes discursos; é o grande silenciamento da experiência, seja no que se refere à vivência anterior ao exílio; seja quanto ao momento desta experiência. As referências ao universo familiar são escassíssimas. Não existem detalhes sobre a militância deles ou da família, nem menção das dificuldades, solidariedade neste processo. Nos restam as dúvidas: até que ponto este tipo de depoimento representa os limites do uso da entrevista aberta semidirigida?; ou de fato é uma característica deste universo? Para obter outras informações a pesquisadora teve de formular

muitas outras perguntas. E, embora tenhamos apresentado apenas 3 dos 10 casos, os outros discursos têm as mesmas características.

Os peregrinos imigrantes econômicos. Existe uma particularidade marcante, a ênfase que dão ao explicar que a saída é por motivos econômico-profissionais. As expressões "melhorar de vida" e "realização profissional" são recorrentes. Acompanhemos esta experiência através do discurso de Gabi.

a) GABI ( Chilena, 48 anos, dona-de-casa)

"Salí en el año 1973. Porque mi marido ya estaba en el Brasil. Yo estaba con mis hijos en Chile. Sí, Brasil fue una elección, porque nosotros habíamos tentado E.E.U.U., pero pedían la documentación, salía muy cara. Había que hacerla en dolares en ese tiempo. Y en México fueron muy desagradables en la embajada. Y así que después vimos que país estaba en mejor situación económica que Chile, y era Brasil. Y entonces, ahí nos decidimos por Brasil. O sea, nosotros pensamos a que país nos iríamos, seleccionamos".

São 3 os casos, mas o de Gabi é representativo. É muito incisivo nestes discursos a expressão "ter escolhido" racionalmente o país. Ou seja, aquele que garantiria o sucesso econômico e profissional. Por isso, foi fundamental fazer uma avaliação do momento econômico do país escolhido. Em relação à escolha do Brasil, estes estrangeiros latino-americanos lembram que vieram no embalo da propaganda do milagre econômico brasileiro. E, se conferirmos a data de chegada a este país, temos algo elucidativo. Gabi chegou em 1973, Hugo em 1976 e Eliane em 1980.

Os peregrinos culturais. Aqueles que saíram para "melhorar" seu nível profissional. Todos vieram realizar cursos de pós-graduação, 4 para mestrado e 2 para doutorado. A intenção deles era retor-



nar ao país de origem, com a exceção de Eduardo. Depois de finalizada a pesquisa acompanhamos a trajetória de alguns deles. 4 já voltaram (Lili, Marotto, Luizito e Maria Tereza. Sendo que os três primeiros finalizaram a pós-graduação, enquanto Maria tereza está na fase final). Jany casou-se com um brasileiro.

Vejamos esta experiência através de dois discursos:

JANY (Chilena, 26 anos, professora)

"En Chile era professora básica en una escuela particular, subencionada, en Santiago. Salí en el 87 por..., para hacer el maestrado, porque en Chile no lo pude hacer.

"Llegue por mi cuñado, él se vino en el 87 hacer doctorado en Física. Yo pensaba ir a España, yo no sabía nada de Brasil hasta que mi cuñado fuera aceptado en la Unicamp; Llegó en marzo, me averiguo todo. El segundo semestre de 87 me matricule como alumna especial. Después hice los exámenes de selección y fui aceptada".

LILI (Chilena, 34, socióloga)

"En España tuve información de la Unicamp através de una profesora de Rio. Como yo tenía que hacer escala, la hice en el Brasil. Hice escala en Rio y me vine de omnibus hasta Campinas y fui para la Unicamp. El curso me parecia interesante y me informe".

O que é característico neste caso é o fato de estes estrangeiros terem informações nos seus países de origem ou terem conhecido professores brasileiros em congressos ou nos países estrangeiros onde passaram antes de vir ao Brasil. Em certa medida, temos uma similitude com o caso dos imigrantes econômicos: a existência de informações e o ato de escolher. Ao mesmo tempo, ao vir ao Brasil já existia algum conhecido, geralmente professores universitários.

Os peregrinos românticos. São aqueles que saíram atrás de "seus amores" (companheiros, marido). Temos os casos muito especiais de Rioplatense e Florencia, que são mulheres que transgrediram algumas regras sociais, como o fato de terem relacionamentos com homens casados. Embora tenham sido predominantemente as mulheres a ir atrás de

seus amores, existem algumas exceções masculinas: Rolando e Paco, e Eduardo (Chileno) que saiu do México para o Uruguai para visitar sua noiva e ficou por lá. Serão três depoimentos apresentados:

a) RIOPLATENSE (Uruguiaia, 34 anos, turismóloga)

PORQUE E QUANDO VOCÊ SAIU DE SEU PAÍS DE ORIGEM (OU DE NACIONALIDADE)?, DE TU PAÍS DE ORIGEM. (Pesquisadora)

"Bueno, de mi país de origen, o sea, del Uruguay salí así con idea de, de irme a vivir a otro lado en el 73. E..., e..., e..., salí para Argentina. ¿Y porque?, bueno, la cuestión era, este, como salí e no porque, no. Bueno, porque es una historia medio, que tiene que ver así con una historia particular de vida mía, porque yo creo que te comente en otra ocasión, siempre desde chica, mi papá, mi familia, se había dicho que yo iba a ir estudiar a la Argentina, a la Plata. Porque, hum..., hum..., mi padre tenía sus hermanas viviendo en la Plata, e..., e..., e..., fue el único de los hermanos que quedo viviendo en Colonia. Todás sus hermanas vivían en la Plata, y nosotros viajábamos siempre; yo iba siempre y medio que como era una cosa establecida que yo iba a ir a estudiar a una Universidad de la Plata. Después de muchos años me enteré porque no, acabe no yendo allí, este. Seguramente eso lo vemos después en la historietta, en la cuestión de la historia de vida".

"HUM, HUM" (Pesquisadora)

"Pero el asunto es que ya para mí era una aspiración vieja ir a vivir a la Argentina, concidío que yo en el 73, e..., e..., e..., estaba estudiando Psicología en Montevideo, en la facultad de Humanidades y Ciencias y cuando el golpe de Estado, cerraron la facultad de humanidades y ciencias. Entonces, medio que ahí encuentre la excusa ideal. Entonces, bueno vamos a Argentina y no fuimos e..., e..., e..., ¡yo que sé!. Por otro lado, había alguna otra serie de cosas, pero teníamos digamos que era bueno irse por alguna otra serie de cosas. Hum, hum, pero digamos que no era imprescindible irse del país. Nosotros, por ejemplo, estábamos, teníamos dificultad de vivienda, vivíamos en un hotel. Queríamos una casa, un apartamento y..."

"¿ESO EN MONTEVIDEO?" (Pesquisadora)

"...¡claro!, medio difícil para conseguir. Porque en aquel momento había una ley de alquiler re-embromada. Entonces, solo le alquilaban a extranjeros; entonces, ahí nosotros no estábamos consiguiendo.

"Por otro lado, estaba toda la cuestión de que mi marido estaba saliendo del fin del casamiento, ... bueno toda la cuestión. Familiar, todo eso, era medio incha, pero no era una cosa que te obligara a salir del país, no".

"HUM, HUM." (Pesquisadora)

"Pero en este caso se presentó esa oportunidad, no sé. Yo que siempre había tenido esa aspiración, la facultad que se cierra... Bueno, esta bien, ahora si me voy a estudiar Argentina si o si, ¿no? (RISOS) Y él estuvo de acuerdo y ahí nos fuimos.

"HUM, HUM." (Pesquisadora)

"Ahora lo que pasa que, esa fue la primeira salida.

"¿Y YA TENIAS NENÉ?" (Pesquisadora)

"¿Como?"

"UN CHIQUITO." (Pesquisadora)

"No, no todavía nada. Ahí, estando en la Argentina hubo así medio que un problema particular nuestros medio que la pareja, medio que se empezó a deshacer, no. Entonces, ahí él se vino para acá, y pasamos un año más o menos separados..."

"HUM, HUM." (Pesquisadora)

"...Y ahí empezamos, empezamos con cartas por aquí, cartas por allá, por una coincidencia de una carta perdida que vino para él y que yo la mande para cá, entonces ahí comenzamos carta vá, carta viene, y al final en 75 él me mando un pasaje para que yo viera como era aquí, y que sé yo. Y... bueno, aca-

be viniendo y quedandome, pero con mucha resistencia, no."

"HUM, HUM." (Pesquisadora)

"Porque recién yo hice mis papeles para quedarme aquí en el 78, cuando nació Eleonora."

"¿Y ESE TIEMPO TE LO LLEVASTE VIAJANDO?" (Pesquisadora)

"Viajaba. Iba y venía; yo no, yo no, realmente, no estaba convencida de quedarme acá, no era mi aspiración. Yo me quería quedar en Argentina; para mí, mi país era Argentina, viste. Yo allá estaba bien, me sentía bien, quería estar allá, ¿no? Así que mi emigración se dá por el motivo mas vanal y más antiguo, atrás de un tipo, viste. (RISOS DE AMBAS). Nada de política en el medio (RISOS),... no intentes intelectualizar la cosa, viste (...). Yo no intelectualizo, ni politizo mi migración, que totalmente es, ... así ..., personal."

b) FLORENCIA (Argentina, 31 años, comerciante e estudiante) e MARIO MENDES (Argentino, 51 años, comerciante)

"¿QUE ATIVIDADE REALIZAVA?" (Pesquisadora)

"Yo estudiaba antropología y trabajaba como secretaria, y como maestra" (Florencia).

"Yo militava" (Mario Mendes).

"¿PORQUE Y CUANDO SALIÓ?" (Pesquisadora)

"Yo salí en el 79, por problemas políticos, no. Persegusión". (Mario Mendes)

"Bueno, yo sali porque él salió (RISOS). Sali atrás del hombre. Porque yo tambien militava allá, era una militancia siempre medio desconforme con la militancia, y este..., bueno me enganche con este hombre, él salió. Después de un año de resistencia me vine atrás de él." (Florencia)

c) ROLANDO ( Chileno, 33 anos, mestre em artes marciais e terapeuta ocupacional)

"Me vine al Brasil porque mi actual mulher é brasileira. La conoci en un viaje corto que hice acá". (VIVIA NA ARGENTINA)

Embora estas narrativas nos apresentem diversidade de outros motivos que são apresentados para explicar a saída, parece-nos que o aspecto emotivo, sentimental é o mais forte e marcante. Mesmo porque estes estrangeiros, em nenhum momento, afirmam que o Brasil foi escolhido para morar. O fato de ter sido o Brasil é um aspecto secundário. Eles e elas teriam ido ao país onde eles e elas estivessem.

Os peregrinos existenciais. Embora seja apenas um caso que temos em nosso universo, conhecemos vários outros estrangeiros no decorrer desta pesquisa que têm este perfil. O que é mais recorrente nestes discursos são as expressões de "cansaço", "choque geracional", "necessidade de respirar "outros ares", "desencontros e perturbações", que traduziriam o estado anímico e emocional deles e que, ao mesmo tempo, representaram a força motivadora de querer sair de seus países. Vejamos como Pierre Belouche nos narra sua experiência.

PIERRE BELOUCHE (Uruguaio, 34. anos, fotógrafo)

"Yo llegue a la facultad, estaba en el primer año de Veterinaria. Yo estaba en una fase (...), estaba perturbado... (SILENCIO) Entre a la facultad, deje la facultad. Eu estaba psicologicamente perturbado. Na faculdade me ligava cada vez mais a fotografia. No podia proyectarme. Ya estan pasando los años y yo perdiendo el tiempo. Um día decidí, vou embora, não podia ir muito longe porque não tinha meios. Argentina e Brasil, optei por este. Na aventura total, iso, eso..., conforme con la edad. Sin nada en el bolso. Morava con mis pais, no me faltava nada, pero no tenia perspectiva de futuro. Fue más un problema interior meu, donde se juntan várias coisas."

O fato que mais chama a atenção no depoimento de Pierre Belouche é a necessidade e a urgência de sair, e não precisamente por problemas econômicos. Ele próprio nos diz: "Morava con mis pais, não me faltava nada". Porém algo faltava: novas energias, novas experiências, novos desafios, novas motivações.

Os peregrinos da multiplicidade de causas. Anteriormente foi mencionado que tanto na primeira experiência de sair do país e morar em algum país estrangeiro, como no momento de morar no Brasil, este caso dos peregrinos da multiplicidade de causas é o mais predominante, sendo 37,5% no primeiro momento e 56,3% no segundo momento.

Também já foi aludida em vários momentos deste texto a insistência de inúmeros autores de reforçar a ênfase econômica ao explicar as motivações individuais ou fatores estruturais que determinaram a saída de indivíduos de seus países de origem. Não pretendemos negar o fato de muitos indivíduos saírem por motivos econômicos, mesmo porque temos várias correntes migratórias que se inserem nesta explicação; no caso brasileiro, a vinda dos migrantes europeus e asiáticos em finais do século passado e início deste.

No entanto, nosso esforço tem sido no sentido de mostrar a existência de outros motivos. O fator econômico não é exclusivo e determinante; não podemos assumir uma única explicação, pois seria reducionista, limitada e determinista. Acreditamos que o nosso esforço de apontar para outras explicações esteja sobejamente demonstrado, mesmo

porque não é possível continuar afunilando todos os estrangeiros na categoria imigrante; esta categoria torna-se absolutamente insuficiente e mais parece uma enorme tentativa de fazer tábua rasa do problema da diversidade.

Todavía, é indispensável conhecer o discurso destes peregrinos. Embora tenhamos escolhido apenas um depoimento, nos parece que ele é em si representativo deste tipo de experiência. Seleccionamos a seguinte narrativa:

LITA (Argentina, 34 anos, professora universitária)

"O QUE VOCÊ REALIZAVA EM SEU PAÍS DE ORIGEM ANTES DE SAIR?  
¿QUE HACIAS?" (Pesquisadora)

"Daba clases y estudiaba. Hacia un curso de especialización en lingüística. Daba clases en varios colegios. En Argentina hay que dar clases en varios lugares. Tenía el día ocupadísimo de las 7 de la mañana hasta 12 de la noche. Llegaba a las 12 y media en casa."

"¿QUE LOUCURA!" (Pesquisadora)

"¿PORQUE E CUANDO SAIU DE SEU PAÍS DE ORIGEM?" (Pesquisadora)

"E...., e...., e...., a fines de 79. ¿Y porque? Bueno, explícitamente fue porque hubo un congreso acá de lingüística y llegó una notificación al Instituto de Filología donde yo hacía investigaciones en Buenos Aires, y vine. Digamos que el punto factual es ese. Ahora, digo lo otro. Puedo decir lo que quiera (risos). Bueno, era el 79, dictadura de Videla y yo no tenía persecución directa sobre mí; pero bueno, en el área que yo trabajaba, en Letras, listas de libros prohibidos; además toda la sociedad estaba muy rígida; y por ejemplo e...., e...., hasta la ropa. Yo en lugares que... donde daba clases exigencias de vestirme de tal modo. Era irrespirable el clima. Entonces me surgió la propuesta, yo vine al congreso y después estando aquí, no fue bien un congreso. Fue con el Instituto dos Meses. Surgió la propuesta de crear el área donde yo trabajo. Y bueno, y...., acá comenzaba el período de Apertura, se notaban otros aires. ¡Viste! Libros, más libros, y bueno... Y además toda esa situación de vida que yo tenía en 25 lugares, ocupadísima, agotada. Decidí venirme."

"¿PERO, YA VINISTE A HACER MESTRADO AQUI? (Pesquisadora)

"Sí, este... y, ... a participar en un proyecto de mi área y estaba pendiente la contratación. Pero como que había que crear el área, hubo unas exigencias burocráticas que tardaron un año más o menos."

"¿Y TE QUEDASTE AQUI?" (Pesquisadora)

"(...) Indirectamente hubo una compulsión para el salir, a mí no me estaban persiguiendo con armas. Un poco por casualidad porque perseguían. Y yo tuve militancia, pero, bueno, otra gente próxima mía murió. Pero, bueno, yo no tenía problemas directos. Pero era tan terrible el entorno que medio que había una presión implícita a irte. E..., me sentí tan aliviada cuando estuve acá, que no me plantie lo que perdía. Pero después te lo comenzas a plantear."

"EN ALGUN MOMENTO ERA TU SALVACIÓN." (Pesquisadora)

"Claro, claro."

Salientamos que os estrangeiros latino-americanos que vivenciaram este tipo de experiência têm uma particularidade marcante em relação aos outros. São extremamente comunicativos, não têm problemas de verbalizar e relatar sua experiência, como, ao mesmo tempo, elaboram um discurso denso e repleto de detalhes. Não existiu o recurso do esconde-esconde na fala. A única omissão foi na história de vida no seu país de origem, que ao mesmo tempo foi uma característica de quase todos eles. Porém existe outra particularidade que diz respeito a certa ênfase nos seus discursos: a necessidade de sair por não suportar a censura, a opressão e a repressão existentes em seus países. O desejo de respirar outros ares, de ânsia de liberdade foram elementos muito presentes nas suas decisões de ir embora. Conquanto alguns deles viessem ao Brasil já com contrato de trabalho ou proposta, alguns, ao retornar a seu país de origem após sua pós-graduação no exterior, perderam seus cargos de professores universitários; o motivo foi a "limpeza" ideológica realizada pelos militares no poder e pelas reformas operadas nas universidades neste período dos golpes militares.

No transcurso da análise destas experiências de migração tivemos uma descoberta relevante. Quando fazíamos a leitura do livro "A caminho da cidade", de autoria de Eunice Durhan (1978), que se constitui numa importante pesquisa sobre os movimentos migratórios no Brasil e na reconstituição de vida destes migrantes rurais,<sup>1</sup> nos encontramos com algumas conclusões importantes neste processo migra-

1. Este estudo utiliza várias fontes e pesquisas realizadas em épocas diferentes. Entre as pesquisas que se referem à população rural, está a pesquisa realizada entre 1959 e 1960 pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, sendo entrevistadas 400 famílias de origem rural que viviam nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba. Outras pesquisas são dos anos 1964, 1966 e 1970, e foram também recolhidos dados sobre imigrantes italianos e descendentes num município paulista numa pesquisa realizada entre 1958 e 1962.



tório. A primeira seria que a migração se orientaria num universo de relações pessoais que envolve parentes, amigos, vizinhos, conterrâneos (ver p. 183). Embora seja a rede de relações primárias, a família nuclear a mais importante, as outras relações seriam secundárias. Ou seja, o migrante teria sempre algum tipo de contato na cidade, e chegaria onde parentes, amigos etc., estivessem residindo; também se orientaria por notícias, informações etc., na escolha da cidade. E sua vida social neste contexto urbano se daria através de relações pessoais; especialmente com aqueles que têm laços de parentesco.

Por outro lado, a migração num primeiro momento é realizada isoladamente, são indivíduos sozinhos movimentando-se; tanto assim que, na pesquisa utilizada que inclui 107 indivíduos, migrantes rurais que moravam em São Paulo, ao analisar o tamanho do grupo migrante nota-se que 38 vieram sozinhos e 30 vieram em duplas; grupos maiores são raros (ver p. 130). No entanto, embora seja um processo individual no início, ele "envolve uma movimentação sucessiva de pessoas diferentes e pode se estender por tempo considerável" (p. 130). Ou seja, a migração da família se daria por etapas.

Então, qual foi a nossa descoberta num universo tão diferente, dos estrangeiros latino-americanos em relação aos migrantes rurais?\*

Pois bem: a saída também se dá, em sua maioria, de forma individual. São 16 estrangeiros que saem sozinhos (o que representa 50% do universo), e o segundo tipo de movimentação é a família toda, esse grupo representa 21,88% do nosso universo (7 casos). A tabela elaborada é elucidativa:

TAMANHO DO GRUPO MIGRANTE	1	2	3	4	5
Nº DE CASOS	16	5	7	3	1
%	50%	15,625%	21,875%	9,375%	3,125%

Escolhemos utilizar este estudo dos migrantes rurais como contraponto, porque quando realizamos as leituras sobre os trabalhos de imigração no Brasil nos encontramos com o nosso maior problema que foi não ter encontrado nenhum estudo que pudesse ser utilizado como contraponto aos dados da nossa pesquisa. Os trabalhos lidos se centralizavam em duas tendências, a saber: a análise histórica por um lado ou a ênfase na problemática de adaptação ou integração destes imigrantes europeus. Sendo que estes estudos têm como parâmetro a teoria funcionalista, tão em voga nas décadas de 50 e 60.

Por outro lado, 93,8% destes estrangeiros tinham algum tipo de contato ao chegar no Brasil, sendo a maioria (46,9%) constituída pelos contatos que denominamos laços afetivos. Embora a diferença com migrantes rurais seja a de que esses contatos não se centralizam apenas em relações familiares. Também os contatos de tipo institucional são relevantes (31,27%). Porém, os contatos, embora classificados em 4 tipos, são mais variados e múltiplos, como nos confirma a seguinte tabela: I. Laços afetivos= (46,875%). II. Institucionais= (31,25%). III. Afetivo-institucionais= (15,625%). IV. Sem contatos= (6,25%).

## CONTATOS NO BRASIL

TIPO DE CONTATO	HOMENS	MULHERES	TOTAL	%
<b>I. LAÇOS AFETIVOS</b>				
1. Companheiro e família dele	-	1	1	3,125%
2. Marido e família dele	-	1	1	3,125%
3. Companheiro(a)	1	1	2	6,250%
4. Família	2	1	3	9,375%
5. Amigos	-	1	1	3,125%
6. Família e amigos	1	1	2	6,250%
7. Namorada	1	-	1	3,125%
8. Amigos de amigos	1	1	2	6,250%
9. Marido	-	2	2	6,250%
<b>II. INSTITUCIONAIS</b>				
1. Com contrato de trabalho	3	-	3	9,375%
2. Realizar curso de pós-graduação	2	1	3	9,375%
3. Grupo religioso	-	1	1	3,125%
4. Igreja (carta para um representante da Igreja Católica)	1	1	2	6,250%
5. Outro tipo de contato inst.	1	-	1	3,125%
<b>III. AFETIVO-INSTITUCIONAIS</b>				
1. Amigos e curso de pós-graduação	1	1	2	6,250%
2. Acompanhou o marido que tinha contrato de trabalho	-	1	1	3,125%
3. Acompanhou o marido que veio fazer curso de pós-graduação	-	2	2	6,250%
<b>IV. SEM CONTATOS</b>				
	1	1	2	6,250%
<b>TOTAIS</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>32</b>	<b>100%</b>

Outra informação relevante se refere à idade que eles tinham na primeira saída e, posteriormente, na chegada ao Brasil. No que diz respeito à primeira saída ao exterior, a maioria é de adultos jovens, especialmente a faixa etária que vai dos 20 aos 29 anos, representando 68,75%, como podemos verificar na tabela<sup>1</sup>.

Em relação à idade que tinham ao chegar ao Brasil, a maioria é de adultos jovens (a faixa etária vai de 20 a 34 anos), representando 78,13% do universo. Porém, a maioria (31,25%) se centraliza na idade de 20 a 24 anos, como podemos conferir na tabela<sup>2</sup>.

Verificamos que em ambos os casos a idade se centraliza na faixa que vai dos 20 aos 29 anos, especialmente na idade dos 24 anos.

MARÍA EDITH GUERRERO OBANDO BEVILAQUA

ESTRANGEIROS: PEREGRINOS DA AMÉRICA. Os latino-americanos do  
Cone Sul (Argentinos, Chilenos e Uruguaiois) no Brasil de São Paulo  
(São Paulo e Campinas); 1970-1990.

Dissertação de Mestrado em Antropologia  
Social apresentada ao Departamento de  
Ciências Sociais do Instituto de Filosofia  
e Ciências Humanas da Universidade  
Estadual de Campinas.

Este exemplar corresponde  
à redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em

08/07 /1992.

*Ana Niemeyer*

ORIENTADORA: Profª Drª ANA MARIA DE NIEMEYER

MAIO / 1992

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

VOLUME II

## 2. A VIDA COTIDIANA

Existem alguns autores, como LECHNER, Norbert (1984), que apontam para as dificuldades da conceituação da existência de um "conceito de vida cotidiana".

O que seria "vida cotidiana"?

Sem dúvida, temos um crescente interesse e muitos estudos sobre esta problemática. Para Norbert Lechner, (Ibid:9), este interesse na vida cotidiana se deve ao descontentamento com ela própria. Ele está contextualizando o estudo do cotidiano à luz do fenômeno autoritário que ocorreu em nosso continente latino-americano nestas últimas décadas. Por isto, este autor circunscreve o estudo da vida cotidiana ao âmbito político, afirmando que "nos ayuda ver en la vida cotidiana un campo de lucha a la vez que un instrumento de lucha" (Ibidem. 1984:4). Mas também ele aponta outras dimensões do cotidiano a partir de outros autores: "seria aquella suma de rutinas siempre presentes, pero por conocidas nunca registradas" (Ibidem. 1984:12-13). Embora Lechner apresente outros sentidos e definições sobre a vida cotidiana, tivemos certa perplexidade, pois no campo da Antropologia existe larguíssima tradição sobre o estudo do cotidiano de vários grupos, sejam estes de origem urbana ou rural, étnicos ou de outra natureza. Aliás, uma das especificidades da Antropologia é o estudo detalhado e minucioso da vida cotidiana, o estudo do que fazem grupos, indivíduos etc. Por isso, nos parece que a definição de Georges Balandier (1984:104) é muito pertinente: "diré que el estudio de la vida cotidiana se centra en el sujeto, en aquello que le rodea directamente: los familiares, los vecinos, los amigos, los compañeros... Y en todas aquellas prácticas, representaciones, simbolizaciones por medio de las cuales el sujeto se organiza, concierta sus relaciones con la sociedad, con la cultura, con los acontecimientos." Nos parece que seria redundante falar sobre as riquezas extraordinárias e inesgotáveis da vida cotidiana, que se oferece como um lugar privilegiado para estudar "segundo una feliz expresión de Sartre, lo que el hombre hace con lo que han hecho de él" (LECHNER, N. 1984:24).

Frente a um campo tão vasto, os recortes são inevitáveis; ou, melhor dizendo, são obrigatórios. Por isso, nos circunscreveremos aos seguintes aspectos da vida cotidiana: Como foi a experiência de vida no Brasil; quais as dificuldades nesta experiência; como vivem; quais suas condições de vida; o que fazem; quais as relações sociais, sobretudo as amizades.

Em relação a como foi sua experiência de vida, nos concentraremos especificamente no Brasil, já que os dados que dispomos sobre o cotidiano nos seus países de origem ou mesmo sua vivência em outro(s) são muito escassos. Por outro lado, já apresentamos em páginas anteriores as atividades que eles realizavam em seus países de origem.

Mesmo tendo escolhido o cotidiano de vida no Brasil de São Paulo encontramos particularidades relevantes. A experiência pode ser dividida em duas fases: A primeira é o início, a chegada, de muitas dificuldades em diversas esferas, seja a situação jurídica, o clima, as regras culturais, o idioma, a falta de emprego, as comidas, a impossibilidade de construir relações de amizade, a depressão, a total rejeição, até os odores etc.

Em relação à situação jurídica, fundamentalmente a burocracia e a falta de documentação legal seriam os maiores inconvenientes. No entanto, a maioria, 21 casos (65,63%), possui hoje a documentação de permanente; 9 casos (28,13%) são estrangeiros temporários; um caso é naturalizado brasileira; e mais dois são naturalizados italiano e venezuelano. Todavia, 15 destes estrangeiros latino-americanos viveram a condição de indocumentados ou ilegais por um prolongado período, representando 46,86% do universo. Para contornar este problema uma estratégia foi adotada: a cada três meses, período em que venciam o visto de turista, eles iam até a fronteira mais próxima para sair do Brasil e novamente entravam. Três deles trabalharam com documentos falsos. Vários deles regularizaram sua situação legal a partir das ANISTIAS que foram concedidas pelo governo brasileiro.

Para outros, a primeira época da chegada ao Brasil foi uma

fase muito angustiante, de intensa depressão e de muita rejeição, alguns emagreceram, Liliansa conta que em 4 meses emagreceu 8 quilos; ANA esteve doente com hepatite.

Através de dois depoimentos podemos entender melhor esta vivência:

Monica (argentina, 38 anos, exilada política por muito tempo)

"Me parecía un horror, no me gustaba nada. Tenía mucho miedo. (...) No me gustaba el portugués, no me gustaba el mar, no me gustaba el café, no me gustaba nada."

Petisa (argentina, 44 anos, psicanalista)

"En el inicio yo me pase un año llorando; llore 3 horas todas las noches, así, este... que terrible. Terrible porque este es un país donde la miseria es muy violenta; en Argentina no estaba acostumbrada, y cualquier cosa me hacia llorar. Pero lloraba, lloraba, una depresión así durante 1 año, lloraba. Me tocaban el timbre para pedirme comida, yo lloraba; prendia la TV, lloraba. Un día llovía, no me acuerdo que año ni que mes, llovía, llovía; y yo miraba bastante televisión porque no sabia hablar portugués, y entonces, este veía muchos diarios y estaba en la calle lo más que podía, para poder escuchar hablar. Porque hum... mi profesión, si no no me entiendo lo que el otro habla, es... no es posible. Yo me sentia una 'fasica', ¿no?. Y llovía y yo estaba muy triste, estaba mas o menos como el día."

Outra dificuldade diz respeito ao domínio de novos códigos culturais. Rodrigo (chileno) assim se expressou:

"En el Brasil existe una cultura subterranea, paralela. Tienen determinadas reglas, esas reglas no funcionan. Son otras reglas que tú, tú con el tiempo las tienes que descubrir eso, el típico jeitinho brasileiro. Eso todavía lo encuentro extraño. Lo otro que yo note aquí cuando llegue, se miente de manera institucional. O sea, la mentira es usada en cualquier situación. Eso me costo entenderlo."

Também as dificuldades de acomodação, de infra-estrutura foram apontadas. Através do depoimento de Jacqueline (chilena, 25 anos, técnica universitária em plástico e artesã) é possível verificar estes problemas:

"Nosotros llegamos acá, y conocimos un señor chileno que venía en el bus que tenía gente conocida a su vez acá en São Paulo. Esta gente nos ubicó a nosotros, arrendamos un cuarto en la Libertad. El cuarto era pésimo, era una pieza desagradable, una casa que arrendaban el mejor cuarto con un tanque para lavar ropa, había que bañarse con un cano de agua."

¿Y PARA COMER, COMO LO HACIAN, COMIAN EN LA CALLE? (Pesquisadora)

"No. En el cuarto chiquitito, super chiquitito vivíamos 3 personas, Cecilia, yo y un chico más. Un hombre, vivíamos todos. Cozinabamos dentro de ese cuarto, era una cosa bien desagradable, como te digo. No necesitabamos haber parado en eso, porque teníamos dinero suficiente como para haber arrendado una cosa mejor, ¿no? Desconocimiento de todo, entonces nos llevo a eso y economicamente estabamos mal. Ahora, psicologicamente yo diría que estabamos muy bien preparadas para cualquier cosa que se nos viniera, ¿no? Porque conocimos gente interesantísima en aquella época, compartimos con muchos latinoamericanos. Con argentinos, que venían..."

¿EN ESA REGIÓN HABIA MUCHA GENTE LATINA? (Pesquisadora)

"Había, mucha, mucha, y todavía."

Resumindo. Os discursos giram fundamentalmente em torno das diversas dificuldades, representando 74,9% deles. Num mesmo depoimento foi expressada a relutância, as angústias, as muitas dificuldades, as buscas, as hesitações. Nesse sentido, o depoimento de Rioplatense é exemplar:

¿COMO SE DIO LA EXPERIENCIA DE VIVIR EN BRASIL? (Pesquisadora)

"Bueno, mira, al principio yo te digo, en esos 3 años de resistencia obviamente no estaba solo la resistencia mía sino también el medio, a mí me fue extremadamente difícil, a pesar de que había aprendido el idioma antes de venir, porque cuando decidí que iba a venir empecé a estudiar, hum, hum. Yo soy incapaz de aprender un idioma sin estudiarlo, así hablando soy incapaz, ¿no? Entonces, hee... no tenía ese problema del idioma, pero encontré una serie de costumbres así, que no conseguía entender. Ese asunto de vos invitar a una persona y que la persona te deje plantada..."



QUE NO APARECIA. (Pesquisadora)

"...que no aparesca, esta la pareja en casa que no quiere decir eso mismo, en fin una dificultad así para..., para hacer amigos, para sobretodo de comunicación con la gente."

QUE NO ES UN PROBLEMA DEL IDIOMA. (Pesquisadora)

"No, no, no era un problema de idioma, era dificultad de comunicación o realmente de, de lenguaje. Teníamos códigos diferentes, hablabamos..., yo hablaba el idioma de ellos pero, no, los conceptos que uno manejaba, los valores que yo tenía. De repente caí en una clase social un poco diferente, no sé. Yo venía de una Universidad, de un medio politizado, llegue aquí y me encuentre con la familia de mi marido, una gente muy buena, pero, bastante, bastante poco informada, que vivía nada más que mirando televisión, mirando novelas, mirando novelas y jugando a las cartas o llegaba los domingos y era la reunión familiar a cada cuál hacía cuentos verdes, mas verdes, ¿no? Entonces el medio no era el medio que yo, donde yo me sentía integrada, ¿no?."

HUM, HUM. (Pesquisadora)

"Entonces fueron unos años muy duros, para mí fueron los años así de total aislamiento, lloraba como una condenada."

¿ NO TRABAJABAS, NO ESTUDIABAS? (Pesquisadora)

"No hacía nada, porque claro, estaba además sin papeles, entonces estaba nada más que, realmente, estaba nada más que atrás de mi marido y pronto, ¿no? Era así claramente, mi función era... era... estar con el y nada más. Entonces, fueron años muy difíciles, muy duros realmente, de los que tengo un recuerdo así muy amargo inclusive."

HUM, HUM. (Pesquisadora)

"Recién después del 78 que las cosas mejoraron porque coincidentemente en las ferias, yo estaba en la feria con Eleonora de 6 meses, tres meses tendría Eleonora, acabamos de llegar con ella porque, tanto era mi resistencia inclusive que Eleonora nació en Argentina, cuando yo quede embarazada enseguida, ahí sí, yo estube trabajando. Trabaje en el HOLLIDEY IN para una joyería que tenía un stand, allá en el HOLLIDEY IN y mmm.. para juntar plata porque pagaban en dolares, para juntar plata para poder irme a Argentina para que Eleonora naciera allá, porque además yo tenía informaciones sobre como era la atención medica aquí y, en fin, yo quería realmente que Eleonora naciera en Argentina y mmm... Eleonora volvió de Argentina conmigo, con tres

o 4 meses, y ahí en la feria e..., e..., e..., me encontré con una otra chica que estaba con un nene de más o menos 2 años hablando español. Y ahí, bueno, me di cuenta enseguida por el acento que..., que eran argentinos, y ahí comenzamos a entablar un diálogo, ¿no? Y realmente así, esta chica, Ana, es una amistad que la conservo hasta ahora y más o menos que cambio el rumbo de mi vida, ¿no? Porque a través de ella conocí un montón de gente que estaba ahí en la Unicamp, ella había venido por el marido contratado en la Unicamp, y tenía todo un montón de gente, conocí un montón de argentinos que estaban también vinculados a la Unicamp. Entonces, de repente, bueno, pase a encontrar un ambiente donde yo estaba, donde yo hacía parte de ese ambiente. Inmediatamente me integre a ese ambiente, hice amigos fantásticos que conservo hasta ahora, ¿no? De esos de 10 años."

HUM, HUM. (Pesquisadora)

"Y bueno, hemos, hemos hecho un trayecto juntos todos este grupo de amigos, ¿no? Entonces eso cambió por lo menos mi vida social, ¿no? Pase a tener un grupo de referencia que no había tenido en los primeros años, y ahí, bueno, pare de llorar, ¿viste? (RISOS) Ahí fue un poco más fácil la convivencia a pesar de todos los... (SILENCIO) fue una convivencia dentro de un círculo cerrado, yo debo de ser, de todo el grupo, la que menos consiguió hacer amistad con brasileros. Todos en el grupo tienen amigos brasileros, yo soy la que menos tiene amistades, ¿no? Pero, en fin, eso fue, digamos... Son dos etapas entonces: fue una etapa muy amarga y otra etapa mejor digamos me quedan momentos muy lindos, muy divertidos, todo en función de ese círculo de amigos, ¿no?"

Y USTEDES SE REUNEN, HACEN ALMUERZOS COMUNES, ¿COSAS ASÍ? (Pesquisadora)

"Lo hicimos durante mucho tiempo; ahora este último tiempo realmente, el último año, digamos, decayo mucho la cuestión. Por un lado por la crisis económica, ¿viste?, que uno no tiene condiciones de estar invitando a toda hora, a pesar de siempre cuando nos reunimos cada uno lleva alguna cosa, justamente para evitar no reunirse por la crisis económica. Pero el tiempo, cada día estamos todos más enganchados en el trabajo, con menos cantidad de tiempo. Llega domingo y cada uno quiere estar en su casa porque no estuvo en toda la semana. Eso es horrible, además, ¿no? Porque había perdiendo una serie de cosas muy lindas por trabajar demasiado. Y eso nos está pasando a todos realmente. Ahora mm..., siempre cuando los cumpleaños un poco medio como que es lugar común, en los cumpleaños se reúnen. Ya sabes que contás, si te pasa algo. Ya contás con cualquiera a cualquier hora, ¿no? Hay gente

con la que ni me veo pero yo sé que si un día preciso, ¿viste?, la puedes llamar a las 10 de la mañana; yo que sé, hace 6 meses que no lo veo, pero me llama a las 6 de la mañana, mira tuve un accidente y uno sale corriendo, ¿no?, pucha, que ha pasado. Entonces, ¿no?, digamos que se ha establecido como una relación casi que familiar, por el hecho de que estamos todos solos, ¿no? Inclusive hubo una etapa muy divertida donde los chicos eran más chicos y los chicos de todos nosotros eran más chicos y los abuelos viajaban con más frecuencia que se socializaban los abuelos, ¿viste? Cada vez que venía un abuelo era el abuelo de todos, luego el abuelo de Juliano, y todos los chicos encima de ese abuelo Juliano (RISOS)... que estaba socializado, ¿no? (RISOS). Entonces, este hum, hum... eso digamos en el aspecto de vida social fue una etapa linda, ¿no? E..., e..., eee..., después también dentro del grupo hubo algunos desentendimientos, creo un clima medio, en fin, cada uno aporta sus neurosis, ¿no? Entonces, hubo un clima medio así, se rompió aquel mundo encantado de la gran familia y, bueno, realmente vos llegas a la conclusión de que no hay un grupo por nacionalidad, ¿no? O sea, hay una cosa circunstancial de que la nacionalidad es un elemento que te une y después, a medida que te vas conociendo van surgiendo las grietas, como surgirían en tu país, ¿no? Vos no sos amigo de todos los chilenos que hay en Chile obviamente..."

CLARO! (Pesquisadora)

"... no hay ninguna necesidad de que tu seas amigo de todos los argentinos o de todos los uruguayos que hay aquí, ¿no? Porque también la gente que vino es un mostreo de la gente que hay allá, y hay gente que te gusta y hay gente que no te gusta, ¿no? Entonces medio que ahora esta medio que en ese pie, hubo una discriminación clara de quien es quien y de que con quien te das bien y con quien no quieres."

¿UNA SELECCIÓN? (Pesquisadora)

"Exactamente, ya pasamos a la etapa selectiva y entonces el grupo es chico; yo soy una persona de pocos amigos realmente hee...; cuando tengo un amigo, yo que se (SILENCIO)... doy la vida, ¿viste? No sé si tanto, ¿no?, pero hago todo lo que puedo por él, ahora soy de pocos amigos, ¿no? Para mí la amistad es pocos amigos, pero profunda, es intensa y huumm en el otro aspecto, eso sería en el aspecto social, ¿no? En el aspecto profesional llego un momento cuando Eleonora ya tenía 2 años, nació David, yo es-

taba muy deprimida, sintiendo que mi vida era un satélite de la vida de mi marido, ¿no?"

¿Y TU MARIDO PARTICIPABA DE TUS AMISTADES DESPUÉS CUANDO...  
(Pesquisadora)

"Há, por supuesto."

¿SE INTEGRO TAMBIÉN?

"Há, por supuesto, él tampoco, apesar de la familia, se hayaba en ese ambiente de la familia, él inclusive."

Assim como o depoimento de Rioplatense existem vários outros em que, de forma bastante minuciosa, são apontados os vários momentos desta vivência: a relação com os novos códigos culturais, as relações de amizade criadas no novo contexto e a incorporação ao novo contexto sócio-cultural.

Na segunda fase, verificamos a existência de um maior entrosamento e uma ressocialização no novo contexto social. Porém, os questionamentos são constantes e ainda persistem alguns entraves. Na verdade, a adaptação ou integração jamais é plena, mesmo naqueles que se disseram estar totalmente integrados ou adaptados. Curiosamente, aqueles que estão há vários anos com sua permanência no Brasil, e alguns deles sendo até professores universitários, não têm um bom domínio do português, seja na escrita ou na fala. Embora muitos acreditem falar o português muito bem, o que notamos, claramente, ao ouvir e transcrever as fitas é que o que se fala é uma mistura de idiomas: o português e o espanhol, concomitantemente. Ou seja, aquilo que é chamado de "portunhol".

Algo que também nos surpreendeu ao analisar os depoimentos foi que apenas 4 estrangeiros latino-americanos, o que representa 12,5% do nosso universo, narraram sua vivência de estrangeiros no Brasil em termos das diferentes etapas ou momentos vividos. A maioria frisou notadamente as diversas dificuldades que vivenciaram em ambas as fases.

Podemos visualizar isto nas sucintas palavras de Florencia (argentina, 31 anos, comerciante e estudante):

"Para mi, Brasil son dos épocas: la primera é... es que la pase como el culo. Y ahora, que la estoy curtiendo, ta mejor, ¿no? Ahora me siento mejor. Me estoy realizando en todo sentido. La siento muy diferente a la primera vez."

Através da seguinte esquematização podemos conhecer as maiores dificuldades, por ordem crescente, vivenciadas por estes estrangeiros latino-americanos:

AS MAIORES DIFICULDADES NA CHEGADA AO BRASIL	MESMO TENDO VÁRIOS ANOS DE PERMANÊNCIA NO BRASIL, SÃO APONTADAS AS SEGUINTE DIFICULDADES
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Idioma</li> <li>2. Relações sociais</li> <li>3. Situação jurídica</li> <li>4. Falta de emprego</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Relações sociais, falta de amigos</li> <li>2. Idioma               <ul style="list-style-type: none"> <li>→ perda do idioma de origem</li> <li>→ dificuldade com o novo idioma: o português</li> </ul> </li> <li>3. A desconfiança especificamente no sistema de saúde, tanto público como privado.</li> </ol>

Se compararmos os nossos dados com os dados apresentados no livro de Eder Sader (1988:94), sobre como os migrantes (brasileiros) identificam os problemas que enfrentam ao chegar à cidade, podemos visualizar o seguinte através de duas pesquisas:

I

II

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Falta de moradia</li> <li>2. Falta de emprego</li> <li>3. Choque cultural</li> <li>4. Falta de profissão</li> </ol> <p>(Fonte: Pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Migratórios. 1983)</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Moradia</li> <li>2. Obtenção da documentação legal</li> <li>3. Emprego</li> <li>4. Alimentação</li> </ol> <p>(Fonte: M. Berlinck. Marginalidade social e relações de classe em SP. Vozes, 1975)</p>
---	---

Existem algumas constantes nestes dois estudos citados por E. Sader (1988) sobre os problemas enfrentados pelos migrantes ao chegar ao contexto urbano: o problema da moradia e o problema do emprego.

Ao analisar as dificuldades dos estrangeiros latino-americanos também encontramos certas constantes nos dois momentos (na chegada ao Brasil e tendo vários anos de permanência no Brasil): o idioma e as relações sociais.

É importante examinar estas dificuldades a partir de alguns dados. Em relação ao idioma podemos estabelecer a seguinte classificação utilizando o critério de que idioma se fala com maior frequência cotidianamente: temos que a maioria fala ambos idiomas (o português no local de trabalho e de estudo, e o espanhol no lar) concomitantemente, que são 17 casos (53,13%); seguidos daqueles que falam mais o espanhol, 11 casos (34,38%); e, finalmente, aqueles que falam mais o português, 4 casos (12,5%).

Mas é necessário fazer uma ressalva, pois apenas uma estrangeira latino-americana tinha estudado o idioma antes de vir ao Brasil; ou seja, 96,88% do nosso universo aprendeu o idioma depois de chegar ao Brasil. É ilustrativo o que nos diz Elaine (chilena, 47 anos, esteticista):

"La adaptación fue difícil, no sabía hablar absolutamente nada. Las clientes a mi no me entendían. Yo, hasta hoy, soy muy poco comunicativa."

Ou no caso de Liliana (chilena, 34 anos):

"Fue difícil la primera época, 4 meses de silencio, una época de total silencio. Fue muy duro, muy difícil."

No entanto, existe uma outra dimensão desta dificuldade com o idioma e que se refere ao âmbito fonético, sintático e semântico. O estrangeiro se depara com novos significados para palavras conhecidas; porém, no novo contexto estas palavras têm significado diverso daquele habitualmente conhecido, ao mesmo tempo em que precisa dar conta das especificidades de um novo

idioma. Apontando neste sentido, o depoimento de Lita é esclarecedor, pois relata sua história sentimental ao namorar com um brasileiro e o significado do "jeitinho" nesse novo código a aprender.

Lita

"Bueno, entonces cuando uno entiende el jeitinho e sabe en que dirección va, en que dirección argumentativa, como son dichas. Al principio, crees que entiendes, pero los significados a nivel más profundo no. Y yo creo que con Fernando, queriéndonos mucho y todo, hubo muchas cosas en las que nos desentendimos, no. Las hablamos ahora, e..., e..., varios años después, 5 años después. Inclusive estuvimos medios separados porque él había entendido unas cosas y yo había entendido otras. Y claro, por ejemplo: cuando él me decía y los cuadros, donde vamos poner los cuadros? Él decía: 'para mí, sempre tanto faz', y você sempre fazia questão. Lo que pasa es que cuando él me decía 'para mí, tanto faz', yo entendía tanto faz, y yo decía ponelo allá, aquí (RISOS), y del otro lado."

(PESQUISADORA) Y NÃO ERA TANTO FAZ, NÃO?

"Y no era tanto faz. Tanto faz era não, mas bem, onde quer mesmo. Y yo no insistía, porque como me había dicho 'tanto faz'. Bueno, lo ponemos esta acá y el otro allá. Y sentía que yo le imponía. Pero yo, como él no me decía. Porque en Argentina, sería no. Yo lo quiero acá o yo quiero allá. Ahora yo ya sé que 'tanto faz', dicho una vez, no es tan tanto faz de entrada. No, mas olha, donde quer mesmo? Entonces toda esa franela (RISOS). Esa cosa. O por ejemplo por teléfono. Antes, cuando yo vivía con él, no podía creer como yo perdía dos o 3 minutos con una conversación telefónica. 'Oi, tudo bem (O no vai, faz calor, faz frio)', hasta llegar al tiempo. Eso en Argentina nunca, vas directo al grano. 'Hola!'. Esas son cosas que son diferentes, viste? Y que bueno."

Em relação aos problemas de fazer amizade, nos referiremos a eles mais tarde. Houve um outro tipo de dificuldade que realmente nos chamou atenção e se relaciona à realização de diversos trabalhos para garantir a sobrevivência, mesmo sendo trabalhos que não tinham nenhuma ligação com a formação profissional, sendo que muitos destes estrangeiros latino-americanos eram universitários. E nos chamou a atenção porque, ao compararmos com a

experiência narrada no artigo de Angela Neves (s/d) sobre um grupo de exilados brasileiros na França, notamos que existia uma enorme diferença entre os gêneros ao executar trabalhos que possibilitassem a sobrevivência básica. No caso das mulheres, muito qualificadas profissionalmente ou com uma vasta experiência profissional, universitárias, fazendo parte da fração das altas classes médias no Brasil, elas não hesitavam e aceitavam o primeiro emprego que lhes era oferecido, mesmo não tendo nenhuma relação com seu nível profissional. Não ocorreu, todavia, o mesmo com os homens, pois estes eram muito seletivos; "não aceitando senão o que lhes parecia estar de acordo com sua especialidade. Alguns, casados e com filhos a sustentar, preferiram submeter-se a um padrão de vida mais modesto ou sobreviver com a pequena bolsa de estudos outorgada por algumas organizações francesas de ajuda aos refugiados (...). Conheci casos de homens que preferiram um desemprego temporário". (s/d:27). Neste relato fica patente a diferença de comportamento num mesmo contexto de dificuldades e adaptações. O que realmente é curioso é que no caso destes estrangeiros latino-americanos, também a maioria universitária, houve uma atitude diferente. Tanto os homens como as mulheres exilados, refugiados ou mesmo aqueles que saíram por vários motivos não hesitavam em realizar qualquer tipo de trabalho para garantir sua sobrevivência, seja no Brasil ou nos outros países onde viveram. E os trabalhos realizados foram os mais diversos; Paco conta, por exemplo, que na Argentina trabalhou como carregador de ossos e de sebo para uma fábrica de sabonete, começava a trabalhar a partir das 4 horas da madrugada, foi também chofer de táxi, entregador, garçon, vendedor de livros, artesão de couro etc.; ou Maria Tereza, na Venezuela, que trabalhou como secretária (sem saber escrever à máquina), professora de pré-escola, vendedora de livros (ela nos disse: "...nunca leí tan poco"); ou Monica, que ajudava a servir comida numa igreja; ou Mario, que foi vendedor de ferramentas, de túmulos, e depois comerciante de empanadas; ou Anã, que trabalhou numa fábrica e num hospital (no Banco de Sangue).

Enfim, foram muitos os trabalhos executados para garantir a sobrevivência. Mas é necessário frisar que é muito diferente a experiência de trabalho e as condições de vida seja daqueles que chegaram com contrato de trabalhos (a maioria para as universidades, como professores universitários) seja daqueles que são estudantes bolsistas. Particularmente no que diz respeito a certa "garantia de estabilidade" e um salário também assegurado e à realização de atividades que se



relacionavam com sua formação acadêmica.

Em relação à vivência de trabalhar no Brasil também existem algumas singularidades. Do total de universitários (com formação completa ou incompleta) que são 77,41% de nosso universo, temos que 7 casos trabalham em atividades que não se relacionam com sua formação acadêmica. Jacqueline, por exemplo, formada em Técnica Universitária em Plástico, atualmente trabalha como artesã na Praça da República, em São Paulo; ou o antropólogo e psicólogo, com doutorado, que ganha a vida como músico; ou a professora que atualmente é dona-de-casa; ou a assistente social que hoje ganha a vida como comerciante.

Por outro lado, a maioria de nosso universo trabalha, representando 74,99% (incluindo a categoria "trabalha e estuda"), como nos mostra a tabela a seguir:

## ATIVIDADE QUE ATUALMENTE REALIZA NO BRASIL

ATIVIDADES	CHILENOS		TOTALS	ARGENTINOS		TOTALS	URUGUAIOS		TOTALS	TOTALS		%	
	HOMENS	MULHERES		HOMENS	MULHERES		HOMENS	MULHERES		HOMENS	MULHERES		
TRABALHA	4	2	6	2	1	3	3	3	6	9	6	15	46,875
ESTUDA	1	1	2	1	1	2	1	2	3	3	4	7	21,875
TRABALHA E ESTUDA	1	3	4	1	3	4	1	-	1	3	6	9	28,125
OUTRAS (DONA-DE-CASA)	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	3,125
TOTALS			13			9			10			32	100%

Mas, tendo realizado qualquer tipo de trabalho para garantir a sobrevivência numa primeira fase, a da chegada ao Brasil, nesta situação o estrangeiro que não vem com contrato de trabalho definido ou que realizará estudos em alguma instituição universitária está particularmente sujeito a vivenciar situações de muitos abusos, já que, sem documentos, sem falar a língua e sem experiência profissional no novo país, é uma presa fácil para aproveitadores e exploradores, mesmo nas mãos dos próprios compatriotas.\* É muito esclarecedor e eloquente o depoimento de Miguel (chileno, 32, anos) a respeito destas dificuldades:

"El problema mayor siempre se da en cuanto a trabajo, conseguir empleo, y dentro de eso está la parte documentos que, es muy difícil comenzar a trabajar sin documentos. Lógico, no encuentras un trabajo registrado ni bien remunerado, lo único que vas a encontrar bicos e cosas así. Entonces tienes que comenzar a desenvolver capacidades de..., de... 'biquero' o lo que se te ponga por la frente, o sea, en el caso mío, llegue, yo trabajaba allá 8 años en ese escritorio, ¿no?, empeze aquí a ser servente, pedreiro, mecánico, desmanchador de carro, después ya entre al cinema. También empeze a trabajar en marcenaría, carpintería y así fui desenvolviendo dentro de eso cuando uno este en ese sofoco por intentar conseguir dinero y ganar plata para traer mi mujer y todo eso, uno trata de hacer el máximo posible, si tuviera el día 30 horas tú trabajas 30 horas directo, no te preocupas ya de tí ni de ninguna cuestión.

Y lo penca que existen personas que aprovechan de esa situación, de chilenos, en el caso mío. Gente que ya paso por eso y saben de el sofoco en que uno se encuentra, y van y te dicen: 'Oye, anda pa'lla y yo te puedo dar empleo.' Pero te pagan una micharia y te sugan entero. Y no así con el brasilero, mismo que yo te voy a decir que de las personas que me ayudaron de forma desinteresada fueron brasileros. Y del personal mío, mis coterraneos, solo malas experiencias. Uno o dos que se salvaron, pero el resto que entran só pá sugar. (...) É una cuestión chata, é chato, ¿né?, pero hay que decirlo, porque uno se supone que si llega a otro país las personas que mas te pueden ayudar son los mismos coterraneos, ¿né?, que

---

\*. Existe um livro, Cabeça de Turco, escrito pelo alemão Günter Wallraff, muito penetrante, que conta a exploração e as condições de absoluta miserabilidade a que são submetidos os trabalhadores turcos na ex-Alemanha Ocidental.

ya están más por dentro, que están a más tiempo; no acontece eso. Es chatíssimo. Yo también, hay otra parte, que otra, que a veces... En la situación que yo estaba antes, yo de tener documentos más ya estaba más o menos acaba la situación, un poco más firme económicamente. Yo había traído mi señora. De repente, aparecieron chilenos que vienen de allá y te dicen: 'ayúdame'; y tú a veces lo ayudas. Eso a mí me aconteceu 2 veces. Ayude a personas, las lleve a la casa incluso, e chilenos en tránsito. A uno me acuerdo, les empreste ropas, llegaron muy mal. Una vez andaban de noche, como a los onze, en la calle procurando endereço. Entonces, ahí, casualmente me encontraron. Yo también soy chileno, a vamos pa'lla casa; ahí los lleve, aparecieron después de 2 días. Después un día llegaron allá y me pidieron ropa. Porque la ropa que andaban ya parecían peor que vagabundos, todos cochinos. Ahí, les dije tomen baño, comieron, ¿que sé yo?, se quedaron un par de días, después les pase ropa, les dije: 'Yo también soy pobre. La ropa que tengo es eso ahí. Esta, no, porque es la mejorcita que tengo, la dominguera, pero el resto pueden pegar, camisas, pantalones, alguna cosa, se cambian y después...'

¿SE LLEVARON LA DOMINGUERA? (Pesquisadora)

"No, no, se pegaron una ropa, les dije: 'laven la otra ropa de ustedes, enquanto se seca, usan la mía. Después que se seque bien se cambian y pronto'. Ya, tudo bem, más de ahí se fueron, no volvieron más. Se llevaron la ropa, dejaron las asquerosidades ahí. Entonces, da rabia eso, te pagan de una manera tão ruim; y uno lo hace con lo mejor de los sentidos, de los sentimientos. Otras personas que de repente te dicen: 'Oye, ayúdame, yo estoy buscando trabajo'. ¿Que sé yo? Y yo me lo lleve para la casa. Pero resulta que después pasan 2 días, y se supone que si están buscando trabajo, tienen que salir temprano, o sea, agitar mesmo; pero a las 10 de la mañana no consigis sacarlos de la cama po' (RISOS). De 10 a 11 todavía ahí, en el mayor sosiego, descanso. Oye, pero, de repente te tenís que poner cara de palo e decir: 'Oye, po', huevon, así no dá'. Entonces, ahí: 'no, po', huevon, que tu sos maricon', ¿que sé yo?, 'que no das una fuerza y tal'. Entonces hay personas que se merecen una ayuda y hay personas que no. Como dicen por ahí: 'de todo hay en la villa del Señor', ¿né? Entonces, así como me tocaron algunos camaradas ruines, también que fueron los más, hay otros que me dieron una fuerzinha... ahí. Entonces de los dos lados hay. Yo no sé, si el comportamiento de las personas que dicen que te van ayudar y después no te ayudan, ¿será el... como una manera de protegerse de aquellas personas que llegan solicitando una ayuda y después salen con otra? No sé, más esa."

¿Y AHORA, COMO TU REACCIONAS FRENTE A ESO... (Pesquisadora)

"Ahora..."

¿TU ERES MÁS SELECTIVO? (Pesquisadora)

"No, es que yo soy así, bien mano abierta, ¿entiendes? Si viene una persona y me dice que está con problemas, yo lo trato de ayudarla el máximo, darle la mayor fuerza, e..., e..., ahora que yo estoy solo puedo desenvolver más eso. Pero mi ex-señora, es así (FAZ O GESTO DE PUNHO FECHADO), mano dura. Incluso cuando yo lleve esas dos personas y otra persona pa'la casa, siempre me decía por trás así, cuando ya estábamos en el dormitorio de nosotros, me decía: 'pa' ¿que lo tragiste?' "

¿ENTONCES, SIEMPRE SIN LA APROVACION DE ELLA? (Pesquisadora)

"Lo de nosotros es de nosotros y de nadie más, y se acaba'. Entonces ahí venían conflictos: 'que no, porque si nosotros podemos, no es que estemos felgados, que nos sobre tudo; no sobra nada. De lo poco que hay se comparte'. Y se trata de dar fuerza a eso ahí. Si piensas que mañana si tenís plata me la devolvís. No, si se entrega, se entrega. A veces no es bien acompanhado ese tipo de ayuda."

É alentador que mesmo com tantas dificuldades e contratempas existe sempre algum tipo de solidariedade.

Outra dimensão foi colocada por aqueles estrangeiros estudantes e bolsistas. Para a maioria a adaptação ao contexto universitário brasileiro foi muito difícil, no que se refere às disciplinas cursadas, aos currículos dos cursos, à burocracia, às relações professor x aluno e aluno x aluno. Através do depoimento de Luizito (uruguaio, 37 anos) podemos conhecer esta outra dimensão.

"Nadie me decía las materias que tenía que tomar, tenía que hablar con la secretaria. Al punto tal que después me di cuenta que me inscribí en materias que no servían ni desde el punto de vista curricular, ni en relación a lo que me interesaba.

No había el mínimo de respeto en relación a

las cosas que estas haciendo.

Dí el examen de qualificação en Septiembre del año pasado. Todavía no me lo corrigieron, este... Estoy revalidando una materia y no sé donde andan los papeles. Ahora, no me pagan la beca y no tengo adonde reclamar. Nadie se hace cargo, a nadie le importa nada. Cosas que trato que no me afecten. Cosas de horror. Una cosa de terror, que yo creo que ni los gringos\* hacen eso. No hay un tipo de consideración. ¡Ah!, pero entre ellos son igual. No es un problema de extranjeros. Me di cuenta que... los tipos no se calientan."

Realizando una análise comparativa entre os dados referentes aos migrantes rurais brasileiros e os estrangeiros latino-americanos do Cone Sul, podemos claramente ressaltar algumas recorrências no que diz respeito ao perfil de quem se desloca de um lugar a outro. A figura do aventureiro não se encaixaria. Existe um perfil mais definido, existiria quase sempre algum tipo de contato: familiar, de amizade, institucional ou de outra natureza no novo local.

No caso dos exilados políticos, houve algum tipo de contato institucional; por exemplo, traziam cartas ou existiu alguma margem de escolha. Vários escolhiam, entre vários países, um país onde tivessem amigos, conhecidos, familiares, ou que houvesse proximidade geográfica com seu país de origem. Por este critério, vários deles excluíram os países nórdicos. Outro aspecto caracterizador deste processo é o fato de a migração ser realizada de forma individual, isolada, e a faixa etária centraliza-se nos jovens adultos.

Por outro lado, em relação a informações do novo país existe uma outra particularidade. É freqüente ter algum tipo de informação, porém é de natureza fundamentalmente propagandística: Brasil como local de muito sol, calor, mulatas lindas, alegre, futebol, de muito verde etc. Também a localização geográfica era conhecida. Outro tipo de informação se relaciona com o sucesso do "milagre econômico" e a existência de muitas indústrias e do golpe militar de 64. Não tinham conhecimento da História do Brasil, ape-

---

\* Gringos. No contexto dos países latino-americanos de língua hispânica são os norte-americanos.

nas 2 indivíduos possuíam algum tipo de conhecimento neste sentido. Há, ao mesmo tempo, informações preconceituosas do tipo: "País com péssimo sistema educativo".

Podemos tranquilamente afirmar que a figura do aventureiro, aquele que é ousado, audacioso, que não mede conseqüências, aquele que pratica seu desejo de constantes mudanças, é um grande mito, já que, como verificamos, a maioria dos que migram sempre tem algum tipo de contato ou informação.

Porém, é evidente que nesta experiência de ser estrangeiro no Brasil nem tudo são apenas dificuldades, problemas e contratempos. Existem algumas dimensões que foram ressaltadas e tidas como algo altamente positivo. Vários deles mencionaram a mudança no vestir-se, incorporaram roupas mais coloridas, um novo gosto das cores (saindo dos pretos, cinzas, azuis e marrons), e menos formais ou saindo do tradicional terno e gravata ou dos conjuntos de duas peças, no caso das mulheres. Por exemplo, Rolando (chileno, 33 anos, professor universitário) se expressa da seguinte forma:

"Es que me acostumbro a la forma informal de vestirse. Eso es una de las cosas que realmente me gusto de Brasil. No la informalidad en las maneras. Eso todavía no me acostumbro (RISOS). Lo que si me gusto fue la informalidad en el vestirse. Lo encuentre muy cómodo; y, además, el clima se da para eso."

Também foi ressaltado o fato de o Brasil ser um país que aceita as crianças, não existiria, segundo eles, discriminação nem rejeição, diferentemente de outros países que foram apontados como locais que não gostavam de crianças, especificadamente EUA e França.

Não houve menção a dificuldades enfrentadas na escola, seja nos currículos <sup>seja</sup> com os professores, pelas crianças destes estrangeiros. Isto é algo singular, já que existem, até alguns estudos, como o artigo de Achim Schrader (1976), que apontam para as várias dificuldades vividas por filhos de operários estrangeiros na República Federal da Alemanha; mormente no âmbito da escola, porque existiriam duas políticas educacionais, cujo resultado é danoso para as crianças estrangeiras: "Por um lado está se tentando, usando o conceito nebuloso de 'integração', incorporar a criança na

sociedade alemã; ao mesmo tempo, não obstante, está se pretendendo, usando o conceito de 'reintegração', preparar a criança para a volta definitiva a seu país de origem." (Op. cit. 1976:132).

Este autor aponta que há certos tipos de ensino que iriam ao encontro desta dupla estratégia. Por um lado, as classes preparatórias que são freqüentadas por crianças da mesma etnia, durante dois anos, no máximo, tendo professores alemães e estrangeiros; e o segundo tipo de ensino é o Ensino Nacional, em que as matérias dizem respeito ao país de origem, e a língua utilizada também é a do país de origem. Segundo o autor, em ambos os tipos de ensino faltaria o controle para diminuir a presença de professores do país de origem e ser substituídos por professores alemães para facilitar a incorporação ao novo idioma e à nova sociedade. E também não existe nenhum controle do conteúdo das matérias lecionadas no Ensino Nacional, sem nenhuma orientação educacional.

Parece-nos que ao apresentarmos este outro parâmetro fica mais esclarecedora a afirmação anteriormente mencionada sobre a adaptação daquelas crianças dos estrangeiros latino-americanos no Brasil.

#### SUAS CONDIÇÕES DE VIDA

Até que ponto estes estrangeiros latino-americanos compartilhariam um estilo de vida?

Para P. Bourdieu (1983:83) o estilo de vida é: "um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou léxis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados".

Embora tenhamos afirmado que eles pertencem à chamada classe média, é fundamental lembrar através de alguns autores, como Maria Luíza Heilborn (1984) e Gilberto Velho (1983), a diversidade existente nos segmentos chamados de camadas médias; sua condição plural e da "dificuldade de substancializar os diversos setores numa categoria mais abrangente". (In: HEILBORN, Maria Luíza. 1984).



E também fazer a necessária distinção que P. Bourdieu (1974) tão oportunamente nos ensina entre posição de classe, condição de classe e trajetória social. Neste universo pesquisado, esta distinção é fundamental, já que como nos alerta P. Bourdieu (1974:14): "Uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, isto é, pelas razões que mantêm objetivamente com as outras classes sociais. Inúmeras propriedades de uma classe social provêm do fato de que seus membros se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com os indivíduos das outras classes, e com isso exprimem diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendendo a transmutá-las em distinções significantes. É a independência relativa do sistema de atos e procedimentos expressivos, ou, por assim dizer, das marcas de distinção às quais os sujeitos sociais exprimem, e ao mesmo tempo constituem para si mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social (e a relação que eles mantêm com esta posição) operando sobre os 'valores' (no sentido dos lingüistas) necessariamente vinculados à posição de classe, uma duplicação expressiva que autoriza a autonomização metodológica de uma ordem propriamente cultural".

Podemos afirmar que o nosso universo estudado não possui propriamente um estilo de vida, segundo a visão de Bourdieu; mas possui algumas características, como, por exemplo: realizam viagens com certa freqüência (seja ao país de origem, a outros países ou mesmo no Brasil); têm o hábito da leitura de jornais, de revistas informativas e livros; ouvem músicas (de diversas tendências); assistem freqüentemente filmes, ou no cinema ou no vídeo; pouquíssimos praticam esportes; falam o portunhol (existem freqüentes problemas de natureza fonética e semântica).

É possível verificar que a maior parte desses estrangeiros latino-americanos tiveram uma trajetória de ascensão social através da educação (77,4% deles são universitários). É interessante relembrar a afirmação de Bourdieu (1974:9) em relação a uma das características das classes médias: "a crença no valor da educação como instrumento de ascensão social". Se compararmos com as profissões de seus pais, percebemos que apenas 8 têm formação universitária, o que representa 5,12% num universo de 32 mães e 32 pais. Através da seguinte tabela, podemos acompanhar que entre as mães a profissão mais freqüente é a de dona-de-casa (40,63%), professora (15,63%), comerciante (9,38%). Entre os pais, as profis-

sões mais reiterativas são: funcionário público (25%), comerciante (21,88%), e outra categoria, a de aposentados (9,38%).

PROFISSÃO DOS PAIS e APOSENTADOS

<u>MÃE</u>		<u>PAI</u>	
Aposentada	1	Artista	1
Costureira	1	Aposentado	3
Comerciante	3	Comerciante	7
Cozinheira	1	Contador	2
Dona-de-casa	13	Eletricista	1
Dona-de-casa e costureira	1	Engenheiro e economista	1
Dona-de-casa e comerciante	2	Funcionário público	8
Funcionária pública	2	Militar	1
Secretária	1	Médico	1
Psicóloga	1	Psicólogo	1
Professora	5	Professor	2
Propagandista médica	1	Técnico mecânico	1
		Técnico universitário	1
		Trabalhador autônomo	1
		Vendedor	1
<b>T O T A I S</b>	<b>32</b>		<b>32</b>

O acesso aos bens de consumo, sejam estes materiais ou culturais, é bastante diferenciado nesse universo. Porém compartilham algumas singularidades em relação à habitação, pois a maioria (84,36%) aluga o imóvel onde reside; 5 deles possuem casa própria e 1 deles estava construindo sua casa. A maioria mora em casa, são 18 casos; 13 em apartamentos (de 1 e 2 quartos); e 1 deles mora numa "comunidade agrícola alternativa".

Em relação a automóvel, 9 deles possuem 1 carro e outros 8 possuem 2 automóveis, o que representa 53,13% do nosso universo.

No que se refere a outros bens, do tipo eletrodomésticos, mobília e outros objetos, os dados são apenas parciais, já que a pesquisadora esteve apenas em 16 moradias (50%) de seus pesquisandos.

Um outro dado relevante para conhecer melhor este universo é a renda. Através da seguinte tabela podemos verificar que existem diferenças importantes, especialmente no que diz respeito ao acesso a bens de consumo. A maioria dos estudantes bolsistas de pós-graduação se centralizam na faixa de 85-180 e 181-235 dólares, o que representa 52% do total do universo estudado. As rendas maiores, que oscilam entre 236 e 1500 dólares, representam 48% do universo.

## R E N D A

RENDA DÓLAR	MULHERES	HOMENS	TOTAL	%
85-180	6	3	9	36
181-235	-	4	4	16
235-385	1	-	1	4
386-745	4	5	9	36
745-1500	1	1	2	8
TOTAIS	12	13	25	100%

Observação: 1) 5 mulheres e 2 homens não declaram sua renda e 1 caso consideramos a renda de seu país de origem.

2) Utilizamos a cotação do dólar paralelo do dia 25/08/89 para calcular a renda em dólares.

Dólar paralelo	Cz\$	4,70
Dólar oficial	Cz\$	2,70
Salário mínimo	Cz\$	193,00
Salário mínimo Dieese	Cz\$	1.000,00
Bolsa mestrado	US\$	180,00
Bolsa doutorado	US\$	225,00

Assim, foi possível observarmos importantes diferenças, especialmente entre aqueles que são a) estudantes de pós-graduação bolsistas (que estão situados na faixa de renda de 85-180 dólares e 181-235 dólares), b) que têm contrato de trabalho garantido e exercem uma profissão de acordo com sua formação universitária, c) que realizam atividades ou profissões que não se

relacionam com sua formação universitária e d) que realizam diversas atividades para sobreviver.

No caso dos estudantes de pós-graduação bolsistas (a) a aparência nas suas moradias indica uma possível mudança, estão de passagem; a mobília se restringe ao mínimo necessário, e são móveis de 2ª mão, muitas vezes não há combinações de cores ou estilos; por exemplo, muitas vezes vimos uma mesa de fórmica e as cadeiras de diversos formatos e diversos tipos de madeira; o fogão e a geladeira também são de 2ª mão. É rara a existência de máquina de lavar roupas (e nos casos que tinham era de 2ª mão), jogos de talheres, pratos e panelas; enfim, os utensílios de cozinha também não são combinados. Geralmente estes objetos são herdados ou comprados de outros estudantes que voltavam a seus países de origem. Alguns possuem um liquidificador (velho). É raro existir sofá na sala, comumente existem cadeiras (que não combinam), há almofadas ou colchões cobertos com alguma colcha; ou sofá-cama.

Às vezes existe um aparelho de som ou uma TV (antiga e em branco e preto). A maioria usa apenas colchão no quarto de dormir.

Prateleiras de livros são quase inexistentes, embora sempre sejam locais onde há muitos livros, xerox e papéis. Outro elemento curioso é a falta de um espaço específico para a leitura, como, por exemplo, uma biblioteca. O estudo é realizado ou na cozinha ou no quarto de dormir ou na sala. Também não existem quadros ou adornos, apenas algum painel de fotos.

Entre aqueles que estão na faixa dos 181 a 1.500 dólares, que representam 64% do universo, existe um mercado acesso aos bens de consumo. Possuem vários eletrodomésticos, como batedeira, centrífuga, liquidificador, máquina de lavar roupa, máquina de lavar louça, TV, aparelho de som e vídeo, rádio-relógio, aspirador etc. Geralmente os eletrodomésticos são de marcas conhecidas e famosas.

Em relação a sala e a cozinha podemos afirmar que sempre existe uma combinação de cores e mobília. Diríamos que há certo cuidado na decoração e existe um estilo. Os móveis são muito bem cuidados e têm aparência de novos.

No entanto, o que mais nos chamou a atenção foi a quase

ausência de objetos típicos, artesanato, tapetes, fotos, livros, discos, que se referisse a seu país de origem. E quando os encontramos eram objetos quase escondidos e escassos. Ou existia apenas um poster, ou um objeto de cerâmica, ou algum livro de literatura. E entre aqueles que viajam constantemente ao exterior existem muitos objetos que relembram suas viagens; um deles coleciona diapositivos de suas viagens.

Embora existam importantes diferenças do ponto de vista da renda, aspirações e preferências de determinados bens de consumo, materiais e culturais, são recorrentes entre eles, tais como: comprar ou ter computador, viajar frequentemente, comprar livros e discos, ir com regularidade ao cinema, ter automóvel ou mudar de automóvel, comprar casa ou apartamento.

Um outro dado é que apenas 5 deles (15,6%) utilizam os serviços prestados por faxineira para a limpeza doméstica.

#### AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE

Alguns estudos têm ressaltado a importância das relações de sociabilidade no contexto urbano, sejam estas traduzidas em: laços de parentesco, laços familiares, de amizades, relações que se constroem a partir da defesa e/ou da luta de alguma causa (política, ideológica, utópica, ecológica, religiosa, cultural, étnica etc.) ou nos grupos que têm organizações e ações reivindicativas etc.

Embora haja uma insistência em afirmar que as relações de sociabilidade em sociedades urbanas (capitalista - contemporânea) sejam inexistentes pelo fato de prevalecer uma ideologia individualista-competitiva, alguns autores têm apontado em outra direção. Estou me referindo particularmente aos estudos sobre migrantes rurais nordestinos e a imigrantes no Brasil. Em relação ao caso dos migrantes rurais nordestinos, podemos mencionar o estudo destes em São Paulo, de Eunice Durham (1978), no qual se chega a uma relevante descoberta, especificamente é salientada a importância dos laços de parentescos e laços de família no contexto urbano, uma vez que é através destas relações que se daria a integração na cidade, mormente na primeira fase da chegada à cidade desse migrante,

onde o isolamento é quase total. Existe uma dependência inicial destes laços de parentesco ou de amigos, ou para conseguir um local onde morar, na obtenção de empregos ou para lidar com o mercado de trabalho, a cidade e as instituições burocráticas.

Um segundo estudo que aponta neste sentido (para a importância das relações de parentesco e familiares) é o de MATTOS TAUBE (1986) sobre migrantes rurais nordestinos de baixa renda na cidade de Campinas, moradores da favela de São Marcos. A importância destas relações fica patente quando a autora relata a trajetória migratória da Família dos Gomes, que foram chegando aos poucos, e, ao mesmo tempo, foram chamando seus outros familiares, e reconstruindo assim uma família extensa na cidade de Campinas.

Um terceiro estudo, de Dominique Ridley-Leigh (1980), que pesquisa 25 famílias migrantes do Piauí em Brasília, na cidade satélite de Sobradinho, também aborda a problemática da relevância das relações e redes de parentesco na adaptação ao novo contexto urbano. Contudo, esta autora faz uma distinção essencial entre o migrante masculino e a mulher migrante. Segundo sua constatação, o migrante masculino não mantém sua rede de amizade no lugar de origem e isto pode ser atribuído a distâncias geográficas. Porém, ele substitui facilmente seus amigos do Piauí por outras relações em Brasília: companheiros de trabalho, bebida e recreação, refazendo uma nova rede de relações de amizade. Embora o migrante masculino dependa e necessite de seus parentes no momento inicial, na sua vinda à nova cidade, esta situação não reforça necessariamente seus vínculos com os parentes, já que, segundo a autora, as novas relações de amizade são mais importantes. Todavia, no caso da mulher migrante a situação seria diferente. Ela mantém "laços mais assíduos do que o homem com seus parentes no lugar de origem a fim de garantir sua base." (1980:216). E isto se daria pelo fato de a mulher estar confinada ao espaço doméstico, a "casa", sem sua relação de parentesco de origem e sem condições de criar novas relações no novo contexto. Enfim, seria através dela que se manteriam os vínculos e contatos com a família de origem, assim como seria ela que motivaria e convenceria outros parentes para também migrar. Entretanto, estes parentes que são encorajados a migrar não são qualquer um, apenas aqueles parentes "que lhe proporcionarão o apoio e companheirismo" (1980:217); pode eventualmente selecionar uma prima ou sobrinha

que a ajudará a cuidar das crianças ou cuidar da casa. A autora tenta ressaltar a importância da mulher na articulação e mobilização das redes de parentesco no processo migratório.

Em relação aos imigrantes no Brasil, podemos destacar dois estudos que nos ajudam a perceber a importância das relações de sociabilidade, porém não mais centradas na família ou no parentesco.

Um dos estudos é de Maria Helena Beozzo de Lima (1973) que pesquisa imigrantes portugueses da região do Minho, que vivem no Rio de Janeiro. Ela aponta para a importância de espaços onde se desenvolvem intensas relações de sociabilidade e de relacionamento através de um convívio intenso, que seriam as associações luso-brasileiras ou associações portuguesas. Embora esta pesquisadora tenha se restringido a estudar a Casa do Minho, ela mostra nitidamente várias situações sociais que favorecem na manutenção de um identidade étnica. Nesta Casa do Minho são realizadas muitas atividades, descritas minuciosamente pela pesquisadora, especialmente festas divididas em vários tipos: 1) as festas portuguesas: a vindima, a Espadaleta, a Desfolhada e a Machada; 2) as festas religiosas: o Natal, o dia de Páscoa, o dia dos Reis, a festa da Senhora da Agonia, Gualteriana; 3) as festas juninas; 4) as festas típicas minhota: o Magusto e a Sanabulhada; 5) as festas sociais: reuniões dançantes, almoços e outras, e, finalmente, 6) as competições esportivas e excursões. A autora conclui que a criação da Casa do Minho significava "enfrentar a situação minoritária através de uma coesão grupal baseada na retomada de símbolos e princípios de organização tradicionais do grupo étnico. Significava também manter os minhotos orientados para o país de origem". (1973:54). Acrescentaríamos também que, como a maioria dos imigrantes, não possuem vínculos e relações com a família e parentes de origem, uma vez que estes muitas vezes ficaram no país de origem. Esses espaços são vitais para a criação de relações de amizade, de solidariedade e sociabilidade num outro país.

Um outro estudo, o de Ruth Cardoso (1959), destaca as várias associações e grêmios frequentados pelos "nisseis" (filhos de imigrantes japoneses, a 2ª geração). Segundo a autora existe um grande número delas, entre os quais: clubes recreativos e esportivos, academias de judô, grupos de pingue-pongue, times de beisebol,

3

congregações religiosas e associações culturais onde se daria a convivência com a cultura japonesa, por um lado, e a "integração aos ideais de comportamento da sociedade brasileira" (1959:110). Estas associações teriam uma função específica, qual seja a de abrigar o "nissei" e propiciar condições para o sucesso deste nos cursos escolares e na vida profissional, ou seja, a possibilidade de ascensão social. Estas associações são um importante núcleo de convivência onde se fala apenas o português, onde se pode dançar, participar de festas ocidentais, e também um espaço onde, através do convívio, é possível a realização de casamentos mútuos e de impor atividades e comportamentos novos.

Porém, existem algumas explicações e distinções em relação a estas associações que é importante assinalar. A explicação que a autora dá para a existência de grande número de associações "nisseis" poderia ser procurada "nos incentivos inerentes à cultura japonesa. Tradicionalmente os japoneses se organizam em agrupamentos por idade, com funções definidas" (1959:108).<sup>4</sup>

Ao escolher estes estudos desejávamos enfatizar a importância das redes de relações sociais, sejam estas familiares, de parentesco, de amizade, até mesmo aquelas que são criadas, incentivadas e mantidas em espaços específicos como associações, colônias, organizações, escolas, na elaboração de jornais etc., no caso dos migrantes ou imigrantes ao conviver num novo contexto. Porém, em nossa pesquisa uma descoberta importante ocorreu quanto a uma dificuldade bem particular vivenciada por estes estrangeiros latino-americanos que vivem no Brasil de São Paulo.\* Anteriormente mencionamos que, quando foram perguntados

\* Podemos mencionar alguns pontos de encontro de latino-americanos. Em SP temos a Pça da República, a Peña don Fernando, na Aldeia de Carapicuíba, e, mais recentemente, o Memorial da América Latina, na Barra Funda (inaugurado em maio de 1988). Em Campinas temos o Cine Clube - Ponto de Cinema, localizado no centro da cidade.

Algumas concentrações de bairros em SP de latino-americanos: Bom Retiro; há chilenos na Bela Vista e Santana, porém não são tão expressivos em termos numéricos.



pelas maiores dificuldades ao chegar ao Brasil, a resposta de falta de relações sociais ocupou o segundo lugar. Isto é curioso ou no mínimo contraditório, porque como foi aludido antes na tabela elaborada sobre Contatos no Brasil, a esmagadora maioria (93,8%) tinha algum tipo de contato; e quase a metade deles (46,9%) tinha algum contato familiar ou de amizade (porém devemos esclarecer que a maioria deles tinha sua família nuclear aqui no Brasil, não a família de origem ou família extensa, que ficaram nos seus países de origem).

E quando foram perguntados sobre quais seriam suas dificuldades após vários anos de permanência no Brasil, a resposta majoritária foi as relações sociais, a falta de amigos ocupou o primeiro lugar no universo das dificuldades. A fala de Violeta, uruguaia, é enfática: "no nos hemos hecho de amigos, continua siendo difícil la adaptación". É bom demarcar que ela mora há 16 anos no Brasil, pois chegou em 1976.

Isso nos deixou um tanto perplexos, porque estes estrangeiros latino-americanos são muito ativos e ao mesmo tempo mantêm várias atividades que possibilitam um intenso relacionamento social, já que, como foi relatado anteriormente, 46,87% deles trabalham (neste grupo está incluída uma dona-de-casa), 21,87% estudam e 28,12% trabalham e estudam.

Para tentar explicar mais adequadamente este fenômeno procuramos mapear quais são seus relacionamentos sociais, o que fazem nas horas livres e se pertencem a algum tipo de associação, colônia, grupo esportivo, religioso, grupo político, ou se constroem redes de relações através da participação em atividades diversas.

A partir dos seus depoimentos foi levantado que 84,4% deles se relacionam concomitantemente com brasileiros, conterrâneos e indivíduos de outras nacionalidades; e 15,62% dizem que se relacionam com brasileiros e conterrâneos. Quando inquiridos se se relacionavam com pessoas da vizinhança de onde moram 81,25% (26) disseram que não e apenas 18,75% (6) disseram que se relacionavam com algum vizinho ou conterrâneo que mora por perto.

Também buscamos conhecer se pertenciam a algum tipo de instituição ou grupo, apenas 9 deles (23,13%) participam de algum grupo. Desses, 4 participam de grupo de estudo que tem como tema:

a literatura latino-americana, a educação e a cultura pré-colombiana, buscando ligações com a cultura oriental; outros 2 participam de um Comitê de Solidariedade, 2 em um grupo religioso de origem católica e outra espírita, outro em um partido político, e 1 outra em um grupo de mulheres.<sup>5</sup> Procuramos saber se frequentavam restaurantes com comidas típicas, apenas dois (um chileno e uma chilena) comentaram que iam assiduamente a eles.

Procuramos saber, ainda, se se reuniam com amigos e se realizavam atividades com frequência. 14 deles (43,75%) responderam que se encontravam com certa frequência com amigos realizando, às vezes, almoços aos domingos ou festejando alguma data do tipo aniversário ou despedida de alguém que retornava definitivamente a seu país.\*

Apenas 2 (chilenas) relataram que celebravam a Independência Nacional, o 18 de Setembro; enquanto 2 argentinos (um casal) celebravam o 9 de Julho e o 25 de Maio.

Conseguimos levantar 8 redes de relacionamento de amizade e 2 redes de parentesco: a primeira, constituída por Luizito, Gobi, Nima, Marotto e Pablo. Eles se reúnem com frequência (as festas em que participei foi com este grupo) e, ao mesmo tempo, eram vizinhos próximos no mesmo bairro.

Outra rede é constituída por Rodrigo, Jany e Luciernaga, que se reuniam às sextas-feiras, à tarde, num barzinho junto com outros conterrâneos; eles também faziam parte do mesmo Comitê de Solidariedade. A terceira rede de relações é constituída por Florencia, Mario Mendes e Monica, eles não apenas moravam no mesmo bairro como trabalhavam juntos. Uma quarta rede é a de Rioplatense, amiga de Julio e Hugo. A quinta rede é: Lita, Juanito de La Ribera e Petisa. A sexta é: Luciernaga e Gabi. A sétima é: Techy e Elaine. A oitava é a rede Ana e Carlos Santos. As redes de parentesco são: a primeira, Violeta, Pedro e Ana e, a segunda, Hugo e Pierre Belouche.

(\*) Fui a algumas festas de: despedida, aniversário de crianças ou celebrações (finalização da Tese); e constatei que a presença de brasileiros sempre foi de não mais de três pessoas. No entanto, era frequente a presença de latino-americanos de outras nacionalidades; foi reiterativa a presença dos mesmos em festas diferentes.

Um aspecto relevante, que me parece oportuno mencionar, foi a observação realizada pelo meu marido, um dos poucos brasileiros presentes nestas festas. Quando se falava do Brasil e dos brasileiros o idioma utilizado foi o espanhol e o tom de voz era baixo. Entretanto, quando meu marido se integrava às conversas, o idioma mudava para o português e o teor da conversa se alterava. A mesma situação ocorre em nossa casa, já que estamos sempre recebendo visitas de latino-americanos.

Um outro aspecto muito curioso está relacionado com a nossa tentativa de descobrir o que eles realizavam nas horas livres,<sup>6</sup> já que poderia ser um canal para conviver e relacionar-se com outros indivíduos ou grupos. O aspecto que nos chama a atenção se refere ao fato deles terem expressado enfaticamente que sempre trabalham, ou trabalham muito, não têm tempo para o lazer. As respostas desta natureza somam 53,12% (17 casos) de nosso universo. Os que mais emitiam esta opinião foram os que têm como profissão professor universitário, estudantes e as mulheres que desenvolvem várias jornadas de trabalho (dona-de-casa, mãe, estudante e como profissional que trabalha). Entre as atividades mencionadas como lazer nas horas livres temos: longas caminhadas, ler livros de literatura, passear, assistir TV, estar com o marido ou companheiro ou filho, ler jornais e revistas (Nima e Marotto lêem o jornal argentino Clarín, comprado em SP; Rodrigo, Luciernaga e Jany lêem revistas chilenas), escrever para amigos, fazer móveis para a casa, assistir filmes, encontrar amigos, levar as crianças ao teatro infantil, ouvir música variada (MPB, música típica folclórica), fazer ginástica, cozinhar, fazer terapia, tomar sol.

Algo que também nos chamou a nossa atenção foi o fato de não reunirem-se com conterrâneos ou amigos em locais típicos (restaurantes) para comer comidas típicas ou mesmo estas serem preparadas em casa (apenas 3 uruguaios e 1 argentina<sup>e 1 chilena</sup> comentaram que cozinhavam freqüentemente comidas típicas). Pelo fato de a comida ser um ritual carregado de simbolismo e, ao mesmo tempo, que possui uma enorme importância social onde são e podem ser elaboradas e atualizadas identidades, mas também onde são vivenciados momentos de emoção e de intensa sociabilidade. (\*)

Em relação aos que freqüentavam às vezes restaurantes típicos, temos Lili, que ia a um restaurante típico chileno em Campinas para comer empanadas e Rolando que gostava de ir a um restaurante argentino em São Paulo para comer churrasco. Há, ainda, outras três pessoas que viviam cotidianamente em ambiente de restaurante ou bares com comidas típicas são: Hairo (que trabalha cantando em uma Peña em Carapicuíba) e Mario e Florencia (que tinham uma fábrica de empanadas argentinas e alfajores e um bar). A pesquisadora esteve no restaurante chileno de Campinas e na Peña de Carapicuíba.

(\*) Para a temática do simbolismo da comida no Brasil, consultar: DA MATTA, Roberto. 1987.

Em relação à comida brasileira, alguns deles manifestaram sua rejeição ao abacate com açúcar e à mistura do arroz e feijão.

Podemos perceber que a maioria das atividades é realizada solitariamente. Poucas são feitas junto a outras pessoas, sejam estas da família, amigos, parentes ou colegas de trabalho ou de estudo.

Parece-nos que a partir desses outros dados mapeados fica demonstrada esta dificuldade de estabelecer diversas relações de amizade; no entanto, é necessário, também, entender, através dos depoimentos, como é traduzida ou expressada por eles esta dificuldade de realizar amigos no contexto brasileiro. Para isso selecionamos 6 depoimentos que se referem às relações tidas com os brasileiros em contextos (trabalho, universidade, outros) diferenciados.

Acompanharemos esses discursos através de: Pablo, Julio, Gobi, Petisa, Ana e Rioplatense.

Ao selecionar estes depoimentos tivemos certo cuidado ao escolher diversas esferas onde se desenvolvessem suas relações sociais.

Por isso o discurso de Pablo está inserido no contexto universitário; o de Julio no local de trabalho, que também é o universo universitário; Gobi, que se refere ao espaço do convívio universitário, a escola dos filhos, e às suas relações com mães de outras crianças; o discurso de Petisa faz referência ao contexto universitário, a seu universo de relações familiares, de amizade e de seu trabalho; e os discursos de Ana e Rioplatense que nos remete às imagens que têm sobre o Brasil, de como seria esta sociedade e como influenciar na problemática das relações de sociabilidade.

A) EDUARDO (chileno, 25 anos, economista e estudante de pós-graduação, mestrado)

"Al comienzo me sorprendió la relación informal, el trato entre profesores e alumnos. Después uno se va dando cuenta de que parte de esa cordialidad, de esa jovialidad es superficial. Me voy dando cuenta que las amistades son diferentes. Otro tipo, que en mis parametros no tenía. Una relación que aparentemente tienen una cierta intimidad, pero en realidad es muy superficial".

; B) JULIO (uruguaio, 43 anos, professor universitário)

"O brasileiro é muito político, né? Até no relacionamento pessoal, né? E nós não somos tão políticos assim. Entonces dá problemas."

¿COMO POLÍTICOS, O SEA, TÚ TE REFIERES A...? (Pesquisadora)

"No directamente, você pergunta una cosa, tal cosa. Você concorda? Eles não vão te dizer 'não, não concordo'. Há, eles dizem: 'eu concordo plenamente, mas acontece que no contexto, tal, né?, blá, blá, blá'. No final, es lo que yo directamente diria no. Ese es, no, el supuesto juego político. Entonces yo he tenido problemas porque hayan que soy muy rude. (...) Eu tenho muito mais amigos na Francia".

C) GOBI (uruguiaia, 35 anos, enfermeira, e estudante de pós-graduação)

"Este, yo en realidad, yo específicamente no tuve dificultad. Yo empeze a estudiar y tenía un grupo de compañeros. Eso no sé, lo viví también en México. Uno ve a la gente como muy abierta en el trato, en la amistad aunque en realidad no es tan así. Hay toda una primera impresión de la gente. Uno dice: 'hay que divinas personas, te ofrecen todo, la casa, esto, el otro. Ven cuando quieras a la casa, la casa es tuya'. En México es exactamente igual. Y eso es solo de la boca para afuera. Tienen todo un discurso, una cosa que la persona estaba habituada a decir, ellas dicen que te daban todo, pero no te daban todo. En el Uruguay eso no existe, yo, ¿este? Uno no dice: 'esta es tú casa', uno no dice. Es mi casa, y si te he invitado, ningún problema, pero es mi casa. Yo creo que en el fondo los brasileños y los mexicanos son iguales. Lo único problema es que ellos dicen que son diferentes, y hacen como son diferentes. Y no son! Ellos se muestran como muy cariñosos, muy amistosos y muy estos, de dar todo. Pero en la realidad, no dan tanto. Es como en el primer relacionamiento; después uno ve que las cosas se distancian, que ellos no tienen interés. Me da a impresión que, este, seleccionan muy bien sus amigos. Esa es la impresión que a mi me da."

¿TANTO LOS MEXICANOS COMO LOS BRASILEÑOS? (Pesquisadora)

"Eso, paso en México, apesar de los amigos que tuvimos, creo que fueron amigos en serio, creo. Quiero pensar todavía eso, este y aquí yo en todo este período yo logre hacer 1 amiga. Una amiga con la que yo creo que es amiga mía. Es muy buena persona, ella me hace muchos favores, esta pendiente de mi. Y muchas cosas que me demuestran que es amiga. Nosotros estudiamos el 1<sup>er</sup> año juntas. Hace como 1 año e 1/2 que no estudiamos más. Yo la voy a ver, ella me viene a ver. Me presta cosas, me da cosas. Me auxilia

con los chiquilines, ¿entendes? Es una actitud completamente diferente, hum, que las otras personas que de primera me ofrecieron su casa, 'pasas el fin de semana', me ofrecían hasta una casa en Ubatuba, que esto y el otro. Y después no he sabido más de ellos, apesar que yo he escrito, ¿no? Tú notas que es como un relacionamiento que, bueno, viven el momento. Entonces tienen ese relacionamiento que parece de amistad y después se termino. Si no estas juntos con ellos se termino. Este, en realidad así, en ese tipo de relacionamiento individual; compañeros de trabajo yo no he tenido problemas. Yo me llevo bien con ellos, ellos tienen buen trato con todo mundo. No he me sentido para nada mal, ni relegada, nada. Para nada! En México tampoco.

Lo único que nosotros sufrimos un poco fue la relación con los chiquilines. Que ellos sí lo sufrieron un poco más, me da la impresión. Los niños son más diferentes, se dicen las cosas más brutalmente se tienen ganas. El adulto se guarda más, esas salidas. Entonces, los niños se sintieron un poco más aislados, se sienten diferentes porque hablaban diferente y todo mundo se burlaba de ellos. Sufrimos por ellos. Y sufrimos en realidad porque el campinero es muy cerrado en sí mismo, en su familia y en sus cosas. Y de principio nosotros creíamos de que que ellos iban a tener una actitud de recibir nuestros chiquilines de total tranquilidad, como nosotros la teníamos con ellos. Ellos no tenían, y tuvimos hasta la experiencia de un cumpleaños de nuestra hija, la mayor. A principio cuando llegamos le celebramos, en abril le hizimos el primer cumpleaños. Hablamos con los compañeritos, ella invito a todos y no vino nadie (SILENCIO), ... nadie, absolutamente."

INOSSA SENHORA! (Pesquisadora)

"Yo llore tanto ese día. Nadie, nadie, nadie. Estabamos nosotros, hay, voy a llorar otra vez (RISOS). Estabamos yo, mi marido y los chiquilines. Antonio y Margarita. Pero después fueron cayendo amigos grandes nuestros, este uruguayos, argentinos, colombianos. Ellos vinieron. Y, bueno, le hizimos un cumpleaños de grandes y de chiquilinos, ninguno. Le habiamos hecho: sorpresa, globos, todo cosas para los niños. Nos quedamos esperando."

¿Y ELLA DESPUÉS, COMO TRABAJO LA EXPERIENCIA? (Pesquisadora)

"Bueno, yo, por supuesto, no me puse a llorar delante de ella. Bueno, que desastre, pobre criatura, es una niña que asimila bien. Perfecto, ¿no? Bueno, yo le explique, bueno, mirá la gente aquí es así; mirá, tú cumpleaños cayo justo en la semana

santa, la gente es muy religiosa aquí. Es por eso que la gente no deja ir en cumpleaños esos días. No es porque no te quiere, es porque es gente que viaja muchísimo. Todas esas explicaciones, y, bueno, más o menos la conforme. Y ella como se relaciona muy bien con los niños, ha hecho muchos amigos ahora aquí en el barrio. Entonces, ella tuvo otros cumpleaños que salieron bien, entonces ella se dio cuenta que no tenía porque ponerse así(...)

Yo, este, me relaciono bien con muchas madres; diríamos que en un determinado momento ellas se sienten bárbaro que los niños vengan a casa, que yo vaya a la casa de ella. Pero después, uno se da cuenta que la relación se esfuma, ¿no? Es eso que yo te digo, me da la impresión que la gente..."

¿SE ESCONDE? (Pescuadora)

"No, es como utilitarista en cierto aspecto. Me conviene porque ahora la relación... porque los niños se relacionan. Mientras ellos se relacionan, bárbaro, después, 'si te he visto, no me acuerdo'. Una cosa medio así, este, y uno se relaciona con los padres de otros niños nada más que por esa relación. Porque los niños son amigos, y no porque tengan interés en relacionarse, es gente más cerrada. Ahora yo tuve posibilidad de relacionarme con compañeros de clase, con quienes mantengo relaciones, me sudo bien, los veo por ahí, sigo charlando con ellos. Pero amistad, solo con una persona, que se sentía diferente aquí no Brasil e..., e..., e..., una persona que se siente diferente al resto."

ES DEL INTERIOR, POR ACASO? (Pescuadora)

"Ella es de Araras, y el marido es de Arazatuba. Y ellos vinieron aquí a estudiar y vivían en república, y saben lo que es la vida de estudiante, no tienen hijos (...)"

D) PETISA (argentina, 44 años, psicoanalista)

"A los brasileros les encantan los gringos. Aman los gringos. Todavía no sé porque, ¿viste? Nosotros, en general, no sé los chilenos, pero los argentinos somos anti-gringos... beee (EXPRESSION DE NOJO). Por toda la cultura anti-imperialista, ¿viste?, que sé yo. Cualquier gringo, sea yanqui, e..., e..., e..., no sé, cualquier gringo. Aca, no, aman los gringos. Te imaginas lo que se han reído con el asunto del você y ahí yo me entere..."

Yo me doy cuenta en las relaciones en la Unicamp. Yo tengo relación con profesores así. Con quien discuto, hablo. Todos los demás fulano, sutano. Y fijate vos que es curioso porque las relaciones de los brasileros me parecen mucho

más este flojas."

HUM, HUM. (Pesquisadora)

"Este nosotros somos mucho más formales; y no sé si es cierto. Por ejemplo, el otro día con A., él hizo la fiesta en homenaje de bla... bla. Entonces, este vino, Pablo e Carlos. Rector e vice-rector de la U. En la Argentina, pero ni loco va a un restaurant un rector e un vice-rector. Nunca, nunca entras a la sala. Eso es diferente, de cualquier manera porque entres a la sala; no muda, segundo como hagas ese día, no muda.

Pero en general el caso es que, por un lado, se coloca distancia y, por el otro, se le respeta; entonces la comunicación es una mierda!

(...) Porque aparentemente hay una gran comunicación, aparentemente. Pero no pasa mucho más do que eso, de lo aparente, ¿no? Es medio complicado."

¿Y EN BUENOS AIRES, COMO ES ESO? (Pesquisadora)

"Que diferencia, y... y..., bueno, el rector y el vice-rector nunca irían a ninguna fiesta. Pero lo que pasa que después te relacionas con las personas muy comodamente. Al ratito, pero aparte, viste?; los argentinos son medio nostálgicos; siempre te están contando. A los 10 minutos ya sabes la vida. Vida, obra, milagre, nº del documento del padre, nº del documento de la madre (RISOS) (...)

Acá es un plomo, es un plomo. Es muy impresionante, es muy difícil se relacionar. Ahora, este, es muy gracioso. La gente brasileira que yo mejor me relaciono. Es toda gente, o que vivió en Europa, o que vivió no sé donde, o que viveu no sé por donde. Generalmente hay un pasaje así de salirse de esta culturita y vivencio otras cosas. Pensado en amigos, muy amigos. Mirá, todos aunque sea pasaron sean 6 meses muriéndose de hambre, estudiando no se donde, fuera de aquí. Todos.

Y nosotros tenemos una amiga, a la cual queremos mucho. Y yo sé que ella me quiere mucho. Yo no tengo la menor idea de ella. Yo solamente con ella hablo de política; ahora, yo no sé si este, tiene problemas de guita o no tiene problema de guita. Pero alguna cosa, por ejemplo, en algun momento que hemos hablado de guita, le he dicho: 'Escuchame, este, te ayudamos, si quieres hacer tal cosa, te ayudamos'. Y ahí entonces yo sé de algunas cosas de ella. Mira, yo no sé si duerme, si vive. Se que no toma vino. Es una amistad de unos 7 años. Una amistad. Tanto te



digo que nosotros nos fuimos a Buenos Aires y la llevamos (SILENCIO) Viajamos con ella. No sé si ella sabra algo de ella.

Eso es típico de Campinas, típicamente de Campinas. No sé de que se trata. No sé donde le duele, que le duele. Una que otra vez he tenido charlas así frente a problemas concretos de ella, charlas de 6 minutos como máximo. En 8 años, 7 años deben ser 4 charlas. Ahora, yo vi, como por intuición. Como es una tipa que me cae muy bien, que me parece muy linda persona. No sé porque, me sigo relacionandome, me encanta verla. De cada tanto si desaparece la busco y ella viene espontáneamente. Tiene épocas que viene mucho, tiene épocas que viene menos, este? Yo no conosco donde vive. Ella conoció mi casa, sabe lo que va encontrar en la heladera. Yo no sé ni donde vive... Escuchame, mira, me entere que la madre de ella estuvo muy mal, ahí me entere que no vive en Campinas, que vive en un pueblo.

La madre se opero, este?; ella se complico la vida. Ahí me entere como era el apartamento de ella. Y todavía le dije: 'dicime una cosa, ¿no se te ocurrió que te podíamos ayudar?, yo mandava a mi hija, mandava mi hijo, iba de noche'. Me la trai para casa. Escucha, ¿vos hubieses dudado de pedir ayuda?"

YO, NO. SI TENGO UNA RELACIÓN ASÍ, INTENSA Y ABIERTA DE AMISTAD, EN MOMENTO NINGUNO. (Pesquisadora)

"Yo me voy y pregunto, ¿vos podrias? Impresionante es eso. Eso es impresionante. Ahora yo, por ejemplo, tengo un amigo, super amigo que también vivió en Europa o EEUU, o no sé donde. Otra cabeza que nos llamamos. De pronto dejamos de vernos por un mes, cuando nos encontramos lloramos de la alegría de vernos, nos emborrachamos, decimos barbaridades. Así, pero te digo que contaditos con los dedos de la mano. Contaditos. Conmigo es más fácil, porque como todo mundo sabe que soy psicanalista, abrien siempre la boca.

Ahora vas a ver; este chico que entra vivió 2 años en Portugal. Es impresionante, así, vos. Yo te voy mostrando todos los amigos brasileros, vas a ver que hay historias así: que salieron del país, de Campinas (...)

Yo me relaciono con cualquier cantidad de personas. Ahora, elijo muy pocas. Elijo muy pocas, y a esas las quiero realmente. Las tengo mucho cariño. Yo, por ejemplo, tengo un cariño por mi orientadora, ha encuentro fantástica (...)

Es muy poca gente con la cual me relacione, no más de 7."

E) ANA (uruguaya, 32 años, tradutora)

"Superficialidad muy grande en la gente, ¿este?, en la forma de vivir, que también es producto de la sociedad consumista. Todo es descartable, los afectos, los cariños, los principios.

Lo que me encanta de los brasileros es la alegría; lo que rechazo profundamente del Uruguay... el pesimismo. Una forma de ser demasiada pesada, muy cargada. Es todo lo contrario de acá. Demasiado cargada de principios, de valores morales.

Todo es aquí descartable, todo tiene una vida muy corta, las personas hoy pueden ser una cosa, mañana otra y..."

F) RIOPLATENSE (uruguaya, 34 años, turismóloga)

"Los brasileros me parecieron alienados, que todo el mundo te decía lo mismo, desde el panadero, el carnicero, el vecino, el profesor. (...)

'El Brasil es un país bárbaro porque no tiene huelga, y no hay guerras'. Eso tenía que ver con el mensaje subliminar que está en la TV.

Encontre un Brasil ineficiente, despolitizado, alienado, gente desinformada. Un abismo tremendo entre lo que es el pueblo y... Sociedad tremendamente segmentada, donde están los doctores y el pueblo a 1.000 kilómetros de distancia uno del otro. La desinformación, la imposibilidad de dialogar con una persona del pueblo, es impresionante, ¿no? Eso no ha cambiado.

También la descubierta de gente que se puede dialogar, a pesar de su analfabetismo. Gente que trabaja en Asociaciones de Barrios.

Brasil, todavía con un tremendo peso de la ideología esclavista, todavía sigue teniendo la relación patrón-empleado en la forma de tratar a la gente. (...)

No tuve problemas en el trabajo, con las otras personas tengo un poco de problemas. Por una cuestión cultural. Cuando hay que llamarle la atención a un subalterno, yo no lo hago. Lo hace mi Directora, porque yo no tengo la, esa forma toda rebuscada que ellos tienen. Yo solo se decir las cosas directamente.

(...) Es una de abrazos y besos, ellos no te conocen y... y combinamos el sábado y la persona se olvida. No hay responsabilidad, es muy difícil encontrar gente responsable.

Te dan muchas vueltas, tal vez tiene que ver con una influencia árabe. Hay que descubrirlo."

Então, a que nos remetem estes depoimentos, que expressam nitidamente as dificuldades de relacionamento destes estrangeiros latino-americanos no contexto brasileiro?

Existe uma constante nestes depoimentos que seria a atribuição de características aos brasileiros. Estes seriam: superficiais, informais, alienados, irresponsáveis, ambíguos (pouco claros, de jogo escondido), evasivos, de modos rebuscados, desinformados, despolitizados, e que usam o código do 'jeitinho' para conseguir as coisas.\* Porém esta descoberta se daria após algum tempo de conviver com eles. Já que a primeira impressão é outra: alegres, abertos, emotivos, carinhosos, prestativos, afetuosos, atenciosos, expressivos, cordiais, "amam os gringos", simpáticos. No entanto, as relações de amizade, de contato, ou melhor, o convívio com os brasileiros seria marcado por atributos negativos, quais sejam: efêmeros, superficiais, onde não existiria o sentimento de compartilhar, particularmente se não existe proximidade física ou uma maior frequência nas visitas as amizades acabariam. Segundo eles, haveria um fingimento, uma espécie de jogo, o de

---

\* Nos discursos destes estrangeiros latino-americanos é freqüente a utilização da expressão "jeitinho brasileiro" ao referir-se a uma das dificuldades no relacionamento com brasileiros, qual seja a de que não dominariam o código do "jeitinho" ou que, eventualmente, tenham que usá-lo. No entanto, eles não detalham o que seria o uso deste termo ou se teriam um comportamento que apelasse para esta prática do "jeitinho".

Para uma análise do significado da expressão "o jeitinho", e do "jeitinho brasileiro", consultar Lívia Neves de Holanda B. (1988). Ela mapeia através de um levantamento bibliográfico o uso desta categoria e encontra menção do termo em 5 trabalhos de estilos diferentes. Num segundo momento ela procura as origens históricas do termo, através de várias fontes (dicionários, jornais). O termo "jeitinho" aparece pela primeira vez nos jornais em 1969 no diário de Goiânia, O Popular. E a expressão "jeitinho brasileiro" aparece apenas em 1975. Posteriormente ela realiza uma análise do jeitinho a partir da noção de ritual e drama social.

Em relação ao "jeitinho" ela conclui:

"(...) passou de ritual - como tantos outros existentes na sociedade brasileira - a elemento símbolo de nossa identidade social. Sintetizando nossos múltiplos aspectos, ele promove, dependendo do modo como o utilizamos, homogeneizações positivas e negativas, sem nunca impor escolhas excludentes e definitivas. Tanto é um símbolo da nossa desordem institucional, da nossa incompetência e ineficiência e da pouca presença do cidadão no nosso universo social, como é o emblema de nossa cordialidade, espírito matreiro e conciliador, a reafirmar nosso eterno casamento com uma visão relacional de mundo.

aparentar ser muito íntimo, muito amigo. No entanto, a relação mantida seria muito superficial e perigosa, já que em qualquer momento aparecem as tensões, na ocasião menos esperada. Ou seja, num primeiro momento existe a sedução, e, num segundo momento, temos a rejeição.<sup>7</sup> Vejamos através da seguinte taxonomia como eles olham os brasileiros. \*\*

\*\* Existe uma taxonomia de caracteres nacionais que define comparativamente o brasileiro e o inglês. A seguir, transcrevo a comparação elaborada por Peter Fry (1982:18).

Inglês genérico

- . Ordeiro
- . Otário
- . Frio
- . Pontual
- . Não sensual
- . Formal
- . Respeitador da lei

Brasileiro genérico

- . Desordeiro
- . Esperto
- . Quente
- . Não pontual
- . Sensual
- . Informal
- . Desrespeitador da lei.

COMO OS ARGENTINOS, CHILENOS E URUGUAIOS

OLHAM OS

BRASILEIROS

ATRIBUTOS POSITIVOS

- La gente es muy alegre.
- Ellos são muito abertos.
- Ellos são muito acolhedores, é consensual, no? Brasileiro nesse sentido não é discriminativo, ele da apoio.
- Povo fraterno, carinhoso.
- Aquí la discriminación es quasi inexistente en relación al extranjero.
- Eu acho aquí o Funcionario Público mucho más amable.
- Estan bien con a vida.
- Contento.
- Sem problemas.
- Expressivos, com menos tabu.
- As mulheres brasileiras falam abertamente de sexualidad.
- Simpático, atencioso.
- Se visten confortables.
- Pueblo maravilloso.
- São mais descontraídos (até na forma de vestir-se).

ATRIBUTOS NEGATIVOS

- O brasileiro é muito político, nunca falam o que realmente pensam. Tem dificuldade de dizer não.
  - Aparante ser íntimo, muito amigo, e na verdade mantém uma relação muito superficial e perigosa. Porque em qualquer momento aparecem as tensões, quando você menos a espera.
  - Superficialidad muy grande en la gente; la forma de vivir que también es producto de la sociedad consumista. Todo es descartable, los afectos; los carinos, los principios.
  - Aquí el pueblo no dice nada. Aquí los únicos que deciden son los que tienen el dinero y el poder.
  - Alienados.
  - No hay responsabilidad, es muy difícil encontrar gente responsable.
  - Para el brasileiro termina en música, en samba, es una característica cultural.
  - Un cierto inmobilismo en el aspecto político.
  - A maioria aqui não é pensante. Os meios de comunicação manipulam.
  - São mais individualistas.
  - Se creen el ombligo de América Latina, pero esta muy claro desde que no te reconocen al español como idioma.
  - Conocen muy poco lo que se pasa en América Latina.
  - Yo me doy cuenta que desperdician muchos recursos. Podían hacer una administración más eficiente.
  - Las cosas no son dichas directamente, el brasileiro nuansa mucho.
  - Informales en sus maneras.
- 
- Pouca participação, gente que tem um medio cultural alto não estão nem ahí, não se metem em política, não tienen mucha opinión sobre a política, acham que tudo é uma merda.
  - O brasileiro é folgado, não gosta de trabalhar.
  - O brasileiro não tem consciencia política.
  - São muito conformistas, devan luchar por sus derechos.
  - Não están preparados politicamente, les falta mucho.
  - Tienen reglas que no funcionan; solo el típico jeitinho funciona.
  - Usa a mentira, se miente de manera institucional.
  - Son muy "fracos sentimentalmente"; no envolvimento sentimental.
  - Superficiais.
  - Son muy ignorantes.

Em relação à representação sobre o Brasil, podemos centralizá-la essencialmente em dois tipos de discursos: A) Como um campo de possibilidades, alternativas e escolhas. Enfim, um local promissor para o sucesso e a realização pessoal. São paradigmáticos dessa visão os discursos de Pierre Belouche e Miguel.

Pierre Belouche (uruguaio)

"Si você quiser tem chance. Si en el Uruguay y você encontra un emprego você tem que abrir una champagne e celebrar.

Aqui você tem o que escolher, o que você quer fazer. É impressionante. Eu vi vo escolhendo. Eso es lo que más me fascina realmente, aquí você tem campo para tudo. Eso es lo fascinante de São Paulo; no se si de Brasil todo."

(PESQUISADORA) Y BRASIL, COMO LO ENCUENTRAS?

Miguel (chileno)

"Ótimo, (RISOS) es un país bueno, grande, muchos recursos tanto humanos cuanto minerales, que sé yo, toda la cosa diversa que tiene el Brasil de riqueza, né, pero muy mal administrado. Desgraciadamente bajo el yugo que estamos todos los sudamericanos del capitalismo, né. Que va hacer muy difícil de salir de eso po, que permita salir de eso. Pero como país, el pueblo mismo, lo encuentro excelente."

A outra dimensão B) é uma visão da não mudança, tudo permanece igual, no sentido negativo, de uso do jeitinho brasileiro e da enorme perda do padrão de vida através dos anos.

Hairo (chileno)

"No tiene muchos cambios. Talvez el poder adquisitivo era mayor que hoy. Yo creo que Brasil va a continuar siendo lo mismo por séculos, no. Desgraciadamente. O brasileiro invento un sistema que es unico en el mundo, que se llama jeitinho, no? Tanto la población brasileira, el imigrante, extranjero que está aqui aprende a convivir con el jeitinho brasileiro. Entonces, tanto hace 3 años atrás, 5 atrás. Yo des-

de cuando llegue es lo mismo; la única diferencia fue poder adquisitivo. En términos bien concretos así, dentro de lo que yo hayo a dar mi opinión.

Embora esses discursos tenham sido os mais recorrentes em relação ao Brasil, outras representações também foram expressadas. Vejamos, então, como esses estrangeiros argentinos, chilenos e uruguaios olham o Brasil:

COMO OS ARGENTINOS, CHILENOS E URUGUAIOS OLHAM O BRASIL

ATRIBUTOS NEGATIVOS

- "País de muita injusticia".
- "Yo creia que el nivel educacional no era muy avanzado".
- "No es que los brasileros sean mal-educados, es que ellos tienen otra educación."
- Brasil, país de jovens.
- Es un país sometido a un espolio bastante grande, yo lo veo por mi trabajo. Trabaje en 2 multinacionales.
- Ignorantes políticamente.
- Subimperialismo en la AL.
- Mentalidad escravocrata.
- Tratan mal a las empleadas domésticas.
- País de miseria muy violenta.
- El horario aqui no existe, es una cosa delirante.
- Há una pseudo-democracia aqui.
- De muita ignorancia.

ATRIBUTOS POSITIVOS

- "Muito bonito os locais geográficos, las playas".
- País de muchas posibilidades; se puede escolher.
- Sociedad más liberal.
- Acá hay más sensualidad.
- Há mais alegria.

Podemos perceber claramente o caráter contraditório de seus discursos no que se refere ao relacionamento com os brasileiros. Nos chamou poderosamente a atenção a falta de uma visão mais nuançada, mais particularizada em relação ao Brasil e aos brasileiros. Distinção de esferas geográficas, regionais, econômicas, institucionais, governamentais não está presente. Apenas o depoimento se refere aos gaúchos com muito afeto. Todos são generalizados da mesma forma, e isto é curioso se levarmos em consideração que a maioria é universitária, com outras vivências de vida em outros países e, aparentemente, construíram visões de mundo, viagens e representações mais sutis e refinadas. As suas



visões estão muito próximas ao senso comum. Também seus comportamentos em festas e reuniões, das quais participamos, eram marcados por essa "crítica" e imagem apresentada anteriormente em relação aos brasileiros.\*\*

Por outro lado, podemos notar que é num contexto geográfico-espacial bem definido onde estes estrangeiros latino-americanos se manifestaram como sendo mais hostil e difícil em termos de estabelecer relações sociais, a saber: a cidade de Campinas. Os campineiros foram rotulados de fechados, em contraste com os paulistanos, considerados abertos e cosmopolitas. Todavia, os que moravam na cidade de São Paulo expressaram sua dificuldade em termos de relações sociais.

Evidentemente que as representações e imagens que construíram destas cidades de certa forma criam empecilhos. Em relação a Campinas as visões mais repetitivas são: "cidade de plástico", "culturalmente limitada", "cidade horrível", "daqui algum tempo

(\*\*) Nos parece que apresentar apenas o ponto de vista destes estrangeiros latino-americanos sobre o que pensam dos brasileiros é limitado, já que, para termos uma visão comparativa e mais holística, precisaríamos ter também as representações dos brasileiros sobre os estrangeiros e os latino-americanos. Evidentemente que para termos este outro lado, seria necessária outra pesquisa. Devido a isso, esta pesquisa tem uma certa "incompletude". No entanto, temos algumas informações dos brasileiros sobre suas simpatias com alguns estrangeiros. Por ordem decrescente, eles simpatizam, segundo a pesquisa de Luiz Weis, publicada na revista Superinteressante (1991), com:

Italianos	30%	} qualidade dedicação ao trabalho
Japoneses	22%	
Portugueses	16%	
Alemães	7%	
Espanhóis	5%	

va tornar-se invivible", "tiene los mismos problemas de una grande ciudad", "é una ilha". As outras imagens em sentido positivo são: cidade bonita, vivível, arborizada, de boa infraestrutura municipal, com certa qualidade de vida, não tem poluição.

Em relação à São Paulo temos: cidade difícil, enorme, caótica, fria, de correria, cinzenta, dura de viver e se locomover, não tem quase árvores ("tiran un árbol para poner un poste", diz Ana), desumanizada, suja, poluída, congestionada. Para outros, São Paulo é a cidade do desafio, de possibilidades ("si aqui no encontramos algo és porque no lo vamos encontrar en ningun otro lugar", - Ana), de luta, "onde se pode escolher o que quiser fazer" (Pierre Belouche)

Outro elemento importante a ser retido é o que entendem por amizade ou por relacionamentos mais intensos. Um requisito fundamental seria poder compartilhar, ser solidário, ter relações intensas de troca (dar coisas, receber coisas), ser transparente. Segundo eles, os amigos pessoais se contariam com os dedos das mãos; e, ao mesmo tempo, aqueles que afirmaram possuir alguns amigos também tinham uma particularidade especial: ou eram pessoas de regiões interioranas, ou são pessoas que viveram a experiência de viver em outros países, ou têm origem estrangeira (são brasileiros, filhos de estrangeiros).

Também é necessário matizar esta problemática das relações com os brasileiros porque corremos o risco de generalizar apenas a partir de uma visão, a da maioria. Embora seja um grupo muito minoritário (7 casos) em relação ao universo estudado, ele nos é relevante. Por isso, através do discurso de Florencia e Mario conhecemos outra dimensão deste relacionamento, onde o gesto de hospitalidade, solidariedade, de acolhida, generosidade, são frisados. Este depoimento é ainda mais relevante porque Florencia e Mario, após morarem algum tempo no Brasil, voltaram à Argentina e novamente retornaram ao Brasil (temos outros que viveram esta situação de voltar a seu país vivendo no Brasil e retornar; é o caso de Jacqueline e Ana. Outros que viviam em outros países, retornaram a seu país de origem e chegaram ao Brasil, são: Gobi, Luizito, Maria Tereza, Julio, Luciernaga, Rodrigo).

Eles reiteraram que não falam o português e/ou falam com muita dificuldade; isto não foi um empecilho e mesmo o fato de viver por longo período ilegais, sem documentos de identidade brasileiros, não foi um problema.

FLORENCIA E MARIO (argentinos)

FLORENCIA: "A mi me parece SP., la imagen que yo tuve cuando llegue: horrorosa, porque yo me baje en la rodoviaria, estación. Me esperaba un amigo; amigo, no, una persona que me iba a buscar. Y era un mundo de gente. Yo casi me largo a llorar porque había mucha gente en la ciudad y nunca había visto una ciudad con tanta población. Ya que São Paulo a mi, de entrada, me pareció una bosta (RISOS). Ahora, claro, los amigos venían y decían 'es una porquería São Paulo, pero no porque sea Brasil'. São Paulo, ciudad muy habitada, muchos autos, con mucha contaminación, ¿este? En comparación con una ciudad más tranquila, ¿este? Y ahora por ejemplo me gusta mucho más, es una ciudad que tiene todas esas cosas negativa. Pero tiene mucho misterio, tiene muchas relaciones lindas. Pero yo cuando pense venirme a vivir a SP me pareció horrible (RISOS). Yo le decía: ¿Porque no elegio Rio de Janeiro, al lado de la playa?"

MARIO: "Para mi con las costumbres, clandestino, ¿que sé yo?, estuve 5 años y nunca me pidieron documentos; no me jodieron; hace 1 mes e medio que estoy legal. (...) Enseguida conocimos gente".

¿ERAN BRASILEROS O ARGENTINOS? (Pesquisadora)

MARIO: "Brasileros, brasileiros."

FLORENCIA: "Nosotros al principio no le dabamos bola a ningún argentino (RISOS)."

MARIO: "Era por un instinto de conservación."

FLORENCIA: "Si, pero bueno."

MARIO: "Pero los brasileiros fueron muy bien, brasileiros bárbaros. La verdad, no eran tan bárbaros. Después te das cuenta que no eran tan bárbaros los tipos, bien gorilones, unos mafistas, terroríficos. Pero en ese momento están, ¿este?, muy solidarios. Muy así, 'voy a quebrarte un galho', de acá. Yo me di muy bien, sin ninguna duda. Me entrose violentamente. A tal punto que cuando me decidí que me iba volver para allá (ARGENTINA), un grupo de brasileiros me invitaron a comer y me regalaron un pasaje de avión de vuelta (RISOS)."

¡QUE GENIAL! (Pesquisadora)

MARIO: "B. Aires - São Paulo, ¿viste?; para que vuelvas."

FLORENCIA: "Vos, aquí, en la Villa Madalena, vos te sentías bárbaro. Porque como teníamos al bar por aquí cerca, te sentías como caminando por tu casa. Caminaba 1 quadra, saludava a todo el mundo. Eras el 'Don Mario', dentro de tú (...), por eso que fue también tan chocante volverte a la Argentina, llegar y no ver a nadie. Sales a la calle y nadie te saluda. Es feó, ¿no? (RISOS) Te sentir en el extranjero de nuevo. Mi experiencia allá fue diferente. Yo salía e saludava a todo el mundo. Tenía otra cosa; iba por el centro y me encontraba con amigos, con gente en la facultad. El negro llegó allá y no estaba nadie de sus amigos. O sea, era otro extraño. Creo que eso también fue la razón por la cual te quisiste volver, y yo (RISOS) atrás de nuevo."

MARIO: "Yo, se hablo, tengo aspecto de jactancioso. Mira, yo he sido muy bien tratado. Aquí yo siempre fui 'Don Mario'."

FLORENCIA: "Nosotros tuvimos mucha suerte."

MARIO: "Sí, mucha suerte. (...)  
Yo, fijate, estaba recién llegado y fui parar a una Iglesia (...). No sé si habrás oído hablar de Padre..."

NO. (Pesquisadora)

MARIO: "Há, es muy activo, primero el cura, es un brasilero bárbaro. Ha hecho todo, lo imposible con todos los inmigrantes que han venido acá. Un gran, gran tipo. Este, yo fui ahí; de salida, ¿este?, mejor dicho, Don Pablo E. A., cuando yo le dije que no me quería ir a Europa; me dijo que me fuera a ver este que me podría conseguir trabajo acá, ¿este?, que me podía resolver algunos problemas. Este, no me consiguió trabajo, pero por lo menos me dio ayuda, moral, ¿este? (...)  
Entonces, a los 15 días (...), vos, fijaté, viene, bueno, al final teníamos unos amigos en común en la Argentina, él es brasilero. Este, a todo esto yo no sabía que él era cura; para, él usaba baquero y camisa, bueno, ¿este? Yo estube más de un mes tratándolo de tú. Y un día lo fui a ver a la Iglesia y lo veo que sale con una valijita y yo le digo: 'ché, lo convidó a tomar un café con vos'. 'No, no, me voy, que tengo que a dar misa'. (RISOS) Yo le digo: '¿Quién es el cura acá? Y él me dice: '¿Como?, si yo soy el cura acá'. Yo no lo podía creer, nunca había visto un cura de estos; te lo juro, ¿este?, y ahí este me pidió

que le hiciera una gauchada, estaban haciendo una cosa para el Globo Reporter sobre los inmigrantes latinos, los exilados. Y yo le dije: ni loco que estuviera. Me hincho tanto, que no me iban a ver la cara. Tá, tá, tá. Que al final lo hicieron. Bueno, esto del Globo Reporter, tudo bem. Pasaron 3 años, nosotros ponemos el bar de las empanadas. El primer tipo que entra... el tipo que me hizo la filmación aquella. Entonces, 'yo a vos te conosco', y yo le digo 'yo también te conosco'. No me acordaba donde, pero. Y de ahí, el tipo es un director laureado, y de ahí el bar se llenó de esa gente. ¡Lindo! ¡Una experiencia bárbara! (...)

FLORENCIA: (...) porque, así, Hugo fue a Cambuci. Ahí se le ocurrió ponerse a fabricar empanadas y poner un bar, que eso fue el punto de apoyo para quedarnos acá. Justo en la Vila Madalena en aquella época estaba quedándose como un centro de intelectuales, artesanos, artistas. O sea, estaba siendo un lugar medio de bohemia y también de... Y justo cae un bar que es diferente. Fueron muchas cosas que se fueron articulando para que uno se sintiera en casa. Para mí, el pedazo de la Vila Madalena..., yo me muero si mi tengo que mudar ahora. Estoy tan integrado. En otros lugares me parecen horribles en Brasil. (...)"

MARIO: "Claro, nosotros acá en la Vila somos personajes; parece medio petulantes, somos un personaje; te viene a ver todo el mundo. Cuando viene algún periodista a hacer alguna nota, te viene a ver a vos; cuando alguno quiera poner un negocio, te viene a ver a vos; me viene a consultar, a pedir permiso para poner el negocio. Una serie de cosas así que parece el padrino del barrio."

FLORENCIA: "Y a vos que te fascina." (RISOS)

MARIO: (RISOS) "Acá a sido realmente fantástico."

FLORENCIA: "Yo creo que temos mucha aceptación."

MARIO: "Hay también cosas feas para contar." (RISOS)

FLORENCIA: "Después te contamos. (RISOS)  
No, yo creo que tubimos mucha suerte. Por ejemplo, cuando vivia en Perú era diferente. Pero yo creo que aqui tubimos mucha suerte. La gente que conocimos, en la Vila Madalena, en el pedazo que justo se pone una producción de cine en frente."

MARIO: "Yo, fijate, recién llegado fui parar a una Iglesia; fijate, a los 15 días (...)  
Yo con Brasil no tenemos nada de quejas."

O que se depreende destes importantes depoimentos é, entre outras coisas, a ligação afetiva que é construída com o local onde se mora. Florencia nos relata que SP lhe pareceu uma cidade horrerosa, por todos os problemas e dificuldades que aqui são vividos; no entanto, conseguiu junto a seu companheiro encontrar, amar e se ligar profundamente com uma região de São Paulo, Vila Madalena. Nesta, conseguiu trabalhar, viver sua vida cotidiana e suas relações de amizade, desfrutar o novo. Eles não apenas encontraram um local físico para viver como conseguiram construir uma visibilidade social no bairro. Ou seja, ser alguém, ser notado; não é um qualquer, é "Don Mario". A importância desta visibilidade social, de 'pertencer' fica ainda mais ressaltada quando Mario relata sua volta à Argentina, a Buenos Aires, onde não encontra ninguém conhecido, e volta a ser estrangeiro lá na sua terra. Talvez o mais notável seja o processo de reconciliação não apenas restrito ao nível do discurso verbal, mas também no seu comportamento que construíram tanto em relação à Argentina e ao Brasil, mesmo após muitas dificuldades, na saída traumática (Mario foi seqüestrado, torturado e exilado político e Florencia foi para o Peru porque o pai também sofreu perseguição política). Num determinado momento do longo depoimento, Florencia fala: "Para mi el Brasil es totalmente diferente. Hice algunas relaciones muy lindas. Estoy acá y quiero aprovechar todas las cosas lindas de acá."

Até agora nos restringimos às relações destes estrangeiros com os brasileiros; nos parece que discutir a questão das relações de sociabilidade nesta esfera e constatar as dificuldades é ainda muito pouco para entender esta problemática. Por isso mergulharemos neste instante nos relacionamentos com seus compatriotas ou conterrâneos para ter uma outra perspectiva que possibilite uma análise mais adequada, particularmente porque também nos mostra as dificuldades, tensões, preconceitos com os próprios conterrâneos. Talvez uma expressão feliz, pelo fato de ser muito sintética, é a que Pablo expressou: "Muchas cosas de Chile no me gusta, não faço questão de relacionar-me com chilenos, pois a nacionalidade não quer dizer nada".

Porém ainda é um depoimento insuficiente para captar a complexidade desta questão; utilizaremos, então, o discurso de Janny ao refletir sobre os chilenos. Ela nos diz:

## ¿COMO VES LOS CHILENOS? (Pesquisadora)

JANNY (chilena)

"Yo, en general; encuentro que los chilenos somos muy cerrados. Antes de conocer Brasil, yo consideraba, por ejemplo, que los chilenos eramos hospitalarios, eramos condescendientes con los extranjeros. Consideraba que..., bueno, me creia eso, que decian que los chilenos tratan bien a la gente que viene de afuera. Pero ahora comparandolo con los brasileros y gente que viene de afuera, personas de otras nacionalidades que han sido muy buenas conmigo, yo encuentro que somos muy cerrados, en general .

Ahora, aqui en Brasil yo he visto las dos cosas. Hay unos chilenos que son abiertos con los demás chilenos, y he encontrado muchos chilenos que son muy cerrados. Que tienen desconfianza de las personas, que siempre estan querendo ver más allá de que una persona le esta proponiendo. Muchas veces ya analizando más las palabras.

Tanto fuera como dentro somos muy cerrados, muy desconfiados, no somos abiertos. Por ejemplo, yo chegue al Brasil y muchas personas, brasileras, me ofrecieron sus casas; sin saber lo que yo era o no era. En cambio, en Chile, es difícil. No sé si yo fuera extranjera en Chile, no sé como me tratarian.

Yo me acuerdo de haber conocidos extranjeros en Chile y mi actitud no era así. De invitarlo a mi casa, de tratar de ayudarlo. No era una actitud de buen vecino. Ahora yo he cambiado. Ahora cuando viaje a Chile de onibus conocí unos brasileros y los invita a mi casa, sin saber quienes eran, lo que hacian.

Fue como devolver la mano.

Somos cerrados, desconfiados. Yo que... que es de nuestra idiosincrasia. El chileno siempre esta viendo otra cosa; es más quisquilloso, no somos muy abiertos. Pero cuando haces una amistad, los que estan dentro de Chile, se conserva. Les cuesta abrirse, amistad duradora.

Los chilenos en el Brasil hay una diferencia bien grande con los de Chile. Además de continuar sendo fechado, yo pienso que ellos... el ser desconfiado se vuelven demasiado individualista, no toman ninguna cosa serio; creo que por el hecho de estar en Brasil y la sociedad brasileña ser más liberal que la chilena; ellos tienen licencia para hacer cualquier cosa. Pasan a ser demasiados liberales. Yo creo que no es ser liberal, es no respetar los sentimientos de las otras personas. A no tomar en cuenta en una relación a la otra persona con la cual ellos se están relacionando, a tomar en cuenta; nada que ver con pololeo. (NAMORO)

Bueno, los contacto con los chilenos son del grupo. No toman mucho en cuenta a los brasileros. Ellos, en su relacionamento con los brasileros

son totalmente livianos; porque, yo no sé.

Chileno e chilena, no toman las cosas bien en serio como en Chile. Para ellos todo es una cosa pasajera. Que todo tiene que durar de aquí a dos años. Lo que va a durar el mestrado.

Después ya no hay compromiso de amistad. Se vuelven demasiado superficiales, yo no sé que diablos se pasa, porque, como se destabilizan. Es así como una etapa, parece que es un parentesis en la vida de ellos y pueden hacer cualquier cosa. No sé.

De los amigos que yo tenía cuando llegue acá, son 2 matrimonios, están separando y son por esas cosas. Cuando los conocí, yo pense que eran parejas ideales. Yo fui en diciembre; cuando llegue, en marzo, ya estaban separados.

Pasan a tomar las cosas demasiado liviana.

Y los chilenos que viven una vida prolongada, que trabajan, las personas que ya trabajan, la desconfianza se agudiza aún más, son más individualistas y desconfiadas. Piensan que tú te acercas a donde ellos porque tú le vas a pedir ayuda o quieres algo de ellos. Entonces, ellos te ponen un pared, haciendo notar diferencias, hasta diferencias sociales entre tú e ellos. Ellos tienen cierta posición que los hacen estar por encima tuyo y no podría haber un cierto tipo de amistad."

¡QUE LOCURA! ESO YA LO HE SENTIDO. (Pesquisadora)

"Se vuelven..., tienen miedo que los chilenos les vayan a pedir algún favor, que tengan algún interés. No se que otra cosa podría ser. Te rechazan. Y que se vuelven más fechadas para los chilenos. Tienen un cierto número de amistades y no les interesa relacionarse con sus compatriotas. Ellos solo utilizan, en el caso del Comité, los profesores (no son todas, un profesor) que era presidente. Él solo aparece cuando el Comité va dar una conferencia, o cuando el Comité va aparecer publicamente. Pero en las reuniones, o cuando hay que hacer carteles, no esta ni ahí. Mas cuando se va hacer una cosa pública y va aparecer en la prensa, él aparece como una de las cabezas, digamos, ¿ya? En otras palabras, un terrible oportunista de mierda.

Y eso también me esta haciendo formar una mala imagen de los socialistas; yo he conocido mucha gente que tubo que salir del país por problemas, por ser partidario del gobierno de Allende, y que se dicen ser socialistas y de eso no tienen nada, porque ellos... no sé lo que para ellos será el socialismo. Ellos no conviven con personas que ellos consideran que estan en un nivel social más bajo; el caso deste profesor y de otros profesores que yo he conocido. Ellos son socialistas solo en el momento que hay que decirse socialista, de cantar el himno.



Ellos hacen un buen discurso, pero la práctica.

Y he conocido algunos chilenos abiertos, pero son los menos. Que quieren conversar contigo, que quieren conocerte, que son amables. Pero son los menos. Pero una característica de los chilenos en Chile y el Brasil es que somos muy desconfiados. No sé si es producto del tipo del regimen; porque no podemos hablar en cualquier mesa de la opción política que tenemos, por ejemplo. Uno tiene que cuidarse, de hablar con cuidado en Chile, a menos que estuvieras en un ambiente que conocías muy bien a las personas. Son muy poca las personas valientes que van en una micro y se ponen hablar contra cualquier paco o con otra persona prepotente que es del gobierno. La mayoría se queda callado y no hace ningún comentario por la represión que había en Chile, que hay en Chile. No sé si es producto de mi generación o es de años anteriores. No sé. Puede ser que sea producto del regimen militar o que los chilenos siempre hayan sido así.

Esa es una explicación que yo me doy a la desconfianza de nosotros.

Somos bien 'huenos' para las fiestas. (RISOS) Nos gustan bastante las fiestas, ahí somos todos amigos. Nos gusta reunirnos, bailar, conversar. También encuentro que los chilenos tanto fuera como dentro son trabajadores, al mismo tiempo que son cerrados, he...e...e... son muy trabajadores, responsables. Por ejemplo, yo noto la diferencia entré, no sé si yo diría que los brasileros son irresponsables, yo diría que ellos tienen otro ritmo, diferente del nosotros; porque los chilenos tienen que presentar un trabajo, tienen que hacer algo y lo presentan en la fecha. No ven la posibilidad que lo podrían entregar despues de 2 semanas y nadie va hablar. Pero ellos son..., yo encuentro bien responsables y trabajadores, y es una cosa que yo creo les ha dado suerte para los que entran trabajando. Han ido ascendiendo en el trabajo; hay muchos chilenos que chegan sin profesión y estan ocupando cargos importantes. Pienso que eso puede, o con un ritmo distinto de trabajo que se tiene aquí en el Brasil."

Tanto o depoimento de Janny quanto o depoimento de Miguel, anteriormente mencionado, enfatizam o quanto os brasileiros foram solidários com eles, generosos, como os ajudaram; e contrastaram com o comportamento absolutamente inverso dos chilenos no Brasil, com os quais se relacionaram: desconfiados, indiferentes, "sugadores", nada solidários. Também temos as diferenças que Janny estabelece entre o comportamento e os discursos dos chilenos que estão estudando e ficarão por 2 anos e aqueles chilenos que trabalham e moram definitivamente aqui. Os primeiros não se envolvem com os brasileiros: "no le dan bola". E os segundos, os que trabalham, seriam os mais desconfiados com os chilenos e mais seletivos ainda nas suas relações. Claramente ela descreve o comportamento e discursos dos chilenos do Comitê e os desencantos que ela sofreu, em particular com os chilenos socialistas. Mas ela ressalta outros atributos positivos dos chilenos em geral: "trabalhadores, responsáveis, bueno pa' las festas".

Utilizamos estes depoimentos de chilenos para descrever suas relações com os conterrâneos porque foram eles que realizaram os discursos mais prolongados sobre esta dimensão conflitiva de relacionamento e também porque são os que mostraram mais claramente as dificuldades, tensões, conflitos, preconceitos etc., tanto a nível do discurso quanto a nível do comportamento entre eles.

Entretanto, os outros chilenos, uruguaios e argentinos também manifestaram vários estereótipos, imagens, visões sobre seus conterrâneos, porém de uma forma mais sucinta; são frases, e não discursos, o que elaboraram. Estamos aqui lidando no terreno das visões de mundo,<sup>8</sup> muito densas, complexas, contraditórias e heterogêneas. Mas também estamos lidando com estereótipos, preconceitos que operam muitas vezes como um recalque e talvez até um empecilho para tentar relacionar-se com os OUTROS.

Porém, antes de entrarmos especificamente no campo de suas visões de mundo de seus contarrâneos, vamos apresentar um outro discurso, o de Hairo, que nos remete a um comportamento e discurso, no mínimo, preconceituoso e absurdamente generalizante ao reproduzir a visão que, segundo ele, os europeus têm de algumas nacionalidades latino-americanas. Ele nos conta:

HAIRO (chileno, 34 anos, músico)

"Bueno, hay un dicho en la Europa que es bien real y bien cierto, que dice, ¿no?: 'Cuidate de la mujer chilena, ¿no?, de la policia boliviana, del hombre peruano y del putero del Brasil'." (RISOS)

ESQ DE LA MUJER CHILENA, ¿PORQUE? (Pesquisadora)

"Porque se sabe que es brava, ¿no? Dentro del contexto de mujer latinoamericano y europeo (RISOS). La mujer chilena es de por sí machista. Tiene la construcción de que el hombre es de ella y permite que el hombre haga un montón de cosas que aquí no se permiten, y es brava.

Y el hombre peruano porque es considerado dentro de la America Latina de los más ladrón. Y la policia boliviana porque... por la maconha. Y el Brasil porque es el putero más grande del mundo. En Europa, cuando vas a viajar, te dicen eso."

¿EN UNA AGENCIA DE VIAJE? (Pesquisadora)

"Cualquier persona te dice eso."

¿UNA VISIÓN DE ESTEREOTIPOS? (Pesquisadora)

"Y claro, porque que se conoce del Brasil: un país alegre, caliente, que vive en base al carnaval, al futbol, a la cachaça, ¿no? Y las mujeres, las mulatas. Se conocen en todo el mundo. Obvio que tuvo 20 años de dictadura, que tiene una serie de problemas, que es un país muy grande, no tiene una concientización política porque no le conviene a nadie que el pueblo tenga un nivel político alto. Por el contrario, más vale que sean... Que es una imagen autode-terminada para que el Brasil sea un país consumista, ao estilo de los norteamericanos."

Ao colocarmos este discurso quisemos contrapor uma outra dimensão, para notar que este tipo de construção

estereotipada não é algo apenas restrito ao caso destes estrangeiros latino-americanos. Podemos imaginar o caso de um turista europeu que tenha tido em sua viagem alguma situação desagradável em algum país da América Latina; provavelmente, ele pode relevar apenas este aspecto e dar uma visão esquálida do país visitado a um outro interlocutor europeu e daí semear este tipo de discurso.

Caso retomemos e analisemos mais detidamente os discursos de Janny e Miguel, verificaremos a elaboração de uma clara distinção entre os chilenos de lá, do Chile, e os chilenos de cá, os que vivem no Brasil. Porém, argentinos e uruguaios também elaboraram visões de mundo que estão circunscritas e referindo-se a seus conterrâneos de lá, de seus países de origem.

Temos nestas representações várias contradições e muitas generalizações que serão oportunamente discutidas. Para isso realizaremos um "ordenamento classificatório" sobre as visões de mundo expressadas, em particular ao nível das frases que foram sendo emitidas por eles em diversos momentos dos depoimentos. Neste ordenamento das visões de mundo que os chilenos, uruguaios e argentinos têm sobre si mesmos, levaremos em consideração todos os depoimentos, não-individualizados.

Todavia, antes nos parece essencial realizar um importante esclarecimento. Estas visões de mundo que estão sendo apresentadas foram construídas após a vivência de alguns anos como estrangeiros e tendo viajado a seus países de origem em caráter de visitantes, ou seja, temos um processo, um momento histórico que devemos considerar nestas construções de visão de mundo. É por que é importante este esclarecimento? Porque ocorre que no início da vivência enquanto estrangeiro a imagem que a grande maioria deles tem sobre seus países é do tipo: Gloriosa e heróica. "Somos um país ótimo, somos incríveis, os melhores, os mais educados, os mais inteligentes, os mais avançados, os mais solidários". É a exaltação amplificada das nossas qualidades que são ensinadas através de uma eficiente ideologia nacionalista que nos molda e que opera nestes países. Ou melhor, são idéias, conceitos, visões que fazem parte de nosso imaginário nacional, nossos mitos, onde se sedimentaram e funcionam como um elo e que abrangem diversas esferas, desde

alusões em relação à beleza das mulheres, paisagens, elegância ou ao louvor dos alimentos, das reservas minerais etc. Então, são correntes afirmações como:

"Hã, ¡las mujeres chilenas son las más bonitas!; ¡el vino chileno es el mejor!; ¡somos los gentlemen de América!; Y la montaña, ¡linda!, y el mar, ¡interminable!". Ou os uruguaiois afirmando: "¡Somos a Suíça da América!; ¡Somos muy cultos!". Ou os portenhos de Buenos Aires: "¡Tuvimos una Paris aquí en América Latina!; o churrasco argentino, ché, no se compara con nada no mundo!" Ou todos reproduzindo: "Somos muy ricos en recursos naturales, ¡recursos inesgotables!; nossas comidas são as melhores!; e a nossa música, nem se fala, somos fantásticos!"

É claro que este tipo de visão é pacientemente ensinada. Era comum e obrigatório (refiro-me ao passado, porque esta pesquisadora há quase 10 anos não mora mais em seu país de origem) nas escolas de 1ª e 2ª graus, no Chile, todas às segundas-feiras, o hasteamento da "sagrada" bandeira, a formação no pátio de todas as turmas (vestindo o uniforme escolar obrigatório a todos e idêntico) para cantar o hino nacional\* e aprender o significado das cores da bandeira. Este ato de "patriotismo" era repetido incansavelmente anos a fio. Conversando com estes estrangeiros e outros latino-americanos descobrimos que eles também foram submetidos a este "adestramento cívico-patriótico". Por isso, conhecer alguns trechos e expressões presentes nos versos destes hinos nacionais é revelador desses sentimentos:

#### 1) HINO CHILENO (1909)

"Chile (...) siempre noble, constante, valiente (...)  
 (...) del vasallo borramos la afrenta (...)  
 (...) Puro, Chile, es tu cielo azulado (...) es la  
 copia feliz del Edén (...)  
 (...) esas flores (...) Majestuosa (...) montaña (...)"

#### 2) HINO ARGENTINO (1813)

"Coronados de gloria vivamos  
 O juremos con gloria morir  
 ---o---  
 Se levanta a la faz de la tierra  
 Una nueva y gloriosa nación  
 ---o---"

\*. É bom também contar que nas festas cívicas e outras datas comemorativas é hasteada a bandeira nacional nas casas de todos os cidadãos; isso ocorre particularmente no Chile.

De los nuevos campeones los rostros  
Marte mismo parece animar

--o--

El valiente argentino a las armas  
Corre ardiendo con brio y valor,

--o--

La victoria al guerrero argentino  
Con sus alas brillantes cubrió,

### 3) HINO URUGUAIO (1845)

¡Orientales, la Patria o la tumba!  
¡Libertad, o con gloria morir!

--o--

La Amazona soberbia del Sud,

--o--

Ni enemigos le humillan la frente,  
Ni opresores le imponen el pie;

--o--

La grandeza del pueblo Oriental,

--o--

Del Olimpo la bóveda augusta  
Resplandece, y un ser divinal  
Con estrellas escribe en los cielos  
¡Dulce Patria tu nombre inmortal!

Não vem ao caso fazer uma análise demorada das letras dos hinos, porém é necessário ressaltar como eles nos remetem a uma espécie de exaltação das nossas qualidades nacionais. Somos: heróicos, destemidos, lutadores incansáveis, lutamos pela liberdade até a morte e somos bem sucedidos. Temos uma pátria doce, bela, nobre. Estes hinos foram criados numa época em que se exaltavam as lutas e as guerras contra as coroas espanhola, portuguesa e inglesa e, ainda, a luta pela independência (é bom relembrar as proclamações das Independências destes países: Argentina (1816), Chile (1818), Uruguai (1828)).

Mas, retomando a idéia de que morando no país existe um tipo de imagem, uma construção de significados, de mitos, posteriormente estes são modificados após a vivência de estrangeiro. Temos o depoimento de Gabi, chilena, e o de Juancito de la Ribera, argentino, sobre essa mudança de pensamento, de percepção respeito de seus conterrâneos. Gabi nos diz:

"Tuve la idea de que Chile era el mejor país del mundo, el más educado, los chilenos más inteligentes, ¿ves tú? Son ideas que ya se fueron por tierra, ¿ves tú? O sea los países tienen su..., como te dijiera, su orgullo nacional pensando que son los mejores.

Todos los países tienen algo bueno.

Ahora que estoy aquí me doy cuenta que el chileno es triste, es pesimista, humm..., sobre todo en la parte sur, es pesimista. Me da la impresión que por el clima, porque, imagínate, es dureza vivir 9 meses de frío, de lluvia, trancado en casa. Entonces, eso era lo que me enseñaron, que el chileno era lo mejor, era alegre, inteligente, era... el inglés de América, ¿ves tú?

Amargados, pesimistas, ¿no? No son ningún inglés de América, ¡son groseros! (SILENCIO) No he ido últimamente a Chile. Te hablan a la punta de garabatos y lo hacen sin que a nadie los choque, se hizo una cosa normal.

Entonces tú llegas aquí y ves los programas de televisión y ves a la gente y tu ves que tienen una cara de indio que no la pueden mentir." (ELA AQUI ESTÁ REFERINDO-SE AOS CHILENOS)

E Juancito de la Ribera nos conta o seguinte na sua experiência de retorno como visitante à Argentina, especificamente a Buenos Aires:

"Por ejemplo, me sorprendí volver a Buenos Aires, me sorprendí mucho, y de repente descubrir cosas que yo ni me acordaba. Una de esas, yo te decía el otro día, las mujeres están todas bien vestidas, son todas lindas, van empilchadas, de punta en blanco. Pero otra, por ejemplo, es el autoritarismo. En Buenos Aires creo que, he... e..., dentro de cada persona, ¿este? habita un general en potencia. (RISOS) Desde el ascensorista de cualquier edificio hasta el portero de cualquier edificio, hasta el colectivero de cualquier colectivo. Es algo así, como un general en potencia, que el colectivero es el general de su colectivo, el ascensorista el general de su ascensor. Entonces te manda, te ordena, se corre por aquí, se pone por allá. Que esta, que el otro. ¿No le estoy diciendo? Y te tratan mal (RISOS). Y vos descubriste eso después

de mucho tiempo de no estar allí. Entonces, te sorprende, ¿no? Por ejemplo, una de las últimas veces estaba en Buenos Aires y llame para Aerolíneas Argentinas para confirmar un pasaje. E..., e..., digo:

- 'Buenos días, señorita, mire yo para confirmar un pasaje.'

- (Telefono) Perdón. Aerolíneas Argentinas.

- 'Buenos días, señorita'

- Si, señor.

- 'Señorita, para confirmar un pasaje para São Paulo, Brasil.'

- Eso es con reserva, señor.

- 'Bueno, me pasa con reserva, por favor.'

- Si, señor.

- Aerolíneas Argentina.

- 'Señorita para un pasaje para reservar, para confirmar un pasaje.'

- Eso no es reserva, señor; eso es confirmación, señor.

- 'Bueno, me pasa con confirmación.' (Eso ya era la tercera)

- Aerolíneas Argentinas.

- 'Buenos días, señorita.'

- Si, señor.

- Y ahí ya me canse.

- 'Buenos días, señorita.'

- Si, señor.

- 'Buenos días, señorita.'

- Si, señor.

(RISOS)

- 'Señorita, si yo estoy a usted diciendo, soy educado y tengo la gentileza de decirle Buenos Días cuando usted tendría que haberme dicho Buenos Días, atendiendo el telefono. Pero vamos a ponernos en el otro lado. Yo soy gentil. Buenos Días. Me hace el favor de decirme Buenos Días. (RISOS) ¿Entendes?, ¿viste?

Pero ella no tomaba conciencia. Yo le decía:

'Buenos días', ella se creía que no escuchaba.

- Si, señor, si, señor. - Cada vez más fuerte, ¿este?, y se quedo así como paralizada, como diciendo: 'pero este loco, ¿que tiene que viene a decir Buenos días?'

¿Este?, el autoritarismo. Todos son autoritarios. Vos entras a un edificio en Buenos Aires, esta el portero ahí parado, te mira: '¿donde va?' (RISOS).

- Como '¿donde va?', ¿usted quien es, señor?

- 'Yo soy el portero'.

- Ah, bueno, entonces, primero, por favor, se identifica; me dice 'Buenos días, señor. Yo soy el portero de este edificio. Me gustaria que el señor me informase adonde va'. Ese es el tratamiento con corrección.

Y todos los día una lucha en Buenos Aires. Claro,



porque ya me desacostumbre a ese trato que antes era cotidiano. Vos entrabas al predio y te decia:

-¿Adonde va?

- 'Al quinto 8'.

¿Entiendes? Entonces, esta ese tipo de vínculo que lo acepta, lo toma como lo normal, lo cotidiano; entonces, ¿este?, si el colectivero es grosero con los colectiveros, y la telefonista es grosera con las telefonistas, osea, hay una cotidianidad de lo grosero, ¿cierto?, ¿entiendes? Esa es la cosa que de repente vos de lejos comenzas a ver que es diferente."

Ambos depoimentos nos remetem claramente ao exercício analítico da comparação e do contraste, da perplexidade e da rejeição, das idas e vindas. Entre o aqui e o lá. Complementaremos esses dois discursos com as imagens e visões que estes estrangeiros (argentinos, chilenos e uruguaios) têm de seus conterrâneos. Estas imagens serão apresentadas de uma forma esquematizada, onde foi realizado um recorte e uma distinção entre os atributos positivos e negativos por eles outorgados. Vejamos através da taxionomia onde certos caracteres nacionais são utilizados diferenciando os compatriotas de lá e os de cá. Acompanhemos, então, como os argentinos de cá olham os argentinos de lá:

Como os argentinos de cá olham os argentinos de lá

ATRIBUTOS POSITIVOS

- Comunicativos.
- Las mujeres estan siempre lindas, muy bien vestidas, ampilchadas de punta en blanco.
- La alegria de que nadie esta diferente de quien es. Ellos me reconocen y yo los reconozco a ellos. (REFERE-SE AOS AMIGOS)
- De una conciencia política.
- Me gusta eso de la elegancia, de la combinación.
- Tenemos fama de muy politizados y al argentino le gusta.
- Somos muy puntuales.

OUTROS

- Se confunde la Argentina con el putero. La verdadera es que dentro de la misma Argentina hay un malestar con ellos.
- Antigringos.
- Tiene falta de cordialidad aparente.
- Parecen más serios, ordenados, pero las jodas duran hasta las altas horas de la mañana.
- Hay una cotidianeidad de lo grosero.
- Educación más formal.
- Los argentinos te duermen la siesta. Es la institución nacional. No vayas a llegar a ningún lado porque te matan (12 hasta las 3 de la tarde ±)

PAÍS

- Allá las cosas son más ordenadas, más estructuradas.
- Allá no puedes salir con las piernas peludas que es un horror, acá, sí, (em relação às mulheres)
- Es un país privilegiado en muchos aspectos. Esta lleno de poesia, teatro gratis, curso de pintura. Se reunen a estudiar. Cosas "piolas", gratis.

ATRIBUTOS NEGATIVOS

- Formais.
- Medio nostálgicos.
- De mentalidad muy especulativa.
- Melancólicos
- Me parecen agresivos, me parecen petulantes, no saben hablar.
- En Buenos Aires creo que dentro de cada persona habita un general en potencia, son muy autoritarios. Te mandan, te ordenan: "ponete aquí, ponete allá". No le estoy diciendo, te tratan mal.
- Groseros
- Me canso de lo caóticos que son.
- Delirados, nostálgicos, melancólicos.
- Los milicos me rompen las pelotas.
- A veces estan tan preocupados con la apariencia, que falta libertad.
- A veces nosotros somos muy arrebatados, hasta fascistóides, ingenuamente.
- Somos muy explícitos.
- Somos demasiado sentimentales.
- Estamos más pesimista, más desinteresados de las cosas globales, colectivas.
- Individualistas, salvensen quien pueda.
- Es engraido el porteño, no el argentino del interior.
- Escala de valores más rígidas.

E de como os chilenos de cá olham os chilenos de lá.

COMO OS CHILENOS OLHAM OS CHILENOSNO CHILEATRIBUTOS NEGATIVOS

- Formais.
- Fachados.
- Personas tristes hasta el las vestimentas (grises).
- "Quisquilloso".
- Somos hipócritas, rebuscados, más tapados.
- Fofuqueros.
- Pueblo sin alegría.
- Pesimistas.
- Desconfiados.
- Amargado.
- Enmarcados en ciertas casillas.
- Siempre le busca el lado para quejarse.
- Está mal con la vida.
- Poco expresivos, cinzas, tristes, reprimidos.
- Descontentos.
- Problemático.
- El chileno es muy caipira al lado de un portañeo.
- Pacatos, obsoletos en una serie de cosas.
- Tiene vergonha de falar em público.
- Vergonha com a origem.
- Tienen una cara de indio que no se la pueden.
- Todo mundo quietito en sus casas.
- Las mujeres son todas unes frías.
- La mujer chilena, de por sí, es machista.
- Las mujeres me parecieron fúnebres hasta en el maquillajo, las pinturas oscuras.
- Laços familiares muy estrechos, una cosa brutal, que te envuelve, que te amarra; hay que dar satisfacción a todo momento.
- Reprimidos, siempre pidiendo perdón, por favor, muchas gracias.
- El chileno es triste, pesimista, amargado, grosero, te hablan a punta de garabatos.
- Son muy serios.

ATRIBUTOS POSITIVOS

- Todo el mundo participava (antes del golpe).
- Hospitaleiros, acogedores.
- Fazem amizades duradoras.
- La mujer chilena, se tiene que reclamar, sale, va a la calle.

OUTRA VISÃO

- Personas que están pasando una experiencia muy dura y triste.
- El chileno... lo veo como una persona muy sufrida.

NO BRASILATRIBUTOS NEGATIVOS

- Aproveitadoras.
- Sugadores.
- Nada solidários.
- Fachados.
- Desconfiados.
- Muito soléticos, em suas amizades.
- Individualistas.
- Não tomam nada em sério.
- Demasiado liberais.
- Pouco sérios.
- Se isolam, não se relacionam com brasileiros.
- Se desestabilizam.
- Somenta pensan en juntar "plata" (dinheiro)
- No se aclimata a ningún lugar y continúa en guetos.
- Fofuqueros.
- Tem vergonha com a origem.
- Estan perdidos, aislados.
- Tienen una visión acrítica.

ATRIBUTOS POSITIVOS

- Trabalhadores, responsáveis, "bons" pa' las fiestas.
- Algunos son abiertos, solidarios.

E, finalmente, de como os uruguaiois de cá olham os uruguaiois de lá.

OUTRA VISÃO

- Tienen muchas cosas buenas.
- Teníamos una visión mítica de gente solidaria, nuestra gente la mejor del mundo. Después me di cuenta que no.

ATRIBUTOS NEGATIVOS

- Sociedad muy castradora.
- La idiosincrasia de los uruguayos, que son los mejores.
- Pesimismo.
- Una forma de ser demasiado cargada, de principios, de valores morales.
- Viven una situación, así, de competición brutal entre las personas, un ambiente muy jodido.
- La formalidad en el vestirse, esos grises y marrones.
- Somos medios provincianos.
- Tenemos el complejo del "petiso", del país chico, un poco engraidos. En general los uruguayos miran por arriba del hombro a todo el mundo.
- Los funcionarios públicos são muito más agresivos, malhumorados.
- Más énfasis na amargura.
- Lugar de viejos.
- Cerrados.

Estas frases-discursos nos remetem, primeiramente, a um esclarecimento necessário. Estas visões estão referindo-se ao que eles (chilenos, argentinos e uruguaios) pensam de seus conterrâneos após viver vários anos no estrangeiro.

É pertinente conhecer alguns dados que nos mostram o número de anos que eles têm permanecido na condição de estrangeiros. E este número oscila entre 19 e 2 anos. Acompanhemos a seguinte tabela:

NÚMERO de ANOS	CASOS
19	1
16	7
15	1
14	2
13	3
12	3
11	2
10	4
09	3
06	4
04	1
02	1
TOTAL	32

Podemos claramente perceber que a maioria (7 casos) tem permanecido como estrangeira por 16 anos. Para 10 e 6 anos temos 4 casos. Este universo (15 casos) representa 46,9% do total de nosso grupo pesquisado.



Nos casos específicos, como o dos exilados e o dos refugiados políticos, a primeira reação ao contato com conterrâneos foi a de evitá-los. Florencia falou de seus conterrâneos argentinos: "Nosotros no les dabamos bola a ningún argentino". Evidentemente, o medo, o instinto de conservação e o medo da perseguição foram sentimentos sempre presentes no início desta experiência.

No entanto, após alguns anos foram construindo-se visões, imagens, opiniões, idéias sobre seus conterrâneos, com as quais nos deparamos agora. Quando fomos recolhendo isoladamente os depoimentos não conseguimos visualizar as recorrências e as condições, nem ter uma visão explicativa ou interpretativa; entretanto, ao resumir todas essas frases, esses fragmentos, surgiram várias questões e até certa totalidade e algumas recorrências.

Aprendemos que: o que é dito, o como é dito, a quem é dito, e onde é dito deve ser considerado; aliás é fundamental para compreendermos como os discursos são elaborados. Foi por isso que nos perguntamos pelo tipo de intimidade, de ligação que foi estabelecida entre esta pesquisadora e seus pesquisandos para que estes enunciassem determinadas visões e posições. Estas seriam diferentes caso a pesquisadora fosse brasileira? Por que eles imprimiam em suas palavras tanta ênfase, tanta eloquência, tanta reiteração? Será que os chilenos teriam respondido da mesma forma se a pesquisadora fosse de outra nacionalidade? Ou no caso dos argentinos ou uruguaios, quais seriam seus discursos se a pesquisadora tivesse a mesma nacionalidade deles? Por isso, não seria importante levar em consideração quem é o interlocutor deles?

Nos parece que a resposta é afirmativa. Todavia, mesmo com essas inquietações, algo é claramente revelador: inequivocamente estas frases-discursos são plenas de um valor eminentemente negativo, envolvem um grande menosprezo ao falar de seus conterrâneos e uma grande eloquência; particularmente as expressões faciais e o tom de voz demonstrado ao falar sobre seus conterrâneos também foram significativos: rostos sérios, tom de voz forte, postura tensa e certo nervosismo se misturavam.

Esse painel, esse mosaico, de certa forma é indicativo da construção de uma auto-imagem (mesmo quando se excluem, pois eram os "outros", "eles"), de um modo de pensar e construir estereótipos, ou também de refletir o que somos, ou certa forma de ser.

Então, vamos escutar essas vozes.

Numa primeira análise geral, nos deparamos com o fato de que se usarmos apenas o critério quantitativo não haverá dúvidas, pois o que é mais preponderante são os atributos negativos adjudicados aos compatriotas. Porém, se olharmos para o conjunto dos discursos, será a partir do critério dos significados e sentidos atribuídos que perceberemos existir peculiar consenso entre os chilenos, argentinos e uruguaios; qual seja a elaboração de um discurso da rejeição a uma forma de ser: "eles", os de lá, são: formais, amargurados, tristes, depressivos, cinzentos, melancólicos, pessimistas, fechados, nostálgicos, provincianos etc.

Por outro lado, houve nuances e algumas ênfases particulares. Entre os estrangeiros argentinos, mesmo sendo portenhos, fizeram referências aos "porteños" de lá (os de Buenos Aires), eles seriam: grosseiros, agressivos, petulantes, "engraçados"; e os argentinos "de lá", em geral, seriam: autoritários, de mentalidade especulativo-financeira, individualistas etc. Estas características seriam conseqüências do período autoritário vivido na Argentina.

Os chilenos marcaram outras especificidades de caráter mais geral. Segundo eles, seriam: fofoqueiros, "quisquilhosos", desconfiados, reprimidos, sempre pedindo desculpas. No entanto, eles se referiram a 4 âmbitos bem específicos: 1º) o étnico - o chileno teria uma "cara de índio inegável", o que evidencia vergonha com sua origem étnica; 2º) a família - estes laços seriam demasiado estreitos a ponto de asfixiar seus membros, a partir do momento que existe muito controle e muita cobrança; 3º) a mulher - seria "machista", "todas umas frígidas" (afirmação de uma mulher), seriam fúnebres na forma de vestir-se e no tipo de maquilagem (cores escuras). Todavia, ela também seria lutadora pois, caso "tenha que reclamar, sai para a rua"; 4º) as amizades seriam duradouras.

Outras visões do tipo explicativa abordam o lado doloroso e duro dos últimos acontecimentos históricos vividos, por isso o chileno seria uma pessoa muito sofrida.

Esses chilenos estrangeiros foram os únicos que realizaram essa diferenciação entre os chilenos "de lá" (do Chile) e os chilenos "de cá", no Brasil.

Os estrangeiros uruguaios enfatizaram seus discursos captando uma suposta "idiosincrasia", a idéia de "sermos os melhores"; e por isso eles olhariam com desdém os outros. Não podemos nos esquecer que por muito tempo existiu o mito da "Suíça da América" no Uruguai. Mas outras ênfases foram enunciadas: o país é de velhos e os funcionários públicos são muito agressivos e mal-humorados.

Os atributos positivos não somente são escassos como sucintos. Os uruguaios entrevistados quase não os expressam, e quando o fazem é de forma muito vaga. O Uruguai teria muitas coisas boas, porém não falam quais seriam estas coisas, ou um outro discurso que se refere ao passado, a seus mitos (gente solidária, a melhor do mundo). Os chilenos falam que são acolhedores, hospitaleiros, que fazem amizades duradouras. E os argentinos: muita consciência política, pontuais, comunicativos e de um país de mulheres lindas, elegantes e muito bem vestidas.

Ao transcrever e analisar as falas destes estrangeiros latino-americanos sentimos perplexidades. A primeira por notarmos uma ausência: a de uma reflexão talvez mais refinada e nuancada pelo próprio fato de eles terem uma experiência de vida muito peculiar. A segunda, foi a elaboração, a assimilação, a ênfase e a incorporação de inúmeros estereótipos ao olhar e pensar esses seus conterrâneos. A presença desta altercação com seus conterrâneos é revelada nos discursos através da partícula enunciativa "eles" (os conterrâneos), o que nos mostra haver uma cisão e um abismo crescente entre aqueles que passaram pela experiência de ser estrangeiro e os que não tiveram a mesma situação a enfrentar. Ou seja, uma ruptura, uma exclusão, um corte agudo do nativo tornado estrangeiro, que agora se expõe como um ex-compatriota em relação aos seus (ex)conterrâneos. Ou seja, eles agora se enterrerrejeitam, não mais se entreamam ou se entreaceitam\*. A perda da idéia e do sentimento de pertencer.

---

(\*) Embora existam algumas opiniões que apontem ser desnecessário, no caso dos estrangeiros latino-americanos, a formação de guetos no Brasil de São Paulo, uma vez que não existiriam conflitos com os brasileiros e pelas características destes de assimilar, em geral, estrangeiros.

Na verdade, o que os nossos dados nos apontam é a existência de um sentimento de rejeição entre estes latino-americanos, e entre seus próprios conterrâneos. Não se formam guetos, colônias ou associações porque, na verdade, eles se enterrerrejeitam.

É impressionante notarmos, por outro lado, que o verbo SER, conjugado na 1ª pessoa do plural do Indicativo (SOMOS), foi usado por apenas 3 de nossos entrevistados que se colocavam como sendo pertencentes a esse universo ao referir-se aos seus compatriotas.

Curiosamente, a construção dessa "suposta forma de ser" depressivo-pessimista, quase que virando uma instituição nacional e latino-americana, não somente é algo recorrente nas falas destes estrangeiros latino-americanos pesquisados. Também está presente na literatura. Na novela "El jardín de al lado" (1981) do escritor chileno José Donoso, que se debruça sobre o tema da experiência do exílio, do desarraigo e do intelectual latino-americano na Espanha, em certa altura da novela, num diálogo entre o casal Gloria e Julio, estes se questionam sobre seu universo de relações de amizade. O diálogo é o seguinte (p. 166-167):

- ¡Por qué no podemos vivir de otra manera? - le pregunto una noche, abriendo una lata de sardinas, a Gloria, que se propone preparar una 'sallade niçoise' según la receta de una revista.

- ¿Como?

- No sé, con otra clase de latinoamericanos, no con estos latinoamericanos sórdidos, amargados, con qué vivimos...

- Porque nosotros somos sórdidos y amargados. En todo caso, te aseguro que las mujeres con que trabajo en los telares son macanudas, con fuerza, convicción, no sienten el fracaso como nosotros.

Puede ser dura, Gloria, y descarnada.

- Minelbaum no es sórdido ni fracasado... - comentario.

- No me vas a decir que los Minelbaum viven bien.

- No: Carlos da más de la mitad de lo que gana como gastroenterólogo a los comités de ayuda política.

Gloria, sarcástica, dice:

- Podríamos hacer lo mismo nosotros con nuestros ingresos para tranquilizar nuestras sucias conciencias.

- ¡Qué dura eres!

- ¿Hay razón para que no lo sea?

Lo pienso un instante y concuerdo:

- No. ¡Volvamos a Chile?

Ahora es ella quien lo piensa. Responde:

- No, Pato<sup>4</sup> no se iría.

\* (Pato é o filho deles)

E então são amargurados, frustrados, pessimistas, fracassados estes latino-americanos? Para estes estrangeiros latino-americanos, sim. Na realidade eles desenvolvem um discurso que nos remete à idéia de certas características de um certo "caráter nacional", em que "qualidades" notadamente negativas são generalizadas ao imaginar o que seriam eles. Não resta dúvida que são visões parciais, porém com ênfases generalizadas. Não podemos negar que nos preocupa este tipo de generalização que denota uma exaustão e até exasperação com seu país de origem.

Du, por outro lado, outras indagações surgem: não seria ainda uma forma de algum tipo de pculamento, tabu, região secreta, de reserva, já que esse tipo de generalização elaborada está mais inclinada para uma espécie de "tipo psicológico" ou de "traço psicológico"? Até que ponto a relação que eles têm com seus países de origem e conterrâneos é ainda uma "ferida aberta"? E, por isso, é que não falaram com maior desenvoltura?

Também não temos alusões ou nuanças históricas, sócio-econômicas, sócio-culturais ou políticas ou de outra natureza. Não há meio termo, nem especificidades, nem nuanças nas suas falas. Estamos "de cara" no campo dos estereótipos, por isso é necessário relativizar e olhar e escutar cuidadosamente essas falas e vozes, uma vez que nos perguntamos: como será que os "de lá", os que vivem no Chile, na Argentina e no Uruguai pensam a respeito de si mesmos? Qual a imagem, ou melhor, a auto-imagem que constroem de si mesmos? No mínimo teríamos um mosaico e um exercício comparativo relevante. Infelizmente não tivemos acesso a nenhuma pesquisa que trabalhasse esta dimensão. Não sabemos se tais pesquisas já foram realizadas ou não.

Importa também conhecer seus discursos a respeito da Pátria.\* A seguir, algumas representações:

### PÁTRIA

- . "Son tus raíces, onde fui criado".
- . "Yo soy obrero, y mi patria es donde esta la clase obrera".
- . Patria no tenho, el concepto de patria no existe.
- . Patria no es una bandera, ni un territorio. Sino una relación más afectiva, este, más profunda. Donde puedes desenvolver tus proyectos de vida, donde encuentra mis posibilidades.
- . Es el lugar donde crecí, donde me forme, donde me enseñó a vivir de determinada manera.
- . Patria son muchas cosas que se aman y que se rechazan.
- . La verdad es que nunca lo pensé.

Podemos perceber através desses fragmentos alguns significados diversos. Temos a ligação ao plano afetivo, geográfico (espaço-vital), histórico, e também o não-significado ou o não pertencer, a idéia de que o conceito de pátria não existiria, que não faz sentido e não tem sentido.

Todavia, podemos delinear 2 dimensões recorrentes nos discursos destes estrangeiros latino-americanos. A primeira é a idéia e o sentimento de não ter uma pátria e de não ter sentimentos patrióticos, não há um sentimento e relação de filiação, e essa idéia e sentimento são justificados de uma forma muito elaborada. Essa dimensão está presente nos discursos de Florencia (argentina) e Rolando (chileno).

---

\* A etimologia e história do termo pátria (Heimat), segundo THÜNE (1991:46): "remonta ao conceito Heim-*o*it, o lugar de refúgio, de abrigo, de morada, o lugar onde se nasce, o lugar da infância. A "vida ao abrigo" assemelha-se à "vida escondida no lugar" (heim-lich), onde se guardam segredos (Ge-heim-nisse). Isso significa que a pátria está em oposição com aquilo que é do estrangeiro (alilante, Aus-land), onde o homem sente falta desses laços. No período da Idade Média cristã o conceito "pátria" é elevado ao nível de um conceito transcendental e religioso. Entretanto, essa interpretação vai se enfraquecendo e esmaecendo aos poucos, à medida que o homem se liga cada vez mais com o mundo terreno".

## A) O discurso de Florencia

"Patria (RISOS, SILÊNCIO, PAUSA).

Mirá, yo cada vez que escucho por exemplo una música de alguna nación, de cualquier nación, me emociono. Cuando veo gente en esa feria de imigrante, que cada una tocaba y era lindo, yo me emocionaba. Me parecía lindo que cada uno tuviera un símbolo, una cosa así de identificación. Yo no me identifico, o sea, yo no siento que tenga una patria, no tengo una identidad de patria. O sea, ... Argentina me da muchas cosas, me emociono cuando..., no me emociono cuando escucho el himno, me parece una mierda, o sea, no siento emoción, porque por ahí implica otras cosas.

Me emociono cuando escucho otros himnos, otras músicas. Me emociono si, cuando escucho, este sí, música folklórica, que sé yo... tango, bolero, ... no sé, mil cosas que son..., o veo una película.

Bueno, hay una simbología, no sé, una cuestión, hoy por hoy me parece que es una cuestión afectiva. O sea la parte nacional, me parece una palabra medio vacía Patria."

## B) O discurso de Rolando (chileno)

"Patria, pa'mi, no existe. Yo no moriría nunca por la patria. Nunca, pero ni doido. Yo podría por mi viejo, por un filho, por un amigo. Ahora, por la patria es algo que no existe. Porque si yo fuera en este momento morir por la patria iría morir por la política del Pinochet; porque si se le ocurre una cagada como agarrar a los balazos con los argentinos, o a con cualquiera que se le cantó. Entonces yo acho que é una palabra muito perigosa. Patria, los caras van a morir por la patria, ¿no? Van a morir! En la Argentina había un doente mental que se llamava Galtieri, que hasta a punto de caer su gobierno, entonces se le ocurrió como salvar su gobierno. Hacer una guerra contra Inglaterra, no. Entonces, cualquier pressão con dos dedos de frente, sabía que era un absurdo, que iban a llevar balas en la cabeza, que se estaban metiendo contra una potencia mundial. Con guerreros, que son guerreros de así, de siglos, no. Entonces, ese cara, que esta haciendo una guerra en nombre de la patria, mas van a masacrar un monte de adolescentes sin armas, sin equipamentos, a lutar contra profesionales, contra el mejor armamento del mundo y contra un

imperio. Ahí, entendi lo que era el imperialismo, ahí entendi. Antes había escuchado mil veces lo que era imperialismo, nunca tenía noción. Imperialismo no es eso, que te mandan 30 mil caras arriba de portaaviones, tienen todos los satélites del mundo a favor de los. Entonces, despagava un avión en Argentina, ya tenían las fotos, el nombre, sabían los kilos, sabían hasta el mayor del cara que lo manejando los satélites, los satélites en las cosas que ellos tenían. Entonces era un imperio contra los indígenas, no, que eran los argentinos. Entonces ir a morir por la patria era conversa, era una mentira, era morir por estupidez de un filho da puta. Entonces, patria pa'mi, no existe. É una coisa muito ambigua, que se fazem muitas barbaridades en nombre dela. Morir por la patria. Esos caras van fazer una guerra, por una política, por una cosa que eles no saben resolver de otro forma; mandan millones de personas a muerte. Yo acho que patria é donde estan tus amigos, donde esta. Por ejemplo, yo acho que esta é mia patria neste momento. Eu não sou brasileiro. Entonces una coisa que passou minha mãe, no. Ela falava 'oie, por la bandera, as pessoas iban y morian por un pedaço de papel, de trapo. Que la bandera era para separar los países, no era para unir, la canción nacional era para que las pessoas cantaram todos lo mismo y se sentían en un mismo bando, y no pensaron, así libremente.

Entonces uno cantaba la canción nacional. No cantava, me recusava.

Entonces una forma de botar miles de cabezas a cantar la canción nacional, van marchando a la guerra, sintiéndose que es lo máximo. Entonces, yo no acredito en patria. Yo no moriría por una bandera, yo moriría por una causa, algo que acreditara sin lugar a dudas, no. Me podía meter al mar a salvar a un amigo que se este ahogando. Ya me metí, con el riesgo implícito de muerte. Ahora, ir a morir porque un filho da puta hizo una guerra, nunca, nunca. Si hay guerra yo soy desertor al primer día, acho un absurdo. Os caras van, morrem, ninguém esta nem ahí. Unas cosas que se le ocurrió a unos depravados que son generales, generalmente. . Entonces mandan todos los adolescentes a morir, y ellos fican tomando whisky a miles de kilómetros del lugar de la guerra. Entonces, Entonces, eu não vou a ningún.(.)

(...) Eu ya tengo muito claro que no vou a ninguna guerra a matar gente que não conhece porque un cara mandou, nunca, nunca, nunca voy a ponerme un casco para ir a matar gente que no conheço o que me matan gratuitamente porque un cara mandou, acho un absurdo eso. Qualquer pessoa que pensa dois



segundos, no se puede envolver en eso. Porque el presidente mandou, el presidente e um filho da puta que de repente ganhou a base de grande, como en la Argentina que llegaron a base de golpe, y deciden el destino de todos adolescentes. Entonces, eu, pessoalmente, não acredito en Patria. E..., e..., era canción de Manuel Serrat que dice que - Yo no me siento extranjero en ningún lugar, donde acha lumbre y vino tengo mi hogar. Es más o menos eso; e donde esta mi mujer, mis filhos, mis amigos es mi país en eso momento. Tengo claro que eu nunca vou a guerriar contra ningún otro país. Tengo muito claro eso."

Numa segunda dimensão, a pátria é vislumbrada através da história e enquanto ruptura. Os sinais e significados surgem associados a um momento específico da história desses países: os golpes militares. Temos um sentimento de constrangimento ao ser associado à nacionalidade de alguns deles o nome de um ditador desses países. Esta dimensão pode ser acompanhada a partir do diálogo entre Miguel (chileno) e a pesquisadora.

(Pesquisadora) O QUE VOCÊ ENTENDE POR PÁTRIA?,  
E QUAL É A SUA PÁTRIA?

Miguel

"Hum, (RISOS) Nossa!, en poucas palavras una violenta pergunta (RISOS).  
Si, ¿que es patria? Bueno el concepto (SILENCIO). Como te digo hasta una cierta edad, específicamente hasta el 10 de Sep. de 73, uno tenía una imagen de patria, una idea de patria, un sentido de patria, alto, como un Dios, como una cosa así; un altar. Ahí, no era el altar de la patria que es una mierda. Sino un altar donde tenía altos conceptos del patriotismo, de lo que haya sido la guerra de la Independencia, y todas esas cosas. Uno vibrava con las marchas militares, uno vibrava!, yo me sentia re-contento, si yo pudiera haber sido milico, yo había sido milico porque adorava las fuerzas armadas, porque eran heroes. Una cosa bonita, no, y eso. Yo, todo ese grupo de ideas de ver los milicos encajados y marciales y gallardos, y la historia que me contavan de Arturo Prat, que hizo un salto increíble, y hizo unos saltos heroicos; y los Carrera, Bernardo O'Higgins también por ahí metido, né? Entonces esas cosas, la tradición de la patria, democracia que salio

el Presidente, que era eleito, o que tú ibas al centro el 18 de Sep. estaba el Te-deum. Todo eso te hacia vibrar, te sentir, sentir mismo una cosa fuerte. Mas, después del 11, no es que uno se avergüenza de decir 'yo soy chileno', pero te da una cosa, né? Porque todos te dicen: Chileno, ha chileno-Pinochet. Pinochet, sujera, né? Es la forma como ya se ve un chileno. No se ve Chile como una cosa bonita, como algo puro. Se ve también que ya esta poluido, entro lá."

(Pesquisadora)

Es decir, es curioso. Yo siento la misma sensación. No es que a mi me incomode decir que yo soy chilena, no, porque no tengo ningún tipo, como se dice aqui grilo de origen, no lo escondo, ni doy a renegar, no. Yo lo asumo perfectamente, sin problemas. Y continuo cultivando una serie de cosas de allá, también unas de aquí, hay una mescla. Pero, por ejemplo, cuando tú te encuentras sea en el medio universitario, o sea, en otros medios con otra gente, con otras personas, tu dices chilena, ha, aa... Terra do Pinochet. Y es una cosa chocante, porque la identidad no es, por último, si me dijieran con un volcán, con el pacífico, con cualquier cosa, que se yo, con las manzanas, con el vino. Es una asociación tan negativa que te hacen inmediatamente...

Miguel: "Que te marcan, no. Te marcan."

(Pesquisadora)

Y es permanente. Chilena, Terra do Pinochet. Y me llaman así. Y eso lo vivo constantemente.

Miguel "A todos, yo creo que les pasa a todos. Yo creo que ahí se acaba la patria. Tu eres chileno y tu patria fue Chile antiguo, yo creo. Si te dijieran: '¿como te gustaría una patria?'. Yo creo que una va a comenzar a hablar, a interpretar lo que uno se acuerda antiguamente de lo que siento, antes del golpe. Lo que sentía cuando cabro chico. Si, mi familia era pobre, pero habían cosas, gestos, que te decían los (...). que se yo. La convivencia del barrio. Todo el mundo en el barrio donde vivíamos era empleados públicos, que se yo. Toda la gallada no

tenían plata. Vivían en casa, pero el nivel económico era bajo, entonces, todo, claro, nos juntábamos los cabros de la cuadra jugábamos a la pelota. De repente, pasaban los pacos, pero no era ese miedo. Pasaban los pacos, pero no estábamos ahí; pegábamos la pelota y nos quedábamos al lado que pasaban, y seguimos jugando a la pelota. Ahora, ¿a donde? Pá comenzar no vienen los pacos, vienen los milicos con una junta de unos 30 arriba (RISOS) de entrada.

No hay nadie en la calle, están todos escondidos en las casas (RISOS). O sea, cambio totalmente. Si a mí me dijeron '¿Como te gustaría una Patria?', lógicamente podría decir lo que yo me acuerdo hasta el día 10 de Sept., eso solo.

¿Y cual es tú patria? La existente hasta el día 10. Mi patria (SILENCIO) Quiero ver esa pregunta, analizarla antes de contestarla. Dejame arrumarla bien. ¿Qual es tú patria? (SILENCIO PROLONGADO) No tengo patria (SUSPIRA). O sea, decirme chileno es porque yo nací allá. Pero ese Chile no lo quiero. No quiero ser chileno; voy a ser chileno, claro. Y si un día cayese ese ciudadano, ahí yo volvía pá tentar levantar de nuevo esos valores morales, todas esas cosas sociales bonitas. Para de nuevo tener una Patria. Por enquanto este ese cosa ahí, yo no vuelto a mi patria. Voy a luchar para tener una Patria."

Temos 2 outras dimensões, porém são quase exceções no universo dos discursos destes estrangeiros latino-americanos.

A primeira se refere à afirmação da identidade através do referencial de ter uma nacionalidade \* específica. É valorizado o fato de ter uma história, de viver em um determinado espaço geográfico, de se ter um vínculo telúrico, orgulho de certas tradições, de afeição, de se ter um forte sentimento de pertencer, mesmo morando longe do país de origem.

---

\* Para a questão da nacionalidade, consultar: RUBEN, G. R. (1984).

O discurso de Lili (chilena) é revelador:

"Patria... yo creo que es el lugar donde, donde tú tienes raíces. El lugar donde tú te estableces y te sientes vinculado afectiva y efectivamente con ese lugar. Patria es el lugar donde, donde para mí... y donde yo nací. Y donde incorpora... y... es como la leche materna, todo lo que te pasa de tradición, de historia, lo que es de bagaje, tu mochila...

Entonces, para mí, patria es el lugar donde yo establezco mis..., mis raíces y donde prácticamente, donde nací y tuve oportunidad de hacerme a esa realidad. Yo puedo haber nacido en un lugar y no haber vivido mucho tiempo, eso no es patria. La cual, yo me hayo esa realidad y la forma parte, pertenece a esa mochila, que uno lleve símbolos, con las cosas tuyas, con tus cosas personales. Entonces, mi identidad, mi tarjeta de presentación, siempre tiene una referencia histórica y una coordenada geográfica precisa. En tal lugar al sur y de tal continente, entre el mar y la cordillera, ese es mi país, con con estas características, con esta historia, que es mía también, que no es una historia que otros hicieron, que yo la incorporo como mía, no; entonces..., es sangre y energía derramado por otros que son también familia, que son parientes, hum, hum, um poco más afiansado políticamente (RISOS).

Entonces..., eso sería patria para mí; y la otra parte era..., hum..."

(Pesquisadora) Y... Y CUÁL SERIA TUA PATRIA?

"Patria, en mi caso, siempre será Chile, aunque yo ande por ahí viajando, y penso regresar. Siempre mi patria de origen es Chile, porque sería contradictorio con lo que yo dije antes, si no lo incorporara como esas tradiciones, esa fuerza, esas... que sé yo, esas fotografías que uno trae, esa..., con lo que tu creciste, con lo que hiciste junto con otros. Formaste parte de una historia concreta. Patria para mí es Chile, yo soy chilena, no por un accidente, si no porque yo me he hecho esta realidad y soy de esa realidad y porque las raíces, lo que me da la identidad, lo que me nutre..., en un sentido cultural, en

en un sentido social, histórico, hasta religioso. La forma determinada de entender, es, al estilo chileno, es hecho de historia de Chile. Para mí, patria es Chile."

(Ela voltou ao Chile e finalizou seu Mestrado)

A segunda dimensão é perceber que a Pátria seria o local onde se consegue sobreviver, concretizar seus projetos de vida e independe do local geográfico em que nasceu. Seria a "Pátria construída", "elaborada" a partir da vivência existencial. Hairo (chileno) nos diz:

"Mi patria es el lugar donde puedo trabajar, comer, puedo vivir y relacionarme con las personas. Yo crecí en Chile, pero mi patria hoy es Brasil, porque yo vivo y me desarrollo aquí."

E já que estamos no campo dos estereótipos percebemos que eles não apenas se referem através desta maneira de pensar a seus próprios conterrâneos, como também foram abundantes os estereótipos elaborados em relação a outras nacionalidades. Temos:

1) Os uruguaios falando dos argentinos: são "engreidos", antipáticos; temos uma fobia muito grande aos portenhos.

- falando dos franceses: em todo momento fazem sentir que você é estrangeiro; porém, as relações de amizade são mais aprofundadas que no Brasil.

- falando dos venezuelanos: não são pontuais; são bagunçados; têm complexo de mestiçagem com os negros.

- falando dos mexicanos: são ambivalentes com os estrangeiros, pois os aceitam e os rejeitam ao mesmo tempo. O meio é muito seletivo. Os mexicanos de classe média têm um complexo muito grande, produto da mestiçagem com o índio.

2) Os argentinos vêem os brasileiros: como aqueles que são de muito "joda" (festeiros), "dicharachero" (ditoso); também sempre houve muita "bronca": os brasileiros eram chamados de "macacos".

3) Chileno olhando os argentinos: prepotentes, especialmente os portenhos; desinibidos, falam muito incisivamente; aparentam ter muito caráter; são muito corajosos, têm uma coragem que o chileno não tem; participam, fazem greves.

Enfim, o que encontramos na quase maioria destes discursos é uma forma de categorizar, de pensar estigmatizante. Relembrando

o que GOFFMAN, E. (1982:13) coloca sobre o conceito estigma, pois é pertinente para este caso: "referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos".

Em relação à América Latina, ela é visualizada fundamentalmente através dos problemas e dificuldades relativas ao âmbito econômico e da dívida externa, assim como esboçam alguma "solução": a "união e integração da AL".

- "Estamos jodidos, mucha exploración".
- Encrucijada difícil en este momento, no hay salidas independientes.
- Brasil no mira a la AL; va ha tener que mirar.
- Es la gran esperanza. Que los latinoamericanos se orgulliescan y que se queden en sus países para luchar de varias formas.
- Es muy dividida, desorganizada.
- Tenemos que unirnos.
- Tiempo atrás me identificava mais, pensava que realmente se podía cambiar algo, no sé. No me identifico mucho.

Todavía, embora predominem os discursos em que se exacerbam apenas as dimensões negativas, existem também aqueles que enxergam a AL de forma ambivalente. Por um lado, a AL massacrada, aviltada, e, por outro lado, a AL como projeto, como esperança. Vejamos o discurso de Hairo (chileno):

(PESQUISADORA) O QUE VOCE PENSA DE AL ?

"Yo pienso en AL como una mujer con las piernas abiertas. (SILÊNCIO) Porque es violada a cada minuto del día, en forma inseparable, no. Tanto en el sentido económico con las grandes potencias, no, como es... el pueblo mismo como tal, no? Esta dirigida por multinacionales, por grandes empresas dentro de la cual los valores y derechos del hombre no existen.

AL como tal, yo creo que existe en el corazón de algunos, porque hoy AL no pasa de ser una fuente de renda y de trabajo de los países desarrollados, y no existe una idea de americanismo. AL hoy es eso, una mujer violada. No, yo no veo otra explicación. Que precisa acordar, levantarse.

Pensar que AL tiene todas las condiciones, económicas, a nivel ecológico, a nivel hasta espirituales, no, de educación, de ciencia, como para ser una gran nación y partir desde ahí, no. Para hacer una limpieza en cambio.

(...) Aquí, para realmente concebir alguna cosa, había que llamar un buen faxinheiro; hacer una depuración. Y partir con principios netamente americanistas. Yo no podría decir que es factible una sociedad comunista en AL porque no es. Y una sociedad capitalista también no es, porque ya está probado. Entonces existe el termino alternativo, que sería alguno de los medios que se vieron en los años 70 con el pacto andino, con la idea de los gobiernos de Allende, JJ de Bolivia, de unificar el peso, que fuera equivalente al dolar. No sé si te acuerdas? Y que ese peso circulara por AL como una especie de comunidad económica. Tal como lo tienen los europeos, y a partir de ahí la política tiene que hacerse por casa, por familia. Si yo mantengo mi familia en orden, yo mantengo un grupo. Si ese grupo es espejo para los grupos de vecinos, yo voy a mantener una vecinanza. Y así por delante. Yo creo que la base de la política está en la educación. Y la educación fue lo que más se dejó de lado. No se puede esperar nada del pueblo que no es educado, tanto en el sentido técnico, científico, político. Entonces la política es y debe partir de la educación."

Até o momento caminhamos no sentido de entender este tipo de dificuldade de relacionamentos sociais expressado por estes estrangeiros latino-americanos. Também procuramos descobrir através de seu discurso e de seu comportamento como eles traduzem esta dificuldade de relacionamento com os brasileiros; avançamos um pouco mais e procuramos descobrir como eles se relacionavam com seus conterrâneos, o que pensam sobre eles e, também, com Outros de outras nacionalidades. Todos os dados nos corroboraram a existência, de fato, desta dificuldade de relacionamento. No entanto, até agora nosso percurso foi o de ilustrar e descrevê-la a partir do ponto de vista deles; precisamos, agora, tentar explicar o porquê desta dificuldade, que é real.

Parece-nos que não há uma resposta única a este problema, e menos ainda que ela seja conclusiva. A resposta seria múltipla e aberta, e se daria a partir de parâmetros, a saber:



1) Impossibilidade de construir e compartilhar um ETHOS comum a estes estrangeiros latino-americanos no novo contexto, o Brasil de São Paulo. Lembrando que ETHOS de um povo, nas palavras de GEERTZ (1978:143), são "os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura (...) é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu sentido moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete".

2) Inadaptação à nova cultura ou ao ETHOS brasileiro, já que eles elaboram um discurso de uma marcada atitude de rejeição expressadas em visões estereotipadas, rotuladas dos brasileiros, evitando um convívio mais intenso com eles, como dissemos anteriormente. Enfim, o OUTRO é rejeitado porque não há interesse em conhecê-lo e entender suas contradições.

3) Inexistência quase total de laços familiares e de parentesco no Brasil, já que seu grupo familiar de origem está em seu país de origem. Apenas 7 deles, o que representa 21,9%, possuem algum laço familiar no Brasil. Duas mulheres tinham a família-do marido; 1 deles uma irmã; 2 deles irmã e cunhado; 1 mulher tinha o irmão e outros familiares e um outro tinha sua irmã, cunhado e sobrinhos. É interessante notar que nenhum deles tem seus pais no Brasil. Também dos que têm familiares 5 são uruguaios (3 mulheres e 2 homens) e 2 chilenos (1 homem e 1 mulher).

Esta situação desemboca num limitado elenco de redes de relações.

4) Vivência num tipo de sociedade que é marcadamente individualista e hierárquica.

Alguns autores têm apontado para uma das características das sociedades modernas, qual seja, seu caráter individualista, centrado no sujeito psicológico. Porém, usaremos aqui a visão de Gilberto Velho (1983:2) sobre o conceito de individualismo, que, como ele mesmo nos alerta, tem recebido diversas ênfases, acepções e discussões. "Entende-se aqui que significa uma valorização, ao nível da representação, da ideologia, do indivíduo biológico como sujeito, unidade mínima significativa da vida social". Talvez, como estamos vendo hoje, os indivíduos estão tão-somente preocupados em conhecer e entender seu próprio EU, existindo uma forte ênfase na "descoberta de si mesmo"; não têm mais interesse, capacidade ou desejo de inter-relacionar-se com DUTROS-EU, ou de criar ou manter redes de relações de sociabilidade diversificadas (seja no bairro, no prédio, na vizinhança, no trabalho, na família, de amizade etc.).

5) Até que ponto a própria experiência de ter vivenciado um cotidiano em que o medo, a desconfiança, a violência estiveram desmesuradamente presentes nestes países com regimes autoritários prolongados contribuiu para que como produto desta experiência tivessem ficado resquícios, traumas, dificultando assim seu relacionamento com seus próprios conterrâneos, como com outros de nacionalidade diversa?

É o caso extremo ou limite desta desconfiança se daria em relação aos chilenos; não apenas entre eles, como seu relacionamento com Outros. Não podemos esquecer que sempre houve uma forte dicotomia política no Chile entre os de direita (momios) e os de esquerda (upelientos) que de certa forma marcou as relações entre os chilenos. Porém, atualmente temos vários estudos que nos mostram as profundas mudanças ocorridas na esfera da sociabilidade e vida cotidiana no Chile como produto do regime militar.

6) Até que ponto a proximidade geográfica, facilitando o retorno, encontros e as visitas a seus países, resultou, por um lado, num certo isolamento, e, por outro lado, numa maior exigência para relacionar-se com conterrâneos que vivem no Brasil? Ao mesmo tempo em que há a atomização provocada pela megalópole (SP), e no caso desses latinos se acrescenta o fato de constituírem uma população reduzida (no ano de 1980, chilenos, argentinos e uruguaios somam um total de 26.076 indivíduos em São Paulo, segundo o IBGE - Consultar Anexo 3.5.1.) se comparada com o número de estrangeiros de outras nacionalidades (para outros dados, consultar o mesmo anexo).

7) Ou pelo fato de eles procurarem um tipo de amizade muito especial, talvez até utópico, pelo fato de ser muito escasso; porém, quando encontrado, é muito intenso, verdadeiro, duradouro. Neste sentido, existe um texto belíssimo e apaixonante (DA AMIZADE) do filósofo MONTAIGNE (1533-1595), que faz referência a sua amizade com Etienne de La Boetie.

Foi "tão inteira e completa que por certo não se encontrará igual entre os homens de nosso tempo. Tantas circunstâncias se fazem necessárias para que esse sentimento se edifique, que já é muito vê-lo uma vez a cada três séculos" (1972:96).

Para ele, a amizade teria uma essência espiritual e sua prática aprimoraria a alma, seria uma comunhão intensa. Ele nos diz

---

Estes já foram citados no Capítulo III (BARRAZA, Ximena (1982); BRUNNER, José Joequin ((s/d); 1980, 1983); LECHNER, Norbert (1983); POLITZER, Patricia (1985).

também:

"Na amizade a que me refiro, as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação. Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu. (...) assim também a união de tais amigos atinge tal perfeição que os leva a perder a ideia de se deverem alguma coisa, e odiar e rechaçar todas essas palavras que tendem a estabelecer uma divisão ou diferença, como o favor, obrigação, reconhecimento, pedido, agradecimento e outras. Efetivamente, em tudo lhes sendo comum, vontade, pensamento, maneira de ver, bens, mulheres, filhos, honra e até a vida, e em procurando ser apenas uma alma em dois corpos, na expressão muito certa de Aristóteles, nada se podem pedir ou dar." (1972:98-99)

Seria então uma amizade tão intensa, vital e profunda que atingiria a alma dos envolvidos.

De alguma forma, nos parece que este percurso efetuado nos defronta com uma dificuldade específica para os estrangeiros, e de criar relacionamentos sociais. Todavia, realizar um contraste é interessante. Esta dificuldade expressada por estes latino-americanos pesquisados não constitui algo exclusivo deste universo, pelo contrário; outros estrangeiros, de outras nacionalidades, também expressam esta dificuldade. Por isso, conhecer a experiência de um brasileiro jornalista no Chile é exemplar. Ele fala de suas dificuldades no primeiro ano.

"Em Santiago, no entanto, meu primeiro ano foi horrível. Fui possuído de uma melancolia incrível. Na verdade, caí num círculo vicioso. Nada me agradava. Fiquei tão mal-humorado, tão xenofobo, que todos se afastavam. Nós brasileiros temos alguns defeitos conhecidos e reconhecidos mundialmente. Para nós, tudo é o maior. E nós próprios acabamos assumindo manias de grandeza que na maioria das vezes não têm nenhuma base real. E essa empáfia acaba afastando os possíveis amigos. Assim foi. Acabei criando meu queto particular. Só ouvia música brasileira, só queria saber do que estava acontecendo no Brasil, só falava de Brasil. Estava na maior crise de identidade da minha vida. Parecia que se eu deixasse de ser brasileiro deixaria, também, de existir. No caso, uma falsa contradição entre essência e existência." (PINHEIRO, Jorge. 1991:76).

Posteriormente, ele relata que seu sentimento de rejeição chegou a tal ponto que procurou um amigo brasileiro psiquiatra que, num dos "bate-papos", lhe disse:

"-Olha, cara, em lugar nenhum do mundo você vai encontrar, de uma tacada só, carnaval, samba, mulatas, praia, futebol, feijoada, queijo com goiabada, bondinho de Santa Teresa (sou carioca e morava em Santa Teresa), chopinho gelado nos bares de Ipanema, jeitinho e malandragem. Mas se você parar aí, sua alma não vai crescer, vai definhando. Chegou o momento de você optar: viver o mundo, começando por ser chileno, também, ou isolar-se no que você conhece, mas que não existe nesse momento. Não há um terceiro caminho: é o mundo e a vida, com todos os seus desafios e incertezas, ou a viagem sem volta da esquizofrenia." (1991:76).

Mas o que é interessante nesta experiência é sua reflexão sobre a relação que o estrangeiro eventualmente deve criar com o novo país onde vai morar. Ele nos diz:

"(...) o importante (...) aprender a ser cidadão do mundo. Dessa experiência descobri que o pior é viver de forma temporária. É o 'eu estou aqui só por um ano, mas depois volto'. Isso é terrível. É como se estivéssemos cumprindo uma pena. A nossa mente, os nossos desejos estão na volta. O aqui e o agora passam a ser uma dor diária. Não importa onde você está, nem quanto tempo vai ficar aí. O fundamental é que viva integralmente o seu dia. Não como um turista acidental, mas como um ser humano completo, pleno de sonhos e realizações que não podem esperar pela volta. Ela sempre acontecerá, mais cedo ou mais tarde, porém o importante é o pulsar diário da vida. Viver o que ficou atrás ou o que é simplesmente não viver. É passar por um país sem conhecê-lo e sem deixar que ele conheça você." (1991:77).

Efetivamente conhecemos como eles traduzem suas dificuldades de fazer amigos, seja com seus conterrâneos, com brasileiros ou outras nacionalidades. Também trabalhamos com as suas representações sobre eles mesmos, dos brasileiros, da pátria e da América Latina. No entanto, é necessário, ainda, discutir a problemática da Identidade, que a seguir, na Conclusão, será desenvolvida.

(1)

## IDADE AO SAIR PELA 1ª VEZ

Faixa etária	Homens	Mulheres	Total	%
9	1	-	1	3,125%
18-19	2	-	2	6,25%
20-24	4	10	14	43,75%
25-29	5	3	8	25%
30-34	1	2	3	9,38%
35-39	-	2	2	6,25%
40-44	2	-	2	6,25%
TOTAIS	15	17	32	100%

(2)

## IDADE AO CHEGAR AO BRASIL

Faixa etária	Homens	Mulheres	Total	%
78,13% { 20-24	2	8	10	31,25%
{ 25-29	6	3	9	28,13%
{ 30-34	3	3	6	18,75%
21,88% { 35-39	2	2	4	12,5%
{ 40-44	2	-	2	6,25%
{ 45-49	-	1	1	3,125%
TOTAIS	15	17	32	100%

(3)

Outro autor, SAITO, Hiroshi (1973), ressalta, numa análise comparativa entre o Peru e o Brasil, os numerosos grupos e organizações dos japoneses. Entre alguns podemos mencionar: associação japonesa, associações de jovens, associação feminina.

(4)

É importante reproduzir literalmente a distinção realizada pela autora entre dois tipos de associações: o "clube recreativo cultural ou esportivo" e os pequenos grêmios.

"O 'clube' recreativo-cultural ou esportivo, com sede central e número grande de sócios, em geral bastante conhecido na colônia, e os pequenos grêmios em grande parte suburbanos que congregam um grupo de vizinhos, sendo em geral controlados pelos 'nissei'. Esses pequenos grupos são representativos de áreas de população japonesa, enquanto os 'clubes' maiores, reunindo jovens de toda a cidade de São Paulo e recém-vindos do interior, têm um quadro social bastante diversificado e não se ligam a uma área delimitada. Funcionam como grupos de idade que procuram a integração do 'nissei', permitindo selecionar e impor certos comportamentos novos."

- (5) Um mesmo indivíduo participa de 2 grupos, além de uma outra participar de um partido político em seu país de origem.
- (6) São interessantes as considerações realizadas por ADORNO, T. (1973) referentes ao Tempo livre. Para ele o tempo livre dependerá " de la situación general de la sociedad. Pero, ahora como antes, esta tiene proscriptos a los hombres. Ni en su trabajo ni en su conciencia disponen de sí mismos con entera libertad" (1973:54). Para ele, no tempo livre se prolongaria a escravidão dos homens porque, por um lado, os homens podem fazer muito pouco nessas horas livres, não são desfrutadas, como, por outro lado, está absolutamente dissociado do trabalho. Porque assim o rendimento de trabalho no processo produtivo será melhor, já que o tempo livre tem por função restaurar a força para o trabalho. Por isso, para ele, muitas das ocupações realizadas durante as horas livres são absolutamente desinteressantes.
- Outra distinção interessante feita por ele é entre ocupação no tempo livre e "hobby".

- (7) Interessa-nos também conhecer as representações do que os próprios brasileiros pensam sobre si mesmos, qual a sua auto-imagem? Por isso estamos usando os dados da pesquisa de Luiz Weiss para complementar. A pesquisa foi realizada com 1.200 residentes de seis grandes capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Belém. São homens e mulheres, entre 15 e 65 anos, de diversos níveis de renda e de instrução.
- (Utilizamos as seguintes perguntas: Como é o brasileiro?, qual a maior qualidade do brasileiro?, qual o maior defeito? Concordância com afirmações sobre o comportamento do brasileiro?, concordância com generalizações sobre o brasileiro; concordância com generalizações sobre determinadas categorias de brasileiros; concordância com frases feitas sobre o paulista, carioca, mineiro.) (1991:26-31)

<u>ATRIBUTOS NEGATIVOS</u>		<u>ATRIBUTOS POSITIVOS</u>	
Atrasado	68%	É bem-humorado	70%
Cuida mal da natureza	68%	Mão-aberta	55%
Espera tudo do governo	67%	Otimista	55%
Dá sempre um jeitinho	62%	Trabalhador	54%
Não luta pelos seus direitos	58%	Tem bom coração	49%
Quer sempre levar vantagem	57%	Sincero	47%
Egoísta	47%	É cordial	43%
É racista	39%	Generosidade	16%
É acomodado	25%	Capacidade de trabalho	13%
É preguiçoso	16%	É alegre	9% / 14%
É alienado politicamente	13%	Otimismo	8%
É ignorante	8%	É solidário	8%
Individualismo	7%		
Desonestidade	5%		
Oportunismo	5%		

Também seria: Sonhador (85%), tolerante (61%), "a mulher brasileira é muito influenciada pelas novelas" (61%), "o homem brasileiro é machista (54%), "o jovem brasileiro só pensa em consumir" (51%), religioso (47%), "o idoso brasileiro pensa que sabe tudo" (36%), "o pobre brasileiro é pobre porque quer" (14%), injustiçado (8%), "o empresário brasileiro se interessa por seus empregados" (6%).

Em relação aos estereótipos regionais, temos que os cariocas são "medidos e malandros", os nortistas são "violentos", os gaúchos "gostam de contar vantagem", os paulistas "são arrogantes", os mineiros são "pão-duros" e os baianos são "irresponsáveis".

Embora muitas destas respostas tenham sido obtidas através do procedimento de respostas a perguntas já elaboradas e que implicam apertado campo de escolhas, pois muitas perguntas e idéias já estão preconcebidas, de certa forma temos um panorama revelador.

(8)

Estamos utilizando o conceito visão de mundo a partir da elaboração de GEERTZ, G. (1978:143-144) que delimita este conceito ao campo dos "aspectos cognitivos, existenciais (...)", e o quadro que um povo "elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem".

Não podemos também esquecer as suas observações em relação aos conceitos de ethos e visão do mundo: "são vagos e imprecisos; são uma espécie de prototeoria, vanguardeiros, espero, de um arcabouço analítico mais adequado". (1978:158)

## CONCLUSÃO

---

Problematizando a questão de Identidade: Afirmação ou Rejeição ?

---

-- Antes de exhumar esta carta, yo me había preguntado de qué manera un libro puede ser infinito. No conjeture otro procedimiento que el de un volumen cíclico, circular. Un volumen cuya última página fuera idéntica a la primera, con posibilidad de continuar indefinidamente. Recorde también esa noche que está en el centro de las 1.001 Noches, cuando la reina Shabrazad (por una mágica distracción del copista) se pone a referir textualmente la historia de las 1.001 Noches, con riesgo de llegar otra vez a la noche en que la refiere, y así hasta lo infinito. Imaginé también una obra platónica, hereditaria, transmitida de padre a hijo, en la que cada nuevo individuo agregara un capítulo de los mayores."

( El jardín de senderos que se bifurcan. "Jorge" Luis "Borges)



## PROBLEMATIZANDO A QUESTÃO DA IDENTIDADE: AFIRMAÇÃO OU REJEIÇÃO?

É inegável a importância que a problemática da Identidade tem suscitado no campo da Antropologia. E devemos também confessar que nesta discussão nos sentimos como se estivéssemos caminhando por terras movediças, porque é um tema em que encontramos encruzilhadas, percalços, limites, dificuldades, muitas bifurcações. Mas esta sensação se deve a vários outros motivos, particularmente pelo fato de que nesta discussão existem variadas posturas teóricas: divergentes e convergentes. Temos várias definições, como empregos diversos do mesmo conceito.

Mas é provável que nesta discussão exista um consenso (ainda não estou convencida que seja tão amplo e geral); podemos afirmar que a Identidade se constitui como elaboração a partir do outro, ou melhor dizendo, de um EU tendo um OUTRO como reelaboração, em contraste. Ou seja, a idéia de Identidade presumiria pensar em alteridade e em contrastes. Em suma, aquilo que faz com que EU me distinga do OUTRO ou de OUTROS. Sintetizando através das palavras de J.M. Berioist (1981:20): "el otro es la condición de afirmación de una identidad".

No entanto, alguns elementos complicadores aparecem. Temos número significativo de tipos de Identidade, ou melhor, de variantes: Identidade étnica, cultural, política, social, nacional, sexual, religiosa, minoritária, estigmatizada, contrastiva, lingüística, adscritiva, camponesa, gênero, urbana, coletiva, pessoal, processual, proletária, da mulher, "crise de identidade" etc. Surge, então, um panorama confuso, que nos coloca duas questões. Por um lado podemos perceber que essas múltiplas variantes e ao mesmo tempo várias definições de Identidade são de caráter associativos, estão sempre se referindo a alguma outra categoria: o ideológico, o cultural, o nacional, as classes sociais, o grupo étnico, o comportamento, a mulher etc. Por outro lado, temos um problema concreto, de natureza heurística, a necessidade de um conceito teórico de Identidade mais amplo e mais satisfatório, que seja mais explicativo e mais operacional.

; Porém, é preciso esclarecer que já foram elaborados numerosos conceitos de Identidade, todavia, repetimos, todos eles de caráter associativos. Uma revisão do conceito e da problemática

da Identidade, tanto no aspecto teórico como a sua utilização em pesquisa, foi realizada no Seminário Interdisciplinar sobre a Identidade, dirigido por Claude Lévi-Strauss, em 1974-1975. O irônico fica por conta do próprio Lévi-Strauss (1981:368) nas suas recomendações propostas nas conclusões do livro: "toda utilización de la noción de identidad comienza por una crítica de dicha noción".<sup>1</sup>

O que faremos a seguir será indicar rapidamente algumas das tentativas para criar um conceito de Identidade mais abrangente e conhecer algumas críticas mais gerais ao conceito, assim como a sua utilização, para termos um pano de fundo e, posteriormente, nos determos na discussão do conceito de Identidade étnica.

Em relação às tentativas de criar um conceito de Identidade podemos citar dois autores: J. Habermas (1983) e Guillermo Ruben (1987).<sup>2</sup> Temos, nestes textos, algumas diferenças. Habermas está preocupado em construir uma possível Identidade Racional (de si mesmas) das Sociedades complexas, porém esta Identidade se constituiria numa espécie de projeto futuro a ser realizado, ficaria no devir, no bojo da problemática moderna da Identidade; seria a ruptura entre o EU e a sociedade. E esta ruptura só poderia ser resolvida na medida em que se consiga "tornar concebível 'intotum' a absoluta identidade do EU ou do Espírito com a natureza: ou seja, tornar concebível o fato de que o mundo da natureza e o da história são articulados por uma força unificadora que continuamente produz, ela própria, as crises e, depois, as supera". (1983:88)

Para Habermas a Identidade de uma sociedade mundial já não pode mais ser alcançada por algum tipo de organização, seja esta

o. Estado Nacional ou o Partido Para-Estatal. Ele está pensando numa idéia de Identidade Universal, um homem que seria cidadão do mundo, uma identidade que não estaria limitada a um território específico, a uma nacionalidade ou a uma cidadania. Esta "nova identidade" nas sociedades complexas deve ser, segundo Habermas, "compatível com estruturas universalistas do EU" (1983:98). Este EU, para ele, se refere ao EU + VOCÊ (OUTRO) + o NÓS. Esta visão está profundamente influenciada por Hegel. Esta nova Identidade de uma sociedade mundial estaria apenas "no nascedouro"; no entanto, tem algumas características, que a seguir condensamos.\*

- Esta nova Identidade não pode estar ligada a um determinado território, nem a uma determinada instituição.
- Não pode ser definida pelo fato de pertencer ou ser membro de algo.
- Esta identidade não se pode articular em imagens do mundo, ainda que deva supor a validade de uma moral universalista.
- Para ser estável esta Identidade já não teria mais necessidade de conteúdos fixos (apesar de que possa ter necessidade de tempos em tempos).
- Esta nova Identidade, acompanhada por uma consciência ainda incompleta, não pode ser orientada retrospectivamente por valores da tradição nem pode ser orientada por tarefas de planejamento ou forma de vida projetadas.

Fica evidente um sentido de certa negatividade envolvendo este novo conceito de Identidade. No entanto, esta Identidade a ser construída seria uma Identidade coletiva, e:

"(...) ela teria a forma de uma Identidade não determinada previamente nos conteúdos e independente de organizações específicas, ou seja, de uma identidade própria da comunidade dos que formam discursiva e experimentalmente o seu saber relacionado à identidade

---

\*. Estas idéias de Habermas se encontram desenvolvidas nas páginas 98-103 do referido artigo.

de através de projeções de identidade con-  
correntes entre si, isto é, na memória  
crítica da tradição ou estimuladas pela  
ciência, pela filosofia e pela arte". (1983:103)

Não deixa de ser no mínimo curioso conciliar esta idéia de construção de uma Identidade Universal à luz dos fenômenos históricos ocorridos recentemente (1990, 91 e meados de 92), onde vivemos numa época em que temos um verdadeiro surto de afirmações das diferenças, das particularidades de grupos étnicos, as lutas de independência, envolvendo-se e manifestando-se e até em guerras: Iugoslávia, a ex-URSS etc. Há uma intensidade enorme na afirmação de ser diferente e permanecer dessa maneira.

O outro autor, Guillermo Ruben (1987), nos propõe uma definição provisória de Identidade. Para ele, no interior das Ciências Sociais e mais especificamente na Antropologia Social o conceito de Identidade seria remetido para um contexto no qual as idéias de MULTIPLICIDADE, DIFERENÇA E CONTRASTE seriam privilegiadas. Ao mesmo tempo, a noção de Identidade lhe pareceria "completamente desprovida de bases epistemológicas firmes" (1987:16). Por isso, para solucionar o impasse metodológico ele propõe a construção de uma nova e provisória definição de identidade. Não obstante, ela teria certas características: "trata-se pois de uma definição dogmática e paradigmática, uma interpretação das idéias que as ciências sociais nos propõem a respeito da noção de Identidade" (1987:15). Então, qual seria a definição dessa nova noção de Identidade? "É a determinação de certa dimensão irredutível da qual toda a sociedade ou grupo humano seria portador". Mas o que significaria a idéia de irredutibilidade? Segundo ele: "a idéia de irredutibilidade funciona estabelecendo simultaneamente a marca e os limites, socialmente elaborados, que permitem a reprodução da sociedade evitando a cisão do indivíduo com esta, ou seja, a desagregação social".

Resta-nos, agora, entender o significado das idéias de MARCA e LIMITE.

A marca seria considerada como uma dimensão do real de todo e qualquer grupo humano, elaborada social e historicamente, e retida no interior do grupo consciente ou inconscientemente; seria algo como a idéia de representação coletiva (DURKHEIM), escolhida e privilegiada pelo grupo para ser empregada como marca distintiva (ver p. 22). Curiosamente, a idéia de marca é semelhante à idéia de sinais diacríticos, usada por M. Carneiro da Cunha (1986).

Em relação à idéia de Limite, esta estaria contida na noção de MARCA, já que no seu interior residem de maneira ontológica os limites inferiores que permitem a agregação da sociedade, do grupo como tal (ver p. 24). <sup>3</sup>

Estamos, aqui, frente a uma tentativa conceitual na construção de uma noção mais ampla e abrangente da Identidade. No entanto, é uma tentativa preliminar, mas precisamos de um uso operacional do conceito.

No âmbito das críticas da noção de Identidade temos variadas posturas. Para alguns o conceito é um artifício heurístico redundante; para outros não há como estabelecer "cientificamente" a identidade de um grupo. Para outro existiria uma reificação do uso do conceito, e, para outros, um grave deslize semântico (DURHAN, Eunice), no sentido de que existiria uma diluição do uso do conceito de identidade, enquanto contrastiva. "O campo da análise deixa de ser a oposição entre grupos e categorias que se enfrentam na sociedade, e a identidade passa a ser concebida como uma propriedade do grupo, projetado na pessoa" (DURHAN, Eunice.1986:32).

Mas, recordando o que C. Lévi- Strauss (1981:369) nos diz nas conclusões do livro "A Identidade", ela seria: "una especie de fondo virtual al cual nos es indispensable referirnos para explicar cierto número de cosas, pero sin que tenga jamás una existencia real".

Sem dúvida, no tocante à "identidade étnica" é onde encontramos uma sofisticação e elaboração notável.<sup>4</sup> Apesar disso, nos restringiremos a algumas idéias básicas a partir do texto de M. Carneiro da Cunha (1986) "Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível".<sup>5</sup> A identidade étnica seria contrastiva e a sua construção se daria a partir da seleção de certos sinais diacríticos que seriam operativos. Estes sinais não são arbitrários, embora sejam um tanto imprevisíveis. Estes sinais diacríticos formam parte de um universo mais amplo que seria a "BAGAGEM CULTURAL", e é a partir desta que os atores sociais selecionariam algum sinal, em muitos casos sucinto. Por conseguinte, a seleção de certos sinais garantiria a distinção de um grupo enquanto tal. Estes sinais podem ser de índole diversa: a língua, a roupa, o uso de certos objetos, comidas, celebração de datas especiais etc. Mas esta noção de Identidade Étnica está relacionada ao contexto cultural. E a cultura seria algo dinâmico. Nas palavras da autora (1986:101) a cultura "não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados".

Embora tivéssemos algumas dúvidas deste referencial ao nos perguntarmos: qual seria a lógica que operaria na seleção dos sinais diacríticos?, será que somente se restringem a um nível operativo?, são de natureza consciente ou inconsciente?, o que leva a escolher este e não outro sinal (utilidade, conveniência, desejo, imposição)? Será que é algo causal, arbitrário ou planejado? Outra preocupação se dá em relação à pertinência, que envolve o contexto situacional

histórico ou político, quando interessa o uso de determinados sinais diacríticos para marcar o contraste. Imaginei, então, situações limites: os judeus na Alemanha nazista, ou os muçulmanos em Israel, ou os israelitas nos países árabes.

Mesmo com essas dúvidas, selecionamos este referencial teórico para nossa pesquisa, e foi assim que elaboramos, no Projeto de Pesquisa, algumas questões no que tange à Identidade deste grupo pesquisado.

Será que estes estrangeiros latino-americanos assumem, são portadores e/ou construíram uma identidade(s) específica(s), seja, por exemplo, através de objetos, comportamentos, da língua, vestimentas, comida, relações sociais? Se assim fosse, em que momentos aparece esta Identidade e como a usam e a manipulam? Será que criaram grupos de interesse, ou pertencem a grupos de outra natureza? E se elaboram e reforçam uma identidade(s), quais seriam então os sinais diacríticos utilizados e/ou selecionados que os distinguiriam dos outros, neste caso, dos brasileiros? Será que realmente opõem sinais diacríticos para marcar distinções entre ser ou sentir-se um chileno, uruguaio, argentino ou latino-americano, é muito diferente de senti-lo, reconhecê-lo, assumi-lo e fazê-lo notar num contexto social diferente? E será que estes estrangeiros se identificaram com uma Identidade nacional, supranacional ou de latino-americanos? Ou se sentem brasileiros? Ou ainda, será que vivem uma total crise de Identidade? Ou não elaboraram e nem afirmam uma Identidade? Quais suas escolhas, então?

Nossas incógnitas eram variadas, conforme o texto acima referido. Para responder a estas dúvidas percorremos dois percursos. Por um lado a realização da pesquisa de campo com estes estrangeiros latino-americanos, e, por outro lado, a leitura de estudos de casos, a qual nos demonstrava claramente a seleção ao se usar determinados sinais diacríticos numa afirmação de Identidade(s) étnica(s) específica(s). Assim realizamos a leitura de vários trabalhos, alguns referindo-se a grupos étnicos de negros e outros a imigrantes europeus. No caso de grupos étnicos negros temos o trabalho de M. Carneiro da Cunha (1985) (op. cit.), que pesquisa um grupo de escravos brasileiros libertos de origem africana e que voltam às suas regiões naturais na África (Lagos, Nigéria). Usando fontes escritas, jornais, fontes oficiais ou missionárias

do século XIX e entrevistas realizadas com alguns descendentes de brasileiros em Lagos em 1975. Segundo a autora, embora muitos desses escravos libertos brasileiros fossem muçulmanos e no Brasil convivessem com a religião dos Orixás, seus descendentes em Lagos marcaram sua diferença através da religiosidade, sendo a religião católica o sinal por excelência da sua Identidade em Lagos.

Outra pesquisa, a de Peter Fry e de Carlos Vogt (1982(a), 1982(b)), que estuda a população do Cafundó,<sup>6</sup> a qual tem a particularidade de criar um sinal específico a partir de um léxico africano, banto, usado sobre uma estrutura gramatical e sintática portuguesa. Estão possibilitando, a partir desta "língua africana", uma forma de interação social, seja no interesse do grupo seja com o resto da sociedade.

O artigo de Raquel Rolnik<sup>7</sup> (1989) nos demonstra a existência de territórios negros específicos nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, formando grupos diferenciados e singulares. No início do século, Lavapés e Barra Funda eram as regiões negras da cidade de São Paulo; também ocupavam o "Centro velho" desta cidade. A partir de 1890, segundo a autora, que aparecem territórios negros específicos. Na década de 20, temos outros territórios: Barra Funda<sup>8</sup>, Bexiga, Liberdade e certos pontos da Sé. A população negra não só morava nestes locais como desenvolviam outras atividades associativas e recreativas: escolas de samba, terreiros, times de futebol, salões de baile, e, também, as sociedades negras com atividades recreativas, culturais, publicação de jornais, produção lítero-musical, teatral e os "Salões da Raça" (situados no Centro da cidade), que constituíam a opção de lazer da "elite negra" (funcionários públicos comerciários, contadores e técnicos).

R. Rolnik. também trabalha a questão das políticas urbanas, a organização espacial, assim como a exclusão desta população destes territórios.<sup>9</sup>

Em relação aos imigrantes europeus, temos a pesquisa de Lauro Cavalcanti & Dinah Guimarães (1983)<sup>10</sup>, que trabalha a relação entre casa e etnia especificamente as relações entre grupos étnicos e as representações sobre a aparência de suas moradias. A partir do estudo das casas de judeus, alemães, negros, brasileiros, portugueses<sup>11</sup> descobrem que cada etnia construiu sua noção

de casa em contraposição à suposta aparência das casas de outros grupos étnicos, sempre a nível acusatório e em muitos casos há reciprocidade deste comportamento. Ao mesmo tempo existiriam certas especificidades ou particularidades, tanto no tipo de construção, os materiais e cores usados etc. Assim temos que, para os negros, a casa dos judeus teria "telhado borboleta" (centro e calha central, ao contrário do telhado tradicional, com inclinação para as pontas), e a casa do negro para o judeu seria suja, maltratada, cafona, de cores berrantes e usaria materiais de construção de "mau gosto". Em relação aos brasileiros, a casa dos alemães teria cortinas na janela, seria muito limpa e muito bem arrumada, e a casa dos brasileiros (ou caboclos) para os alemães seria suja e cercada de caposirs. Já para os brasileiros, a casa dos portugueses teria alguns símbolos na fachada principal: cavrelas com as velas içadas, o símbolo da cruz de Malta, ou escudo e galo típico de Portugal ou instrumentos de navegação que lembrariam a descoberta; a casa dos brasileiros para os portugueses seria suja e cafona.

Os autores concluem que existiram várias gradações de nível acusatório nas visões sobre as moradias nestes grupos étnicos. A moradia dos teuto-brasileiros seria a "mais limpa e arrumada", depois seriam as moradias dos imigrantes europeus (italianos, poloneses), a casa dos luso-brasileiros ou caboclos seria vista como "suja e maltratada" e, finalmente, as moradias dos negros e mestiços teriam as piores condições.

A pesquisa de M. H. Bezozzo de Lima (1973)<sup>12</sup> nos mostra que o convívio num espaço, o das associações portuguesas (esta pesquisa estuda a "Casa do Minho" no RJ), propiciaria, nas suas múltiplas atividades culturais, recreativas etc., a retomada de símbolos e tradições e a construção de uma Identidade étnica específica: do português. Ao definir-se como português em oposição aos brasileiros estariam afirmando-se enquanto tal a partir de 3 aspectos: sangue, teriam o sangue português; naturalidade, nasceram em Portugal; e formação, teriam uma formação cultural portuguesa.

O trabalho de Giralda Seyferth (1986)<sup>13</sup> nos mostra que as colônias de alemães, italianos e portugueses que se estabeleceram no sul do Brasil desde meados do século XIX construíram uma Identidade étnica específica. Num primeiro período (antes da Campanha de Nacionalização, 1930), quando formaram as colônias, que por certo tempo ficaram isoladas, construíram núcleos coloniais etnicamente homogêneos. Nestas colônias tomaram para si a tarefa de construção de escolas, hospitais, igrejas; todas elas dirigidas por



colonos da mesma origem. Assim como a utilização nestas colônias da língua materna. Também foram criadas associações recreativas, gráficas que, junto com as escolas, hospitais e igrejas, tiveram relevante papel assim como uma função étnica. Ao mesmo tempo, existe também uma "divulgação da ideologia étnica" através de publicações, jornais, na língua materna. Através destas instituições foi possível cultivar os valores nacionais, o que possibilitou uma identidade étnica através das idéias de "germanidade", "italianidade", "polonidade". Segundo a autora, neste período não houve intervenção do Estado, houve uma situação de isolamento. Porém, a partir do período do Estado Novo (1930) foi implantada uma postura assimilacionista, enquanto ideologia; foram, ainda, proibidos de circular os jornais estrangeiros, como o ensino em língua estrangeira, e escolas foram fechadas.

Segundo G. Seyferth houve uma mudança na afirmação da identidade étnica, uma vez que esta ficou restrita ao espaço familiar do lar e às associações culturais e recreativas. E o uso da língua de origem se transforma no sinal ou elemento de identificação étnica. Concomitantemente, a problemática da dupla nacionalidade dos descendentes, nascidos no Brasil, porém de pais estrangeiro, colocou outras reformulações nesta afirmação étnica. Os modos de identificação foram mudados, e isto nos coloca no campo da questão da etnicidade e da cidadania e também na construção de uma dupla identidade étnica.

Finalmente, a autora conclui que até o final da campanha de nacionalização as identidades étnicas (alemã, italiana e polonesa) elaboradas foram baseadas numa espécie de superioridade étnica.

Mas também existem alguns elementos comuns nestes grupos étnicos, ou melhor, compartilham alguns sinais específicos como: a língua materna, a idéia de possuir uma cultura comum, a fé. Assim como os veículos de divulgação da ideologia étnica, como as associações, escolas, jornais, também foram semelhantes. E seriam justamente estes sinais que marcaram a diferença entre eles e os brasileiros.

E uma última pesquisa, a de Rovílio Costa (1976)<sup>14</sup>, nos mostra, através de um rico trabalho iconográfico, a vida, costumes e tradições dos colonos e imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Deste modo, podemos visualizar peculiaridades de sinais nas moradias, arquitetura, na forma de vestir-se, nos objetos de casa, do trabalho, suas igrejas etc. Assim temos a possibilidade de perceber seus sinais culturais específicos.

Através destes vários estudos sobre alguns grupos étnicos, estávamos realmente convencidos da possibilidade de afirmação de uma Identidade Étnica a partir da seleção, atualização (arbitrária ou não) de algum(ns) sinal(is) diacrítico(s) da sua cultura de origem. Pois bem, partimos ao campo com esta reforçada esperança e "certeza teórica e empírica" e procuramos descobrir o sinal (ou sinais) diacrítico que este grupo de estrangeiros latino-americanos eventualmente afirmassem em oposição aos brasileiros. Mas qual foi a nossa surpresa e descoberta após a obtenção e análise dos dados? Para desespero e perplexidade da pesquisadora, nós defrontamos a partir da pesquisa realizada com outra realidade empírica, absolutamente oposta aos trabalhos anteriormente citados. O desespero ficou por conta dos limites e impasses da explicação teórica da noção de Identidade Contrastiva. As certas teóricas assentadas na tradição acadêmica tornaram-se incertas quando precisamos recorrer a elas. E a perplexidade fica por conta da descoberta empírica a partir deste grupo de estrangeiros latino-americanos do Cone Sul da América (chilenos, argentinos e uruguaios), já que aponta para uma vertente ainda não explorada, qual seja a de lidar com grupos étnicos que não afirmam uma identidade étnica contrastiva.

Se retomarmos as nossas indagações iniciais podemos afirmar que constatamos que por parte da maioria destes estrangeiros latino-americanos existe uma veemente negação no sentido de não afirmar uma identidade étnica contrastiva, na qual alguns sinais diacríticos de natureza nacional tivessem sido selecionados para marcar contraste ou distinções em relação aos brasileiros.<sup>15</sup>

Na verdade, houve intenso sentimento de rejeição a seus países de origem, assim como à idéia de pátria (que já foi trabalhada anteriormente). E este sentimento de rejeição se deu tanto

a nível do discurso como a nível do comportamento.

No nível do discurso, majoritariamente não se manifesta um sentimento de "entusiasmo nacional"; pelo contrário, primam as expressões e conotações marcadamente negativas e estereotipadas.

Curiosamente, essas conotações são coincidentes, independentemente da nacionalidade de cada um destes estrangeiros. Seus conterrâneos, como já mencionamos, seriam: formais, amargurados, tristes, depressivos, cinzentos, melancólicos, pessimistas, fechados. A imagem que constroem do país e de seus conterrâneos é marcada por atributos negativos e, evidentemente, eles não se identificam. Aí é que surge, então, o sentimento de rejeição a seu país e a seus conterrâneos. E, sem dúvida, a não utilização do verbo SER (na primeira pessoa do plural do modo Indicativo - SOMOS, Por exemplo: "Somos isso ou aquilo") em relação a eles, é eloqüente. O tempo todo esses estrangeiros latino-americanos se referiam a seus compatriotas com a expressão "eles são". Foi sempre um discurso marcado pela distância: "os de lá" ou os conterrâneos "daqui" (os que moram no Brasil); em suma, "os outros".

Mas esta rejeição não se traduziu apenas ao nível do discurso; a nível de comportamento vimos que a maioria deles não se relacionavam com seus patrícios que moravam no Brasil, nem é frequente o relacionamento com brasileiros ou estrangeiros de outra nacionalidade. O maior problema de adaptação, por eles apontados, é o das dificuldades de relacionamentos sociais e o sentimento de solidão. Também não mantinham vínculos freqüentes com seus países, seja através de visitas, leituras de jornais e revistas, ou contatos contínuos com seus familiares ou amigos, através de cartas, telefonemas, ou vínculos com algum tipo de grupo ou organização.

A maioria deles não conservavam ou possuíam objetos em suas casas que fizessem menção à sua origem cultural. Não celebravam ou comemoravam festas típicas ou alguma tradição especial. Também não iam a restaurantes especializados em comidas típicas de seus países, assim como eles não as preparavam em suas casas. A maioria não pertencia a grupos ou associações ligadas a seus países de origem ou de outra natureza.

Outra dimensão deste sentimento de não-reconhecimento de sua nacionalidade pode ser verificada a partir de como eles se autoclassificam.

No final de nosso roteiro de perguntas, indagávamos a eles: "Como você se percebe e se sente: estrangeiro, exilado, expatriado, refugiado, desterrado, peregrino, imigrante, asilado, latino-americano, hispano-americano, ou de uma outra forma?" Os resultados podem ser verificados através da seguinte tabela elaborada:

CATEGORIAS	HOMEM	MULHER	TOTAL
URUGUAIO (A)	1	-	1
CHILENO (A)	-	1	1
ARGENTINO(A)	-	2	2
EXPATRIADO	1	-	1
BRASILEIRO	1	-	1
IMIGRANTE	5	4	9
HISPANO-AMERICANO (A)	2	2	4
LATINO-AMERICANO (A)	1	10	11
ESTRANGEIRO (A)	2	4	6
OUTRAS			
Aventureiro	1	-	1
Exilada econômica	-	1	1
Nenhuma	3	-	3
Peregrino (a)	1	3	4
Sul-americana	-	1	1
Judeu errante	1	-	1
Terráquea	-	1	1
Refugiada	-	1	1
Abrasileirada	-	1	1
Operário	1	-	1
Asilada	-	1	1

OBSERVAÇÃO: Apenas 1 entrevistado não se autoclassificou (Mario Mendez)

46% de nosso universo utilizou mais de 2 categorias para autoclassificar-se. Temos que 10 destes latino-americanos utilizam 2 categorias para autoclassificar-se, 4 utilizam 3 categorias e 1 deles usou 4 categorias para classificar-se.

Embora não tenhamos colocado o critério da nacionalidade na nossa pergunta ( e isto foi uma estratégia proposital), pusemos a categoria "de uma outra forma" para perceber outras dimensões. O que é singular é que apenas 4 destes estrangeiros latino-americanos se autoclasificaram a partir de sua nacionalidade (a de chilena, uruguaia ou argentina). A maioria deles se autoclassifica como latino-americanos (11), seguido da categoria imigrante (9), estrangeiro (6) e, finalmente, hispano-americanos (4). (Estamos, aqui, usando o critério qualitativo e não o quantitativo).

Como vimos, 46% de nosso universo utilizou mais de 2 categorias para se autoclassificar, o que nos remete a dificuldades maiores, pois os enquadramentos das categorias utilizadas por eles são bastante fluidos.

Embora um número significativo deles se autoclassifique como latino-americano, o discurso sobre América Latina girou em torno de dois aspectos. No primeiro deles, a maioria dos discursos ressalta elementos negativos do tipo: "somos explorados, com muitos problemas, desorganizados, desunidos, divididos, Terceiro Mundo (atrasados), pobres, com péssimos políticos e governos"; além disso, incorporam estes "defeitos" em uma perspectiva histórica. No segundo deles, manifestam orgulho por serem latino-americanos e sugeriram que os latino-americanos ficassem em seus países para lutar e modificar o sistema imperante, assim como a América Latina seria a grande esperança.

Pois bem, retomando novamente a nossa indagação sobre a Identidade desse grupo, resta-nos responder se eles se identificariam enquanto brasileiros. Mais uma vez temos uma resposta negativa. Nos parece que a partir do que discutimos antes sobre a imagem e estereótipos que carregam em relação aos brasileiros, esses estrangeiros pendem para ressaltar, em sua maioria, aspectos negativos. No entanto, embora seja uma das 2 exceções, o discurso de Paco e seu sentimento de ter optado por ser brasileiro (embora não tenha se naturalizado) são interessantes, pois percebemos o momento em que critérios como escolha, opção operam na constituição de uma Identidade, ainda que individual. Paco nos diz a respeito de sua opção de ser brasileiro:

"Mi mayor defensa es decirles por lo menos que yo tengo una ventaja, yo adopte el Brasil. Ellos no, ellos nacieron aquí. Entonces yo tengo la ventaja de hablar con más propiedad, espíritu y moralidad interna, interior. Yo adopte el Brasil. Yo podría haberme ido.

(...) Pueblo maravilloso; yo amo esta gente, tengo un cariño especial. Yo conozco este país, mucho más que muchos brasileiros. Desde Alagoas hasta Manaus, desde RJ hasta Puerto Alegre".

Não deixamos de ter a sensação de que, em certo sentido, este é um discurso que manifesta uma certa superioridade em relação aos brasileiros; e, por outro lado, uma declaração de amor. "Olha, eu poderia ter ido; no entanto, fiquei porque adotei o país no qual vocês nasceram; por esta minha escolha eu posso falar com mais propriedade ou direito que vocês." Parece-nos que fica evidente também certo conflito, no sentido de que ele não se sente cidadão nem tem acesso a determinados direitos, como o de votar. Na verdade, ele está muito mais justificando seu direito de poder expressar-se perante os brasileiros.

Tanto assim que, se lermos com atenção seu discurso sobre o Brasil, perceberemos claramente esse desejo de ter direito pleno de poder falar sobre o Brasil, não mais como estrangeiro, alguém de fora, e sim como um brasileiro, por opção, e que conhece o país. Ele nos diz:

"Ahora Brasil es una incognita lamentable. Brasil es un país que mal tiene conciencia de clase; cuando más van a tener conciencia política. Esa es la trágica herencia que existe desde el vargismo hasta aquí. Incluso los propios brasileiros son llevados a juzgar a sus hermanos, ¿no? 'brasileros, como é folgado, no le gusta trabajar. No les gusta'. No tiene una conciencia política y hoy es una incognita que es lo que va acontecer en este país, en estas elecciones. ¿Lula va ganar? No. Yo creo que no. Yo lo veo difícil. Y prueba es que pueda hasta pasar al segundo turno. Evidentemente las fuerzas, todas, reaccionarias atrás de él, van a se unir evidentemente para que él no sea el primero. No resta la menor duda y como todavía el voto de conciencia no existe, donde se pueda decir que la mayoría del pueblo brasileiro vote conscientemente por una clase que lo represente.

Es un país sometido a un espolio bastante grande. Yo lo veo por mi trabajo. Trabajo en 2 multinacionales." (Depoimento gravado em 12/7/89 e em 17/7/89.)

Depreendemos claramente neste discurso a visão crítica em relação à inexistência de consciência política dos brasileiros, de seu mal uso do voto, redundando numa escolha de representação política que não está interessada em solucionar os graves problemas com os quais a população brasileira há muitos anos convive.

Sintetizando, descobrimos que a imagem construída em relação ao país de origem (Chile, Argentina, Uruguai), ao Brasil e à América Latina está marcada majoritariamente por atributos negativos. Isto, sem dúvida, produz um sentimento de rejeição e de não-identificação muito fortes. Podemos falar que há uma valorização cultural negativa em relação a seus países de origem.

Por outro lado, notam que há uma busca de viver e pertencer a um lugar especial. Mas, esta busca é um processo ainda inacabado. No entanto, existe o desejo de construção de uma Identidade. Tivemos a sensação de que eles estavam arduamente trabalhando suas experiências. Numa espécie de garimpagem, buscando elementos que os ajudassem a construir essa Identidade ainda sem nome (pessoal, nacional, brasileira etc.). Falamos até aqui da existência dessa rejeição. Cabe, agora, explicá-la.

Aqui, então, entramos no campo de 3 possíveis explicações igualmente pertinentes:

- 1) Até que ponto a experiência de ter vivenciado o fenômeno da década de 70 nos seus países, golpe de Estado e, muitos deles, o exílio político, criou um certo trauma ainda não superado? E isto se traduz num desencanto e rejeição com seu país de origem e seus conterrâneos pelo fato de ter sido obrigado a sair de sua terra. Talvez ainda estejam vivendo aquilo que FREUD chama de luto: "via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc." (1992:131). De fato, quando se sai do país de origem, de certa forma se tem algumas perdas: o referencial cultural, o idioma, os amigos, as comidas típicas, os cheiros, as paisagens, os costumes, os símbolos, os rituais etc. Perdas estas que têm diversos significados, pesos e valores para cada estrangeiro. E seria necessário o trabalho e reconhecimento dessas perdas, sob risco de se ficar enclausurado permanentemente no passado. Porventura seja este proces-

so reconhecimento e superação da perda, que não foi vivenciado pela maioria destes estrangeiros latino-americanos. De certa forma, podemos afirmar que eles foram expulsos de seus países.

Quiçá, a letra de uma música, "NI TODA LA TIERRA ENTERA" cantada por Isabel Parra (chilena ex-exilada), exprima este sentimento de perda do país.

"Ni toda la tierra entera  
sera un poco de mi tierra  
Donde quiera que me encuentre  
será siempre pasajera  
mi trabajo cotidiano  
mis estrellas, mis ventanas  
se convirtieron cenizas  
de la noche a la mañana.

Puedo hablar, puedo reír  
y hasta me pongo a cantar  
pero mis ojos no pueden  
tanto lágrima guardar.

Apesar de lo que digan  
no me olvido, compañero,  
de que el pan que me alimenta  
siempre será pan ajeno.

Quisiera estar en mi puerta  
esperandote llegar  
todo quedo allá en Santiago  
mi comienzo y mi final.

Si me quedara siquiera el don  
de pedir un sí  
eligiria la gloria  
de volver a mi país."

- 2) Eles estão muito mais voltados e preocupados pela concretização de seus projetos de vida. Tornaram-se mais individualistas (ganhar dinheiro, sucesso profissional, ter filhos, continuar estudando etc., foram alguns de seus projetos apontados), e não participam mais em projetos coletivos, do tipo político, através da participação em partidos políticos ou em outros grupos, dadas as suas desilusões e perdas de sonhos utópicos.
- 3) A rejeição recíproca (ao país de origem e ao Brasil) ocorre, também, por haver características similares nestes países: políticos desacreditados, instituições frágeis,



interrupção constante das tentativas de estabilização de um sistema democrático, insucesso das políticas econômicas, enormes dívidas externas, pobreza, miséria, impunidade das elites e demais mazelas sociais: O Brasil seria, então, a imagem ampliada do que eles rejeitam nos seus países de origem. Não há também uma valorização cultural.

Gostaríamos de finalizar com a lembrança de uma conversa ocorrida com um amigo uruguaio, Carloncho, que voltou para seu país após morar alguns anos no México e depois no Brasil. A discussão em determinado momento girou em relação à problemática da identidade e do desarraigo na experiência de ser estrangeiro. Ele expressou estas questões através de uma imagem que nos pareceu muito bela e carregada de significados. Ele dizia mais ou menos assim: "Em realidade, acontece que aquele que vai embora carrega uma árvore, se for adulto é uma árvore grande, e se for criança carrega um galho. E o problema é o que fazer com a árvore". Eu acrescentaria outros elementos para esta história: carregar a árvore implica levar um peso adicional, mas fundamentalmente implica uma decisão. Se não plantarmos a árvore, ela certamente não sobreviverá e secará. Em outras palavras, precisamos fincar as raízes dessa árvore, e temos algumas possibilidades e opções:

- 1) Ou retornamos ao país de origem e replantamos a árvore e tentamos retomar a nossa Identidade nacional, porém carregando uma mentalidade crítica. Aqui, nos referimos ao retorno às nossas raízes, tradições e ligações. Como já comentamos antes, 6 desses estrangeiros latino-americanos retornaram a seus países de origem. Mas também podemos manter vínculos em caráter de visitante. Apenas 3 de nossos entrevistados manifestaram a necessidade de retornar a seu país com certa frequência para não perder as raízes e suas ligações. Um deles, Juanito de La Ribera, nos relata que tem necessidade de ir a Buenos Aires para curtir o frio do inverno, ver os amigos e familiares, assistir filmes argentinos, comprar livros e comer comidas típicas. Ele se recorda:

"Voy allá y como todo lo que aquí no hay, llevo con más 4 kilos. Llevamos un roteiro das cosas que queremos comer: café con leche

con medialunas, allá es algo sagrado, todo el mundo come, es como la hostia, mantecal (turrón de mani húmedo), bife de chorizos, tripa gorda, parillada".

- 2) Plantamos a árvore no novo país no qual estamos, no caso o Brasil, e tentamos construir e absorver uma outra Identidade. Quem sabe nos identificaremos como brasileiros, como Paco e Hugo.\*
- 3) Dividimos as raízes da árvore, algumas ficam no país de origem e outras no novo país. Então elaboraremos, possivelmente, dupla Identidade ou propucaremos construir outra a partir de elementos e parâmetros diferentes.

Por isso, lembrar a letra de uma música, "YA NO ES TIEMPO DE ESPERAR", cantada por Isabel Parra (chilena), faça muito sentido.

"Que no somos los primeros  
que cambiaron su destino  
otros tantos combatieron  
con la nostalgia callada  
y la distancia apretada  
(...)

Nadie puede  
en esta hora  
paralizar la razón

---

\* Não usei a expressão abrasileirar-se porque, segundo eles, esta implicaria 2 níveis de conotações. O positivo implicaria adotar uma forma de vestir-se mais confortável, menos formal e mais alegre nas cores; isto é válido tanto para os homens quanto para as mulheres. Também implicaria uma forma de ser mais descontraída e mais alegre, de encarar as coisas com mais calma. Como também incorporar certos rituais no âmbito de comida, cumprimentos etc.

Mas a conotação negativa implicaria falta de seriedade com as coisas, problemas, compromissos. Também provocaria um comportamento onde não existiria a pontualidade no cumprimento de horários e compromissos. Tornar-se-ia mais flexível com certos valores morais e éticos, mais irresponsável e irreverente. Conheceria e utilizaria o código de "jeitinho" brasileiro.

ya no es tiempo de esperar  
 hay que ponerse a la acción  
 de seguir viviendo  
 sin doblar la hoja  
 sin olvidar nunca  
 donde está la patria."

Ou (4) ficamos carregando a árvore sem encontrar uma "boa terra" para replantá-la. E, sem dúvida, viveremos um eterno conflito de Identidade, e um sentimento de desarraigo difícil de resolver.

Nesse sentido, Manuela Carneiro da Cunha (1985), referindo-se ao escravo e fazendo um paralelo com o estrangeiro, afirma que na ampla literatura existente sobre a escravidão se discorreu sobre um traço característico do escravo: "é sempre, por definição, um ser sem raízes" (1985:11). Nossa indagação, que fica ainda sem uma resposta suficientemente satisfatória, é se o estrangeiro se torna definitivamente um ser sem raízes, sem um sentido ou idéia de "pertencer"?

Ou a questão de "pertencer", da nacionalidade, não é nem constitui nenhuma problemática essencial ou vital para alguns (existencialmente)?

É claro que é algo relativo e complexo para responder genericamente, pois, se retomarmos dois discursos, o de Florencia e o de Hugo, estes nos apontam para dois desdobramentos. O primeiro, para a busca de projetos de vida, e, o outro, para fazer de qualquer lugar sua pátria. Vejamos:

- A) Florencia "Yo me siento bien ahora, porque tengo un proyecto para adelante. Esa es la verdad. No me interesa se soy argentina, brasilera o que soy de Argentina y estoy en Brasil. ¿No? No hay esa distancia. Soy una persona y la otra persona es otra persona que tiene cosas diferentes y cosas iguales. Pronto. ¿No?  
 La historia de la nacionalidad no me enquistaba, o sea, no me siento extranjera, ni me dejo de sentir extranjera, sabes. Ni me preocupa eso. Además ser extranjero a veces da beneficio".

B) Hugo

"Patria, se puede extender a cualquier parte del mundo. No es sólo área geográfica. Aquí en el Brasil me siento tan bien que pedí mi ciudadanía".

No caso estudado, o que notamos é que para aquele estrangeiro latino-americano que não elabora ou compartilha algum sentimento de "pertença" ou identificação, seja de que natureza for, a experiência e vivência de ser estrangeiro se torna algo muito desolador, angustiante e difícil de carregar. Em geral, predomina um forte sentimento de rejeição a seu país de origem e ao novo país onde mora.

Porém, há uma busca, há necessidade de um sentido, de um sentimento de "pertencer", de identificação; entretanto, no caso dos estrangeiros este é um processo complexo, demorado, doloroso e enriquecedor ao mesmo tempo.

Mas, nos parece que não é apenas um desejo ou sentimento restrito aos estrangeiros, o de encontrar, escolher, buscar e viver num lugar ou num país no qual possa ser feliz. Por isso, a música do filme TANGOS, O EXÍLIO DE GARDEL nos parece ser eloquentemente sintetizadora do desejo e busca:

"Un país que me ayude a vivir  
 Que antes de todo e respete  
 aunque lleves un chupete  
 Un país donde pueda elegir  
 que valga tu opinión  
 aunque seas un ratón  
 Un país donde pueda ser yo  
 sin sentirse cucaracha  
 Un país que no pierdes el humor  
 donde aprendas a reir  
 en lugar de reprimir  
 Un país donde pueda ser yo  
 sin sentirse cucaracha y  
 bajarle las bombachas  
 ¿que país será ese país?"

Mas, sem hesitar, um dos um dos desafios de qualquer estrangeiro é minimizar os sentimentos de liminaridade, desencanto, rejeição, incompletude e desarraigo, porque, como falou um de nossos entrevistados, "viver en un país donde nada te guste deve ser horrible".

Através desta pesquisa tivemos uma descoberta empírica relevante no campo da Identidade. Ou seja, não existe um auto-reconhecimento na afirmação de uma identidade nacional no caso destes estrangeiros latino-americanos. O que temos é uma rejeição/negativa ao país e a seus compatriotas. Ao mesmo tempo, não há uma outra afirmação de identidade. A descoberta importante se dá pelo fato de não existir estudos que apontem para a não-afirmação de uma Identidade;\* os estudos no Campo da Identidade na Antropologia até recentemente enfatizam a afirmação e elaboração de alguma Identidade.

Gostaríamos de finalizar estas conclusões com outras considerações.

---

\* Os autores que trabalham com outras concepções de identidade, conhecidos por nós, são 3. GOFFMAN (1982), a partir da idéia de Identidade deteriorada e estigmatizada, e a manipulação da mesma pelos grupos que sofrem estigma, assim como a distinção entre a Identidade social virtual e a Identidade social real. O outro autor é ERIKSON (1972), com seu conceito de crise de identidade e identidade negativa. E o trabalho de EIDHEIM sobre os lapões na zona de Noruega e as relações deste grupo étnico com a população norueguesa; e como através de um sinal, a língua lapônica, e outros sinais e signos eles delimitam fronteiras: uma vida pública e uma "vida privada lapônica".

A dificuldade de poder vincular esses estudos ao nosso se deu porque são estudos que dizem respeito a outras problemáticas que não correspondem ao caso destes estrangeiros latino-americanos.

Pesquisando, estudando e refletindo, ao longo deste trabalho, permanentemente tivemos as sensações relatadas neste lindo trecho do conto de Jorge Luis Borges, citado como epígrafe desta conclusão. Quantos caminhos que se bifurcavam, quantos atalhos, "senderos", trilhas e também encruzilhadas percorridas. Quantas idas e vindas ao longo destes anos. Quantas buscas e desencontros, quanta solidão, cooperação e desejos neste processo de fazer e refazer a pesquisa.

O trabalho científico é um constante acúmulo de novos conhecimentos e descobertas. E, fazendo uma analogia, como a que Borges sugere, ao se referir à criação de um livro, este processo é infinito. Aprendemos também que a história, se não faz sentido, pelo menos deixa marcas, a despeito de afirmações contrárias.

E, por isso, sugiro que este trabalho seja enxergado ainda como algo inconcluso, infundável, num estado de certa incompletude e como um desafio para entender, com maior intensidade, a problemática e o significado de ser estrangeiro, e, também, os fenômenos imigratórios e o estudo dos valores e representações.

Após termos ouvido tantas vozes e termos tantos cenários ao longo deste trabalho, esperamos, em parte, ter atingido os nossos objetivos. Conhecer melhor o fenômeno ocorrido na década de 70 na América Latina do Cone Sul, as marcas e significados que deixou em algumas gerações. E, em especial, entender a experiência e a vivência de ser estrangeiro, neste caso, a partir de alguns chilenos, argentinos e uruguaios que no momento da pesquisa moravam no Brasil de São Paulo.

Estamos conscientes também que tivemos limitações de várias ordens. No entanto, após a finalização deste trabalho, queremos chamar a atenção não para repetir as diversas conclusões expressadas ao longo deste trabalho, mas para assinalar insuficiências e carências existentes tanto no campo teórico quanto nas pesquisas

E, claro, temos certa perplexidade, já que não há, ainda hoje, pesquisas sobre latino-americanos de outras nacionalidades (peruanos, bolivianos, paraguaios, colombianos, venezuelanos etc.), independentemente da relevância numérica da população de estrangeiros.

ros latino-americanos no Brasil, comparativamente com outras populações de outros continentes, como, por exemplo, o europeu e o asiático) morando no Brasil e que nos ajudem a compreender melhor a problemática de ser estrangeiro, da Identidade, entre outras questões relevantes. Não conhecemos toda a diversidade étnica existente no Brasil. Precisamos, por isso, de outras pesquisas no campo dos estereótipos, ideologias, representações e imagens. Por exemplo: o que pensam os brasileiros sobre si mesmos; e o que pensam os chilenos (argentinos, uruguaios etc.) sobre si mesmos; e, assim, desenvolver pesquisas comparativas. Temos, portanto, ainda muito a fazer em termos de pesquisas e reflexão teórica e no campo.

No campo teórico e no campo da Antropologia, especificamente, permanece a problemática do referencial teórico sobre a Identidade. Assim como também o problema teórico da utilização de apenas uma categoria (o Imigrante) para classificar e quantificar os estrangeiros, como podemos verificar sobremaneira através dos Censos do IBGE consultados. Há necessidade de diferenciar o exilado político, o asilado ou refugiado, o estudante temporário do Imigrante. É preciso maior precisão na utilização de uma terminologia e no uso dos conceitos para que possamos ter instrumentos mais explicativos, mais consistentes. Não se pode permanentemente minimizar as diferenças ou fingir que elas não existem e nada de relevante significam. Sem dúvida, esta atitude é um tremendo desserviço à reflexão e ao trabalho científico.

Por outro lado, não deixamos de estar perplexos à luz dos fatos históricos ocorridos recentemente (a unificação das 2 Alemanhas, a desintegração da ex-União Soviética, a queda dos regimes do leste europeu, os surtos nacionalistas etc.); temos hoje enorme fluxo de novos estrangeiros pelo mundo afora, e, desse modo, novo tema aparece e se torna relevante atualmente: o Estrangeiro. Assim como as sociedades cada vez mais multiétnicas e plurilingüistas. Outros fatos que nos deixam apreensivos são as recentes manifestações de sentimentos xenófobos, racistas e toda sorte de discriminações. O recrudescimento dessas práticas e sentimentos, disseminando-se pelo mundo, nos faz encontrar estampadas nas notícias dos jornais manchetes como: "Vandalismo anti-semita na França"; "Videogames racistas e neonazistas viram mania em escolas da Áustria"; "Estrangeiros são alvos dos skinheads"; ou "Vereadores de SP estudam limitar a entrada de nordestinos em São Paulo" etc. É por isso que nos parece que a Antropologia

hoje tem um papel importante, ou, nas palavras de GEERTZ, "uma missão importante" (mesmo se ouvindo na academia tantos barulhos de crise na Ciências Sociais, há várias décadas, ou a doença que os antropólogos sofreriam hoje, segundo GEERTZ (1989), uma espécie de hipocondria epistemológica).

Há, verdadeiramente, um vasto campo de pesquisas no que diz respeito à problemática da diversidade cultural entre muitas outras questões. E, por outro lado, um papel relevante junto com as outras disciplinas das C. Sociais, no sentido de contestar, enfaticamente, os discursos racistas, xenófobos, preconceituosos, estereotipados e etnocêntricos. Em suma, minimizar tanta intolerância com a diferença (seja qual for: negros, índios, estrangeiros, homossexuais etc.) no convívio social.

É claro que não é apenas com o discurso antropológico, hoje tão enclausurado - infelizmente - no gueto acadêmico, que se preservam alguns valores humanísticos básicos; porém, este discurso pode e deve contribuir nessa esperança de uma sociedade, pelo menos, mais democrática.

Dado que há precariedade, ainda, de nosso aparelho conceitual no campo da Antropologia e o fato de que a Antropologia é uma ciência do devir, algumas idéias merecem especial atenção por sua pertinência, é o caso das reflexões de Louis Dumont (1985) que permanecem atuais:

"Somos uma ciência em devir. O aparelho conceptual de que dispomos está muito longe de responder às exigências de uma verdadeira antropologia social. O progresso consiste em substituir pouco a pouco, se necessário um a um, os nossos conceitos por outros mais adequados, isto é, mais libertos de suas origens modernas e mais capazes de abranger os dados que começamos por desfigurar. Essa é a minha convicção: o quadro conceptual que ainda é o nosso não só é insuficiente ou rudimentar mas, com frequência, também é enganador, mentiroso." (1985:17)



Outras idéias pertinentes para lembrarmos (e finalizar este trabalho) são as de C. Geertz (1989) em relação à missão dos antropólogos hoje (missão difícil, complexa e utópica), no sentido de ajudar as pessoas em todo o mundo a conviver com as diferenças. E para isto seria necessário o fortalecimento daquilo que ele chamou, no mais amplo sentido, de "comunicação cultural cruzada". Nas palavras dele:

"O que se faz necessário é ampliar a possibilidade de um diálogo inteligente entre pessoas que diferem consideravelmente entre si em interesses, perspectivas e poder, e no entanto estão limitadas em um mundo onde, envolvidas em interminável conexão, fica cada vez mais difícil sair uma do caminho da outra." (1989:63)

Ambas reflexões são alertas para tomarmos cuidado e sermos prudentes, mas também para repensar a Antropologia e o papel dos antropólogos. E, ainda, um convite aberto para se continuar a pesquisar, buscar, procurar, indagar, investigar, examinar, refletir, sondar, verificar.

- (1) Uma análise teórica dos vários textos reunidos no livro "A identidade", dirigido por Lévi-Strauss, como uma reflexão da problemática da Identidade étnica no Brasil é realizada por BARBU, Zevedei no texto "O conceito de identidade na encruzilhada", publicado no Anuário Antropológico/ 78.
- (2) Os trabalhos utilizados são artigos de: HABERMAS "As sociedades complexas podem formar uma identidade racional de si mesmas?" E de RUBEN, Guillermo Raúl. "Notas críticas sobre a teoria da Identidade".  
Existe o texto do antropólogo Edgard de Assis Carvalho: "Identidade e Projeto político: notas para a construção teórica do conceito na Antropologia" (1985), que está preocupado em propor uma politização do conceito de Identidade étnico-cultural num contexto sócio-político que permita a articulação deste tipo de Identidade com a Identidade nacional.
- (3) É importante destacar que este artigo também realiza uma análise histórica da teoria clássica da Identidade, tentando demonstrar seu caráter conservador; assim como tenta demonstrar em que medida a categoria "outro" é constitutiva da formação clássica da teoria da Identidade.
- (4) Não podemos deixar de mencionar a contribuição do professor Roberto Cardoso de Oliveira que, já em 1960, utilizava o conceito de Identidade étnica, inspirando-se nas ideias de Frederick Barth (contrastiva: oposição) e de Goodenough (gramaticalidade: relações de combinação). Por outro lado, no livro "Identidade, Etnia e Estrutura Social" (1976) existe um capítulo, "Um conceito antropológico de Identidade", no qual se propõe um conceito de Identidade étnica, contrastiva (oposição), porém circunscrita a um contexto bem específico, o contato inter-étnico, estabelecendo três tipos de contatos (ver p. 49-51). Este autor relaciona o conceito de Identidade étnica ao campo da Ideologia. Diferentemente de M. C. da Cunha, que o relaciona ao campo da Cultura como repertório.
- (5) Nas conclusões do livro "Negros Estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África", de Manuela Carneiro da Cunha, encontramos uma interessante análise das várias referências teóricas em relação ao conceito de Identidade étnica e etnicidade.
- (6) Os textos utilizados são: FRY, Peter et alii. "Mafambura e Coxa-pura: na encruzilhada da Identidade", e VOGT, C. & FRY, Peter. "A descoberta do Cafundo: alianças e conflitos no cenário da cultura negra no Brasil".  
O Cafundo é um bairro rural (de descoberta recente, em 1978) situado no município de Salto de Pirapora, a 12km de Pirapora, 30km de Sorocaba e a 150km de São Paulo. Sua população é predominantemente negra, sendo cerca de 60 a 80 pessoas. Dividem-se em 2 parentelas: a dos Almeida Caetano e a dos Pires Cardoso.
- (7) ROLNIK, Raquel. "Territórios negros nas cidades brasileiras. (Etnicidade e Cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro)".

3) Sobre os negros da Barra Funda, em SP, existe a tese de José Carlos Gomes da Silva (1990) que trabalha o período de 1900 a 1930.

4) Assim como se fala de territórios negros, podemos usar esta terminologia em relação aos estrangeiros europeus e falar de territórios de imigrantes em SP. Na tese de José Carlos Gomes da Silva (1990) "Os suburbanos e a outra face da cidade. Negros em SP 1900-1930. Cotidiano, Lazer e Cidade", citam-se as observações de Guilherme de Almeida, em 1929, que indicam onde estes imigrantes se concentravam em SP: "os húngaros concentravam-se na rua do Oratório, os judeus na Luz, os alemães em Santa Ifigênia, os lituanos, estônios, e letões na Lapa, os japoneses na Liberdade, os armênios próximos ao Pari e os portugueses na Vila Mariana; e na 25 de Maio: os turcos, sírios, egípcios e libaneses".

Segundo o autor, (28-29), algumas destas concentrações indicavam não apenas afinidade cultural, mas também econômica. Ele faz, ainda, referência à Comunidade Italiana, localizada na região do Bexiga, Brás e Barra Funda.

(10) CAVALCANTI, Lauro & GUIMARÃES, Dinah. Moradia e Identidade étnica.

(11) Estes autores usaram várias fontes: para o estudo dos judeus e negros a pesquisa se baseou a partir do estudo de caso de 7 propriedades de casas de campo situadas na Estrada de Limoeiro, na Fazenda Inglesa, localizada próxima a Petrópolis. Em relação à casa alemã, o trabalho utilizado foi o de Giralda Seyferth. Em relação aos portugueses e brasileiros foi usada uma outra pesquisa dos mesmos autores (da nota 11, acima) chamada "Arquitetura kitsch. Suburbana e rural". Analisam várias casas na "região do Português", a casa de Santo Antônio, e a casa de um português na Ilha do Governador.

(12) BEOZZO DE LIMA, M. H. "A missão herdada: Um estudo sobre a Inserção do Imigrante Português".

(13) SEYFERTH, Giralda. "Imigração, colonização e identidade étnica (Notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil)".

(14) COSTA, Rovílio. Antropologia visual da imigração italiana.

(15) Também não encontramos outro tipo de construção de identidade, como, por exemplo, através do nome, especificamente através da associação entre o topônimo (nome de lugar) e o onomástico (nome da pessoa) para afirmar-se uma identidade. A pesquisa de ZONABEND, Françoise (1981), que estudou os habitantes de MINOT, um povoado rural na França, aponta para a construção de uma identidade nesse sentido.

Em nenhum momento alguns de nossos entrevistados se auto-identificou (mesmo usando o pseudônimo) como, por exemplo: Lita, argentina de Buenos Aires. O único que manifestou preocupação com seu nome através da exigência da correta pronúncia foi Juanito de la Ribera. Houve, também, um pseudônimo usado que fazia referência a um local: Rioplatense - Rio da Plata.

- ACNUR: Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados.
- CELADE: Centro Latinoamericano de Demografía.
- CEPAL: Comisión Económica para América Latina y el Comité de las Naciones Unidas.
- CIM: Comité Intergubernamental para las Migraciones.
- FLACSO: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales.
- IBGE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- NEPO: Núcleo de Estudos da População.

## I- ARTIGOS E LIVROS

ADORNO, Theodor

- 1973 Tiempo Libre (p.p. 54-63) e Sobre la pregunta "¿Qué es alemán?" (p.p. 96-106) In: Consignas. Buenos Aires, Amorroutu.

AGUIAR, César

- 1988 La emigración internacional. Balance y perspectivas de la investigación sobre el tema. In: Suma nº 4, Montevideo p.p. 69-88

ALBERTS, Joop

- 1974 Hacia un mejor entendimiento de los motivos para migrar. In: Nota de Población, Santiago de Chile p.p. 7-15

ALVIM, Zuleika M:F.

- 1986 Brava Gente. Os Italianos em São Paulo. SP, Brasiliense, p.189.

ARÉVALO, Jorge V.

- 1981 Migración entre Países Latinoamericanos. In: Notas de Población nº 26. San Jose, Costa Rica. p.p. 145-167.

ARIES, Philippe.

- 1977 História da Morte no Ocidente, R.J., Francisco Alves

ARRICUCCI, Davi

- 1981 Reconpor um rosto. In Discurso nº 12. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas. p.p. 65-69.

ARRUDA R. C., Irene de

- 1986 Os acontecimentos de 1968 - Notas para uma interpretação. Texto apresentado ao X Encontro Anual da Anpocs, p. 11.

ASPER INSTITUTE FOR HUMANISTIC STUDIES.

- 1988 Capítulo IV: - Migração: Problema ou Solução? As Américas em 1988, Tempo de opções. Um relatório do Diálogo Interamericano. Washington. p.p. 63-85.

ASSIS CARVALHO, Edgard de.

- 1985 Identidade e Projeto Político: Notas para a Construção Teórica do Conceito na Antropologia. In: BASSIT, Ane Z. et alii (org.). Identidade- Teoria e Pesquisa. S.P., Educ. p.p. 15-37.

BALANDIER, Georges

- 1984 Los espacios y los tiempos de la vida cotidiana.  
Debats nº 10 p.p. 103-106

BARBU, Z.

- 1980 O conceito de identidade na encruzilhada. In: Anuário Antropológico/78. R.J., Tempo brasileiro p.p. 293-307

BARJAU, Luis

- 1985 La migración como problema metodológico y como problema político. In: Nueva Antropología vol. VII, nº 26 México p.p. 59-67.

BARRAZA, Ximena

- 1982 Notas sobre a vida Cotidiana numa Ordem Autoritária. MAIRA, Luis, et alii. América Latina novas estratégias de dominação. Petrópolis, Vozes. p.p. 135-169

BAST, Rosalinda de & HAMEL, Rainer E.

- 1986 "A poco estabai ahi hueveando". Assimilation et Résistance Linguistique chez les chiliens exiles au Mexique. Comunicação apresentada ao XVIII Congres. International de Linguistique et Philologie Romanes. p. 12.

BEEK, M.A.

- 1967 História de Israel. R.J. Zahar. p. 184.

BENEDETTI, Mario

- 1986 Inventario. Poesia Completa (1950-1985). Madrid, Visor. 7ª edición. p.607.

BENJAMIN, Walter

- 1982 Discursos Interrumpidos I. Madrid, Taurus. (Re-impresion). p. 206.

- 1987 O Narrador. In: Walter Benjamin. Obras escolhidas. S.P., Brasiliense. p.p. 197-221.

BENOIST, Jean Marie

- 1981 Conclusiones. In: LEVI-STRAUSS, Claude. La identidad. Barcelona, Petrel. p.p. 353-374

BEOZZO DE LIMA, Maria Helena.

- 1973 A Missão Herdaça: Um estudo sobre a Inserção do Imigrante Português. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da UFRJ. Rio de Janeiro.

BICUDO, Hélio

- 1986 Lei de Segurança Nacional. Leitura crítica. SP, Edições Paulinas. p. 36.

BIDEGAIN, Gabriel

- 1986 Democracia, migración y retorno: Los argentinos, chilenos y uruguayos en venezuela. Documento de Trabajo nº 29 Caracas. Instituto de Investigaciones Económicas y Sociales. Universidad Católica Andrés Bello, p.36.

s/d Paris. 1968. Linceo. p.p. 235-240.

BORGES, Jorge Luis.

1980 El Jardín de senderos que se bifurcan. In: Nueva Antología Personal. Barcelona, Bruguero. p.p. 124-138.

BORON, Atilio

1977 El fascismo como categoría histórica: en torno al problema de las dictaduras en América Latina. Revista Mexicana de Sociología vol. XXXIX, n° 2.

BOSI, Ecléa.

1987 Memória e sociedade. Lembranças de velhos. S.P., T.A. Queiroz. 2ª edição.

BOURDIEU, P.

1974 Condição de classe e posição de classe. In: A economia das trocas simbólicas. S.P., Perspectiva. p.p. 3-25

1983 Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). Pierre Bourdieu. S.P., Ática. p.p. 82-121.

BRASIL NUNCA MAIS

1988 Petrópolis, Vozes 21ª edição. p.312.

BRIOSCHI, Lucila & TRIGO, Maria Helena.

1987 Relatos de vida em ciências sociais considerações metodológicas. In: Ciência e Cultura. 39(7) p.p. 631-637.

BRUNNER, Jose Joaquín

1982 Los Intelectuales en Chile. Mensaje n° 311. Santiago de Chile. p.p. 423-429

1982 Presencia Cultural del exilio. Mensaje n° 315. Santiago de Chile. p.p. 688-689

1983 Autoritarismo y Cultura en Chile. Documento de Trabajo n° 44 Flacso. Santiago de Chile. p.21.

BRUNNER, Jose Joaquín & BARRIOS, Alicia.

1987 Inquisición, mercado y Filantropía. Ciencias Sociales y Autoritarismo en Argentina, Brasil, Chile y Uruguay. Santiago de Chile, Flacso. p.261.

BURGOS, Ernesto C.

1986 El exilio: aspectos psicológicos. In: KO'ËYÚ Latinoamericano n° 39/40. Caracas. p.p. 63-66.

CAETANO, Gerardo & RILLA, José.

1987 Breve história de la dictadura (1973-1987). Montevideo, Ediciones de La Banda Oriental. p.151.

CAMARGO, Aspásia et alii.

1980 Histórias de vida na América Latina. Bib n° 10, p.p. 5-24.

- CANCLINI, Néstor Garcia  
1986 Cultura e política na Argentina: a reconstrução democracia.  
Novos Estudos Cebrap. nº 14 p.p. 52-61.
- CAPARELLI, Sérgio  
1989 Ditaduras e Indústrias Culturais no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai. Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS. p.127.
- CARDOSO, Fernando H.  
1982 Da caracterização dos regimes Autoritários na América Latina. In: COLLIER, D. op. cit. p.p. 41-62.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto  
1976 Um conceito antropológico de Identidade. In: Identidade, Étnia e Estrutura Social. S.P., Livraria Pioneira. p.p. 33-52.
- 1985 Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia.  
In: Anuário Antropológico/84. R.J., Tempo Brasileiro. p.p. 191-203.
- CARDOSO, Ruth C.C.  
1959 O Papel das Associações Juvenis na culturação dos Japoneses.  
In: Revista de Antropologia nº 1/2. p.p. 101-122.
- 1986 Aventuras de antropólogos em campos ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth. A aventura antropológica. R.J., Paz e Terra. p.p. 95-105.
- CARIOLA, Patrícia & ROSSETTI, Josefina  
1984-1985 Inserción laboral para el retorno: El campo de los exilados chilenos. Santiago de Chile, CIDE: Centro de Investigación y desarrollo de la educación. p. 92.
- CARNEIRO DA CUNHA, M.  
1985 Negros, Estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à Africa. S.P. Brasiliense p. 231.
- 1986 Etnicidade: da cultura residual mas irredutível. In: Antropologia do Brasil. S.P., Brasiliense. p.p. 97-108.
- CARR, Edward H.  
1969 Los exilados Románticos. Bakunin, Herzen, Ogarev. Barcelona, Anagrama. p. 357.
- CASANOVA, Pablo G. (org)  
1988 América Latina: História de Meio Século. Brasília, UNE. p.301.
- CAVALCANTI, Lauro & GUIMARÃES Dinah  
1983 Moradia e identidade étnica. Revista de Antropologia nº 26 p.p. 119-128



- CENNI, Franco  
1975 Italianos no Brasil. S.P.: Livraria Martins.
- CERRILLO, Edingardo A. & DIEZ, Enrique D.  
1987 Del 68 al 86. Movimientos estudiantiles (Hemerografia).  
In: revista Mexicana de Ciências Políticas y Sociales  
nº 129. Universidad nacional Autónoma de México. ;  
p.p. 131-156.
- CHAUI, Marilena  
1986 Cultura popular e autoritarismo. In: Conformismo e Resistência. Aspectos de cultura popular no Brasil.  
S.P. Brasiliense, p.p. 47-85.
- COELHO, Edmundo C.  
1985 A Instituição Militar no Brasil: Um Ensaio Bibliográfico. Bib. nº19. R.J., p.p. 5-19.
- COHEN-SOLAL, Annie  
1986 Sartre (1905-1980) Porto Alegre, L & PM
- COLL, Josefina Oliva de  
1986 Por Terras do Prata e Chile, Terra Indômita. In: A Resistência Indígena. Porto Alegre, L & PM p.p. 190-215
- COLLIER, David (org)  
1982 O Novo Autoritarismo na América Latina. R.J. ---  
Paz e Terra, p.407.
- CONADEP  
1985 Nunca Más.
- CORREA, Mariza  
1988 Traficantes do excêntrico. Os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. In: R.B.C.S.  
nº 6 vol. 3 p.p. 79-98
- CORTÁZAR, Julio  
1978 América Latina: exílio y literatura. In: Arte, Sociedad, ideologias nº 5. Mexico.  
1984 Argentina: Años de Alambrados Culturales.  
Barcelona, Much\_nik editores p. 150.  
1984 Transformar el exílio en estrategia y arma de combate.  
In: Nueva Sociedad nº 70. Caracas. p.p. 170-171.
- COSER, Lewis A.  
1984 Refugee scholars in America. Their Impact and their Experiences. Yale University Press.
- COSTA, Rovílio  
1976 Antropologia visual da Imigração Italiana. Porto Alegre.  
p. 221.

- CULVA, Agustín  
1974 Para una interpretación sociológica de "Cien Años de Soledad"  
Revista Mexicana de Sociología vol.36. p.p. 59-76.
- 1977 La cuestión del fascismo.  
Revista Mexicana de Sociología vol.39. nº 2.
- CÚNEO, Dardo et alii  
s/d Inmigración y Nacionalidad. E. Aires. Paidós. p. 215.
- DAHSE, Fernando  
1984 Orígenes culturales del fracaso del modelo económico neo liberal.  
Estudios sociales nº 39 p.p. 9-46.
- DA MATTIA, Roberto  
1978 O Ofício de Etnólogo, de caráter "anthropological blues".  
In: OLIVEIRA NUMES, Edson de. A aventura sociológica.  
R.J., Zócher, p.p. 23-35.
- 1987 Sobre o simbolismo de comida no Brasil.  
In: O Correio da Unesco nº 7 p.p. 22-23.
- DAVID, Maurício D.  
1979 Fascismo e Ditaduras Militares na América Latina.  
In: Encontros com a Civilização Brasileira nº 8.  
R.J., Civilização Brasileira, p.p. 149-162.
- DIREITOS HUMANOS. Onde o voto é necessário.  
1988 Vários autores. Brasiliense.
- DONOSO, José  
1981 El jardín de el lado. Barcelona, Seix Barra. p. 264.
- DREIFUSS, René A  
1981 Cap. V, VI e VII.  
In: A Conquista do Estado, 1964, Petrópolis, Vozes.
- DUMONT, Louis  
1985 Introdução. In: O Individualismo. Uma perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna. R.J., Rocco. p.p. 11-31.
- DURHAM, Eunice  
1966 Assimilação e mobilidade. A história do imigrante num município paulista. S.P. USP. Minco
- 1978 A Caminho da Cidade. S.P., Perspectiva.
- 1986 A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOZO, Ruth (org). A aventura antropológica. R.J., Paz e Terra. p.p. 17-37.

- EIDHEIM, Harold.  
1970 Quando la identidad étnica es un estigma social. In: BARTH, Frederik, Los grupos étnicos y sus fronteras. México, Fondo de cultura económica, p.p. 50-74.
- EISENSTADT, S.  
s/d Aculturação e assimilação de Imigrantes. Mimeo. USP.
- ELIZANGA, J. C. Migraciones hacia las áreas metropolitanas de América Latina. Celade nº 6, 1970
- ERIKSON, Erik H.  
1972 Prólogo. In: Identidade, Juventude e Crise. R.J., Zahar. p.p. 13-42.
- EVANS-PRITCHARD, E. E.  
1978 Algumas Reminiscências e Reflexões Sobre o Trabalho de Campo. In: Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. R.J., Zahar. p.p. 298-316.
- FERNANDES, Heloísa  
1979 Os Militares como categoria Social. S.P., Global.p. 267.
- FERRAZ DE CAMPOS, José Gaspar  
1990 Farda, barba y baby doll. S.P., Iglu. p. 102.
- FERRI, Omar  
1981 Seqüestro no Cone Sul. O caso Lilian e Universindo. Porto Alegre, Mercado Aberto. p.238.
- FISCHER, Michael M. J.  
1985 Da antropologia interpretativa à antropologia crítica. In: Anuário Antropológico/83. R.J., Tempo Brasileiro. p.p. 55-72.
- FISCHER F., Rosa Maria  
1981 A relação de dominação na pesquisa social. In: Revista de Cultura & Política nº 3. R.J., Paz e Terra. p.p. 65-69.
- FON, Antônio Carlos  
1986 Tortura. A história da repressão política no Brasil. S.P., Global. p. 79.
- FOUCAULT, Michael  
1980 História da Sexualidade I. R.J., Graal. p. 152.
- FREDERICO, Celso  
1989 1968: Guerrilha urbana e movimento operário. In: Ciências Sociais Hoje. Vértice & Anpocs. p.p. 269-294

- FREIRE, Paulo et alii  
 1985 Vivendo e aprendendo: Experiências do IDAC em educação popular.  
 S.P., Brasiliense. p. 127.
- FREIRE, Paulo & FAUNDEZ, A.  
 1985 Por uma pedagogia da Pergunta.  
 R.J., Paz e Terra. p.158.
- FREUD, S.  
 1992 Luto e melancolia.  
 Novos Estudos Cebrap. nº 32 p.p. 128-142
- FRY, Peter  
 1982 Apresentação e Mafambura e Caxapura: Na encruzilhada da Identidade. In: Para inglês ver.  
 R.J., Zahar, p.p. 11-19 e p.p. 116-134.
- FUERA DE FRONTERAS  
 1984 Escritores del Exilio Uruguayo.  
 Estocolmo, Nordan Comunidad.
- GABEIRA, Fernando  
 1979 Carta sobre a Anistia.  
 R.J., Codecri. p. 79.
- 1980 O Crepúsculo do Macho.  
 R.J., codecri, p. 245.
- GALEANO, Eduardo  
 1977 Entrevista. Canção do Exílio.  
 In: Folhetim nº 45, S.P., p. 107.
- 1988 Memória do Fogo. O Século do Vento.  
 R.J., Nova Fronteira p.349.
- GALLO, José A. V.  
 1982 Militarización y seguridad nacional.  
 In: Chile-America nº 76/77 - Roma p.p. 57-64
- GARRETON, Manuel A.  
 1978 De la seguridad nacional e la nueva institucionalidad. Notas sobre la trayectoria ideológica del nuevo estado autoritario.  
 Revista Mexicana de Sociología vol.40, nº 4.  
 México, p.p. 1259-1282.
- 1980 En torno a la discusión de los nuevos regimenes autoritarios en America Latina. Santiago de Chile, Flacsc:  
 Documento de trabajo nº 98, p.37.
- 1987 Panorama del medo de los regimenes militares. Un esquema general. Santiago de Chile, Flacso.  
 Documento de trabajo nº 385 p.28.

- CELESTE, Clifford  
 1978 É a natureza universal?  
 In: Diálogo nº 1 p.p. 76-84.
- 1989 Está lá, escrever aqui.  
 In: Diálogo nº 3, vol. 22. R.J., p.p. 58-63.
- 1978 "Ethos" Visão de Mundo e a Análise de Símbolos sagrados. In: A Interpretação das Culturas. R.J., Zahar p.p. 143-159
- GEORGE, Pierre  
 1977 As Imigrações Internacionais.  
 Publicação Don Quixote. Lisboa, p. 237.
- GILIO, María Esther  
 1988 La malediction d'Ulysse. Exilios latinoamericanos.  
 In: Cuadernos de Marcha nº 35. Montevideu. p.p. 32-38.
- GOFFMAN, Erving  
 1982 Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.  
 R.J., Zahar. p.158.
- GOMES DA SILVA, José Carlos  
 1990 Os suburbanos e a outra face da cidade. Negros em S.P. 1900-1930. Cotidiano, Lazer e Cidade. Tese de -Mostrado em Antropologia Social. Unicamp.
- GRINBERG, Leon & GRINBERG, Rebeca  
 1984 Psicoanálisis de la migración y del exilio. Madrid, Alianza Editorial, p. 274.
- GUILLEN, Laura  
 1987 La primavera del 68. Bibliografía de un movimiento.  
 In: Revista Mexicana de Ciências.
- HABERMAS, J.  
 1983 As sociedades complexas podem formar uma identidade racional sobre si mesmas. In: Para a reconstrução do materialismo histórico.  
 S.P., Brasiliense, p.p. 77-107.
- 1987 A nova intransparência. In: Novos Estudos Cebrap nº 18. S.P., Editora Brasileira de Ciências Ltda. p.p. 103-114.
- HAGUETTE, Teresa  
 1990 Metodologia qualitativa na Sociologia.  
 Petrópolis, Vozes. 2ª edição.
- HANSENDALE, Carlos A.  
 1979 Discriminações e Desigualdades Raciais no Brasil.  
 R.J., Graal. p.p. 227-242.
- HEILBORN, Maria Luíza  
 1984 Visão de Mundo e éthos em camadas médias suburbanas no Rio de Janeiro. In: Ciências Sociais Hoje/ p.p. 88-99. S.P., Cortez, Anpocs.

- HIRSCHMAN, A.  
1987 A economia política do desenvolvimento latino-americano: sete exercícios de retrospectão. In: RBCS nº 3.
- HOJMAN, Eugenia & Analisis  
s/d 1973-1989. Memorial de la dictadura. Cronologia de 16 años de pesadilla. Santiago de Chile, Editorial Eunision. p. 315.
- HOLLANDA BARBOSA, Livia Neves de  
1988 O jeitinho, ou a arte de ser mais igual que os outros. Ciência Hoje vol. 7, nº 42, p.p. 50-56.
- HUGHES, H. Stuart  
1977 The sea change. The migration of social thought, 1930-1965. New York, Mc Graw-Hill - Book Company.
- HUYCK, Earl E. & FIELDS, Rona  
1981 Impact of Resettlement on Refugee Children. In: International Migration Review. Vol. 15, nº 1, p.p. 246-254.
- IANNI, Constantino.  
1972 Homens sem Paz. Os conflitos e os bastidores da emigração Italiana. R.J., Civilização Brasileira.
- INTERNATIONAL MIGRATION REVIEW  
1981 Special of Refugees. Vol. 15, nº 1
- KAWAI, Takeo.  
1980. Italianos e sírio-libaneses: uma visão comparativa com os japoneses. In: A presença japonesa no Brasil. SP, T.A. Queiroz. p.p. 153-182.
- KEMPER, Robert V.  
1970 El estudio antropológico de la migración a las ciudades en America Latina. In: America Indígena, vol. XXX, nº 3 Mimeo p.p. 609-633.
- KLEIN, Herbert S.  
1989 A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos. In: Novos Estudos Cebrap nº 25 São Paulo. p.p. 95-117.
- KONDER COMPARATO, Fabio  
1981 Segurança Nacional. In: Novos Estudos Cebrap. vol. 1, nº 1. p.p. 51-57
- KULAKOWSKI, Leszek  
1980 O Elogio do Exílio. In: Cultura - O Estado de São Paulo. São Paulo, p.p. 1-2.
- KOWARICK, L. (org)  
1988 São Paulo. Passado e Presente. As lutas sociais e a cidade. R.J., Paz e Terra. p.p. 49-71.

- LAPLANTINE, François  
 1988 Aprender Antropologia.  
 S.P., Brasiliense p. 205
- LATTES, Alfredo E. & OTEIZA, Enrique  
 1986 Dinâmica migratória argentina (1955-1984): Democrati-  
 zación y retorno de expatriador. Ginebra,  
 UNRISD: Instituto de Investigaciones de Las Naciones Uni-  
 das para el desarrollo social. p. 160.
- LAVIN, Joaquín  
 1988 Chile. Revolución Silenciosa.  
 Santiago de Chile, Editora Zig-zag S.A. p.155.
- 
- LECHNER, Norbert  
 1978 A crise do Estado na América Latina. Revista de Cultura  
 Contemporânea nº 1, p.p. 15-31.
- 1980 Vida Cotidiana y Ambito Público en Chile. Un proyecto de  
 investigación. Flacso nº 103 Santiago de Chile.p. 18.
- 1983 Notas sobre la vida cotidiana. Agonia y protesto de la  
 sociabilidad. Material de discusión nº 50 Flacso.  
 Santiago de Chile. p. 18.
- 1984 El estudio de la vida cotidiana. Documento de trabajo nº 210  
 Flacso p. 26.
- 
- LE GOFF, J.  
 1984 Memória.In: Enciclopédia Einaudi vol. 1  
 Lisboa, Imprensa Nacional. Casa da Moeda. p.p. 11-50.
- 
- LEITE MERTIZIG, Lia Romano  
 1977 As dificuldades de adaptação do imigrante no Estado  
 de São Paulo. Repartição e Reemigração 1889-1920.  
 Tese de Mestrado da USP.
- LÉVI-STRAUSS, Claude  
 1976 (a) A lógica das classificações totêmicas. In: O pensamento  
 selvagem. S.P., Companhia Editora Nacional. p.p. 56-97.
- 1976 (b) Jean-Jacques Rousseau, Fundador das Ciências do Homem.  
 In: Antropologia estrutural dois.  
 R.J., Tempo Brasileiro. p.p. 41-51.

- LÉVI-STRAUSS, Claude & BENOIST, Jean-Marie  
1981 Conclusiones. In: La Identidad.  
Barcelona, Petrel. p.p. 353-369.
- LÉVI-STRAUSS, Claude & ERIBON, Didier  
1990 De perto e de longe. R.J., Nova Fronteira. p. 235.
- LIMA JÚNIOR, Olavo Brasil  
1971 Intervenções Militares na América Latina. Tese de  
Mestrado em Ciência Política. R.J., IUPERJ.
- LÖWY, Michael  
1989 Redenção e Utopia. O judaísmo libertário na Europa Central.  
S.P., Companhia de Letras.
- LÖWY, Michael & SADER, Eder  
1977 La militarización del Estado en America Latina.  
México, Cuadernos Políticos nº 13, p.p. 58-75.
- MACHADO, Cristina Pinheiro  
1979 Os exilados. 5 mil brasileiros a espera da anistia.  
S.P., Editora Alfa-Ômega. p. 129.
- MACIEL, Luiz Carlos  
1987 Anos 60.  
Porto Alegre, L & PH p. 120.
- MAIRA, Luis  
1986 Las dictaduras en America Latina.  
Santiago de Chile, CESOC & Ediciones Chile y America. p.159.
- MALINOWSKI, Bronislaw  
1976 Argonautas do Pacífico Ocidental.  
Abril Cultural, S.P., 1ª edição.
- MARCONI, Paolo  
1980 A censura política na Imprensa Brasileira 1968-1978.  
S.P., Global p. 312.
- MARCUSE, Herbert  
1981 A "nova esquerda" fracassou? Revista da Cultura & Política nº 3  
R.J., Paz e Terra. p.p. 47-54.
- MÁRQUEZ, Gabriel C.  
1980 La aventura de Miguel Littin clandestino en Chile.  
Bogotá, La Oveja Negra Ltda. p. 152
- MARSAL, Francisco. Hacer la América. Biografía de un inmigrante.  
1972 Barcelona, Ariel.
- MARTINS, Carlos A.  
1986 Música popular uruguaya 1973-1982. Um fenômeno de comu-  
nicação alternativa. Montevideo, Ediciones de la Banda  
Oriental. p. 118.



- MARTINS FILHO, João Roberto  
1987 Movimento estudantil e cidadania militar.  
Campinas, Papirus. p. 213.
- MARTIRENA, Gregório Dr.  
1988 Uruguay. La tortura y los médicos.  
Montevideo, Banda Oriental p. 87
- MATOS, Olgária  
1981 Paris 1968: As barricadas do desejo...  
S.P. Brasiliense. p. 104
- MATTOS TAUBE, Maria José de  
1986 De migrantes a favelados. Estudo de um processo migratório. vol 1. e vol 2. Campinas, Unicamp.
- MELATTI, Julio Cezar  
1984 A Antropologia no Brasil. BIB. nº 17 R.J. p.p. 3-52.
- MELLO, Maria Amélia (org)  
1986 20 anos de resistência alternativa da cultura no regime militar. R.J., Espaço e Tempo. p. 155.
- MENEZES P. de O., Claudia  
1972 A Mudança. Tese de Mestrado, UFRJ - Antropologia.
- MINCES, Juliette  
1989 A comunidade argelina na França. In: Estudos Afro-Asiáticos nº 17 p.p. 56-63.
- MINTZ, Sidney W.  
1984 Encontrando Taso, ne descobrindo. Cadernos vol. 27, nº 1.  
R.J. p.p. 45-58.
- MONTAGNE, Michel de  
1972 De Amizade (cap. XXVIII). In: Ensaio. Série Os Pensadores.  
S.P., Abril Cultural. p.p. 95-101.
- MOTA, Carlos G.  
1986 A história recente. Dos anos 60 aos anos 70.  
In: História Moderna e Contemporânea. Moderna, p.p. 461-469.
- MOUSINHO GUIBI, Maria Lais  
1982 Elementos de Análise dos "Estudos de Comunidades" Realizados no Brasil, Publicados de 1948 a 1980.  
In: Educação e Ciências Sociais vol. 10, nº 19.  
R.J., p.p. 45-67.
- Movimiento Solidario de Salud Mental & Familiares de detenidos y desaparecidos por razones políticas et alii.  
1987 Terrorismo de Estado. Efeitos psicologicos en los niños.  
Buenos Aires, Paídos. p. 107.

- MUNOZ, Lilitana  
1980 Exile as bereavement: socio-psychological manifestations of Chilean exiles in Great Britain. British Journal of Medical Psychology. n° 53. p.p. 227-232.
- NEVES, Angela  
s/d Trabalhar fora ou fazer carreira: Um problema da mulher.  
o. Caderno de Debate 6 p.p. 26-34.
- NEVES, Eugenia  
1980 Vivir en Paris. Testimonios de un exilio. In: Araucaria de Chile n° 9. p.p. 157-170.
- NEVES, Eugenia & VAZQUEZ, Ana  
1982 La militancia política y los exilados. In: Chile-América n° 76/77. Roma, p.p. 51-56.
- NUN, José  
s/d Os militares da classe média. Mimeo.
- NUÑEZ, Ricardo  
1982 La realidad escendida. El Partido del interior y del Exilio.  
In: Nueva Sociedad n° 74. Caracas, p. 20-26.
- O'DONELL, Guillermo  
1981 As Forças Armadas e o Estado Autoritário no Cone Sul da América Latina. R.J., Dados n° 3, vol. 24, p.p. 277-304.
- 1982 Tensões do Estado Autoritário-Burocrático e a Questão da Democracia. In: COLLIER, D., p.p. 267-296.
- 1986 E eu com isso? Notas sobre sociabilidade e política na Argentina e no Brasil.  
In: Contrapontos. Autoritarismo e democratização. 51, Vértice p.p. 121-155.
- OLIVEIRA COSTA, Albertina de  
1980 Memória das mulheres do exílio.  
R.J., Paz e Terra. p. 439
- ORELLANA, Carlos  
1984 La revista chilena Araucaria. In: Casa de las Americas n° 147. La Habana. p.p. 126-131.
- ORIA, Piera  
1985 "Madres y abuelas de Plaza de Mayo, simbolos de dignidad humana". Buenos Aires, Mimeo.
- ORLANDI, Eni F.  
1983 A Incompletude do Sujeito. E quando o outro somos nós?  
In: Folhetim n° 358, S.P.

- 1984 Segmentar ou recortar? In: Linguística: Questões e contro-  
vérsias. Uberaba & Fiuba. p.p. 9-25.
- 1986 A análise de discurso: algumas observações.  
In: D.E.L.T.A. vol. 2, nº1 p.p. 105-126.
- 1988 As histórias das leituras e a história do sujeito-leitor:  
uma questão para leitura. In: Discurso e leitura. Campinas:  
São Paulo & Cortez & Editora da Unicamp. p.p. 41-50.
- OTA MISHIMA, María Elena  
1985 Siete migraciones en México: 1890-1978. México, El colegio  
de México.
- PARCERO, Daniel et alii  
1985 La Argentina exilada. Buenos Aires, Centro Editor de Amé-  
rica Latina. p. 188
- PASSOS, José Meirelles  
1986 A noite dos generais. Os bastidores do terror militar na  
Argentina. S.P., Brasiliense.
- PAZ, Octávio  
1984 El labirinto de la soledad. México, Fondo de Cultura Econó-  
mica & Cultura S.E.P. 1ª edição p. 191 1950.
- 1986 Vistazo el viejo mundo. In: Tiempo Nublado. Barcelona,  
Seix Barral, S.A. p.p. 13-28.
- PÊCHEUX, Michel  
1978 Formación Social, lengua, discurso.  
In: Arte, Sociedad, Ideología nº 5  
México. p.p. 25-33
- PELLEGRINO, Adela  
s/d Migración Internacional de latinoamericanos en las Americas.  
Universidad Católica Andrés Bello, Celade, Agencia Canadien-  
se para el Desarrollo Internacional. p.151
- PEREIRA DE QUEIROS, Maria Isaura  
1986 Relatos orais: do "indizível" ou "dizível".  
In: VON SIMSON, Olga. Experimentos com História de Vida.  
(Itália-Brasil). S.P., Vértice. p.p. 14-43.
- PEREIRA REIS, Elaine Maria  
1976 Migração rural-urbana e políticas agrárias na América Latina:  
Notas para uma investigação. Dados nº 13 R.J., p.p. 79-92.
- PETITFILS, Jean-Christian  
s/d Em busca das utopias sociais contemporâneas (capítulo IV) e  
conclusão. In: Os socialismos utópicos.  
S.P., Círculo do Livro S.A. p.p. 157-183.

- PETRAS, James.  
 1986 La metamorfosis de los intelectuales latinoamericanos. In: Brecha n° 151. Montevideo, p.p. 15-17.
- PINHEIRO, Jorge  
 1991 Anos de Chumbo. Como me tornei um cidadão do mundo.  
 In: Tudo bem n° 1. p.p. 75-78.
- PINTO COLLHO, Claudio Novaes  
 1987 Os movimentos literários em questão. A política e a cultura nas memórias de Fernando Gabeira. Petrópolis, Vozes, p. 158.
- POLITZER, Patricia  
 1985 Miedo en Chile. Santiago de Chile, Ediciones Chile y América. In: CESOC. p.378.
- PONTE PRETA, Stanislaw  
 1968 Febeapa 1. 1º Festival de Besteira que assola o país. R.J., Sabia. p. 163.
- PORTES, Alejandro  
 1989 Del sur de la frontera : las minorías hispánicas en los Estados Unidos. In: Revista Mexicana de Sociología. n° 3 México. p.p. 263-290.
- PRADO, Antonio A.  
 1989 Viagem à lua de Dawson. Folha d'. 10 de Dezembro. Folha de São Paulo. p.p. 8-11.
- PREGO, Omar  
 1987 Solo para exilados y otros cuentos. Montevideo, Arca. p.89.
- RAMA, Angel  
 1978 La riesgosa navegación del escritor exilado. In: Nueva Sociedad n° 35. Caracas, p.p. 5-15.
- RESZCZYNSKI, Katia et alii  
 1979 Exilio. Estudio medico-político. In: Araucaria de Chile n° 8. Madrid, p.p. 109-128.
- RIDLEY-LEIGH, Dominique  
 1980 Mulheres na migração: redes de parentesco como uma estratégia de Sobrevivência.  
 In: Encontros com a Civilização Brasileira n° 20. p.p. 209-222.
- RIQUELME, Horacio U.  
 1987 Desarraigo e identidade psicocultural. La experiencia de latinoamericanos en Europa. In: Nueva Sociedad n° 92. Caracas, p.p. 160-173.

- RIZ, Lilitana de  
1977 Algunos problemas teóricos metodológicos en el análisis sociológica y política en América Latina. Revista Mexicana de Sociología, vol. 39, nº1.
- RODRÍGUEZ, Alfredo.  
1982 A cidade dissolvida. In: Espaço & Debate nº 7 S.P., Cortez Editora p.p. 33-44.
- RODRIGUES, Arakcy  
1978 Operário, operária. Estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo. S.P., símbolo:
- ROLNIK, Raquel  
1989 Territórios negros nas cidades brasileiras e etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro. Estudos Afro-Asiáticos. nº 17. p.p. 29-41.
- ROSENCOF, Mauricio  
1987 Literatura Carcelaria. In: Casa de las Americas nº 161, Santiago de Chile p.p. 12-24.
- ROSSI, Clóvis  
1982 Militarismo na América latina. S.P., Brasiliense. p.90.
- ROUQUIÉ, Alain  
1984 O Estado Militar na América Latina. S.P., Alfa-Ômega, p.476.
- RUBEN, Guillermo Raúl  
1984 O que é nacionalidade. S.P., Brasiliense p. 89.
- 1987 Notas críticas sobre a teoria da identidade. Mimeo p. 29.
- SADER, Eder  
1982 Um Rumo de Botas. A Militarização do Estado na América Latina. S.P., Polis, p.195.
- 1988 Quando novos personagens entraram em cena. R.J., Paz e Terra. p. 329.
- SADER, Emir  
1984 Democracia e Ditadura no Chile. S.P., Brasiliense p. 70.
- SAITO, Hirochi. (org)  
1980 A presença Japonesa no Brasil. S.P., T.A. Queiroz.
- SAITO, Hirochi & MARYAMA, T. Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil. Petrópolis, Vozes/Edusp, 1973.

- SÁNCHEZ M., Rafael  
 1975 Liberales en el exilio. (La emigración política en Francia en la crisis del Antiguo Régimen). Madrid, Ediciones Rialp. S.A. p. 217.
- SANTIAGO, Silviano  
 1979 Repressão e Censura no Campo da Literatura e das Artes na década de 70: Encontros com a Civilização Brasileira, nº 17 p.p. 187-194.
- SARLO, Beatriz  
 1985 Uma alucinação dispersa em agonia. In: Novos Estudos Cebrap nº 11 S.P., p.p. 34-39.
- SASS, Louis  
 1987 Fermentação na Antropologia. Diálogo nº 2 vol. 20 R.J., p.p. 65-71.
- SCHADEK, Egon  
 1971 O Estudo sócio-antropológico de aculturação de alemães no Brasil. USP.  
 1973 Aculturação de alemães e japoneses no Brasil. In: SAITO, H.  
 1980 Alemães e japoneses; uma visão comparativa. In: SAITO, H.
- SCHILLING, Flávia Inês  
 1991 Estudos sobre resistência. Tese de Mestrado em Educação. Unicamp.
- SCHKOLNIK, Mariana  
 1987 Crisis y regresión. La situación de los pobres en Chile. Nueva Sociedad, nº 91. Caracas p.p. 56-62.
- SCHRADER, Achin  
 1976 Em torno de problemas de enculturação e aculturação dos filhos de operários estrangeiros na República Federal da Alemanha. In: Caderno Ceru nº 9 p.p. 127-135.
- SCHUTZ, Alfred.  
 1974 El forastero. Ensayo de psicología social. In: Estudios sobre teoría social. Buenos Aires, Amorrotu. p.p. 95-107.
- SENDIC, Raúl  
 1985 Reflexiones sobre política económica. Managua, Nueva Nicaragua. p. 151.
- SECANE, Maria & RUIZ N., Hector  
 s/c A Noite dos Lápis. S.P., Marco Zero, p. 175.

- SEREBIN, Andrés  
1980 Etnicidad y Política. Los movimientos indígenas en América Latina. Nueva Sociedad nº 49 Caracas p.p. 57-71.
- SEYFERTH, Giralda  
1986 Migração, colonização e identidade étnica (Notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no Sul do Brasil). Revista de Antropologia vol. 29. p.p. 57-71.
- 1988 Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. BIB nº 25. R.J. p.p. 3-55.
- SIERRA, Christine K.  
1989 Mexicans in the United States: History, Evolution and Transformation. In: Latin American Research Review, vol. XXIV, nº 2 p.p. 216-230.
- SILVA, Deonísio da  
1989 Nos Bastidores da Censura. Sexualidade, literatura e repressão pós-64. S.P. Estação Liberdade. p.327.
- SIMMEL, G  
1983 G Estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. (org) Simmel. S.P., Ática. p.p. 182-188.
- SINGER, Paul  
1973 As contradições do milagre. Estudos Cebrap nº 6. p.p. 59-77.
- 1976 Evolução da Economia Brasileira: 1955-1975. Estudos Cebrap nº 17 p.p. 63-83.
- SINGER, Paul & BRANT, Vinicius C. (org)  
1980 São Paulo. O povo em movimento. Petrópolis, Vozes.
- SKARMETA, Antonio  
1986 Soñe que la nieve ardía. Santiago de Chile, Lar.
- SOARES, Maria Susana A. (org)  
1985 Os intelectuais nos processos políticos da América Latina. Porto Alegre, UFRGS & CNPq. p.251.
- SPIRDEL, Arnaldo  
1984 O que são ditaduras. S.P., Brasiliense. p.68.
- STAVENHAGEN, Rodolfo  
1984 Los movimientos étnicos indígenas y el Estado Nacional en América Latina. Revista Paraguaya de Sociología nº 59 p.p. 7-22.
- STEIN, Barry H.  
1981 Refugee Research Bibliography. In: International Migration Review (IMR). Vol. 15, nº 1. 1981. p.p. 331-393.
- SUSROWSKI, Saul (compilador)  
1987 Repressão, exílio y democracia: La cultura Uruguaya. Montevideo, Ediciones de la Lanza Oriental & Universidad de Maryland (USA). p. 330.

- SUSSEKIND, Flora  
 1985 Literatura e vida literária. R.J. Jorge Zahar - Editor  
 p. 54.
- TEDLOCK, Dennis  
 1986. A tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica. In: Anuario Antropológico/85. R.J., Tempo Brasileiro. p.p. 183-202.
- TEITELBOIM, Volodia  
 1988 En el país prohibido. In: Araucária de Chile nº 43 Madrid, p.p. 27-39.
- THIOLENT, Michel  
 1984 Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de decisão, avaliação e reconstrução. In: Cadernos de pesquisa. nº 49. Fundação Carlos Chagas. p.p. 45-50.  
 1985 Crítica metodológica, investigação social e enquete operário. S.P., Polis 4ª edição. p.270.
- THÜNE, Wolfgang  
 1991 A pátria como categoria sociológica e geopolítica. R.J., Tempo Brasileiro p.220.
- TORTURA  
 1984 Informe de Amnistia Internacional. Madrid, Fundamentos. p.232
- TOURAINÉ, Alain  
 1989 Existem classes sociais na América Latina? In: Palavra e Sangue. Política e Sociedade na América Latina. S.P., Editora da Unicamp & Trajetória Cultural. p.p. 57-104.
- TRAJANO FILHO, Wilson  
 1986 Que barulho é esse, o dos pós-modernos?  
 In: Anuário Antropológico. R.J. & Brasília; UNB & Tempo Brasileiro. p.p. 133-151.
- TSUKAMOTO, Tetsundo  
 1973 Sociologia do imigrante. Algumas considerações sobre o processo migratório. In: SAITO, H. & TAKASHI, N. Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil. Petrópolis, Vozes p.p. 13-31.
- TURNER, Victor W.  
 1974 Liminaridade e "Communitas"  
 In: O Processo Ritual. Petrópolis, Vozes p.p. 116-130



- UCHÔA C., Pedro Celso  
1978 Memórias do exílio. Brasil 1964/1977.  
S.P., Editora Livramento . p. 369.
- VALDES TAPIA, Jorge  
1980 La doctrina de la Seguridad nacional y el rol Político de las Fuerzas Armadas. Caracas, Nueva Sociedad nº 47, p.p. 23-45.
- VAZQUEZ, Ana et alii  
1979 Psychologie de l'exil. In: Esprit nº 30. Paris, p.p. 9-21.
- VAZQUEZ, Ana  
1980 Algunos problemas sociológicos de la situación de exilio.  
In: Casa de las Americas vol. 29, nº 19.  
Cuba, p.p. 137-143.
- 1982 Mujeres en el exilio. La percepción del exilio de las mujeres exiladas en Francia. In: Mensaje nº 314. Santiago de Chile  
p.p. 616-624.
- VELASCO E CRUZ, Sebastião C.  
1991. 1968 Movimento estudantil e crise na política brasileira.  
In: Primeira Versão nº 32 IFCH, Unicamp. p.31.
- VELASCO E CRUZ, Sebastião C. & MARTINS, Carlos E.  
1983 De Castello a Figueiredo: Uma incursão na pré-história da "abertura". In: SCRJ B. & ALMEIDA, M. H. T. (org)  
Sociedade e Política no Brasil pós 64. S.P., Brasiliense  
p.p. 13-61.
- VELHO, Gilberto  
1978 Observando a família. In: OLIVEIRA NUNES, Edson de. A Aventura Sociológica. R.J., Zahar, p.p. 36-46.
- 1980 O desafio da cidade. R.J., Campus. p. 180.
- 1983 Aliança e Casamento na Sociedade Moderna: Separação e Amizade em Camadas Médias Urbanas.  
Boletim do Museu Nacional nº 39, p.p. 1-11.
- VELHO, G. & VIVEIROS de C., E.  
1978 O Conceito Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas.  
In: Artefato nº 1, p.p. 1-6.
- VENTURA, Zuenir  
1988 1968. O ano que não terminou. A aventura de uma geração.  
R.J., Nova Fronteira p. 314.
- VIERA CALLO, José A.  
1982 Militarización y seguridad nacional.  
Chile-América nº 76/77 Roma p.p. 57-64.
- VOGT, Carlos  
1979 Por una pragmática das Representações.  
In: Discurso 11, S.P., p.p. 65-94.

WACHOWICZ, Marcos

1985 (a) Asilo Político. Tese de Mestrado em Direito.  
Lisboa, Universidade Classica de Lisboa. p. 56.

(b) Nota breve acerca do direito de asilo. In: Revista Jurídica nº 2/3. Lisboa, p.p. 225-232.

WAGNER, Carlos

1990 Brasiguaios: Homens sem Pátria. Petrópolis, Vozes. p. 88

WAKISAKA, Katsunori

1989 Imigração japonesa no Brasil 80 anos.

In: Estudos Afro-Asiáticos nº 16 p.p. 16-24.

WEIS, Luiz

1991 Pesquisa: O brasileiro condena o brasileiro.

Super Interessante nº 11 p.p. 25-35.

WONSEMER, I. & TEJA, Ana Maria.

1988 La emigración uruguaya 1966-1975: sus condicionantes económicos. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental. p. 169.

WORTMAN, Klass

1972 A antropologia brasileira e os estudos da comunidade.

In: Unitas nº Salvador, p.p. 103-140.

ZENPATI, Ando

s/d Estudos sócio-históricos da imigração japonesa.

S.P., Centro de Estudos Nipo-brasileiros.

ZONABEND, Françoise

1981 ¿Por qué nominar?

In: LEVI-STRAUSS, Claude. La identidad. Barcelona, Petrel p.p. 289-321.

ZOVATTO, G., Daniel (org)

1987 Los derechos humanos en el sistema interamericano: Recopilación de instrumentos básicos. San José de Costa Rica, IIDH. p.p. 93-121.

## O U T R O S

## - ALMANAQUE ABRIL CULTURAL.

ANOS. 1970 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 -  
1981 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1990 - 1991 -

## - ANUÁRIO ESTADÍSTICO DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE - 1990 - CEPAL.

CARICOLA, Patrícia & ROSSETTI, Josefina (1984 - 1985).

## - DICIONÁRIOS.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa;

Diccionario Ilustrado de la Lengua Española - ARISTOS;

Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa;

Dicionário de Ciências Sociais.

## - REVISTAS

Revista Casa de las Américas. 1979, nº 112, La Habana.

Revista Que Pasa nº 824, 1987.

Revista Chile América nº 39 e nº 40, 1978.

Revista Crisis nº 10 e nº 18, 1974.

Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 16, 1991.

Revista Hoy nº 204, 1981. Santiago-Chile.

Revista Trabalhadores nº 6 - Imigrantes. 1989.

## - FOLHETINS.

World Media nºs 1, 2 e 3. (1991). Folha de São Paulo.

Folhetim nº 212

Diário "La tercera de la Hora". 1980, 11/00.

Boletim DIEESE Perfil Econômico de Campinas e Região. p. 9.

São Paulo: Crise e Mudança. Brasiliense e Prefeitura de São Paulo s/d

## ÍNDICE DO CADERNO DE ANEXOS

1.	A pesquisa e sua história.....	389
2.	Do Capítulo III	
2.1.	Alguns dados estatísticos do fluxo emigratório de Argentina, Chile e Uruguai nas décadas de 70 e 80.....	396
2.2.	Alguns dados gerais referentes a: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai.....	414
3.	Do Capítulo IV	
3.1.	Os Estrangeiros no Brasil.....	420
3.1.1.	O contexto histórico da imigração ao Brasil.....	420
	Notas.....	442
3.1.2.	A legislação imigratória. Uma cronologia da situação jurídica do estrangeiro no Brasil.....	447
3.1.3.	Alguns dados estatísticos do fluxo imigratório de latino-americanos para o Brasil: 1960-1985.....	454
3.1.4.	Alguns dados estatísticos do fluxo imigratório de estrangeiros para São Paulo: 1970-1980.....	472
	Referências Bibliográficas do Caderno de Anexos.....	483

A N E X O

## 1. A Pesquisa e sua história

## 1. A pesquisa e sua história

Antes de começar o relato das várias fases e momentos da pesquisa, parece-nos importante esclarecer ao leitor as nossas motivações individuais que deram início a este trabalho. Fundamenta-se este preâmbulo pelo fato de pensarmos que a escolha de um objeto de estudo e de um trabalho etnográfico tem, muitas vezes, um referencial autobiográfico. A subjetividade está necessariamente presente, mesmo quando encoberta na redação dos resultados finais das pesquisas.

A partir de minha própria experiência de vida, enquanto estrangeira, e por ter vivido perturbadoramente os anos da década de 70, faço parte das gerações que se socializaram em pleno golpe militar (estava no início da adolescência, no momento do golpe), e não tive o privilégio de viver em meu país de origem um regime político democrático. E o fato de ter relações de amizade com vários latino-americanos no Brasil me possibilitou o contato com outros e a construção de um universo empírico a ser pesquisado. Sem dúvida que estes fatores estiveram presentes no instante de elaborar e viabilizar um projeto de pesquisa, após a conclusão, no final do ano de 1986, dos créditos do Curso de Mestrado em Antropologia Social na Unicamp.

O estudo teve seu princípio após a redação do projeto de pesquisa apresentado a uma Instituição financiadora (FAPESP) - 1986. Houve várias reformulações, mesmo na configuração definitiva do Universo a ser pesquisado, inicialmente constituído exclusivamente por exilados políticos, culturais; e depois modificado, produto de variadas dificuldades que serão posteriormente explicitadas.

As fases da pesquisa são resumidas em 10 etapas, várias delas foram trabalhadas durante todo o percurso da pesquisa; de um modo geral podemos delinear-las na forma seguinte:

1- Levantamentos bibliográficos sobre vários temas. A imigração no Brasil (1986), O Brasil na década de 70 (1987), A situação jurídica do estrangeiro no Brasil (1987), Os anos 70 no Cone Sul (1987), Cidadania (1988), Identidade (1988), Exílio (1988/1990), Imigração (1988). O objetivo destes levantamentos foi conhecer a literatura

existente e fazer os recortes teóricos necessários para contextualizar o objeto de estudo. Foram revisadas algumas revistas: *Revistas de Sociologia Mexicana*, *International Migration Review* (veja anos 70), *O Correio da Unesco*: anos 1972-1987, *Revista Dados*, *Revista Chile-América* (publicada em Roma), *Araucaria de Chile* (publicada na Espanha), *Mensaje* (Santiago do Chile), *Amerique Latine* (França), *HAPI* (Hispanic American Periodicals Index (1970 até 1984)). Foi no levantamento sobre o tema *Exílio e Os anos 70 no Cone Sul* que nos achamos nas maiores dificuldades, pois o material levantado em diversas bibliotecas — Unicamp, Arquivo Edgar Leuenroth, USP, Memorial da América Latina, UFRS, UFP, Mário de Andrade-SP, Centro Cultural-SP) — foi bastante exíguo e tivemos de procurar o material em outros países, através de amigos uruguaios e argentinos e, no Chile, foram consultadas as bibliotecas de FLACSO-Santiago do Chile e o Centro Bellarmino-Santiago do Chile.

2. Levantamento de dados estatísticos. Foi realizado com o intuito de responder a uma pergunta inicial: quantos são os latino-americanos que saíram de seu país de origem na década de 70?, quantos são os que chegaram ao Brasil e ao Estado de São Paulo?, além de mapear e confirmar a nossa hipótese (bastante óbvia) de que na década de 70, após os golpes militares, aumenta consideravelmente a saída de latino-americanos de seus países de origem, porém não encontramos dados suficientemente atualizados, e eles são restritos e não refletem na sua totalidade o fenômeno migratório dos anos 70.

Resumindo, tínhamos de obter dados para:

A) Mapear o fluxo emigratório de chilenos, argentinos e uruguaios na década de 70. Conseguimos alguns textos no Nepe (Núcleo de Estudos da População) da Unicamp e outros dados foram coletados nesses países através de amigos ou pessoalmente (consultamos, também, a biblioteca de Ilade - Centro Latino-Americano de Demografia, no Chile).

Foi revisado o periódico *DocPal* (Resúmenes sobre población en América Latina. Centro Latino-Americano de demografía Naciones Unidas. Año de 1986 até 1991).

Nossas fontes básicas encontradas são as seguintes: *ADULAR*, Cesar A. Uruguay: país de emigración. Montevideu, Banda Oriental,

3- Delimitação e recorte do Universo a ser estudado (1987-1988). Foi o momento de definir os critérios para construir o nosso Universo de latino-americanos e dar início aos primeiros contatos (Novembro de 1987).

4- Realização do roteiro temático (1987) para obter os depoimentos e elaboração de uma ficha individual (1988) para granjear dados pessoais. Nos primeiros meses do ano de 1988 foi reelaborado o roteiro temático.

5- O trabalho de campo e a gravação dos depoimentos. Estes se realizam em dois momentos. O primeiro de 21/06/88 até 26/10/88 e, o segundo, de 06/04/89 até os primeiros dias de outubro de 89.

6- Transcrição pessoal das fitas (1989-1990), análise dos dados (depoimentos, anotações de campo), seleção e recorte das temáticas e da bibliografia que foi trabalhada a partir dos dados empíricos (1990).

7- Elaboração de 3 quadros abrangentes sobre dados específicos:

1º) Caracterização do Universo Pesquisado.

Este quadro teve como objetivo possibilitar elaborar um perfil dos latino-americanos pesquisados. Foram utilizados os seguintes quesitos: sexo, idade, estado civil, nº de filhos, nível educacional, profissão, religião, posição política, local de nascimento, renda, ano de saída de seu país de origem, ano de chegada ao Brasil, local de residência no Brasil, atividade que atualmente realiza no Brasil, situação jurídica, naturalização, residência em outros países.

Este quadro foi realizado a partir das entrevistas e da ficha individual (dados pessoais).

2º) Família de origem e família atual.

O objetivo deste quadro foi mapear as relações familiares e a origem social destes latino-americanos. Foram considerados os seguintes quesitos: No caso da família de origem - nº de irmãos, estado civil dos pais, profissão dos pais. E no caso da família atual foi observado - nº de filhos e o sexo, nacionalidade dos filhos, profissão do



1982; AGUIAR, C. La imigración internacional. In: Suma nº 4. Montevideo, 1986, p.p. 69-86; CARIOLA, Patricio & ROSETTI, Josefina. Inserción laboral para el retorno: el caso de los exiliados chilenos. Santiago, CIDE, 1984-1985; FORTUNA, Juan Carlos et alii. Uruguay y la emigración de los 70. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental & UNRISD, 1988; Exilio: balance y secuelas. In: Revista Que Pasa nº 824. Santiago de Chile, 1987; LATTES, Alfredo E. & OTEIZA, Enrique. Dinámica migratoria argentina (1955-1984): Democratización y retorno de expatriados. Ginebra, UNRISD, 1986; WONSEWER, Israel & TEJA, Ana Maria. La emigración uruguaya. 1963-1975. Montevideo, Banda Oriental, 1983; PELLEGRINO, Adela. Migración Internacional de latinoamericanos en las Américas. Caracas, Universidad Católica Andrés Bello, Centro Latinoamericano de Demografía (Celade) e Agencia Canadiense para el desarrollo internacional, s/d; BIDEGAIN, Gabriel. Democracia, Migración y Retorno: Los argentinos, chilenos y uruguayos en Venezuela. Caracas. Documento de trabajo nº 29. Instituto de Investigaciones Económicas y Sociales de la Universidad Católica Andrés Bello, 1986.

B) Para a aquisição de dados que possibilitassem realizar um panorama estatístico da entrada de estrangeiros no Brasil a partir de várias categorias e aspectos, consultamos o Anuário Estatístico do Brasil de 1960 a 1986.

C) Dados relativos aos latino-americanos (chilenos, argentinos e uruguaios) no Estado de São Paulo, consultamos o Recenseamento Geral do Brasil de 1970 e 1980-SP.

Embora esta fase de trabalho fosse muito demorada, uma vez que não se dispunha de todo o material no mesmo local (por exemplo, para consultar os Anuários Estatísticos do Brasil tive que me deslocar para várias bibliotecas (USP, Unicamp, IBGE-Campinas e SP, Nepo-Unicamp etc.), nos permitiu ter uma visão apenas aproximativa, já que os dados são parciais, fragmentários e bastante incompletos.

D) E para os dados relativos à população existente na Argentina, Chile e Uruguai na década de 60 até a de 90 foram utilizadas duas fontes. Almanaque Abril Cultural: anos de 1970, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1985, 1986, 1987, 1988 e 1990. E o Anuário Estadístico de América Latina y el Caribe: 1990. CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe de las Naciones Unidas).

marido ou esposa, nacionalidade do marido ou esposa, tempo de matrimônio.

3ª) Os primeiros contatos e as entrevistas.

O objetivo deste quadro foi possibilitar ter uma visão totalizadora da dinâmica da pesquisa e a percepção de suas dificuldades e tempo consumido. Foram considerados os seguintes critérios: contato realizado através de, nº de contatos (pessoais/telefônicos), nº de sessões de gravação, local onde se realizou a gravação, nº de horas de gravação, data em que foram realizadas as gravações, contexto histórico do momento da gravação.

Estes dados foram obtidos a partir do caderno de campo onde, após toda gravação ou encontro, se registravam estes aspectos da pesquisa.

8- Cronologia dos fatos mais significativos na América Latina do Cone Sul. Anos 60-70 e anos 80.

Pareceu-nos necessário incorporar e tentar acompanhar as mudanças ocorridas nos países de origem de nossos pesquisandos. Quando iniciamos a pesquisa ainda convivíamos com as ditaduras militares, posteriormente a luta para caminhos que levem para "governos democráticos", ou talvez, como diz Eduardo Galeano, para as "DEMOCRATURAS". Esta cronologia foi realizada como um complemento para situar historicamente os depoimentos dos latino-americanos envolvidos na pesquisa.

Estas cronologias foram realizadas em dois momentos diferentes. A primeira em 1987 e a segunda em 1990.

Foram utilizadas as seguintes fontes para a sua confecção.

- Almanaque Abril: 1979, 1986, 1988 e 1990.
- Folha de São Paulo: 1988. 16 de maio e 5, 6 e 7 de outubro.  
1989. 30 de abril, 2 e 14 de maio,  
9 de julho, 22 e 26 de novembro,  
10, 12 e 14 de dezembro.

CASANOVA, Pablo S. (org.). América Latina: história de meio século. Brasília, UNB, 1988.

CAETANO, Gerardo & RILLA, José. Breve história de la dictadura (1973-1985). Montevideo. Ediciones de la Banda Oriental, 1987.

MOJMAN, Eugenio & ANALISIS. 1973-1983. Memorial de la dictadura. Cronología de 15 años de desajuste. Santiago de Chile, Editorial Futision, s/d.

KOSHISA, Luiz & FRAYZE P., Denise M. História do Brasil. SP, Atual, 1987.

ROUQUIE, A. O Estado militar na América Latina. SP, Alfa Ômega, 1984.

TOURAINÉ, A. Palavra e Sangue. Política e sociedade na América Latina. SP: Trajetória Cultural & Campinas: Unicamp, 1989.

9- Elaboração e reelaboração da Estrutura preliminar da Tese.

Foram realizadas 5 versões entre os anos de 1989, 1990 e 1991.

10- Relatórios de pesquisa apresentados a instituições financiadoras. São no total 6 relatórios: apresentados à FAPESP e à Unicamp, entre 1987 e março de 1990.

## A N E X O

## 2. DO CAPÍTULO III

2.1. Alguns dados estatísticos do fluxo emigratório de Argentina, Chile e Uruguai na década de 70 e 80.

ANEXOAlguns dados estatísticos do fluxo emigratório de Chile, Argentina e Uruguai

Este anexo tem como objetivo fornecer alguns dados que possibilitem um melhor entendimento e mapeamento sobre o fenômeno emigratório dos anos 70 na América Latina.

Sem dúvida, estes dados estatísticos são fragmentários, relativos e parciais, o que nos permite apenas uma visão aproximada do fenômeno; é de esperar que estudos mais aprofundados e que utilizem fontes mais variadas se desenvolvam em breve.<sup>1</sup>

- 
1. Este anexo foi realizado a partir das seguintes fontes: AGUIAR, Cesar A. Uruguay país de emigración. Montevideo, Banda Oriental, 1982; CARIOLA, Patricio & ROSSETTI, Josefina. Inserción Laboral para el retorno: el caso de los exilados chilenos. Santiago, CIDE, 1984-1985; EXILIO: balance y secuelas. In: Revista Que Pasa- nº 824, Santiago, 1987; LATTES, Alfredo E. & OTEIZA, Enrique. Dinámica migratoria argentina (1955-1984): Democratización y retorno de expatriados. Ginebra, UNRISO, 1986; WONSEWER, Israel & TEJA, Ana María. La emigración uruguayana. 1963-1975. Montevideo, Banda Oriental, 1983.

A) O caso uruquai.

É reconhecido entre os estudos demográficos o fato do Uruguai ser um país tradicionalmente caracterizado por uma predisposição emigratória (ver quadro nº 1, 2 e 3); já há indícios de que este fenômeno remonta à época colonial, como aponta o trabalho de AGUIAR, Cesar (1982:18-21).

Este fenômeno emigratório é dividido em dois grandes momentos pelo autor anteriormente mencionado. "A velha emigração" e a "nova emigração". A primeira refere-se a um período delimitado como "antes de 1964" e as razões que geravam esta emigração seriam, "(...) en última instancia, el orden tradicional de la sociedad ganadera (...)", ou seja, o êxodo rural. Pois "el país era para pocos". Era un país pequeño, poco diversificado y altamente dependiente del exterior, con poca capacidad de absorber las crisis generadas en su sector externo. Su frontera había sido alcanzada muy rápidamente, se había configurado un sistema de tenencia de tierra — o más bien — un orden social rural — que se caracterizaba, de por sí, por absorber poca población, y que, por añadidura, encontraba en el 'vaciamiento demográfico' de los campos el correlato que le permitía mantener su rentabilidad (AGUIAR, C. 1982:42-43).

A "nova emigração" seria fruto fundamentalmente do "(...) estancamiento productivo del Uruguay industrial y el del intento del desmantelamiento y reconversión de la industria" (AGUIAR, C. 1982:45), o que levou a um alto índice de desemprego urbano e um "estancamiento productivo, disminución de ingresos, dificultades ocupacionales y elevados índices de inflación en un país altamente educado y con experiencia de vida urbana, que atraviesa un proceso de restricción político". (AGUIAR, C. 1982:51)

Para alguns autores (WONSEWER, I. & TEJA, A. M. 1983), a emigração recente seria de alguma forma o resultado direto do fracasso do modelo de industrialização que teve início na década de 30.

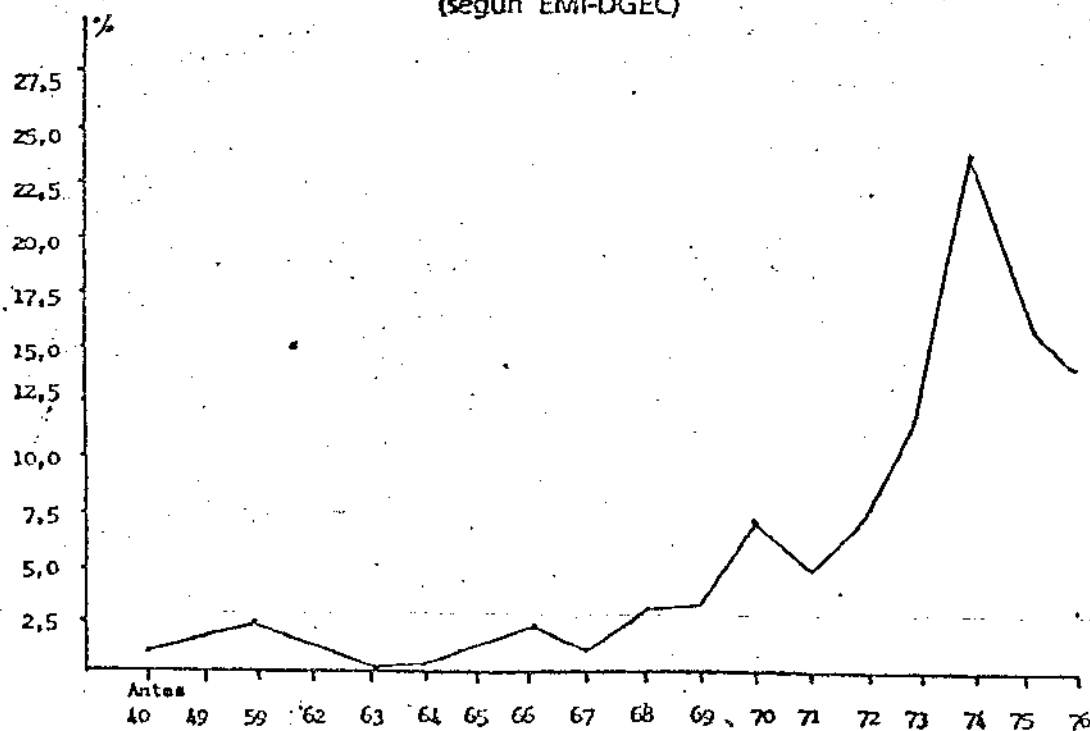
Alguns estudos apresentam cifras estimativas do fluxo emigratório dos anos de 1963 a 1975: em 163.500 e 270.000 uruguaios saídos. A emigração uruguaia assume características massivas entre os anos 73, 74 e 75, quando se produziram quase 50% das saídas. Os países que absorvem maior número de emigrantes uruguaios podemos perceber claramente que são seis. Para ambos os grupos (antes de 1964 e depois de 1964) a Argentina é o país que recebe maior número de uruguaios, 54,2%. Entre os anos 73 e 74 houve na Argentina uma abertura do mercado ocupacional para os uruguaios.

Os outros países são Austrália, E.U.A., Canadá, Brasil e Venezuela (ver quadro nº 2 e nº 4).

A explicação deste fluxo emigratório massivo, segundo AGUIAR, C. A. (1982:78), se daria fundamentalmente por três razões: a ruptura e fracasso definitivo do modelo desenvolvimentista anterior (estagnação, incapacidade de absorção de mão-de-obra), a instalação do "modelo de abertura" em 1974 e os efeitos da repressão política do golpe de 1973. Em 1971, 2% dos emigrantes teriam saído por razões políticas. De fato, esta porcentagem já comporta problemas, pois em nenhum momento o autor, acima mencionado, especifica o que entende por razões políticas. Seriam os refugiados, os cassados, os perseguidos...?

#### QUADRO Nº 1

Porcentaje de emigrantes según años de partida  
(según EMI-DGEC)



Fonte: (AGUIAR, C. 1982:58)

QUADRO Nº 2

ESTRUCTURA DE LA EMIGRACION SEGUN PERIODO DE LA MISMA Y DESTINO

(En porcentajes)

AÑOS	TOTAL	D E S T I N O S								
		Argen- tina	Brazil	Vene- zuela	Otros de America Latina	Estados Unidos y Canada	Europa	Australia	Israel	Otros y sin infor- macion
Total	100.0	54.2	5.0	3.7	2.6	13.6	9.2	9.2	1.5	1.0
Antes de 1950	3.5	2.4	0.7	-	0.1	0.1	0.2	-	-	-
1950-59	2.7	1.6	0.4	0.1	0.1	0.3	0.2	-	-	-
1960-64	2.9	0.8	0.4	-	-	0.6	0.6	0.1	0.4	-
1965	1.5	0.7	0.3	-	-	0.4	0.1	-	-	-
1966	2.4	0.8	0.1	0.1	-	0.5	0.6	0.1	0.1	0.1
1967	1.0	0.4	0.1	-	-	0.3	0.1	0.1	-	-
1968	3.0	1.1	0.1	0.1	0.1	1.0	0.3	0.3	-	-
1969	3.3	0.9	0.2	0.1	-	1.2	0.5	0.4	-	-
1970	7.4	2.9	0.1	0.3	0.4	2.3	0.5	0.6	0.2	0.1
1971	4.9	2.3	0.2	0.1	0.2	1.1	0.5	0.5	-	-
1972	7.2	3.2	0.3	0.3	0.2	1.4	0.7	1.0	0.1	-
1973	11.2	6.2	0.5	0.3	0.3	1.0	1.4	1.3	0.1	0.1
1974	25.2	15.8	0.6	0.9	0.5	1.6	1.9	3.5	0.3	0.1
1975	16.0	11.4	0.3	0.7	0.3	1.0	0.9	1.1	0.1	0.2
1976	4.8	2.4	0.5	0.4	0.2	0.5	0.4	0.2	0.1	0.1
Sin información	3.0	1.3	0.2	0.3	0.2	0.3	0.3	-	0.1	0.3

FUENTE: Elaborado en base a informaciones de la Dirección General de Estadística y Censos (EMI-DGEC).

Fonte: (AGUIAR, C. A. 1982:117)

QUADRO Nº 3

EMIGRANTES NETOS TOTALES POR AÑO

Año	Emigrantes netos
1976	30.806
1977	21.753
1978	16.613
1979	14.133
1980	8.113
1981	- 329

Fuente: Encuesta de Migración Internacional. Noviembre 1981-Mayo 1982. DGEC.

(\*) "Encuesta de Migración Internacional". Noviembre 1981-Mayo 1982, Montevideo, DGEC, julio 1983.

Fonte: (WONSEWER, I. & TEJA, A. M. 1983:170)



POBLACION NACIDA EN EL URUGUAY Y CENSADA EN LA  
REPUBLICA ARGENTINA (1869 - 1970)

Año	TOTAL
1869	15.100
1895	48.650
1914	88.656
1947	73.640
1960	55.934
1970	58.500

Fuente: Elaborado con datos de CARRON (1976), PETRUCELLI y FORTUNA (1976).

CUADRO 2

URUGUAYOS EMIGRADOS A LA ARGENTINA POR AÑO  
(1970 - 1976)

Año	TOTAL
1963 - 1970	13.900
1971	5.400
1972	7.500
1973	14.500
1974	37.200
1975	26.800
1976 (1)	5.600

Fuente: Estimaciones propias elaboradas a partir de EMI-DGEC, sobre la base de una hipótesis de 200.000 emigrantes en el periodo intercensal.

(1) Hasta mayo.

Fonte: (AGUIAR, C. A. 1982:109)

A emigração uruguaia recente foi extremamente seletiva no que diz respeito a sexo, a idade e a nível educacional.

Em relação ao sexo, emigraram mais homens (chefes de família), e em termos de idade a maior faixa é a de 20 a 24 anos (ver quadro nº 5 e nº 6).

QUADRO Nº 5

ESTIMACIONES DE LOS EMIGRANTES DEL PERIODO 1963-1975 SEGUN  
SEXOS Y GRUPOS DE EDADES SEGUN LA DIRECCION GENERAL DE  
ESTADISTICA Y CENSOS

Grupos de edades	Hombres	Mujeres
0 - 4	5.846	5.687
5 - 9 <sup>e</sup>	7.152	6.595
10 - 14	3.658	3.229
15 - 19	10.400	9.046
20 - 24	16.868	12.215
25 - 29	13.596	10.332
30 - 34	8.891	9.364
35 - 39	6.164	8.313
40 - 44	5.260	7.320
45 - 49	4.272	6.304
50 - 54	3.739	5.408
55 - 59	2.369	3.594
60 y más	4.746	5.342
Total	92.961	92.749

FUENTE: Dirección General de Estadística y Censos (1978, p. 24).

Fonte: (AGUIAR, C. A. 1982:116)

QUADRO Nº 6

DISTRIBUCION DE LOS EMIGRANTES Y DE LA POBLACION DEL PAIS  
SEGUN SU ESTADO CIVIL  
(Poblacion de 15 años y mas. en porcentajes)

	Poblacion total del pais		1963-1975 Emigrantes
	1975	(en %)	
Solteros	29.7		30.2
Casados	54.5		64.8
Unidos	4.6		0.3
Viudos	7.5		1.7
Divorciados y separados	3.7		3.0
Total	100.0		100.0

Fuente: Elaborado con informacion del Censo de Poblacion 1975 y la Encuesta de Emigracion Internacional 1976. DGEC.

Fonte: (WONSEWER, I. & TEJA, A. M. 1983:92)

Em relação ao nível de escolaridade dos emigrantes, em termos relativos, é superior ao da população total do país (ver quadro nº 7). O maior número é de universitários e se dirige para o Brasil, enquanto o maior contingente de emigrantes com nível primário se dirigiu para a Itália e para a Argentina (ver quadro nº 7 e nº 8).

QUADRO Nº 7

NIVELES DE INSTRUCCION DE LA POBLACION EMIGRANTE

	Población emigrante	Población montevideana
1. Niveles cursados (i)		
Sin instrucción	1.0	7.1
Primaria	48.4	58.4
Secundaria	34.9	20.9
Magisterio	1.4	2.0
U.T.U.	7.8	6.7
Universidad	5.3	3.7
Otro	1.2	1.3
2. Niveles finalizados (ii)		
U.T.U.	4.8	2.5
Magisterio	1.3	1.6
Universidad	2.4	1.7

(i) Población mayor de 15 años

(ii) Población mayor de 20 años

Fuente: EMI-DGEC.

Fonte: (AGUIAR, C. A. 1982:62)

QUADRO Nº 8

DISTRIBUCION DE LOS EMIGRANTES POR NIVEL DE INSTRUCCION  
SEGUN PAIS DE DESTINO  
(emigrantes de 6 años y más)  
(en porcentajes)

País de destino	Sin instrucción	Primaria	Secundaria y Magisterio	Enseñanza Técnica	Universidad	Total (a)
Argentina	1.5	58.8	29.7	7.4	2.6	100.0
Brasil	5.7	43.9	30.2	9.4	10.8	100.0
Venezuela	0.9	30.9	49.6	9.7	8.9	100.0
EE.UU.	1.4	43.5	43.0	5.5	6.6	100.0
Canadá	0.9	48.1	37.5	9.9	3.6	100.0
España	2.7	52.5	32.6	5.4	6.8	100.0
Italia	2.2	63.0	23.9	8.7	2.2	100.0
Australia	1.1	52.5	31.5	11.8	3.4	100.0
Total	1.5	52.1	33.6	8.0	4.8	100.0

(a) La estructura corresponde a los emigrantes sobrevivientes (según la Encuesta de Emigración de la DGE) y no a los emigrantes totales del periodo

Fuente: Elaborado con información de la Encuesta de Emigración Internacional, 1976, DGE.

Fonte: (WONSEWER, I & TEJA, A. M. 1983:105)

QUADRO Nº 9

LA EMIGRACION DE PROFESIONALES, TECNICOS Y AFINES

	% de Prof. téc. y afines sobre migración total	% de emigrantes, Prof. técn. y afines según año	% de emigrantes por año	Flujo PTA/Flujo Total
	1	2	3	4
Antes de 1950	4.5	1.1	2.3	0.48
1950 - 1959	13.4	4.0	3.0	1.33
1960 - 1964	18.5	3.1	2.8	1.82
1965 - 1969	11.6	13.7	11.7	1.17
1970	11.1	8.5	7.6	1.12
1971	14.0	6.7	4.8	1.40
1972	8.4	6.7	8.0	0.84
1973	9.4	12.5	13.3	0.94
1974	9.2	23.0	25.5	0.93
1975	8.6	14.0	16.2	0.86
1976	8.3	4.0	4.8	0.83
TOTAL:	10.0	100.0	100.0	

Fuente: Elaborado con datos de EMI-DGEC y EH.

Fonte: (AGUIAR, C. A. 1982:66)

B) O caso argentino.

A Argentina se caracterizou por ser um país do tipo imigratório. A partir do último quarto do século XIX até 1950 recebeu considerável fluxo emigratório europeu. Após o período pós-guerra, a Argentina passou a receber um forte fluxo emigratório de países vizinhos.

Mas nas últimas décadas operou-se uma mudança substancial; de país receptor de imigrantes, passou a constituir-se num país de emigrantes. Este processo começa a ser visível em meados dos anos 50, sendo que no final de 1974 se iniciou uma nova corrente emigratória, fruto dos anos de ditadura militar e da perseguição política.

O total de emigrantes argentinos entre o período 1955 e 1984 oscila em cerca de meio milhão. Na década de 70, teriam saído 168.000 argentinos.

Os países onde os emigrantes argentinos residem se distribuem em 40% nos países limítrofes (Bolívia, Paraguai, Uruguai, Brasil e Chile), 30% nos E.U.A. e Israel, e 12% na Venezuela, Espanha, Inglaterra, Canadá e Austrália (ver quadro nº 1 e nº 2).

QUADRO Nº 1

Argentinos censados en el extranjero en las décadas de 1960, 1970 y 1980

PAISES	1960	1970	1980
Bolivia (1976)			
Brasil (1960, 70, 80)	15.887	14.669	26.633
Colombia (1964)	1.190		
Costa Rica (1963, 73, 84)	144	347	697
Cuba (1970)		354	
Chile (1960, 70, 82)	11.876	13.270	19.733
El Salvador (1961, 71)	48	85	
Guatemala (1973, 81)		240	303
Haití (1973)		9	
México (1960, 70, 80)	2.456	1.595	5.503
Nicaragua (1963, 71)	60	107	
Panamá (1960, 70, 80)	151	374	561
Paraguay (1972, 82)		27.389	43.670
Perú (1961, 72, 81)	2.651	4.286	5.025
R. Dominicana (1970)		213	
Uruguay (1975)		19.051	
Venezuela (1961, 71, 81)	2.741	4.487	11.541
Estados Unidos (1970, 80)		44.803	68.887
Canadá (1971, 81)		3.145	7.235
Bahamas (1970)		25	
Esoña (1970, 80)		7.784	7.665
Suiza (1970)		730	
Belgica (1970, 81)		410	474
Noruega (1970)		236	
Suecia (1970)		532	
Italia (1971)		1.113	
Alemania Fed. (1961, 70, 84)	808	1.534	4.310
Inglaterra (1961)	4.630		
Francia (1975, 82)		2.090	4.080
Holanda (1983)		103	624
Filipinas (1970)		1.757	5.387
Australia (1971, 81)		306	303
Nueva Zelandia (1961, 70, 81)	122		344
Japón (1965)			
Israel (1983)			22.916

Fuentes: CELADE, 1986. U.S. Census, n.d. (a) y (b). Demographic Yearbook, 1977. Jorge Somoza, 1985. Israel, 1985, y otros datos censales provistos por CELADE. Véase Referencias Bibliográficas, págs. 156, 157 y 160.

Fonte: (LATTES, A. E. & OTEIZA, E. 1986:50)

QUADRO Nº 2

Argentinos censados y estimados en países extranjeros en 1960, 1970 y 1980

PAISES	1960	1970	1980
Bolivia			17.503
Brasil	5.321	10.418	26.633
Colombia	15.877	17.213	26.633
Costa Rica	860	1.684	2.829
Cuba	83	286	570
Chile	181	354	595
El Salvador	11.876	13.270	18.656
Guatemala	44	81	118
Haití	138	216	295
México	4	7	13
Nicaragua	2.456	1.585	5.503
Panamá	42	101	160
Paraguay	151	374	561
Perú	7.852	24.133	40.414
Rep. Dominicana	2.502	3.989	4.943
Uruguay	109	213	358
Venezuela	7.261	14.217	23.885
	2.567	4.307	10.835
Estados Unidos	13.000	44.803	68.887
Canadá	1.397	2.736	6.826
Bahamas	13	25	42
Esoña	3.975	7.784	13.077
Suiza	373	730	1.226
Bélgica	352	410	468
Noruega	121	396	536
Suecia	323	632	1.062
Italia	545	1.068	1.794
Alemania Federal	727	1.534	3.517
Inglaterra	4.225	8.273	13.899
Francia	342	669	3.511
Holanda	155	294	520
Filipinas	53	103	173
Australia	712	1.394	5.024
Nueva Zelandia	102	306	303
Japón	87	170	286
Israel	5.968	12.140	20.318
SUB-TOTALES	89.794	175.755	295.200
Otros países del mundo	3.800	7.440	12.500
TOTALES	93.594	183.195	307.700

Fuentes: Cuadro 10 y estimaciones del autor.

Nota: Algunas cifras pueden estar bastante alejadas de la realidad si en los respectivos censos no se han computado los argentinos que han adquirido la nacionalidad del país receptor, quienes suelen ser numerosos cuando dicho país es el origen de sus ascendientes.

Fonte: (LATTES, A. E. & OTEIZA, E. 1986:52)

Em relação ao sexo, segundo os dados apresentados por Schkolnik (1986:47-90) referentes aos argentinos censados em outros países na década de 70, seriam mais emigrantes as mulheres, sendo que o maior número se dirigiu para os E.U.A., Paraguai, Brasil e Chile (ver quadro nº 3).

QUADRO Nº 3

Argentinos censados en otros países alrededor de 1970, según sexo

Países	Total	Hombres	Mujeres
Brasil, 1970	17.213	8.210	9.003
Chile, 1970	13.270	6.205	7.065
Costa Rica, 1973	347	164	183
Guatemala, 1973	240	138	102
Haití, 1973	9	4	5
México, 1970	1.585	810	775
Nicaragua, 1970	107	51	56
Panamá, 1970	374	190	184
Paraguay, 1970	27.389	13.132	14.257
Rep. Dominicana, 1970	213	137	76
Venezuela, 1971	4.481	2.198	2.283
<b>Total</b>	<b>65.228</b>	<b>31.239</b>	<b>33.989</b>
Estados Unidos, 1970	44.803	22.578	22.225
Canadá, 1971	3.140	1.540	1.600
Australia, 1970	1.805	920	885
Nueva Zelandia, 1971	306	180	126
España, 1970	7.784	3.977	3.807
Suiza, 1970	2.996	1.279	1.717
Bélgica, 1970	410	224	186
Noruega, 1970	236	97	139
Suecia, 1970	632	307	325
<b>Total países</b>	<b>127.340</b>	<b>62.341</b>	<b>64.999</b>

Fuente: CELADE, 1977 y 1982. Véase Referencias Bibliográficas, pág. 156.

Fonte: (LATTES, A. E. & OTEIZA, E. 1986:79)

Destacan-se os casados, entre as idades 30-39 anos (ver quadro nº 4)

QUADRO Nº 4

Argentinos censados en el exterior según estado civil  
alrededor de 1970. Ambos sexos.

Grupos de edades	Solteros										Total
	Chile	Costa Rica	Guatemala	Haití	México	Nicaragua	Panamá	Paraguay	R. Dominic.	Venezuela	
Total	2.340	50	53	2	257	19	52	6.272	118	845	10.010
15 - 19	433	27	27	2	84	9	14	3.288	9	386	4.793
20 - 29	599	16	14	-	87	7	11	1.075	11	254	2.801
30 - 39	213	5	5	-	43	2	16	411	23	111	1114
40 - 49	184	1	2	-	17	-	2	224	13	63	506
50 - 59	192	-	4	-	18	-	4	163	22	31	434
60 y +	200	1	1	-	11	1	-	309	40	10	573

Grupos de edades	Casados y unidos										Total
	Chile	Costa Rica	Guatemala	Haití	México	Nicaragua	Panamá	Paraguay	R. Dominic.	Venezuela	
Total	5.988	175	124	5	956	53	203	8.322	63	2.476	10.364
15 - 19	76	2	-	-	5	-	-	295	-	9	383
20 - 29	716	23	29	-	151	11	45	1.951	20	364	3.310
30 - 39	1.260	87	43	3	302	17	82	2.282	13	784	4.873
40 - 49	1.468	40	26	1	262	13	45	1.563	14	809	4.241
50 - 59	1.469	16	21	1	147	8	25	1.047	8	406	3.148
60 y +	999	7	5	-	88	4	6	1.184	8	108	2.409

Grupos de edades	Otros										Total
	Chile	Costa Rica	Guatemala	Haití	México	Nicaragua	Panamá	Paraguay	R. Dominic.	Venezuela	
Total	1.140	13	4	-	96	3	18	857	4	210	2.343
15 - 19	3	-	-	-	-	-	-	8	-	-	11
20 - 29	24	1	-	-	7	-	3	32	-	-	67
30 - 39	57	1	-	-	15	-	4	55	-	22	154
40 - 49	138	4	2	-	13	-	4	98	-	59	318
50 - 59	273	1	-	-	19	-	3	141	-	65	502
60 y +	643	6	2	-	42	3	4	523	4	64	1.291

Grupos de edades	Ignorados										Total
	Chile	Costa Rica	Guatemala	Haití	México	Nicaragua	Panamá	Paraguay	R. Dominic.	Venezuela	
Total	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
15 - 19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
20 - 29	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
30 - 39	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
40 - 49	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2
50 - 59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
60 y +	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fuente: CCLADE, 1977 y 1982. Véase Referencias Bibliográficas, pág. 156.

Fonte: (LATTES, A. E. & OTEIZA, E. 1986:80-81)

Em relação ao nível educacional prevalece a faixa de 4 a 9 anos de estudo, com 40 e mais anos de idade (ver quadro nº 5 e nº 6). Também é visível o fato de os emigrantes argentinos possuírem nível de instrução, relativamente, mais elevado do que o conjunto da população argentina.

### QUADRO Nº 5

Población censada en Argentina de 10 y más años por nivel de instrucción según grupos de edad

Grupos de edades	Nivel de instrucción				
	Total	- 4	4 - 9	10 y +	Ignorados
Total	18.737.750	4.754.250	11.647.850	1.963.850	371.800
10 - 19	4.299.850	877.600	3.063.750	127.300	231.200
20 - 29	3.653.200	590.050	2.299.650	733.050	30.450
30 - 39	3.126.750	675.350	1.971.350	456.300	23.750
40 y +	7.657.950	2.611.250	4.313.100	647.200	86.400

Fuente: República Argentina, 1974, Cuadro 9, pág. 33. Véase Referencias Bibliográficas, pág. 156.

Fonte: (LATTES, A. E. & OTEIZA, E. 1986:84)

### QUADRO Nº 6

Argentinos censados en otros países de América Latina según nivel de instrucción alrededor de 1970. Ambos sexos

Países		Nivel de instrucción				
		Total	-4	4 - 9	10 y +	Ignorado
Chile	Nº	10.982	2.750	3.851	4.294	67
	%	100,0	25,0	35,1	39,1	0,8
Costa Rica	Nº	295	17	97	174	7
	%	100,0	5,6	32,9	59,0	2,4
Guatemala	Nº	206	17	47	110	32
	%	100,0	8,3	22,8	53,4	15,5
México	Nº	1.419	1.211	124	84	-
	%	100,0	85,3	8,7	5,9	-
Nicaragua	Nº	87	2	30	51	4
	%	100,0	2,3	34,5	58,6	4,6
Panamá	Nº	301	11	124	69	97
	%	100,0	3,7	41,2	22,9	32,2
Paraguay	Nº	20.460	9.327	8.909	2.108	116
	%	100,0	45,6	43,5	10,3	0,6
R. Dominicana	Nº	195	125	17	46	7
	%	100,0	64,1	8,7	23,6	3,6
Venezuela	Nº	3.976	573	1.406	1.650	347
	%	100,0	14,4	35,4	41,5	8,7

Fuente: Tabla 4.

Fonte: (LATTES, A. E. & OTEIZA, E. 1986:85)



Os argentinos com maior nível educacional (10 anos e +) se concentram nos E.U.A., Venezuela e Chile (ver quadro nº 7).

QUADRO Nº 7

Estructura por nivel de instrucción de argentinos de 10 y más años censados en otros países y en la población total de Argentina, alrededor de 1970

PAISES	ANOS DE ESTUDIO				
	Total	-4	4-9	10 y +	Ignorados
Total países					
extranjeros	100,0	19,6	36,4	43,1	0,9
Argentina	100,0	25,4	62,1	10,5	2,0
Estados Unidos	100,0	3,5	34,4	62,1	0,0
Paraguay	100,0	45,6	43,5	10,3	0,6
Chile	100,0	25,0	35,1	39,1	0,8
Venezuela	100,0	14,4	35,4	41,5	8,7
Otros países de A.L.*	100,0	55,3	17,5	21,3	5,9

\* Incluye Costa Rica, Guatemala, México, Nicaragua, Panamá y República Dominicana.

Fuentes: Tablas 5 y 6 del Apéndice de este Capítulo. U.S. Census, n.d. (s). Véase Referencias Bibliográficas, pág. 160.

Fonte: (LATTES, A. E. & OTEIZA, E. 1986:61)

C) O caso chileno.

Os dados que dispomos são bastante fragmentados, esperamos ainda poder obter outros mais elaborados; de qualquer forma, possibilitam uma visão aproximada do fenômeno emigratório chileno, que se originou após o golpe de 73.

Uma das fontes se refere a dados obtidos numa enquete realizada junto a 800 lares de exilados divididos em 6 países (Venezuela, Canadá, França, Espanha, Suécia e Alemanha Democrática), que são representativos do exílio chileno segundo os pesquisadores (CARIOLA, P. & ROSSETTI, J. 1984-1985).

Nesta pesquisa foi publicada uma tabela contendo dados referentes ao número de chilenos residentes nos países anteriormente mencionados e uma tabela relacionada com o nível educacional e a situação econômico-profissional dos chilenos no exílio.

No quadro, há duas estimativas: uma confeccionada a partir de organismos dos países réceptores e outra realizada pela "Comisión de Derechos Humanos".

Podemos perceber que o maior contingente de chilenos está na Venezuela, Espanha e Canadá, observando as diferentes fontes citadas na tabela.

TABELA Nº 1Estimaciones de Población Chilena  
en Países de la Muestra

	<u>Definición</u>	<u>Nº</u>	<u>Comisión</u> <u>de Derechos Humanos</u>	<u>Año</u>	<u>Fuente</u>
1. Francia	población por nacionalidad	5.580	15.000 (1982)	1982	Censo población 1982
2. Suecia	inmigración	9.122	9.716 (1981)	1973-1982	Oficina Central Estadística
3. Canadá	inmigrantes	15.892	12.000 (1980)	1973-1984	Inmigrantes Estadísticas
4. España	población	±20.000	-	1984	Estimación a partir inscripciones consulares
	población chilena	±25.000	-	1984	Programa de Retorno del Gob. Español Estimación Ministerio del Interior.
5. R.D.A.	población chilena	100	1.500	1984	Sergio Insunza.
6. Venezuela	-	-	80.000 (1980)	-	Cifras no oficiales Censo de indocumentados, alrededor 1979.

Fonte: (CARIDLA, P. & ROSSETTI, J.: 1984-1985:74)

Há outras estimativas sobre o fenômeno do exílio. A "Comisión de Derechos Humanos" calcula, até 1982, que a Europa foi o continente que acolheu mais chilenos: 53.886 (In: Exilio: balance y secuelas (1987:36).

Outra estimativa do CIM (Comité Intergubernamental de Migraciones), nos possibilita saber quais foram os países de destino desses exilados. O CIM teria instalado mais de 19.500 chilenos, entre outubro de 1973 e maio de 1979, nos seguintes continentes:

<u>CONTINENTES e PAÍSES</u>	<u>Nº de CHILENOS</u>
América Latina e Caribe	3.530
América do Norte	1.622
Europa	13.433
África (Argélia)	22
Médio Oriente (Israel)	89
Países da órbita soviética:	995
U.R.S.S	62
	<hr/>
	19.753

Fonte: (Que Pasa nº 824, 1987, p. 37)

Em relação ao critério formação educacional e profissional (ver tabela nº 2) podemos observar que os exilados chilenos com qualificação universitária constituem 46,4% (número muito expressivo), dos quais quase 50% são das profissões de cientista social e de educador.

Os trabalhadores não-qualificados representam somente 6,11%.

No campo laboral, podemos observar que um nº importante são de ativos — 86%, sendo o maior nº "empleados".

Características de la fuerza de trabajo en el exilio

(PORCENTAJES)

	%
<u>CON PROFESION UNIVERSITARIA</u>	<u>46.4</u>
Directores y Gerentes	3.2
Ingenieros, Arquitectos	7.9
Profesiones médicas	4.9
Profesiones sociales	11.8
Educadores medios	9.9
Otros	6.0
<u>SIN PROFESION UNIVERSITARIA</u>	<u>49.8</u>
Con título técnico	5.9
Técnicos sin título	5.6
Administrativos medio	15.6
Trabajador calificado	16.6
Trabajador no calificado	6.1
Otros	3.8
<u>TOTAL</u>	<u>100.0</u>
<u>SITUACION OCUPACIONAL</u>	
Ocupados	86.0
Desocupados	14.0
<u>Total</u>	<u>100.0</u>
<u>POSICION OCUPACIONAL</u>	
Empleadores	2.4
Trabajadores Cta. Propia	17.5
Obreros	12.9
Empleados	56.3
Otros	11.0
<u>TOTAL</u>	<u>100.0</u>

Fuente : (EHE)

Fuente: (CARIOLA, P. &amp; ROSSETTI, J. 1984-1985:25)

2.2. Alguns dados gerais referentes a:  
Argentina, Brasil, Chile e Uruguai

ÁREA	2.766.889 km <sup>2</sup> Excluídas as Ilhas Malvinas e os territórios antárticos reclamados pela Argentina	8.511.965 km <sup>2</sup>	755.626 km <sup>2</sup> Excluída a Antártica chilena	176.215 km <sup>2</sup>
POPULAÇÃO	31.928.519 (Est. 1989)	147.404.375 (Est. 1989)	12.961.032 (Est. 1989)	2.981.000 (Est. 1988)
NOME OFICIAL	República Argentina	República Federativa do Brasil	República do Chile	República Oriental do Uruguai
CAPITAL	Buenos Aires	Brasília	Santiago	Montevidéu
NACIONALIDADE	Argentina	Brasileira	Chilena	Uruguaia
LÍNGUA	O espanhol é oficial e principal	O português é oficial e universal	O espanhol é oficial; no Sul, há considerável comunidade que fala alemão	O espanhol é oficial e universal
RELIGIÃO	93% da pop. pertencem à Igreja Católica, que é oficialmente reconhecida pela Constituição; há pequenas minorias de protestantes e judeus (2%)	Cerca de 93% da pop. são católicos romanos; há aproximadamente 8 milhões de protestantes	85% de católicos, com minorias protestantes e israelitas	Predominantemente católica
DATAS NACIONAIS	25/5 (Revolução de 1810) 10/7 (Independência)	7/9 (Independência) 15/11 (Proclamação da República)	18/9 (Independência)	25/8 (Independência)
MOEDA	Peso. Cotação do dólar: 0,99. (maio de 1992)	Cruzeiro. Cotação do dólar: Cr\$2.980,00 (maio de 1992)	Peso. Cotação do dólar: 340,04 (maio de 1992)	Peso. Cotação do dólar: 3.060,50 (maio de 1992)
SITUAÇÃO GEOGRÁFICA	SE da América do Sul; limita-se ao N com a Bolívia e Paraguai, a NE com o Brasil e Uruguai, a E e ao S com o oceano Atlântico	Quinta maior nação do mundo, limita-se com todos os países da América do Sul, exceto com o Chile e Equador	Costa SO da América do Sul; limita-se ao N com o Peru, a E com a Argentina e Bolívia, ao S com o canal de Drake e a O com o oceano pacífico	Costa SE da América do Sul; segundo menor país sul-americano, limita-se ao N e ao NE com o Brasil, a E com o oceano Atlântico, ao S com o estuário do Pra-

FORMA DE GOVERNO	República Federativa	República Federativa presidencialista	República Federativa	República presidencialista
CHEFE DE ESTADO GOVERNO	Carlos Saúl Menen, desde 8/7/1989.	Fernando Collor de Mello, desde 15/3/90	Patricio Aylwin Azocar, eleito em 14/12/89.	Luis Alberto Lacalle Herrera, desde 12/3/1990
DATA DA ATUAL CONSTITUIÇÃO	12/5/1853	5/10/1988	11/3/1981	A Constituição de 27/11/1966, que ficou suspensa de 1973 a 1985, foi restaurada
PARTIDOS	25	37	24	12
DIVISÃO ADMINISTRATIVA	22 províncias, um distrito (Capital Federal), um território (Terra do Fogo)	26 estados e o Distrito Federal	12 regiões, mais a região metropolitana de Santiago	19 departamentos
DEFESA	Efetivo total de 95.000 homens (1988)	Efetivo total de 324.000 homens	Efetivo total de 101.000 homens	24.700 voluntários (1989)
CUSTOS COM A DEFESA	US\$ 368 milhões (Est. 1988)	US\$ 838 milhões (Est. 1988)	US\$ 670 milhões (Est. 1988)	US\$ 124 milhões (1986)
COMPOSIÇÃO ÉTNICA	97% da pop. são de origem europeia (principalmente espanhola e italiana); há minorias de ascendência árabe, indígena e mestiça	54,77% de brancos, descendentes principalmente de portugueses; 5,89% de negros e 38,45% de mulatos	68% da população são de origem indígena-espanhola, 30% de origem europeia (principalmente espanhola) e 2% de origem indígena	Cerca de 90% da pop. são de origem europeia, principalmente espanhola e italiana; mestiços e mulatos e mulatos constituem os outros 10%
DENSIDADE	11,5 hab. por km <sup>2</sup>	17 hab. por km <sup>2</sup> (Est. 1989)	17,1 hab. por km <sup>2</sup>	16,9 hab. por km <sup>2</sup>
CIDADES PRINCIPAIS	Buenos Aires, Córdoba, Rosario, La Plata, Mar del Plata	São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Brasília	Santiago, Viña del Mar, Valparaíso, Talcahuano, Concepción	Montevideo, Salto, Paysandu
RENDIDA PER CAPTA (US\$)	2.160	2.540	1.770	2.620



	<u>A R G E N T I N A</u>	<u>B R A S I L</u>	<u>C H I L E</u>	<u>U R U G U A I</u>
PIB/PNB em US\$ bilhões (1990)	68,78	375,15	22,91	6,97
TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB	5,5% (1986)	0,3% (1988)	-15% (1975), -14% (1982) 5,7% (1986)	0,9% (1988)
TAXA DE DESEMPREGO	5,3% (1991)	6,14%	3,8% (1973), 20% (1976), 34% (1982), 8% (1988)	8% (1988)
INFLAÇÃO Mês 12 Meses	0,7% (5/1992) 25,9%	20,84% (4/1992) 676,29%	1,1% (5/1992) 15,9%	4,65% (5/1992) 72,54%
DÍVIDA EXTERNA	US\$ 64 bilhões (1989)	US\$ 112 bilhões (1989)	US\$ 16,7 bilhões (1989)	US\$ 4,04 (1987)
SALÁRIO MÍNIMO em US\$	98/mês	77/mês	92/mês	86/mês
NATALIDADE	21 por 1000 hab. (1988)	28 por 1000 hab. (1988)	22,1 por 1000 hab. (1986)	17,6 por 1000 hab. (1987)
MORTALIDADE	9 por 1000 hab. (1988)	7,9 por 1000 hab. (Est. 1985-1990)	5,6 por 1000 hab. (1987)	9,6 por 1000 hab. (1987)
EXPECTATIVA DE VIDA	66,8 anos (homens) 73,2 anos (mulheres) (1983)	62,3 anos (homens) 67,6 anos (mulheres) (Est. 1985-1990)	67,6 anos (homens) 73,9 anos (mulheres) (Proj. 1985-1990)	67,1 anos (homens) 73,7 anos (mulheres) (1980-1985)
MORTALIDADE INFANTIL	22 por 1000 nascimen- tos (1989)	69 por 1000 nasci- mentos (1989)	20 por 1000 nascimentos (1988)	33 por 1000 nascimentos (1985)
ANALFABETISMO	4,5% (1985)	17,6% (1988)	5,6% (1985)	4,7% (1985)
PARCELA DO ORÇAMENTO NACIONAL GASTA NA EDUCAÇÃO	9,5% (1984)	6,6% (Est. 1988)	14,2% (1986)	6,9% (1986)
JORNAIS	227 diários; 88 exem- plares por 1000 hab. (1986)	279 diários; 62 exem- plares por 1000 hab. (1986)	33 diários (1987) 91 exemplares por 1000 hab. (1987)	21 diários; 185 exem- plares por 1000 hab. (1985)

FONTES

- ALMANAQUE ABRIL. Ed. Abril (1985 a 1990)
- FOLHA DE SÃO PAULO. (9/7/89, 12/12/89, 15/12/89, 31/13/89, 31/5/92, 7/6/92)
- LABRA, Maria Eliana. "Chile 1989: O arco-íris da transição à democracia". Série Estudos, nº 78, agosto de 1990, IUPERJ.

## A N E X O

## 3. DO CAPÍTULO IV

## 3.1. Os Estrangeiros no Brasil

3.1.1. O Contexto Histórico de Imigração  
ao Brasil

### 3.1. Os Estrangeiros no Brasil.

Como tem sido percebido o Estrangeiro no Brasil?

Num primeiro momento da história no Brasil, será enxer-  
gado fortemente através do imigrante europeu<sup>e asiático</sup>, concomitantemente, a sua  
presença e controle será motivo de várias legislações e medidas, al-  
gumas generosas, outras extremamente restritivas e discrimina-  
tórias; posteriormente, na década de 70 e 80 o estrangeiro (es-  
pecialmente do Cone Sul) será olhado a partir da Doutrina da  
Segurança Nacional. E atualmente (1990) numa situação ambígua,  
já que está sendo regido pelas novas leis da Nova Constituição,  
promulgada em 1988, e, ao mesmo tempo, pelo Estatuto do Estran-  
geiro, pois, curiosamente, falta, ainda, a regulamentação de  
várias leis específicas e complementares. Estes momentos serão  
analisados a seguir.

#### 3.1.1. O contexto histórico da imigração ao Brasil.

No século XIX, o Brasil foi cenário de correntes imi-  
gratórias de múltiplas nacionalidades: portugueses, alemães,  
italianos, japoneses, sírio-libaneses, espanhóis, suíços etc.

Mas é bom ressaltar o fato de que a história oficial  
da imigração no Brasil só começa com o decreto de 25 de novem-  
bro de 1808, do Príncipe Dom João, que permitia conceder "ses-  
marias" a estrangeiros. Com esse decreto criam-se condições  
propícias para trazer imigrantes. Eis um ponto significativo:  
tanto a imigração espontânea como a imigração dirigida (ofi-  
cial) começaram sob tutela do Estado.<sup>1</sup>

Nesse mesmo ano se dará início à colonização dirigida  
ao Brasil com a vinda de casais açorianos (1500 famílias) pa-

ra vários trechos do litoral de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.<sup>2</sup>

A colonização oficial se dá, fundamentalmente, pelo interesse da ocupação do território para garantir as fronteiras. Também nesse ano Dom João decreta a abertura dos portos.

Certos fatores irão influenciar decisivamente a vinda de imigrantes europeus ao Brasil. Um deles é o "perigo" da escassez de mão-de-obra para as chamadas "plantations", já que em 1831 se decreta uma lei proibindo o tráfico de escravos. Em 1871 se decretava a Lei do Ventre Livre e antes em 1850 há a extinção do tráfico de escravos ao Brasil, devido a pressões externas, principalmente inglesas. Porém, o tráfico interno continua. Somente em 1888 é que ocorrerá o fim da escravidão no Brasil. No entanto, até 1870 os escravos continuavam a ser mão-de-obra fundamental para a lavoura brasileira.<sup>3</sup>

Calcula-se que entre 1550 e 1850 entraram 4 milhões de Africanos no Brasil.

Há outros acontecimentos que marcaram a história desta época. É a época da monocultura do café no Brasil. No ano de 1870, há uma mudança crucial: o Vale do Paraíba deixava de ser o grande centro cafeeiro do país, deslocando-se o eixo econômico-político para o Oeste Paulista, e os fazendeiros alegavam falta de mão-de-obra para a lavoura.

Esta mudança pode ser acompanhada a partir do seguinte gráfico, indicador da produção de arrobas de café das duas regiões:

ANO	ARROBAS DE CAFÉ	%
1854	V. Paraíba 2.737.639	77,5
	O. Paulista 796.617	22,5
1886	V. Paraíba 2.074.267	20,0
	O. Paulista 8.300.063	80,0

Fonte: (SCHWARCZ. L. K. M., 1986:48).

Interessante é perguntar: por que se fomentou a imigração estrangeira em vez de mobilizar a mão-de-obra nacional e utilizar ex-escravos como trabalhadores assalariados?

Para Balan (1973:24), "dentro do sistema vigente não existia muita mão-de-obra excedente e a que havia permanecia ligada às plantações e só formalmente era livre para emigrar.

Os cafeicultores dificilmente poderiam competir com os interesses da borracha pela mão-de-obra deslocada pelas secas, encarecida pelo transporte e com maiores dificuldades de adaptação à produção do café, sobretudo nas novas condições tecnológicas da fase expansiva paulista.

É bom fazer notar que existiu um forte preconceito contra a mão-de-obra nacional, nesse momento formada em grande número de ex-escravos tidos como ociosos, indisciplinados e violentos. A partir destes fatos se configura a marginalidade, exclusão e discriminação dos negros na sociedade brasileira.

São vários os autores (SCHORTER. 1982:38-50) que chamam a atenção para a questão de outros objetivos desta colonização oficial e da imigração para a obtenção de mão-de-obra, e que não diz respeito somente à ocupação do território. Está também presente o desejo de 'branqueamento da raça', o 'aprimoramento racial' e de afastamento de uma vez por todas do "perigo" de o Brasil tornar-se um país de negros, já que estes eram considerados "inferiores" racialmente e não possuíam uma "civilização avançada", segundo a visão evolucionista da época.

Esta "teoria de branqueamento da raça" se dá entre o final do Império e a 1ª Guerra Mundial (1889 a 1914), e se traduziria na crença da desigualdade das raças humanas, na inferioridade dos negros e amarelos, na incapacidade do negro de se civilizar, na inferioridade de muitos dos mestiços e principalmente na superioridade da raça branca (SEYFERTH:s/d:l).

#### João Batista

No Brasil foi Lacerda quem deu estatuto "científico" a essa ideologia em 1911. Porém a formulação mais sistemática é feita por Oliveira Vianna na década de 20. Entre a década de 20 e 30 no Brasil se dará a consolidação desta ideologia e a sua aceitação por um número significativo da população brasileira. Para essas elites intelectuais e dirigentes a composição racial da população brasileira era a explicação para o atraso do país, e para mudar a situação eram necessárias urgentes medidas. Foi realizada uma política migratória privilegiando-se a vinda de imigrantes europeus, já que através de uma intensa e progressiva miscigenação poder-se-ia extinguir o "mascavo nacional" (os negros) e branquear a sociedade brasileira.<sup>4</sup>

As teorias da evolução da espécie humana serviram de pano de fundo para as elites intelectuais, já que havia consenso em relação à fantástica superioridade dos genes brancos.

Curiosamente, existiram diversas estatísticas - muito otimistas - relacionadas com o branqueamento da população brasileira. A partir de um diagrama de E. Roque Pinto sobre a constituição antropológica da população brasileira, baseado em estatísticas de 1872 e 1890, Lacerda chega à seguinte projeção para o ano 2012: os brancos serão 80% da população, os mestiços 3%, os índios 17% e os negros terão desaparecido! Ou seja, em 100 anos desapareceria o "perigo negro" do Brasil. Outros teóricos também compartilham este otimismo, porém com algumas diferenças de prazo mais demorado. Para Oliveira Vianna o desaparecimento dos negros se daria em 3 ou 4 séculos, para Afrânio Peixoto levariam 300 anos para "mudar de alma e alvejar a pele". Já Sílvio Romero estimava que o processo de "branqueamento" levaria de três a quatro séculos. Mas precisaria-se mais seis ou oito séculos para a absorção definitiva de índios e negros, porém os mestiços jamais desapareceriam (SKIDMORE: 1976:184-215).

Há outros intelectuais e agentes do governo que também defendem essa ideologia. Hipólito da Costa, por exemplo, expressa estas idéias através de seu Correio Brasiliense, e há ainda Domingo João Cardoso de Mendonça de Souza, Fidélis Reis, Júlio Mesquita Filho.

Obviamente que para realizar este "sonho de branqueamento" da população brasileira houve a necessidade de adotar medidas restritivas referentes à imigração de outras nacionalidades e "raças" que não ajudassem no bom êxito deste empreendimento eugenístico. E por isto serão privilegiados alguns imigrantes (alemães e polacos) e outros rejeitados (negros, asiáticos). Porém, o clima foi de muito debate e controvérsias.

É ilustrativa a defesa que Menezes e Souza realiza para defender o ideal de imigrante para o Brasil, fazendo um eloqüente elogio das colônias alemãs no Sul do Brasil (Blumenau, Joinville e São Leopoldo) e a condenação explícita e incisiva de outro tipo de imigrantes. A seguir um comentário de "A Alemanha deve ser o viveiro da imigração para o Brasil" "O autor qualifica como imigrantes desejáveis os belgas, suíços, espanhóis, italianos e portugueses, numa hierarquização de 'capacidades' realmente notável e que traduz bem a ideologia dominante sobre o assunto: os alemães são ideais porque obedientes às autoridades e excelentes agricultores; belgas e suíços devem ser admitidos desde que, comprovadamente, sejam agricultores e artesãos; os espanhóis porque são bons agricultores; os italianos porque são bons mascates e artífices; e, finalmente, os portugueses porque são 'excelentes trabalhadores rurais' e, por isso, 'valioso auxílio à lavoura nacional'.

Há uma condenação peremptória de qualquer imigração africana — seria 'o indireto restabelecimento do tráfico' — e asiática, especialmente chinesa — a civilização chinesa é apresentada como antítese da civilização moderna." (Citado por (SEYFERTH; G. 1988:10).

Posteriormente, quando o governo começa a tomar uma atitude assimilacionista e nacionalista — antes da 2ª Guerra, especialmente na década de 30 com o Estado Novo —, aparecem sentimentos e discursos xenófobos, que vão, agora, anunciar os vários perigos. Vai se falar do perigo "alemão" e do perigo "amarelo" (japoneses e chineses). Os argumentos de rejeição oscilavam entre questões de ordem racial, religiosas e culturais. Ambos serão acusados de formar comunidades fechadas, presos a seus costumes (língua, religião, sistema familiar) e a suas concepções políticas (especialmente o germanismo dos alemães). Em outras palavras, sofriram dificuldades de adaptação e assimilação, e não era possível permitir a formação de "quistos" que trariam riscos para a integridade e segurança da nação brasileira. Estas restrições foram explicitadas na legislação de 1938.

Também existiria forte rejeição em relação aos lusitanos e negros (Bliveira Vianna, Alfredo Ellis Jr.).

Anteriormente, tratávamos da imigração dirigida pelo governo, agora falaremos sobre as primeiras iniciativas privadas de imigração e dos regimes de trabalho implantados.

De 1847 em diante teremos então duas políticas imigratórias: uma de particulares que querem mão-de-obra barata para as lavouras, e outra, do governo (seja dos governos imperial ou provincial), criando núcleos coloniais. Estes são um prosseguimento à velha política inaugurada por D. João. Os fazendeiros, porém, não viam com bons olhos esses ensaios de colonização livre.

A primeira iniciativa privada para trazer imigrantes é feita pelo senador Nicolau de Campos Vergueiro, que, em 1847, introduziu 90 colonos imigrantes portugueses na fazenda de Ibicaba, no município de Limeira. Posteriormente, esse senador criará a Companhia Vergueiro & Cia., que transportava imigrantes europeus. É ainda em 1847 que Vergueiro torna-se o primeiro



fazendeiro a introduzir trabalho imigrante na produção cafeeira (ver STOLCKE, 1986:19-20).

É a partir da década de 1880 que o Estado passa a subsidiar a imigração em massa e a criar programas de imigração e colonização (é interessante assinalar que foram excluídos explicitamente os africanos e chineses - consultar cronologia). Os imigrantes europeus eram recrutados por agentes na Europa.

Entre 1884 e 1914, chegaram a São Paulo cerca de 900.000 imigrantes (STOLCKE, V. 1986:42).

Seria interessante tocar brevemente na questão das condições de vida e laboral que esses imigrantes vivenciaram. Por isso, começaremos com uma pergunta: Quais foram os tipos de contrato postos em prática nas fazendas de café? Num primeiro momento, cria-se o regime de parceria.<sup>5</sup> Para descrição detalhada deste regime ver Verena Stolcke (1986:20):

"(...) o fazendeiro financiava o transporte dos imigrantes de seu país de origem até o Porto de Santos e até a fazenda, bem como os gêneros e instrumentos necessários aos imigrantes, até que estes pudessem pagá-los com o produto de suas primeiras colheitas. Os trabalhadores cuidariam de um número não-especificado de pés de café, e o fazendeiro lhes cedia um pedaço de terra onde cultivariam suas próprias culturas alimentares (...). Seu pagamento consistia em metade do rendimento líquido do café e das culturas alimentares".

Após 1857, o sistema de parceria foi gradativamente abandonado em São Paulo (ver STOLCKE, V., 1986:31). Há algumas razões: os riscos e a insegurança aos quais eram submetidos o colono, a péssima situação de vida nas fazendas, o deslocamento especial dos imigrantes às cidades (o abandono das fazendas é calculado em 40 a 60%, ver: STOLCKE, V., 1986:75).

As situações vividas pelos imigrantes resultaram em descontentamentos. O primeiro sinal sério de descontentamento ocorreu em meados de 1856, quando um grupo de trabalhadores suíços se revoltou na fazenda de Nova Olinda, perto de Ubatuba. Em dezembro desse mesmo ano aconteceu a revolta mais importante de suíços e alemães, que aconteceu na fazenda modelo do senador Vergueiro.<sup>6</sup>

Em 1913 ocorreu a maior greve, que mobilizou de 10.000 a 15.000 trabalhadores e resultou num total fracasso. Esta greve, analisada por vários autores, "é vista como um marco dentro da historiografia do movimento trabalhador em São Paulo" (ALVIM, Z., 1986:113). Embora muitas greves não fossem bem sucedidas, a organização e as manifestações dos trabalhadores (especialmente os italianos - anarquistas), reivindicando melhores condições de vida, incomodavam profundamente a classe dominante. Uma das rápidas medidas "preventivas" foi o método de deportações em massa, visando acabar com os "agitadores estrangeiros" e desmantelar as primeiras organizações dos trabalhadores e acabar com as lideranças operárias. (É bom lembrar que também existiam vários jornais operários). Segundo cifras oficiais, entre 1907 e 1921 foram expulsos 556 trabalhadores operários estrangeiros (Revista Trabalhadores 1989:13). Sem dúvida, os números são bem maiores.

Houve múltiplos abusos em relação aos trabalhadores estrangeiros ( más condições de vida, de trabalho e repressão policial), e em decorrência destas situações foram vários os países que tomaram medidas restritivas na vinda de seus cidadãos ao Brasil. É o caso do governo prussiano, que em 1859, com o "decreto Heydt", proibia a imigração às fazendas de café de São Paulo, autorizando a vinda só para os Estados do Sul do Brasil.

Posteriormente, em 1902, o governo italiano, através do decreto Prinetti, proibia a vinda de italianos para as fazendas de café. Produto dessa situação novamente o perigo da falta de mão-de-obra, em 1908 dá-se início à imigração japonesa, contrariando os ideólogos do "branqueamento". Em 1911, a Espanha também adota medidas, em geral, parciais. Em 1934 será o governo brasileiro de Vargas que limitará a entrada de estrangeiros, promulgando a lei que limitava em 2% a entrada de imigrantes estrangeiros ao Brasil, produto de sua política nacionalista anteriormente mencionada. Toda essa situação se traduz em significativo número de imigrantes saindo do Brasil, que pode ser claramente percebido a partir da seguinte tabela:

A N O	ENTRADA	SAÍDA	DIFERENÇA
1900	22802	27917	5115 (-)
1901	71782	36099	35683
1902	40161	35500	4661
1903	18161	40200	22039 (-)
1904	27751	37300	9549 (-)
1905	47817	39900	7917
1906	48429	47500	929
1907	31681	43900	12219 (-)
1908	40222	38400	1822
1909	39674	34512	5162
	<u>388480</u>	<u>381228</u>	

In: ANDO, Z. (s/d:120)

(\* O número de imigrantes entrados no país.)

De 1889 a 1906 entraram no país 1.681.920 imigrantes, dos quais 1.039.987 vieram para São Paulo. Essa cifra compreendia 587.097 italianos, 149.158 espanhóis e 73.534 portugueses. Na crise deixaram o Brasil cerca de 300.000 imigrantes.)

Depois difunde-se o regime misto, onde a remuneração será realizada com o pagamento de salário e não mais com a divisão do produto. O ano de 1929 será o início do declínio da economia e política monocultora do café, concomitantemente é a época da depressão mundial.

É muito esclarecedora a distinção que SAITO, H. (1980: 468) faz sobre os imigrantes e seu encaminhamento às diferentes regiões do Brasil. Ele distingue três tipos:

- a)- Imigrantes que foram introduzidos nas fazendas de café, principalmente de São Paulo (entre 1908-1925 predominou esse tipo de imigração).
- b)- Colonos que foram localizados nos núcleos previamente planejados, sendo em sua maioria proprietários (dirigidos ao Sul do país, predominado nos anos de 1925-1935).
- c)- Imigrantes para áreas da Amazônia.<sup>7</sup>

No período de 1908-1925, o tipo de imigrantes contratado (colonos de café) predominavam sobre os outros. No período de 1925-1935 aumentava-se a introdução de colonos proprietários nas áreas de colonização planejada, embora numericamente inferior aos do primeiro tipo.

Sintetizando este breve percurso histórico pelo Brasil, sem dúvida que tanto a abolição quanto a imigração "são efetivamente 'dois aspectos', embora distintos, de um mesmo acontecimento fundamental da evolução brasileira, e que é a grande transformação do regime de trabalho no país". (PRADO, C., 1967: 182, citado por IANNI, Octavio, 1972:23) <sup>8</sup>

E o Brasil continua sendo palco da chegada das mais variadas nacionalidades e origens, existindo, sem dúvida, a maior profusão de pluralidade étnica. São tantas as histórias que ainda precisam ser contadas e pesquisadas.

Por muito tempo se dizia, sustentado por alguns intelectuais que representavam as oligarquias dominantes, que no Brasil não existia preconceito, que se vivia numa sociedade onde existia plenamente a democracia social, digna de inveja para os outros países do mundo. Democracia esta que se baseava em alguns princípios, ou melhor dito, mandamentos fundamentais: "Ausência de preconceitos e discriminações raciais no Brasil e, conseqüentemente, a existência de oportunidades econômicas e sociais iguais para brancos e negros" (HASENBALG, Carlos A. 1979:242).

Mas foram, especificamente, os que reavaliaram os estudos das relações sociais no Brasil na década de 60, da Universidade de São Paulo e outras instituições análogas, junto a outros estudiosos e pesquisadores, que desvendaram e questionaram criticamente este mito e, ainda, acumularam evidências demonstrando a existência dos mais variados preconceitos, marginalizações e discriminações sofridas pelas populações negras. (Consultar: VIOTTI DA COSTA, E. 1977)

É o fato de ser estrangeiro muitas das vezes se constitui problema de discriminação. Podemos de início trabalhar em dois níveis. Alguns indícios de discriminação aparecem na sociedade civil, especialmente nas representações da população, no seguinte sentido: "— O estrangeiro rouba o trabalho do brasileiro". Devemos considerar que a constituição deste tipo de visão não é tão generalizada, e sim datada da ditadura militar, pois foi incentivada por órgãos oficiais. Mas é ao nível institucional que a discriminação ao estrangeiro se perfila com clareza. Em especial quando se tem que regularizar a permanência no país e conseguir algum tipo de Carteira de Identidade (Provisória, Temporária ou Permanente) que possibilite a permanência legal no país, tendo que vivenciar momentos de exasperante burocracia e ineficiência (sempre falta algum documento, ou muda o valor de uma taxa, ou se deve preencher outro formulário etc.).

Se, por um lado, é na Polícia Federal que se delimita claramente o quanto se é ESTRANGEIRO, é também a instituição que exerce um sistemático controle. Todo estrangeiro em situação legal, que por acaso muda de endereço, deve avisar a Polícia

(possui um prazo de 30 dias); caso contrário, deve pagar uma significativa multa. É bastante eloqüente a fotocópia deste passeporte:

8

88074

REPUBLICA DE CHILE

VISACION

VISA

670233 7385

026 07

Serie

47038

9

REPUBLICA DE CHILE

VISACION

VISA

PERMANENCIA DEFINITIVA DEFERIDA  
PUBLICADA NO DOU EM 12/11/54  
- PROCESSO 85.73/11.442/54/56  
São Paulo. DE 12/11/54  
*René Gualter*

O estrangeiro registrado é obrigado a comunicar ao Ministério da Justiça a mudança de seu domicilio ou residência no prazo de 30 (trinta) dias após a mudança conforme artigo nº 102 da Lei n. 6815/60.

A partir dessas indagações, O estrangeiro seria um cidadão?

Qual a pertinência desta indagação, já que a imensa maioria dos próprios brasileiros não consegue chegar à cidadania? Quais seriam os direitos — e não só os deveres — dos estrangeiros? A cidadania se constituiria numa das formas de construção da identidade? Como foi percebido juridicamente o estrangeiro, especialmente na época da ditadura militar brasileira? Como ele é percebido hoje pela Constituição? Em que grau o estrangeiro participa do país, quais as restrições?

Começaremos tratando da noção de cidadania com dois preâmbulos, o primeiro histórico e o segundo conceitual. A cidadania é um conceito político moderno que nasce com a Revolução Francesa (1789).

Para PEIRANO, M. (1986:60) "cidadania" e "cidadão" são conceitos cujo significado varia para cientistas sociais e para membros de uma comunidade específica, podendo ser, até mesmo, um status valorizado para uns e indesejável para outros. Levando em consideração esta relatividade histórica e de contexto, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que a questão da cidadania está ligada a dois problemas fundamentais: o da igualdade dos indivíduos e o da plenitude do exercício dos direitos.

Porém, o que significaria teoricamente a noção de cidadania? Quais os seus pilares sustentadores?

Para CHAUI, Marilena (FOLHETIM nº 219:14) "a noção de cidadania se apóia em três pilares: a noção de comunidade cívica, ligada à idéia de participação na comunidade; a idéia de igualdade, ligada à de igualdade perante a lei e vinculada à noção de igualdade de direitos políticos no sentido que essa igualdade se exprime pelo direito à voz na opinião pública e ao voto na escolha de representantes; e ela se apóia na idéia de liberdade, entendida agora como a face moral e interior do indivíduo, liberdade que vai constituir uma série de direitos e que devem ser então garantidos". Mas o exercício da cidadania na sociedade liberal democrática caracteriza-se por algumas contradições básicas, que em muito limitam os meios para a promoção da liberdade e da justiça social. Uma delas se refere ao fato de que houve uma separação radical entre o Estado e a Sociedade, "ou, mais corretamente, entre o Mercado e o Estado,

despolitizou a cidadania, transformando os homens em indivíduos solitários, desamparados quando enfrentam as forças coletivas postas em movimento pela soma total das suas individualidades egocêntricas e por seus apetites e paixões particulares.<sup>9</sup>

(ABRANCHES, S. 1985:6.)

Outra contradição se refere ao exercício da cidadania já que este "passou a ser regulado e mediado por essas organizações privadas e por agrupamentos institucionalizados, bem como por agências estatais. A implementação dos direitos do cidadão tornou-se dependente dessas organizações as quais, na verdade, passaram a definir o conteúdo específico desses direitos".<sup>10</sup> (ABRANCHES, S. 1985:18.)

Se há restrições e controles do exercício da cidadania para os brasileiros, obviamente que o estrangeiro também sofrerá restrições legais, jurídicas e controles, especialmente na década de 80, pois na prática houve uma lei de Estrangeiros extremamente polêmica, aprovada por decurso de prazo. É a lei nº 6815, de 19 de agosto de 1980, em que o estrangeiro é tratado a partir da ótica da Segurança Nacional. A lei tem algumas passagens ilustrativas, "será expulso o estrangeiro nocivo aos interesses nacionais" ou "será expulso o que atentar contra a Segurança Nacional". Porém o que seria o estrangeiro "nocivo aos interesses nacionais"? Ou quais seriam esses "interesses nacionais"? Ou que Segurança Nacional? Se por um lado as afirmações são ambíguas, de uma certa forma o Estado localiza os indesejáveis e se protegeria de: exilados políticos e religiosos progressistas.

Foram várias as personalidades que denunciaram o caráter político e geopolítico desta lei, especialmente no que se refere ao fato de evitar que o Brasil se tornasse "o refúgio de perseguidos políticos do Cone Sul". (Na lei há um dispositivo que diz que o impedimento do ingresso de um estrangeiro no Brasil pode também se estender aos seus membros familiares.)<sup>11</sup>

Outra questão que foi levantada é que esta lei ajudaria a manter a hegemonia da Ideologia de Segurança Nacional no Cone Sul (ver capítulo II), constituindo-se em uma nova fase desta Ideologia. Também foi alertado que esta lei somente se dirigia à pessoa física do estrangeiro e que feria 13 dos 30 artigos da Declaração dos Direitos Humanos. Talvez, os ideólogos da Segurança Nacional pretendiam transformá-la em Declaração dos Deveres Humanos, tendo como primeiro mandamento: "Ame-o ou deixe-o".



Entretanto, o governo argumentava que esta lei fora criada para proteger o mercado de trabalho da invasão estrangeira (para tal efeito, publica-se uma lista de profissões regulamentadas — 44 — que possibilitariam o pedido de permanência temporária ou permanente no Brasil).<sup>12</sup> Curiosamente, as multinacionais continuavam (e continuam) trazendo seus executivos do exterior. Um outro fato a salientar é que essa lei não regula a pessoa jurídica do estrangeiro ou a propriedade da terra de empresas ou pessoas físicas estrangeiras, como no caso das multinacionais.

Mas, neste início da década dos anos 90, após a promulgação da nova Constituição brasileira, em 5 de outubro de 1988, que surgiram problemas bem específicos com o estrangeiro: fundamentalmente no campo laboral-profissional e no processo de naturalização. São dois problemas muito intrincados e, sem dúvida, sem uma clara solução, na medida em que há várias leis ainda por regulamentar.

Mas, gostaríamos de apresentar 2 situações problemáticas que estão em curso com os Estrangeiros. Uma diz respeito ao campo laboral e o outro com o processo de naturalização.

Atualmente está realizando-se uma interpretação literal do Artigo 37 do Capítulo VII (Da Administração Pública) e do Anteprojeto do RJU (Regime Jurídico Único) preparado pela Secretaria do Planejamento (SEPLAN). Tanto um como o outro regulamenta o regime de trabalho para todos os servidores públicos civis do Executivo e estabelece que são acessíveis as funções públicas aos brasileiros que preenchem os requisitos estabelecidos em lei.

Caso o Projeto vire lei definitiva, os pesquisadores estrangeiros só poderão ser contratados pelo prazo máximo de 4 anos, não renováveis. Finalizado este prazo, se não se naturalizarem, não poderão exercer as funções no Serviço Público.

A situação dos trabalhadores estrangeiros está explicitada da seguinte forma. Das Disposições Transitórias e finais do Artigo 243 § 6º, do "Projeto de lei do Regime Jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais":

"Os empregos dos servidores estrangeiros com estabilidade no serviço público, enquanto não adquirirem a nacionalidade brasileira, passarão a integrar tabela em extinção, do respectivo órgão ou entidade, sem prejuízo dos direitos inerentes aos planos de carreira aos quais se encontrem vinculados os empregados."

Segundo a Constituição, no Capítulo III, Artigo 12, que estabelece a nacionalidade, serão brasileiros: os natos e os naturalizados.

Isto significa que todos os Estrangeiros que não se naturalizarem não poderão concorrer ao Concurso Público e não conseguirão ser recontratados, caso estejam laborando no setor Público.

Esta situação discriminatória, no mínimo, está afetando intensamente "os professores estrangeiros", tanto os visitantes quanto os que formam parte dos quadros das Instituições federais e estaduais de ensino.

Esta situação foi denunciada por alguns meios de comunicação, como temos notícias: A Folha de São Paulo, 24 de novembro de 1989, e a Revista Ciência Hoje vol.II, nº 62, março de 1990; e, também, se mostrou quando realizava minha pesquisa, com o caso de Rodrigo (Chileno, professor universitário), que descreve da seguinte forma seu dilema:

(19-07-89)

Pesquisadora: CREA QUE LA LEY DE EXTRANJEROS DEJA BASTANTE A DESEAR. NO REFLEJA UNA REALIDAD(...)

Rodrigo: Pero no tengo el cargo, o sea, yo tengo una posición permanente, pero no soy dueño del cargo, porque no soy profesor concursado.

Pesquisadora: HAA, O SEA QUE CONTINUAS EN UNA POSICIÓN, DIRIA, ¿AMBIGUA?

Rodrigo: No, no..., tengo los mismos derechos, si,...

Pesquisadora: PERO, NO PROTOCOLIZADO.

Rodrigo: ...solo tengo los mismos derechos, solo la diferencia es que: una persona que tiene el cargo se puede ir a cualquier otra Universidad del sistema Estadual. Digamos, si hubiera una catastrofe, y la Universidad, la (...) la cerraran, quien es concursado tiene su cargo y se podría irse a la USP, ahora yo no...

Pero digamos, en los otros, los...derechos, yo tengo los mismos derechos.

Esto yo lo veo un problema porque encuentro que eso no puede ser, o sea, sobretodo en un medio como este, academico, que se tiene posibilidades de contratar extranjeros. Porque según..., solo queda contratarse por el código especial. Se contrata por 2 años y se renueva por más 2 años. Al todo son 4 años. Y después, para la contratación, debe hacer el Concurso...y no se pueda hacer.

Creo que nosotros hablamos de la ley de extranjeros, que eso es importante aqui en Brasil. Es terrible.

Y yo estoy con un problema que no sé si te conte. Estoy contratando un chileno que vive en los Estados Unidos y no puede hacer el Concurso aqui en el Brasil, porque solo hay concurso para brasileros (...) Alguna cosa hay que hacerse.

Pesquisadora: ¿Y NO HAY NINGÚN OTRO MECANISMO?

Rodrigo: Ahora, no, no...Pero eso esta preocupando a la gente aqui en la Universidad, es probable que se cambie.

Porém, outra pesquisanda, Techy (chilena, professora), sofreu este vivência. Para poder dar aulas de espanhol no 2º Grau, em Escola Pública Estatal, teve que compulsoriamente se naturalizar; do contrário, não seria contratada. E é a mesma situação do espanhol Antonio Ibañez, Reitor da Universidade de Brasília, que para tomar posse em 1989 teve que naturalizar-se brasileiro.

Na verdade, o grande paradoxo é que caso o estrangeiro interessado em laborar na administração pública, seja para prestar concurso ou ser contratado, quisesse naturalizar-se brasileiro teria dificuldades. O problema reside nos entraves das leis atuais que tornam absolutamente inviável o processo, já que na nova Constituição verificamos um retrocesso legal sem precedentes nesta questão. Conseguiu ser mais retrógrada que as leis do Estatuto dos Estrangeiros (Título XI - Da naturalização, Cap. I, Art. 112, inciso III), que determina que para se naturalizar precisa-se, dentre outros requisitos, "residência contínua no território nacional, pelo prazo mínimo de 4 anos, imediatamente anteriores aos pedidos de naturalização".

Mas a nova Constituição estabelece que seriam naturalizados (Art. 12, Inciso II, b) "os estrangeiros de qualquer nacionalidade, residentes na República Federativa do Brasil há mais de 30 anos ininterruptos e sem condenação penal, desde que requeiram a nacionalidade brasileira".

Resumindo, caso queira prestar o concurso ou ser contratado, deve compulsoriamente naturalizar-se, mas deve esperar 30 anos até poder naturalizar-se, segundo a Constituição de 1988, ou seja, não pode ser contratado ou prestar concurso. Porém, hoje em dia, mudou a legislação (ver mais adiante).

A nova Constituição (no Capítulo I, artigo 5, inciso XLI), entretanto, declara que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais", e que (Cap. I, art. 5) "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade". Só nos resta concluir que está em curso uma crescente discriminação do estrangeiro a nível institucional. Especificamente no caso dos cientistas é grande a preocupação, embora diversas instituições estejam seriamente interessadas numa solução positiva para esta situação e realizam propostas alternativas no caso dos trabalhadores cientistas. São elas: rediscutir e emendar o Artigo 37 no Congresso Nacional e a criação de uma lei orgânica autônoma específica para a Universidade.

Retomando o que anteriormente indagávamos — se o estrangeiro seria um cidadão? —, e considerando os fatos apresentados, só podemos responder, obviamente, de forma negativa. Mas existe a luta constante de se fazer com que o estrangeiro também possa ser um cidadão, contrariando as definições segundo as quais ele não é um cidadão.\*

Embora se afirme que por definição o estrangeiro não é um cidadão, estaria excluído, nos parece que não se pode aceitar e assimilar passivamente esta afirmação, como se fosse um axioma.

É bom lembrar que a maioria de nosso universo estudado manifestou seu desejo de votar e participar politicamente, seja escolhendo o Presidente da República, o Governador, o Prefeito, os Deputados, etc.; porém, esse direito, segundo eles, deveria ser exercido por "estrangeiros permanentes". Apenas 4 deles manifestaram que não tinham interesse em votar.

Ainda alguns sonham com a possibilidade de uma cidadania internacional; Foucault foi um deles, e se engajou em diversos Comitês apoiando os imigrantes na França. É dele o seguinte texto:

" Existe uma cidadania internacional que tem seus direitos, que tem seus deveres e que obriga a se levantar contra todos os abusos de poder, seja quem for o autor, sejam quais forem as vítimas. Afinal, somos todos uns governados e por isso solidários. Porque pretendem se ocupar da felicidade das sociedades, os governos se arrogam o direito de incluir na conta de lucros e perdas a infelicidade dos homens provocada por suas decisões ou permitida por suas negligências. Constitui um dever dessa cidadania internacional sempre fazer valer aos olhos e aos ouvidos dos governos a infelicidade dos homens pela qual não é verdade que não são responsáveis. A infelicidade dos homens nunca deve ser um resto mudo da política. Ela fundamenta um direito absoluto de se levantar e dirigir-se aos que detêm o poder. É preciso recusar a divisão de tarefas que com demasiada frequência nos propõem; cabe aos indivíduos se indignar e falar; aos governos, pensar e agir. É verdade, os bons governos gostam da santa indignação dos governados, desde que continue sendo lírica... A vontade dos indivíduos deve se inscrever numa realidade cujo monopólio os governos quiseram reservar para si, monopólio que se deve arrancar pouco a pouco, todos os dias.  
(In: ERIBON, D. 1990:260)

\* No livro de THÜNE, (1991:90) comentam-se as observações de Hannah Arendt, sobre a ideia de uma cidadania mundial, como sendo uma utopia: "ninguém jamais poderá ser cidadão do mundo do mesmo modo que é cidadão da própria terra, bem delimitado".

E se considerarmos a partir de uma ótica política, em especial a participação política, também a resposta será negativa já que o estrangeiro não é eleitor e nem pode ser votado no Brasil. Embora existiria uma possibilidade: naturalizar-se brasileiro.

É interessante fazer notar que em outros países o prazo é menor; na Argentina, após 5 anos de residência legal, o estrangeiro tem direito a voto.<sup>13</sup>

É bom observar que houve a preocupação de alguns partidos políticos de esquerda e progressistas em apresentar emendas populares no processo de elaboração da nova Constituinte permitindo o voto para o estrangeiro em caráter permanente. Todas, foram derrotadas.

Devemos, porém, atualizar algumas questões. Em relação aos professores estrangeiros, duas universidades públicas (USF e UFMG) criaram uma legislação específica para sua contratação através de concurso público. Também a partir de dezembro de 1991 será publicada uma nova Lei dos Estrangeiros.

Em relação ao processo de naturalização houve mudanças, pois ela, agora, pode ser solicitada sempre que estiver o solicitante enquadrado em alguns destes casos:

#### CONDIÇÃO PARA SER NATURALIZADO

- Ler e escrever a língua portuguesa;
- Prazo de permanência para nacionalidade portuguesa, ou cônjuge brasileiro (a) ou filho(a) brasileiro(a); a partir de 1 ano de permanência no Brasil.
- Prazo de permanência para outras nacionalidades: a partir de 4 anos de permanência no Brasil.
- Preenchimento do Requerimento para Naturalização (reproduzida na página seguinte).
- E demais exigências (ver adiante).

REQUERIMENTO PARA NATURALIZAÇÃO

439  
DA TILOGRAFIA  
EM  
2 VIAS

Excelentíssimo Senhor Ministro da Justiça

\_\_\_\_\_ (nome por extenso), sexo \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, natural \_\_\_\_\_ (cidade e país onde nasceu), nascido (a) \_\_\_\_\_ (dia, mês e ano), filho (a) de \_\_\_\_\_ (nome do pai) e de \_\_\_\_\_ (nome da mãe), de nacionalidade \_\_\_\_\_, (estado civil) \_\_\_\_\_, profissão, residente \_\_\_\_\_ (rua, nº bairro, cidade e unidade da federação), pretendendo adquirir a nacionalidade brasileira e renunciar à atual, vem declarar a Vossa Excelência:

- a) que tem capacidade civil segundo a lei brasileira;
- b) que tem residência contínua no Brasil há mais de \_\_\_\_\_ (meses ou anos), tendo residido, desde que chegou ao país, nas seguintes unidades da federação \_\_\_\_\_ (mencionar os Estados ou Territórios em que residiu, bem como os respectivos períodos);
- c) que, no exterior, já residiu nos seguintes países: \_\_\_\_\_;
- d) que sabe ler e escrever a língua portuguesa (se o naturalizando for português basta que faça o uso adequado do idioma pátrio);
- e) que está no exercício da profissão de \_\_\_\_\_, ou que aufera renda suficiente para manter-se e à família (dispensável a prova se o requerente for português);
- f) que tem bom procedimento;
- g) que não está processado ou pronunciado e que jamais foi condenado, no Brasil, ou no exterior, por crime doloso cuja pena mínima, abstratamente considerada, seja superior a um ano de prisão;
- h) que tem boa saúde;
- i) que nada deve ao Imposto de Renda;
- j) que deseja (ou não) traduzir (ou adaptar) o nome à língua portuguesa. (Explicar a pretensão, em caso afirmativo).

M  
O  
D  
E  
L  
O

Nestas condições, requer a Vossa Excelência lhe seja concedida a naturalização prevista no art. \_\_\_\_\_, item II, alínea \_\_\_\_\_, da Constituição, de acordo com as disposições do (s) art. (s) \_\_\_\_\_ da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980.

Nestes termos,  
Pede Deferimento,

(Local, data e assinatura do naturalizando).

Decreto nº 86.715, de 10 de dezembro de 1981, (Regulamento) (art. 119).

# PROVA DE PERMANÊNCIA

- I - cópia autenticada da cédula de identidade para estrangeiro permanente;
- II - atestado policial de residência contínua no Brasil, pelo prazo mínimo de quatro anos; (Vide §§ 4º e 6º abaixo citados)
- III - atestado policial de antecedentes passado pelo órgão competente do lugar de sua residência no Brasil;
- IV - prova de exercício de profissão ou documento hábil que comprove a posse de bens suficientes à manutenção própria e da família; (Vide § 6º abaixo citado)
- V - atestado oficial de sanidade física e mental ( Vide § 5º abaixo citado)
- VI - certidões ou atestados que provem, quando for o caso, as condições do artigo 113 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980;
- VII - certidão negativa do Imposto de Renda, exceto se estiver nas condições previstas nas alíneas "b" e "c" do § 2º deste artigo;
- VIII - comprovante do pagamento da taxa legal de Cr\$

DECL. DE  
POL. CIVIL

Receita Federal

DARF  
3 VIAS  
378,15

Cargos  
1361

## OBSERVAÇÕES:

- § 1º - Se a cédula de identidade omitir qualquer dado relativo à qualificação do naturalizando, deverá ser apresentado outro documento oficial que o comprove.
- § 2º - Ter-se-á como satisfeita a exigência o item IV, se o naturalizando:
- perceber proventos de aposentadoria;
  - sendo estudante, de até vinte e cinco anos de idade, viver na dependência de ascendente, irmão ou tutor;
  - se for cônjuge de brasileiro ou tiver a sua subsistência provida por ascendente ou descendente possuidor de recursos bastantes a satisfação do dever legal de prestar alimentos.
- § 3º - Quando exigida residência contínua por quatro anos para a naturalização, não obstarão o seu deferimento as viagens do naturalizando ao exterior, se determinadas por motivo relevante, a critério do Ministro da Justiça, e se a soma dos períodos de duração delas não ultrapassar de dezoito meses.
- § 4º - Dispensar-se-á o requisito de residência, a que se refere o item II deste artigo, exigindo-se apenas a estada no Brasil por trinta dias, quando se tratar:
- de cônjuge estrangeiro casado há mais de cinco anos com diplomata brasileiro em atividade; ou
  - de estrangeiro que, empregado em Missão diplomática ou em Repartição Consular do Brasil, contar mais de dez anos de serviços ininterruptos.
- § 5º - Será dispensado o requisito referido no item V desse artigo, se o estrangeiro residir no País há mais de dois anos.
- § 6º - Aos nacionais portugueses não se exigirá o requisito do item IV deste artigo, e, quanto ao item II, bastará a residência ininterrupta por um ano.
- § 7º - O requerimento para naturalização será assinado pelo naturalizando, mas, se for de nacionalidade portuguesa, poderá tê-lo por mandatário com poderes especiais.



Além das exigências anteriores (domínio do idioma, prazo de permanência e preenchimento do Requerimento para Naturalização), são necessários, também, os seguintes documentos:

1) Para os que têm permanência e residem há menos de 30 anos no Brasil: Antecedentes cíveis e criminais da Justiça Federal  
(Av. Paulista, 1682 - Justiça Federal)  
(Pça da República, 299 - esq. c/ R. do Arouche)

Antecedentes cíveis e criminais da Justiça Estadual  
(Rua da Glória, 86 - Pça da Sé)

Certidão negativa de Protesto de Títulos  
(Rua da Glória, 86 - Pça da Sé)

1) Para os que têm permanência e residem há mais de 30 anos no Brasil: Prova de permanência;

Passaporte com visto de permanência;

Despacho do Ministério da Justiça;

Certidão de Registro do Arquivo Nacional (RJ);

ou Certidão de desembarque - Centro Histórico do Imigrante  
(R. Visconde de Parnaíba, 1316)

FONTE: DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DE SÃO PAULO.

(1)

É importante apresentar dados quantitativos que nos ajudaram a compreender melhor esta corrente migratória que chegou ao Brasil. Apresentaremos um quadro que nos proporcionará certos dados em relação à data de chegada dos primeiros imigrantes, prosseguem algumas observações relevantes deste quadro.

Ano de início de imigração	Nacionalidade	Número de pessoas	Local de chegada
1818	Suíços		Nova Friburgo (RJ)
1824	Alemães <sup>1</sup>		Sul do país
1834	Italianos <sup>2</sup>		
1865	Norte-americanos e poloneses		
1871	Sírio-Libaneses <sup>3</sup>	96	
1938	Japoneses <sup>4</sup>	786	Santos (SP)

- 1.- É necessário notar que grande parte dos alemães entram no Brasil muito antes da unificação política de seu país; por isso, entram na categoria de alemães: austríacos, poloneses, russos e até suíços (ver WILLEMS, E. 1980:39).
- 2.- A imigração oficial de italianos começou em 1875 (no planalto da Província do Rio Grande do Sul. A partir de 1881, os imigrantes dirigem-se às fazendas de café de São Paulo).
- 3.- Nesse ano, 1871, a Síria ainda pertencia à Turquia.
- 4.- O maior fluxo migratório ao Brasil deu-se entre 1924-1934. Ulteriormente, estabeleceram-se quotas e limites em relação à sua entrada.

FONTE: Este gráfico e as informações foram elaborados a partir de leituras diversificadas dos seguintes autores: (PEREIRA DOS REIS, 1961:77e83); (KAWAI, T., 1980:154/164); (ANDO, Z., s/d:182); (SCHADEN, E., 1980:135); (WILLEMS, E., 1980:39/41).

- (2) Fornecemos algumas datas da formação de colônias imigrantes no Brasil:
- Em 1819, 1700 colonos suíços fundaram a colônia de Nova Friburgo (RJ).
  - Em 1819 os portugueses fundam a colônia de Ericeira, em Santa Catarina.
  - Em 1824, começaram a fixar-se no Rio Grande do Sul os colonos alemães, onde surgiu em 1827 a colônia de S. Leopoldo; depois apareceriam a de Torres, Nova Hamburgo e, em 1848, as colônias de D. Pedro II, Monte Bonito, Rinção del Rei e Mundo Nuevo. Em 1851 fundam a colônia D. Francisco (Joinville) e em 1852 Blumenau, em 1827 a colônia Rio Negro no Paraná.
  - Em 1874, os italianos formam as colônias de Conde d'Eu (Garibaldi), D. Isabel (Bento Gonçalves) e Caxias.
  - Em 1812, açorianos em Espírito Santo fundam a colônia de Santo Agostinho.
  - Em 1828 chegaram a Santa Catarina os primeiros colonos alemães; divididos em 146 famílias (total 1523), fundando no ano seguinte a colônia de São Pedro de Alcântara.

Fonte: PEREIRA DOS REIS, P. (1961:76) e CARNEIRO, F. (1948:1015).

- (3) É necessário ressaltar alguns fatos, ou melhor, algumas razões que incidiram na demora do fim da escravidão. Em relação à questão da demora do abolicionismo no Brasil é muito significativo o seguinte comentário de Lia K. M. SCHWARTZ (1986:36):

"(...) ao mesmo tempo em que se exaltava a libertação, temia-se por uma revolução total no país, afirmando-se neste sentido a necessidade de uma abolição lenta e gradual. Não havia nesse sentido um maior entrosamento entre os rebeldes negros e os abolicionistas, sendo que a própria propaganda abolicionista não se dirigia aos escravos, que tendiam a ser considerados como bárbaros, incapazes de exercer ações políticas."

Essa mesma autora destaca o caráter independente em que se deu a liberação dos escravos; já em 1884, províncias do norte do país (Ceará, Amazonas) libertaram seus escravos.

- (4) Em relação à emergência das teorias racistas no Brasil são vários os autores que marcam o final do século XIX como o período do surgimento do racismo no Brasil. (ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: Cultura Nacional & Identidade Nacional. São Paulo, Brasiliense, 1985;

- (5) A parceria era um sistema de trabalho baseado na exploração do trabalho familiar. Ver: STOLCKE, V. (1986:26) e ANDO, Z. (s/d:134).

- (6) A história desta revolta está descrita no livro do colono THOMAS DAVATZ. Memórias de um colono no Brasil: 1859. São Paulo. Edusp, 1980.

Para uma análise da repressão e violência contra o incipiente movimento operário urbano, os grupos anarquistas e anarco-sindicalistas e as deportações em massa, ver a análise de PINHEIRO, Paulo S. (1981:p.30-66).

- (7) Para uma visão mais detalhada sobre as fases do processo migratório em relação aos italianos, japoneses, sírio-libaneses, alemães, consultar: ALVIM, Z. (1986:21); SAITO, H. (1980); KAWAI, T. (1980:165-166); WILLEMS, E. (1980); SEYFERTH, G. (1988).

- (8) Complementaremos este panorama migratório com mais dois quadros. Um refere-se ao número total de imigrantes entrados no Brasil ao longo dos anos 1810-1975 discriminados por nacionalidade. O outro quadro nos dá uma ideia sobre a composição ocupacional dos imigrantes entrados no Brasil durante 1908-1941.

#### QUADRO I

Total dos imigrantes que entraram no Brasil no período de 1810-1975 e porcentagens, destacando algumas etnias, por décadas.

Décadas	Total dos imigrantes	Portugueses %	Italianos %	Espanhóis %	Alemães %	Japoneses %	Sírios e Libaneses %	Outras %
1810/1819	1.790							1.790 100,0
1820/1829	7.765				2.326 29,9			5.439 70,1
1830/1839	2.669	261 9,8	180 6,7		207 7,8			2.021 75,7
1840/1849	7.303	491 6,7	5 0,1	10 0,2	4.450 60,9			2.347 32,1
1850/1859	117.592	63.272 53,6	24 0,1	181 0,3	15.815 13,4			38.300 32,6
1860/1869	110.113	53.618 48,6	4.916 4,5	633 0,6	16.514 15,0			34.432 31,3
1870/1879	193.931	67.609 34,9	47.300 24,3	3.940 2,0	14.627 7,5		46 0,1	60.509 31,2
1880/1889	527.869	104.700 19,7	276.724 52,4	29.166 5,5	19.201 3,6		109 0,2	98.068 18,6
1890/1899	1.205.803	215.354 17,8	690.365 57,3	164.093 13,6	17.014 1,4		4.555 0,3	114.422 9,6
1900/1909	649.896	199.536 30,7	221.394 34,1	121.504 18,7	13.848 2,1	861 0,1	16.846 2,6	75.937 11,7
1910/1919	221.458	312.481 38,0	137.868 16,8	181.657 22,1	25.902 3,2	27.432 3,3	38.408 4,7	97.710 11,9
1920/1929	643.522	301.915 35,8	106.631 12,7	81.931 9,7	75.839 9,0	58.284 6,9	40.590 4,8	178.132 21,1
1930/1939	533.101	102.544 30,7	22.170 6,6	13.746 4,1	29.627 8,9	99.222 29,8	6.437 1,9	59.958 18,0
1940/1949	123.000	47.556 38,7	11.359 9,2	5.003 4,1	6.885 5,6	2.865		
1950/1959	586.670	241.520 41,3	94.012 16,0	94.693 16,1	16.827 2,9	34.286 5,8	13.569 2,3	91.763 15,6
1960/1969	197.567	74.124 37,4	12.414 6,3	25.397 14,4	5.659 2,9	25.092 12,7	3.350 1,7	48.551 24,6
1970/1975	46.295	5.641 12,2	3.382 7,3	2.196 4,7	3.817 8,2	2.224 4,8		29.035 62,8
Soma	5.877.754	1.790.622 30,5	1.628.744 27,7	727.138 12,4	258.558 4,4	250.230 4,3	127.340 2,2	1.095.117 18,5

Observação: Em primeiro lugar estão os portugueses (30,5), seguidos dos italianos (27,7), e a categoria Outros em terceiro lugar (18,5). Obviamente que os nacionais do continente Americano estão nesta categoria; é lamentável, mas não é possível conhecer quais países estão presentes.

## QUADRO II

Composição ocupacional das principais nacionalidades entradas no Brasil pelo Porto de Santos (de 1908 até junho de 1941).

Grupo nacional	Imigração total	OCUPAÇÃO					
		Lavradores		Operárias		Outras	
		Número	%	Número	%	Número	%
Todas as Imigrantes	1.327.911	791.135	59,6	63.883	4,8	472.943	35,6
Turco-Árabes	43.954	7.930	18,0	891	2,0	35.133	80,0
Turcos	26.348	2.941	11,2	551	2,1	22.856	86,7
Sírios	17.606	4.989	28,3	340	1,9	12.277	69,7
Portugueses	293.584	140.176	47,7	14.417	4,9	138.991	47,8
Espanhóis	209.892	164.924	78,6	4.773	2,3	40.195	19,2
Italianos	206.056	101.066	49,0	22.654	11,0	82.336	40,0
Japoneses*	188.490	186.228	98,0	232	0,1	2.030	1,1
Alemães	46.893	14.385	30,7	5.869	12,3	26.639	56,8
Rumenos	24.041	20.369	84,7	333	1,4	3.339	13,9
Eslovacos	21.365	19.895	93,1	216	1,0	1.254	5,9
Lituânicos	21.069	18.249	86,6	403	1,9	2.417	11,5
Poineses	16.912	6.746	39,9	1.473	8,7	8.683	51,4
Austriacos	15.251	9.156	60,0	1.525	10,0	4.570	30,0

Fonte: KAWAI, T. Italianos e sírio-libaneses; uma visão comparativa com os japoneses. In: SAITO, Hiroshi. (1980)

Como podemos apreciar no último quadro, 59,6% dos imigrantes entrados ao Brasil desde 1908 até 1941 eram lavradores (e aqui não estão incluídos os anos de maior fluxo migratório, senão evidentemente esta cifra seria elevada ainda mais).

É necessário lembrar um dado histórico em relação à Síria. Até a 1ª Guerra Mundial, a Síria pertencia à Turquia; independente da condição de protetorado Francês, ela se desmembrou em 2 Repúblicas: a Síria e o Líbano.

(9) MARSHALL, T. H. (1967) nos apresenta uma interessante análise do desenvolvimento da Cidadania, a partir da Inglaterra. Porém, um dos argumentos centrais é demonstrar que a cidadania está em si mesma se tornando o elemento criador da desigualdade social.

- (10) Para ABRANCHES, S. (1985:9) existiriam duas tradições políticas clássicas distintas na questão da cidadania: "Uma baseada na cidadania coletiva, que não fornecia garantias explícitas à liberdade privada. Sua expressão foi a Polis grega, especialmente no pensamento e na prática pré-aristotélica. A outra, baseada na liberdade privada como direito universal, sem nenhuma garantia à liberdade política ou à soberania coletiva representada pela Civitas romana".
- (11) Para uma análise pormenorizada e crítica à lei de estrangeiro nº 6815, de 19 de agosto de 1980, consultar: BICUDO, Hélio (1982), Folheto nº 212 (8/02/81) e CANDOTTI, E. (1982).
- (12) As profissões regulamentadas são as seguintes: Químico (petróleo); Físico (eletrônica); Físico nuclear; Engenheiro: eletricitista, eletrônico, de telecomunicações, mecânico (manutenção, máquinas e ferramentas, motores- exceto de embarcações, motores de embarcações) naval, aeronáutico, mecânico (energia nuclear), químico, químico (petróleo), metalúrgico (produção de metais), metalúrgico (tratamento de metais), de minas (petróleo), de controle de qualidade; Técnico de agrimensura; técnico eletrônico; técnico mecânico (motores); técnico mecânico (máquina); desenhista técnico: mecânica, eletricidade e eletrônica, construção naval, construção aeronaves); médico veterinário; enfermeiro; analista de sistemas; professores; professores de ensino especial; diretores de empresa; gerentes de empresa; cozinheiro chefe; maitre; sondadores de poços de petróleo e gás e trabalhadores assemelhados; ajustador mecânico; montador de máquinas; ajustador de instrumentos de precisão; Montador de equipamentos eletrônicos, montador de equipamentos eletrônicos ( aparelhos médicos); soldadores e oxicortadores; lapidador ( jóias); técnico metalúrgico (produção de metais); técnico metalúrgico (tratamento de metais); especialista em métodos de ensino. Para cada uma destas profissões se exige experiência anterior, variando entre 1,3 ou 5 anos de experiência, assim como também algumas restrições.
- (13) Está em discussão a idéia de "Europa dos cidadãos" e se realizou um projeto que facilitaria a participação política dos imigrantes membros da Comunidade Européia, podendo votar e ser escolhidos a nível municipal. Porém na Dinamarca e Holanda podem votar e ser escolhidos a nível municipal quaisquer estrangeiros. (Ver Carta de Espanha nº 388, 31-oct-88, pág. 28)

## ANEXO

- 3.1.2. A legislação imigratória. Uma cronologia da situação jurídica do estrangeiro no Brasil.

B. A legislação imigratória. Uma cronologia da situação jurídica do estrangeiro no Brasil.

- 1808 Lei de 25 de novembro de 1808 que permite a concessão de terras aos estrangeiros. Com esse ato se inicia a imigração espontânea, uma vez que é possível ao estrangeiro tornar-se proprietário de terras.  
(DIEGUES JÚNIOR, Manuel. 1976:121)
- 1845 A fim de atrair a imigração, houve uma lei de proteção ao colono. (CARVALHO, Péricles de Mello. 1940:722)
- 1884 Para evitar a instabilidade do trabalhador, a lei nº 28, de 29 de março de 1884, permitia somente a entrada de imigrantes constituídos exclusivamente em famílias e que fossem agricultores.  
(LEITE MERTZIG, Lia R. 1977:39)
- 1889 Tendo em vista reforçar a atração e fixação do imigrante, a República decretou a "grande naturalização", ou seja, a naturalização tácita, por efeito de lei, independentemente de requerimento do naturalizado. (BEIGUELMAN, P. 1968:146)  
Nota de rodapé nº 60  
O decreto nº 58-A, de 14 de dezembro de 1889, é redigido nos seguintes termos:  
"O Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação, considerando que o inolvidável acontecimento do dia 15 de novembro de 1889, assinalando o glorioso advento da República Brasileira, firmou os princípios de igualdade e fraternidade que prendem os povos educados no regime da liberdade e aumentam a soma de esforços necessários às conquistas do progresso e civilização da humanidade, resolve decretar:  
Artigo 1º — São considerados cidadãos brasileiros todos os estrangeiros que já residiam no Brasil no dia 15 de novembro de 1889, salvo declaração em contrário feita perante a respectiva municipalidade, no prazo de seis meses da publicação deste decreto.  
Artigo 2º — Todos os estrangeiros que tiverem residência no país durante dois anos, desde a data do presente decreto, serão considerados brasileiros, salvo os que se excluam desse direito mediante a declaração de que trata o artigo 1º.  
Artigo 3º — Os estrangeiros naturalizados



por este decreto gozarão de todos os direitos civis e políticos dos cidadãos natos, podendo desempenhar todos os cargos públicos, exceto o de Chefe de Estado. (Op. Cit.)

1890 Decreto nº 163, de 16/01/1890, amparando o colono nacional.

Decreto nº 528, de 28/06/1890, traçando um programa imigratório de longo alcance

Decreto nº 1187, de 20/12/1890, estabelece que as concessões para a fundação de núcleos e os novos contratos para imigração só poderiam ser feitos com autorização do Congresso.

(CARVALHO, P. M., 1940:723)

1893 Lei nº 194, de 28/08/1893, artigo 19 : "Fica o governo autorizado a contatar mediante concorrência pública a introdução de 50.000 imigrantes constituídos em família e exclusivamente destinados ao serviço de lavoura, podendo, para esse fim, fazer as necessárias operações de crédito." In: (Leite M., Lia R., 1977:39)

Decreto nº 1.566 regula a entrada de estrangeiros e trata também da expulsão dos mesmos durante o estado de sítio (PINHEIRO, S. 1981:45)

1894 Lei nº 272, de 18/12/1894, regulamenta o serviço dos núcleos coloniais e, embora concedesse direitos de aquisição de terra a elementos nacionais, vê-se pelos seus artigos que o real objetivo era de conceder tais terras a estrangeiros. (LEITE M., Lia R., 1977:71)

1899 Lei 673, de 9/09/1899, regulava o serviço de imigrantes no Estado, dando-lhes proteção total, como se vê pelo seu artigo nº 4: "Todo imigrante introduzido com subvenção do Estado terá direito:

- 1) ao desembarque e alojamento nas hospedarias à custa do Estado;
- 2) Sustento e alojamento nas hospedarias durante os primeiros dias após a sua chegada;
- 3) Colocação por intermédio da agência oficial se assim o quiser;
- 4) Transporte das hospedarias até a estação mais próxima da situação agrícola a que se destinou.

(LEITE M., Lia R., 1977:62)

1902

Cessa por completo o financiamento da imigração pelo governo.

(CARVALHO, P.M. 1940:724)

1905

Lei 1617, de 30/12/1905, determina o povoamento do solo mediante convênios com os Estados.

(Idem, ibidem)

1907

Em 5 de janeiro é promulgada a nova Lei Adolfo Gordo, que formulava no seu artigo 1.º: "O estrangeiro que, por qualquer motivo, comprometer a segurança nacional ou a tranqüilidade pública pode ser expulso de parte ou de todo o território nacional" (PINHEIRO, S. 1981:45).

Uma das primeiras leis destinadas a justificar a expulsão de estrangeiros (dirigida especialmente aos anarquistas).

A discussão desta lei no Parlamento foi realizada no final do ano de 1906 e aprovada em 07-01-1907

A seguir reproduzimos 11 artigos:

Parágrafo único: — A entrada não pode ser vedada ao estrangeiro nas condições do art. 3.º, se tiver se retirado da República temporariamente.

Art. 5.º — A expulsão será individual e em forma de decreto, que será expedido pelo Ministro da Justiça e Negócios Estrangeiros.

Art. 6.º — O Poder Executivo anualmente conta ao Congresso, a execução da presente lei, remetendo-lhe os nomes de cada um dos expulsos igualmente os casos em que deixou de atender à requisição das autoridades estaduais e os motivos da recusa.

Art. 7.º — O Poder Executivo fará notificar em nota oficial ao estrangeiro que resolver expulsar, os motivos da deliberação, concedendo-lhe o prazo de três a trinta dias para se retirar, e podendo, como medida de segurança pública, ordenar a sua detenção até o momento de partida.

Art. 8.º — Dentro do prazo que for concedido, pode o estrangeiro recorrer para o próprio que ordenou a expulsão, se ela se fundou na disposição do art. 1.º ou para o Poder Judiciário Federal, quando proceder do disposto do art. 2.º. Somente neste caso o recurso terá efeito suspensivo.

Parágrafo único — O recurso do Poder Judiciário Federal consistirá na justificação da falsidade do motivo alegado, feita perante o Juiz Seccional, com a audiência do Ministério Público.

Art. 9.º — O estrangeiro que regressar do território de onde tiver sido expulso, será punido com a pena de um a três anos de prisão, em processo preparado e julgado pelo Juiz Seccional, e depois de cumprida a pena, novamente expulso.

Art. 10 — O Poder Executivo pode revogar a expulsão, se cessarem as causas que a determinaram.

Art. 11 — Revogam-se as disposições em contrário."

"Art. 1.º — O estrangeiro que, por qualquer motivo, comprometer a segurança nacional ou a tranqüilidade pública, pode ser expulso de parte ou de todo o território nacional.

Art. 2.º — São também causas bastantes para expulsão: 1.º) A condenação ou processo pelos tribunais estrangeiros, por crimes ou delitos de natureza comum; — 2.º) — Duas condenações pelo mesmo, pelos tribunais brasileiros, por crimes ou delitos de natureza comum; — 3.º) A vagabundagem, a mendicância e o lenocínio, competentemente verificados.

Art. 3.º — Não pode ser expulso o estrangeiro que residir no território da República por dois anos contínuos, ou por menos tempo quando:

- a) Casado com brasileira;
- b) Viúvo, com filho brasileiro;

Art. 4.º — O Poder Executivo pode impedir a entrada no território da República a todo o estrangeiro cujos antecedentes autorizem incluí-los entre aqueles a que se referem os arts. 1.º e 2.º.

FONTE: RODRIGUES, Edgar (1984: 84-85)

1913 O Congresso alarga a legislação de expulsão aprovando a eliminação da proteção aos estrangeiros tendo mais de dois anos de residência contínua no Brasil ou com mulher e filhos brasileiros. (PINHEIRO, S. 1981:45).

1920 e 1921 O governo brasileiro por meio de três decretos impões várias limitações à ação dos estrangeiros que atingem, principalmente, os portugueses. Um desses decretos restringe a entrada de estrangeiros no Brasil, o outro nacionaliza o comércio e os bancos e o outro nacionaliza a pesca. (BEOZZO DE LIMA, M. H. 1973:40)

1921 Decreto nº 4247 regulando a entrada de imigrantes no território nacional e estabelecendo as condições de sua aceitação. (CARVALHO, P. M. 1940:725)

Projeto de lei nº 209 que proibia "a imigração de indivíduos humanos das raças de cor preta", de Andrade Bezerra e Cincinato Braga. (SKIDMORE, T. 1976:212)

1924 Decreto 16761, de 31/12/1924, regula o decreto 4247 de 1921 e estabelece o registro das companhias de navegação no Departamento de Povoa-mento. Note-se que estes dois decretos estabeleceram o conceito de "imigrante" baseado nas condições de viagem em 3ª classe. A palavra "imigrante", por isso, é tida como pejorativa, a ponto de ter sido eliminada da legislação por uns tempos. (CARVALHO, P. M. 1940:725)

- 1930 Medidas restritivas à imigração, aos estrangeiros e naturalizados. (DIEGUEZ JÚNIOR, M.1976:123) e (BEDZZO DE LIMA, M. H.1973:41)
- 1932 Proibição da entrada de imigrantes. (DIEGUEZ JÚNIOR, M.1976:123)
- 1934 Artigo 121, seção 6, adotava o princípio de cotas nacionais. O artigo rezava: "A entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia de integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo exceder, anualmente, o limite de 2% sobre o nº total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos". (SKIDMORE, T.1976:217)  
Como a imigração japonesa começou apenas na primeira década do século XX, era ela a visada com a restrição. (SCHORER P., M. T.1982:44)
- 1937 As cotas para imigrantes foram reproduzidas na carta constitucional autoritária de 1937. (SKIDMORE, T.1976:219)
- 1945 Em setembro de 1945, isto é, um mês antes de ser deposto pelos militares, Vargas assina o decreto-lei (7967, 18/9/1945) estipulando que os imigrantes seriam admitidos de conformidade com "a necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes de sua ascendência européia". (Op. Cit., pág.219)  
Como se vê continua uma ressalva subjetiva e com toques racistas. (FOLHETIM- A lei dos estrangeiros, 8/02/1981, André Gustavo Stumpf)
- 1946 Os autores da Constituição de 1946 evitaram entrar em detalhes sobre a imigração no Artigo 162, especificamente, levando a matéria para ser regulada por lei ordinária (SKIDMORE, T. 1976:219)

- 1949 Lei que facilita a naturalização dos não-brasileiros, simplificando as formalidades.  
(BASTIDE, Roger. 1978:196)
- 1969 Com a decretação do AI-5 a Junta Militar endureceu definitivamente a legislação sobre estrangeiros. Neste Estatuto muita ênfase é dada à expulsão de estrangeiros que atentassem contra a Segurança Nacional ou fossem "nocivos aos interesses nacionais".  
(FOLHETIM, Op. Cit.)
- 1980 Baseado no estatuto da Junta Militar, porém com um acréscimo de severidade no tratamento daquele que procura uma nova pátria no Brasil.  
(Idem, ibdem)
- 1981 Novo Estatuto do Estrangeiro. Lei nº 6815, de 19/8/1980, define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração e dá outras providências. A Lei nº 6964, de 9/12/1981, altera disposições da Lei nº 6815.  
(editora Atlas S/A, SP)
- 1988 (5 de outubro) É promulgada a nova Constituição brasileira, sendo instituídas diversas regulamentações para os estrangeiros.
- 1990 É criada a legislação do Regime Jurídico Único (RJU), Lei nº 8112 para os servidores públicos, em que especificamente no caso dos professores universitários estrangeiros se proíbe a contratação por um período superior a 4 anos. Não acataram esta lei a USP e a UFMG, onde, através de concurso público, estes professores podem ser contratados.

## A N E X O

3.1.3. Alguns dados estatísticos do fluxo emigratório de  
latino-americanos para o Brasil: 1960-1985.

---

Alguns dados estatísticos do fluxo imigratório ao Brasil :  
1960-1985.

O período de 1960 a 1985 corresponde aproximadamente a duas décadas. Este período será utilizado num primeiro momento para compará-las entre si. Nos interessa perceber o fluxo imigratório de estrangeiros latino-americanos para o Brasil.

A nossa hipótese inicial (bastante óbvia) é que na década de 70, época de golpes militares, aumenta consideravelmente o fluxo imigratório de latino-americanos, situação que é perfeitamente perceptível nas tabelas sem necessidade de maiores observações.

Também podemos notar oscilações nos dados ao relacioná-los com os momentos político-econômicos existentes no Brasil. Na época de maior repressão a vinda de estrangeiros diminui, e na época da anistia aumenta.

Para realizar este anexo, recoletamos os dados e elaboramos as tabelas, revisando todos os Anuários Estatísticos do Brasil de 1960 a 1985. Realizamos um recorte bem específico, só trabalhamos os dados do IBGE referentes aos latino-americanos; assim deixamos de fora os estrangeiros de outras nacionalidades.

ABREVIATURAS:

AEB: Anuário Estatístico do Brasil.

B-SER: Brasil - Séries Estatísticas Retrospectivas.

SEE: Sinopse Estatística do Brasil.

Porém, contamos com outros dados que se referem aos estrangeiros do Cone Sul em 1980. São dados elucidativos porque, por um lado, nos mostra que esses estrangeiros são adultos, no caso dos argentinos, chilenos e uruguaios a idade média oscila entre 30-44 anos. Outro dado é que a maioria tem mais de 10 anos de estudos, no caso dos argentinos a média é de 45,5%, no caso chileno 65,9% e no caso uruguaio é 32%, sendo a maioria deles assalariada. A seguir a Tabela.

BRASIL: ALGUNAS CARACTERÍSTICAS DE LA POBLACION NACIDA EN EL EXTERIOR 1980.

Características	País de nacimiento						
	Argentina	Uruguay	Chile	Paraguay	Bolivia	Portugal	Japón
Total poblaciones	26633	21238	17830	17560	12980	392661	139480
Edad promedio	40,8	38,9	27,1	35,2	34,2	51,1	53,6
Grupo modal de edades	30-44	30-44	30-44	30-44	30-44	45-64	45-64
Relación de masculinidad	101,4	107,6	121,8	99,8	123,9	123,2	118,4
Porcentaje con más de 10 años de estudios (*)	45,5	32,0	65,9	19,4	43,3	14,1	20,9
Porcentaje de actividad (**)	48,7	54,2	54,9	56,3	60,0	49,3	52,8
Porcentaje de asalariados (***)	58,2	61,6	77,4	63,0	62,8	42,4	33,3
Porcentaje de profesionales y técnicos (***)	24,9	15,1	27,3	9,3	24,8	6,2	
Porcentaje de obreros y artesanos (***)	10,7	18,2	26,1	20,5	19,2	12,0	11,2
Porcentaje de trabajadores agrícolas (***)	3,4	8,8	0,5	21,3	6,5	2,0	18,1
Porcentaje de trabajadores en servicios personales	11,8	9,9	5,0	14,1	10,8	7,1	4,9

(\*) Sobre la población de 10 años y más.

(\*\*) Sobre la población de 10 años y más.

(\*\*\*) Sobre el total de la población económicamente activa.

Fuente: CELADE-IMILA.

FONTE: PELLEGRINO, Adela (s/d:66).



### Análise dos dados do Anexo

Ao realizar a análise dos dados, nos defrontamos com heterogeneidade e diversidade muito acentuadas. E os critérios adotados pelo IBGE mudam de ano a ano, o que inviabiliza exame mais profundo e contínuo. Por exemplo: temos dados diferenciados e incompletos (há anos em que não encontramos dados nos Anuários Estatísticos revisados) quando analisamos o Quadro I (Turistas estrangeiros entrados no Brasil, segundo a nacionalidade) e o Quadro II (Turistas estrangeiros entrados no Brasil, segundo o país de procedência). Esse problema continua ao investigarmos as tabelas de imigrantes, imigrantes temporários ou permanentes. É muito diferente trabalhar os dados segundo o critério nacionalidade ou país de procedência. Um imigrante pode ter uma nacionalidade específica e vir de um outro país, que não é o de sua nacionalidade. Esta situação deixa qualquer análise ambígua e fragmentada.

Também os dados dos A.E. do IBGE não possuem estimativas sobre o número de estrangeiros ilegais em caráter de turistas no país.

Considerando estas observações preliminares, analisaremos os dados levando em conta essas restrições.

A partir do Quadro nº XI, podemos perceber claramente que o nº de estrangeiros turistas entrados no Brasil sobe consideravelmente na década de 70, especificamente nos anos de 73 e 74, e a porcentagem maior é a de turistas da América do Sul, 34%. Esta porcentagem corresponde ao maior índice, se compararmos com os outros continentes; o maior número se relaciona a turistas latino-americanos procedentes da Argentina (48%), e do Uruguai (28%).

Em relação aos imigrantes temporários (segundo o país de nacionalidade), o maior número se distribui entre argentinos — 1975 e 1973 — e uruguaios — 1975 e 1974 (ver quadro V).

Se compararmos com os imigrantes permanentes (segundo o país de nacionalidade ou naturalidade), podemos perceber que o maior contingente se dá nos anos 73, 74 e 75. Sendo os argentinos, chilenos e uruguaios os que se destacam numericamente, tanto na década de 70, como na de 60.

Se cotejarmos os imigrantes temporários e os permanentes a partir de outros critérios como sexo, idade, estado civil, instrução e profissão, podemos ter o seguinte panorama (ver quadro nº VI e nº VIII):

#### Entre os argentinos <sup>1</sup>

São imigrantes em maior número os homens, especialmente no ano de 1975. A idade que predomina em ambos os tipos de imigrantes, permanentes e temporários, está na faixa de 18 a 59 anos. Ainda no ano de 1975, sobressaem os casados. Em relação à profissão, nos imigrantes temporários, prevalecem os sem profissão (menores e aposentados), seguidos da profissão atividade doméstica (1975). Nos imigrantes temporários preponderam as profissões de nível universitário, sendo o maior número nos anos 73 e 72. A maioria dos imigrantes sabe ler.

#### Em relação aos chilenos <sup>2</sup>

São imigrantes (temp. e perm.) em maior monta os homens, sendo o ano de 1975 o de maior fluxo; a idade corresponde à faixa etária entre 18 a 59 anos. Predominam os casados no caso de imigrantes perm. e os solteiros entre os imigrantes temp. Em relação à profissão, em ambos os grupos de imigrantes destacam-se os chamados sem profissão (menores e aposentados), seguidos das atividades domésticas, engenheiros e estudantes; a maioria dos imigrantes sabe ler.

### Acerca dos uruquaios 3

Nos imigrantes perm. destacam-se os homens, a faixa etária mais numerosa está entre 18 e 59 anos, e a maioria é casada. A nível profissional predominam as atividades domésticas e sem profissão (menores e aposentados). A maioria deles sabe ler.

### Concluindo

Podemos afirmar através destes dados parciais que o período de maior imigração se deu nos anos 73, 74 e 75, sobressaindo os argentinos em primeiro lugar.

Outras semelhanças se referem ao fato de que são os homens os mais numerosos. A idade dos imigrantes oscila, em sua grande parte, entre os 18 e 59 anos, além de ser casados na maioria. Predominam os que sabem ler e a "profissão" mais presente é a de sem profissão (menores e aposentados) e atividades domésticas, seguidos de engenheiros e estudantes.

NOTAS

- 
1. Em ambas as tabelas não encontramos os dados do ano de 1974 no Anuário Estatístico.
  2. A comparação é bastante limitada, pois no Quadro VI faltam os anos de 1970 e 1974. Também esses dados não foram encontrados nos A. Estatísticos.
  3. Não temos condições de fazer nenhuma comparação, pois no Quadro VI eles (os uruguaios) não constam nos Anuários do IBGE.

QUADRO I - TURISTAS ESTRANGEIROS ENTRADOS NO BRASIL, SEGUNDO AS NACIONALIDADES

NACIONALIDADE	TURISTAS													
	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970						
AMÉRICA DO SUL														
ARGENTINOS	3154	3603	2540	2560	2419	2709	3823	4465						
BOLIVIANOS	1689	1349	872	2013	1917	1224	1042	849						
CHILENOS	3133	4278	3244	5251	5569	4635	5840	7602						
COLOMBIANOS	649													
EQUATORIANOS	380													
GUIANOS														
GUIANOS FRANCESES														
PARAGUAIOS	5555	1806	1626	2409	2056	1581	4478	6595						
PERUANOS	1941	3440	2938	4904	3936	2415	2179	2588						
SURINAMESES														
URUGUAIOS	1913	7088	6372	9974	10653	11229	20100	36006						
VENEZUELANOS	1003			1561	2065	2099	2191	2408						
NÃO especificada		3350	2281	1742	1578	1332	1500	1560						
TOTAL	65.026	57.349	46.739	53.462	51.968	61.611	75.563	102.267						

FONTE - AEB 1964, 65, 68, 69, 70 e 71

QUADRO II - TURISTAS ESTRANGEIROS ENTRADOS NO BRASIL, SEGUNDO O PAÍS DE PROCEDÊNCIA

NACIONALIDADE	TURISTAS															
	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975
AMÉRICA DO SUL																
ARGENTINA	20715	22428	28405	31544	36038	27406	25608	24194	27076	32929	44058	54128	56161	57818	78138	78019
BOLÍVIA	664	984	1395	1685	1345	872	2013	1917	1224	886	845	2772	3532	3604	5792	6902
CHILE	3879	4077	2574	3133	4278	3244	5251	5569	4635	5798	7602	6364	6281	7749	10900	13431
COLÔMBIA																
ECUADOR																
GUIANA																
GUIANA FRANCESA																
PARAGUAI	2445	3252	4763	5555	1806	1626	2403	2056	1581	4135	6596	6589	7813	8073	9077	8577
PERU			1311	1941	3440	2938	4904	3936	2415	2384	2588	3584	3831	4480	5114	5982
SURINAME																
URUGUAI	7087	13647	22006	19132	7088	6372	9974	10653	11229	18086	36006	37463	33326	42053	45705	46637
VENEZUELA										2541	2408	3320	5015	5124	5678	7470
NÃO ESPECIFICADA										562	497	771	968	1388	1466	1969
TOTAL	34890	44388	60944	62974	53999	44458	50159	48325	48180	68331	102267	116661	118791	133159	164370	172113

FONTES - B-SER 1970 e AEB 1972, 75 e 76

## QUADRO III - IMIGRANTES ENTRADOS NO BRASIL, SEGUNDO O PAIS DE NACIONALIDADE

NACIONALIDADE	IMIGRANTES							%
	1960	1964	1965	1966	1967	1968	1969	
AMÉRICA DO SUL								
ARGENTINOS	295	203	138	132	102	232	97	
BOLIVIANOS	404	36	41	78	47	49	45	
CHILENOS		49	47	27	21	43	32	
COLOMBIANOS								
ECUATORIANOS								
GUIANOS								
GUIANOS FRANCÊSES								
PARAGUAIOS		72	57	60	67	54	29	
PERUANOS		12	19	34	12	17	26	
SURINAMESES								
URUGUAIOS	418	171	192	125	108	165	283	
VENEZUELANOS		29	21	60	28	37	31	
<b>TOTAL</b>	<b>517</b>	<b>572</b>	<b>515</b>	<b>516</b>	<b>462</b>	<b>597</b>	<b>543</b>	

FONTE - FEB 1961, 69 e 70

QUADRO IV - IMIGRANTES ENTRADOS NO PAIS, POR NACIONALIDADES, SEGUNDO VARIOS ASPECTOS,

ESPECIFICACAO	ANO 1960		ANO 1969		Países de Nacionalidade		TOTAL
	ARGENTINA	BOLIVIA	ARGENTINA	BOLIVIA	PARAGUAI	URUGUAI	
<b>TOTAL</b>	295	104	97	45	29	283	
Segundo o Sexo							
Masculino	152	55	61	32	13	198	
Feminino	143	49	36	13	16	85	
Segundo a idade							
De 0 a 6 anos	55	14	44	3	2	118	
De 7 a 11 anos	24	9	17	2	1	43	
De 12 a 17 anos	21	7	15	4	2	39	
De 18 a 59 anos	193	77	66	40	25	233	
De 60 anos e mais	2	-	6	-	1	7	
Segundo a profissao							
Agricultura	1	-	-	-	1	1	
Qualificadores	1	-	23	6	3	33	
Eh. h. qualifica	1	-	4	3	2	10	
Aprendizes de mestres	165	67	113	1	2	283	
Comerciantes	148	-	113	-	2	263	
Empregados	45	-	9	13	14	39	
Estadantes	42	19	15	14	5	85	
Escravidos	20	13	15	11	10	59	
Escravidos qualificados	232	82	86	44	26	370	
Escravidos qualificados	63	22	41	14	3	103	
Escravidos qualificados	138	60	45	30	23	296	
Escravidos qualificados	152	22	41	14	3	232	
Escravidos qualificados	23	-	2	-	-	25	
Escravidos qualificados	40	41	62	24	20	187	
Escravidos qualificados	132	32	33	21	9	227	
Escravidos qualificados	123	22	33	21	9	208	
<b>TOTAL</b>	295	104	97	45	29	283	



QUADRO V - IMIGRANTES ENTRADOS NO BRASIL, EM CARATER TEMPORÁRIO, SEGUNDO O PAÍS DE NACIONALIDADE

NACIONALIDADE	IMIGRANTES TEMPORÁRIOS					
	1970	1971	1972	1973	1974	1975
AMÉRICA DO SUL						
ARGENTINA	176	252	259	380	284	475
BOLÍVIA			71	13	1	
CHILE			17	80	102	81
COLÔMBIA						
ECUADOR						
GUIANA						
GUIANA FRANCESA						
PARAGUAI			8	35	129	232
PERU			10	3		
SURINAME						
URUGUAI			18	13	11	
VENEZUELA						
TOTAL	176	252	383	524	507	708
FONTE - AEB 1971 e 715, SEB 1979						

QUADRO VI - IMIGRANTES ENTRADOS NO BRASIL, EM CARÁTER TEMPORÁRIO, POR PAÍS DE NACIONALIDADE E SEGUNDO VÁRIOS ASPECTOS

ESPECIFICAR	País de Nacionalidade				País de Nacionalidade							
	1970	1971	1972	1973	1973	1973	1975	1975				
	ARGENTINA				CHILE				PARAGUAI			
TOTAL	176	252	259	380	475	80	81	232				
Segundo o sexo												
Masculino	109	207	204	205	302	46	51	177				
Feminino	67	48	55	95	173	34	30	55				
Segundo a idade												
De 0 a 6 anos	25	26	20	36	44	11	20	1				
De 7 a 11 anos	19	24	24	16	24	17	4	5				
De 12 a 17 anos	11	2	3	33	18	46	50	226				
De 18 a 25 anos	13	21	21	33	38	16	7					
De 26 anos e mais	1	1	1	1	5							
Segundo a profissão												
Agricultores												
Artesãos												
Administrativos												
Comerciantes												
Especialistas												
Escriturários												
Eventuários												
Comerciantes qualificados												
Operários não qualificados												
Profissionais de nível universitário												
Empregados domésticos												
Estatuários												
Técnicos												
Técnicos de laboratório												
Sem profissão (mancos e opressados)												
Segundo a constituição												
Solteiro	135	217	233	330	413	63	18	6				
Casado	41	35	26	50	176	17	13	84				
Não sabe casar												
Segundo o estado civil												
Casados	97	128	139	183	247	34	35	20				
Solteiros	78	122	118	185	224	46	45	212				
Viúvos												
Não declarado	1				4							
Segundo a organização familiar												
Chefe												
Esposo												
Dependentes maiores												
Dependentes menores												
Não sabe												
TOTAL	176	252	259	380	475	80	81	232				

FONTE - AEB 1971 a 1974 e 76 a 78

QUADRO VII - IMIGRANTES ENTRADOS NO BRASIL, EM CARÁTER PERMANENTE, SEGUNDO O PAÍS DE NACIONALIDADE OU NATURALIDADE

NACIONALIDADE	IMIGRANTES PERMANENTES									
	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975
AMÉRICA DO SUL										
ARGENTINA	132	182	232	97	270	276	370	628	725	1095
BOLÍVIA	78	44	49	45	103	94	143	46	115	78
CHILE	27	21	43	32	71	224	305	860	700	1203
COLÔMBIA										
ECUADOR										
GUIANA										
GUIANA FRANCESA										
PARAGUAI	60	67	54	29	77	65	83	48	19	54
PERU	34	12	17	26	21	19	32	17	—	39
SURINAMÊ										
URUGUAI	125	108	165	283	202	110	203	165	274	469
VENEZUELA	60	28	37	31	25	13	19	9	—	25
NÃO ESPECIFICADA										
TOTAL	516	468	597	573	769	801	1168	1793	1883	2963

FONTES - AEB 1971 a 75, SEB 1979 e B-SER 1977

QUADRO VIII: IMIGRANTES ENTRADOS NO BRASIL, EM CARÁTER PERMANENTE, POR PAÍS DE NACIONALIDADE E SEGUNDO VÁRIOS ASPECTOS

ESPECIFICAÇÃO	IMIGRANTES PERMANENTES																			
	Países de Nacionalidade						Países de Nacionalidade													
	1970	1971	1972	1973	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	TOTAL								
<b>Segundo o gênero</b>	1438	155	204	242	613	499	46	70	27	420	449	423	774	32	32	423	62	42	42	314
Feminino	1382	141	186	208	482	474	46	70	27	409	424	423	774	32	32	423	62	42	42	314
Masculino	56	14	18	34	131	25	0	0	0	11	25	25	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Segundo o estado</b>	30	26	77	423	481	166	22	42	6	37	36	120	311	17	17	123	42	42	42	314
De 2 a 11 meses	27	20	74	307	443	100	13	40	2	34	34	118	291	16	16	112	42	42	42	314
De 12 a 31 meses	31	20	22	307	438	106	9	2	4	3	2	2	20	1	1	8	0	0	0	0
De 32 a 59 meses	181	158	312	411	712	663	0	100	0	420	424	423	774	0	0	423	42	42	42	314
De 60 meses ou mais	181	158	312	411	712	663	0	100	0	420	424	423	774	0	0	423	42	42	42	314
<b>Segundo a profissão</b>	15	70	90	140	211	122	16	33	5	60	71	195	243	23	23	123	42	42	42	314
Agricultores	15	70	90	140	211	122	16	33	5	60	71	195	243	23	23	123	42	42	42	314
Artesãos	21	119	34	100	122	22	16	11	1	21	22	138	161	17	17	123	42	42	42	314
Comerciantes	50	119	34	100	122	22	16	11	1	21	22	138	161	17	17	123	42	42	42	314
Estatutários	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Profissionais liberais	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Empregados em estabelecimentos comerciais e industriais	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Empregados em estabelecimentos de ensino	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Empregados em estabelecimentos de saúde	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Empregados em estabelecimentos de recreação e cultura	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Empregados em estabelecimentos de outros serviços	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Sem profissão (homens e mulheres)	35	101	101	185	150	150	38	22	10	10	122	302	237	237	237	237	237	237	237	237
<b>Segundo o nível de escolaridade</b>	1283	149	230	1154	2372	80	50	121	38	440	481	565	139	150	150	143	143	143	143	143
Sem instrução	1283	149	230	1154	2372	80	50	121	38	440	481	565	139	150	150	143	143	143	143	143
Analfabetos	1283	149	230	1154	2372	80	50	121	38	440	481	565	139	150	150	143	143	143	143	143
Letrados	155	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150
Superiores	155	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150
Médios	155	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150
Básicos	155	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150
Outros	155	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150	150
<b>TOTAL</b>	270	276	320	628	1095	103	97	143	46	224	305	360	1303	71	67	202	110	103	115	423
<b>FOURTE ANOS DE 1970 A 1973</b>	270	276	320	628	1095	103	97	143	46	224	305	360	1303	71	67	202	110	103	115	423

QUADRO IX - PERMANÊNCIAS DE ESTRANGEIROS CONCEDIDAS, SEGUNDO O PAÍS DE NACIONALIDADE OU NATURALIDADE

NACIONALIDADE	PERMANÊNCIAS CONCEDIDAS																				
	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	
AMÉRICA DO SUL																					
ARGENTINA	143	144	137	141	153	118	242	374	427	421	335	366	300	182	230	206	218	202	81	349	
BOLÍVIA	125	141	155	167	198	222	192	208	237	309	328	255	197	67	61	58	107	55	31	160	
CHILE	24	29	37	40	62	40	98	76	358	430	462	667	1035	416	228	216	344	163	83	291	
COLÔMBIA	19		10	17	24	23	33	42	68	51	45	30	47	17	21	19	22	10	15	32	
ECUADOR																					
GUINIA																					
GUINIA FRANCÊSA																					
PARAGUAI	55	53	48	50	72	82	87	98	163	173	246	244	66	22	19	16	50	87	66	168	
PERU	41	40	30	32	35	69	78	80	103	103	106	111	105	33	29	32	52	46	36	65	
SURINAME																					
URUGUAI	41	46	60	67	83	113	143	181	241	275	456	474	296	139	134	110	434	132	51	482	
VENEZUELA																					
TOTAL	448	423	477	514	647	667	873	1059	1597	2062	2046	4026	2616	876	722	657	1357	701	363	1317	

FONTES - 6-SEG 1970 a 1977, 5EG 1979 e 1981 e AEG 1982 a 1986

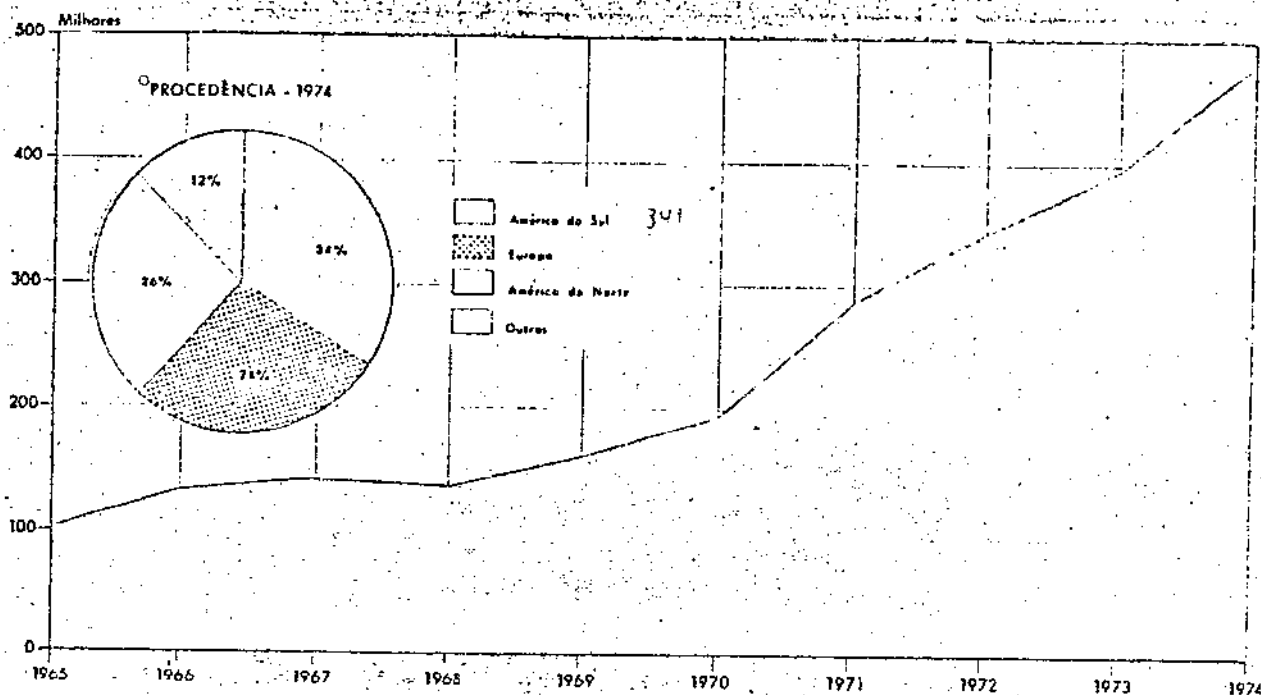
QUADRO X - NATURALIZAÇÕES CONCEDIDAS, SEGUNDO O PAIS DE NACIONALIDADE OU NATURALIDADE

NACIONALIDADE	NATURALIZAÇÕES CONCEDIDAS																									
	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	
AMÉRICA DO SUL																										
ARGENTINA	43	40	55	27	49	46	37	31	43	47	41	88	88	83	89	76	88	82	53	56	65	177	219	53		
BOLÍVIA																										
CHILE																										
COLÔMBIA																										
ECUADOR																										
GUINIA																										
GUINIA FRANCESA																										
PARAGUAI																										
PERU																										
SURINAM																										
URUGUAI	21																									
VENEZUELA																										
TOTAL	64	40	55	27	49	46	37	31	43	47	41	88	88	83	89	76	88	82	53	56	208	624	671	200		

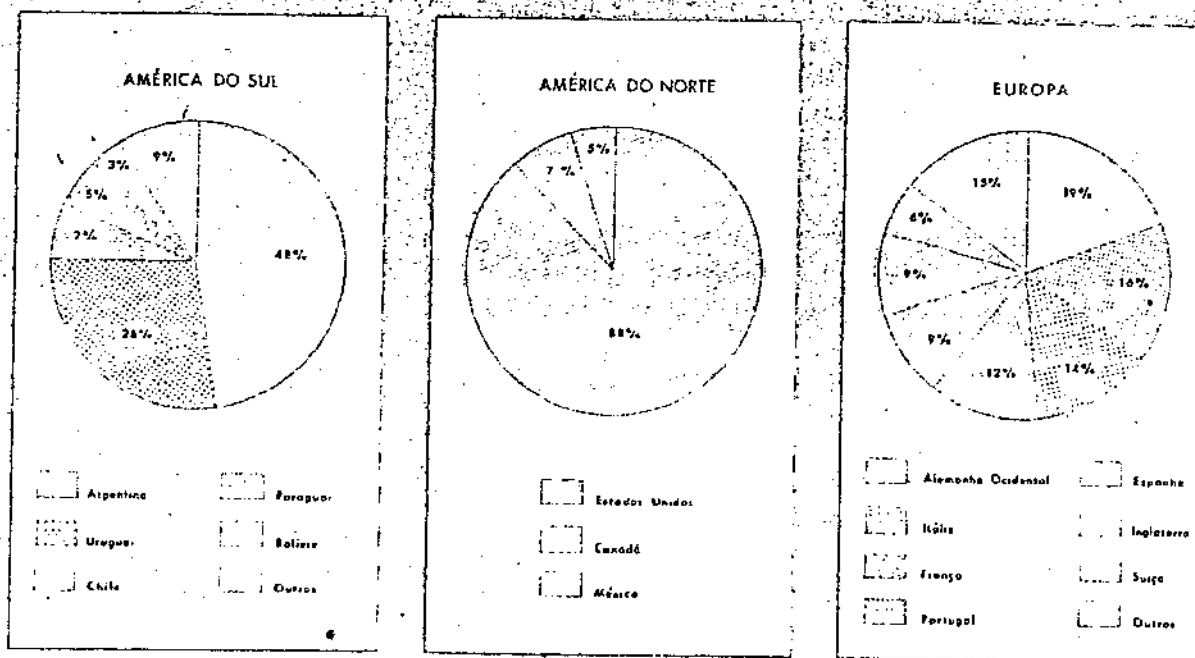
FONTES - AEB 1961 a 69 e 71 a 74 e 76 a 86, SEB 1979 a 81, B-SEN 1977

QUADRO XI

**TURISTAS ESTRANGEIROS ENTRADOS NO BRASIL**



PROCEDÊNCIA - 1974



Fonte: (Anuário Estatístico do Brasil - 1975:113)

## A N E X O

- 3.1.4. Alguns dados estatísticos do fluxo imigratório de estrangeiros para São Paulo. 1970 - 1980.



Em relação ao Estado de São Paulo, os estrangeiros do continente americano em 1970 correspondiam a 0,1299% e em 1980 a 0,0444% da população. Os argentinos eram 0,0449% em 1970 e em 1980 chegaram a um índice menor, 0,0444%, os chilenos de 0,0045% em 1970 sobem em 1980 para 0,0445%; os uruguaios de 0,0106% em 1970 chegaram em 1980 a 0,0151%. As 3 nacionalidades somadas em 1970 eram 0,0601% e em 1980 chegaram a 0,1041% do total da população deste Estado (Tabela V).

Os argentinos, chilenos e uruguaios em 1970 totalizavam 27.596 indivíduos, o que correspondia a 2,548% do total de estrangeiros no país. Já em 1980, esses três grupos somavam 56.524 indivíduos, o que representava 6,192% do total de estrangeiros no país (+ 143,01% em relação à década anterior) (Tabela VI).

Na Tabela VII percebemos que os argentinos, que ocupavam a posição de grupo mais numeroso entre os estrangeiros do continente americano em 1970 no Estado de SP, em 80 são ultrapassados pelos chilenos que tiveram um crescimento enorme neste período; eram apenas 817 e chegaram em 80 a 11.153 indivíduos em SP. Ou seja, em SP os argentinos representavam 1,2697% em 1970 e em 1980 chegaram a 2,1263% do total de estrangeiros neste Estado. Os chilenos respondiam por 0,1298% em 1970 e em 1980 pulam para 2,1326%. Os uruguaios em 1970 eram 0,2994% e em 1980 chegaram a 0,7227%. Somando-se as 3 nacionalidades, em 1970 temos 1,6991% e em 1980 há um crescimento significativo, da ordem de 4,9816% do total, da população estrangeira naquele Estado.

Assinalemos, para efeito de comparação, que, se em 1970 as três nacionalidades com as quais trabalhamos (argentina, chilena e uruguaia) representavam 35,629% do total dos estrangeiros do continente americano no Brasil, em 1980 elas seriam 52,869% deste total, ou seja, um crescimento de 48,443%. Num mesmo sentido, em 1970 os argentinos eram 18,767% do total dos estrangeiros do continente americano no Brasil e em 80 passaram para 20,71%; os chilenos eram apenas 2,281% em 70 e em 80 pularam para 16,025%; e os uruguaios, que em 70 alcançaram 14,58% daquele total, chegaram em 80 a 16,152%. As 3 nacionalidades juntas, que eram minoria em 1970 (35,629%), chegaram à maioria do grupo de estrangeiros do continente americano no país (52,869%) (Tabela VIII).

Na Tabela IX, percebemos que os argentinos representavam 34,578% do total de estrangeiros do continente americano no Estado de São Paulo em 1970, e em 1980 sua representação decaiu para 25,80%. Por outro lado, os chilenos, que eram apenas 3,536% em 1970, em 1980 chegaram a 25,87%, constituindo-se em maioria em São Paulo neste grupo. Os uruguaios em 1970 eram 8,15% e em 1980 chegaram a 6,79%. As 3 nacionalidades em 1970 somavam 46,27% e em 1980 tinham crescido para 60,44%, ou seja, a grande maioria neste segmento.

Observando as tabelas I, II, e III podemos perceber que embora o número total de estrangeiros no Brasil tenha decrescido 16,61% no período de 1970 (1.082.745 indivíduos) a 1980 (912.848 indivíduos), e esta queda se refere principalmente aos europeus (-21,87%) e asiáticos (-19,29%), o número dos estrangeiros do continente americano cresceu 37,98% (em 1970 eram 77.452 indivíduos e em 1980 106.872); mormente os chilenos, que tiveram no mesmo período o expressivo crescimento de 869,26% (em 1970 eram apenas 1767 indivíduos e em 1980 pulam para 17.127); os uruguaios apresentam um índice de + 52,86% (em 1970 eram 11.293 indivíduos e em 1980 crescem para 17.263); e os argentinos +52,27% (em 1970 eram 14.536 indivíduos e em 1980 chegam a 22.134). Notamos também que aqueles "sem declaração de país" também subiram consideravelmente (157,16%).

Em 1970, os estrangeiros em São Paulo eram 629.079 indivíduos (58,10% do total do país); e em 1980 têm sua representação decrescida para 523.444 indivíduos (57,34% do total do país) (Tabela III).

Em relação ao Estado de São Paulo, podemos observar que nele se concentravam, em 1970, 29,82% (23.101 indivíduos) do total de estrangeiros do continente americano no país; e, em 1980, há um incremento significativo, vindo a representar 40,36% (43.138 indivíduos) do total desses estrangeiros no Brasil (Tabela III).

No caso argentino, embora sua presença tenha crescido em relação ao Brasil na década de 80 da ordem de 52,27%, no Estado de São Paulo os argentinos representavam em 1970 54,95% (7988 indivíduos) e passaram a 50,28% (11.130 indivíduos) do total desses estrangeiros no país em 80 (Tabela III).

Os chilenos, por outro lado, que tinham em 1970 46,23% (817 indivíduos) de seu grupo concentrados no Estado de SP, passam para 65,17% (11.163 indivíduos) em 1980 neste Estado (Tabela III).

Os uruguaios, que em 1970 tinham 16,68% (1864 indivíduos) de seus compatriotas em SP, em 1980 subiram para 21,913% (3.783 indivíduos) neste Estado (Tabela III). Devemos esclarecer que a presença dos uruguaios é maior na região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul.

Na Tabela IV observamos que os estrangeiros do continente americano representavam 0,083% do total da população do Brasil <sup>em 1970,</sup> em 1980 chegam a 0,099%. Os argentinos em 1970 correspondiam a 0,0156% deste total e em 1980 eram 0,0185%. Os chilenos em 1970 eram apenas 0,0018% e em 80 chegam a 0,01439%. Os uruguaios eram 0,0296% em 70 e em 80 chegam a 0,0474% daquele total. Argentinos, uruguaios e chilenos juntos representavam 0,0296% em 1970 e em 1980 chegaram a 0,0474%.

Fica evidente, na Tabela X, que os estrangeiros, que em 1970 eram 1,1625% da população do país, em 1980 têm sua representação reduzida para 0,767%.

Em relação a São Paulo, o movimento é o mesmo. Os estrangeiros eram 3,5397% em 1970, e em 1980 sua participação neste Estado caía para 2,09% da população (Tabela XI).

Esses são os dados oficiais do IBGE. Restará a questão: Quantos seriam os estrangeiros, particularmente argentinos, chilenos e uruguaios, clandestinos ou em situação irregular nestas duas décadas no Brasil?

## 1- BRASILEIROS NATOS, NATURALIZADOS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS POR SEXO, SEGUNDO O PAÍS DE NASCIMENTO - 1970

PAÍS DE NASCIMENTO	BRASIL		BRASILEIROS NATOS E SEXO			NATURALIZADOS BRASILEIROS E SEXO						ESTRANGEIROS E SEXO						
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL		HOMENS		MULHERES		TOTAL		HOMENS		MULHERES	
	93.139.037	46.331.343	46.807.694	91.909.909	45.659.968	46.249.941	SP	BR	SP	BR	SP	BR	SP	BR	SP	BR	SP	BR
TOTAIS							74.447	146.383	45.348	91.401	29.099	54.982	829.079	1.082.745	328.410	579.974	300.669	502.771
AMÉRICA							2.221	8.560	1.249	4.081	972	3.699	23.101	77.452	11.544	39.613	11.557	37.839
ARGENTINA							1.244	2.677	713	1.470	531	1.207	7.900	14.535	3.752	6.740	4.236	2.796
CHILE							47	133	28	07	19	46	817	1.767	459	945	358	822
URUGUAI							173	2.289	99	1.252	74	1.037	1.884	11.293	933	5.514	954	5.779
EUROPA							50.363	113.036	34.503	69.635	23.060	43.401	461.732	803.232	239.624	400.391	222.168	372.841
ÁFRICA							1.230	1.977	729	1.149	501	820	3.594	5.109	1.790	2.569	1.804	2.520
ÁSIA							12.132	21.483	8.566	14.938	3.566	6.545	138.756	192.569	74.427	104.972	64.331	87.597
OCEÂNIA							40	92	20	51	20	41	265	477	133	230	132	239
SEM DECLARAÇÃO DE PAÍS							461	1.235	281	767	100	468	1.629	3.906	892	2.171	737	1.733
TOTAIS							74.447	146.383	45.348	91.401	29.099	54.982	829.079	1.082.745	328.410	579.974	300.669	502.771

## II - BRASILEIROS NATOS, NATURALIZADOS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS POR SEXO, SEGUNDO O PAÍS DE NASCIMENTO - 1980

PAÍS DE NASCIMENTO	BRASIL			BRASILEIROS NATOS E SEXO			NATURALIZADOS BRASILEIROS E SEXO						ESTRANGEIROS E SEAG					
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL		HOMENS		MULHERES		TOTAL		HOMENS		MULHERES	
							SP	BR	SP	BR	SP	BR	SP	BR	SP	BR	SP	BR
TOTAIS	119.011.052	59.142.833	59.868.219	117.900.142	58.542.847	59.357.295	104.312	190.062	60.387	118.738	43.295	79.324	523.444	912.048	269.228	461.248	254.216	431.600
AMÉRICA							5.147	19.006	2.929	10.576	2.218	6.430	43.130	106.872	22.404	55.575	20.734	51.297
ARGENTINA							2.033	4.499	1.060	2.371	973	2.128	13.130	22.134	5.597	11.837	5.533	11.097
CHILE							481	703	315	465	166	238	11.183	17.127	6.035	9.325	5.126	7.802
URUGUAI							403	1.975	281	2.170	202	1.805	3.783	17.263	2.001	6.037	1.762	6.426
EUROPA							68.975	131.007	38.660	77.738	30.315	53.268	353.563	627.523	181.163	331.848	172.400	295.675
ÁFRICA							2.610	4.065	1.493	2.396	1.117	1.669	6.269	12.430	3.141	6.316	3.128	6.116
ÁSIA							27.332	43.355	17.168	27.672	10.164	15.663	115.397	155.420	59.796	81.970	55.601	73.450
OCEÂNIA							63	104	27	52	36	52	276	658	115	275	161	283
SEM DECLARAÇÃO DE PAÍS							185	525	110	304	75	221	4.801	10.045	2.609	5.266	2.192	4.779
TOTAIS							104.312	190.062	60.387	118.738	43.295	79.324	523.444	912.048	269.228	461.248	254.216	431.600

III- ESTRANGEIROS POR SEXO, SEGUNDO O PAÍS DE NASCIMENTO, INCREMENTO PERCENTUAL  
NA DÉCADA DE 70 e 80 e SUA REPRESENTAÇÃO EM SÃO PAULO, 1970-1980

1970

1980

	BR	SP % EM RELAÇÃO AO PAÍS	BR % DE CRESCIMENTO EM RELAÇÃO À DÉCADA DE 70	SP % EM RELAÇÃO AO PAÍS
AMÉRICA	77.452	23.101 (29,026)	106.872 (+37,984)	43.138 (40,364)
ARGENTINA	14.536	7.988 (54,953)	22.134 (+52,270)	11.130 (50,284)
CHILE	1.767	817 (46,236)	17.127 (+869,269)	11.163 (65,177)
URUGUAI	11.293	1.884 (16,682)	17.263 (+ 52,864)	3.783 (21,913)
EUROPA	803.232	461.732 (57,484)	627.523 (- 21,875)	353.563 (56,342)
ÁFRICA	5.109	3.594 (70,346)	12.430 (+143,296)	6.269 (50,434)
ÁSIA	192.569	138.758 (72,056)	155.420 (- 19,291)	115.397 (74,248)
OCEÂNIA	477	265 (55,55 )	558 (+ 16,981)	276 (49,462)
SEM DECLARAÇÃO DE PAÍS	3.906	1.629 (41,705)	10.045 (+157,168)	4.801 (47,794)
TOTAIS DE ESTRANGEIROS	1.082.745	629.079 (58,100)	912.848 (- 18,611)	523.444 (57,341)

IV- A REPRESENTAÇÃO DE ARGENTINOS, CHILENOS E URUGUAIOS NO TOTAL  
DA POPULAÇÃO DO PAÍS, 1970-1980

	1970	%	1980	%
POPULAÇÃO DO BRASIL	93.139.037	100	119.011.052	100
AMÉRICA	77.452	0,0831573	106.872	0,0898
ARGENTINOS	14.536	0,0156067	22.134	0,01859827
CHILENOS	1.767	0,0018971	17.127	0,0143911
URUGUAIOS	11.293	0,0121248	17.263	0,01450537
TOTAL DAS 3 NACIONALIDADES	27.596	0,0296288	56.524	0,0474947

V- A REPRESENTAÇÃO DE ARGENTINOS, CHILENOS E URUGUAIOS NO TOTAL  
DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1970-1980

	1970	%	1980	%
POPULAÇÃO DO ESTADO DE SP	17.771.948	100	25.042.074	100
AMÉRICA	23.101	0,1299857	43.138	0,172262
ARGENTINOS	7.988	0,0449472	11.130	0,0444452
CHILENOS	817	0,0045971	11.163	0,0445769
URUGUAIOS	1.884	0,0106009	3.783	0,0151065
TOTAL DAS 3 NACIONALIDADES	10.689	0,0601453	26.076	0,1041287

VI- A REPRESENTAÇÃO DE ARGENTINOS, CHILENOS E URUGUAIOS EM RELAÇÃO  
AO TOTAL DE ESTRANGEIROS DO PAÍS, 1970-1980

	1970	%	1980	%
ESTRANGEIROS	1.082.745	100	912.848	100
ARGENTINOS	14.536	1,3425137	22.134	2,4247191
CHILENOS	1.767	0,1631963	17.127	1,8762159
URUGUAIOS	11.293	1,0429971	17.263	1,8911144
TOTAL DAS 3 NACIONALIDADES	27.596	2,5487072	56.524	6,1920494

VII-A REPRESENTAÇÃO DE ARGENTINOS, CHILENOS E URUGUAIOS EM RELAÇÃO AO TOTAL DE ESTRANGEIROS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1970-1980

SÃO PAULO	1970	%	1980	%
ESTRANGEIROS	629.079	100	523.444	100
ARGENTINOS	7.988	1,2697928	11.130	2,1263019
CHILENOS	817	0,1298724	11.163	2,1326063
URUGUAIOS	1.884	0,2994854	3.783	0,7227134
TOTAL DAS 3 NACIONALIDADES	10.689	1,6991506	26.076	4,9816217

VIII-A REPRESENTAÇÃO DE ARGENTINOS, CHILENOS E URUGUAIOS NO TOTAL DE ESTRANGEIROS DO CONTINENTE AMERICANO NO PAÍS, 1970-1980

BRASIL	1970	%	1980	%
AMÉRICA	77.452	100	106.872	100
ARGENTINOS	14.536	18,767752	22.134	20,710756
CHILENOS	1.767	2,281413	17.127	16,025713
URUGUAIOS	11.293	14,580643	17.263	16,152968
TOTAL DAS 3 NACIONALIDADES	27.596	35,629809	56.524	52,889437

IX- A REPRESENTAÇÃO DE ARGENTINOS, CHILENOS E URUGUAIOS NO TOTAL DE ESTRANGEIROS DO CONTINENTE AMERICANO NO ESTADO DE SÃO PAULO 1970-1980

SÃO PAULO	1970	%	1980	%
AMÉRICA	23.101	100	43.138	100
ARGENTINOS	7.988	34,578589	11.130	25,800917
CHILENOS	817	3,5366434	11.163	25,877416
URUGUAIOS	1.884	8,1554911	3.783	8,7695303
TOTAL DAS 3 NACIONALIDADES	10.689	46,2707240	26.076	60,447864



X- A REPRESENTAÇÃO DE BRASILEIROS NATOS, NATURALIZADOS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS NO TOTAL DA POPULAÇÃO DO PAÍS, 1970-1980

BRASIL	1970	%	1980	%
POPULAÇÃO DO PAÍS	93.139.037	100	119.011.052	100
BRASILEIROS NATOS	91.909.909	98,680329	117.900.142	99,066548
NATURALIZADOS BRASILEIROS	146.383	0,1571661	198.062	0,1664232
ESTRANGEIROS	1.082.745	1,16250039	912.848	0,7670279

XI- A REPRESENTAÇÃO DE BRASILEIROS NATOS, NATURALIZADOS BRASILEIROS E NO TOTAL DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1970-1980

SÃO PAULO	1970	%	1980	%
POPULAÇÃO DE SÃO PAULO	17.771.948	100	25.042.074	100
BRASILEIROS NATOS	17.068.422	96,041368	24.414.318	97,493194
NATURALIZADOS BRASILEIROS	74.447	0,4189017	104.312	0,4165469
ESTRANGEIROS	629.079	3,5397301	523.444	2,0902581

NOTAS

1. QUANDO ESCRREVEMOS "EM SÃO PAULO" ou "SP", nos REFERIMOS AO ESTADO DE SÃO PAULO.
2. EM "AMÉRICA" ESTÃO INCLUÍDOS: Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Estados Unidos, Guatemala, Guiana Francesa, Guiana Inglesa, Haiti, Honduras, Honduras Britânicas, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, El Salvador, Suriname, Uruguai, Venezuela e outros países.

FONTE S

- Censo Demográfico São Paulo  
VIII Recenseamento Geral-1970 Série Regional  
Volume I, Tomo XVIII, 1ª Parte
- Censo Demográfico São Paulo  
IX Recenseamento Geral do Brasil-1980 Série Regional  
Volume I, Tomo IV, nº 19
- Censo Demográfico Brasil  
VIII Recenseamento Geral-1970 Série Nacional  
Volume I
- Censo Demográfico Brasil  
IX Recenseamento Geral do Brasil-1980 Série Nacional  
Volume I, Tomo IV, nº I.

## II- ANEXOS

ABRANCHES, Sérgio H.

- 1985 Nem cidadãos, nem seres livres: o dilema político do indivíduo na ordem liberal-democrática.  
Dados vol. 28, nº 1. R.J., p.p. 5-25.

AGUIAR, Cesar A.

- 1982 Uruguay país de emigración. Montevideo, Banda Oriental. p.130

ALVIM, Zulcika M. F.

- 1985 Brava Gente!. Os Italianos em São Paulo. S.P. Brasiliense.  
p.189.

ANUÁRIOS ESTATÍSTICOS DO BRASIL - IBGE 1960 a 1986

SÉRIES ESTATÍSTICAS RETROSPECTIVAS DO BRASIL, vol. 1, 1986.

BALAN, Jorge.

- 1973 Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil: Ensaio de interpretação histórico-comparativa.  
Estudos Cebrap nº 5 S.P., p.p. 7-79

DASTIDE, Roger

- 1978 Terra de Contrastes. S.P., Difel. p.p. 184-209.

BEIGUELMAN, Paula

- 1968 A grande imigração em São Paulo (I e II). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros nº 3 e nº 4. S.P. p.p. 99-116 e 145-157

BEOZZO DE LIMA, Maria Helena

- 1973 A Missão Herdada: Um estudo sobre a Inserção do Imigrante Português. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da UFRJ. Rio de Janeiro.

BICUDO, Hélio

- 1982 Direitos Cívicos no Brasil existem? S.P., Edições Paulinas.

CANDOTTI, Lindo.

- 1982 A lei dos estrangeiros e os cientistas. Ciência e Cultura vol. 34, nº 2 p.p. 151-153.

CARIOLA, Patrícia &amp; ROSSETTI, Josefina

- 1984-1985 Inserción lateral para el retorno: el caso de los exilados chilenos. Santiago de Chile.  
CIDE: Centro de Investigación y desarrollo de la educación.  
p.92.

- CARNEIRO, Fernando  
1948 História da Imigração no Brasil - uma interpretação.  
Boletim Geográfico nº 69. R.J., p.p. 1009-1044.
- CARVALHO, Pericles de Mello  
1940 A legislação imigratória e sua evolução. Revista de Imigração e Colonização nº 4 R.J., p.p. 719-736.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
1988 Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal.
- CARTA DA ESPANHA  
1988 nº 388. 31 de Octubre. Madrid.
- DAVATZ, Thomas  
1980 Memórias de um colono no Brasil: 1859. S.P. Edusp.
- DIEGUES J., Manuel.  
1976 Etnias e Culturas no Brasil. R.J., Civilização Brasileira.
- DRIBON, Didier.  
1980. Michel Foucault. SP, Companhia das Letras. p. 351.
- EXILIO: Balance y secuelas  
1987 Revista Que Pasa nº 824, Santiago de Chile.
- FOLHETIM FOLHA DE SÃO PAULO.  
1981 (a) nº 212 Número especial sobre a lei de estrangeiros.  
S.P., 08 de Janeiro.  
(b) nº 219 A questão da cidadania. S.P., 29 de Março.
- IANNI, Octavio  
1972 Raças e classes sociais no Brasil. R.J., Civilização Brasileira.
- KAWAI, Takeo.  
1980 Italianos e sírio-libaneses: uma visão comparativa com os japoneses. In: SAITO, Hiroshi. A presença japonesa no Brasil. S.P., T.A. Queiroz. p.p. 153-182.
- LABRA, María Eliana  
1990 Chile 1989. O arco-íris da transição à democracia.  
Série Estudos nº 78, IUPLRJ, p. 57.
- LATTES, Alfredo D. & OTEIZA, Enrique  
1986 Dinâmica migratória argentina (1955-1964): Democratización y retorno de Investigaciones de las Naciones Unidas para el desarrollo social. p. 160.
- LEITE MERTZIG, Lia Romano  
1977 As dificuldades de adaptação do imigrante no Estado de São Paulo. Repartição e Reemigração 1889-1920. Tese de Mestrado USP.

- MARSHALL, T. H.  
1967 Cidadania e Classe Social. In: Cidadania, classe social e Status. R.J., Zahar p.p. 57-114.
- NOVO ESTATUTO DO ESTRANGEIRO.  
1981 S.P., Atlas. 9ª edição.
- ORTIZ, Renato  
1985 Memória Coletiva e sincronismo científico: as teorias raciais, cultura popular e identidade nacional. In: Cultura Nacional & Identidade Nacional. S.P., Brasiliense.
- PEREIRA DOS REIS, P.  
1961 Alguma considerações sobre a Imigração no Brasil. In: Sociologia nº 1 p.p. 72-89.
- PEIRANO, Mariza G.  
1986 "Sem lenço, sem documento": reflexões sobre cidadania no Brasil. Revista Sociedade e Estado vol. 1, nº1 Brasília p.p. 49-63.
- PELLEGRINO, Adela  
s/d. Migración Internacional de latinoamericanos en las Americas. Universidad Católica Andrés Bello, Celade, Agencia Canadiense para el Desarrollo Internacional. p.151.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio  
1981 Violência e Cultura. In: LAMOUNIER, Bolivar (org) Direito, Cidadania e Participação. S.P. T.A. Queiroz p.p. 30-60.
- RODRIGUES, Edgar  
1984 "Os agitadores estrangeiros" In: Os Anarquistas Trabalhadores Italianos no Brasil. S.P., Global p.p. 82-92
- SAITO, Hirochi (org)  
1980 A presença Japonesa no Brasil. S.P., T.A. Queiroz.
- SAITO, Hirochi & MAEYAMA, T.  
1973 Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil. Petrópolis, Vozes/Lousp.
- SCHADEN, Egon  
1957 Problemas de aculturação no Brasil. Bahia.  
1980 Alemães e japoneses: uma visão comparativa. In: SAITO, H & MAEYAMA, T. op. cit. p.p. 513-538.
- SCHKOLNIK, Susan  
1988 Volumen y características de la inmigración de argentinos através de los censos extranjeros. In: LATTES, A. & OTEIZA, E. op. cit.
- SCHNERER P., Maria T.  
1982 O imigrante e a pequena propriedade. S.P. Brasiliense.

- SCHWARTZ, Lilia K. M.  
 1986 Imagem de Negros. A imprensa paulista no final do século XIX, e como através de suas páginas os brancos viam os negros.  
 Tese de Mestrado em Antropologia Social apresentada a UNICAMP.
- SEYFERTH, Giralda  
 1988 Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. BIB nº 25. R.J. p.p. 3-55.
- s/d João Batista de Lacerda: A Antropologia Física e a Tese do Branqueamento de raça no Brasil. Mimeo. p.20.
- SKIDMORE, Thomas  
 1976 Preto no Branco. Raça e Nacionalismo no pensamento brasileiro. R.J., Paz e Terra. p. 332.
- STOLCKE, Verena.  
 1986 Cafecultura. Homens, mulheres e capital. (1850 - 1980)  
 S.P., Brasiliense. p. 410.
- SÉRIES ESTATÍSTICAS RETROSPECTIVAS. IBGE.  
 1976 vol. 1
- SÉRIES ESTATÍSTICAS RETROSPECTIVAS DO BRASIL, vol.1  
 1986
- VIOTTI DA COSTA, Emilia  
 1977 O mito da democracia racial no Brasil. In: Da Monarquia a República. Momentos Decisivos. S.P., Grijalbo. p.p. 227-242.
- ZENPATI, Ando  
 s/d Estudos sócio-históricos da Imigração Japonesa.  
 S.P., Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
- WILLEMS, Emílio  
 1948 A aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo. Boletim Antropológico. nº 3,  
 1980 A aculturação dos alemães no Brasil. S.P., Ed. Nacional.
- WONSEWER, Israel & TEJA, Ana Maria.  
 1983 La emigración uruguaya 1963-1975: sus condicionantes económicos. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental. p. 169.